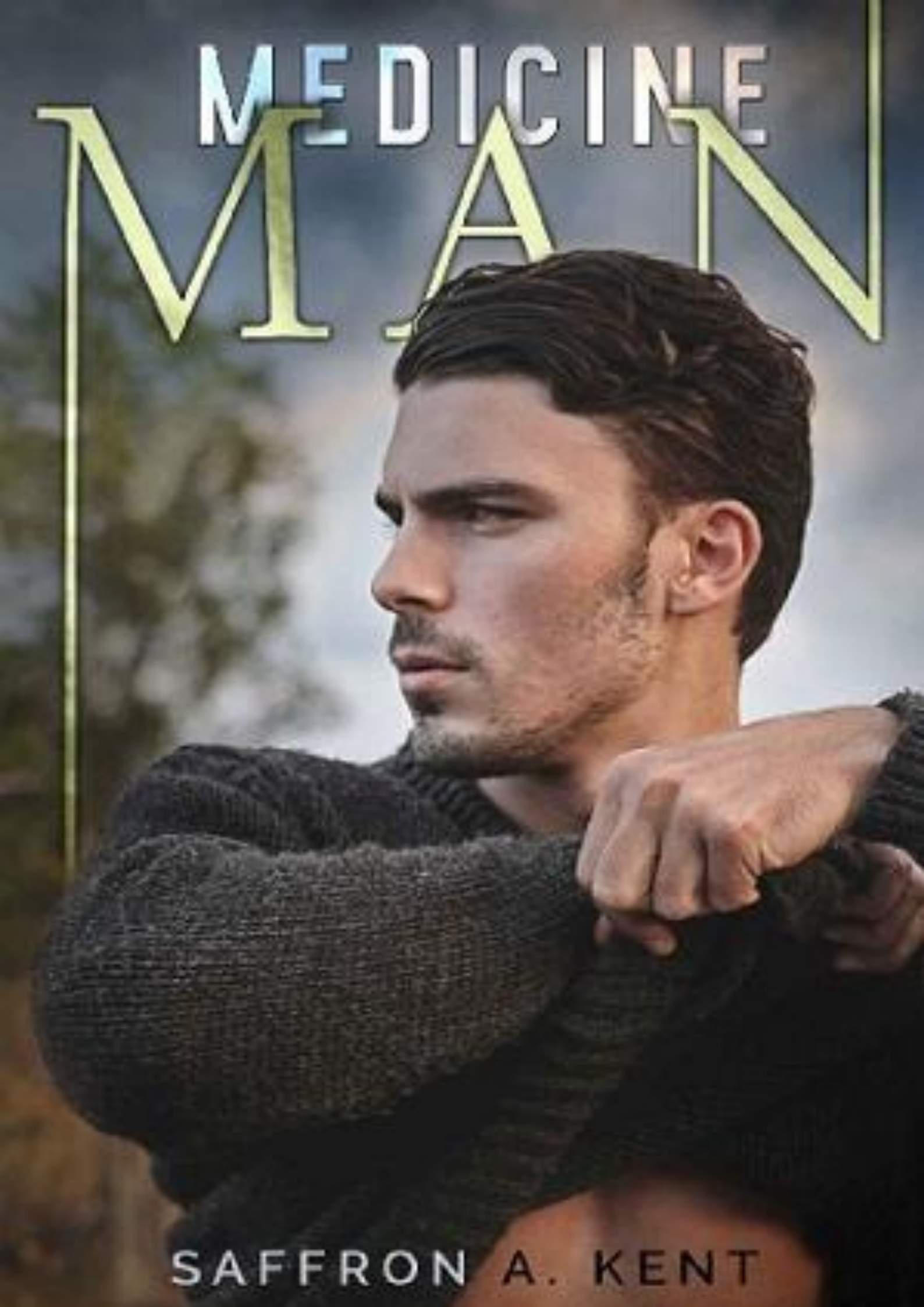

MEDICINE
MAN
SAFFRON A. KENT



Willow Taylor vive em um castelo com grandes paredes e grades de ferro. Mas esse não é um castelo comum. Ele se chama Hospital Psiquiátrico Heartstone e abriga outros quarenta pacientes. Ele tem enfermeiras com caras de más e técnicos mesquinhos com caras feias permanentes.

Tem um homem também. Um homem que é frio e distante.

Cuja voz esbanja autoridade. E cujos penetrantes olhos cinza escondem segredos, e que talvez eles permaneçam em seu rosto por um segundo a mais.

Willow não deveria olhar profundamente naqueles olhos. Ela não deveria tentar ler suas emoções fortemente controladas. Nem ela deveria se tocar durante a noite, imaginando sua voz poderosa e aquele rosto indiferente, mas bonito.

Não, Willow Taylor jamais deveria se sentir atraída por Simon Blackwood.

Porque ela é uma paciente e ele é o médico dela. Seu psiquiatra.

O Curandeiro.


Disponibilidade:
Federicci
Tradutora:
Nathy
Revisora Inicial:
Federicci
Revisora Final:
Bia e Li
Leitura Final:
Tuka
Diagramação:
Federicci
Arlequina's Legacy Traduções
ALT

MEDICINE MAN

SAFFRON A. KENT

Dedicatória

Para todas as batalhadoras e guerreiras que lutam silenciosamente; Eu vejo vocês.

E claro, para o meu marido.



Embora, tenha sido tomado cuidado para aderir aos fatos e ao funcionamento geral de um hospital psiquiátrico, algumas liberdades foram tomadas para se adequar à história.

Por favor, note que a autora não pretende fazer qualquer dano ou ofensa.


Incidente no Tinder

Dias passados no Interior = 14

Dias *restantes* para passar no Interior = 28

Dias desde o Incidente no Telhado = 17



Saffron A. Kent

Capítulo Um

Eu me lembro do dia em que eu perdi a cabeça.

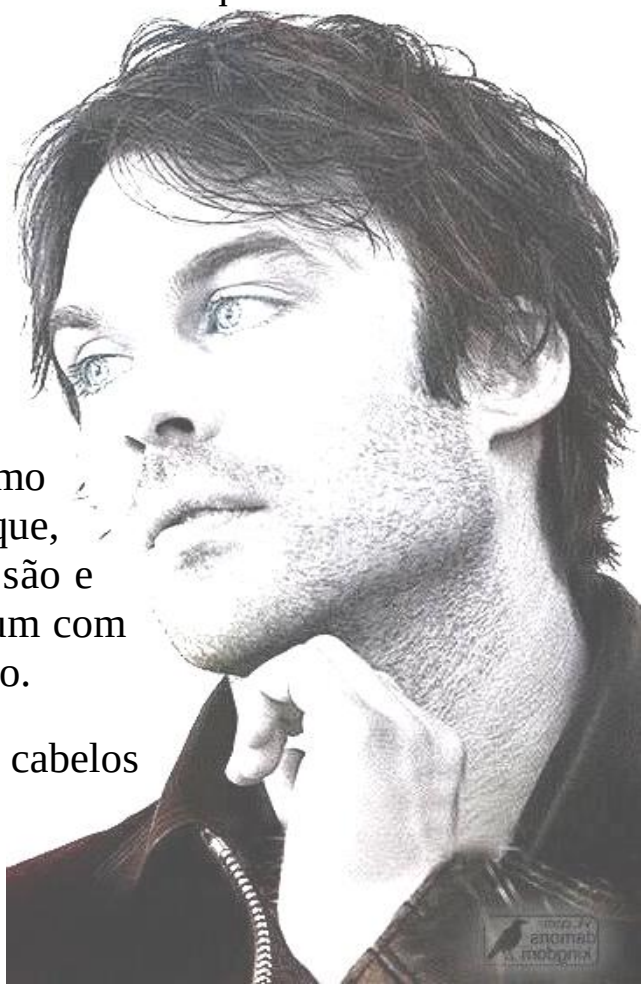
O sol brilhava e o dia estava claro. Ele estava muito horrível.

Através da janela da minha casa, vi pessoas correndo, andando de bicicletas e rindo no Central Park. Os pássaros cantavam e não havia uma única nuvem no céu.

Eu mencionei que ele estava horrível?

Sim, eu me lembro de tudo sobre aquele dia. Cada coisa. Mas essa não é a pior parte.

A pior parte é que todo mundo se lembra disso também. E a coisa sobre todos os outros lembrando é que eles nunca se esquecem disso. E também não deixam *você* esquecer.



Como se precisasse de mais lembretes.

Como se não revivesse esses momentos com detalhes muito vívidos e gráficos. O dia em que atravessou para o outro lado.

O lado onde os loucos vivem.

Sempre dominei esse limite e fiz um ótimo trabalho de permanecer no lado são. Porque, infelizmente, todo mundo da minha família é são e muito normais. Sempre quis ter algo em comum com eles. Além dos meus cabelos platinados, é claro.

Venho de uma família de mulheres de cabelos



platinados e olhos verdes. Além disso, elas são altas.

As mulheres Taylor são altas, esbeltas, deslumbrantes e isso têm sido por gerações. É a nossa assinatura, na verdade. Sem mencionar a moda e o sucesso.

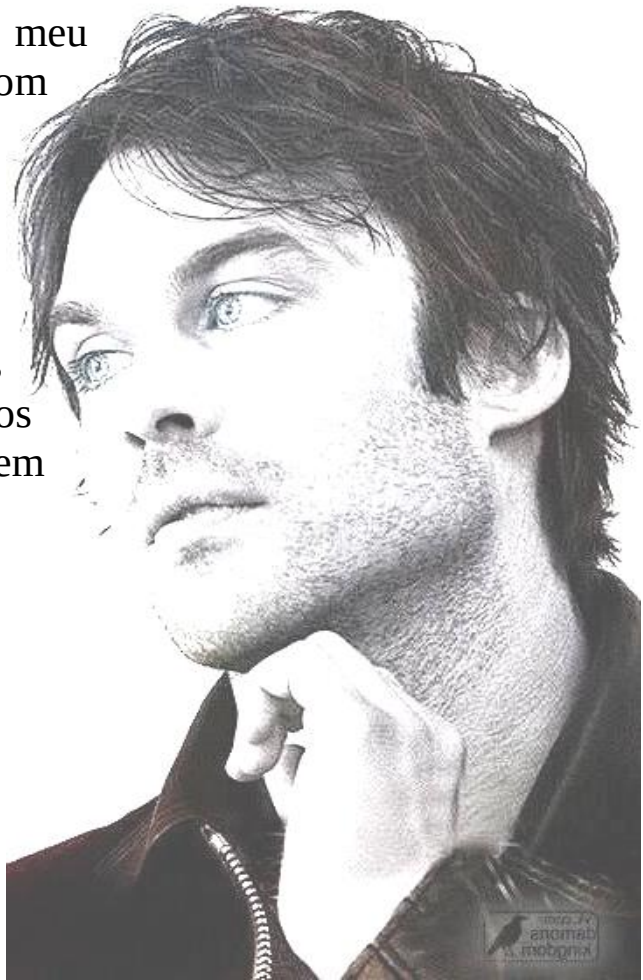
Possuímos uma boutique chamada *Panache* na Avenida Madison, que atende aos nova-iorquinos tradicionais e a Upper East Siders.

Quando nasci, minha mãe, minha avó, minha tia e minha prima mais velha que tinha oito anos na época, todas pensavam que eu seria como elas. Na verdade, elas estavam tão confiantes em meu *Taylorismo* que já haviam escolhido um nome adequado para um bebê Taylor: *Willow*.

Elas não deveriam ter.

Não há nada de esbelto em mim. Não sou delicada, graciosa ou alta.

Exceto pelos lendários cabelos platinados, eu não possuo nenhuma das qualidades das Taylor. Meus olhos são um tom surpreendente de azul. Eu sou muito baixa e meu senso de moda é shorts, tênis e camisetas com citações de Harry Potter.



Mas o que mais me incomoda é que eu nasci com algo mais que sangue em minhas veias. Algo extraterrestre e possivelmente de cor azul - daí a cor estranha, *não-Taylor* dos meus olhos. Algo escuro e sombrio, com longos dedos parecidos com garras. Algo que pesou em toda a minha vida.

— Você já pensou sobre isso?

— Não. – eu digo.



— Você já pensou em se prejudicar de alguma forma?

— Não.

— Está pronta para falar sobre o que aconteceu naquela noite? – ela pergunta.

Olho para cima de onde eu estou olhando para as minhas unhas curtas. Eles não nos deixam ficar com elas compridas e pontiagudas no Interior.

— O que? – pergunto, como se não a ouvi alto e claro.

— Sobre sua tentativa.

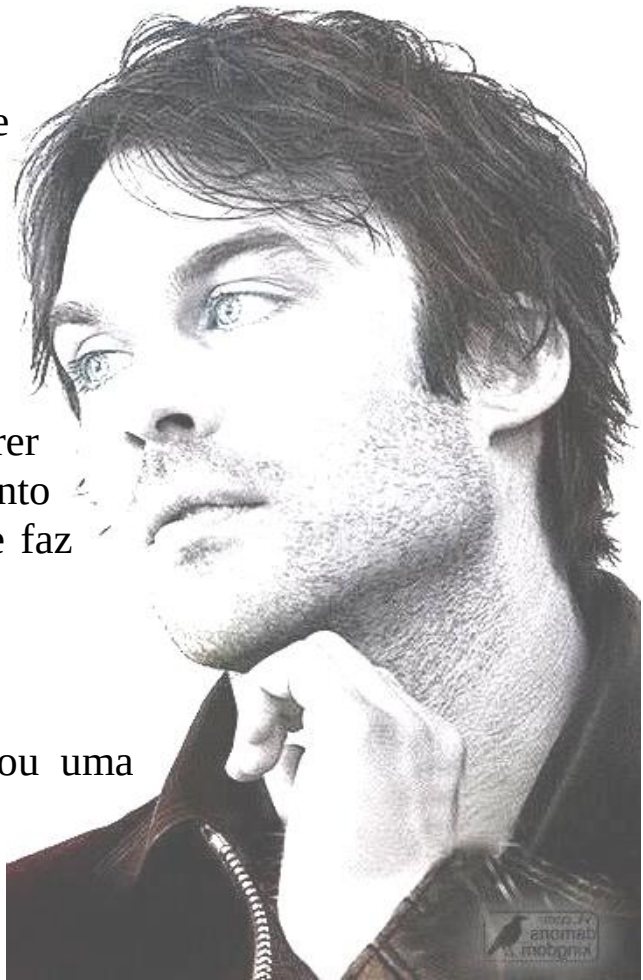
— Não foi uma tentativa.

— Então, o que você acha que foi?

— Um acidente. – digo a ela. — Foi um acidente.

Josie, minha terapeuta, me dá um olhar.

Aquele olhar.



O olhar onde pensam que eu sou louca e estou mentindo, e têm pena de mim. Eles acham que, se me pressionassem demais, eu poderia explodir.

Eu não gosto desse olhar.

Ele me faz *querer* explodir. Faz-me querer ranger os dentes, crescer minhas unhas ao ponto em que minhas mãos pareçam garras. Ele me faz querer arranhar, morder e gritar.

Mas eu não vou.

Esta não sou eu. Eu não explodo. Eu sou uma



pacificadora. Sou doce e quieta. Eu mantenho a minha cabeça baixa e não faço nenhum movimento.

Estou calma. Estou bem. Eu estou relaxada.

Com pensamentos felizes.

Pensamentos sobre… as minhas pantufas de coelhinhos que trouxe de casa, *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban* que eu estou lendo pela trigésima sexta vez, e os pombos que alimento no jardim quando eles nos deixam do lado de fora.

Lentamente, eu me acalmo.

— Ok, então. – ela balança a cabeça. — Foi um acidente. Você está pronta para falar sobre isso?

Sendo que isso é Incidente do Telhado.

As pessoas me perguntam muito disso desde que o Incidente aconteceu. Meus médicos na volta ao hospital do estado, minha terapeuta e minha mãe. Todos.

Eu já disse a eles, e eles ainda me enviaram para cá.

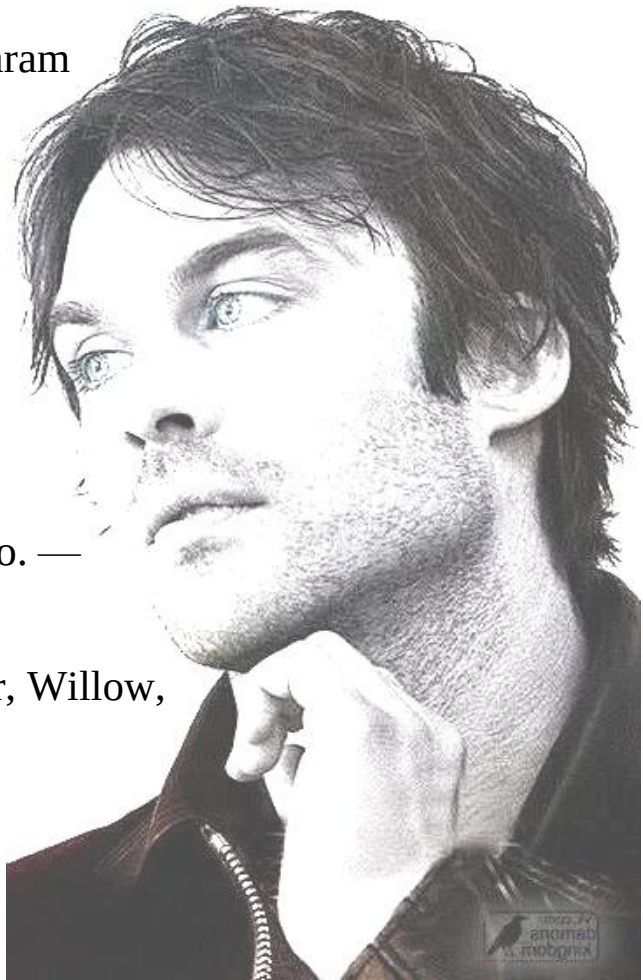
Para o *Interior.*

— Se eu falar sobre isso, você me deixará ir? Pediria que eu fosse liberada? – pergunto.

— Você sabe que eu não posso fazer isso.

Olho para minhas pantufas de coelhinho. — Não penso assim.

— Ainda temos muito chão para percorrer, Willow,





e seu contrato diz mais quatro semanas. Sinto muito.

— Você sente mesmo?

— Sim, claro.

Faço um som descomprometido porque não acredito nela.

— Por quê? Você não acredita em mim? – ela pergunta, lendo-me com precisão.

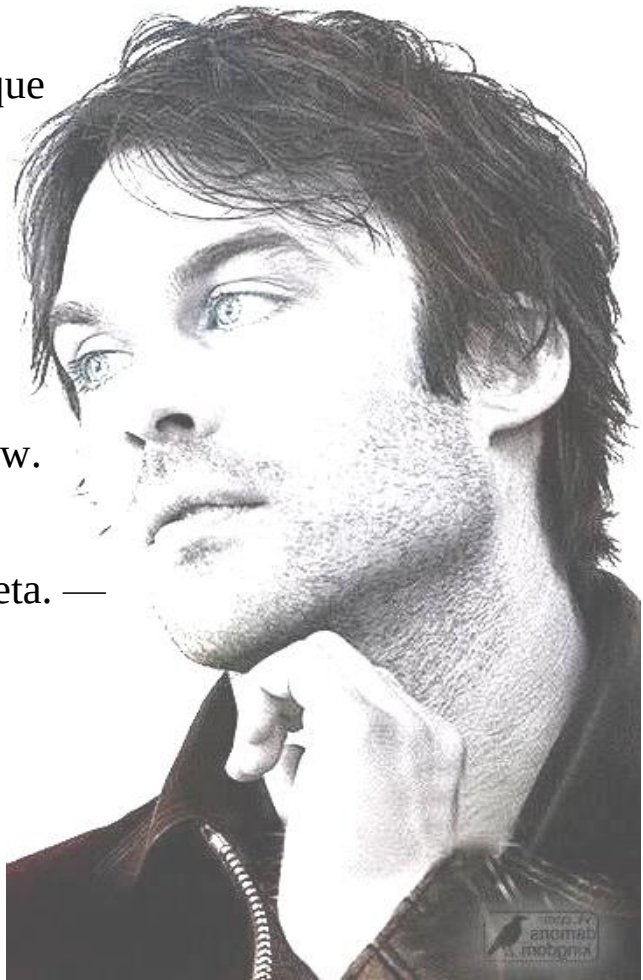
— Não, realmente não.

— Por que não?

— Porque francamente… você não é minha amiga. E não se importa.

Ela não se importa que eu tenha ficado presa aqui por duas semanas e que cada movimento meu seja monitorado. Ela não se importa se me dão comprimidos duas vezes por dia e, em seguida, me pedem para abrir minha boca e, efetivamente, *mostrar a* eles que eu os engoli.

O que eu sou? Um animal?



Ela não se importa que eu tenha que participar de terapia de grupo, terapia de arte, terapia recreativa e todos os tipos de terapia todo dia quando eu claramente não preciso.

Então, não. Eu não vou falar. Muito obrigada.

— Eu me importo. Eu me importo, Willow. – ela diz.

Lambo meus lábios e me sento em ereta. — Você tem um namorado?

Ela parece surpresa.



Bem, talvez não devesse ter sido tão abrupta. Mas é uma pergunta válida.

Minha terapeuta é bonita. Ela tem cabelo liso loiro que mantém preso em um rabo de cavalo prático. Seus olhos de cor clara estão escondidos atrás de grandes óculos pretos e seus lábios geralmente são levemente pintados de rosa. Esse é o único toque de maquiagem em seu lindo rosto. Não importa. Ela não precisa de nada.

Eu aposto que os caras devem perder a cabeça por sua causa. Metaforicamente.

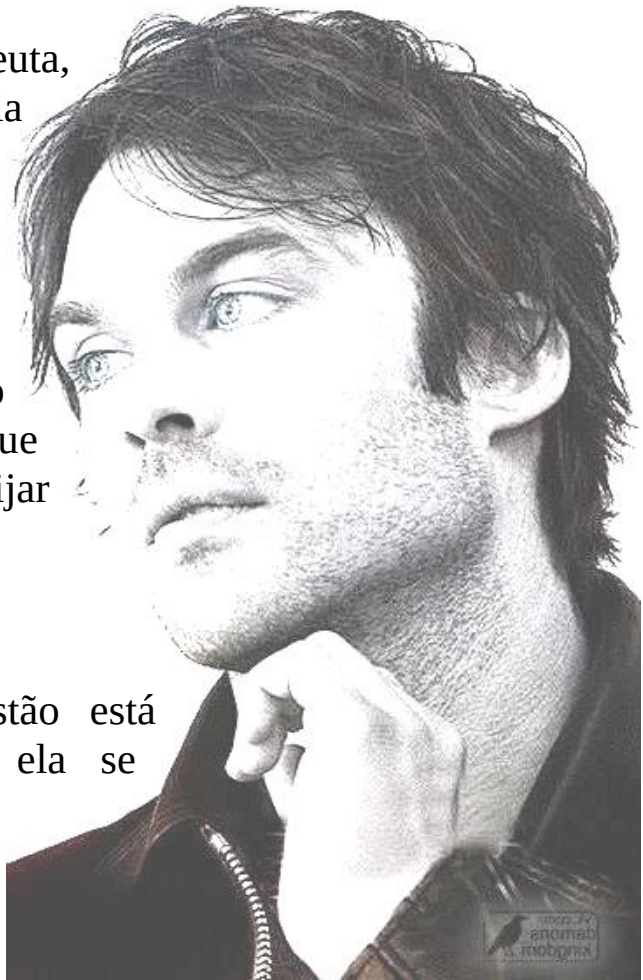
Ela se move no sofá e limpa a garganta. — Hum, não. Não agora.

— Por que não?

— Não conheço ninguém interessante há algum tempo.

— Então, o que você faz para fazer sexo?

Eu não posso acreditar que disse isso, mas estou sinceramente curiosa. Eu sempre fui curiosa.



Se eu estou presa aqui com uma terapeuta, também posso fazer algum uso disso. Se ela quiser conversar, podemos conversar sobre coisas interessantes. Coisas que sempre quis perguntar e nunca tive a chance de fazer.

Não poderia perguntar a minha mãe. Ela não teria gostado disso. Acho que, de acordo com ela, eu ainda sou uma pré-adolescente que nem sequer chegou a menstruar e acha que beijar poderia fazer bebês.

Josie ri. — O que?

Não vou mentir. Gosto que esta questão está deixando-a um pouco desconfortável, se ela se



contorcer isso terá algum significado. Este é um completo ganho mútuo.

— Para fazer sexo. O que você faz? Sexo casual? Masturbação? Eu estou no campo da masturbação. Sabe, porque estou presa aqui e tudo.

Ela sorri, arrumando os óculos. — Ah, esta é sua estratégia de vingança? Fiz perguntas que não gostou e você está tentando me deixar desconfortável.

Sim.

Encolho os ombros, inocentemente. — Eu estou apenas conversando. Disse que se importava.

— Bem, para responder à sua pergunta, a masturbação está me deixando feliz por agora, então acho que estou administrando. – diz ela.

Entro em outro tema. — E quanto aos meus livros? Não há um único livro de Harry Potter na sua biblioteca. Vocês deveriam fazer algo sobre isso. É um absurdo.

Ah, Harry Potter.

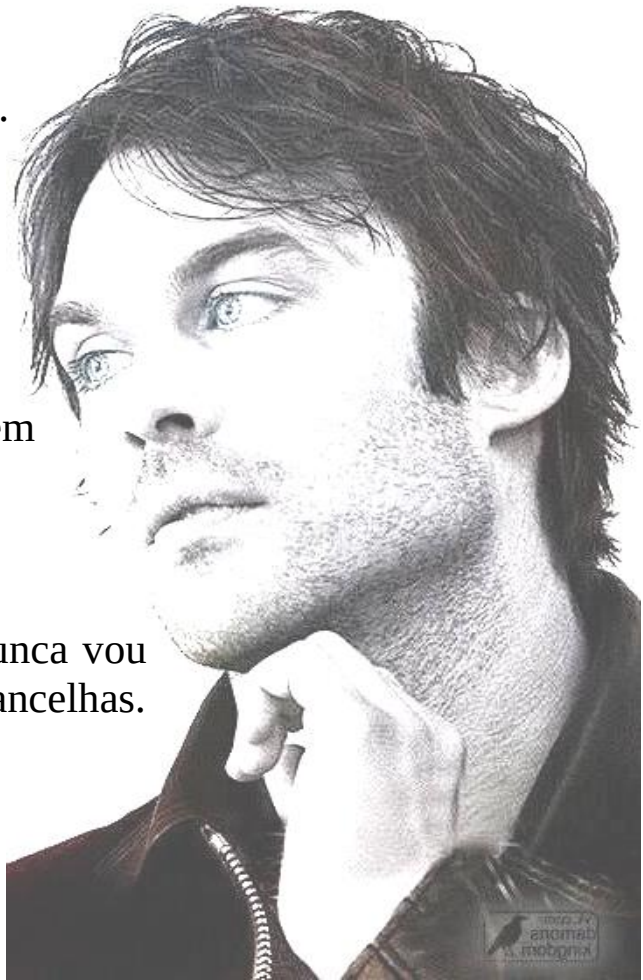
A fonte de tudo de bom e santo no mundo.

Ela sorri. — Eu vou falar com alguém sobre isso, ok? – ela cruza as mãos no colo. — Agora, está pronta para falar sobre isso?

Suspiro. — Podemos apenas seguir em frente já? Isso já faz duas semanas.

— Exatamente, apenas duas semanas.

— Se eu continuar falando sobre isso, nunca vou esquecer. Sabe disso, não é? – levanto as sobrancelhas.





Josie levanta as próprias sobrancelhas. — Esquecer não é o objetivo. O objetivo é conversar sobre isso, confrontar *e* obter ajuda.

Socorro.

Pfft.

Eu posso me ajudar, e a primeira coisa que preciso fazer é esquecer que o Incidente do Telhado aconteceu. Falar sobre isso e repetir isso não vai me fazer sentir melhor.

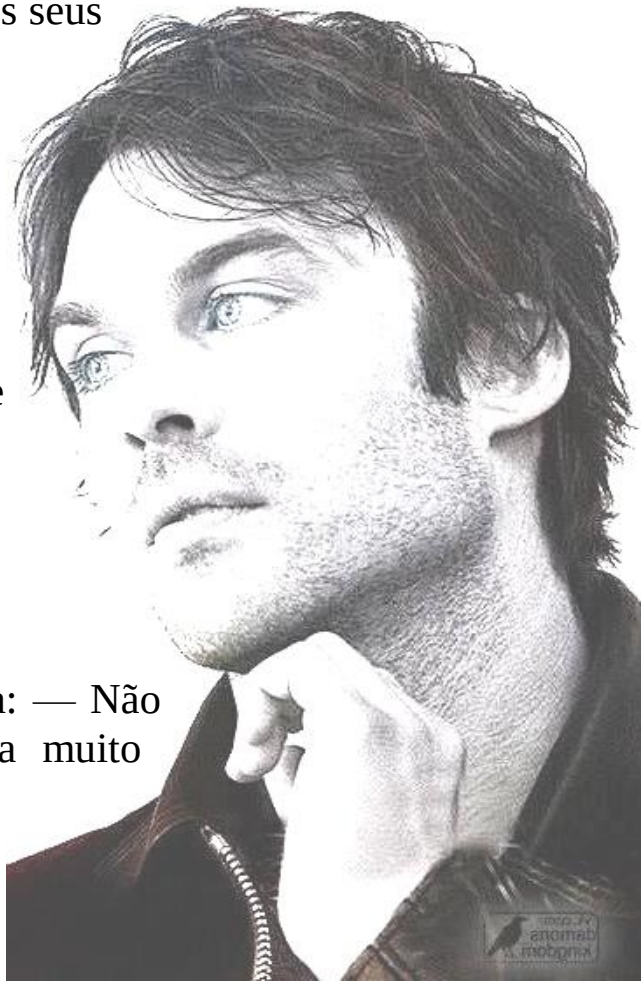
Particularmente, eu acho que os terapeutas e os psiquiatras têm uma maneira muito distorcida de tratamento.

Além disso, o incidente não vai acontecer de novo, de qualquer forma.

Eu suspiro cansada.

Tão cansada.

Tenho um dia inteiro disso. Quando saio daqui, tenho grupo comunitário, trabalho em grupo, grupo de educação - *todos* os grupos - onde tudo o que falam é sobre a sua doença, os seus remédios e os seus *sentimentos*.

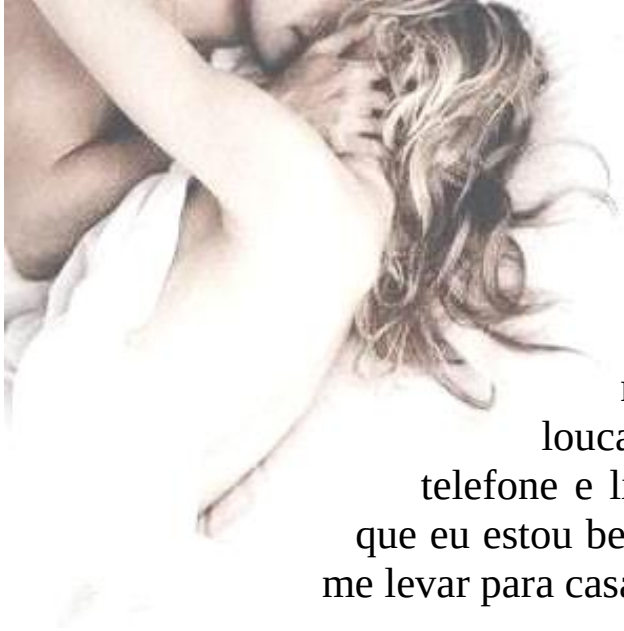


E não é como se eu pudesse dormir um pouco à noite também. Os remédios que eles me dão são ladrões do sono. Não consigo dormir até as primeiras horas da manhã e, mesmo que consiga adormecer antes disso, os sussurros e barulhos da enfermaria me acordam.

Ok, pensamentos felizes.

Todos os pensamentos felizes.

Na minha voz mais monótona, digo a ela: — Não há nada para falar. Foi um acidente. Estava muito

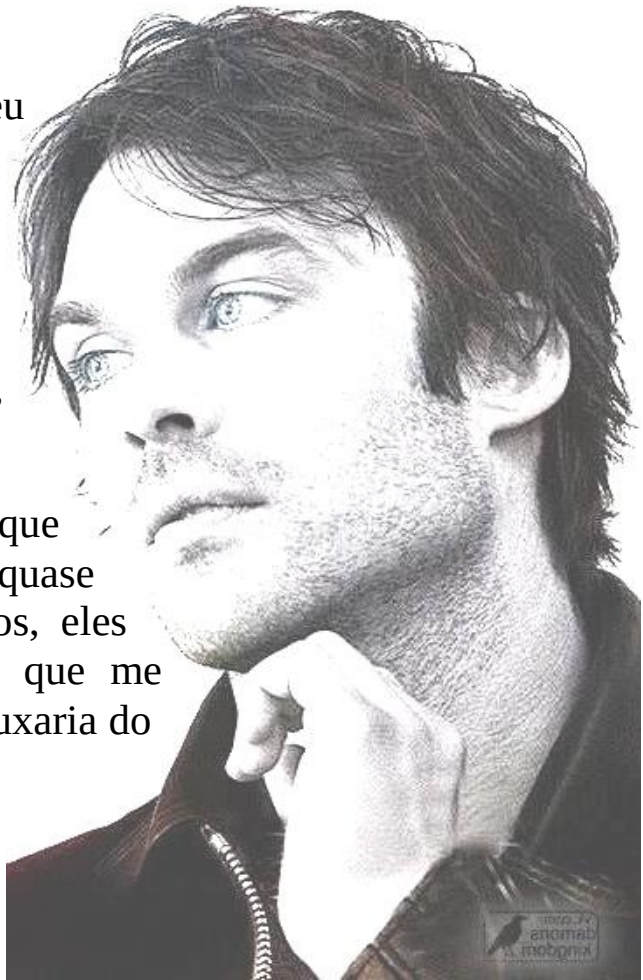


emocionada naquele dia. Sou uma pessoa muito feliz, aliás. Você sabe, tirando a minha doença. Então, foi isso. Mais uma vez, pela milésima vez, aquilo foi um *acidente*. Não sou louca. Eu não pertenço aqui. Você precisa pegar seu telefone e ligar para minha mãe. Você precisa dizer a ela que eu estou bem e que deveria vir aqui, desfazer o contrato e me levar para casa.

Ela suspira também. Seu suspiro é paciente, mas ele é longo. — Ok. Então, não fale hoje. Tudo bem. Não vou forçar você. Esse não é o meu estilo. Mas quero dizer que o que aconteceu não tem nada a ver com as circunstâncias. Sua vida pode ser muito feliz, mas não tem nada a ver com isso. Isso é uma coceira, Willow. Ela está aí. Constantemente. Você pode ignorá-la, mas um dia, ela se tornará tão grande e tão irritante, que fará qualquer coisa para obter alívio. Incluindo coça-la. – ela sorri, gentilmente. — Mas, novamente, não tenho que lhe dizer isso, não é? Porque você já sabe. Então estarei aqui quando quiser falar sobre isso.

Uma coceira.

Descrição interessante. Particularmente, eu gosto da que criei: *Uma mágica*.



Pensei que isso era mágica. A*lgo* no meu sangue.

Concedida, durante o tempo que eu descobri os livros de Harry Potter e eu estava em uma grande fase de Harry Potter. Bem, para ser honesta, Harry Potter não é uma fase, é um estilo de vida. Mas enfim.

Pensei que nasci uma bruxa e é por isso que eu era tão diferente da minha família. Estava quase convencida de que quando fizesse onze anos, eles viriam por mim como foram por Harry. E que me levariam para a maior escola de feitiçaria e bruxaria do



mundo, Hogwarts. Aprenderia sobre todos os feitiços, encantamentos, poções e o jeito certo de empunhar uma varinha.

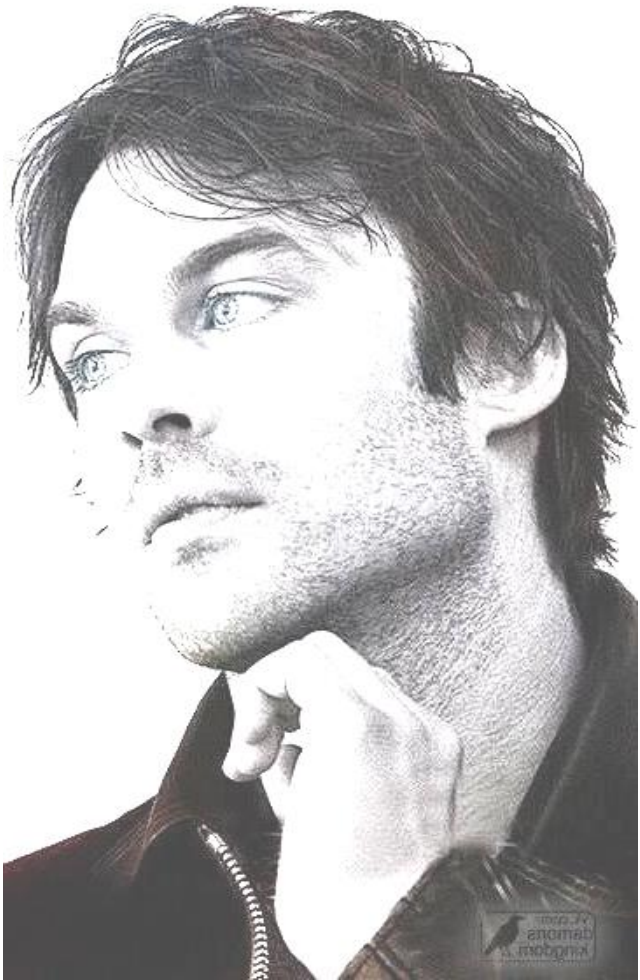
Mas em vez de ir para a escola dos meus sonhos em busca de magia aos onze, acabei aqui com dezoito no: *Hospital Psiquiátrico Heartstone.*

— Posso ir agora? – pergunto.

— Certo. Vejo você na próxima semana.

Porque essa coisa em minhas veias não é uma mágica. Isso é tudo *menos* uma mágica.

Isso é uma maldição e a única coisa que posso fazer para me livrar disso é não pensar. De alguma forma, passar pelos 28 dias restantes do meu encarceramento, para que possa estar do lado de fora novamente e recuperar minha vida.





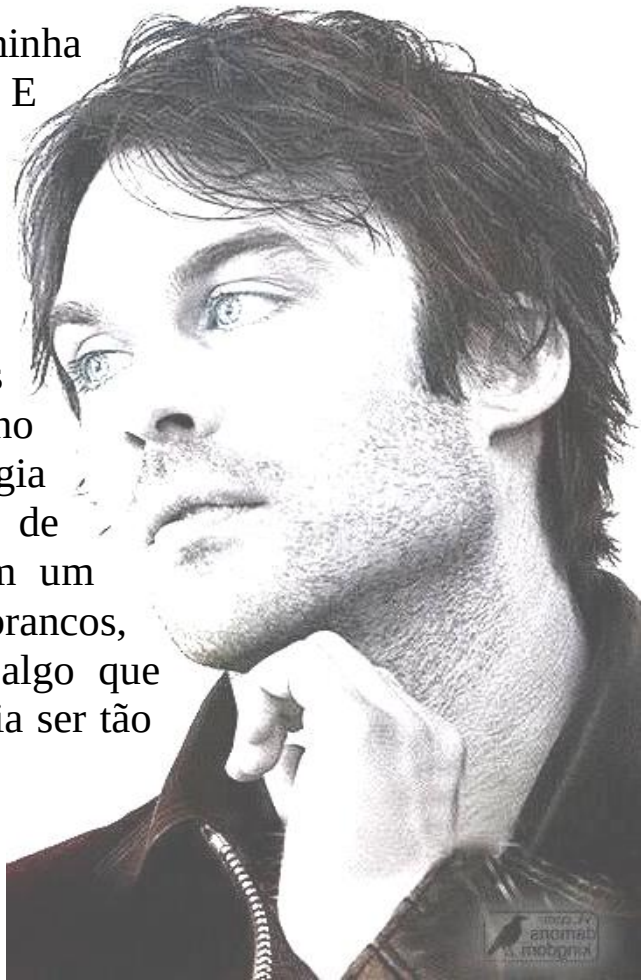
Capítulo Dois

Hospital Psiquiátrico Heartstone - minha casa pelas próximas quatro semanas - é uma clínica particular muito pequena localizada no meio do nada, em Nova Jersey.

Bem, ele está localizado na *pitoresca* cidade de Heartstone, e é cercado por bosques e jardins feios abertos por todos os lados.

Ok, tudo bem. Não é feio.

Dói-me dizer isso porque eu quero odiar tudo sobre este lugar e eu odeio, mas os terrenos em torno de Heartstone são bonitos e espaçosos. O perímetro está alinhado com árvores altas e paredes de tijolos. A grama é uma sombra verde acentuada, como a cor dos olhos da minha família e *ao contrário* da cor dos meus.



Eu não vi muito espaço em toda a minha vida. Você não encontra algo assim na cidade. E nem encontra portões de metal mais altos e mais pretos que mantêm o mundo lá fora, do Lado de fora.

Lembro-me de vê-los pela primeira vez quando a minha mãe me trouxe até aqui. Eles se abriram sozinhos quando ela falou no interfone, era como algo controlado pela magia negra. Lentamente, eles revelaram o edifício de estilo vitoriano com aparência vintage, com um telhado pontiagudo vermelho e tijolos brancos, fazendo-me pensar como algo tão bonito, algo que poderia pertencer a um conto de fadas, poderia ser tão



assustador e infernal.

No momento em que nós passamos pelos portões, eu soube. Eu *sabia* em meu coração e em minha alma, que passaria o resto da minha vida aqui e, mesmo que conseguisse sair, nunca mais seria a mesma.

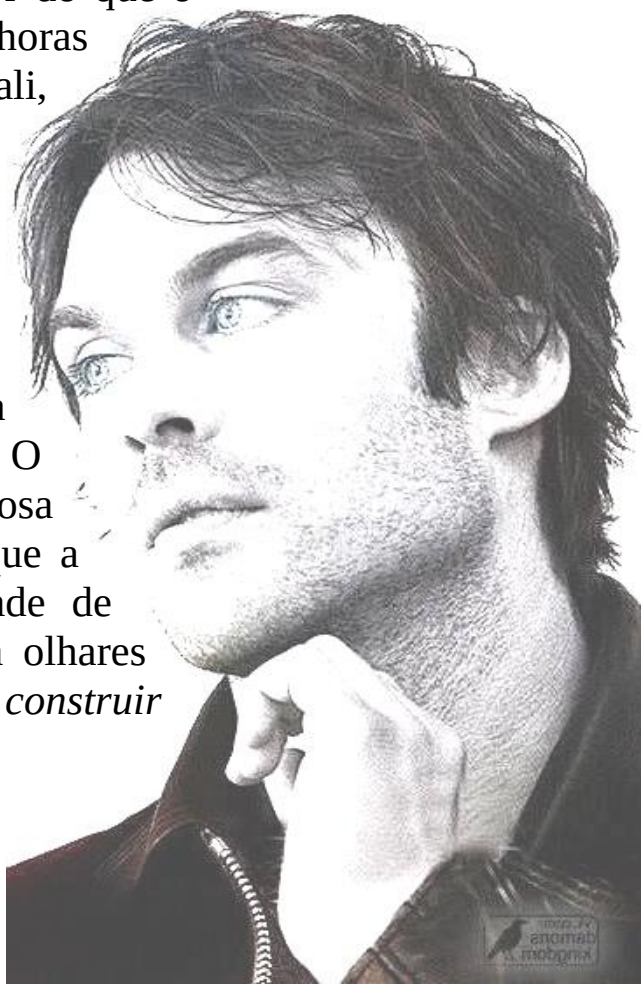
Eu queria fugir dele.

Mas, claro, que não fugi. Minha mãe teria tido um ataque cardíaco, e eu a amo demais para fazer isso com ela. Com a minha doença e agora com *O Incidente*, já a fiz passar o suficiente.

Além disso, estou saindo em apenas quatro semanas. Não importa o que minha imaginação hiperativa me faça acreditar. Quatro semanas e eu vou sair daqui. Para o lado de fora.

Longe desse estúpido hospital que range e treme à noite quando o vento sopra e a chuva bate no telhado. *Bem, o que mais você espera de um prédio que foi construído no início de 1900?*

Seja como for, Heartstone é *muito* melhor do que o hospital estadual onde fiquei quarenta e oito horas antes de me transferirem para cá. O pessoal ali, os pacientes, o cheiro de alvejante, tudo era um pesadelo.



Pelo menos, esta clínica é bonita de se olhar.

Segundo a história, esta era uma casa muito antes de ser transformada em hospital. O dono original tinha construído para sua esposa mentalmente doente. Ele a amava mais do que a sua própria vida e odiava a pequena cidade de Heartstone que dava para sua amada esposa olhares desconfiados. Então, ele disse *foda-se, vou construir*



para minha esposa um castelo e ele construiu.

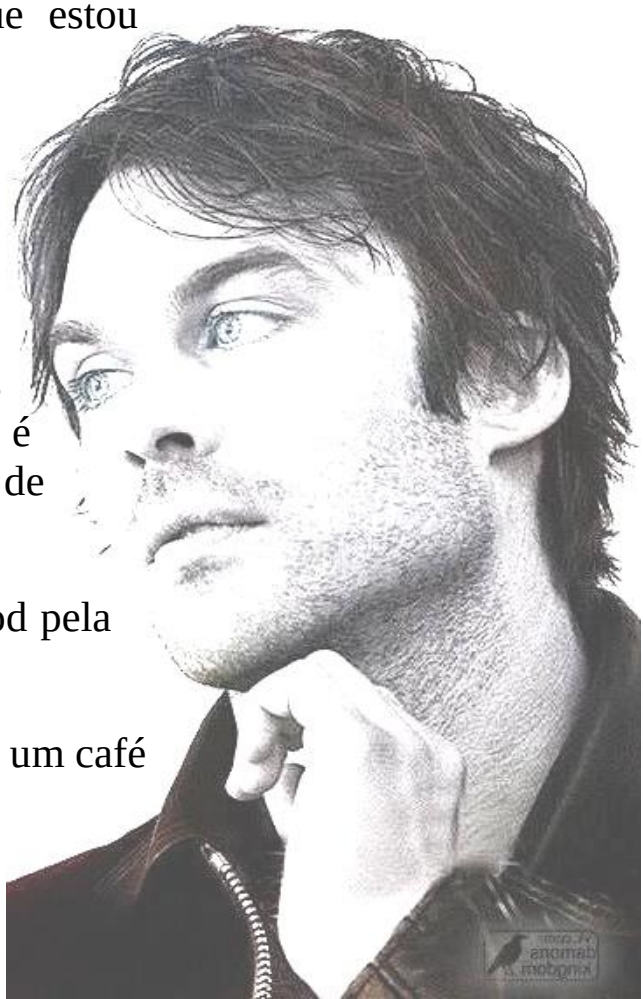
Isso eu admito - sem qualquer tipo de dor - que acho romântico. Meio épico, na verdade.

Um homem que constrói castelos para manter a mulher que ama segura. Quem quer que ela fosse, ela tinha muita sorte.

Este castelo tem três andares, sessenta e sete quartos que abrigam cerca de quarenta pacientes e duas alas separadas, leste e oeste. Eu nunca vou entender porque eles precisavam de tantos quartos, mas tanto faz.

Nós vivemos no segundo andar. É um longo corredor que vai da ala leste ao oeste, ladeado por quartos de ambos os lados, com uma enfermaria no final. É simples e direto, e muito branco e bege.

O terceiro andar é o que todos chamam de "A Batcaverna". Eles costumam colocar pacientes que necessitam de monitoramento extensivo lá. Eu não conheço muitas pessoas do andar superior. Mas toda vez que vejo alguém da Batcaverna com os seus olhares marcantes e quase translúcidos, eu tento não deixar óbvio que estou olhando.



Não é educado olhar. Minha opinião. Eu tenho muitos olhares desde o incidente.

O meu lugar favorito - relativamente - é o andar térreo. Todos os consultórios, salas de jantar, recreação, TV e todos os tipos de salas estão localizadas neste andar. Basicamente, é um centro de atividades e é o mais barulhento de todos os andares.

É onde eu ouço o nome Simon Blackwood pela primeira vez.

Estou no refeitório, esperando na fila para um café



da manhã com aveia e frutas cortadas quando ouço. O nome, eu quero dizer.

Sai de uma das enfermeiras conversando e observando a longa fila do café da manhã. Por alguma razão, essas filas são um terreno fértil para um colapso, então sempre tem alguém que as observar. Ainda não o vi e rezo para que nunca mude. Apenas o pensamento me assusta.

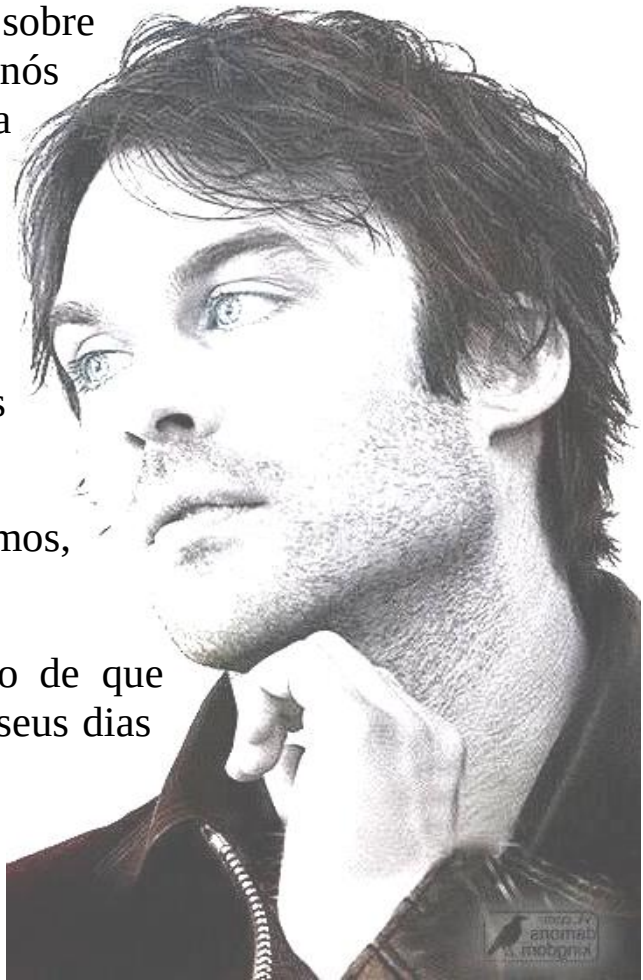
— Por Blackwood, você quer dizer, *O Blackwood*?

— Sim. – diz uma das enfermeiras enquanto passo por elas.

— Ah puxa. Como se eu precisasse de mais problemas na minha vida. Aposto que ele tem um ego enorme.

— Eu sei.

— Ah. Não quero lidar com ele. Só estou me adaptando às longas horas que me deram duas semanas atrás. Por que este Simon Blackwood vem aqui? Isso é permanente?



— Quem sabe? Beth é supersecreta sobre ele. Que eu não entendo, a propósito. Somos nós que temos que lidar com ele, não ela. Ela ficará trancada naquele grande escritório administrativo dela, enquanto ele estará perambulando pelos andares como se fosse dono do lugar.

— Exatamente! Por que as enfermeiras duram para saber sobre essas coisas?

— Eu não sei. Como se não importássemos, certo?

Então começam a reclamar sobre o fato de que foram as últimas a saberem as mudanças em seus dias



de férias anuais. *Como se as enfermeiras não estivessem sobrecarregadas como estão.*

E assim, terminou. O tema de Simon Blackwood.

Uma pequena coisa sobre mim: eu ouvi muitas conversas na minha vida. Durante as reuniões de família e na escola. Sou uma bisbilhoteira especialista. Não faço isso intencionalmente. É só que sou meio invisível e esquisita, com a minha pele pálida, quase translúcida e os cabelos platinados. As pessoas não me notam ou não me levam a sério se me veem.

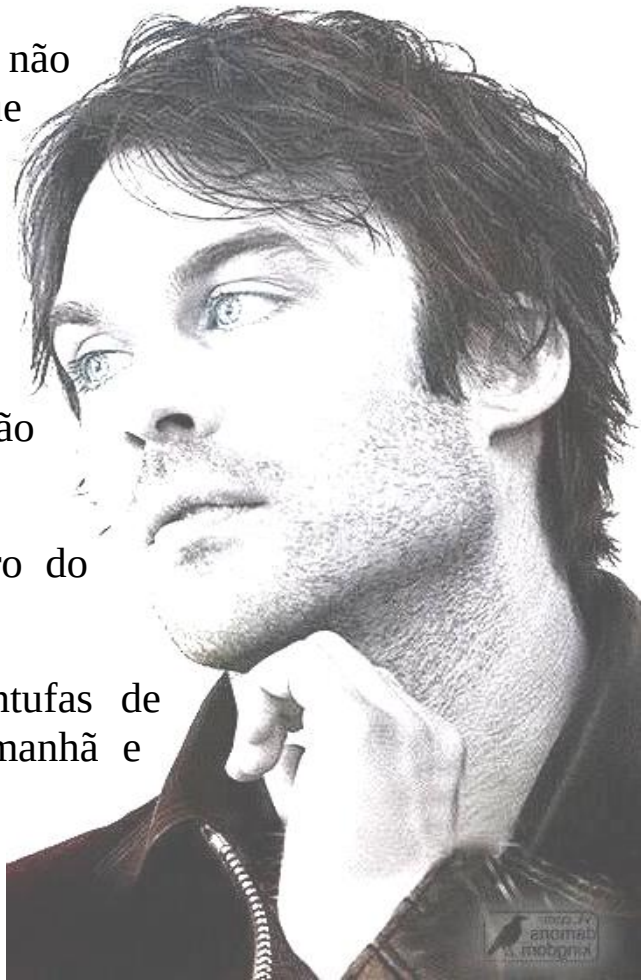
Então elas falam e, bem, eu tenho ouvidos. Então, escuto.

Geralmente, eu esqueço essas conversas assim que ocorrem. Não esta, no entanto.

Não.

Ela fica na minha cabeça.

Não a conversa em si, mas o nome.



Não sei por quê. Nunca o ouvi antes. Eu não sei a quem pertence, exceto que quem quer que seja, ele está vindo para cá. E Beth, a administradora, não falou às enfermeiras sobre isso, e elas estão chateadas.

Tanto faz.

Hora de esquecer e seguir em frente. Então eu faço. Seguir em frente, eu quero dizer.

Eu não esqueço, embora. Eu me lembro do nome por algum motivo muito estranho.

As tábuas rangem sob as minhas pantufas de coelhinho enquanto pego o meu café da manhã e



caminho até a mesa perto das grandes janelas. Eles negligenciam o céu cinzento e os terrenos molhados.

Desde que cheguei a este lugar, tem chovido todos os dias. Talvez seja o jeito do universo de me deixar ainda mais infeliz.

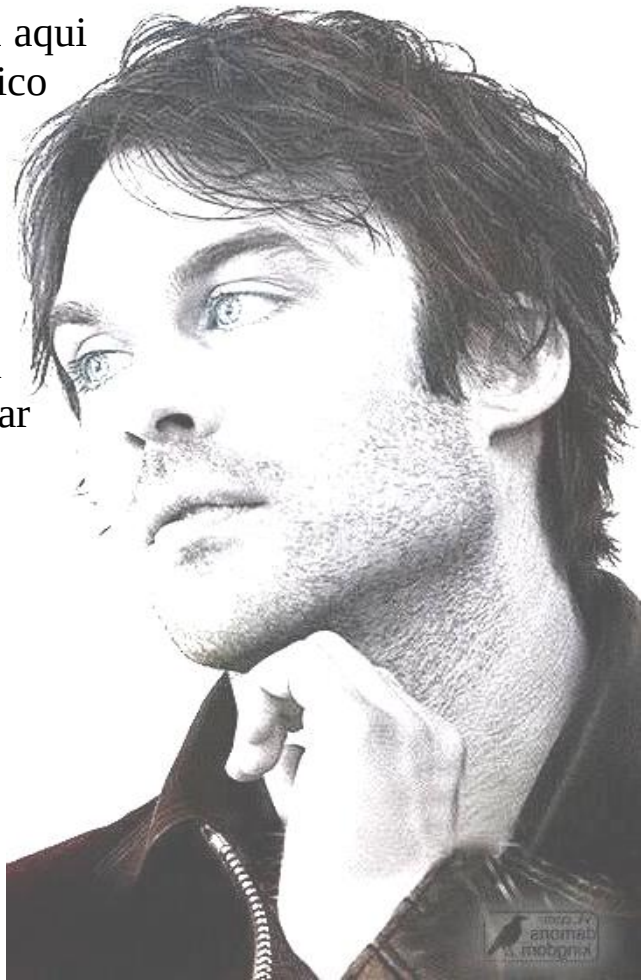
Não é segredo que odeio o sol; Queimo muito facilmente. A chuva é minha única folga. Eu amo a chuva. Eu amo as gotas de água batendo no meu corpo, deslizando para baixo, agarrando-se à minha pele, me lavando, me deixando nova.

Está chovendo agora, mais como garoa, eu gostaria de poder sair e a sentir, mas não posso.

Coloquei minha bandeja na mesa com tampo de fórmica e me sentei no banco. Arrancando um morango da fruteira, eu coloco na minha boca.

Estou sentada ao lado de Renn Deschanel, minha vizinha ruiva.

Ela foi a primeira pessoa a falar comigo no dia em que cheguei aqui há duas semanas. Ela me salvou do olhar assustador de um cara que vive do outro lado do corredor e está aqui por algum tipo de vício. Eu não sei o diagnóstico exato dele.



Na época, estava em pânico, com raiva e completamente devastada que minha própria família achava que sou louca o suficiente para ser presa. Eu pensei que eles acreditariam em mim quando dissesse que eu não precisava estar aqui.



De qualquer forma, Renn, como de costume, está olhando para sua paixão da semana. Suas paixões vêm e vão, e ela tem um tipo. Uma raposa prateada[1] - suas palavras, não minhas. Esta semana, é Hunter, um dos técnicos, que provavelmente está mais próximo da idade do pai do que dela.

Balancei minha cabeça para ela. — Qual é o dano?

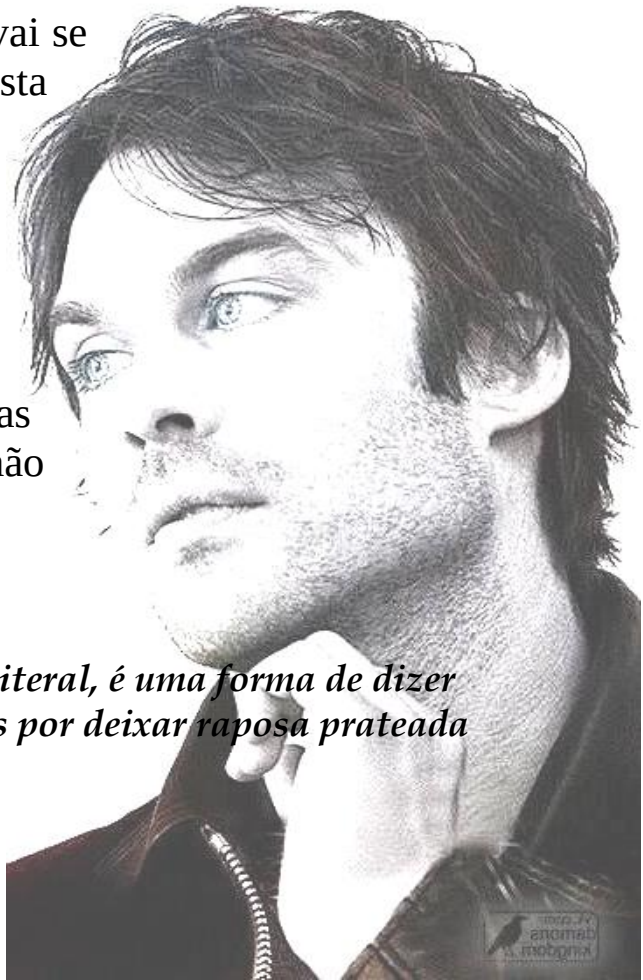
Ela suspira. — Estou supondo que pelo menos vinte e cinco anos. Ele é como um par de anos mais novo que meu pai. Eu não posso acreditar que não o notei antes. Tipo, esse cara tem estado por perto sempre. Como ele não chamou minha atenção?

Sim, para sempre está certo.

Renn ama Heartstone. Ela ama tanto que continua voltando.

Acho que esta é a quarta vez dela no Interior. Toda vez que ela vem por um par de meses, isso tem o tempo de sua vida - de acordo com ela - e sai para voltar novamente.

Desta vez ela está aqui porque o seu pai vai se casar e ela não suporta a nova madrasta dela. Então, em sua infinita sabedoria, ela provocou o vomito e está severamente anoréxica. Quando o seu pai a encontrou desmaiada em seu banheiro, ele fez o que sempre faz: mandou-a para o *Interior*.



Ela sabe de tudo e de todos. As enfermeiras são as suas melhores amigas. Os técnicos não

---

[1] ***No original é Silver Fox. Raposa prateada no literal, é uma forma de dizer que o homem já tem cabelos grisalhos. Optamos por deixar raposa prateada para dar contexto as palavras de Renn.***



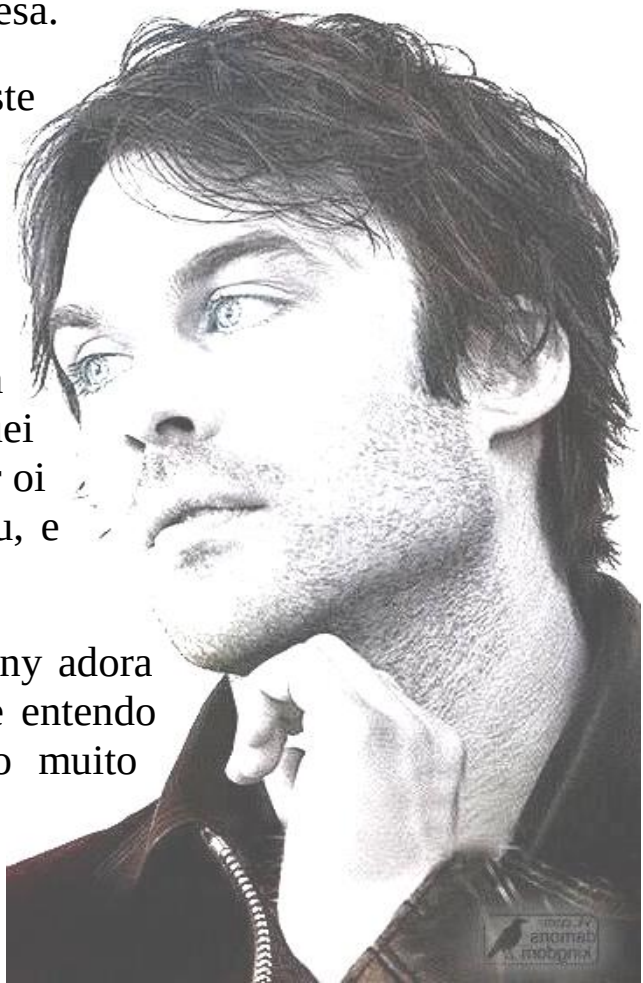
conseguem superar como bonita ela é. Renn é a abelha rainha.

Eu coloco outro morango na minha boca e digo: — Pode ser pelo fato de você não saber que ele era casado até a semana passada.

— Hmm. – Renn bate os dedos no queixo dela. — Você pode ter um ponto. Eu gosto de um desafio. Isso me faz sentir melhor comigo mesma, se eu conseguir que um cara indisponível goste de mim. É a minha autoimagem patética. – ela enfia o garfo em um pedaço de melancia. — Talvez eu deva de alguma forma tentar pegar Hunter como meu acompanhante para depois das refeições. Imagine as coisas que posso fazer com ele enquanto me observa com aqueles olhos escuros.

Após cada refeição, um técnico fica com Renn por cerca de uma hora para ver que ela está mantendo sua comida. Ela é conhecida por ter recaídas e vomitar em todas as chances que recebe. Ela é superorgulhosa de seus ossos e do fato de que você pode contar todas as suas costelas.

— Ou você pode calar a boca sobre isso e não nos forçar a ouvir o que é claramente uma das coisas mais impróprias de todos os tempos. – Penny interveio, olhando para ela do outro lado da mesa.



Ela tem um livro em suas mãos e até este segundo, seus olhos estavam colados a ele e seus lábios estavam se movendo enquanto murmurava as palavras para si mesma.

Penny, também conhecida como Penelope Clarke. Ela foi a segunda pessoa com quem eu conversei depois que cheguei aqui. Na verdade, tudo o que fizemos foi dizer oi uma a outra depois que Renn nos apresentou, e Penny voltou a fazer o que sempre faz: ler.

Pelo que juntei no meu tempo aqui, Penny adora ler. Adoro ler também, então definitivamente entendo isso. Mas o amor dela e o meu amor são muito



diferentes.

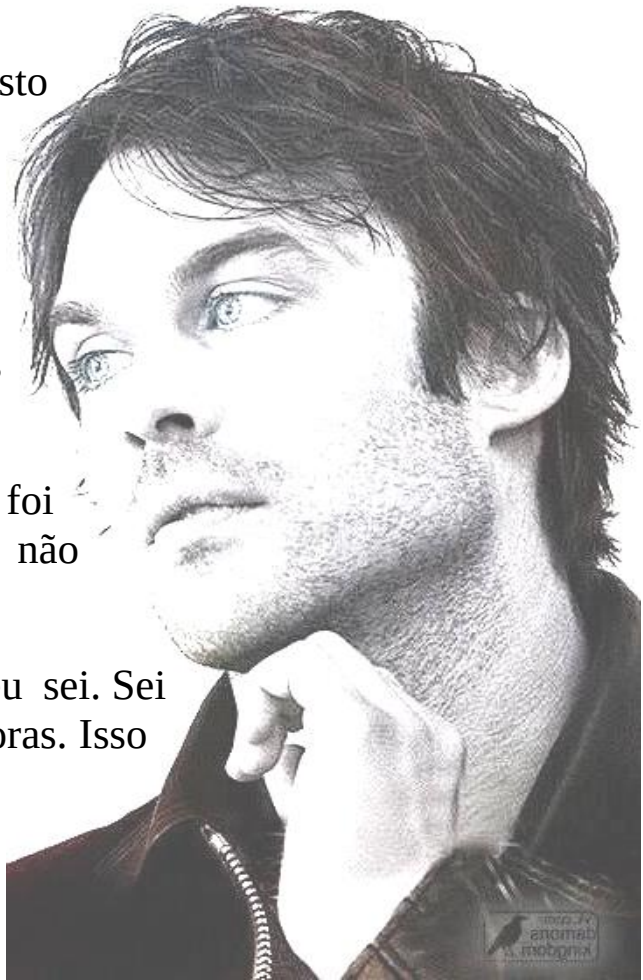
Para Penny, ler é oxigênio. Ela não pode viver sem isso. Ela precisa estar lendo alguma coisa ou eu a vejo ficar com calafrios.

Do Lado de fora, ela lia livros didáticos; ela fazia medicina. No Interior, ela lê todos os livros de receitas que pode encontrar na pequena biblioteca. Ela diz que é para manter a sua mente aguçada e ativa para quando ela sair daqui no outono. Algumas semanas depois de mim.

Penny sofre de ansiedade incapacitante com um toque de paranoia misturado ali. Quando ela falhou em uma de suas aulas, o que ela afirma ser um esquema contra ela, ela quebrou. Renn me contou que arrancou páginas de seu livro de bioquímica e as comeu. Literalmente.

— Hum, olá. Como é gostar de alguém impróprio? – Renn se concentra em Penny.

— Ele é um técnico e você é uma paciente. – Penny vira a página com raiva. — Sem mencionar que ele é casado e mais velho. Você não deveria gostar dele.



— Bem, como Willow disse, eu gosto dele *porque* ele é casado. É uma doença. Meu coração bate por ele, ok?

— Ah, por favor. – Penny revira os olhos. — Na semana passada seu coração batia por aquele homofóbico com ideias homicidas da Batcaverna.

— Roger não é homofóbico. Ele apenas foi atacado por um homem. Desculpe-o por ele não gostar do rabo dele e ficar com raiva disso!

Penny está pronta com uma réplica e eu sei. Sei que se não pará-las, elas vão continuar por horas. Isso



é o que Renn e Penny fazem. Elas brigam.

Eu não gosto de brigas. É ruim para o meu equilíbrio interior e a paz de todos. E eu sou a pacificadora e a que evita o confronto.

Então eu levanto meu braço no ar como um árbitro e deixo escapar a primeira coisa que vem à minha cabeça. — Simon Blackwood.

— O que? – Renn vira para mim, franzindo a testa.

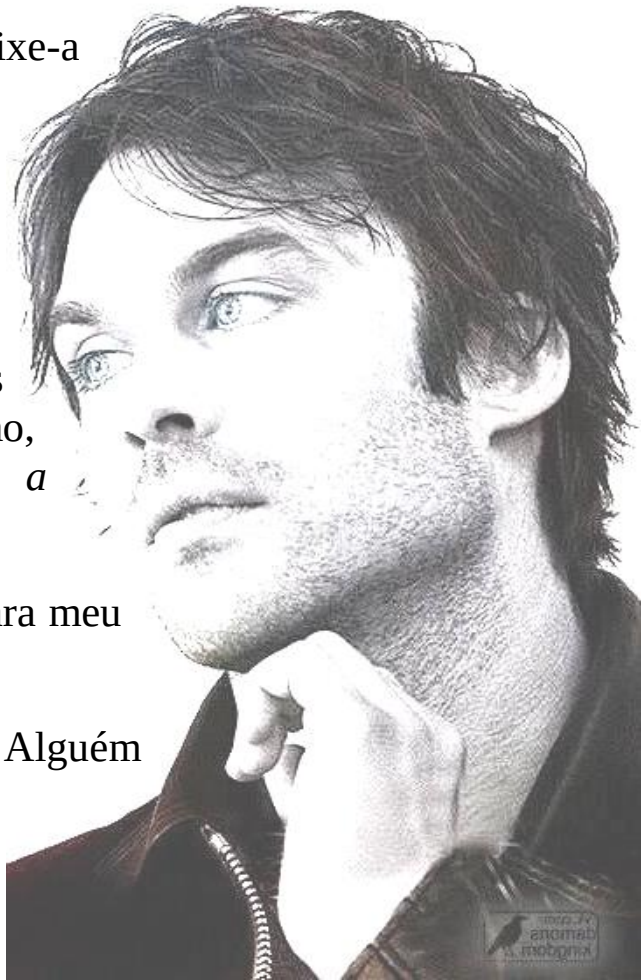
— Se vocês pararem de brigar, eu vou dizer. – digo.

— Você tem fofoca. – Os olhos de Renn se arregalam.

Encolhendo os ombros, eu digo: — Eu posso ter uma, sim.

— Ah meu Deus, diga para nós!

Mais uma vez, Penny revira os olhos. — Sério, Willow? Eu não sabia que você estava interessada em fofocas. Pensei que apenas Renn fosse a tagarela.



— Ei, não me chame de fofoqueira. Deixe-a falar. – aconselha Renn.

— Não briguem. – eu aponto meu dedo para as duas. Quando as duas concordam, eu digo: — Então, ouvi as enfermeiras dizendo que um cara novo poderia estar vindo. Quero dizer, que elas não pareciam muito felizes com isso. Beth nunca disse a elas e estão como, *as enfermeiras são sempre as últimas a descobrir* e...

— Ah Deus, quem está vindo? – Renn para meu divagar.

— Certo. – limpei a minha garganta. — Alguém



chamado Simon Blackwood.

Simon. Blackwood.

Eu digo esse nome na minha cabeça.

Se os nomes fossem uma indicação da personalidade de alguém, então este Simon Blackwood seria forte, masculino e nobre. Mas então, nomes não são tudo.

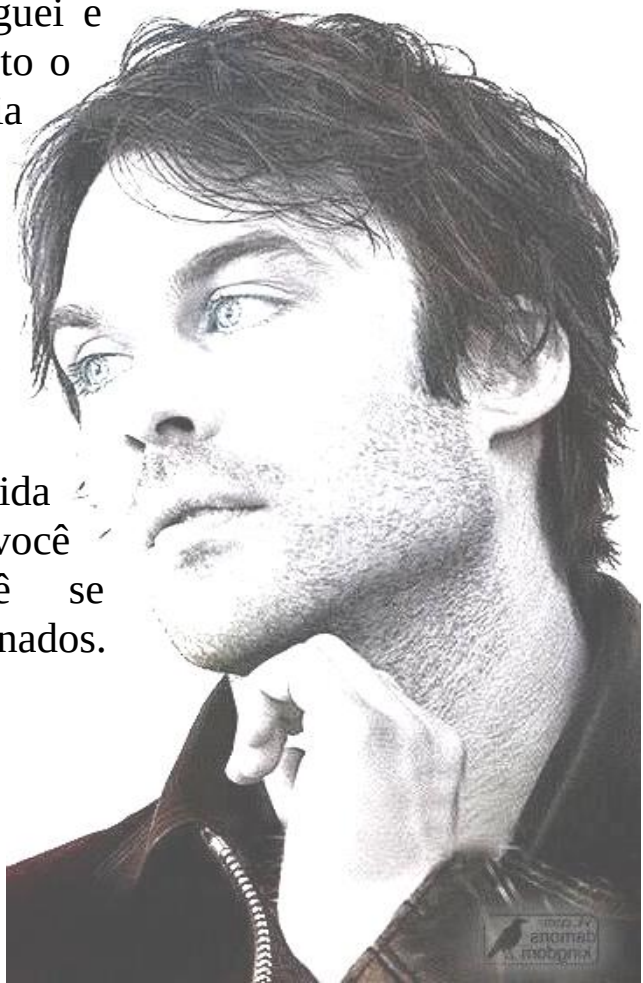
Pegue-me, por exemplo. Willow claramente, não é o nome para mim. Embora eu não possa imaginar o que mais poderia ser o meu nome.

— Ele é como, *O Blackwood?* – pergunta Penny.

— O que é *O Blackwood*? O que isso significa? – pergunto.

— Como você pode não saber o que significa *O Blackwood*? – Renn franze o rosto com desgosto. — Foi o cara que fundou este lugar, Willow. Dr. Alistair Blackwood. Bem, sabe, junto com Dr. Martin. Aposto que o Simon Blackwood está relacionado com ele de alguma forma.

Dr. Martin é o psiquiatra daqui que supervisiona as coisas. eu só encontrei com ele uma vez, quando eu cheguei e agradeço a Deus por isso. Geralmente eu gasto o meu tempo com uma terapeuta ou em terapia de grupo. Médicos são o pior tipo de pessoas. São pretensiosos, arrogantes e detestáveis. A maioria tem um complexo de Deus. Eles acham que todo mundo precisa de salvadores e eles são os únicos que podem fazer isso.



Eles acham que podem arruinar a sua vida sempre que quiserem. Jogam sua mãe contra você porque realmente eles *acham que* você se beneficiaria do tratamento para pacientes internados.

Idiotas fodidos.



Movo no meu lugar, me sentindo envergonhada. — Bem, eu acabei de ouvir as enfermeiras conversando.

Renn senta com um sorriso. — Oooh. Acha que ele é médico também?

— Pode ser. – Isso vem de Penny.

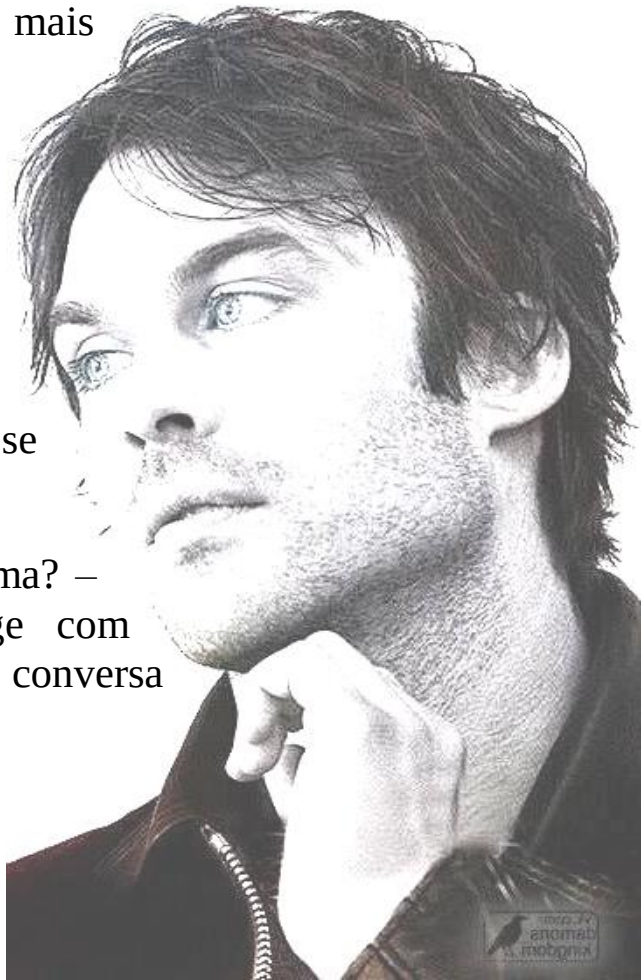
Droga.

Se alguém novo estiver chegando, não quero que seja médico. Este hospital estúpido não precisa de outro senhor maligno.

Renn arregala os olhos antes de esticar o pescoço em direção à porta, como se quem quer que seja Simon, vem entrando. — Ah meu Deus, estou tão intrigada. Por favor, deixe-o ser bonito. E mais velho. Tipo, pelo menos dez anos mais velho. Tenho uma coisa por caras mais velhos. – ela nos informa, como se não soubéssemos.

— Ou talvez ele não seja médico. Ele é um paciente. Nem todo mundo segue os passos dos pais. – digo.

— Tanto faz. Eu só quero que ele seja mais velho.



— Sim, deixe-o ser mais velho. – concordo e Renn agita um punho no ar. E então, só para provocá-la, acrescento: — Ah, e enrugado. Sim, um velho enrugado que peida duas vezes a cada hora.

Renn me mostra o dedo e meu sorriso se amplia.

— Por que vocês não querem que eu coma? – Penny empurra a sua bandeja para longe com desgosto. — Se ele é um médico, esse tipo de conversa é inadequada.



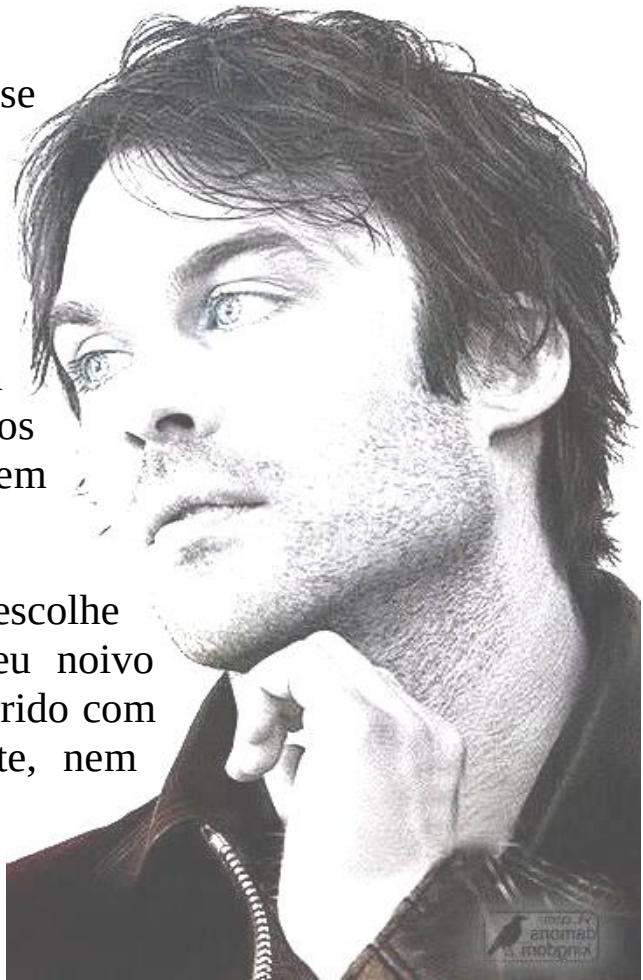
— Que tal apostarmos nisso? Podemos apostar a gelatina de limão. – Renn sorri.

Do Lado de fora, eu odiava gelatina de limão. Parece vômito e tem gosto de vômito. É simples vomitar. Mas no Interior, é tudo que eu sempre quero comer. Eu não sei por quê.

Poderia ser os remédios. Eles me deram um novo coquetel assim que cheguei aqui e isso é sempre um desastre. Minha primeira semana aqui não foi bonita com todos os sintomas de abstinência que eu passei depois de ter sido retirada dos meus remédios antigos. Eles dizem que meus remédios não são viciantes, mas ainda assim, parece que eu fui atacada por um problema no estômago.

Remédios tem fodido muito com a minha vida. Meu corpo é trinta por cento eu, e os outros setenta é o que os remédios me fizeram. Não ficaria surpresa se fodessem meu paladar também. Renn chama de Efeito Heartstone; *foda-se as drogas e a psicoterapia.*

Penny pensa na oferta de Renn. — Bem. Meu dinheiro está em um novo médico, apenas cinco anos mais velho que Renn. – diz ela, antes de pegar o livro e retomar a leitura.



Renn mostra a língua para ela, antes de se virar para a quarta ocupante da nossa mesa. — E você, Vi? Quer entrar nisso?

Vi, também conhecida como Violet Moore. Ela não fala muito. Na verdade, é aquela com quem tenho muitas coisas em comum. Ela é quieta. É mais ou menos invisível. As pessoas passam por ela sem perceber.

Mas ao contrário de mim, acho que ela escolhe ser invisível. É porque ela está de luto. Seu noivo morreu há alguns meses e ela poderia ter morrido com ele. Ninguém sabe o que causou sua morte, nem



mesmo Renn, e não tive coragem de perguntar a Vi.

Eu queria poder.

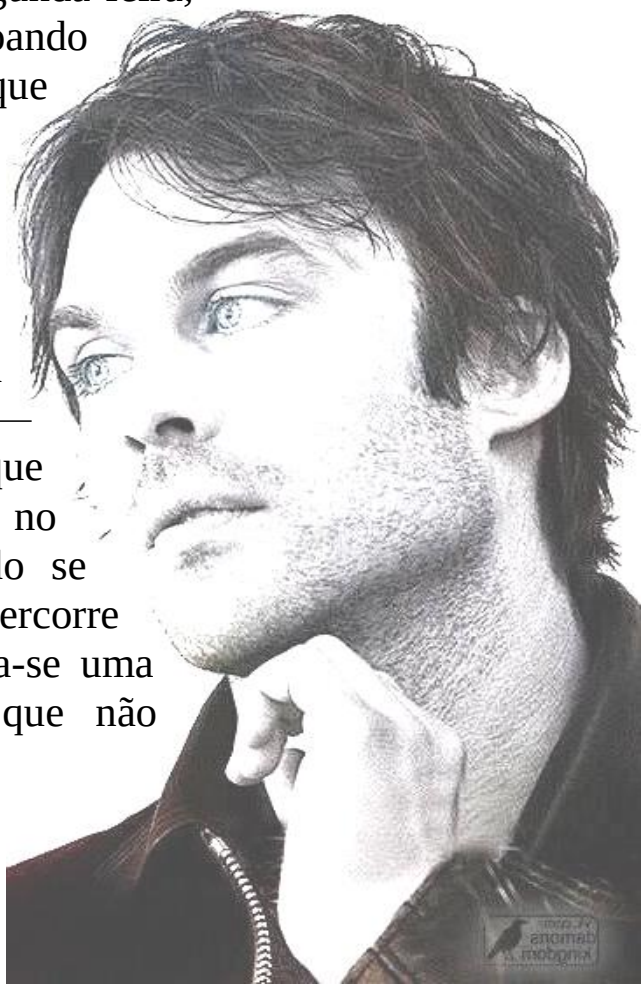
Eu gostaria de poder perguntar a ela o que ela pensa quando olha pela janela. Ela claramente não está vendo a chuva como eu. Eu gostaria de poder perguntar por que ela sempre tem uma cadeira vazia ao lado dela. É para o noivo dela? Ela está esperando por ele como se ele estivesse vivo e pudesse andar a qualquer segundo para tomar o seu lugar?

Quando Renn chama seu nome, Vi se afasta da janela, trazendo seus olhos castanhos planos para nós. — Estou com a Renn. Ele é um médico novo e bonito com pelo menos quinze anos a mais que nós.

— Perfeito. Estou tão animada. – grita Renn.

Assim que Renn estabelece as regras, Beth entra no salão. Ela é a esposa do Dr. Martin e a administradora do hospital.

Normalmente, ela tem um sorriso em seu rosto envelhecido, mas hoje ela parece um pouco esgotada. — Feliz segunda-feira, todo mundo. – ela começa, sua saudação soando menos do que entusiasmada. — Espero que todos nós estejamos indo bem e desfrutando do nosso café da manhã.



Com isso, ela é interrompida quando algumas pessoas a espiam. Isso não a detém, no entanto. — Eu digo isso a vocês com um coração muito pesado, que... – ela suspira. — Sexta à noite, Dr. Martin sofreu um ataque cardíaco súbito e teve que ser hospitalizado no fim de semana, e... – ela engole, tentando se recompuser, enquanto uma onda de choque percorre a sala. — Bem, ele está bem agora e espera-se uma recuperação completa. Mas isso significa que não



poderá voltar ao trabalho por algumas semanas.

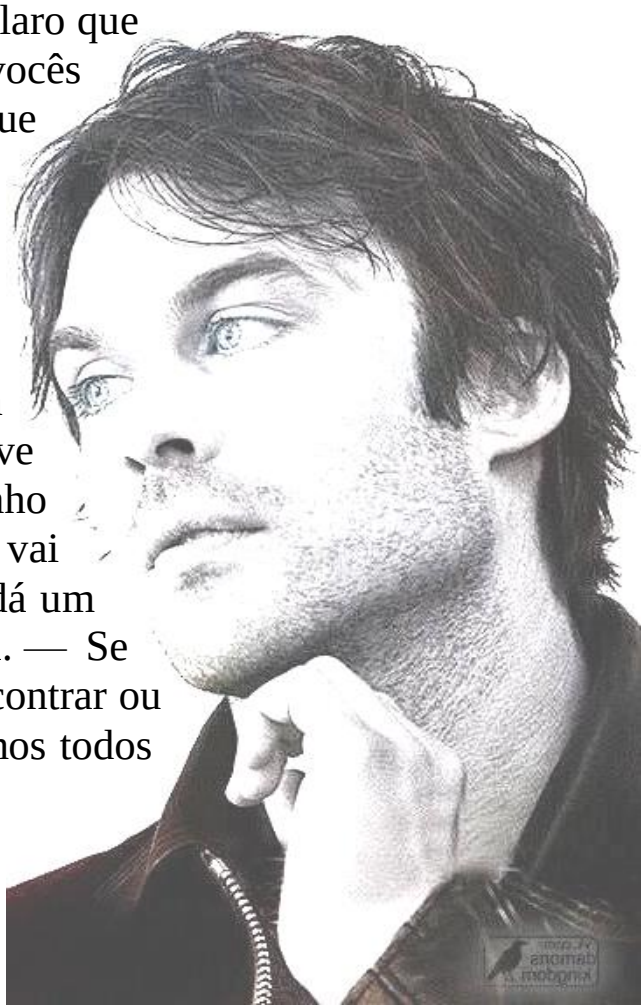
Os murmúrios e vaias que tinham morrido antes de Beth começar a falar voltaram à vida, mais altos e mais agitados.

Mesmo não sendo eu quem esteja contribuindo para o tumulto, estou meio que chocada também. Ele estava bem na última vez que o vi. Sorriu para mim no corredor, com seu cabelo branco brilhando no sol da tarde que filtrava pela grande janela da sala de TV. Ele estava conversando com alguns pacientes, e todos olhavam para ele como se estivesse pendurado na lua. Para eles, ele provavelmente estava.

Ele é superpopular entre os pacientes e os funcionários.

Lembro-me de pensar, como você pode amar o seu médico? Quero dizer, ele é médico. Um psiquiatra, não menos. Alguém que prescreve medicamentos para você e organiza a sua vida em uma série de sessões de terapia. Mas até eu não desejaria nenhum mal a ele.

Beth consegue acalmar as pessoas com a ajuda de técnicos e continua: — Eu sei que estão chateados e eu entendo. Claro que entendo. Estou chateada também. Alguns de vocês estiveram muito próximos dele e garanto que ele ficará bem. Vou deixá-lo saber o quanto vocês o amam. Ele vai apreciar isso.



Sorrindo tristemente, ela respira fundo. — Mas por enquanto, eu estou aqui para dizer a vocês que tivemos muita sorte em encontrar um substituto para ele. Ele deve chegar hoje e é um excelente médico. Tenho certeza que vocês vão adorá-lo, e todo mundo vai se dar bem neste momento difícil, ok? – ela dá um par de olhares pontiagudos ao redor da sala. — Se vocês tiverem alguma dúvida, venham me encontrar ou a qualquer um dos membros da equipe. Estamos todos



aqui para ajudá-los.

Ela está pronta para ir quando Renn grita: — Ei, Beth! Quem é o cara novo? Aquele que devemos adorar e nos dar bem.

Beth se vira e franzi as sobrancelhas. — Certo. Obrigada, Renn, por gritar essa pergunta. O médico que deverão *amar e se darem bem* é *o* Dr. Blackwood. Dr. Simon Blackwood. Ele vem de Boston. Mass General, para ser específica. Eles têm um dos departamentos psíquicos mais conceituados do país. – ela dá um olhar fixo novamente. — Como eu disse, vocês estão em excelentes mãos.

Com isso, ela sai e os ruídos recomeçam.

Renn murmura: — Bem, já adivinhamos a parte do médico. Ah. Ele é adequado à idade para eu fantasiar ou não?

Penny responde: — Ele é *médico*. Toda a conversa sobre a sua aparência está fora dos limites.

Eles começam a brigar, mas eu as afasto. Estou paralisada, presa pelo som de um nome.

Simon Blackwood.

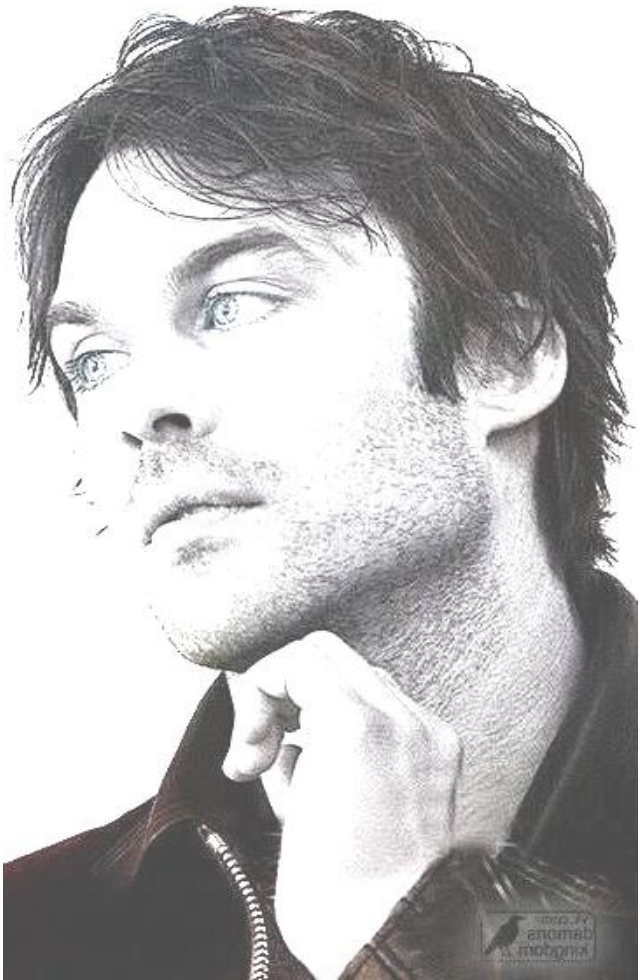
Dr. Simon Blackwood.

Ele é um médico.

Na verdade, não. É um *excelente* médico.

E ele vem aqui.

Droga.





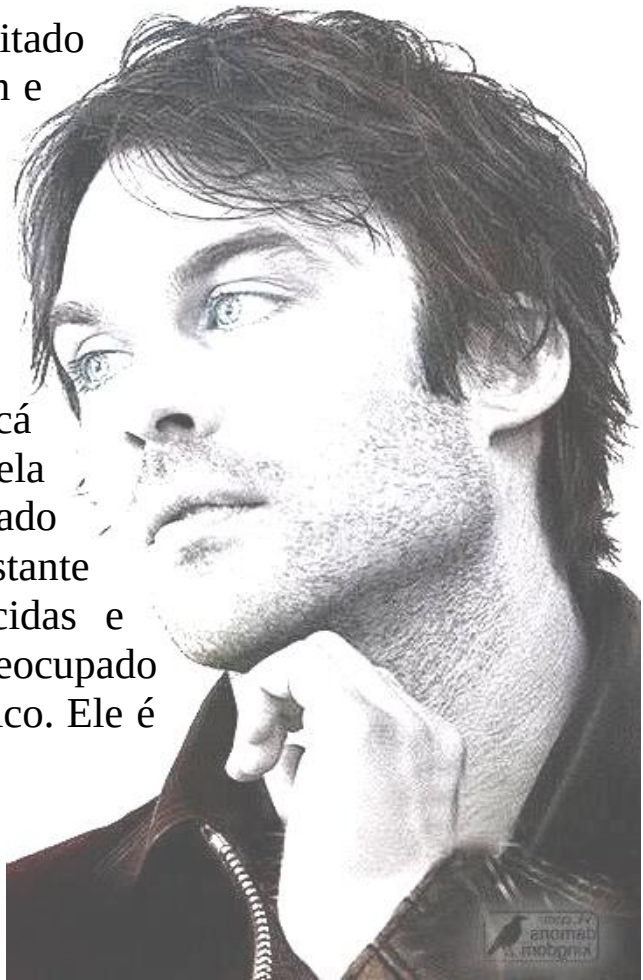
Capítulo Três

O tempo está horrível e eu adoro isso.

Está chovendo como se nunca mais fosse chover. Os ventos estão batendo contra a janela, sacudindo todo o hospital.

Odeio que eu ame isso tanto. Porque não posso estar lá fora e sentir o céu cair no meu corpo. Eu quase quero que ela atinja essa casa vitoriana estúpida, mesmo que seja um testamento de um grande amor e tudo, para que eu possa escapar. Nós todos podemos escapar. Tenho certeza de que quarenta pacientes determinados poderão mover o portão automático da frente.

Fomos confinados o dia inteiro e isso é horrível. Para não mencionar que todo mundo está cauteloso e abalado sobre a nova chegada.



O grupo comunitário estava realmente agitado hoje. Este grupo é basicamente onde explicam e reexplicam as regras do hospital e recebem reclamações dos residentes. E hoje toda queixa foi contra um homem que conseguiu aborrecer todo mundo, e ele nem está aqui.

Sophie, uma garota com insônia severa, começou a chorar, dizendo que veio para cá para melhorar e não lidar com essa merda. Se ela quisesse lidar com a mudança, ela teria ficado com sua mãe e seus namorados em constante mudança. Roger, o cara com ideias homicidas e paixão de Renn da semana *passada*, estava preocupado com a vibe que começa a partir do novo médico. Ele é



grande em vibrações e auras.

Normalmente sou quieta em tais grupos porque minha única queixa é que não pertenço aqui. Tenho certeza de que não vou muito bem com o terapeuta que lida com o grupo. Mas então as pessoas começaram a ficar agitadas quando Renn expressou seus próprios medos falsos para irritar as pessoas: *e se ele fazer alguma coisa para nós em nosso sono? Eu ficaria com tanto medo de adormecer agora.*

Eu decidi intervir. — Parem. Ele não é tão ruim assim. Eu o conheci. – eu disse. — No corredor. E sabe, ele não parecia muito ameaçador para mim.

Sim, eu estava mentindo, mas tudo bem. Foi por uma boa causa.

Minhas mentiras são sempre para um propósito maior.

Renn me deu um olhar desconfiado, mas tanto faz. Pelo menos consegui que todos se acalmassem. Por cerca de dois segundos depois, as perguntas começaram.

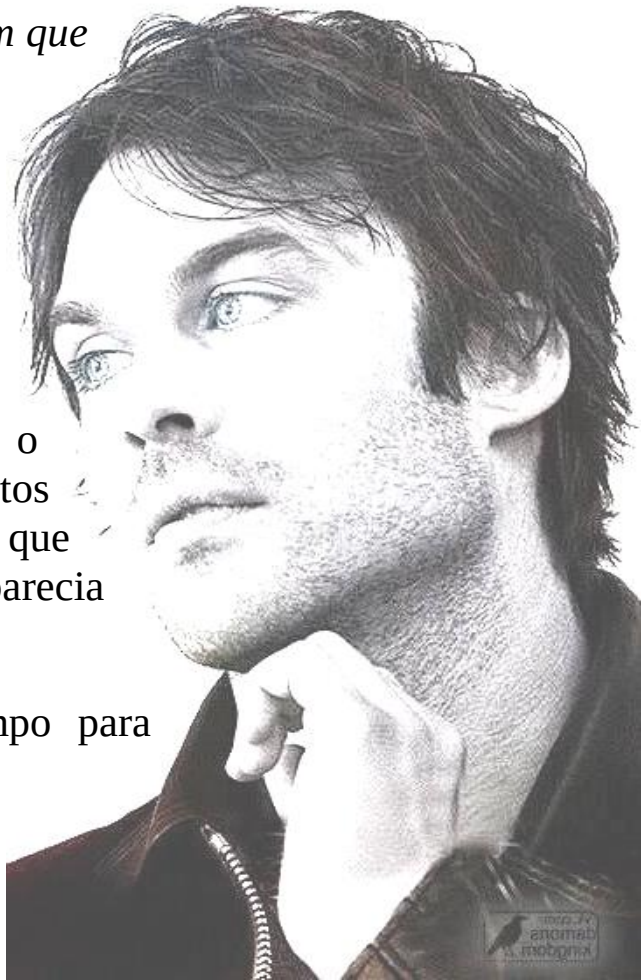
Onde você o viu? As enfermeiras disseram que ele ainda não havia chegado.

Como ele parece?O que quer dizer com não ameaçador? Como ele se parece exatamente? Quantos anos ele tem?

A última veio de Renn.

Respondi o melhor que pude: Que eu o conheci quando estava chegando, cinco minutos antes deste encontro, e talvez seja por isso que ninguém sabe que ele está aqui ainda. Ele parecia muito bem. Baixo e careca e sim, velho.

Embora, eu não tenha tido muito tempo para





embelezar as minhas mentiras, o que eu sou muito boa a propósito, porque a terapeuta que lidava com o grupo nos fez calar a boca, com a ajuda de alguns técnicos.

Somando tudo, este dia foi uma merda.

Agora, estou segurando *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban* no meu peito enquanto caminho em direção à sala de recreação no final do corredor. Duas enfermeiras estão paradas no canto, conversando uma com a outra, junto com alguns pacientes do meu andar vagabundeando.

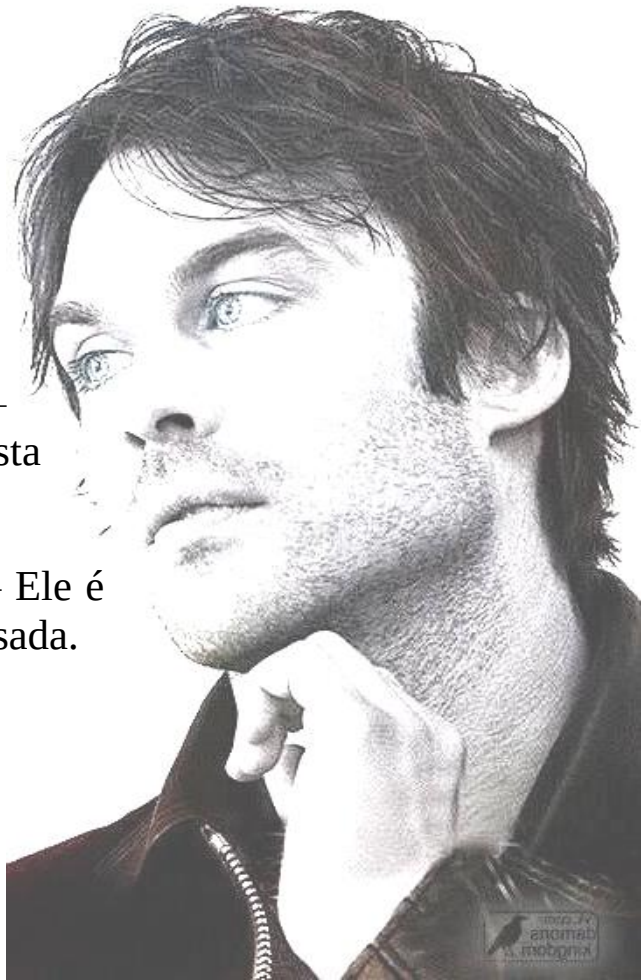
Passo pelo consultório de Beth. Normalmente, todos os consultórios da equipe estão localizados na área que não é de livre acesso para os pacientes. Mas Beth me disse quando cheguei aqui que ela considera a Heartstone uma família e ela quer estar disponível para todos sem ter que passar pelos encontros de compromissos e outras coisas.

Através da porta entreaberta, a ouço conversando com alguém. Mas, mais importante, ouço o mesmo nome que ouvi algumas horas antes no café da manhã.

Simon.

Meus pés param.

Meus olhos se arregalam.



— Como ele está indo? – Beth pergunta para alguém em seu consultório. Alguém que ela chamou de Simon um segundo atrás. — Sinto muito por eu não ter ido vê-lo esta semana. Você sabe, com tudo isso.

Vem um sussurrar e alguém pigarreia. — Ele é exatamente o mesmo que ele foi a semana passada.

Ah meu Deus, é esse Simon?



Ele está aqui? Está realmente lá dentro?

Um longo suspiro. Então Beth diz: — Ele gosta de ser difícil. Eu vou te dizer isso.

— Bem, ele sempre gostou de você. – diz ele.

Simon falou. Não, Doutor Blackwood. Dr. Blackwood falou. Por alguma razão, não quero estar o tratando pelo primeiro nome. Até na minha cabeça.

De qualquer forma, Dr. Blackwood falou. Ou melhor, murmurou.

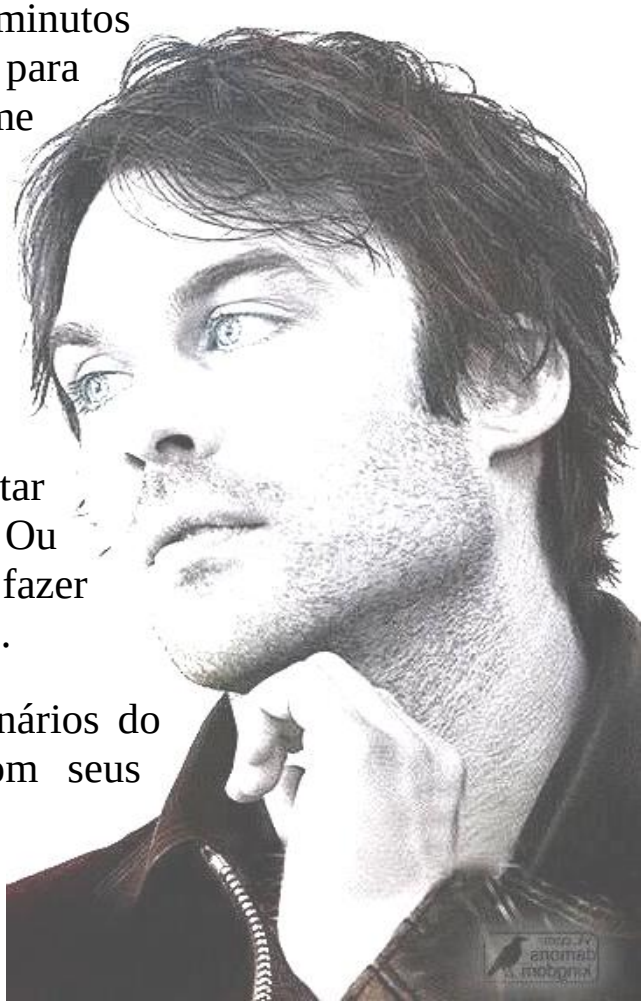
Em uma voz profunda e áspera.

— E quem pode culpá-lo. – Beth ri.

Há um sopro de ar seguido por um baixo gemido. Eu não acho que deveria ter saído da sala para eu ouvir, mas aconteceu. Aquele som baixo e áspero. De alguma forma, sei que é a sua risada, enferrujada e sem prática.

Eu engulo quando meu coração bate mais do que já estava batendo.

Há um silêncio prolongado. Segundos e minutos de silêncio. Ou talvez só pareça assim para mim. Porque estou paralisada, incapaz de me mover. Então, eu lembro de que estou no meio do corredor, tentando escutar uma conversa. Duas vezes em um dia.



Mas como eu posso resistir? Ele é o novo médico, meu novo inimigo. Tenho que ouvir.

Viro e enfrento a parede. Eu não posso estar escutando quando há pessoas por perto. Ou melhor, não posso deixar óbvio, então tento fazer parecer que estou vendo as colagens na parede.

São as fotografias dos pacientes, funcionários do hospital, médicos anteriores, terapeutas com seus



nomes escritos em tiras coloridas.

— Já disse isso antes, mas estou feliz que você esteja de volta. Tão feliz, Simon. E eu não posso te dizer o quanto estou animada por você estar aqui, em Heartstone. Este é o seu lugar. Você pertence aqui. – Beth parece nostálgica e tão cheia de emoção.

— Você já disse isso antes. – diz Blackwood ironicamente.

Ela ri. — Acho que você deveria conversar com ele. Sabe, sobre tudo o que aconteceu.

— Não. – ele deixa escapar.

— Eu continuo dizendo isso, mas… está tudo bem. O que quer que tenha acontecido.

— Não importa.

— Isso importa, Simon. – Beth insiste. — Praticamente criei você. Eu posso ver isso.

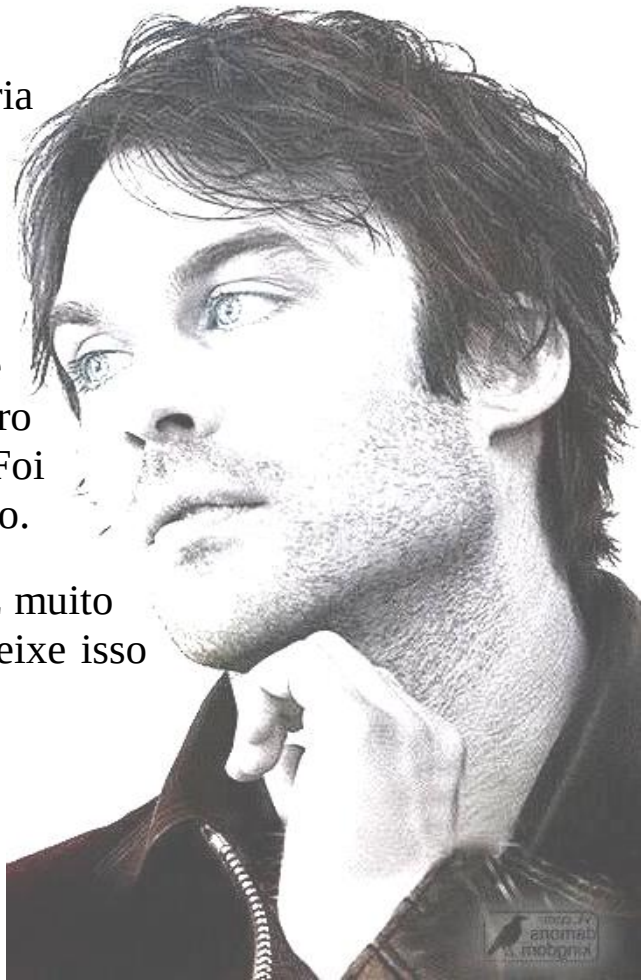
— Já passou.

— Acho que, se não ele, então você deveria falar com eles. Acho que deveria explicar e talvez eles vão...

— Não.

Beth fica em silêncio. Não a culpo. Até me movi quando ouvi - *não*, segurando o livro no meu peito e esfregando meus braços. Foi como ele disse. Tão breve e alto. Tão definitivo.

— Já passou, Beth. – diz ele em uma voz muito mais calma. — Não há nada para explicar. Deixe isso para lá.





De que diabos eles estão falando?

Seja o que for, tem que ser algo extremamente sério. Posso dizer que é muito sério.

Eu gostaria de saber.

De repente, sinto uma mão no meu ombro e grito, meus pensamentos se desintegram e meu livro cai no chão com um baque.

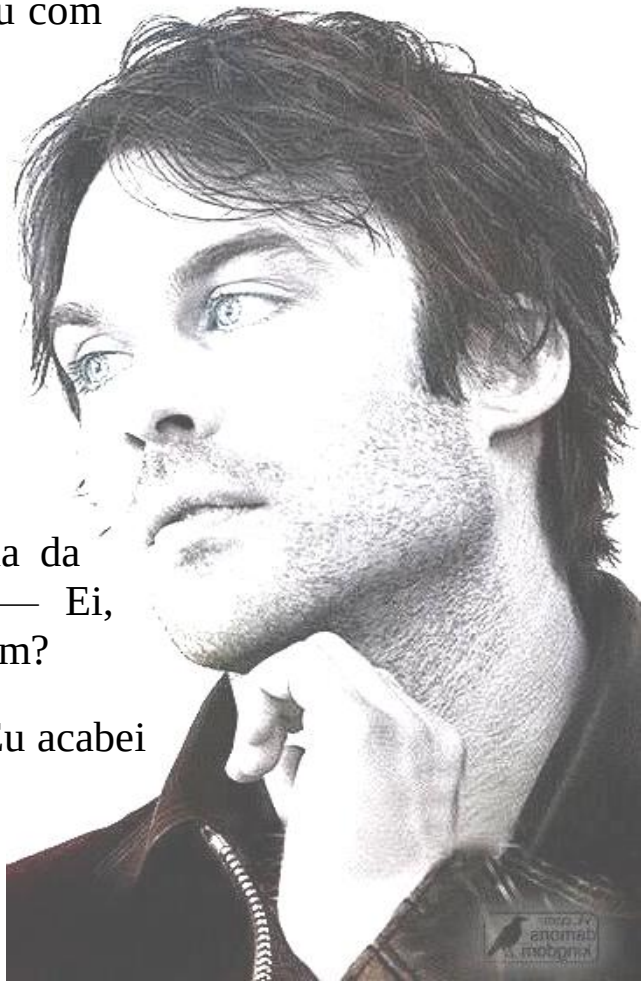
Eu me viro para encontrar uma divertida Renn olhando para mim. — O que você está fazendo? – grito para ela.

— O que *você* está fazendo? – Em contraste comigo, sua voz está relaxada e sua postura também.

— Você me assustou. – pressiono a mão no meu peito, tentando controlar meus batimentos cardíacos fora de controle.

— Você estava ouvindo?

— Não. – eu minto. — E o que aconteceu com a regra sem tocar?



Há uma regra aqui que proíbe tocar nos pacientes, porque alguns surtam quando tocados.

— Até parece. Não há regras que possam me obrigar a isso.

— Talvez devesse porque...

Eu paro de falar quando a porta da sala da Beth se abre e ela está na nossa frente. — Ei, pessoal. O que está acontecendo? Está tudo bem?

— Ei, Beth. – diz Renn. — Não é nada. Eu acabei



de tocar Willow e ela se apavorou.

— Renn. – Beth balança a cabeça. — Você sabe que há uma regra de não tocar.

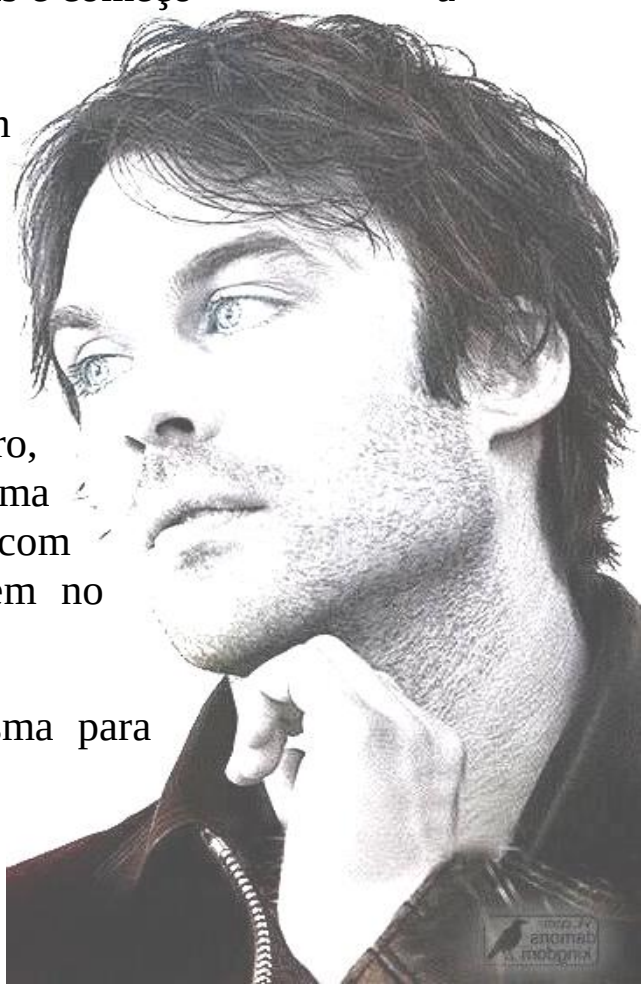
— Willow não se importa. Ela é minha melhor amiga. – ela se vira para mim. — Não é?

Apesar de tudo, coro com o prazer de ser chamada de melhor amiga. Nunca tive uma melhor amiga antes. Na verdade, nunca tive um tempo com amigos.

Embora não deixe Renn escapar tão facilmente. — Sim. Mas ela me assustou, Beth. – pressiono a mão no meu peito, dramaticamente, antes de sorrir para Renn. — Regras são regras por um motivo.

— Traidora. – murmura Renn, assim que a Beth fala sobre a importância das regras.

Rindo, me inclino para pegar meu livro caído. É uma cópia antiga, com uma lombada questionável, e a queda fez com que algumas das páginas amarelas se soltassem. Elas estão espalhadas no chão de madeira, letras pretas fluindo como um rio. Eu agarro-as e começo a organizá-las na ordem certa.



Sobre mim, Beth e Renn continuam discutindo sobre regras e como Renn deveria estar mais consciente delas. Mas toda a conversa é perdida quando ele sai da sala.

Simon Blackwood.

Ainda estou de joelhos, juntando meu livro, página por página, mas eu o sinto de pé em cima de mim. Meus dedos escorregam, fazendo com que algumas páginas recolhidas se espalhem no chão novamente.

Respirando fundo, digo para mim mesma para



relaxar. *Que ele é o inimigo. Eu não posso demonstrar medo a ele.*

Mas ele em cima de mim me incomoda mais do que gostaria. Talvez seja porque o ar se moveu em volta de mim, para abrir espaço para ele. Sinto seu corpo lançando sua própria sombra e criando sua própria consciência.

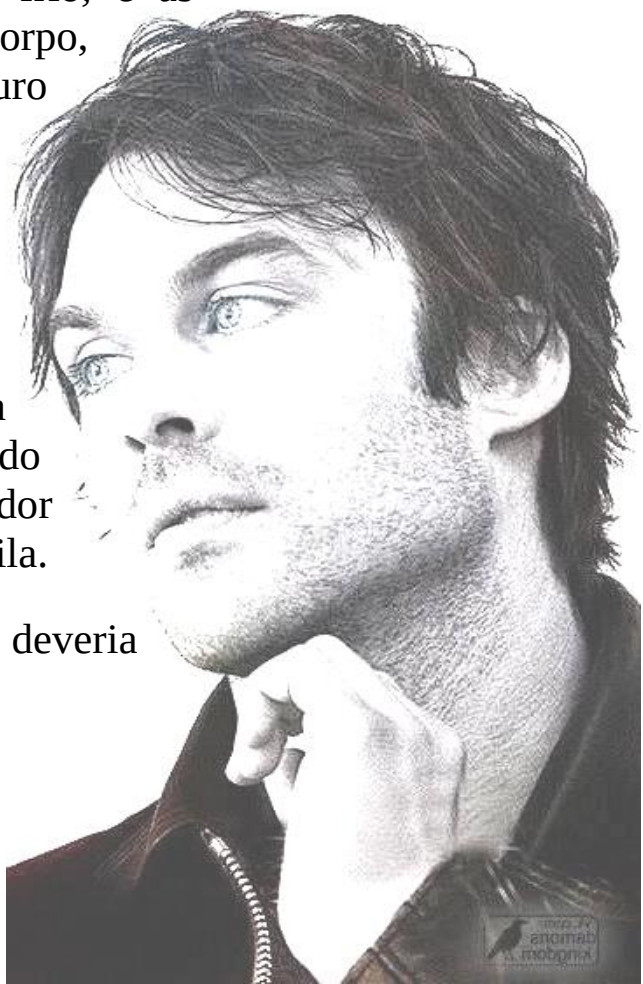
Discretamente e ainda arrumando as páginas, olho para metade inferior dele. Ele está vestindo calça preta e sapatos de bico finos bicolores marrons. Umidade e gotículas de água se agarram ao tecido e a seus calçados bico finos.

Do Lado de fora.

Ele veio do Lado de fora.

Bem, de onde mais ele teria vindo? Mas Deus, ele trouxe a chuva com ele, nítida e tão bonita. Eu gostaria de poder senti-la na minha pele.

E então, como se ele pudesse ouvir os meus pensamentos, ele faz chover. Ele ajoelha ao meu lado e sinto o frio, e as gotículas frescas que escorrem de seu corpo, caindo sobre o meu. Uma cai no meu couro cabeludo, outra na minha testa e bochecha, e um par nos meus braços nus.



Eu me afasto dele fracionariamente.

Não o quero perto. E também não quero notar como as suas calças se esticam pela extensão de suas coxas. Eu nunca vi um tecido fazer isso em um corpo antes, moldar ao redor dos músculos protuberantes como se fosse argila.

Ele deveria usar calças mais largas; Eu deveria dizer isso a ele.



— Você perdeu algumas. – diz ele, e eu esqueço suas coxas.

A partir desse momento, sua voz soa mais potente, mais nítida, mais áspera e mais profunda.

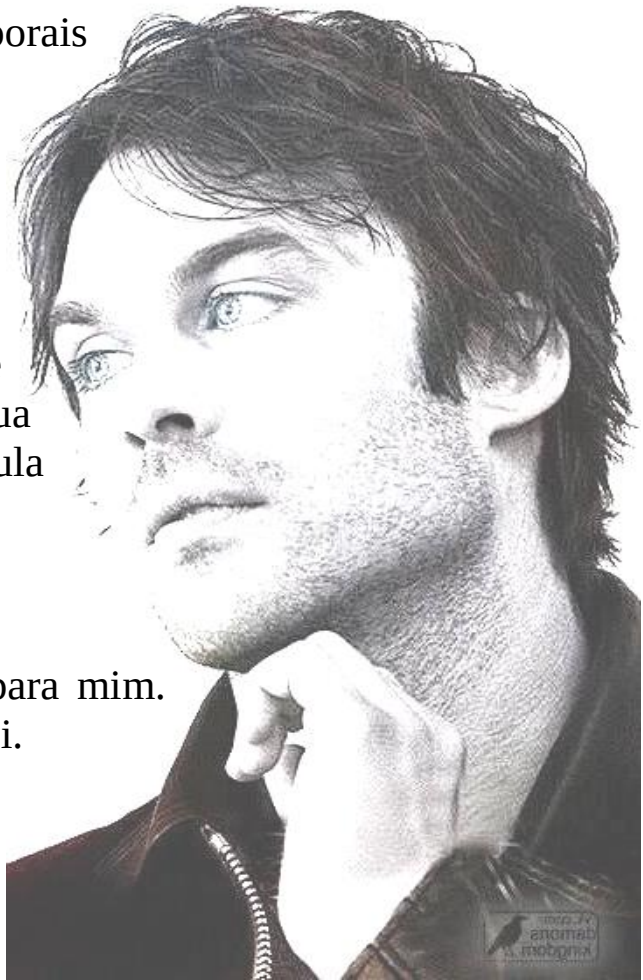
Apenas mais.

Ele estende o braço e os seus dedos flexionam ao redor das páginas amareladas caídas. Gentilmente, ele as pega do chão, organiza-as em ordem, exatamente como estava fazendo um momento antes. A forma como pega as páginas com tanto cuidado, com tamanha delicadeza, me faz arrepiar.

Eu levanto meus olhos para olhar para o rosto dele.

Eu respiro com alivio. Que eu não sabia que estava segurando. Meu olhar alcança sua mandíbula quadrada e esculpida como pedra, traçando a barba por fazer que torna mais áspera a inclinação dela. Meus olhos se movem para cima e vejo suas maçãs do rosto, altas e parecidas com penhascos.

Nobre, masculino e deslumbrante. Assim como o nome dele. Ele me lembra das estátuas atemporais que eu vi no meu livro de história.



Suas pálpebras estão abaixadas, como ele ainda está focado em sua tarefa, e um par de gotas de chuva perdidas brilham em seus cílios. Na verdade, nem acho que ele me olhou uma vez. Nem uma vez. Espanta-me que ele encontre um livro mais digno de sua atenção do que eu. Que é a coisa mais ridícula que já senti.

Já senti.

Quando ele termina, ele dá as páginas para mim. Mais uma vez, mal olhando para mim. — Aqui.



Seus olhos são de cor cinza.

Cinza.

Como as nuvens no céu. O homem - meu novo inimigo - que está trazendo a chuva tem olhos da cor das nuvens de chuva. Uma das minhas cores favoritas.

Droga.

Ele franze a testa, me dando um olhar distraído. — Você está bem?

Pisco, envergonhada, e pego as páginas de suas mãos antes de deslizá-las aleatoriamente no livro. — Sim, desculpe-me. Obrigada.

— Você pode querer restaurar isso.

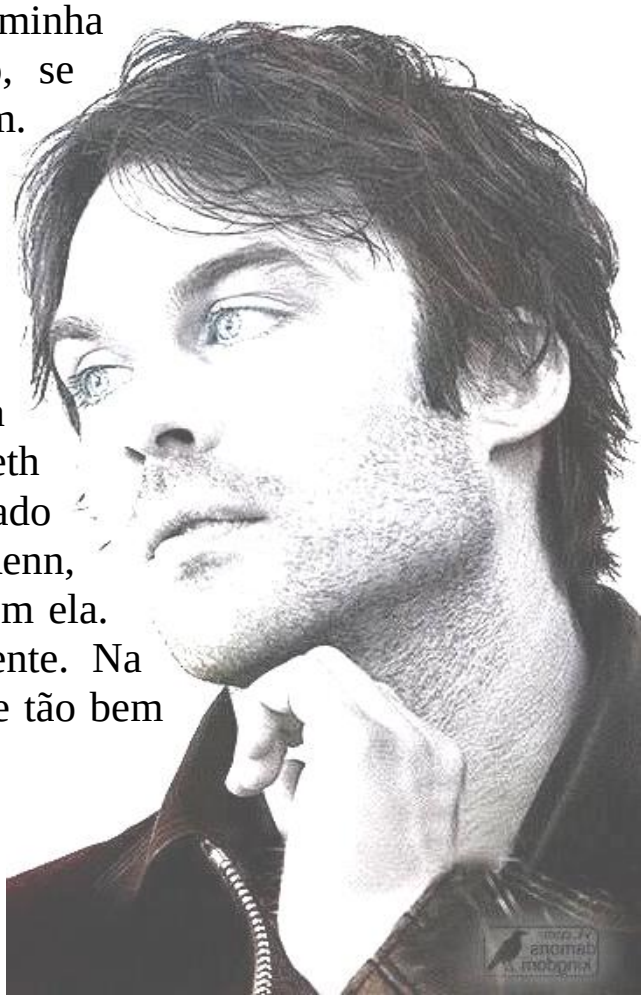
— Hã?

— O livro. – explica ele, inclinando o queixo em direção ao objeto na minha mão. — Então não ficará mais rasgado. Um pouco de cola na encadernação deve ajudar.

Eu engulo, com minha garganta seca. — Ok. Tudo bem. Obrigada.

Estou ciente de que estou repetindo um pouco minhas palavras, mas meu cérebro é um mingau. É como quando os meus antidepressivos me deixaram quase maníaca, e tiveram que me dar algo para me derrubar. Eu estava em um nevoeiro o tempo todo.

Além disso, ele nem parou para ouvir minha resposta. Assim que ele deu seu conselho, se levantou, com seu olhar se afastando de mim. Não que estivesse lá por mais de um microssegundo, mas ainda assim.



Exceto que eu peguei uma palavra em tudo isso, e agora está presa no meu cérebro como o nome dele: *restaurar*.

— Bem, Renn, por mais que eu gostaria de argumentar, acho que vou passar. – Beth sorri antes de se virar para o homem ao lado dela. — Ok, eu vou fazer as honras. Esta é Renn, nossa encrenqueira residente. Fique atento com ela. E essa é Willow, nossa boa menina residente. Na verdade, acho que nunca tivemos um paciente tão bem comportado quanto Willow.



Desvio o olhar dele. Estou envergonhada agora. O jeito que Beth me descreveu soou como se eu fosse boba. Embora, eu seja uma boa menina. Sempre segui as regras, eu escutei a minha mãe e os meus professores, tomei meus remédios na hora certa.

Então, sou uma boa menina. *Esta sou eu.*

Eu não sei porque ouvir isso me incomoda.

Ou o fato de que ele mal nos dá um sorriso. Ele balança a cabeça, move os lábios sem entusiasmo, mal fazendo contato visual. Você não pode dizer que isso é rude; tudo isso é educado.

Exceto, que eu não gosto disso.

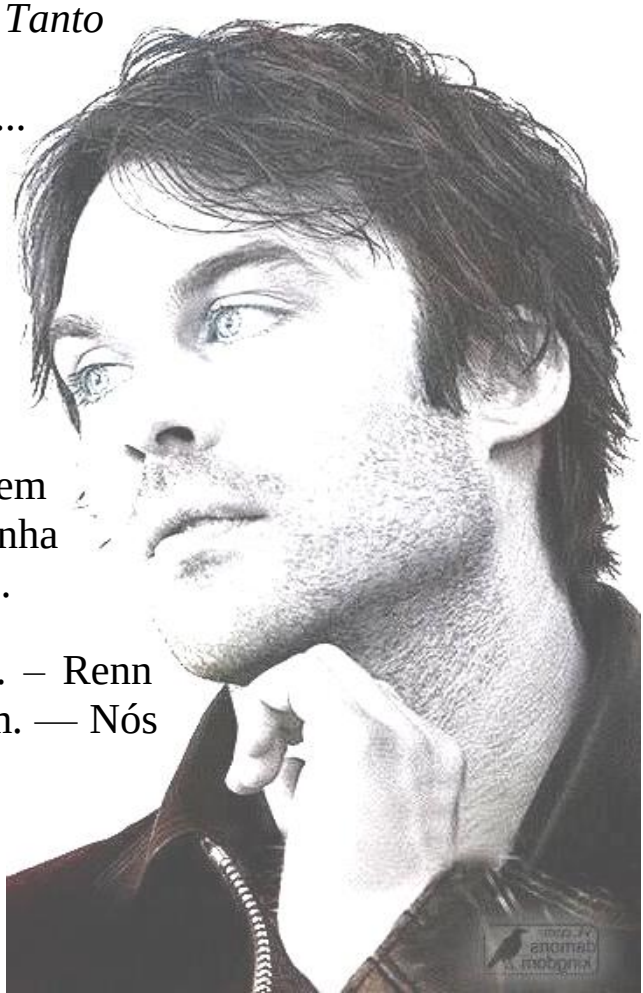
Beth continua: — E meninas, esse aqui é o nosso novo médico, Dr. Blackwood.

Mesmo sabendo quem ele era, meu coração dispara como se eu estivesse ouvindo pela primeira vez. O choque de quem é esse homem ainda é novo e vívido. Provavelmente isso nunca vai passar.

Mais uma vez, Dr. Blackwood dá um leve aceno com a cabeça e um pequeno sorriso. Está tudo certo, bem feito e agradável. E aposto que ele esqueceu nossos nomes assim que os ouviu. Aposto que ele nem vai se lembrar desse encontro amanhã.

Querido Deus, isso me incomoda muito. Tanto que não faz sentido.

O jeito que ele não está olhando para nós... *Para mim.* A maneira como ele disse, você pode querer restaurar seu livro.



— Ah, então *você* é o Dr. Blackwood. – Renn reflete. — Você pode confirmar sua idade para mim? Tipo, muito rapidamente?

— Renn! – Beth a repreende, olhando em sua direção, e faço o mesmo, esquecendo a minha estranha irritação com o homem à nossa frente.

— O que? Eu não perguntei a *sua* idade. – Renn revira os olhos para Beth, apontando para mim. — Nós



fizemos uma pequena aposta.

Porra a aposta. Eu tinha me esquecido completamente dela até que Renn fez sua pergunta idiota e inapropriada.

— Está brincando comigo? – pergunto, intencionalmente olhando para longe de Beth e Dr. Blackwood.

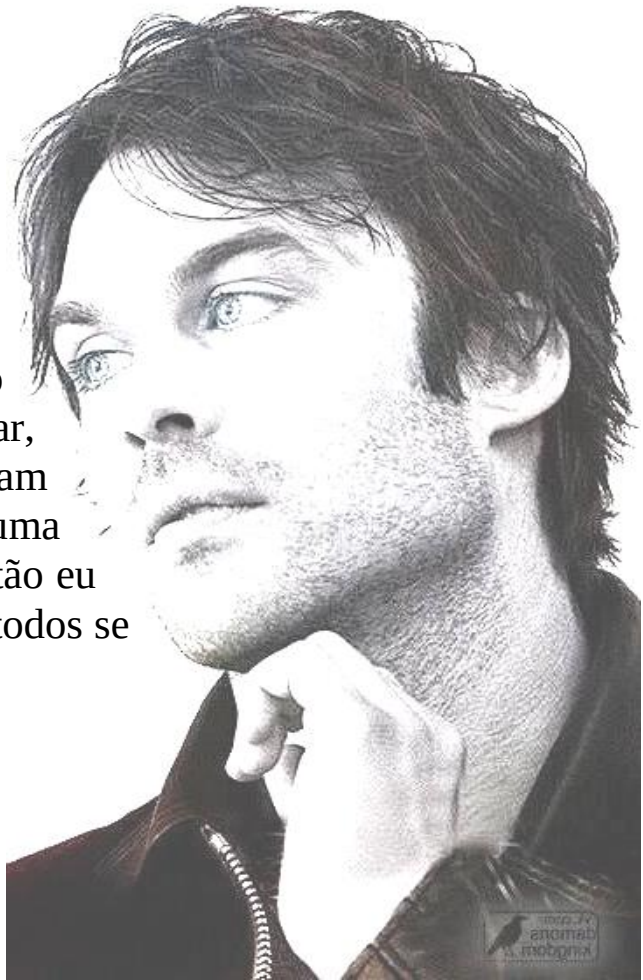
— O que? É a verdade. – Renn encolhe os ombros como se ela fosse muito inocente. — Além disso, você deveria estar preocupada agora, cara. Você perdeu.

— Não perdi. – eu olho para Beth e tranquilizo-a. — Eu nem estava apostando.

— Você *está* brincando comigo agora? Você não disse que ele era baixo e careca? Você apostou seu dinheiro nisso.

Beth suspira. — Renn! Willow? Por que você...

Renn não a deixa falar. — Na verdade não. Ela disse que ele gosta de peidar duas vezes em uma hora. Então, no grupo, ela disse que o conheceu e ele era baixo e calvo.



Meus olhos se arregalam. — O que? Eu...

— Vocês duas... – Beth começa, mas desta vez, sou eu quem a interrompe.

— Primeiro de tudo, a aposta foi ideia de Renn. – eu olho para ela, com o meu rosto queimando, *em chamas*. — E em segundo lugar, todo mundo estava pirando no grupo. Estavam preocupados com a aura dele, ok? Estava uma bagunça. Eu tinha que fazer alguma coisa. Então eu meio que elaborei as coisas. Eu consegui que todos se acalmassem, não foi?



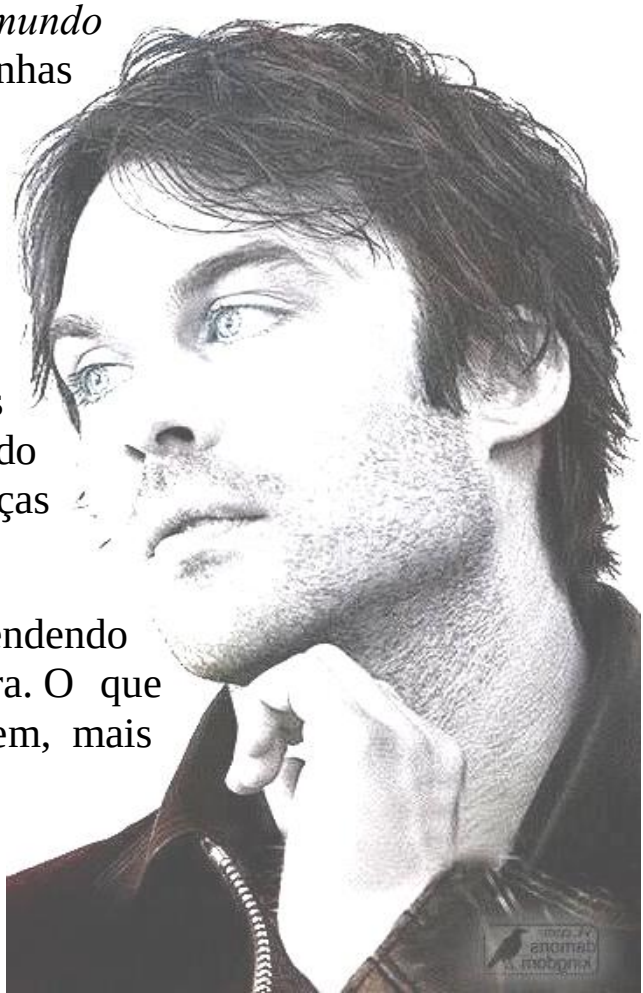
— É isso o que você faz?

Esta é a primeira vez que ele fala alguma coisa desde que esse argumento sem sentido surgiu.

É uma maravilha que eu até o ouça sobre meus próprios batimentos cardíacos acelerados. De alguma forma, de alguma maneira, viro meus olhos para ele. Isso é uma maravilha também, dado o meu nível de constrangimento.

É estranho que eu esteja suando em todos os lugares, mesmo debaixo da minha franja? Eu sopro sobre ela e ele olha para os fios esvoaçantes antes de olhar nos meus olhos. Não de passagem, mas realmente. Como se ele realmente estivesse me vendo.

A terra se inclina um pouco, mas coloco meus pés bem abertos e me recuso a ser movida enquanto ele me leva para dentro. Meu topete solto, com mechas de cabelo espalhadas em volta do meu rosto, agarrando-se à minha nuca. Mesmo assim, seu olhar percorre minhas feições e ele não olha em nenhum outro lugar abaixo disso, eu ainda tento lembrar o que estou vestindo. Eu acho que uma camiseta branca com a frase em meus seios, *"Apenas uma bruxa, vivendo em um mundo de trouxas."* Ah, e calça de moletom com minhas pantufas de coelhinho.



Nos meus pesadelos ultrajantes, os vi colocando-me em uma camisa de força assim que cheguei ao local. Mas aparentemente os hospitais mentais não fazem mais isso. Eles me disseram para trazer minhas roupas mais confortáveis e, bem, o que é mais confortável do que as minhas camisetas de Harry Potter e calças de moletom?

Mas, estranhamente, eu estou me arrependendo das minhas escolhas de guarda-roupa agora. O que obviamente significa que perdi a cabeça. Bem, mais



que de costume. Levanto meu queixo em desafio e algo aparece em seu rosto impassível. Não posso dizer o que, no entanto.

— Fazer o quê? – pergunto.

— Inventar as coisas?

Quero me mexer sob seus olhos cinza, mas eu me controlo e abraço meu livro com mais força.

Que tipo de pergunta é essa?

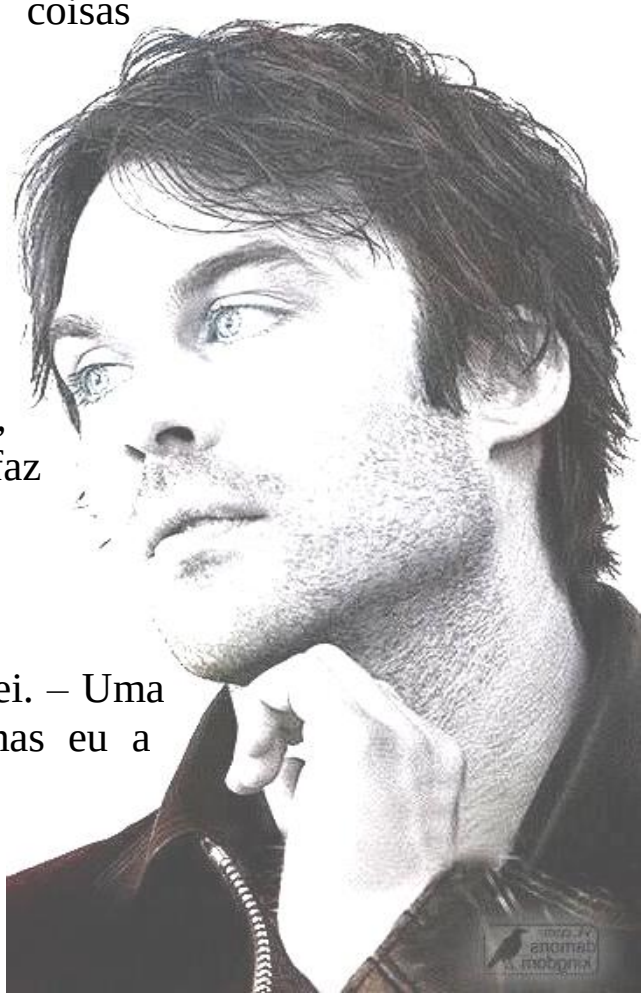
Vê? Os psiquiatras fazem perguntas estúpidas e irrelevantes.

Eu franzo a testa. — Eu não inventei. Eu elaborei.

Ele fica em silêncio por tanto tempo que acho que ele nunca mais falará. Mas ele fala, muito casualmente. — E isso é claramente muito diferente um do outro.

— Sim. – eu sorrio. — Na verdade, são muito diferentes um do outro.

— Eu quero dizer, se você elabora coisas frequentemente?



— Isso é uma pegadinha?

— Não, apenas uma pergunta normal.

Não consigo descobrir se ele está falando sério ou não. Quero dizer, ele parece sério, mas havia algo em seu rosto, em sua voz, algum tipo de diversão e ironia, que me faz pensar que está se divertindo com isso.

Bem, tanto faz.

— Então a resposta é não. Eu não elaborei. – Uma voz no fundo da minha mente discorda, mas eu a



esmago. — Além disso, só estava fazendo isso para fazer as pessoas se sentirem melhor. Esse não é o seu trabalho? Eu basicamente estava fazendo isso por você.

Beth suspira e Renn bufa.

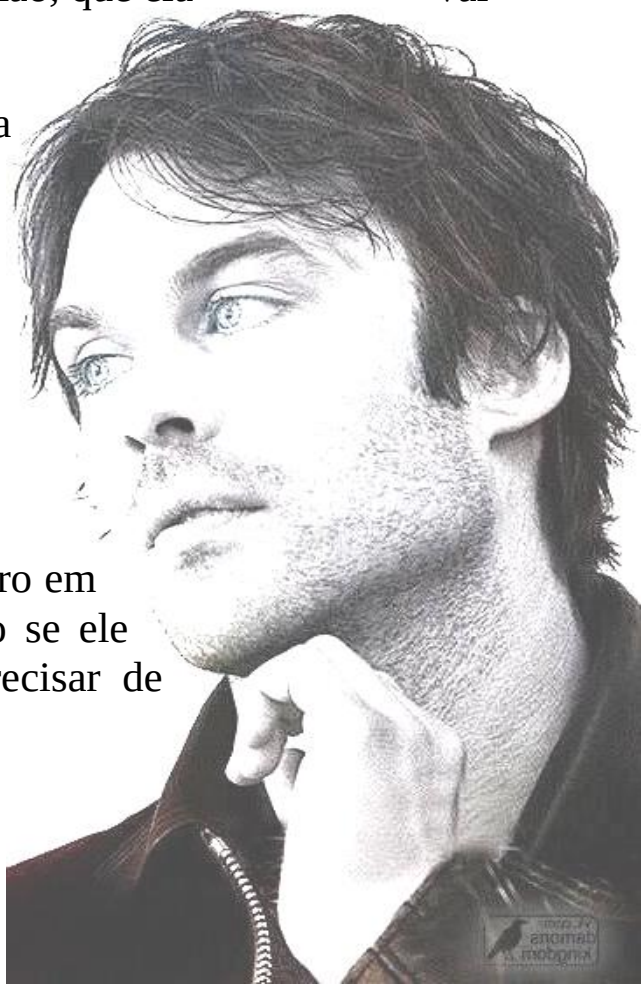
Mas Dr. Blackwood ignora as duas e pergunta: — Você estava, hein?

— Sim.

Por um tempo, tudo que ele faz é olhar meu rosto sem uma palavra, acelerando meu coração ainda mais. Como se o seu olhar fosse uma certa droga.

Mas então ele abaixa a cabeça, e seu cabelo escuro e úmido brilham sob as luzes do corredor. Ele olha de novo com um meio sorriso. Um quarto de um sorriso, na verdade. — Bem, então eu te devo uma. Obrigado por fazer o meu trabalho por mim. Eu agradeço muito.

Antes que eu possa dizer qualquer coisa, Renn interrompe, muito divertida. — Basta dar-lhe uma gelatina de limão, que ela vai ficar feliz.



Mas Dr. Blackwood não dá atenção para ela. — Talvez eu vá. – ele diz para mim.

Ele recua, provavelmente pronto para deixar toda essa conversa para trás. — Foi bom conhecer vocês duas. E... Tenho trinta e três, a propósito.

Renn levanta o punho. — *Sim*.

Antes dele sair, seus olhos pousam no livro em meus braços e eu o agarro com força, como se ele fosse tirá-lo. — Deixe-me saber se você precisar de alguma ajuda para restaurar seu livro.



Desta vez, no entanto, eu estou tendo dificuldade em manter o meu rosto vazio na correção da palavra. Então, eu poderia ter apertado meus lábios; Não tenho certeza.

Pare de dizer restaurar seu idiota.

Juro, que eu vejo uma contração distinta em sua boca enquanto ele olha para mim uma última vez e vai embora. Olho para ele e para o seu corpo ridiculamente alto e largo, envolto em roupas que parecem ser feitas só para ele.

É como se ele soubesse que essa palavra me afeta. Ele sabe o quanto eu odeio isso.

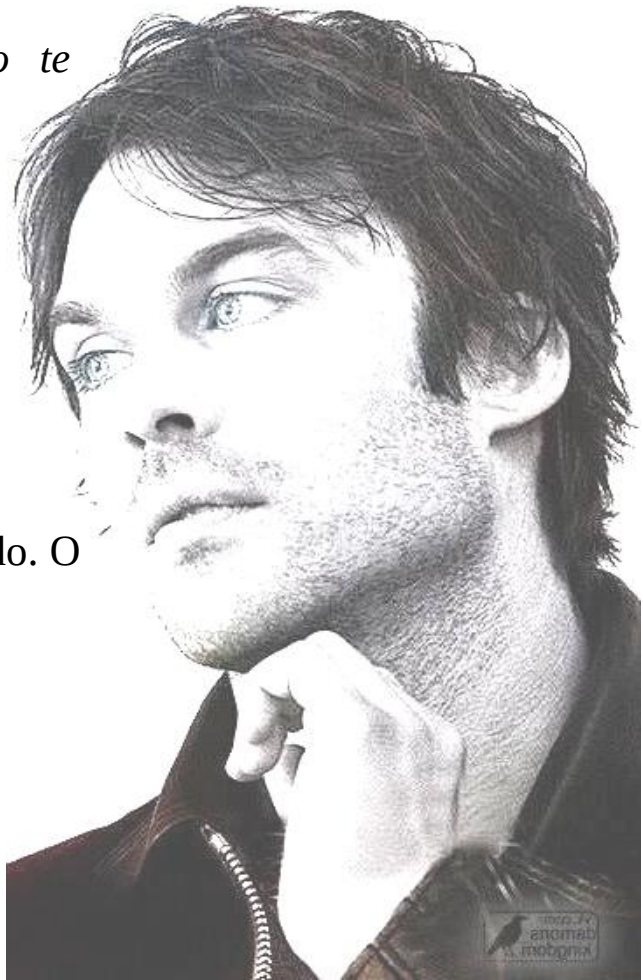
Restaurar.

Isso é o que as pessoas têm dito para mim nas últimas duas semanas. Especialmente a minha mãe.

Precisamos consertar isso. E se isso acontecer de novo?

Por que você não deixa o médico curar você, Lolo?

Algumas semanas em Heartstone irão te curar, Lolo.



Mas isso é estúpido porque não há como ele saber. Apenas acabamos de nos conhecer.

Ah, ele é quinze anos mais velho que Renn... E eu. Mas isso não importa.

De modo algum.

Agarro o meu livro ainda mais apertado. O meu precioso livro.

Meu precioso livro perfeito.

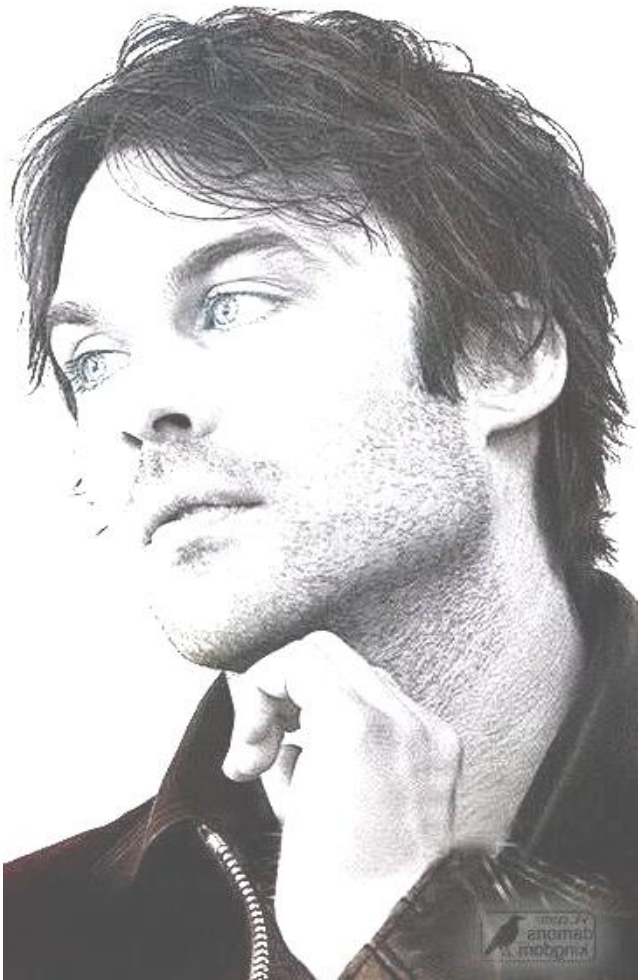


Saffron A. Kent

Meu *maldito precioso* livro *perfeito*.

51

Deus, eu odeio todos os médicos.



Medicine Man



Saffron A. Kent

Capítulo Quatro

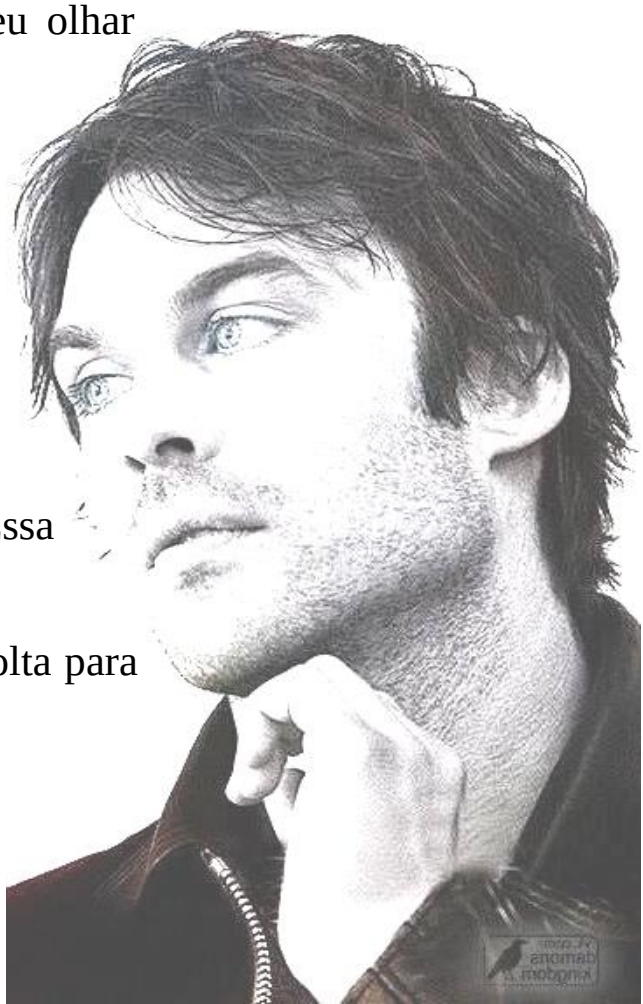
Todo mundo está olhando para ele. Como se ele fosse uma celebridade ou algo assim.

Bem, quase todo mundo.

Eu? Eu não estou olhando, exceto olhares ocasionais aqui e ali.

Uma enfermeira vem até mim com um copo de plástico, tirando meu foco do novo médico. O copo contém a chave para fazer o meu cérebro feliz. As pílulas Prozac, lítio, Zoloft, Effexor. Não posso mais me lembrar deles.

Tomo-os e engulo o remédio mágico, de sabor azedo, que vai roubar meu sono, tudo em nome dos efeitos colaterais. Quando ele não vai embora, dou uma olhada nele. Ele me dá seu olhar característico.



Certo.

Estreitando meus olhos para ele, eu abro minha boca e mostro minha língua para ele examinar. Quando ele está satisfeito que eu engoli minhas pílulas como uma boa menina, ele se afasta.

— Acha que ele está comprometido? – Essa é a Renn.

Com suas palavras, mudo meu foco de volta para o meu inimigo.



Ele está no corredor com Beth e alguns dos membros da equipe. E nós estamos na sala de TV. Deveria estar lendo meu precioso livro, mas toda a conversa murmurada e sussurrada está mexendo com a minha inspiração.

— Não importa se ele é. – diz Penny e volta a ler. Eu não tenho ideia de como ela faz isso. Eu gostaria de ter seu foco.

— Exatamente. Quero dizer, ele é sexy o suficiente, com idade suficiente e indisponível o suficiente para mim. Vou atrás dele de qualquer maneira. – Renn encolhe os ombros, equilibrando sua cadeira nas duas pernas traseiras.

Vi bufa, mudando os canais na TV.

— Deus, ele é bonito. Tipo, muito bonito, sabe. Realmente vou ter que me impedir de não chamá-lo de papai em nossos encontros.

— Ai credo. Pare. – Penny diz.

Concordo com a Penny enquanto jogo o meu livro na mesa. — Sim. Pare. Ele é como qualquer outro médico idiota que eu já conheci.



— Não seja uma má perdedora. Além disso, pensei que eu estava morta para você. – Renn me joga um beijo.

Eu reviro meus olhos para ela. Depois do que ela fez comigo na frente de Beth e do Dr. Blackwood, estou superbrava com ela. Mas claro, ela não se importa. Ela é a Renn.

— Você está. Eu só gosto de falar com cadáveres.

— Você tem problemas.

Eu mostro minha língua para ela e isso só a faz



rir. Quando vou olhar rapidamente para o grupo em pé no corredor, encontro Dr. Blackwood olhando diretamente para mim. Eu sinto um choque percorrer meu corpo.

Ele é todo olhos cinza e cara legal. Claro, daqui não consigo ver a cor deles, mas lembro de antes. Eu me lembro de cada vez que olho para o céu chuvoso.

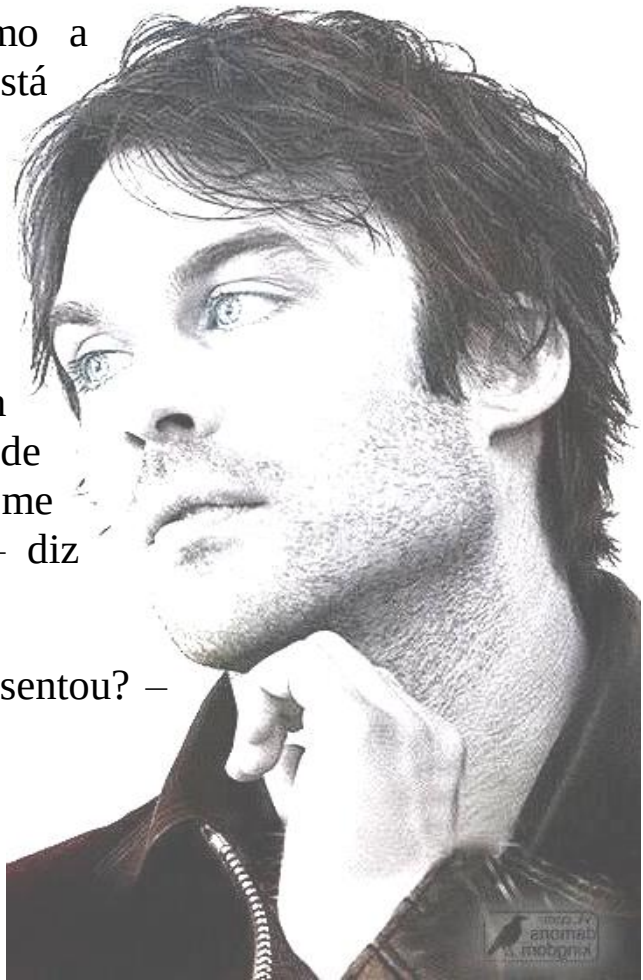
Por que os seus olhos tinham que ser da minha cor favorita? Não é realmente justo. É como odiar alguém vestido como Hagrid, o amistoso meio-gigante de Harry Potter. Você não pode odiar o Hagrid; ele é muito legal.

Olho para longe dele, enojada.

— Não acho que ele é como qualquer outro médico que você conheceu. Eu quero dizer, o pai dele fundou este lugar. Olá? Alerta para gênio. Então, tecnicamente, isso está no sangue dele. Ciência e medicina. – conclui Renn.

Ela está certa.

A medicina está em seu sangue. Como a doença está no meu. O meu sangue está contaminado com veneno e o dele contêm o antídoto.



O maldito contraste. Não sei por que isso me ocorreu, muito menos me incomoda.

— Sim, Dr. Alistair Blackwood foi um dos melhores psiquiatras. Eles ensinaram um de seus livros na escola de medicina. Eu me pergunto onde ele está nos dias de hoje. – diz Penny.

— O que aconteceu com ele? Ele se aposentou? –



pergunto, apesar de tudo.

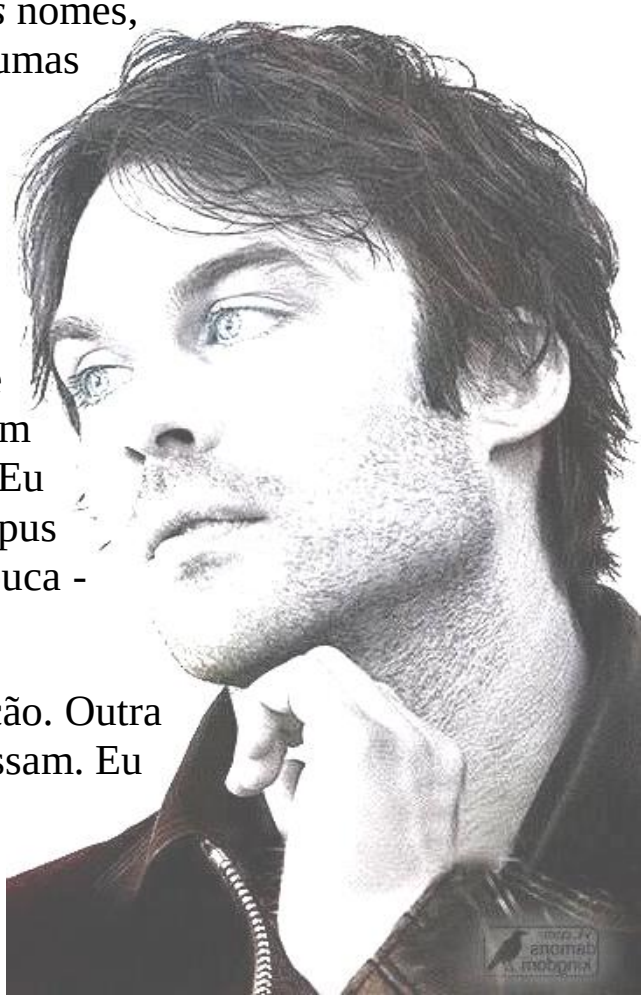
— Quase. Ele simplesmente parou de exercer há alguns anos. – contribui Renn. — Meu pai estava bem dividido sobre isso. O conselho do hospital não ficou satisfeito com a mudança. Significando, que o meu pai não ficou feliz com a mudança.

O pai de Renn é um dos membros do conselho deste hospital. Às vezes sinto que Renn continua voltando aqui porque ela quer chamar sua atenção. E ele continua a enviando aqui porque simplesmente não se importa.

Mas então, o que eu sei dos pais? Eu nunca conheci o meu. Não sei nada sobre tentar chamar a atenção do seu pai, como Renn, ou seguir seus passos, como Dr. Blackwood.

Indiferente e distante, Dr. Blackwood.

Ele mal fala com o grupo de pessoas. Ele está simplesmente ouvindo, enfatizando com acenos educados. Aposto que nem se lembra de seus nomes. Aposto que nem se lembra de *nossos* nomes, de Renn e do meu, e nos conhecemos há algumas horas.



De qualquer forma, isso não é da minha conta. Eu não me importo.

Já tenho problemas suficientes. Por exemplo, estar presa no Interior. Longe de tudo e de todos. Onde só consegue falar com sua família ou vê-los uma vez por semana. Eu pedi a minha mãe para não me visitar - eu impus um limite para ela me ver assim, trancada e louca - então falar ao telefone é a minha única opção.

Hoje é esse dia. Eu chamo de dia da ligação. Outra coisa sobre estar no Interior é que os dias passam. Eu



não sei se é segunda ou terça-feira ou se eles ainda seguem o calendário normal, como do lado de fora. Eles são todos a mesma coisa.

A única razão pela qual sei que é o dia de ligação é porque as pessoas continuam desaparecendo no corredor com um enorme sorriso ou apreensão em seus rostos, e voltam dez minutos depois com aquele sorriso no lugar, ou com lágrimas ou raiva em seus olhos.

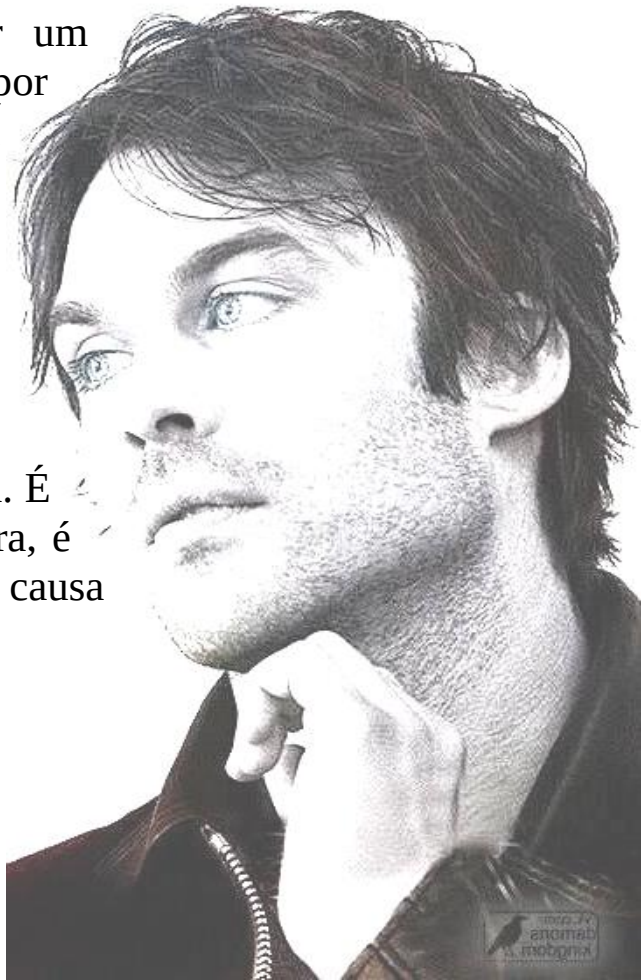
Eu temo os dias de telefonema. Eu os quero demais e, quando acaba, sinto-me desolada e com saudades de casa. E com raiva.

Poucos minutos depois, eu me vejo em uma pequena sala com dois sofás, escrivaninhas e telefones de discagem rotativa antiquados. Coisas escuras e monstruosas.

Sento-me na mesinha, logo abaixo da janela chuvosa. Engolindo, eu pego o fone. — Alô.

— Ei, querida. – minha mãe diz.

Uma ardência nos meus olhos e cascalhos no fundo da minha garganta rouba o meu fôlego por um segundo. Tenho tantas saudades dela. Então, por mais que tenha que apertar o receptor com força, seguro o braço da minha cadeira, para que eu não caia.



— Ei, mãe. – eu sussurro, densamente.

— Como está o meu bebê?

Sua voz é suave, mais suave que o normal. É assim quando ela está cansada ou triste. Agora, é o último. Ela está triste por minha causa. Por causa de como eu estou fodida.

— Estou bem. Como você está?



— Eu estou bem também.

— É? Como está o trabalho?

— Sabe, estamos ocupadas. Temos um casamento enorme chegando, então nós estamos todos desordenados.

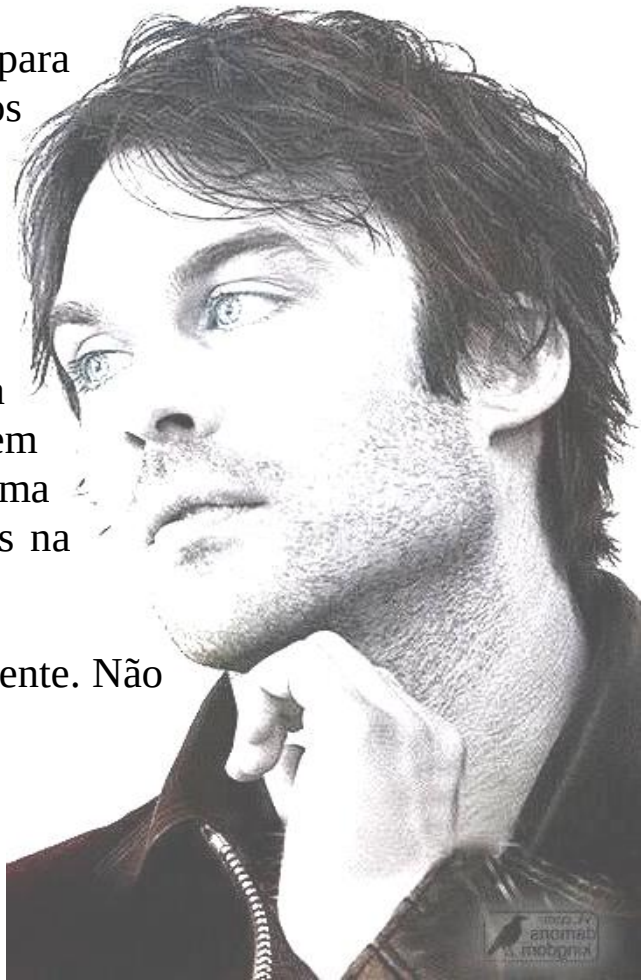
Se fosse duas semanas atrás, teria perguntado quem vai se casar. Ou talvez ela tivesse voluntariado essa informação ela mesma. Mas não faz duas semanas. Isso é agora. E nós não falamos mais do que o necessário.

— Que bom. Fico feliz. – digo, lamentavelmente.

Estranhamente.

Minha mãe e eu, quase nunca temos momentos difíceis. Na verdade, ela é a minha melhor amiga - minha única amiga - desde que eu nasci. Ela me conta tudo e eu também. Bem, quase tudo. Há certas coisas que não posso perguntar a ela ou dizer porque ela vai surtar.

Mas o Incidente do Telhado mudou tudo.



Isso veio como um grande choque para ela. Ainda mais do que o meu diagnóstico, aos 14 anos.

Minha mãe estava tão abalada naquele dia no hospital. Olhou para mim como se eu fosse desaparecer a qualquer momento. Tipo, se eu estivesse *planejando* desaparecer a qualquer segundo. Não saiu do meu lado nem uma vez. Não até que me levaram para uma admissão obrigatória de quarenta e oito horas na ala psiquiátrica.

Não sei se ela vai confiar em mim novamente. Não sei se *vou* confiar nela novamente.



— Como estão as coisas para você? Eles estão... Estão te tratando bem?

Eu quero dizer que eles são maus, todos eles. Quero dizer à minha mãe que eles me mantêm acorrentada na minha cama e me dão choques elétricos. Que estão me deixando mais louca. Dia após dia, eu estou perdendo minha sanidade restante.

Mas eu não vou.

Eu não vou mentir. Não sobre isso. Não posso sobrecarregá-la mais do que já tenho. Não importa o quanto zangada eu esteja com ela por me enviar aqui.

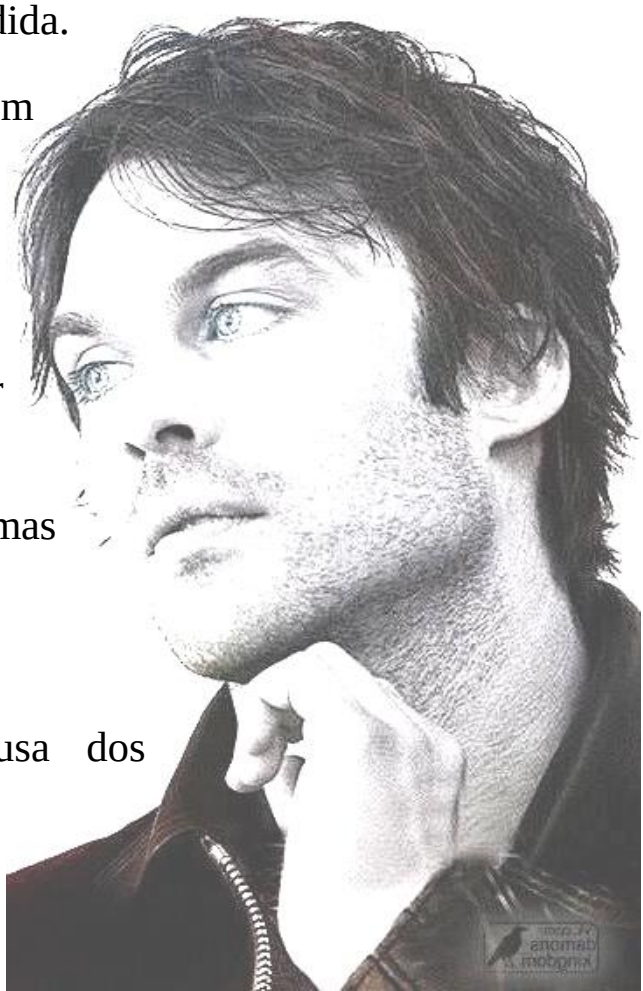
— Eles estão me tratando bem. – digo, finalmente.

— OK. Ok, isso é bom.

Há silêncio e tenho medo de que este seja o fim da nossa conversa.

Deus, como isso aconteceu?

Eu odeio isso. Eu me odeio por ser tão fodida.



Eu odeio minha mãe por não acreditar em mim.

— Então, eu... – minha mãe começa e eu sento ereta, ansiosa para ouvi-la falar. — Estou pintando o seu quarto de amarelo claro. Eu li na revista que isso deveria trazer calma. É bom para seus… pensamentos.

Fecho a minha boca enquanto as lágrimas surgem nos meus olhos.

Pensamentos.

Sim, tudo está acontecendo por causa dos



meus *pensamentos*, não é?

— Mãe, você não precisa fazer isso. Eu estou... Francamente, estou bem. Eu não... Eu não sou...

Louca.

Dói-me tanto que a machuquei. Que ela não confia em mim quando digo que não preciso estar aqui.

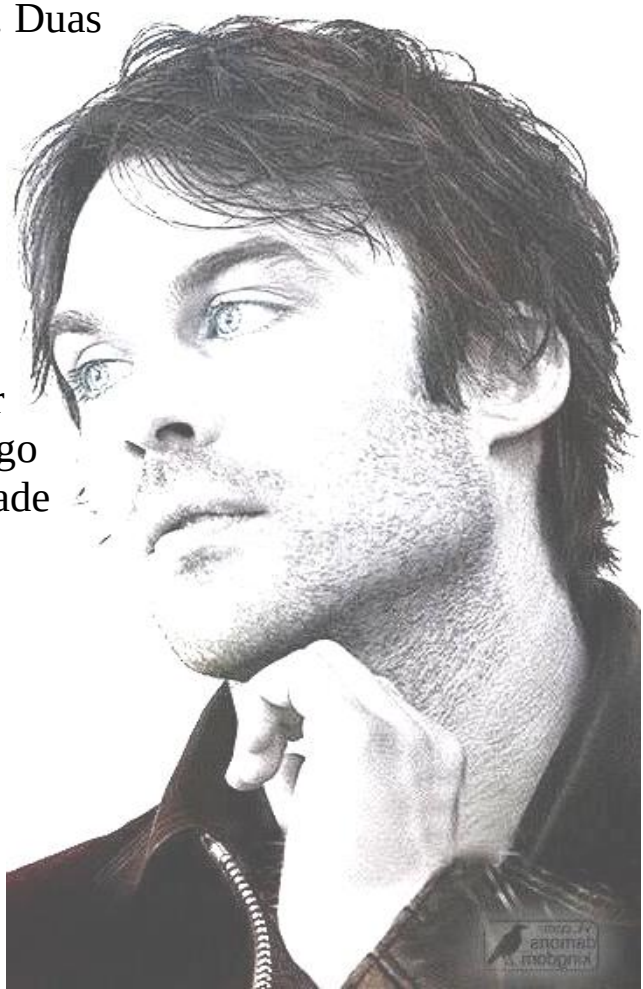
— Só estou tentando fazer tudo que posso, querida. Tudo o que eu posso fazer para tornar isso mais fácil. – ela sussurra.

— Mãe, tudo é mais fácil. Está tudo bem. Eu continuo dizendo a você. Eu não... Eu não preciso estar aqui.

Seu suspiro é frustrado. — Não isso de novo, por favor.

— Mas é verdade, mãe. Eu não pertenço aqui. Eu não preciso estar aqui. Estou bem. Foi uma coisa de uma vez e... – eu olho para o teto. — Por favor, mamãe. Deixe-me voltar para casa.

Não estou em casa há duas semanas. Duas malditas semanas.



Pode não parecer muito, mas nunca morei longe da minha mãe. Na verdade, eu ia ficar em casa enquanto frequentava a faculdade. Nós tínhamos tudo resolvido. Eu ia passar meu verão trabalhando na livraria como sempre faço. Então, a mamãe ia tirar uma folga da boutique e nós iríamos fazer algo divertido juntas antes de minha faculdade começar.

Mas agora estou presa aqui.

Tudo por causa de um erro tolo.



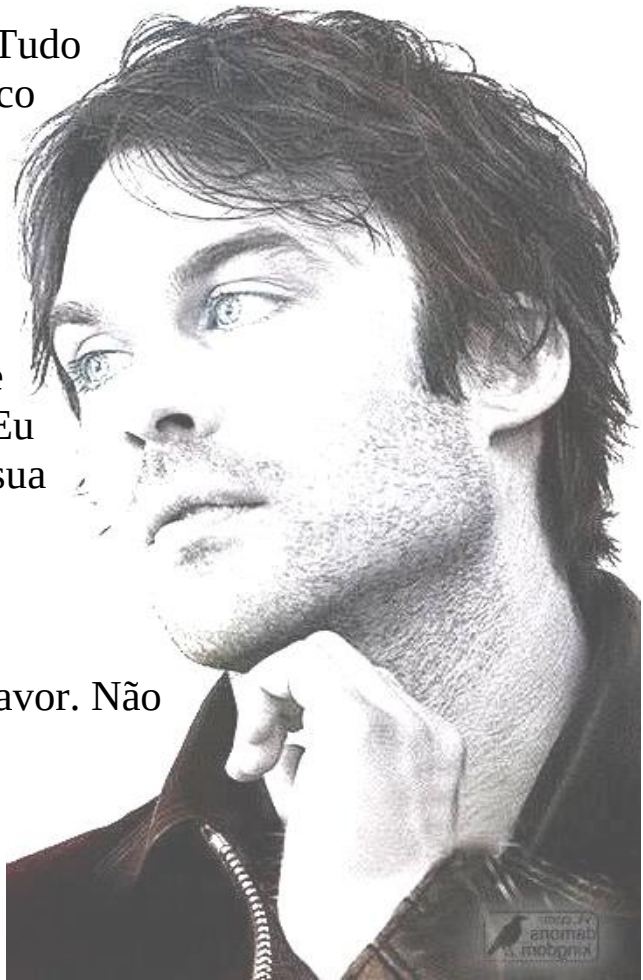
— Eu também quero você em casa, mas você precisa estar aí. Você precisa consertar isso. Eu não posso... Eu não posso passar por isso novamente. Eu não posso tirar aquele dia da minha cabeça. Eu não posso esquecer como você parecia. Tão pálida. Então... Sem vida. Deitada naquela cama. Eu só... Isso me dá pesadelos. E tudo por causa de um garoto? Eu ainda não consigo acreditar. Eu não posso acreditar que minha filha iria perder a cabeça por causa de um garoto. Na verdade... – ela respira fundo. — Fui à sua escola. Eu sei que prometi que não iria. Mas, Deus, eu não pude me conter. Eu quero localizá-lo e...

Sento-me ereta, segurando o telefone no ouvido, com medo de formigar minha nuca. — Mãe, não. Você prometeu.

— Eu sei. Mas é por causa dele que você está... Tudo aconteceu por causa dele. Você perdeu a cabeça por causa dele.

Limpo o meu nariz com as costas da minha mão. Estou tremendo. Eu estou com frio e suando. Não quero pensar *nele*.

Eu não quero que ela pense nele também.



Por que diabos eu contei a ela? Por quê? Tudo o que posso dizer é que estava tão em pânico naquele dia no hospital que nem percebi o que estava dizendo até que as palavras saíram. Mas então, era tarde demais para levá-las de volta.

— Mamãe. Deu-me a sua palavra. Disse que se viesse para Heartstone, esqueceria. Eu estou no Heartstone e você tem que manter sua promessa.

Ela suspira.

Deus, por favor, deixe-a desistir. Por favor. Não



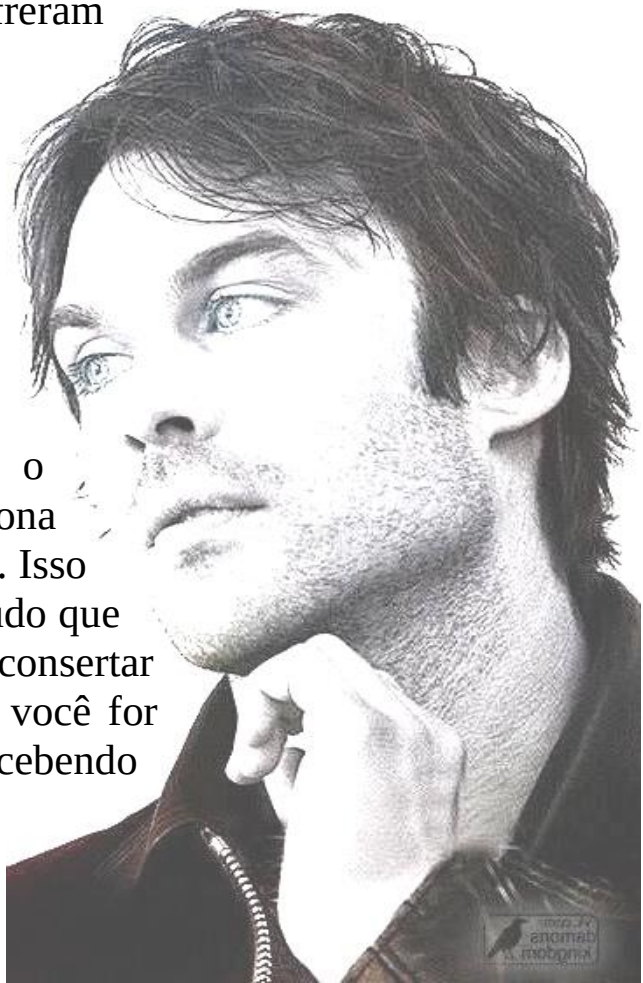
posso tê-la pensando sobre *ele*.

— Ok. Mas no futuro, não pode guardar segredos de mim. Entende? Nós não podemos ter você arriscando sua saúde por um cara. Eles não valem a pena. Rapazes, homens, relacionamentos... Nada vale a sua saúde. O amor é uma coisa muito estúpida para perder sua vida.

Minha família é todo tipo de superindependentes. Minha mãe e a minha avó, minha tia e a minha prima. Elas namoram, mas não se apaixonam. Elas têm as prioridades certas. Trabalho e família. Um homem só é bom como um apaziguador do estresse.

Meu pai era um. Acho que ela o conheceu em uma viagem a Paris. Ela estava lá a negócios e quando queria relaxar, ela o encontrou em um bar. Tudo o que sei sobre ele é que ele era alto e bonito. Eu gosto de imaginá-lo como um francês elegante chamado Jean-Claude, com olhos azuis.

Não posso dizer que sinto falta dele ou o quero em minha vida, mas eu adoraria conhecê-lo. Talvez ele pudesse me contar sobre a minha doença e como consegui, já que as Taylor nunca sofreram disso antes.



Eu me encolho e meu corpo se solta. — OK. Sim. Sem segredos sobre garotos.

Uma corrente de ar escapa dela. Longa e repleta Ela provavelmente esteve segurando essa respiração desde o incidente.

Eu quase posso vê-la se curvar com o alívio. Ela deve estar sentada em sua poltrona favorita na sala de estar, junto à lareira. — Ok. Isso é bom. Eu só quero que você melhore. Faça tudo que eles dizem para você fazer, ok? Temos que consertar isso. Sem mais recusar tratamento. E quando você for para a faculdade no outono, nós estaremos recebendo



um conselheiro de lá também. Prometa-me, ok? Prometa-me que vai melhorar.

Ranjo meus dentes. Novamente.

A recusa do tratamento é uma avaliação muito injusta. Eu nunca *recusei* o tratamento.

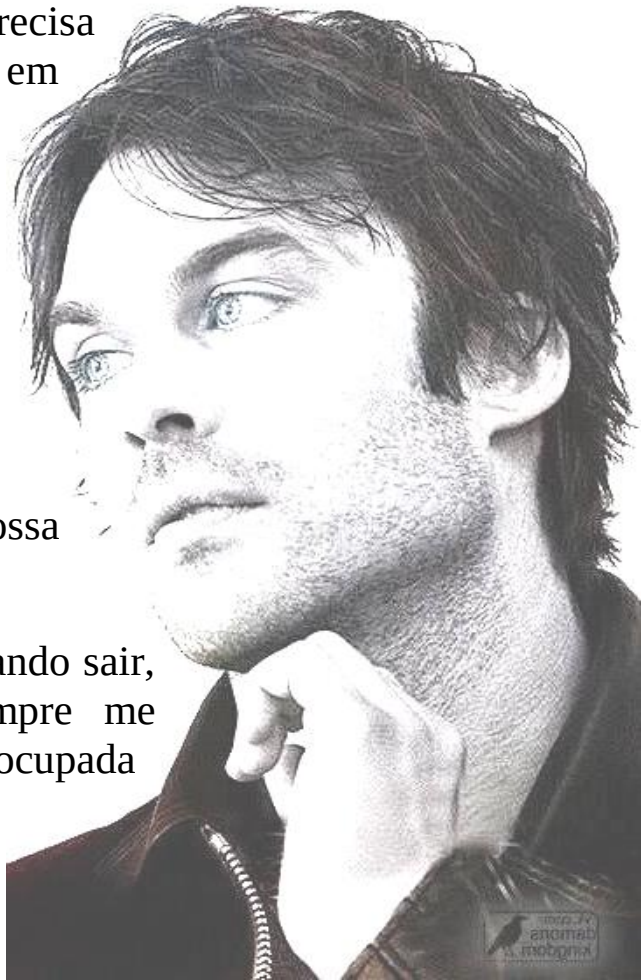
Odiava a terapeuta do hospital estadual, então eu poderia ter jogado água em seus prontuários porque ela estava sendo condescendente. E posso tê-la chamado de alguns nomes.

É isso aí. Foi tudo que fiz. Mas eu nunca *recusei o* tratamento.

E sim, eu poderia ter criado um tumulto quando no final do período de quarenta e oito horas, minha mãe veio me ver na ala psiquiátrica. Eu pensei que ela estava me levando para casa, mas ela disse que queria que eu fizesse um programa de internação de seis semanas em Heartstone, baseado na recomendação da médica.

Mas alguém pode me culpar? Eu pensei que estava finalmente indo para casa, não para uma clínica psiquiátrica no meio da floresta.

— Prometo, mãe. Vou melhorar. Não precisa se preocupar. – eu a tranquilizo novamente, em vez de discutir.



Dez minutos depois, quando tenho que desligar, tenho um desejo tão profundo de voltar para casa e abraçar minha mãe, que tenho que fechar os olhos.

Quatro semanas.

Quatro malditas semanas antes que eu possa ir lá fora.

Mas tenho a sensação de que, mesmo quando sair, nunca sairei. O Incidente do Telhado sempre me assombrará. Minha mãe sempre estará preocupada



comigo. Ela sempre estará me observando.

Deus, eu estou tão fodida.

Com as pernas trêmulas, levanto-me, pronta para sair, quando vejo uma figura alta na chuva.

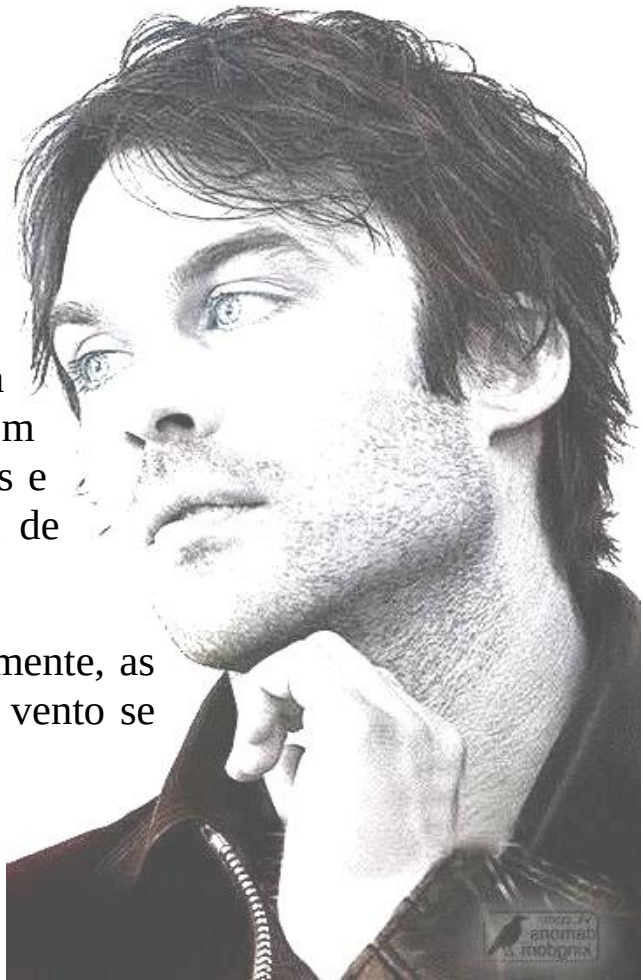
Como as árvores, a figura está embaçada e eu tenho que pressionar meu rosto na janela fria e permanentemente fechada para ter uma visão melhor.

É um homem.

Ele não tem nenhuma proteção contra o dilúvio enquanto está na grama, olhando para o céu que caia. É quase como se ele estivesse o desafiando a cair e fazer o pior para ele. Meus lábios se separam e minhas respirações embaçam o vidro enquanto eu o observo.

Quando ele olha para baixo, parecendo paralisado no momento, eu me pergunto o que ele está pensando. Eu também me pergunto por que eu me importo com seus pensamentos.

Nada sobre esse homem deveria importar para mim. Na verdade, eu odeio esse homem.



Simon Blackwood.

É ele.

Suas roupas estão encharcadas, a camisa marrom e as calças sociais, se agarram ao seu corpo como uma pele feita de tecido. Cada saliência, cada músculo esculpido está em exibição. Suas mãos estão enfiadas nos bolsos e há uma bolsa de carteiro pendurada em um de seus ombros.

Ele está saindo para o dia, acho. Normalmente, as pessoas esperam que a chuva passe ou que o vento se



torne menos cruel, mas não ele, eu acho.

Ponho meus dedos no vidro com inveja. A enfermeira me diz para se afastar da janela e do telefone. Ela me diz que é a vez de outra pessoa. Eu não a escuto. Eu bato meu nariz no vidro, permanecendo no chão.

Odeio que ele comece a chuva sempre que ele quiser, e eu não posso nem a ver sem que alguém me diga para recuar.

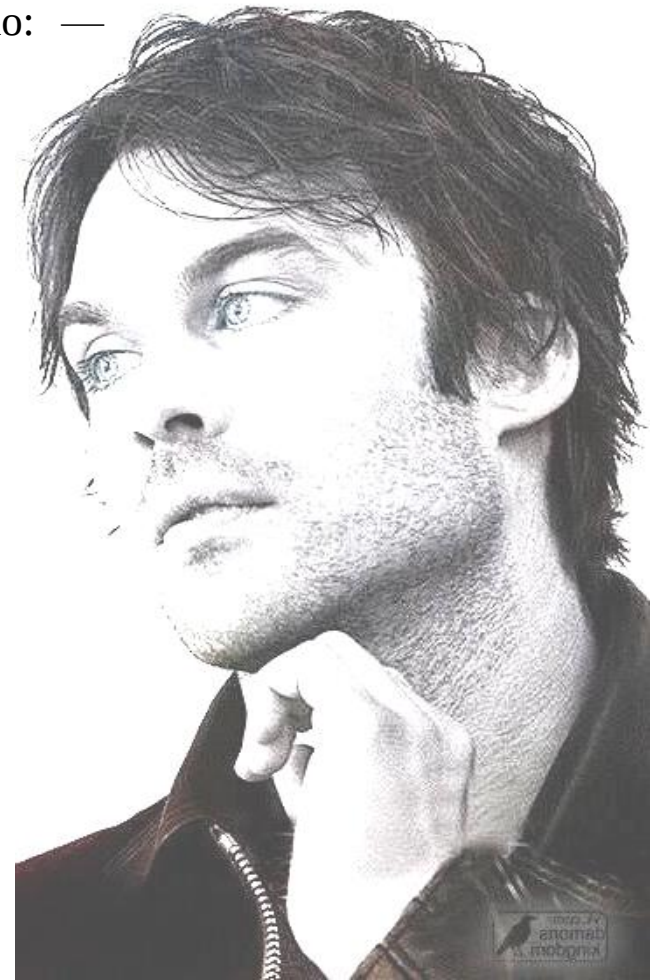
Odeio que ele possa sair por aqueles portões altos sempre que quiser e voltar para casa. Enquanto eu vou ficar presa aqui, me forçando a não sentir muita falta da minha mãe.

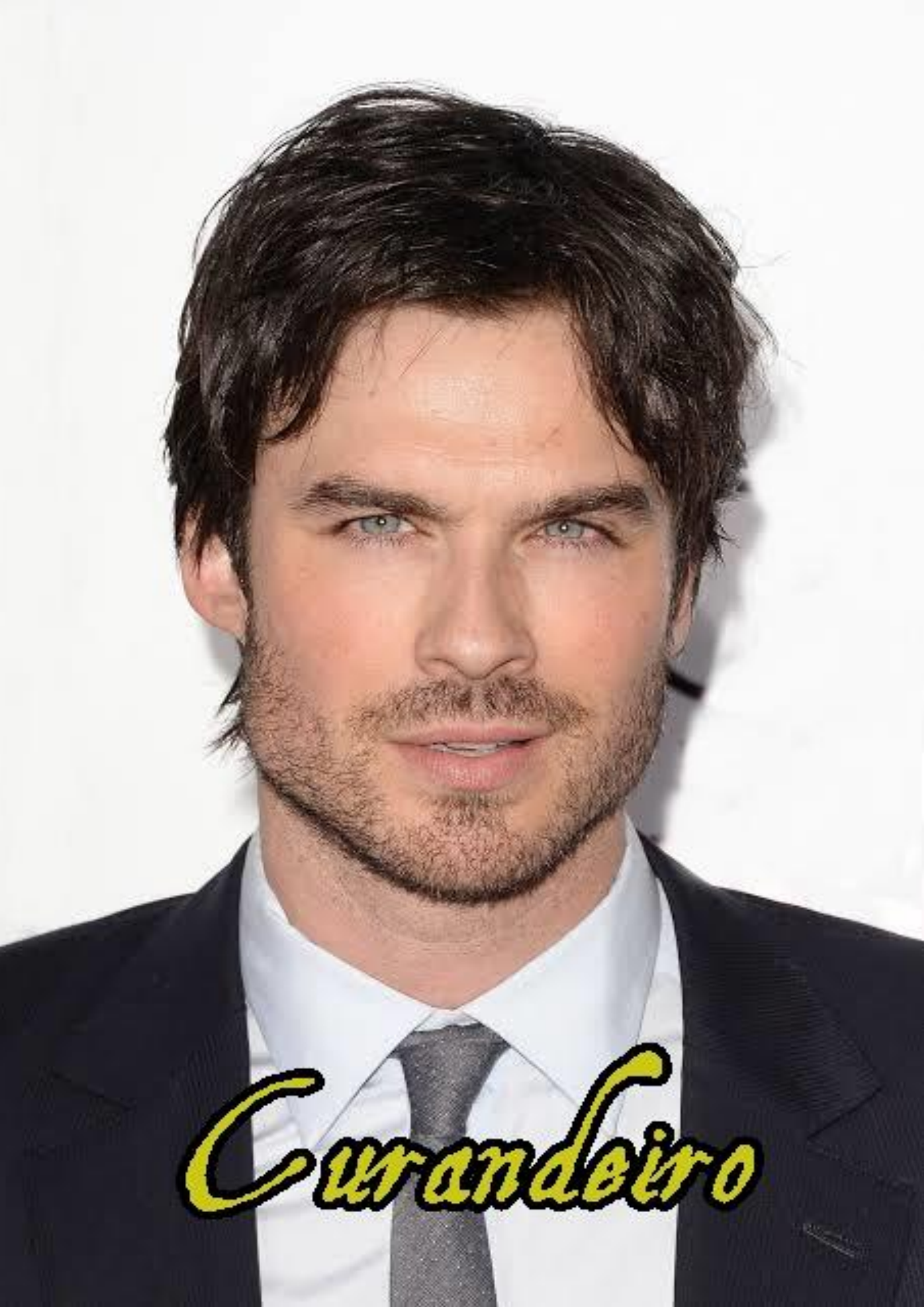
Acima de tudo, eu odeio quando ele lê meu prontuário, ele vai saber tudo sobre mim.

Cada coisa.

Ele saberá que sou louca.

Tão louca que a enfermeira finalmente desiste de me avisar e fisicamente me tira da janela, murmurando: — Você quer que eu chame os técnicos?




Curandeiro



Quando paro no cemitério na chuva, não espero ver ninguém lá.

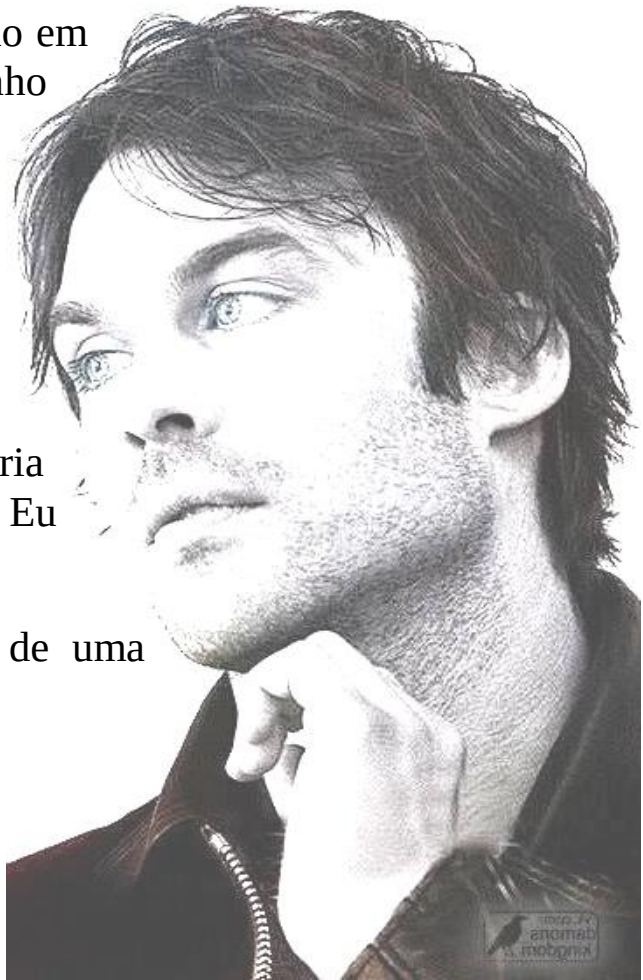
Muito menos um menino pequeno - um garoto que conheço - em um terno preto com a cabeça inclinada e os joelhos encolhidos, sentado sob a árvore enquanto os raios se espalham pelo céu.

Ele é o filho dos meus vizinhos. Bem, o filho do vizinho do meu pai. Eu já não moro mais naquela casa.

Meu primeiro pensamento é que ele está perdido; Eu não vejo seus pais por perto. Na verdade, não vejo ninguém por perto. Depois, vejo uma bicicleta na extremidade do lugar sombrio. Deve ser dele.

Meu segundo pensamento é que talvez ele esteja encontrando alguém aqui. Um amigo. Namorada? Mas um cemitério é um lugar estranho para encontrar alguém. Então, novamente, não tenho ideia do que as crianças estão fazendo nos dias de hoje.

Finalmente, decido que isso não importa. Não é da minha conta o que ele está fazendo aqui. Sozinho, na tempestade, com os ombros curvados.



Eu saio do meu carro, com a água batendo em mim. Quando eu ando por esses portões, tenho toda a intenção de não me importar e ir para o túmulo que vim aqui para ver. Eu tenho toda a intenção de fazer o que não fui capaz de fazer desde que me mudei de Boston alguns dias atrás. Eu estou pensando que hoje é o dia que vou fazer isso.

Mas passo pelo túmulo que eu deveria parar. Na verdade, nem presto atenção a ele. Eu continuo andando.

Meu foco é o garoto sentado debaixo de uma árvore.



Só o vi uma vez. Ontem, quando fui na casa porque Beth disse que o encanamento no banheiro do andar de cima estava vazando e que o encanador não estaria lá até amanhã. Eu disse a ela que iria consertar.

Embora não fosse da minha conta. O que acontece com aquela casa, que parecia estar em péssimo estado - telhados com goteiras, escadas quebradas, tábuas soltas - e o homem que morava nela. Até o salgueiro no quintal parecia prestes a morrer.

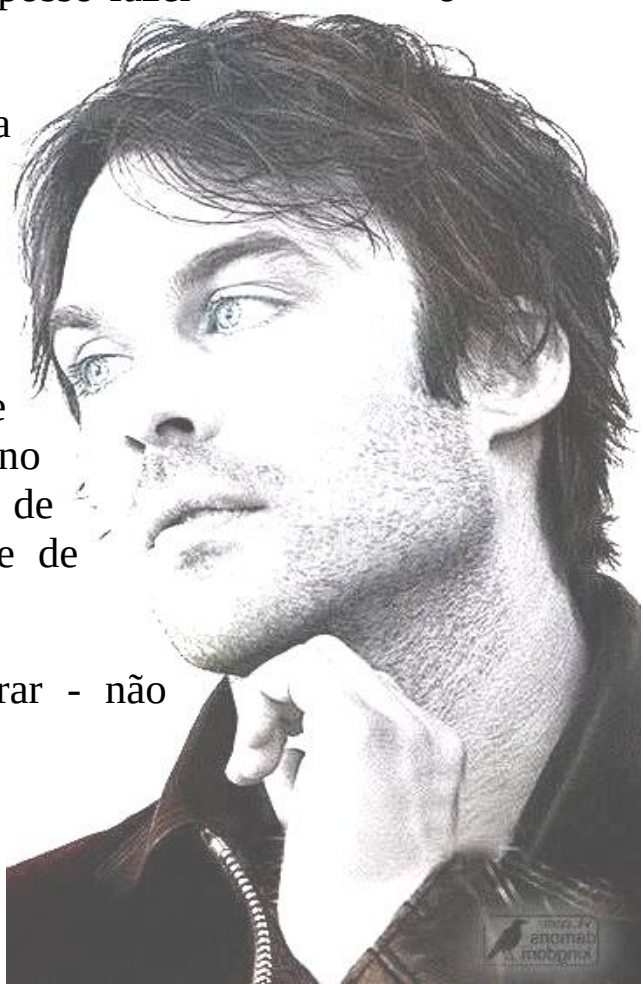
A criança olha para cima quando me aproximo e calculo sua idade em doze anos. Seus olhos estão inchados; ele está chorando.

Eu aperto minha mandíbula e inclino meu queixo para ele. — Ei.

Ele fungou e olhou para mim. — Minha mãe disse para não falar com estranhos.

Eu enfiei minhas mãos nos bolsos e acenei. — Ela disse para você se sentar debaixo de uma árvore durante uma tempestade também?

— Não. – ele encolhe os ombros. — Eu posso fazer o que quiser. Ela não está aqui para me impedir.



Ele desvia o olhar com raiva e digo para eu seguir em frente. Não há nada que possa fazer aqui. Ele está de luto, por qualquer motivo, e a dor não é algo que eu possa fazer muito a respeito.

Definitivamente não como médico. Existe até uma coisa chamada Exclusão de Luto no Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais. Ou seja, há um monte de debates sobre diagnosticar pessoas em luto.

O luto não é algo que eu possa reparar - não



clinicamente. Eu já deveria saber por muitos motivos.

Ainda assim, me sento ao lado do menino.

— Onde ela está? – eu olho para o oceano de sepulturas, apoiando meu cotovelo no meu joelho levantado. — Sua mãe.

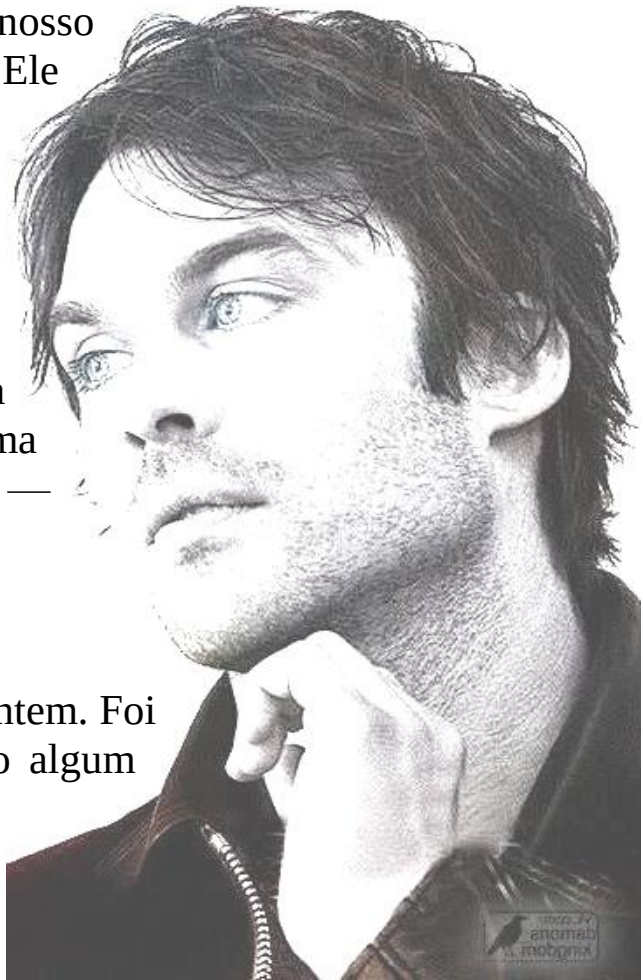
Ele arranca a grama encharcada do chão e diz: — Morta.

Eu sabia que ele ia dizer algo assim. Mas isso não torna mais fácil de ouvir. A morte nunca fica mais fácil. Mais chata, talvez. A dor de perder alguém. Mas está sempre lá.

— Como ela morreu? – pergunto, passando minhas mãos pelo meu cabelo encharcado.

O menino não fala nada por um tempo. Eu não sei se ele vai falar. Eu não falaria. Eu não falo, mesmo depois de dezenove anos. Eu enterrei isso como esses corpos mortos.

— Câncer. – diz ele finalmente, em voz baixa. Mas então ele aumenta, combinando o volume com a tempestade ao nosso redor. — O médico disse que ela ficaria bem. Ele disse que ia fazer tudo.



— E ele não fez?

— Não. Era para ser um procedimento simples. Eu pesquisei isso. Ela deveria ficar melhor depois da cirurgia. Mas ela nunca conseguiu sair. – Arrancando a grama mais uma vez, ele diz. — Imbecil. – e depois. — Desculpe. Eu sei que você é um médico.

Eu levanto minhas sobrancelhas para ele.

— Eu estava sendo um idiota. Eu te vi ontem. Foi a primeira vez que vi aquela casa recebendo algum



visitante. – ele encolhe os ombros timidamente. — E ouvi você. Estava falando sobre prontuários, casos hospitalares e pacientes ou qualquer outra coisa. Não queria insultar a sua espécie, mas também meio que insultei. Eu sou Dean, a propósito.

Eu rio, apesar do meu esforço é um som seco - e apoio a minha cabeça no tronco da árvore. — Simon. E não me importo. Os médicos são idiotas, sim. Eles acham que podem salvar a todos. Eles têm esse complexo de Deus. Acham que são heróis. Eles acham que o mundo inteiro depende deles. Como se não fossem capazes de cometer erros.

— Você tem um complexo de Deus?

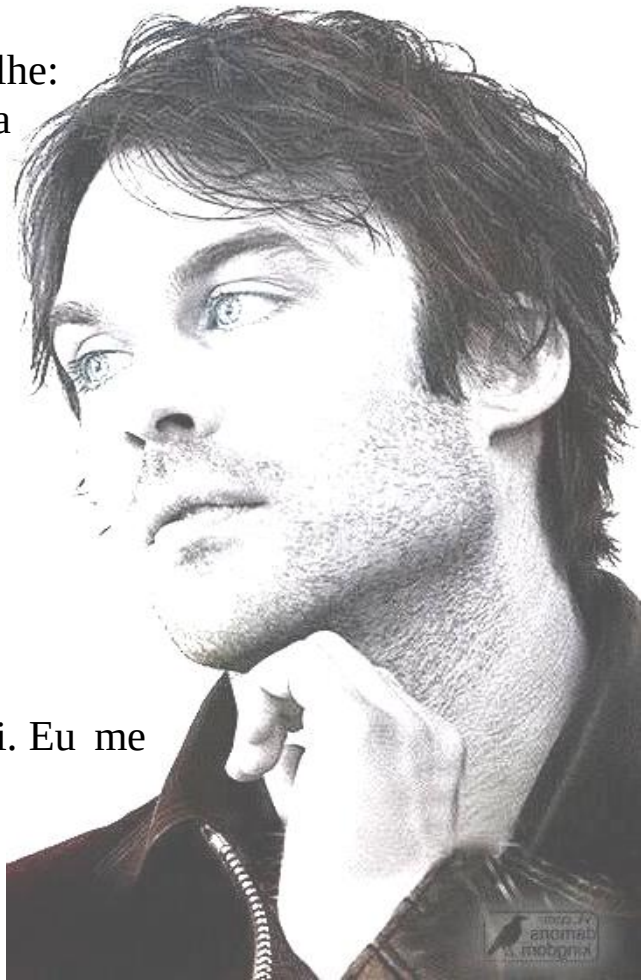
— Sim. Eu tenho.

— Então, nunca cometeu um erro? – ele pergunta com descrença.

— Não. – eu minto, fazendo-o rir.

Ele apoia a cabeça na árvore. — Eu sinto falta dela.

Por alguma razão, sou obrigado a dizer-lhe: — Claro. Minha mãe morreu quando eu tinha quatorze anos.



Dean vira a cabeça para mim. — De jeito nenhum.

Eu solto um encolher de ombros.

— O que aconteceu?

Eu suspiro, pensando nisso.

O que aconteceu?

Ela estava lá um minuto e depois se foi. Eu me



lembro de colocá-la para dormir. Eu me lembro de apagar a luz e voltar para o meu quarto.

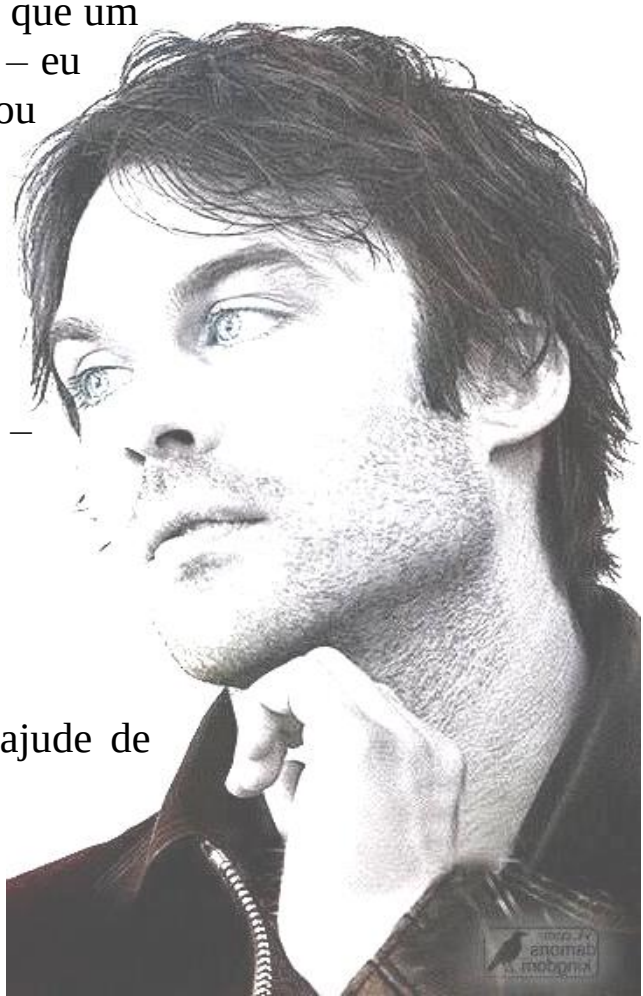
Houve uma festa que um dos meus amigos da escola me convidou para ir. Eu não costumava festejar. Eu nunca tive tempo. Além disso, eu não me divertia como com a maioria dos caras da minha escola. Eles se afastaram de mim porque gostavam de seus rostos e das suas grandes bocas, e eu gostava de falar com meus punhos.

Mas naquela noite estava debatendo se iria ou não. Pensei que ela parecia bem. Ela estava tendo uma série de dias bons, então talvez pudesse sair e esfriar a cabeça.

Mas depois disso tudo ficou confuso.

Desmaiei na minha cama e quando a manhã chegou, por alguma estranha razão, eu estava frenético. Ansioso. Corri para o quarto da minha mãe e lá estava ela. Na cama, da mesma maneira que a deixei. A única diferença era que ela não estava respirando.

— Não me lembro. Tudo que eu lembro é que um médico deveria salvá-la, mas ele não salvou. – eu respondo, dificilmente acreditando que estou tendo uma conversa sobre minha mãe com um menino de doze anos de idade.



Não falo sobre minha mãe com ninguém há anos.

— Você ficou com raiva dele? O médico. – ele pergunta.

— Sim.

— Você fez algo sobre isso?

Penso em não contar a ele, mas talvez ajude de



uma pequena maneira, saber que alguém sentiu o mesmo. — Soquei a cara dele.

Quero arrancar a grama como Dean fez. Minhas mãos tremem com a necessidade. Mas eu as fecho e as enfio nos bolsos.

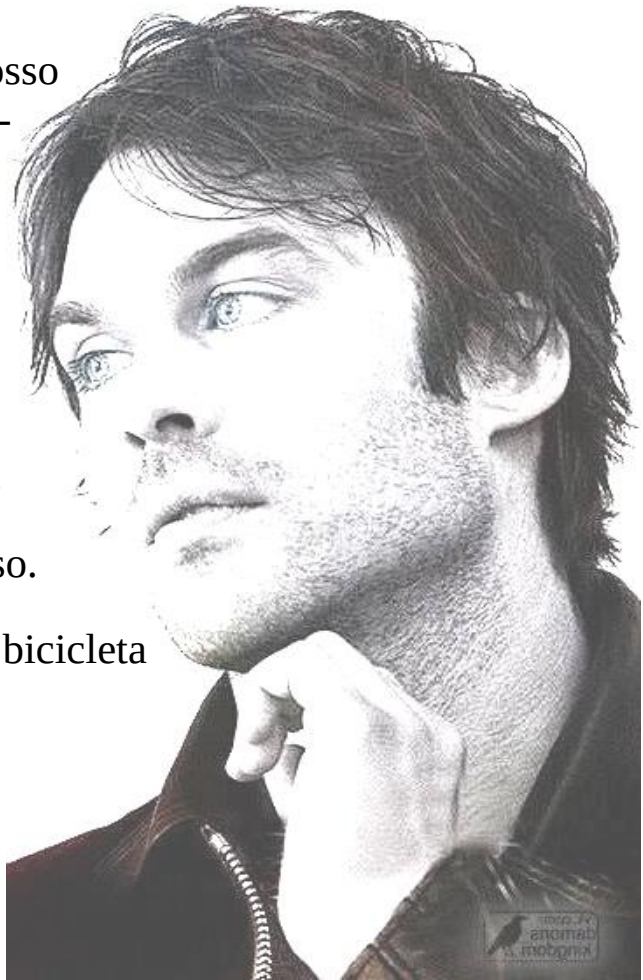
— Ah cara, isso é incrível. – diz ele com admiração. — Eu gostaria de poder dar um soco nele também. Mas meu pai não ficaria muito feliz com isso.

Eu me pergunto o que seu pai está pensando agora. Ele deve estar em pânico. Mas tenho a sensação de que, se eu aparecer com o filho dele ao meu lado, esse garoto estranhamente rebelde não vai gostar.

— Então, por que você se tornou um médico? – ele murmura depois de um momento.

— Porque eu queria ser melhor do que o homem que matou a minha mãe. – eu olho para o céu caindo. — Queria mostrar a ele que eu poderia fazer um trabalho melhor do que ele. Salvar todos.

— Você fez?



Algo acontece dentro de mim. Eu não posso nomear isso. Ou melhor, eu não quero nomeá-lo. Nomear isso significaria… que é real.

Eu falhei. Eu sou como ele e não posso lidar com isso.

Eu não posso *lidar* com ser como ele.

— Sim. – eu menti novamente, e ele sorri.

Nós nos sentamos em silêncio, depois disso.

— Essa é a sua bicicleta? – aponto para a bicicleta vermelha encostada na parede de tijolos.



— Sim.

— E aí? Está esperando por alguém? Você fugiu? O que?

Dean estreita os olhos para mim. — Você vai me dar um sermão sobre os perigos de fugir como um velho chato?

Desta vez, minha risada é mais alta, de surpresa; Eu não posso evitar. — Se você quer fugir, garoto, esse é o seu problema. Só não seja idiota sobre isso.

— Eu não sou idiota.

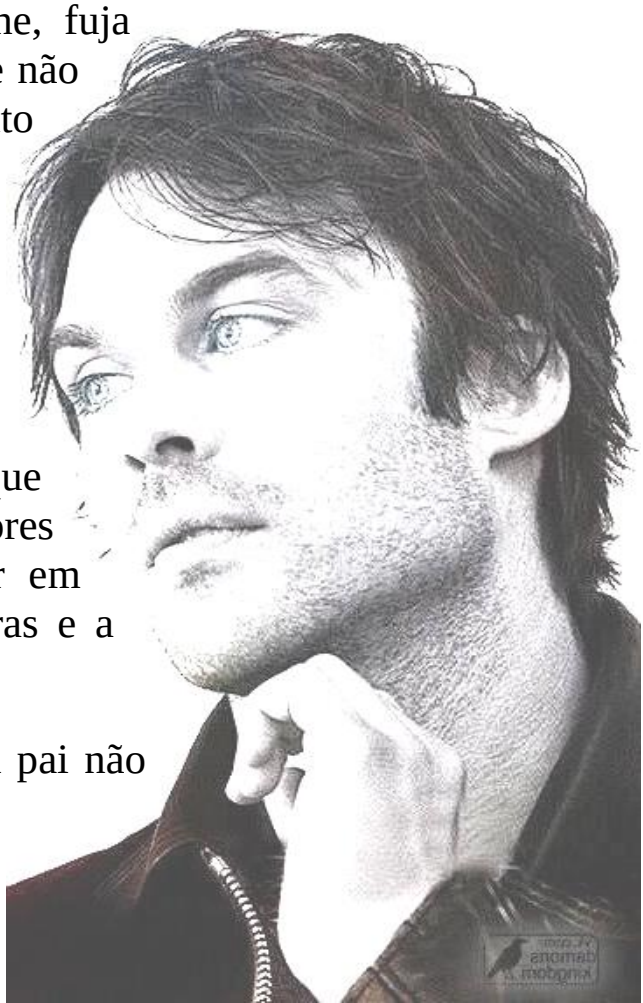
— Você está pensando em voltar?

— Talvez.

— Ah, então você está apenas tentando matar seu pai restante.

Ele engole, parecendo culpado. — Não estou.

Balancei minha cabeça para ele. — Olhe, fuja porque você realmente quer, ou simplesmente não faça nada disso. As birras por temperamento não parecem boas para ninguém.



Ele me olha por alguns segundos e eu quero rir em voz alta.

O que é uma façanha em si.

Não estava ansioso para hoje. Eu sabia que ia ser excruciante andar pelos mesmos corredores que eu visitei quando criança. Odiava estar em Heartstone. O cheiro e as paredes. Enfermeiras e a equipe técnica. Os pacientes.

Visitar Heartstone significava que o meu pai não



estava em casa e minha mãe queria que ele estivesse. Então ela me levaria com ela quando fosse vê-lo, ou eu iria procurá-lo na esperança de convencê-lo a voltar para casa.

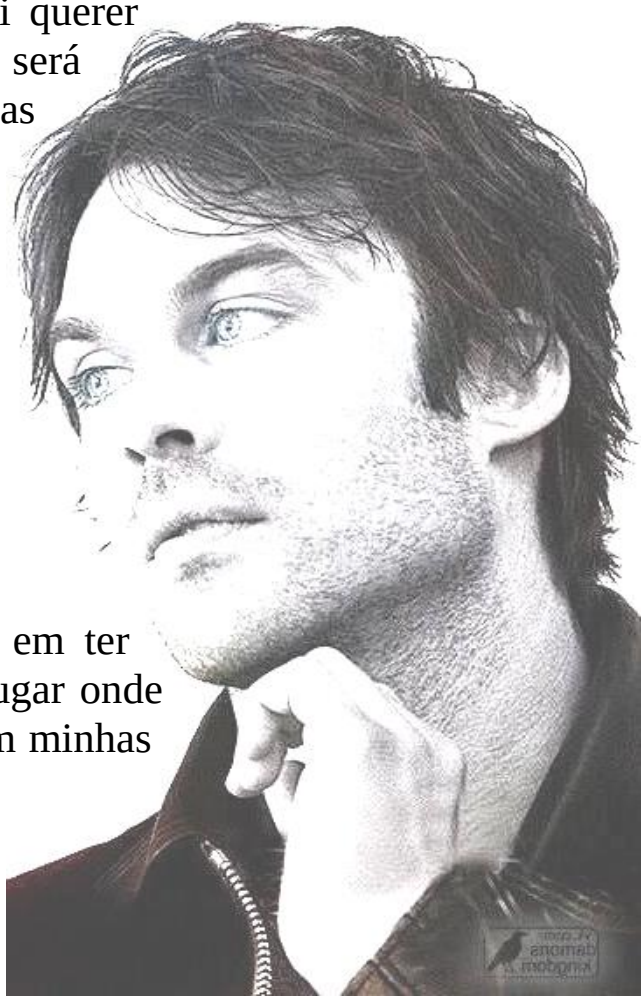
Se não fosse pelo Dr. Martin e seu súbito ataque cardíaco, eu não estaria aqui. Mesmo estando de volta a Boston, eu estava basicamente sem trabalho, voltando para casa, andando pelas portas do legado do meu pai e isso nunca foi o plano.

Mas os planos nem sempre funcionam.

— Odiei o funeral, ok? – Dean diz, com seus olhos se levantando novamente. — Odiei ficar lá atrás. Meu pai não disse nada. Minha irmã não parava de chorar. Eu tive que fugir. Não que isso seja da sua conta.

Não é. Ele tem razão.

Por experiência, sei que esta não é a última vez que ele vai chorar ou fugir. Esta não é a última vez que ele ficará com raiva. Meu corpo fica tenso com o pensamento de todas as vezes que ele vai querer socar alguma coisa ou alguém. Todas as vezes que ele vai querer esquecer a dor de perder a sua mãe, que será imprudente ou tão entorpecido que até suas veias congelariam.



— Sua irmã. Ela é mais nova que você?

— Sim. Por quê? – ele pergunta desconfiado.

— Ela gosta de balões?

— Sim.

Eu aceno, com o meu corpo relaxando em ter algo para fazer. — Vamos. Eu conheço um lugar onde podemos comprar balões. – eu fico de pé, com minhas



roupas grudadas em mim; Eu preciso de um banho para esquecer esse dia de folga.

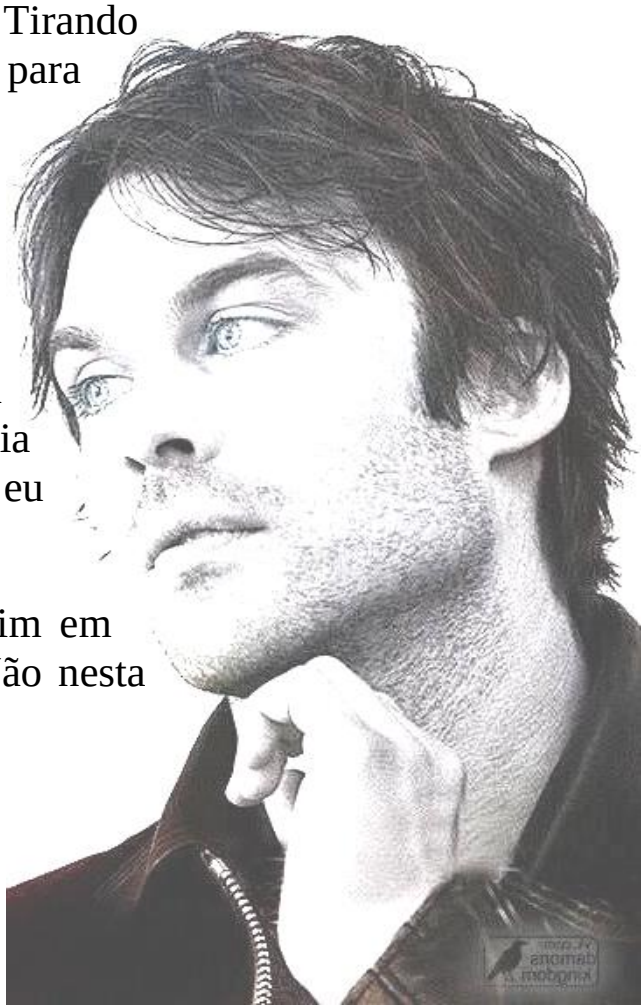
Nós caminhamos até o carro e penso em amanhã. Amanhã eu vou voltar e visitar o túmulo. Amanhã vou contar a ela tudo sobre o que aconteceu no hospital e por que voltei quando prometi que nunca voltaria.

Mas, novamente, dizer a ela seria admitir o fracasso e admitindo que eu poderia ser como meu pai - uma fraude - e já sei que o amanhã nunca chegará.

Chegamos ao carro e coloco a bicicleta dele na traseira. Dean gosta do meu carro, se os seus *oohs* e *ahs* forem alguma coisa. É um Mercedes sl550 conversível. Meu pai nunca dirigiu um Mercedes. Essa foi a única razão pela qual eu comprei. Para provar que tenho um carro melhor que ele.

Eu levo Dean para a loja, onde compramos um monte de balões. No momento em que eu o deixo na casa funerária, a chuva parou.

Eu o ajudo com seus balões e bicicleta. Tirando meu cartão do meu bolso, eu digo: — Ligue para mim se você tiver problemas.



— Você vai ficar por um tempo?

Olho para o céu nublado, enfiando minhas mãos dentro dos meus bolsos. Se eu voltar a Boston, eu poderia ser promovido. Ia ser o chefe do departamento de psiquiatria deles. O mais jovens em sua história. Até que eu deixei o cargo.

Não sei se sobrou alguma coisa para mim em Boston. Mas também não posso ficar aqui. Não nesta cidade.



Eu não posso dizer isso para esse garoto, no entanto. Não faço ideia do porquê. Mas não posso tirar sua esperança quando ele está me olhando assim.

— Eu acho que sim.

Ele sorri, amarra os balões na sua bicicleta e começa a pedalar. Eu fico lá até vê-lo atravessar a porta e depois ir embora.

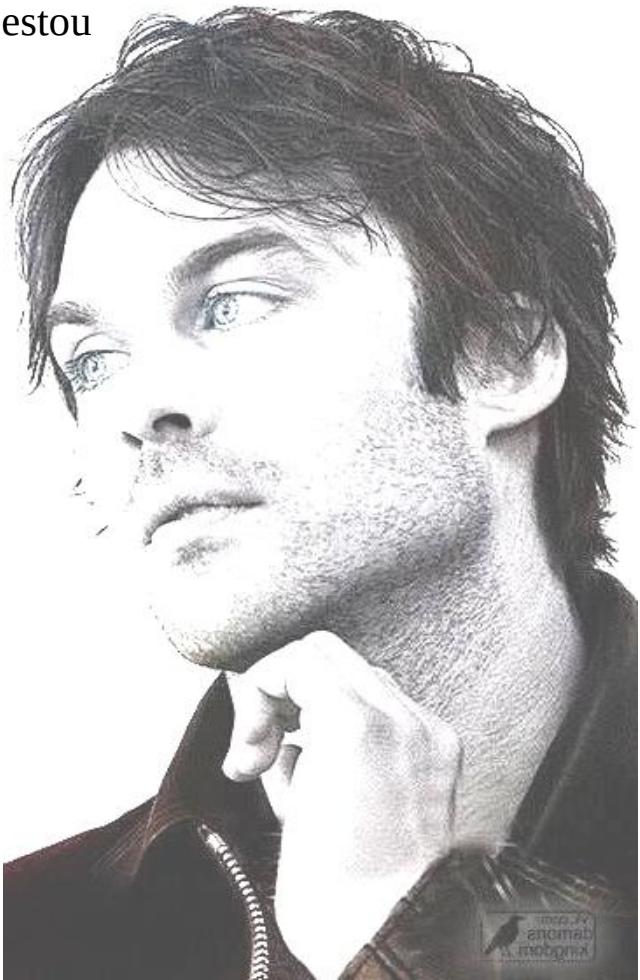
Embora, não para casa. Para um hotel.

Um par de horas depois, estou fora do chuveiro e na cama. Eu tenho prontuários de pacientes para ler antes das próximas reuniões esta semana.

Abrindo o meu laptop, eu entro no sistema. As palavras parecem embaçadas, como se estivesse olhando através de uma água cristalina. Eu estendo a mão e pego os óculos na mesa de cabeceira. Não importa o quanto tente negar, eu preciso de óculos para ler agora.

Meus olhos ficaram débeis. Como o *dele*.

Coloquei os óculos e as palavras na tela fazem sentido. Claras como cristal. Eu pego o único prontuário em que estou interessado, por algum motivo insondável.



Nome: *Willow Audrey Taylor*.

Idade: *18*

A garota com o cabelo platinado e um livro rasgado.

A garota que gosta de inventar coisas.



Capítulo Cinco

Na manhã seguinte, sou convocada pelo rei.

O Rei Gelado.

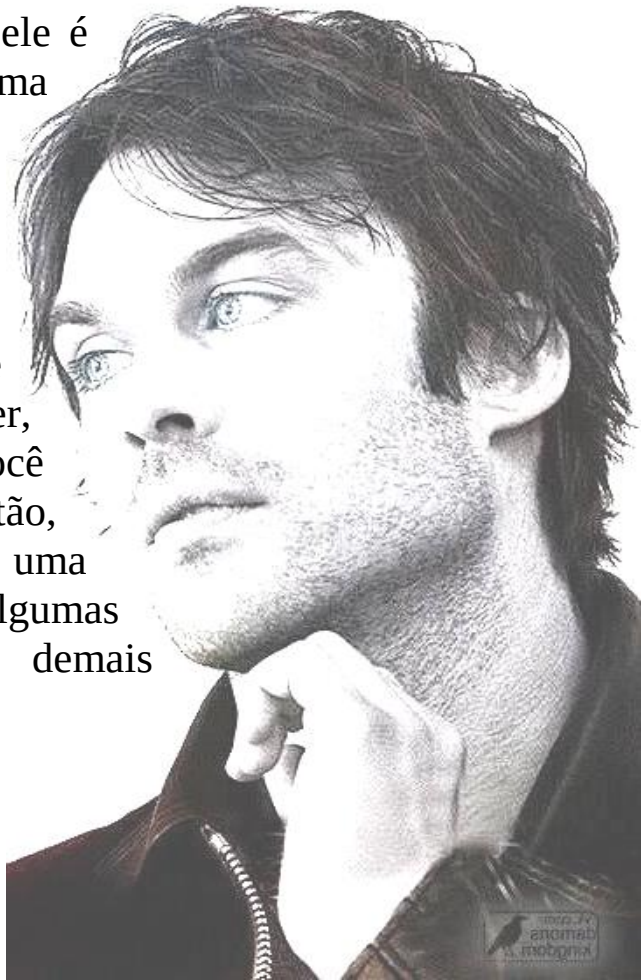
Isso é o que eu estou o chamando agora.

Ele está tentando conhecer os pacientes, foi o que Beth e uma das enfermeiras me disseram no café da manhã.

Eu estou na porta dele agora. Uma porta marrom polida que ainda diz o nome do Dr. Martin. Embora o homem dentro não seja nada parecido com Dr. Martin. O homem dentro é muito mais duro e muito mais frio.

Daí o nome.

Mas tudo ficará bem. Quem importa se ele é frio e desajeitado? Não tenho que passar uma eternidade com ele naquela sala. Entrar. Sair.



— Seja calma, doce e gentil. – murmuro para mim mesma. — Não aceite provocações. Não jogue água em seus papéis. Não fique na defensiva, Willow. Ele não acha que você é louca, ok? Quero dizer, provavelmente pensa isso, mas tanto faz. Você não está aqui para impressioná-lo. Então, relaxe. Vai ficar tudo bem. Não seja uma idiota. Ele provavelmente vai fazer algumas perguntas que não tem nada demais e *muito* casuais. Responda-as. Somente...



Sou interrompida no meio da fala quando a porta se abre, movendo minha franja. Eu olho para cima e fico cara a cara com o Rei Gelado.

Dr. Simon Blackwood.

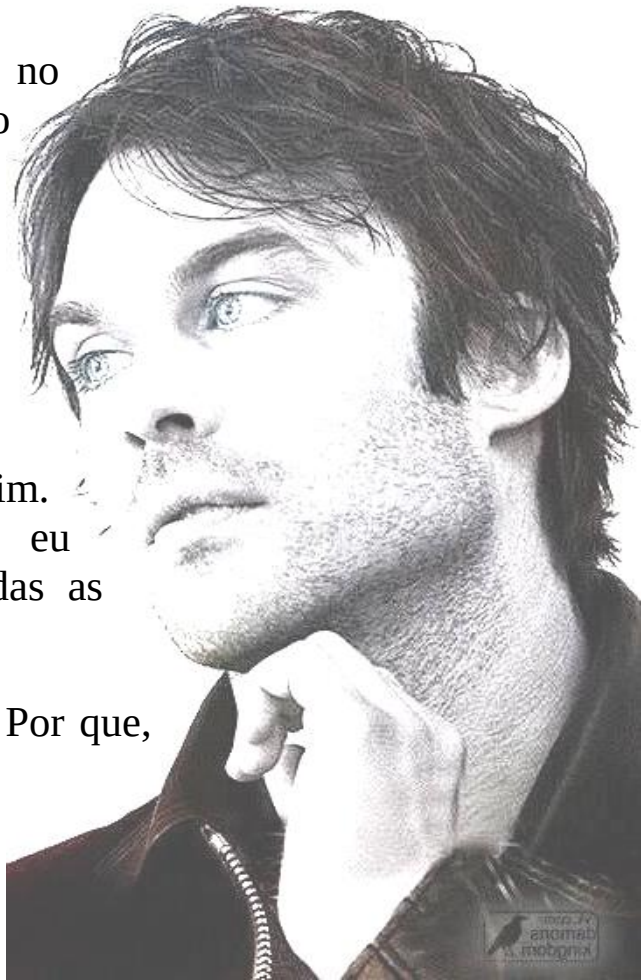
Se eu achei que ele não poderia ficar mais indiferente e mais inacessível do que ontem, eu estava errada. Ele está ainda mais distante do que antes em seus óculos de armação de tartaruga. Grande, em formato quadrado. Antiquado e atemporal.

Tipo como ele.

— Você estava falando com alguém? – ele pergunta com sua voz grave, com seus olhos cor de tempestade ainda mais nítidos por trás dos seus óculos. O que é totalmente ridículo e sem sentido. Uma camada de barreira deve diminuir seu efeito, não melhorá-lo.

— Não.

Isso não é mentira. Quero dizer, tecnicamente, estava falando comigo mesma, *não com alguém*.



Ele olha de um lado para o outro no corredor, que está praticamente vazio, exceto pela agitação na enfermaria no final. Seu consultório está localizado na área que não é de livre acesso para os pacientes, a menos que tenham um agendamento prévio.

— Tem certeza?

— Sim. Não há ninguém aqui além de mim. – E então, só porque não consigo parar, eu acrescento: — Por que, você acha que todas as pessoas loucas falam sozinhas?

Seu olhar penetrante encontra o meu. — Por que,



você está louca?

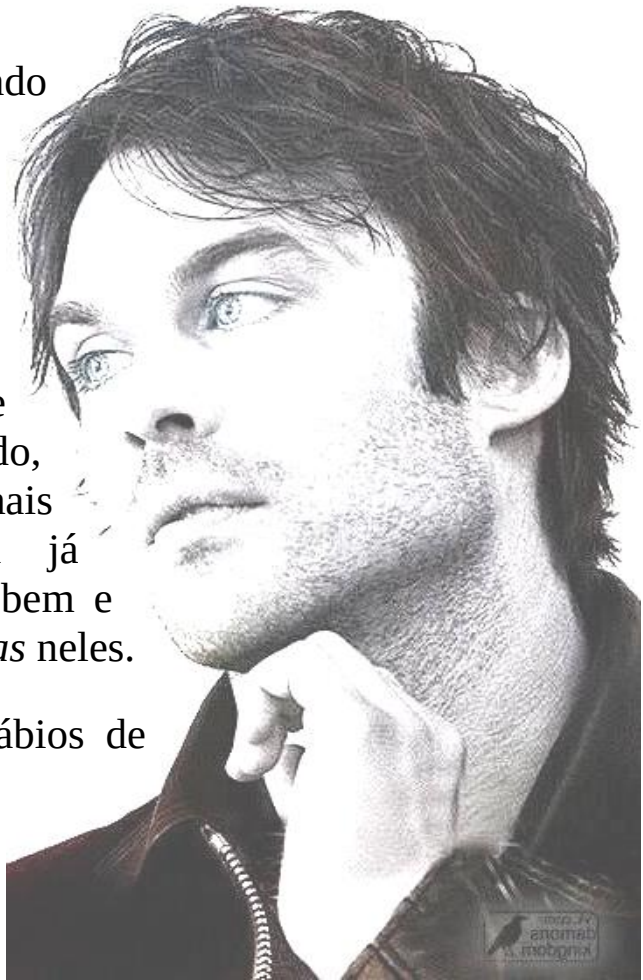
— Agora *isso* é uma pergunta complicada, dado onde estamos agora? – eu cruzo meus braços sobre o peito, mentalmente me chutando.

Por que diabos tenho que ser defensiva assim? Nem todo mundo está tentando chegar até mim.

Ele me observa. Seus olhos cinzas vagam pelo meu rosto e minha franja crescida. Eu sopro sobre ela e no seu tique de mandíbula. Sinto um leve arrepio e quase invisível. Eu provavelmente não teria se não estivesse tão perto dele.

Esse é todo o problema, na verdade. Estou muito perto dele. Quero dar um passo para trás e ficar longe. Nós provavelmente deveríamos ter uma distância de um braço entre nós. *Distância de dois braços.*

Estou prestes a me afastar de uma maneira que ele não perceba quando ele fala, trazendo minha atenção para seus lábios. — Uma coisa que você aprenderá sobre mim, Willow, é que não faço perguntas difíceis. E nem gosto de respostas enigmáticas. E geralmente sei quando estou recebendo uma.



Minha coluna fica rígida, mesmo quando algo muito parecido com vibrações percorre o comprimento dela.

Eu deveria ter me afastado dele; Eu sei disso agora.

Ou pelo menos não estar tão perto dele quando ele disse o meu nome. Primeiro de tudo, seus lábios são os lábios mais macios e mais semelhantes a uma almofada que eu já vi. Contrastam tão bem com seu rosto. Tão bem e tão eficaz que é difícil não se concentrar *apenas* neles.

E em segundo lugar, eu nunca vi os lábios de



ninguém se moldar em torno do meu nome como os dele faz. Tão cuidadosamente e tão deliberadamente que o resto das palavras quase desaparecem.

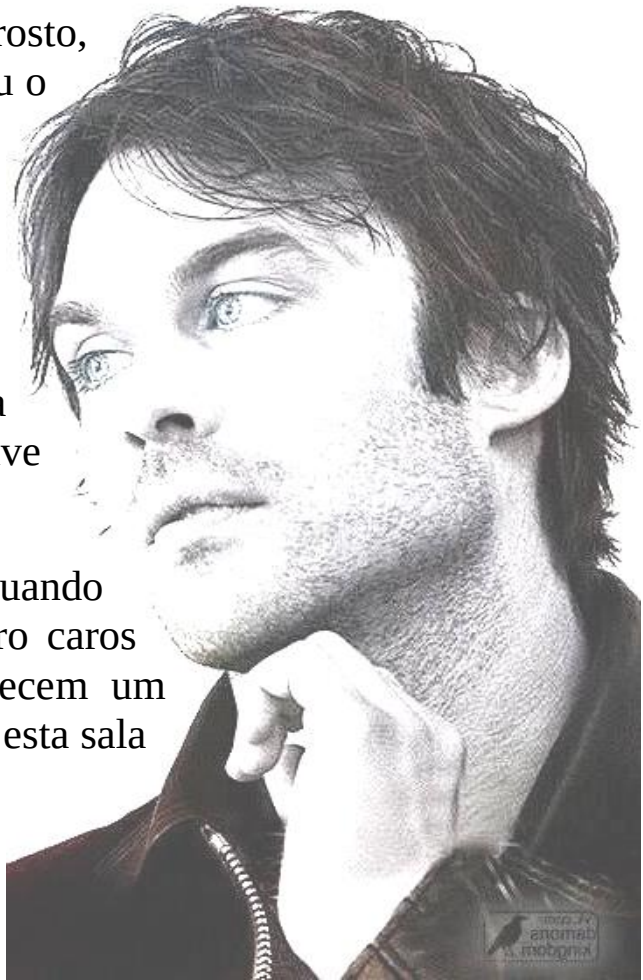
Mas eu ignoro todas essas coisas porque elas são irrelevantes. Além disso, o resto das palavras quase desapareceram. *Quase*. Significa que eu peguei algumas, e essa arrogância que ouvi nelas?

— Está dizendo que tem uma superpotência ou algo assim? Que fareja respostas enigmáticas? – pergunto, levantando as sobrancelhas.

Ele endireita os óculos com os dedos longos e masculinos enquanto murmura: — Ou algo assim.

Eu engulo com o gesto e como é severo. Se esta é a sua maneira de me intimidar, ele está conseguindo. *Tenho* coisas a esconder.

— Ok, então. – eu descruzo os meus braços e afasto minha franja da minha testa. — Ainda bem que você me tem pela próxima hora. Serei tão franca e sincera quanto você conseguirá.



Nada, nem uma coisa muda em seu rosto, então eu não sei se ele está sendo sarcástico ou o que quando ele diz: — Boa ideia.

Com isso, ele se afasta e me deixa entrar, e eu entro com o meu coração alojado na garganta.

Eu estive dentro desta sala uma vez. O dia em que vim aqui há duas semanas, quando tive uma sessão com Dr. Martin.

Não sei o que eu estava esperando quando entrei aqui, mas não foram os sofás de couro caros marrons e verdes e aconchegantes que parecem um retrocesso dos anos 90. Muito provavelmente, esta sala



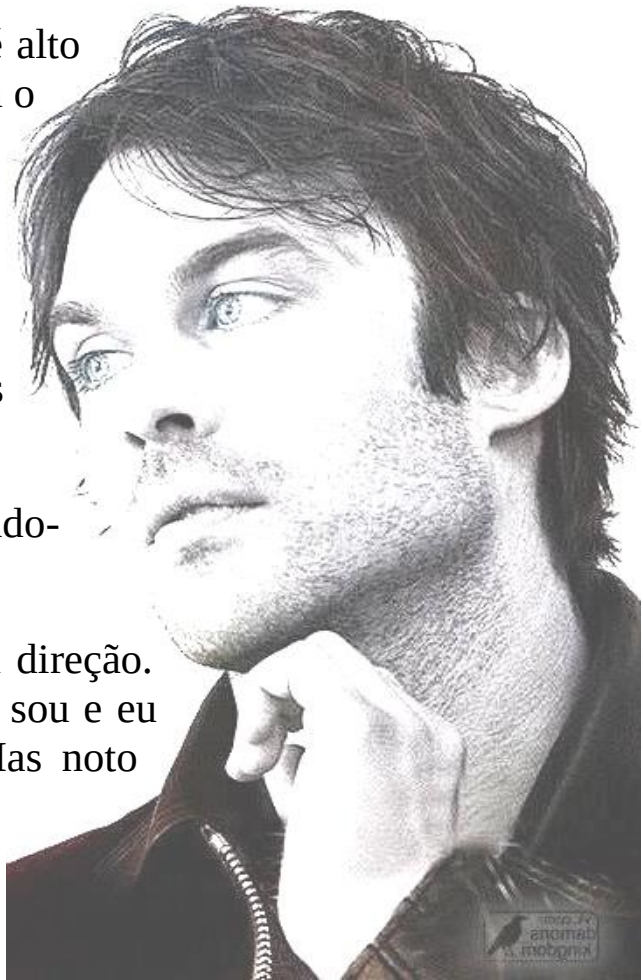
costumava ser de estudos com as fileiras e fileiras de estantes, um recanto para leitura, completo com uma lareira e seu próprio banheiro. Dr. Martin tem plantas em todos os cantos, tornando a sala tão acolhedora e calorosa.

Eu me lembro de estar chocada. Lembro-me de pensar que era um truque para levar os pacientes a uma falsa sensação de segurança, para que ficassem aqui para sempre ou admitissem coisas que não são verdadeiras. Ou seja, que são loucos. Agora sou grata pela hospitalidade.

Eu me viro para enfrentar o Dr. Blackwood quando ouço o clique da porta sendo fechada. De repente, todos os sons, conversas e murmúrios do hospital desapareceram. Há completo silêncio. Como se estivéssemos em uma bolha. Um vácuo, talvez.

O ar parece mais denso aqui, com um aroma distinto. Eu não consigo descobrir o que é, mas é agradável. Não como o cheiro mofado e de alvejante do resto do hospital.

Isso me enche de... Felicidade.



Dr. Blackwood ainda está na porta, de pé alto e grande, com as mãos dentro dos bolsos, com o seu abundante cabelo escuro encostando no colarinho da camisa. Eu me pergunto o que estamos esperando quando percebo que seu rosto está abaixado e seus olhos estão colados as minhas pantufas de coelhinho. Dentro do abrigo macio do meu calçado, meus dedos encolhem.

— Podemos começar? – pergunto, sentindo-se autoconsciente.

Sem levantar o rosto, ele olha em minha direção. Eu queria ser boa em ler as pessoas, mas não sou e eu não posso dizer o que ele está pensando. Mas noto



que seus olhos estão brilhando. Ou talvez seja a luz passando pelas janelas. Hoje está um pouco mais ensolarado que ontem; Eu odeio isso. Mas pelo menos posso sair e alimentar os meus pombos.

Ele balança a cabeça e caminha até a mesa. — Claro.

Eu aceno de volta, enxugando a minha mão na minha calça preta de ioga. Minha camiseta diz: "*Abrace esse trouxa*." Eu achei que precisava de algo confortável hoje.

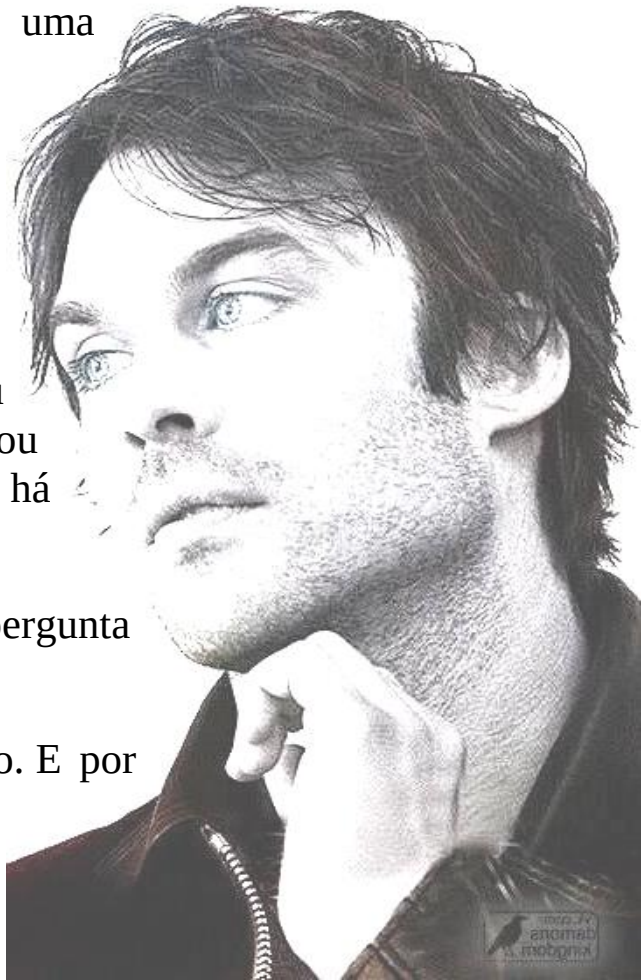
Estou prestes a me sentar quando noto algo na mesa. Algo verde em um copo de plástico, colocado exatamente onde devo sentar.

Meus lábios se separam com uma pequena respiração e eu olho para ele de pé ao lado de sua cadeira, calmo como sempre.

— Isso é... Uma gelatina de limão? – eu consigo perguntar com uma voz rouca e baixa.

— Isso é o que o rótulo diz. – ele responde, friamente.

Eu estreito meus olhos. — Por que há uma gelatina de limão onde eu deveria sentar?



Com isso, vejo algo se contorcendo. Seus lábios.

Há um sorriso muito pequeno em seus lábios enquanto ele inclina a cabeça novamente antes de olhar para cima, e seu cabelo fica emoldurado nos raios do sol. Estou quase chocada ao ver que nem tudo é preto; há pedaços de chocolate amargo caro lá dentro.

— Você sempre suspeita de comidas? – pergunta ele.

— Só quando me são dadas sem motivo. E por



um médico, ainda por cima.

— Você tem algo contra médicos?

Diga não. Diga não. Diga não.

Dou a ele um sorriso falso. — Sim. Especialmente psiquiatras. Sem mencionar os psicólogos também. Acho que eles são loucos.

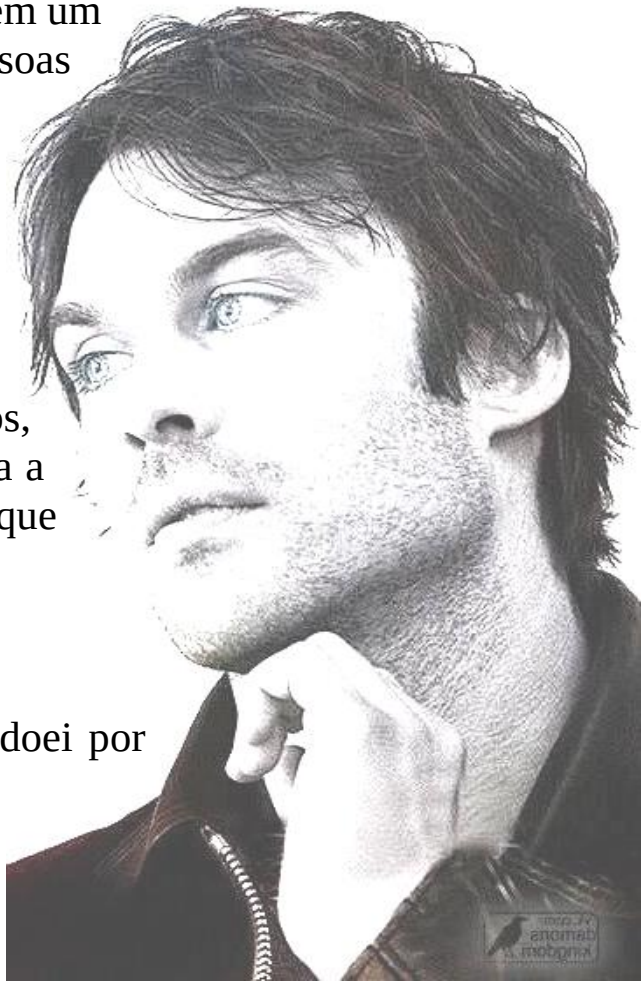
Então o som que ouvi ontem ecoa pela sala. Sua risada. É curta e nítida. Uma explosão tão brilhante que nem me arrependo de expressar meus verdadeiros sentimentos sobre pessoas como ele.

Dr. Blackwood balança a cabeça uma vez, com um pequeno sorriso de lado se prolongando naquela boca macia. — É? Como assim?

— Eles passam seus dias lidando com loucos. Não é obviamente porque eles querem ajudar as pessoas.

— Obviamente.

Deixei o seu sarcasmo passar. — É porque há algo errado com eles. Quem quer gastar horas e horas sentado em um sofá, analisando a merda da insanidade? Pessoas insanas.



— Eu me sento em uma cadeira.

Eu dou um sorriso falso. — Tanto faz. Isso não te faz menos maluco.

— Entendo. – então ele encolhe os ombros, mantendo os olhos em mim. — Bem, eu devia a você e a sua amiga... Rachel, não é? Ela disse que gelatina de limão é a solução.

Claro.

Estúpida, maldita Renn. Ainda não a perdoei por



me jogar debaixo de um ônibus ontem.

Mas isso não é importante agora. O importante é que ele esqueceu o nome de Renn. Quer dizer, eu sabia que ele esqueceria. Eu *sabia* disso. E isso me irrita. Como ele se atreve a esquecer o nome da minha melhor amiga?

— Renn.

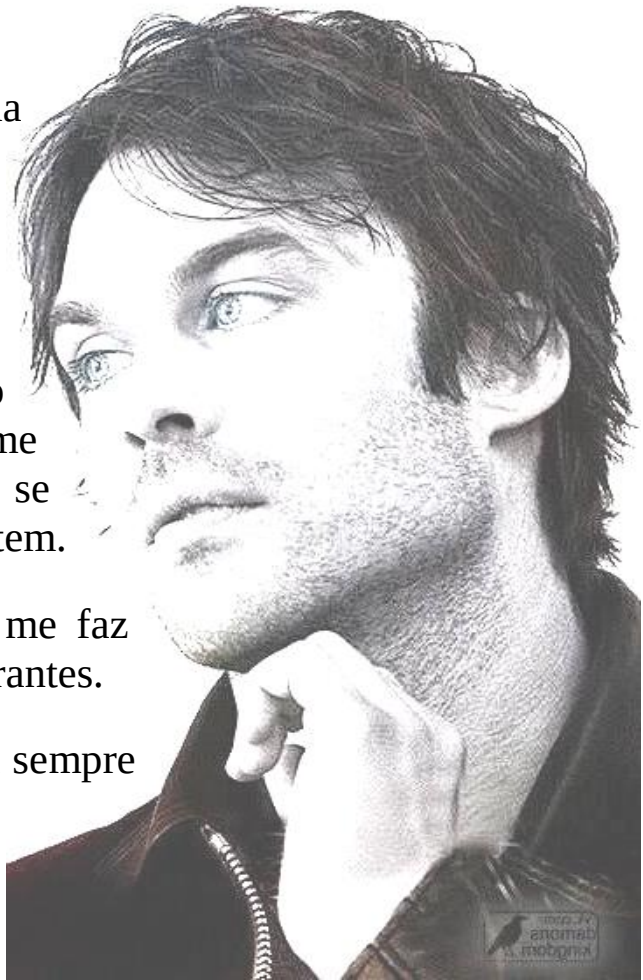
— Desculpe?

— O nome dela é Renn. – eu o informo.

— Claro. Peço desculpas. Eu não sou muito bom com nomes, aparentemente. – diz ele em um tom que está repleto de autodepreciação e arrogância, de alguma forma. Como se ele estivesse se desculpando, mas não *se* desculpando de *verdade*.

— Você se lembrou do meu nome.

Assim que deixo escapar, eu quero pegar isso de volta. Eu quero encontrar essas palavras no ar - o ar espesso e perfumado - e empurrá-las de volta para dentro da minha boca.



Isso é o que acontece quando você fala demais. Você diz as coisas erradas. Eu deveria estar calma, indiferente e relaxada.

Agora não consigo parar de pensar no fato de que ele se lembra do meu nome. Na verdade, ainda não consigo entender o jeito que ele disse, como se esse nome realmente me agradasse. Para não mencionar, que ele se lembrou de toda a conversa sem sentido de ontem.

Por uma razão desconhecida, tudo isso me faz corar e eu olho para longe de seus olhos penetrantes.

Ele não deveria me afetar tanto assim. Eu sempre



odiei médicos com seus olhares julgadores e complexos de Deus. Mas não assim.

— Eu tive um salgueiro[2] chorão no meu quintal na infância. – diz ele depois de alguns segundos, e eu mudo meu foco de volta para ele. — Quebrei minha perna quando eu tinha dez anos. Não é uma coisa fácil de esquecer.

— O que você estava fazendo na árvore? – pergunto, apesar de tudo.

É tão difícil imaginar Dr. Blackwood fazendo algo divertido como escalar uma árvore. De fato, apenas olhando para ele, posso dizer que ele nunca fez nada descontraído ou impulsivo. Ele é muito severo, muito intenso para isso.

Muito certinho.

— Tentando impressionar alguém com minhas habilidades atléticas. – ele murmura com seus olhos em algum lugar fora dos meus ombros. Como se houvesse um portal para o passado atrás de mim.

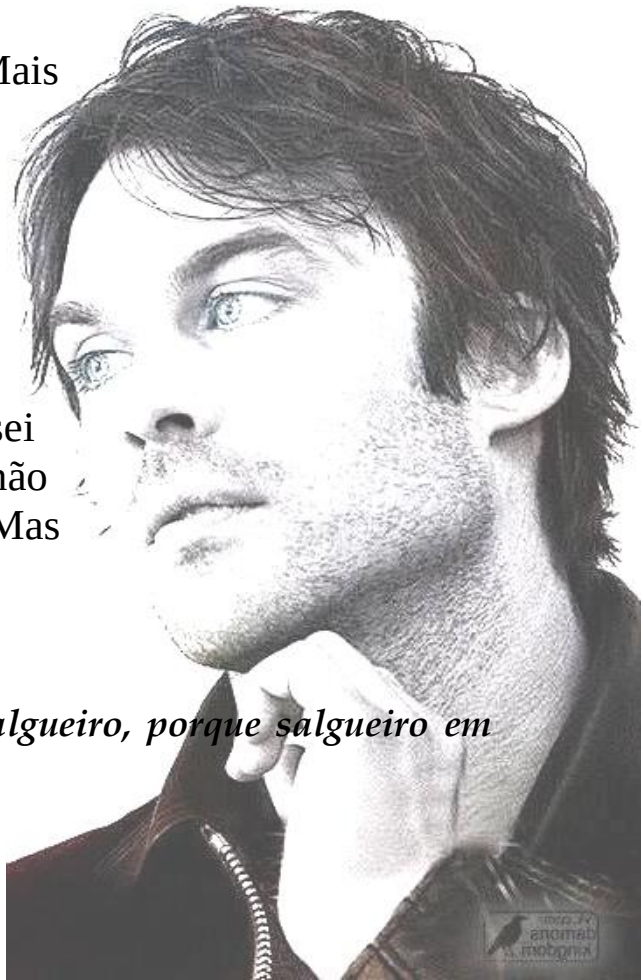
— Uma garota?

Seus olhos voltam para mim. — Sim. Mais ou menos.

— Você fez? Impressionou ela, quero dizer.

— Eu acho que sim.

Quero perguntar se ela era bonita. Não sei porque. É um pensamento estúpido. Isso não deveria nem entrar na minha mente. Mas aconteceu, e agora estou ainda mais agitada.



[2] *Ele compara o nome da Willow como um salgueiro, porque salgueiro em inglês é Willow.*



Olho para a gelatina de limão e para a colher de plástico ao lado dela, e quase me jogo para ela. Se eu estou comendo, então não estou pensando em ele subindo em árvores para impressionar uma garota.

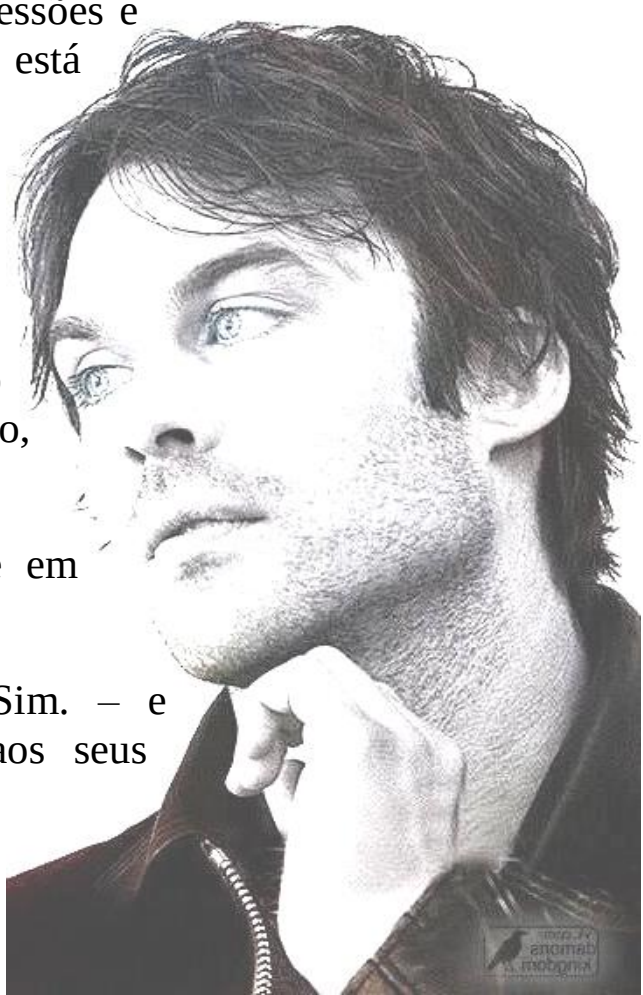
Coisas que garotos fazem por garotas bonitas e não por garotas como eu. Não que ele seja um garoto ou algo assim. Ele tem trinta e três. Um homem. Um homem muito mais velho que eu.

— Bom para você. – eu o parabenizo por impressionar essa garota desconhecida que pode ou não ter sido bonita, e marcho até a cadeira, puxá-la e sentar nela antes de pegar a gelatina da mesa e a comer.

Encho a boca com ela antes de olhar para ele e levantar as sobrancelhas. — Podemos?

Ele me observa por um instante antes de tirar as mãos dos bolsos, puxar a própria cadeira e sentar-se mais graciosamente do que eu.

Movendo a cadeira para frente, ele abre um prontuário, provavelmente cheio de anotações sobre mim e as minhas sessões e digita algumas teclas em seu notebook. Ele está recebendo todo o meu histórico médico.



Eu odeio isso.

Então olho para outra coisa. O relógio preso ao pulso dele. É um daqueles grandes mostradores com uma pulseira de couro marrom, o que o faz parecer ainda mais sério, mais masculino. Mais velho.

— Aqui diz que você tem dificuldade em dormir?

Engulo minha gelatina de limão. — Sim. – e depois. — Não estou dormindo, graças aos seus



remédios estúpidos.

Ele desvia o olhar do prontuário e olha para mim. — Remédios estúpidos.

Eu tento ficar quieta. Eu realmente faço.

Quatro segundos depois, deixo escapar: — Sim. Remédios estúpidos. Eles estão arruinando minha vida *e* meu sono. Graças a Deus, não estou mais vomitando. Tenho certeza que perdi um órgão na semana passada enquanto vocês continuavam dizendo que isso vai passar.

Ele espera um segundo, todo silencioso e me observando. — Isso passou, correto?

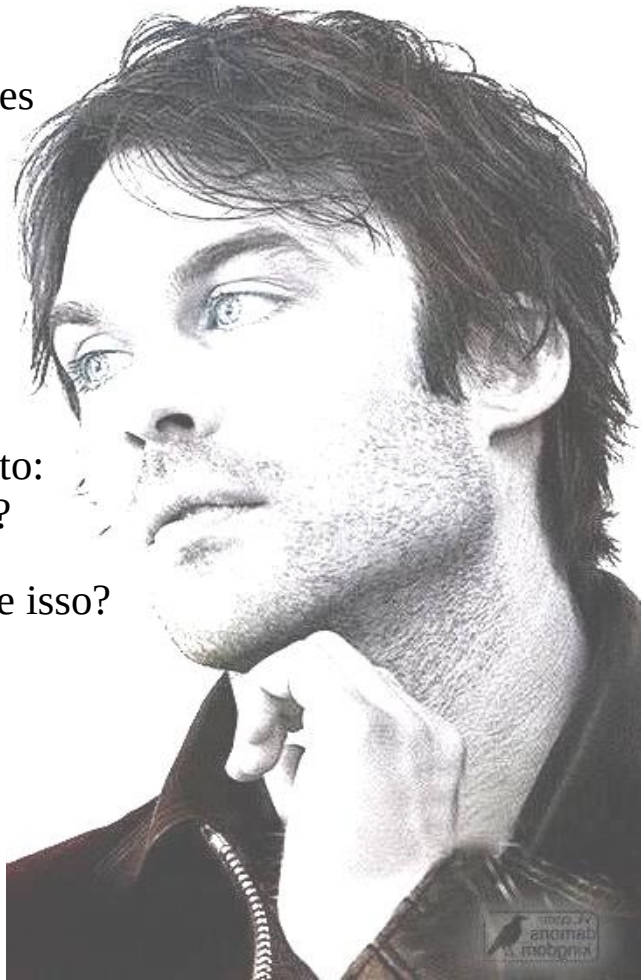
Droga.

Enfio a colher na minha gelatina. — Não antes de perder um quarto do meu fígado. Ele saiu direto pela minha boca.

— Vai voltar a crescer.

— Desculpe?

— O fígado. Exibe propriedades regenerativas. Significa, que pode crescer de volta. Mas deixe-me ver o que podemos fazer sobre a sua insônia.



Ele está rindo de mim; Sei disso. Embora sua expressão seja muito suave e séria.

Estreitando os olhos para ele, eu pergunto: — O que *exatamente* você vai fazer a respeito?

— O que você acha que eu vou fazer sobre isso?

— Cantar-me uma canção de ninar?



Fechando seu notebook e o prontuário, ele os coloca de lado e junta os dedos. Desta vez havia definitivamente um vinco no lado dos olhos. — Sim, cantando. Isso não é o meu forte. Vamos tentar alguma medicação primeiro.

Deus, por que ele tem que ser tão... Calmo?

— Eu não quero seus remédios. Eu te disse que eles estão arruinando a minha vida. – digo no meu tom malcriado.

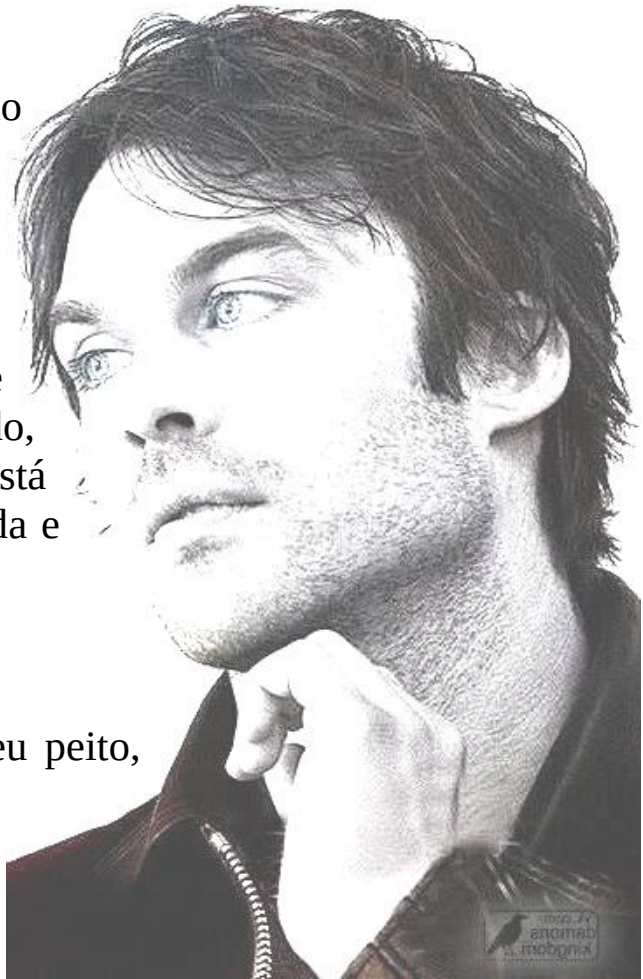
Eu nem sabia que tinha esse tom até agora.

— Este vai salvar sua vida, eu prometo. – diz ele. — E recuperar seu sono.

Recuperar.

Essa palavra novamente. O olhar em seus olhos mostra que ele está fazendo isso de propósito. Pressionando. Eu quero falar uma mal criação, mas não vou.

Não se envolva com o inimigo. Bem, não mais do que você já se envolveu.



Eu como mais gelatina de limão e olho para longe.

— Conte-me sobre a noite do seu aniversário de dezoito anos.

A pergunta mexe comigo e eu paro de engolir, olhando para ele. Em seu rosto lindo, indiferente e inexpressivo para ver se está brincando. Ou talvez ele não tenha falado nada e eu esteja ouvindo coisas.

Pessoas malucas ouvem coisas, certo?

Levando minha gelatina de limão ao meu peito,



quase abraçando o pequeno copo, eu engulo o que eu tinha na boca. — Desculpe?

— O que aconteceu naquela noite? – ele repete.

Eu vejo seus lábios se moverem. Com meus próprios olhos. Significa que ainda sou sã o suficiente para não ouvir as coisas. Embora pela primeira vez na minha vida, eu gostaria de não ser.

Engolindo, eu enfio a minha colher de plástico na gelatina verde e eu a coloco de volta na mesa. Houve um pequeno tremor em meus dedos, mas não estou me concentrando nisso. Trago minhas mãos de volta ao meu colo e as aperto com força.

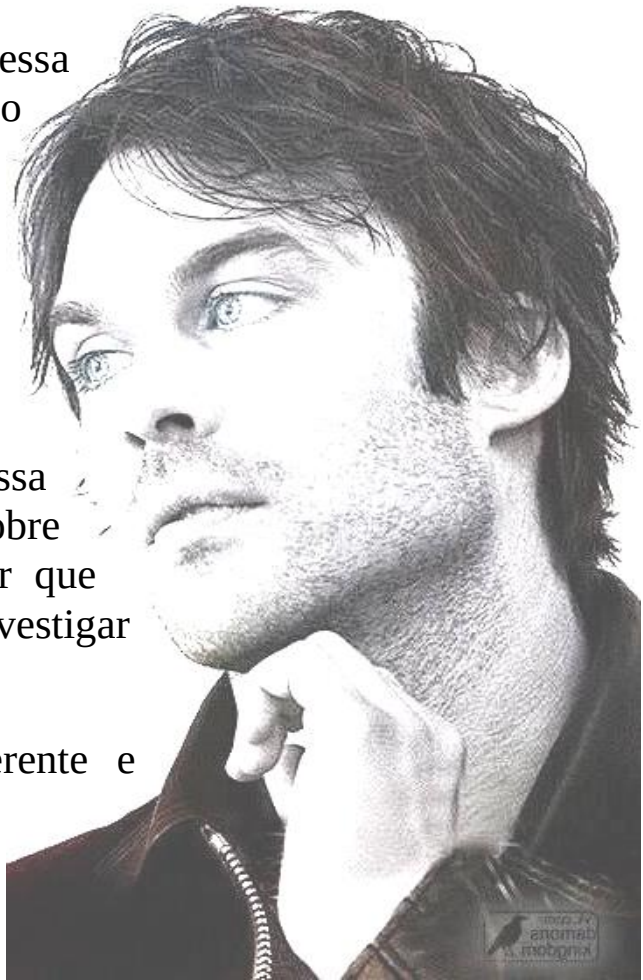
Em um tom calmo, eu digo: — Está tudo aí no meu prontuário.

Pronto. Gentil e educada.

Estou orgulhosa de mim mesma.

— Está. Mas eu prefiro ouvir isso de você.

— Bem, eu e o Dr. Martin já tivemos essa conversa. E eu falo sobre isso com Josie o tempo todo. – eu minto.



Dr. Martin falou sobre isso e eu escutei, mas nunca falei. E Josie e eu, não falamos sobre isso o tempo todo. Quero dizer, ela tenta, mas eu a ignoro.

Basicamente, tudo o que fiz foi ignorar essa conversa e com razão. Não quero falar sobre isso. Por que as pessoas não entendem? Por que acham que têm o direito de pressionar e investigar minha psique assim?

Do outro lado da mesa, ele é indiferente e



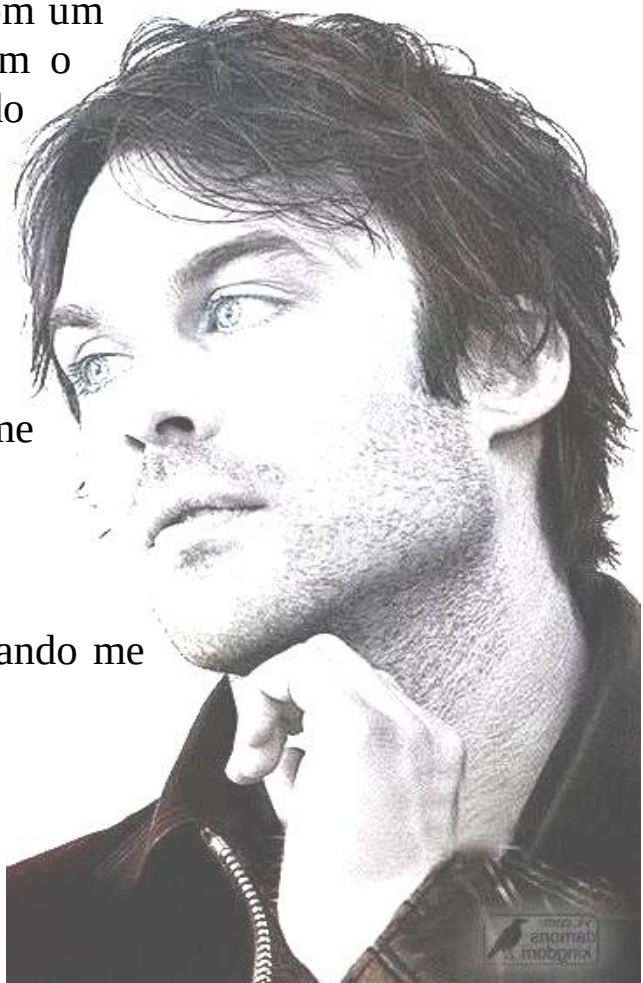
calmo. Quase esparramado na cadeira. Como se este fosse o seu domínio, o que é, mas ele não tem que exibir isso. — Isso é excelente. – ele murmura secamente. — Que você fale sobre isso. Mas eu não sou o Dr. Martin ou Josie. Por que você não me conta o que disse a eles?

Sem minha vontade, os meus olhos vão para o conteúdo de sua mesa. Existem montanhas de prontuários em ambos os lados de seu espaço de trabalho. Um suporte de caneta. Um notebook fechado. Seu celular. Um telefone de mesa, novamente um retrocesso para os anos 90. Um peso de papel de cristal.

O último é o mais interessante. É o objeto que posso usar para causar um maior dano. Eu assopro minha franja enquanto olho para ele. *Se eu o arrancasse de sua mesa e o jogasse rapidamente, o que ele faria? Ele não teria tempo para me impedir. Eu seria muito rápida.*

E eu já estou trancada. Ele não pode me trancar duas vezes, pode?

Como se soubesse o que estou sentindo, Dr. Blackwood pega o peso de papel e coloca-o na palma da mão. Há algo em seu rosto que está destinado a me provocar. Ele me provoca. Com um sorriso leve e arrogante enquanto brinca com o objeto. Como se estivesse quase me desafiando a fazer algo sobre isso.



Maldito Voldemort. O senhor de todo mal e escuridão, de acordo com Harry Potter, é claro.

— Você gosta? – ele pergunta, me observando atentamente com os olhos astutos.

— Sim. Muito.

— É? Ganhei isso como um presente quando me formei na escola de medicina.



— Que emocionante.

Seu ligeiro sorriso se amplia, esticando seus lábios rosados, fazendo-o parecer tão bonito e atraente e... Diabólico, que eu quero estrangulá-lo.

Pensamentos felizes.

Pensamentos pacíficos.

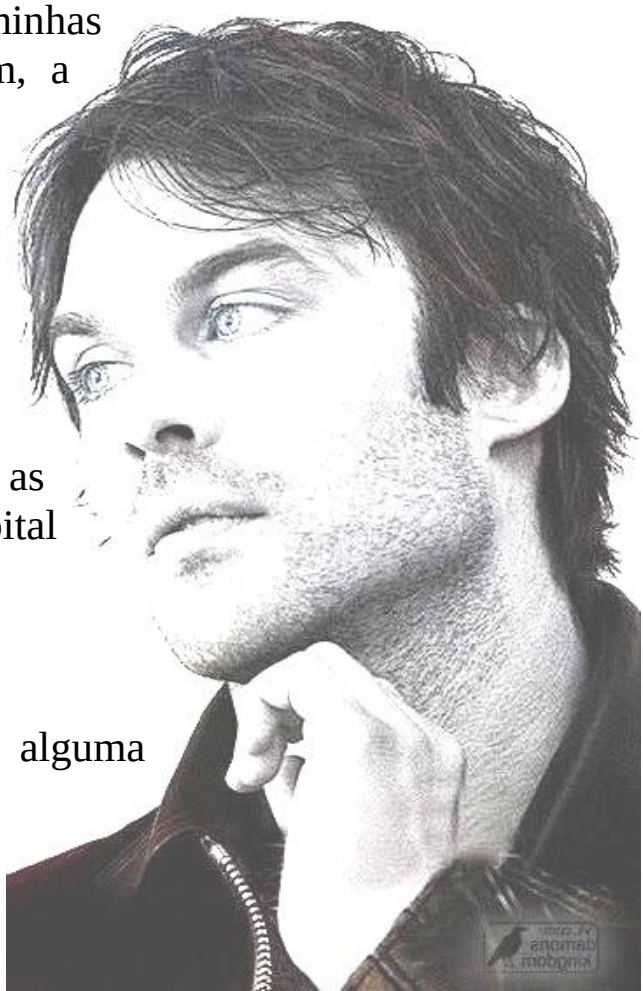
— É. – ele balança a cabeça, colocando-o no chão, fora do meu alcance. — Embora, eu não possa dizer que já conheci alguém tão interessado nisso antes. Mas então novamente...

Ele para e sei que fez isso de propósito. Ele *quer que* eu pergunte. Eu decido que não vou dar a ele a satisfação.

Eu não vou.

Eu não farei.

Minhas mãos entrelaçadas estão cravando no meu colo. Meus dedos provavelmente formaram marcas nas minhas coxas. Ranjo meus dentes, mas ainda assim, a pergunta sai. — Então, novamente, o quê?



— Eu não acho que já conheci alguém como você.

Minha respiração fica presa na minha garganta. — Eu... Como?

— Está no seu prontuário. – ele levanta as sobrancelhas. — Sua terapeuta no hospital estadual não ficou muito feliz com você.

Minhas bochechas coram.

— Embora eu realmente queira saber alguma



coisa. – ele diz, pensativo.

Respirando, eu pergunto: — O quê?

Ele inclina a cabeça para o lado. — Você realmente destruiu seus prontuários?

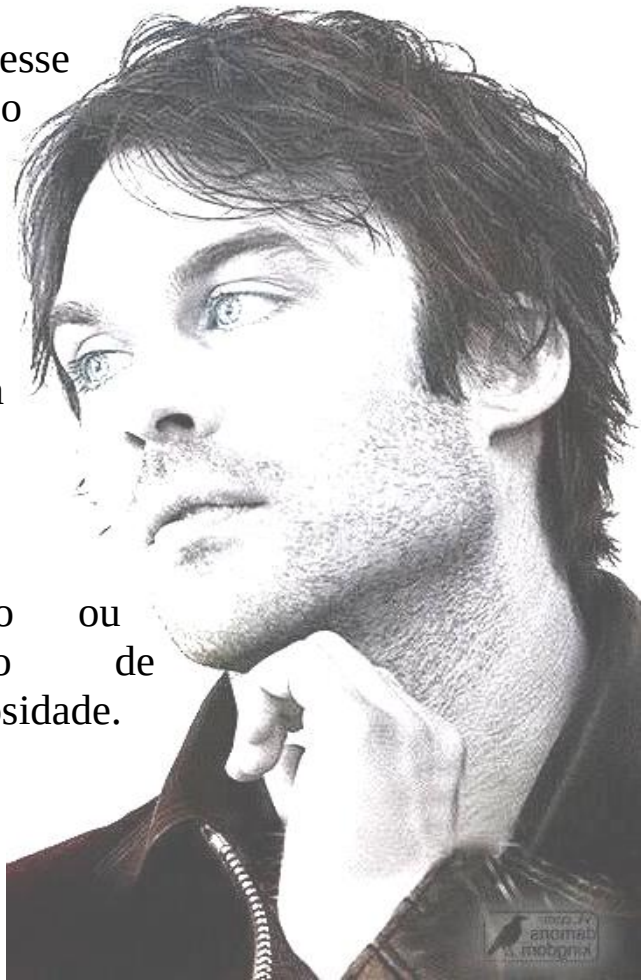
Eu me movo no meu lugar. *Maldito seja por ter mencionado isso.* Tenho certeza que ele vai me julgar e ser condescendente. Não é como se não tivesse acontecido antes. Todo mundo já me deu um sermão sobre isso, inclusive minha mãe em seu telefonema ontem. Sobre a minha suposta *recusa* de tratamento.

Mas a coisa é que eu não sou assim. Não sou agressiva ou propensa a brigas. Não tenho muito orgulho de todas as coisas que fiz para evitar falar. Tudo que eu quero é ficar em paz.

Tudo que eu quero é paz.

— Por quê?

— As pessoas podem exagerar às vezes. Eu não acredito em tudo que ouço. E tudo que eu li.



Eu não esperava que ele dissesse isso. Ninguém me disse isso ou me deu o benefício da dúvida. Eles apenas assumiram que eu fiz isso porque aquela terapeuta me disse. Eu *fiz* isso. Esse não é o ponto, no entanto.

O ponto é que ele está perguntando em vez de assumir.

— Sim. – digo a ele, me sentindo mal.

Estou procurando por julgamento ou condescendência. Talvez algum tipo de repreensão. Não há nada, exceto genuína curiosidade.



Isso estraga tudo. Isso meio que... Me relaxa.

— Como?

A maneira como disse esse, *como*. Como se ele estivesse tão confuso e realmente quisesse saber, só me faz querer sorrir. Eu mordo meu lábio para não ceder. Eu não quero sorrir para o inimigo. — Eu joguei água neles.

Ele pressiona os lábios como se quisesse sorrir também, mas não sorri. — Todos eles?

Droga.

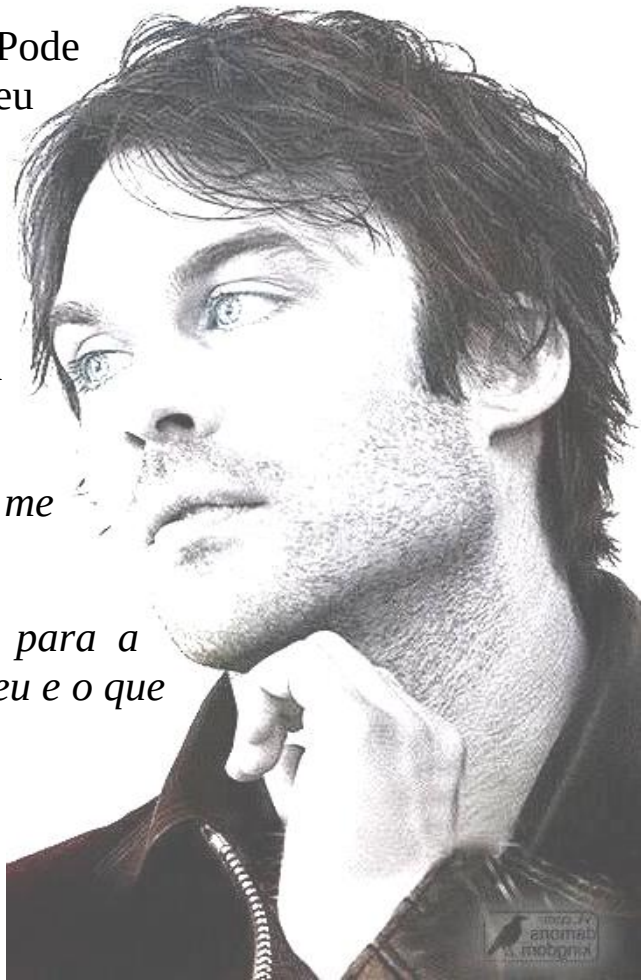
Eu não queria ter nada em comum com ele. Mas o nosso desejo de não ceder aos nossos sorrisos está achando falhas em meu ódio por ele.

— Todos eles. – eu confirmo.

— Você é perigosa. – ele murmura.

Ok, eu aceito.

Eu sorrio, balançando a cabeça. — Pode apostar que eu sou. Mas em minha defesa, eu estava indo para jogar na cabeça dela.



Seus lábios se contraem. — Você estava?

— Sim. Ela era irritante. Eu não gostei da voz dela.

Willow, como posso ajudá-la se você não me ajuda?

A faculdade é difícil. Você não quer ir para a faculdade sem as sobrecargas do que aconteceu e o que



você fez?

Fale comigo, Willow. Eu posso te ajudar.

Mas gosto da voz dele. Eu não vou dizer isso a ele, no entanto. Não.

Encolho os ombros. — De qualquer forma, mudei de ideia e escolhi os prontuários.

— O que fez você mudar de ideia? – pergunta ele.

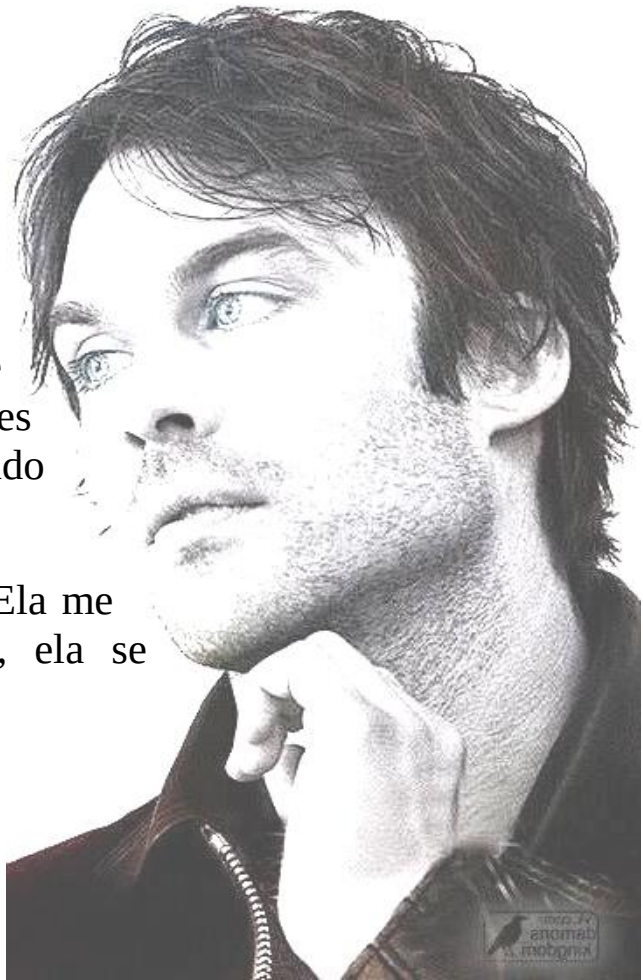
Ele se senta em sua cadeira e faz algo que eu não posso desviar o olhar. Ele esfrega o lábio inferior - seu lábio rosado e macio, com o qual ele disse meu nome daquela maneira atraente - com o polegar, e apesar de tudo, eu sigo o gesto.

Engolindo, eu digo, com as palavras escapando da minha boca. — Minha mãe.

— O que tem ela?

— Eu pensei que ela não iria gostar. Ela se preocupa muito comigo.

— Por que?



Sua pergunta me faz desviar o olhar. Ainda bem. Eu não quero ser óbvia que seu gesto inconsequente está me cativando.

— Eu não sei. – balancei minha cabeça e limpei minha garganta. De repente, as emoções estão enchendo meu peito; acontece quando penso na minha mãe.

— Quero dizer... Eu sei. – continuo. — Ela me ama e eu sou sua única filha. Então sim, ela se preocupa.



Pobre mamãe.

— E o seu pai?

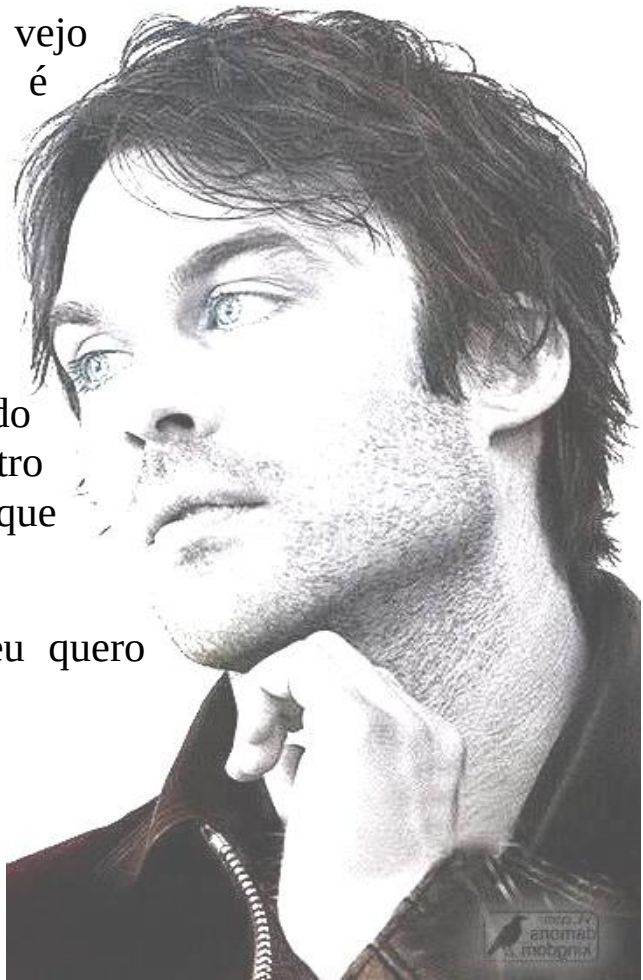
— Ele não está em cena. — digo, engolindo novamente. — Eu não acho que ele sabe sobre mim.

— Por que não?

Dando de ombros, olho para as minhas pantufas de coelhinho. Minha mãe os comprou para mim antes de vir aqui, na verdade. Ela comprou tudo de novo: novos produtos de higiene pessoal - eles permitem que você traga o seu próprio, desde que as embalagens sejam novas em folha e nunca tenham sido abertas antes, roupas novas, como se ela estivesse me mandando para a faculdade e não para uma clínica psiquiátrica.

Eu me lembro do jeito que ela mostrou todas as coisas novas e brilhantes que comprou para mim. Então eu poderia passar seis semanas da minha vida trancada e presa.

— Sou resultado de um caso de uma noite. Minha mãe conheceu esse homem na França e eles ficaram. Ela estava em uma viagem de negócios. – então, eu me vejo adicionando: — Minha família inteira é assim. Elas não precisam de um homem para completá-las. Já estão completas. Elas atingem todos os seus objetivos e sonhos e... Bem, elas são muito espetaculares. Nasceram completas, na verdade.



As pantufas de coelhinho estão me fazendo chorar por algum motivo, então me concentro nele. Ele está me ouvindo com tanta atenção, que sinto arrepios subindo na minha pele.

— E você não é? Nascida completa, eu quero dizer.



— Não. Eu nasci com outra coisa.

— O que?

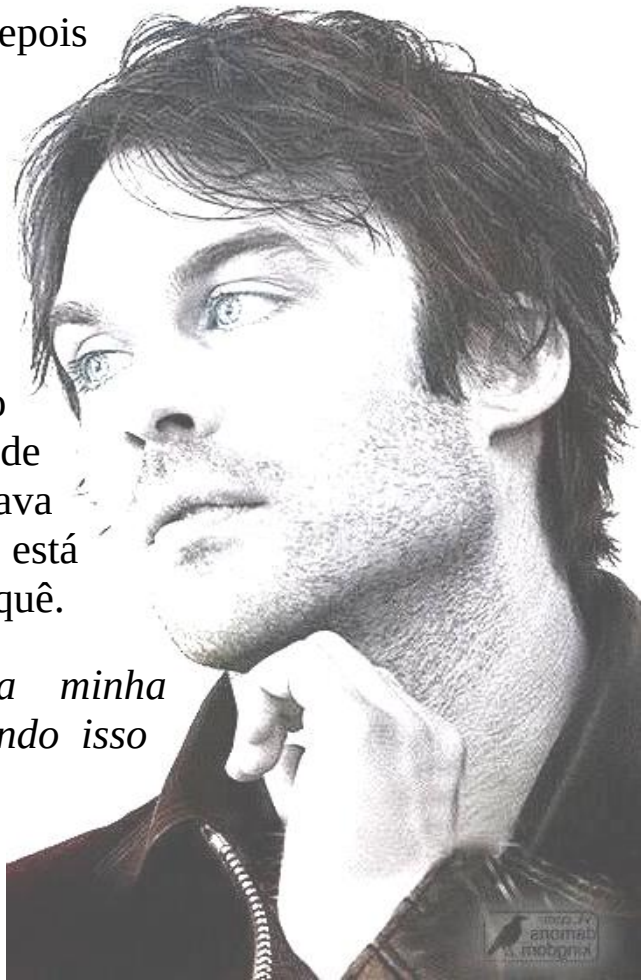
Meus olhos parecem embaçados, pesados, e essa pilha de emoções no meu peito se move para a minha garganta. — Com algo mais que sangue em minhas veias. É por isso que meus olhos são azuis. – ele franze a testa e eu explico: — Ninguém na minha família tem olhos azuis. Ninguém na minha família também está doente, então eu sou a estranha.

Ele está me observando.

Sei que dei a ele muito para pensar. Ele pode estar tendo um dos melhores dias de sua vida psiquiátrica. Estou fodida. Sei que eu tenho problemas. Mas, ok. Enquanto não estivermos falando sobre o Incidente no Telhado, eu estou bem.

— Não que você saiba alguma coisa sobre isso. Sobre ser o estranho. – digo.

— E por que eu não sei disso? – Sua voz soa enferrujada, como se ele estivesse falando depois de anos.



— Porque você é um médico. E seu pai também era médico, não era? – eu concluo, encolhendo os ombros. — Então você é como ele.

Algo o paralisa. Algo sutil. Mas vejo isso. Eu vejo o enrijecimento instantâneo de seus ombros e o fato de que sua cadeira estava balançando de um lado para o outro. Ele não está mais fazendo isso e honestamente não sei por quê.

Disse algo errado? Isso não foi a minha intenção. Honestamente, eu não estava dizendo isso



para amedrontar meu médico - meu inimigo.

Então, como se não tivesse acontecido sua tensão e rigidez, ele volta ao normal. — Não sou como ele. Mas sim, ele era um médico.

Ok, isso me deixou curiosa agora.

— Um bom também. Pelo que ouvi. Penny, uma das pacientes, disse que eles ensinam seus livros na escola de medicina.

— Eles ensinam.

— Então, ele é como um gênio ou algo assim.

Ele me observa antes de baixar os olhos para a sua mesa, reorganizando sua caneta e assentindo. Isso definitivamente era alguma coisa.

— Eu gosto do nome dele também. – digo, porque, obviamente, eu não posso dizer que gosto do sobrenome *dele*, do homem sentado na minha frente. E eu quero continuar falando sobre isso. O que é interessante. Principalmente porque não acho que ele queira falar.

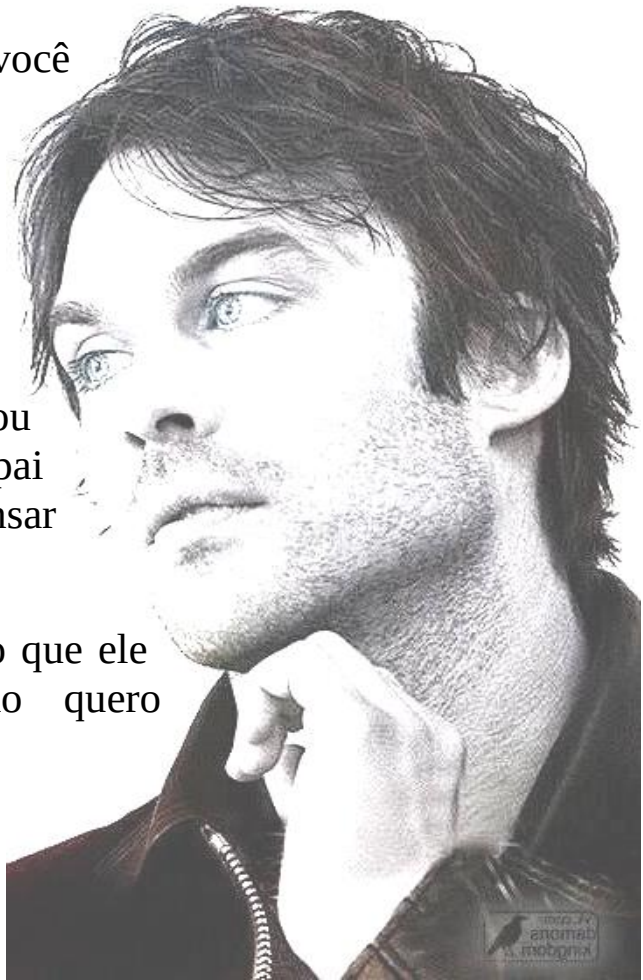
— Alistair Blackwood. Majestoso e, você sabe, antiquado.

Ele levanta os olhos.

Meu coração está batendo muito rápido. *Deus, foi estúpido dizer isso, não foi?*

Bem, não há como ele saber que estou falando do sobrenome dele e não do pai dele. Mas há algo em seu olhar que me faz pensar que ele pode ver através de mim.

O que é perigoso, na verdade. Não quero que ele veja as coisas dentro de mim. Eu não quero





que *ninguém* veja.

— Estou feliz que você pense assim. – ele murmura.

— Eu na verdade...

— Tanto quanto gosto de falar sobre o meu pai. – ele me interrompe com um sorriso falso. — Eu adoraria falar mais sobre você. Diga-me o que aconteceu naquela noite.

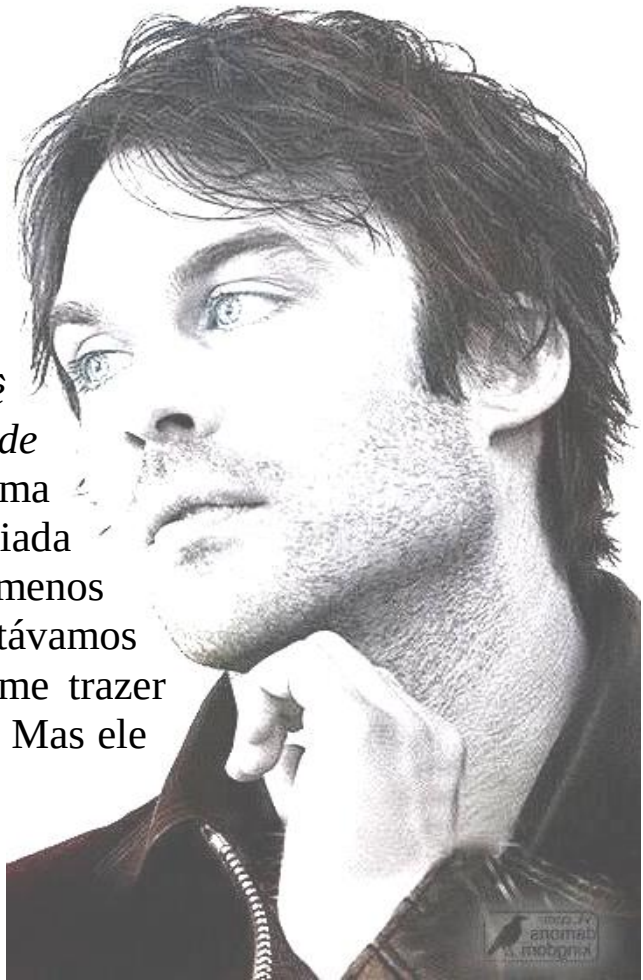
Olhando para ele, não posso dizer que ele gostava de falar sobre seu pai. Na verdade, ele absolutamente não queria falar sobre ele.

Então ele não gosta do sabor do seu próprio remédio, não é?

Tudo bem, eu vou alimentá-lo com mentiras, então. Vou tecer uma história que ele não vai saber.

Olho em seus olhos e em seu rosto esculpido. Sua barba por fazer parece mais grossa do que ontem. Os raios solares atingem a sua mandíbula, fazendo com que essas cerdas pareçam quentes, quase avermelhadas. Atraentes.

Eu não quero que sejam atraentes.



— Você quer saber o que aconteceu naquela noite? – eu começo. — Bem. Eu vou te dizer. Era meu aniversário e minha família me deu uma festa em nossa casa nos Hamptons. Uma festa que eu nunca quis pra começar. Mas ei, todo mundo ficou tipo, *você só faz dezoito anos uma vez. Você precisa de uma festa*. Então, aceitei. Vamos fazer uma festa. Eu serei a única no canto, ficando entediada na minha cabeça, mas quem se importa? Pelo menos meu namorado vai estar lá comigo. Então, estávamos saindo até que eu perguntei se ele poderia me trazer algo para beber. Como um bom rapaz, ele foi. Mas ele



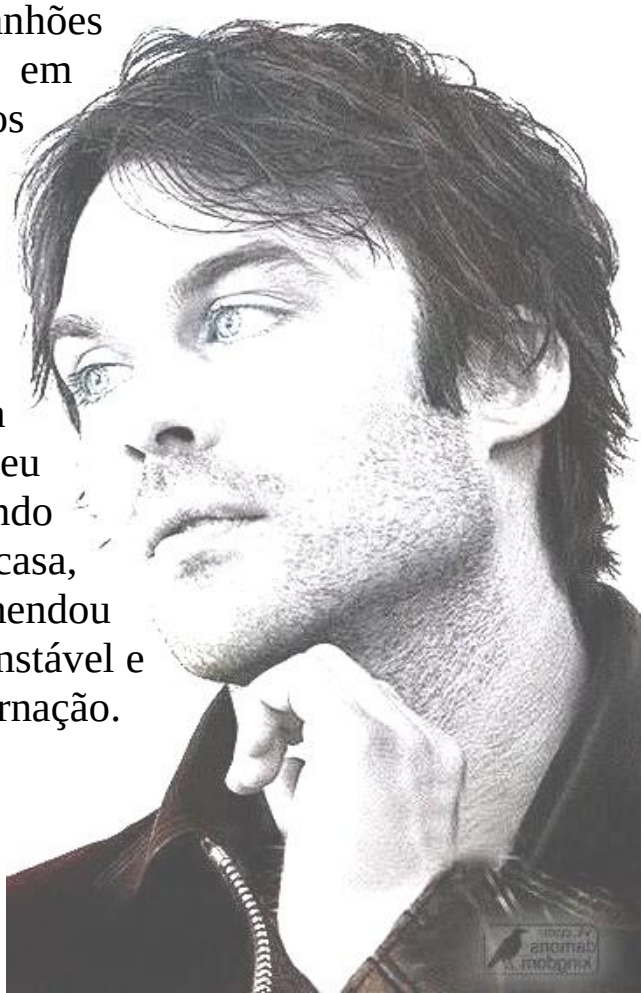
nunca voltou.

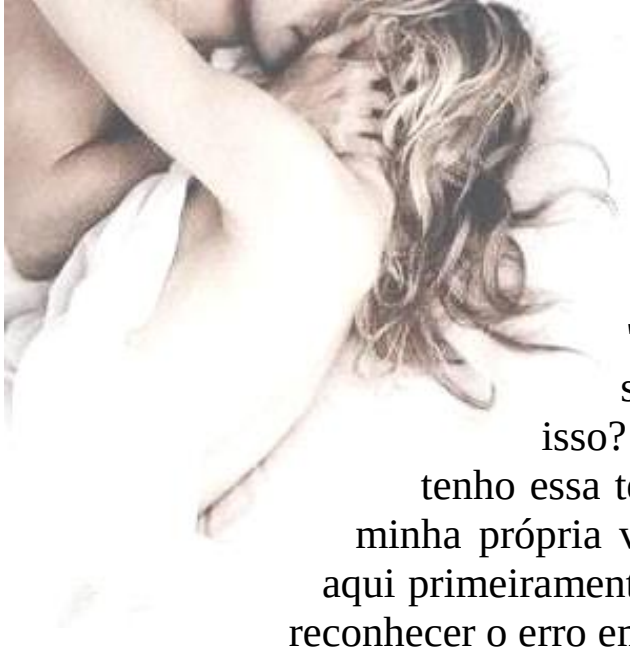
Eu solto uma risada aguda. — Porque ele ficou preso nos lábios de alguém. Eu o peguei com uma das minhas colegas de classe. No meu quarto. Sua língua provavelmente estava tocando suas amígdalas. E ela adorou. Sabe, pelo jeito que ela estava gemendo. Eu fiquei com raiva e com o coração partido. Pensei que nada seria o mesmo na minha vida. A angústia quase me matou. Sem trocadilho intencional. Então eu fiquei bêbada e estúpida, e eu pulei.

Eu não me lembro muito do salto em si. Tudo o que sei é que um segundo estava no telhado e no seguinte, estava no ar com o meu cabelo atingindo o meu rosto e o vento atingindo meu estômago. E então, nada.

Levanto minhas sobrancelhas e continuo falando. — Quando acordei no hospital, contei tudo a eles. Eu disse a eles que estava com o coração partido e devastada e tudo mais. Eu disse a eles que foi um impulso do momento. Não ia acontecer de novo.

Eu reviro meus olhos. — Mas minha mãe ficou estressada. Não havia razão para estar. Havia muitos pequenos arranhões no meu corpo. Eles me mantiveram em observação durante a noite e eu passei nos exames com facilidade. O médico chamou de milagre que eu escapei ilesa. Em vez de comemorar, toda a minha família olhou para mim como se eu estivesse planejando me matar por muito tempo. Sem nenhuma razão, eles me mantiveram em sua enfermaria psiquiátrica por quarenta e oito horas. Então, eu pude ter feito um pouco de birra. E quando pensei que era hora de finalmente ir para casa, minha mãe me disse que a psiquiatra recomendou que eu fosse mandada para cá. Porque eu era instável e me beneficiaria muito de um programa de internação.





Sorrindo bem, eu termino: — Então, viu? Eu posso ser uma rainha do drama e ser "clinicamente deprimida". Mas dificilmente eu sou uma suicida. Como vocês chamam isso? Tendência suicida? Sim, desculpe-me. Eu não tenho essa tendência. Não sou louca o suficiente para tirar minha própria vida. Eu não sou louca o suficiente para estar aqui primeiramente. Então, se você é tão bom quanto dizem, vai reconhecer o erro em seus julgamentos e me deixar ir.

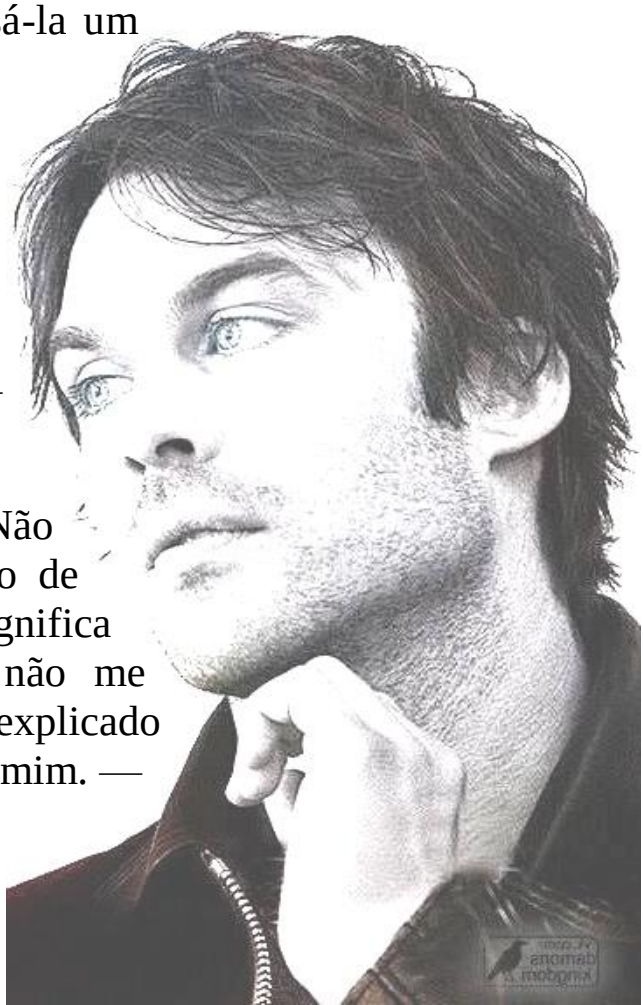
Durante meu discurso fervoroso, Dr. Blackwood não se moveu. Ele nem piscou os olhos. Ele ficou sentado lá, como uma estátua de mármore que ele me lembrava.

Eu quase quero alcançá-lo e tocá-lo. Ver se a pele dele está quente como outras coisas vivas ou se ele realmente é frio.

Mas então ele se move. Como se provasse para mim que ele é, de fato, uma criatura viva e não uma relíquia de museu.

— Louca. – ele murmura. — Você usa muito essa palavra.

— Eu não sabia que você só poderia usá-la um determinado número de vezes.



— Estou apenas imaginando o que você acha que significa. *Louca*.

— Significa anormal. Insana. Maluca. Talvez você devesse dar uma olhada em um dicionário. – eu digo, lambendo meu lábio.

— Ela não significa nada. Não clinicamente. Na medicina, é um desperdício de palavra. Sofrer de uma doença mental não significa automaticamente que você é louca. E eu não me importo com algo que não possa ser explicado cientificamente. – ele inclina o queixo para mim. —



Mas obrigado por me ensinar.

Um rubor não surge nas minhas bochechas, mas em algum lugar dentro do meu corpo, sob minhas roupas. Estou ficando escarlate. Eu quero sair daqui.

Eu quero ficar longe dele.

Claro, eu sei que louca é uma palavra depreciativa. Eu estou ciente disso. Mas estou bem em me chamar assim porque, se não, então significa que há algo seriamente errado comigo.

E isso é algo que não posso aceitar.

— Posso ir agora?

Ele observa meu rosto novamente. — Onde estava o seu namorado? Quando você estava no hospital?

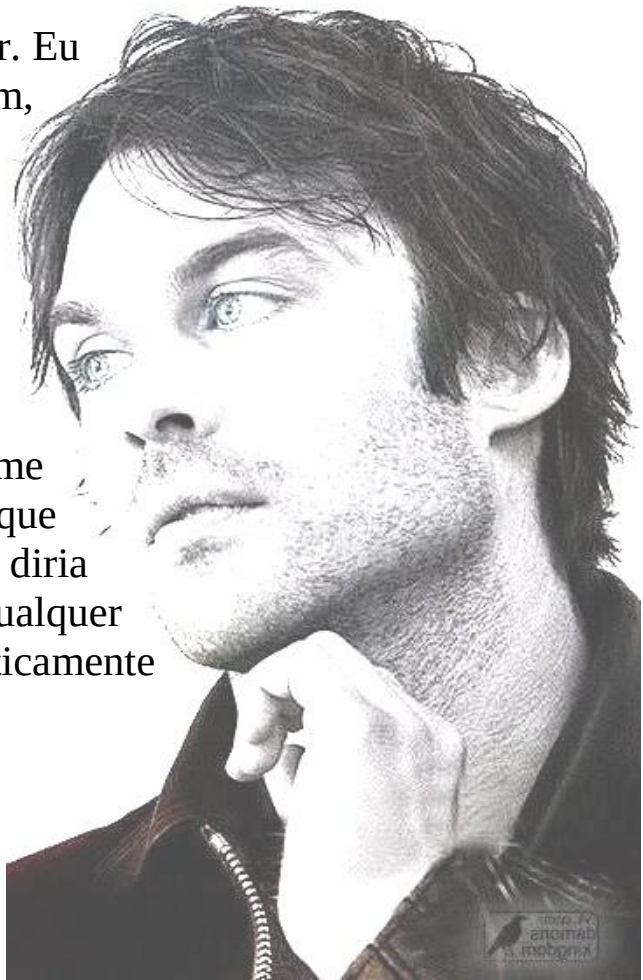
— Ele nunca apareceu. Caso você não se lembre, o babaca me traiu.

— Qual é o nome dele mesmo?

Eu demoro um momento para responder. Eu tomo um momento para ajustar meu tom, ajustar todo o meu comportamento. — Lee. Lee Jordan.

— Certo. – diz ele pensativo, antes de concordar e se levantar de sua cadeira. — Obrigado pelo seu tempo.

Lentamente, com as pernas trêmulas, eu me levanto também. Eu não respondo ou espero que ele diga mais alguma coisa. Embora o que ele diria depois de me dispensar, eu não sei. De qualquer maneira, não estou me arriscando. Eu praticamente corro para a porta e a abro.





Mas paraliso quando o sinto nas minhas costas.

O seu calor.

Deus, não tem como esse Rei Gelado ser frio ao tocar. De jeito nenhum.

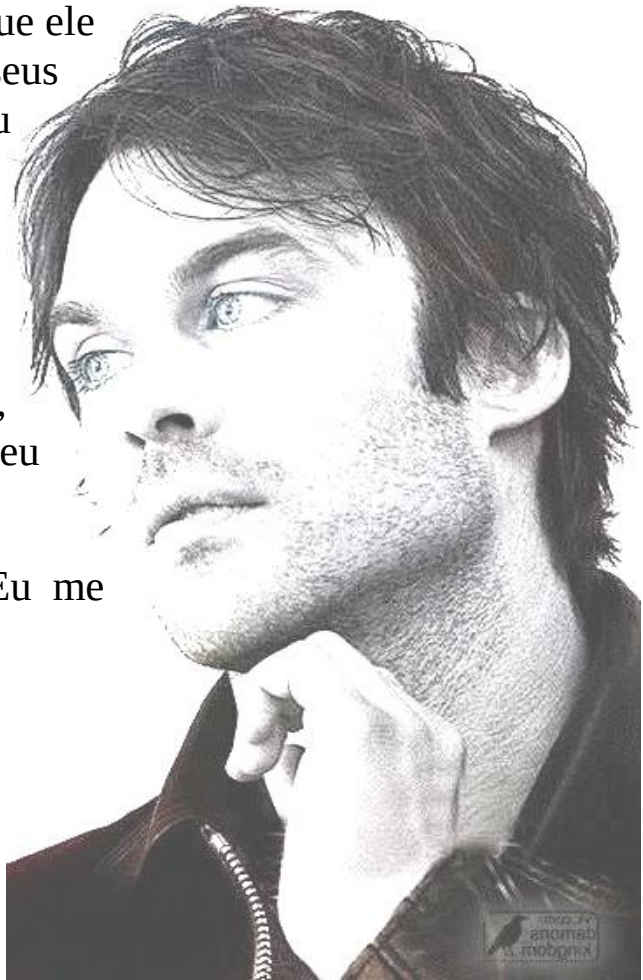
Seu calor está irradiando para fora de seu corpo. Como uma onda, ele me alcança, atravessa meus ombros e coluna, e vai até a parte de trás das minhas coxas. E esse cheiro que eu tenho respirado desde que entrei nesta sala?

É ele, eu percebo.

É o cheiro dele. Chuva, recente e nítida, misturada ao seu perfume. Ele está flutuando pela sala e todo o tempo que passei aqui era perigoso, porque acho que esse cheiro fez em mim um abrigo.

— Willow. – ele diz meu nome e eu tenho que morder o meu lábio. Forte.

Vou pedir a ele que me chame pelo o meu sobrenome. Eu tenho que pedir. Eu não gosto do quanto *gosto* do jeito que ele diz meu nome. Na verdade, um flash de seus lábios macios moldando-o atravessa meu cérebro.



Eu me viro para dizer a ele exatamente isso, minha franja move ao longo da minha testa. Mas minha atenção é incomodada pelo fato dele ser tão alto. Muito alto. Tanto que, mesmo com o meu topete, eu só alcanço seu queixo obstinado.

Sua expressão é neutra e profissional. Eu me pergunto qual é a *minha* expressão.

— Eu quero ver você de novo.



Pisco e todo o meu sistema abrandou enquanto processo suas palavras em minha mente.

Ele quer me ver. Novamente.

Ele quer. Ver-me.

Novamente.

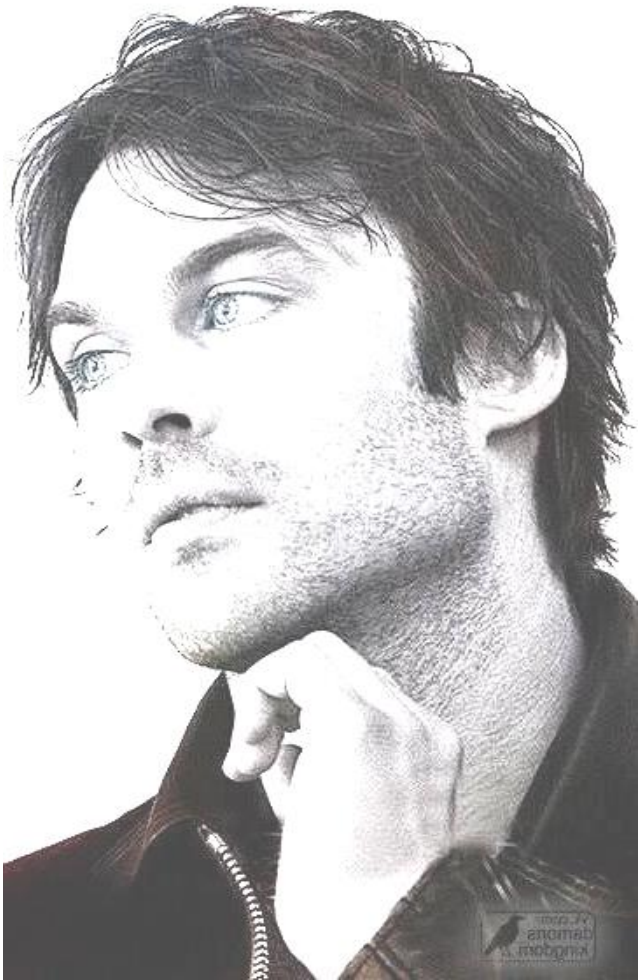
— O que?

— No meu consultório. Semana que vem.

Os psiquiatras não deveriam simplesmente prescrever-lhe receitas e depois mandá-la para um terapeuta? Por que ele quer me ver de novo tão cedo?

— Por... Por quê? – eu faço a minha pergunta em voz alta.

— Porque acho que temos muito que conversar.





Capítulo Seis

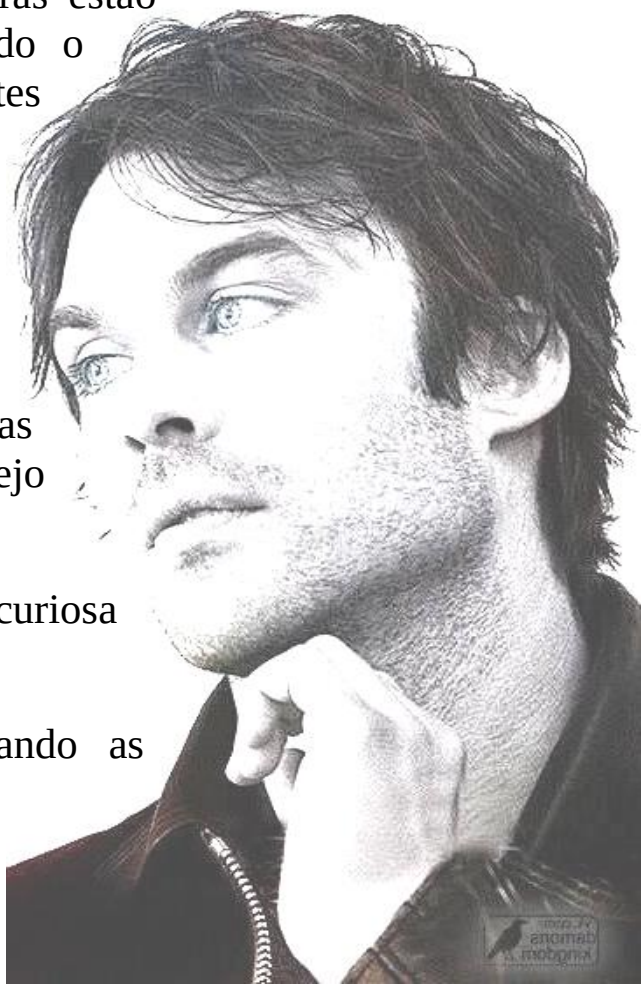
Dr. Blackwood está olhando para alguma coisa.

O homem que acha que temos muito que falar quando eu o ver na próxima semana.

Ele está no escritório de Beth olhando para as mesmas colagens que eu quando estava tentando escutar sua conversa com ela no dia em que ele chegou aqui.

Estou em pé na entrada do corredor, depois de descer as escadas para o café da manhã, e lá está ele. Ainda com gotas de chuva agarradas ao cabelo e roupas.

Não é da minha conta por que ele não fica à vontade enquanto o mundo se move ao redor dele. As enfermeiras estão rindo. Os técnicos estão subindo e descendo o corredor com prontuários. Alguns pacientes permanecem aqui e ali. Eu vejo a garota do meu andar, uma linda loira, andando de um lado para o outro. Um técnico está tentando acalmá-la. Ela fica agitada todas as manhãs antes do café da manhã, mas não sei por quê.



Eu deveria estar evitando todas as conversas com ele, e ainda assim, me vejo andando em direção ao Dr. Blackwood.

Por quê? Porque estou curiosa. Supercuriosa sobre ele.

— Olá. – eu o cumprimento, encarando as



colagens, tentando ver o que ele estava vendo. — Fotos interessantes, não são?

Eu o sinto virando para mim. — Camiseta interessante.

Eu o enfrento então. Toda a rigidez anterior desapareceu de seu corpo. Ele está sereno e não afetado. Se não o tivesse visto olhando para as fotos com tanta severidade, jamais teria imaginado que ele fosse capaz de reagir a algo assim.

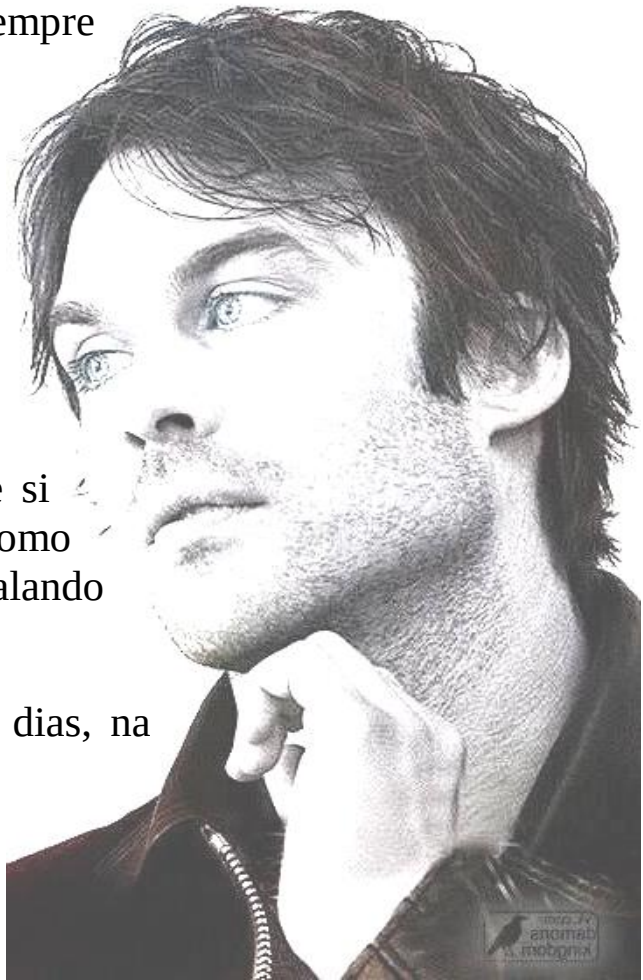
Seus olhos estão na minha camiseta antes que ele olhe para o meu rosto. Mas eu ainda sinto seu olhar lá, no meu peito, muito perto de onde meu coração está junto com algumas... Outras coisas. Tenho certeza que ele não estava focado neles. Quero dizer, isso seria ridículo.

Certo?

Mesmo assim, sinto que os meus lábios estão secando e tenho essa estranha sensação no meu peito.

— Você estava olhando para algo em particular? – pergunto.

Ele enfia as mãos nos bolsos. — Você sempre usa camisetas com uma frase?



Algo me faz cruzar minhas mãos nas minhas costas, e minha coluna arqueia apenas um pouquinho. Mas ele mantém os olhos firmemente no meu rosto. Não que quisesse que ele os movesse ou percebesse... Minhas qualidades. Mas ainda assim.

— Você não gosta de falar muito sobre si mesmo, não é? – eu comento, lembrando como rápido ele se fechou quando nós estávamos falando sobre o pai dele.

Eu pensei muito sobre isso nos últimos dias, na



verdade, desde que tivemos nossa reunião. Não há muito a fazer por aqui. E concluí que há algo entre ele e seu pai.

— Você não gosta disso também. – ele responde, meio que secamente.

Eu não luto contra o sorriso que vem. — Então, o que, somos almas gêmeas?

— Eu não iria tão longe assim.

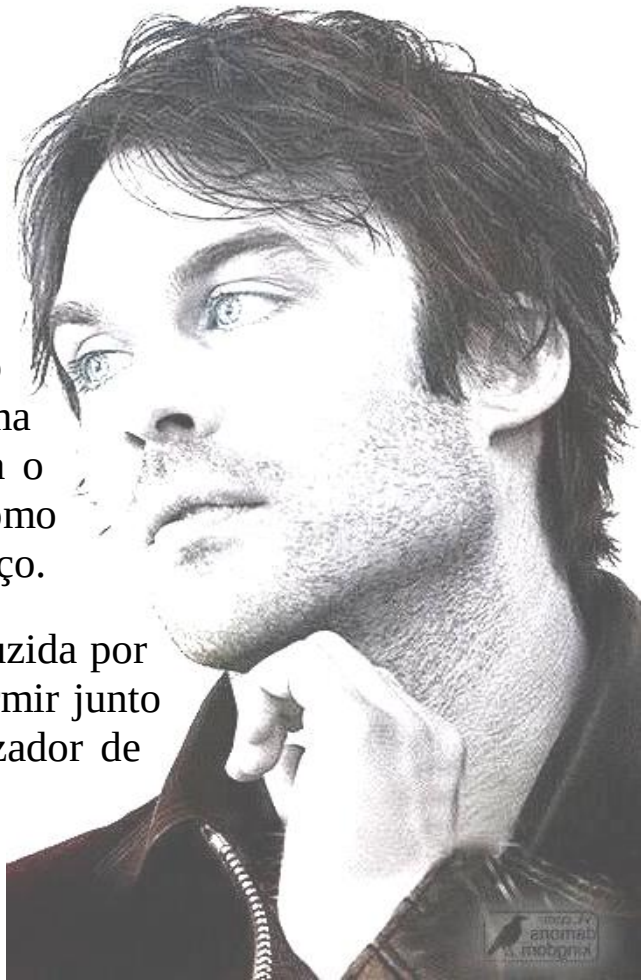
— Que bom. Porque não posso imaginar esse horror. – eu me inclino em direção a ele, levemente. — De nós sermos parecidos, quero dizer.

Estreitando os olhos, ele concorda. — Certo. Porque você não quer ser parecido com alguém que é - o que - doido. E psiquiatras são isso, não são?

— Você já sabe disso.

Um pequeno sorriso aparece em seus lábios com a minha resposta, e eu já sei que isso é uma coisa rara para ele. Sorrir e rir. Riso.

Como são para mim.



Deus, ele está tornando muito difícil para eu odiá-lo.

Eu quero odiá-lo. Acredite em mim.

Eu estou ciente de que ele é o inimigo. Estou ciente de que, com uma assinatura, ele pode me mandar embora para o lado de fora. Mas ele não vai. Porque ele é como eles, como todos os outros médicos que conheço.

Embora, tenha curado minha insônia induzida por medicamentos. Ele me deu remédios para dormir junto com o meu antidepressivo regular e estabilizador de



humor. Então, pelo menos eu posso dormir à noite.

Para não mencionar que, Renn ama tudo sobre ele e a maneira como ele lidou com sua curta reunião. Ouvi enfermeiras e técnicos falando sobre como ele é legal. Alguns pacientes ainda podem ser cautelosos com ele, mas eu o vi sempre ser educado e cortês, abrindo portas, cumprimentando e puxando as cadeiras. Não que ele seja amigável ou tagarela, mas é bem-educado.

Como eu disse, muito difícil - extremamente difícil - odiar alguém que é tão cavalheiro, me faz querer sorrir e me coloca para dormir.

Lambendo meus lábios, eu olho para longe dele e para a camiseta que estou usando. É uma camisa cinza clara com letras em azul dizendo: *Em uma escala de 1 a 10, tenho 9 ¾ de obsessão por Harry Potter.*

Eu puxo a barra e digo, desnecessariamente. — É do Harry Potter.

— Eu imaginei.

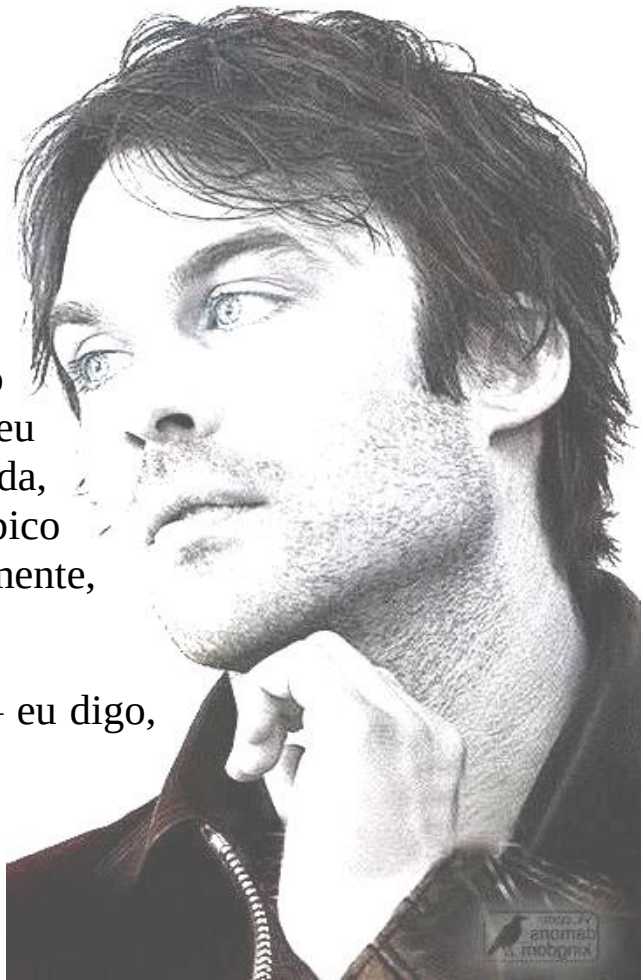
— Você gosta de Harry Potter?

— Eu não gosto de ficção.

— Eu imaginei.

Ele cruza os braços sobre o peito. — O que?

Olho para ele, seu rosto, o seu cabelo arrumado e a sua barba por fazer. Então eu movo meus olhos para sua camisa engomada, suas calças com pregas e os seus sapatos de bico fino. Sei que estou o observando, descaradamente, mas tenho um bom motivo.



— Você tem sapatos de bico fino, cara. – eu digo,



sorrindo.

— Cara.

— Homem?

— Por que não ficamos com Dr. Blackwood?

— E se eu não quero chamá-lo de Dr. Blackwood? – digo apenas para ser contrário. — E se eu tiver o desejo de chamá-lo de Simon?

Seu nome nos meus lábios soa inovador. Eu nunca conheci um Simon antes. Ele é o primeiro. Eu gosto disso.

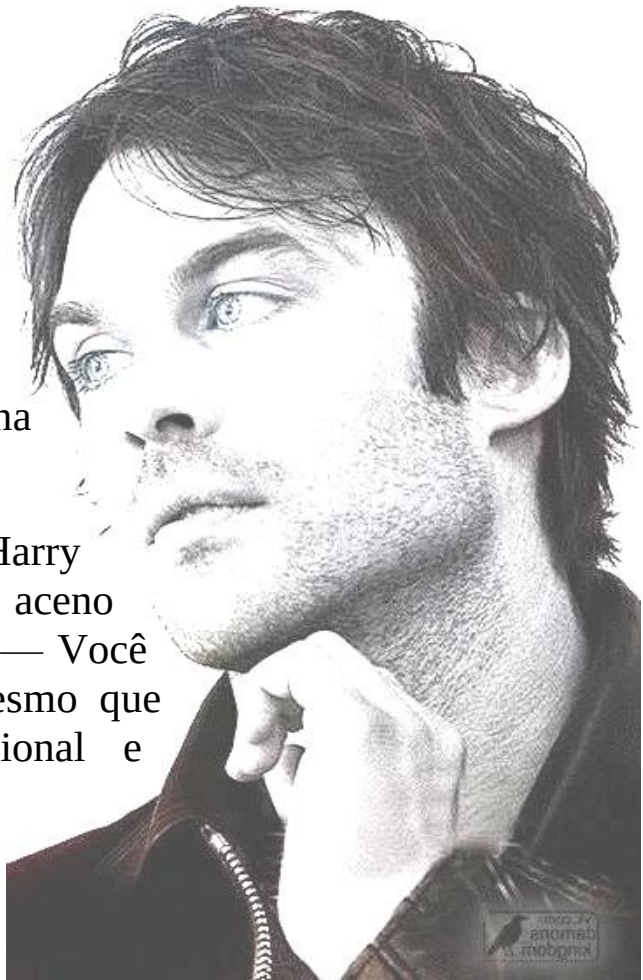
E aí está o problema.

Só o fato de *querer* dizer seu nome significa que eu nunca deveria dizê-lo.

— Bem, então eu aconselho a contar até dez. – ele responde. — Isso geralmente ajuda com os impulsos. Mas se não, podemos falar sobre seus impulsos na próxima semana.

Impulsos.

Algo sobre essa palavra traz de volta a sensação no meu peito e eu limpo minha garganta. — Meu ponto é que eu posso ver meu rosto em seus sapatos. Eles são superlustrados.



— E isso de alguma forma não combina com Harry Potter?

— Não, *você* não combina com Harry Potter. Quero dizer, olhe para você. – eu aceno minha mão para ele, para cima e para baixo. — Você está vestido como se tivesse cem anos, mesmo que tenha apenas trinta e três. Todo profissional e



tenso. De jeito nenhum você é legal o suficiente para Harry Potter.

— Isso é verdade?

— Sim. – eu aceno. — Você parece com algum tipo de… eu não sei, um cara da medicina antiquado. Me desculpe, cara. Curandeiro.

— Curandeiro.

— Sim. Esse poderia ser o seu nome.

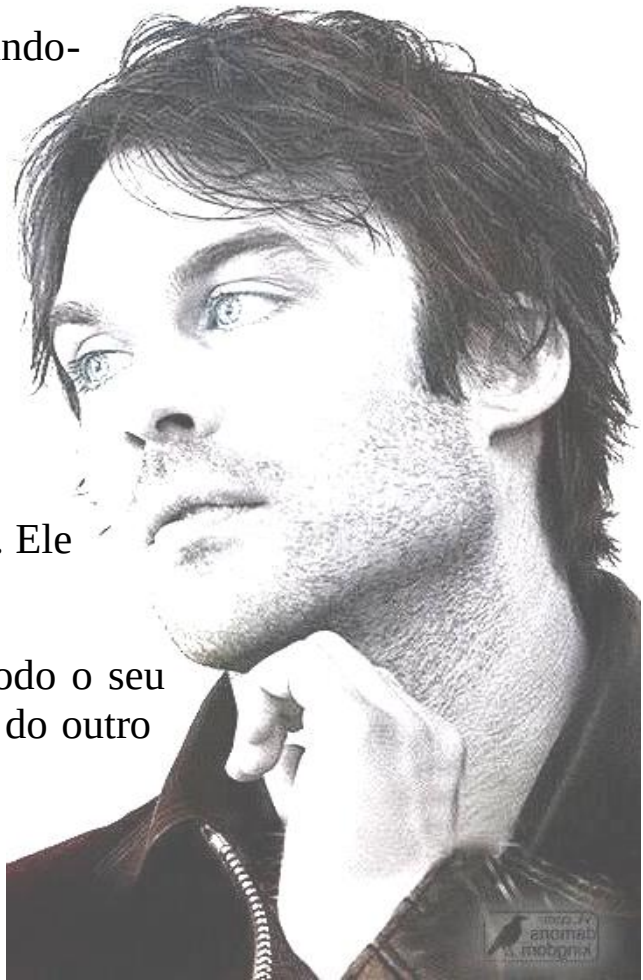
— Você tem uma queda por nomes, não é?

Meus olhos se arregalam fracionariamente. Eu fui pega, não fui? Ele sabe que eu estava falando sobre o nome dele em vez do pai dele no nosso encontro.

— Não. – eu minto.

— Eu me enganei. – diz ele, mas não parece que ele acredita em mim. — Tenho que ir. Estou atrasado para o Quadribol.

Com isso, ele se vira e vai embora, deixando-me de olhos arregalados em sua direção.



Ele acabou de dizer Quadribol?

Como ele conhece Quadribol? Ele disse que não gostava de Harry Potter. Como ele sabe sobre o esporte deles?

Não. Espere.

Ele disse que não gostava de ficção. Ele nunca disse que não *leu* os livros.

Ele acabou de me enganar? Depois de todo o seu sermão de *não me dar respostas enigmáticas* do outro



dia. Eu sei que eu deveria estar com raiva. *Eu sei disso.*

Mas eu não estou.

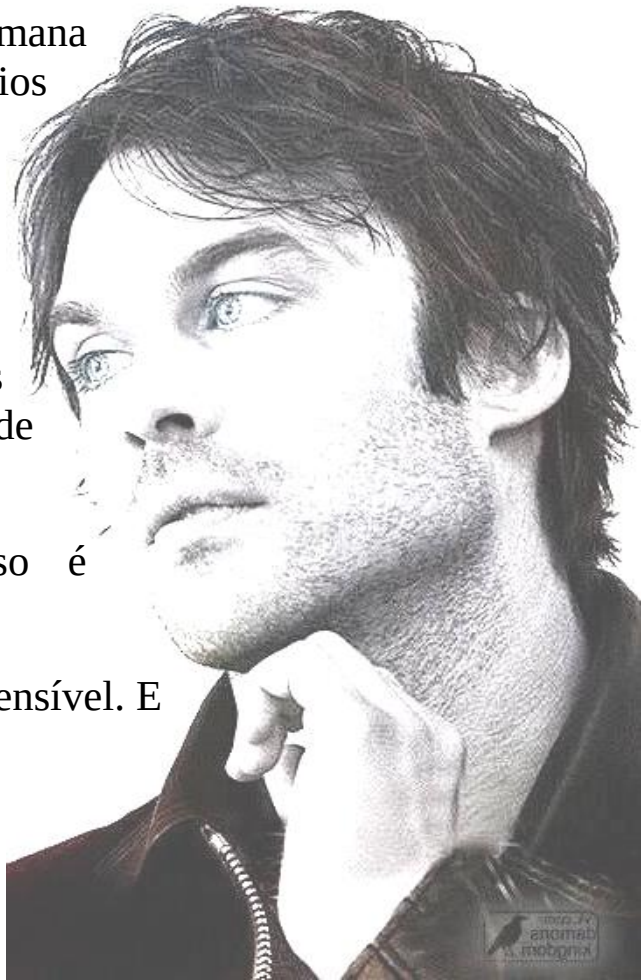
Estou quase admirada. Ele sabe como evitar todas as perguntas. Ele é um profissional. Embora, não entenda o que ele poderia estar escondendo sobre Harry Potter. Ou o pai dele, na verdade.

Sim, estou supercuriosa.

Quando ele desaparece de vista, eu enfrento as colagens. Eu fico onde ele estava. No mesmo lugar exato. Eu não sou tão alta quanto ele, então eu tenho que esticar meu pescoço, levantar na ponta dos pés para olhar as fotos no topo.

Há um monte de fotos comemorando o Natal e algumas de aniversários. Vejo Beth, Hunter, Josie, Dr. Martin e algumas outras pessoas. Todo mundo está sorrindo de felicidade.

Essas fotos não retratam as realidades corajosas de ficar em uma enfermaria psiquiátrica. Não mostram os suores noturnos que eu sofri durante a minha primeira semana porque eles interromperam os meus remédios antigos. Elas não mostram a aparência doentia de Renn quando ela teve que eliminar seu almoço na semana passada, e eles a levaram para um lugar diferente para fazer isso. Não vejo as olheiras e ocas bochechas da insônia, ou rostos inchados e vermelhos dos pacientes que não conseguem parar de chorar depois de uma sessão de terapia.



Todas essas fotos mostram que isso é felicidade.

Um lugar como esse. Isso é incompreensível. E

incrível.

Isso é cansativo.

Estou exausta só de olhar para o entusiasmo em seus rostos. Como as pessoas *fazem* isso? Como ficam felizes e depois *continuam* felizes? *Não é suposto ser tão difícil, certo?* A vida não deveria ser tão difícil.

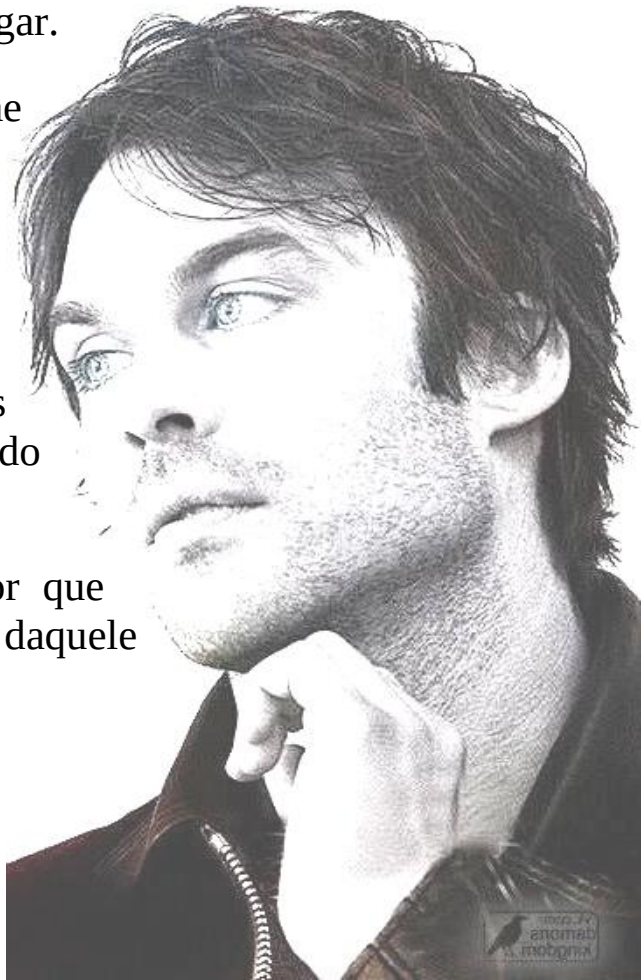
Mas então, se eu não estivesse clinicamente deprimida, ficaria feliz o tempo todo? Eu seria positiva? Eu nunca teria dias ruins?

Essa é a pior parte de estar mentalmente doente: você não conhece o seu verdadeiro eu porque a doença e os remédios fodem com tudo.

Existem pequenas etiquetas de nome sob os membros da equipe e eu olho os nomes em todos eles, até que eu paro em um. Eu *tenho* que parar em um: *Dr. Alistair Blackwood.*

Ele está ao lado de uma mulher usando um vestido vermelho. Eu não estou interessada nela porque Jesus Cristo, o homem na foto parece exatamente como o atual Dr. Blackwood.

Então, este é o homem que fundou este lugar.



Mesmo que eu não tivesse lido o nome dele, ainda assim saberia que ele era o pai do atual Dr. Blackwood. Ele tem o mesmo cabelo, volumoso, escuro e um pouco ondulado. O mesmo nariz, reto e arrogante. O mesmo queixo, as mesmas maçãs do rosto salientes. A única diferença é a cor dos olhos deles. Seus olhos são verdes, enquanto os do filho são de um cinza intenso e tempestuoso.

Ele estava olhando para o pai. Mas por que diabos ele estava olhando para o pai daquele jeito? Com tanta intensidade?



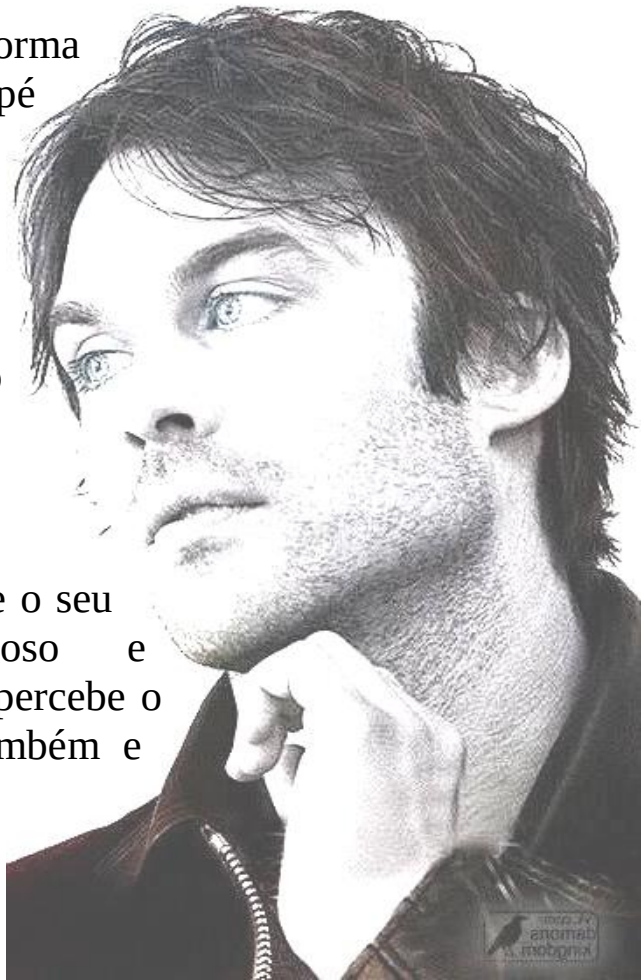
Não há tempo para pensar em nada disso porque uma das enfermeiras me lembra de que o café da manhã está prestes a começar.

Que é sem intercorrências, como de costume. Se você não levar em conta que um dos pacientes da Batcaverna teve um pouco de café demais e ele estava nervoso. Então eu tenho que passar por uma hora de trabalho em grupo com um assistente social. Nós falamos sobre como lidar com pensamentos negativos no mundo exterior. Então fazemos terapia de arte por uma hora.

Finalmente, é hora do almoço. Estamos na mesa de sempre, perto da janela, e estou saboreando minha gelatina de limão, movendo-a em volta da minha boca para que ela se encaixe em todos os cantos da minha língua e afugente o sabor amargo dos remédios.

Um momento depois, porém, o Dr. Blackwood entra na sala de jantar e eu me esqueço dos remédios e do gosto amargo deles.

De alguma forma, ele é mais alto do que era hoje de manhã. Mais alto que ontem, ainda.



Tenho uma visão estranha de alguma forma me levantando para seus ombros largos e de pé sobre eles. Aposto que mesmo com o meu pequeno corpo eu tocaria o telhado, até mesmo as nuvens.

Eu tenho uma visão estranha de dizer *oi* para ele, acenando com a mão para ele do outro lado do lugar.

Que ridículo. Eu nunca faria isso.

Ele não está molhado como esta manhã e o seu cabelo estava em seu lugar. Brilhoso e penteado. Brilhante. Eu não sou a única que percebe o brilho de seu cabelo. Renn percebe isso também e



sussurra baixinho, observando seu caminhar pela sala.

— Deus, ele é gostoso. Como, bem gostoso. Eu olho para ele... – ela solta um suspiro. — E eu só quero que ele seja meu papai.

Eu mordo a minha língua com a palavra *papai*. A dor aguda me faz pular no meu assento e molhar meus olhos.

Penny geme. — Eca. Eu vou te dar um soco na garganta.

De frente para ela, Renn sorri. — Admite. Você estava pensando a mesma coisa. – então ela me cutuca com o cotovelo debaixo da mesa enquanto estou tentando acalmar meu coração batendo forte. — Pelo menos, nossa Willow estava pensando nisso.

— Eu não estava!

Isso só a faz rir e eu penso seriamente em levar a cabo a ameaça de Penny.

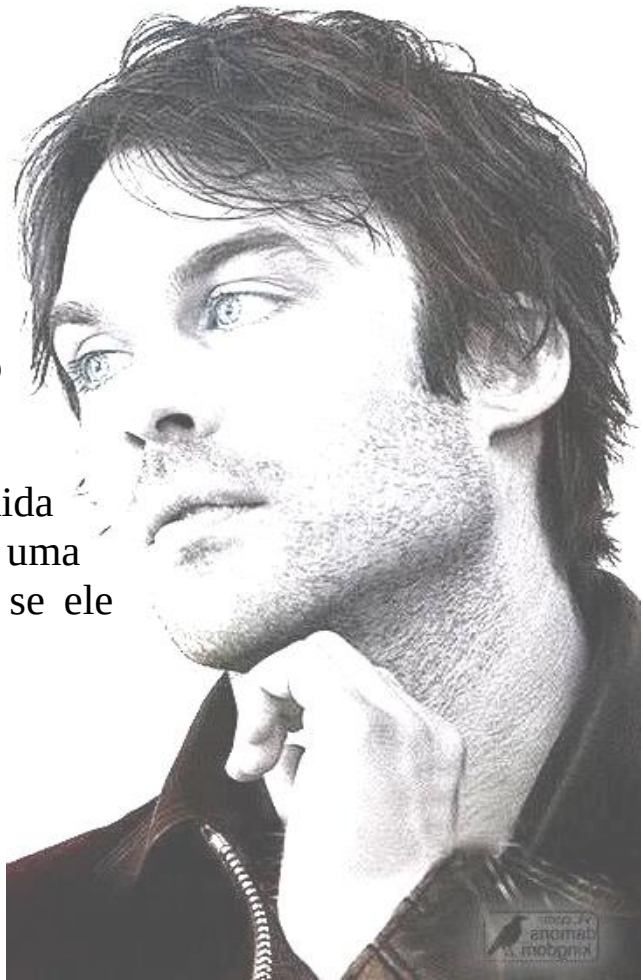
Eu não estava pensando nisso.

— Não ligue para ele. – digo a ela.

— Por quê?

— Porque não.

— Você está reivindicando ele? Porque se você estiver, então preciso saber. Eu não brinco com o que pertence as minhas amigas.



Quase engasgo com a minha comida novamente. — Ele não pertence a mim. É uma maneira tão estúpida de colocar isso. Como se ele fosse um objeto.



— Ele pertence ou não?

— Se eu disser sim, você vai parar de falar sobre ele assim?

— Sim. Jura de mindinho?

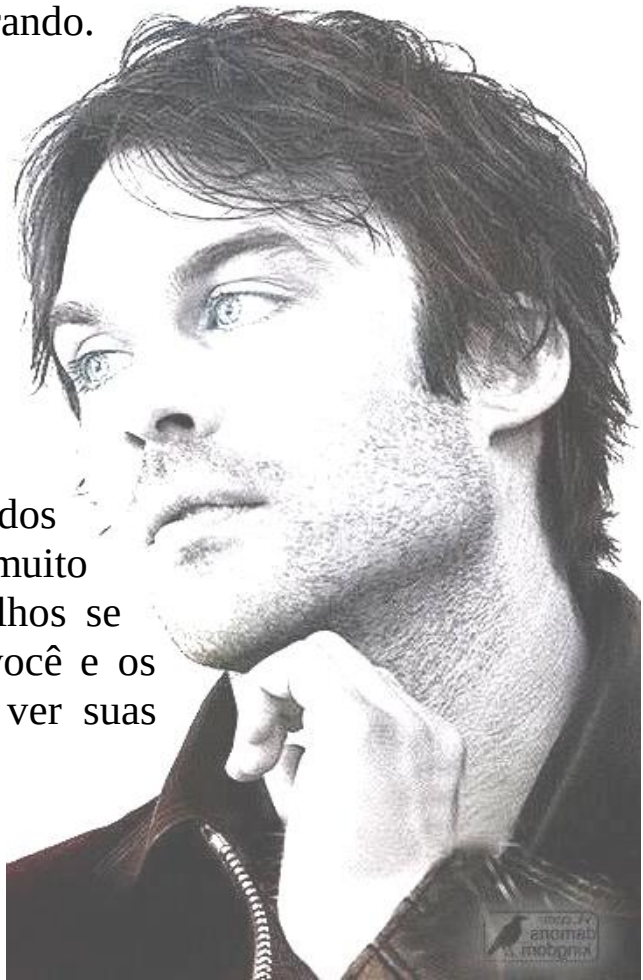
Ela me dá o dedo, então posso fazer a promessa se eu quiser. Eu penso nisso um segundo. Tudo bem, por um microssegundo. Então, eu entrelaço meu dedo com o dela muito rapidamente antes de tirar minha mão para que um técnico não nos note quebrando a regra de não tocar.

— Ele é meu. – digo com o meu coração à beira da explosão. — Não fale sobre ele assim.

Renn grita. Penny suspira e sorri.

Eu? Eu coro e olho para longe.

Então, eu noto uma coisa. Cada olhar trêmulo e se movendo é concentrado no Dr. Blackwood. Não há uma única pessoa na sala que não esteja olhando para ele. Eu inclusive. A maioria são cautelosos. Alguns são curiosos. Todos estão tagarelando e murmurando. Com os sons da sala aumentando.



Algo semelhante à simpatia aumenta em mim.

Com o inimigo. Primeiro, luto por odiá-lo e agora sou compreensiva.

O que está acontecendo comigo?

Talvez porque eu saiba como é quando todos os olhos estão em você. Eu senti isso não muito tempo atrás. Sei como é quando todos os olhos se transformam em um microscópio, inflando você e os seus defeitos. Como todos os olhos tentam ver suas



rachaduras.

Eu sei.

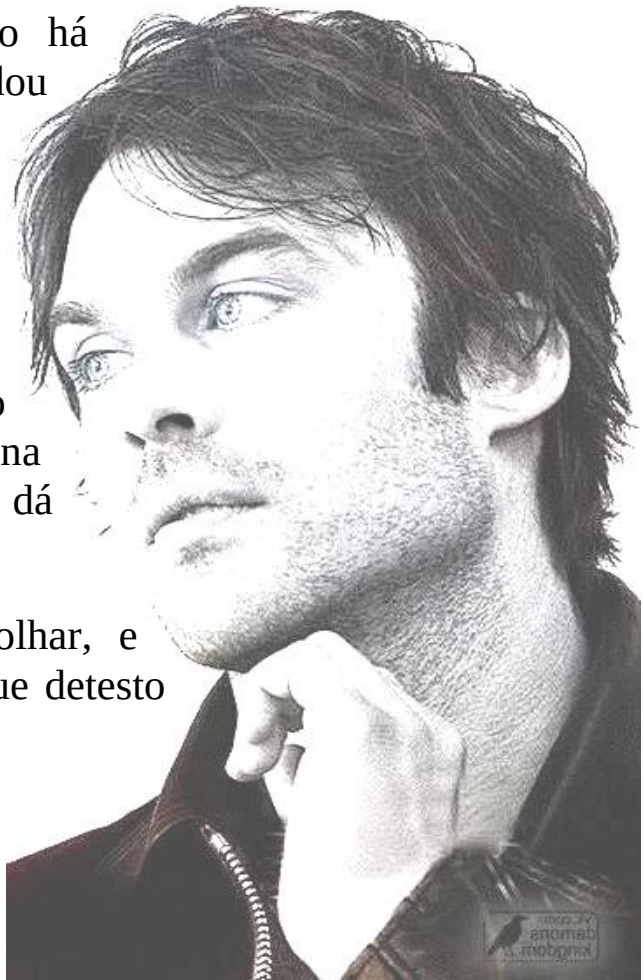
Sinto que quero arranhar esses olhos. Arranhar essas caras. Gritar, chutar e fazer barulho.

Mas, Dr. Blackwood parece bem. Extremamente bem, na verdade.

Nada em sua expressão sugere que saiba até mesmo sobre a atenção que está chamando ou o súbito aumento na tagarelice. O pessoal espalhado ao redor da sala tornou-se mais atento, no entanto.

— Boa tarde a todos. – Sua voz se eleva acima do estridente, nítida e alta, enquanto ele fica no meio da sala. — Espero que vocês estejam tendo um dia agradável até agora. Alguns de vocês estarão me vendo no meu consultório mais tarde, então, por favor, não me deixe impedi-los de desfrutar do delicioso almoço. Por mais que ame a atenção, não queremos ofender os cozinheiros.

Com isso, ele caminha até onde Beth o observa com um sorriso maternal, balançando a cabeça. Não há outra opção senão vê-lo depois que ele lidou com isso tão bem.



Mais uma vez, não posso deixar de pensar que este homem sabe das coisas. Ele sabe como lidar com a observação.

Eu o vejo baixar a cabeça para ouvir o que Beth está dizendo. Ele tem a mão grande na parte inferior de suas costas, enquanto ele lhe dá toda a sua atenção.

Penny nos repreende a pararmos de olhar, e normalmente eu aceito o conselho dela porque detesto



que me olhem fixamente. Mas eu não posso parar.

Há algo sobre ele que me obriga a olhar.

E então Josie se juntou ao grupo deles, e eu não sou capaz de afastar o meu olhar, mesmo que quisesse.

Ela está ao lado do Dr. Blackwood, quase chegando aos seus ouvidos, quando ele se vira para incluí-la. O que é tão atípico do que eu vi dele.

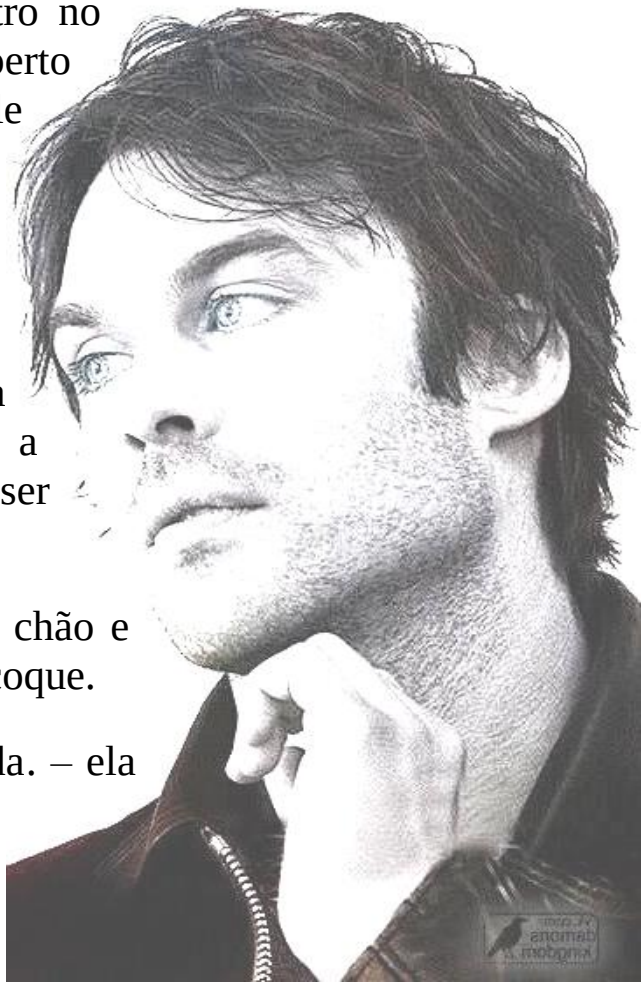
Mas o que eu sei? Eu só o conheço há alguns dias.

Um par de segundos da conversa, Josie ri muito de algo que ele diz, com o seu cabelo loiro balançando com o riso. Eu observo a sua reação. Eu olho para ver se ele está rindo.

Ele não está.

Ele está sorrindo embora. E em todo o tempo que eu o conheço, esse é o maior que ele sorri.

Eu me viro abruptamente e me concentro no meu almoço. Não é da minha conta quanto perto ele estava de pé ao lado de Josie ou como ele estava sorrindo amplamente.



Nós comemos em silêncio - tanto silêncio quanto você pode chegar aqui - até que houve um acidente no outro extremo da sala. É Annie - a irritadinha Annie - que vive a algumas portas e está propensa a pesadelos. Pelo que ouvi, ela é conhecida por ser um pouco agressiva.

Ela jogou a bandeja cheia de comida no chão e está de pé, com os cabelos escuros caindo do coque.

— Não quero comer essa porra de comida. – ela



declara com raiva. — É muito nojenta. Ela me faz querer me matar. E eu também não quero o médico brilhante. Eu quero o Dr. Martin.

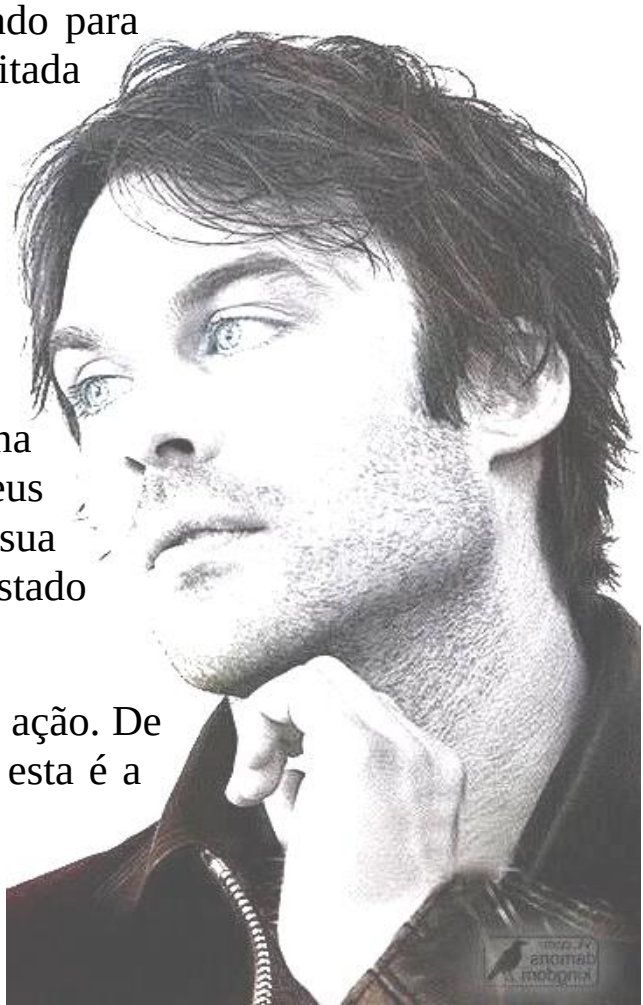
Ela dá alguns passos para a direita, mas instantaneamente uma enfermeira está sobre ela, tentando acalmá-la.

— Não, não chegue perto de mim. Não me toque. – ela está agitando os braços para a enfermeira, e agora os técnicos estão também circulando em torno dela.

— Mantenham suas mãos imundas longe de mim, seus animais. Eu te odeio. Odeio todos vocês! Eu não quero estar aqui. Não quero ficar aqui. Vocês os mataram, não foi? Vocês mataram o Dr. Martin? Como eles mataram meu pai. Vocês o mataram porra!

Seus punhos estão tremendo e quase bate em um dos técnicos em sua mandíbula. No segundo seguinte, dois deles pegaram as mãos dela, fazendo-a se debater contra o aperto deles e fazendo-a gritar.

Está criando uma sensação de paranoia na sala. As pessoas estão ficando irritadas, como se acordassem. Olhando para a comida e um para o outro. Como a irritada Annie.



— Vocês mataram meu pai. Vocês mataram o Dr. Martin! – ela está chorando e algo aperta no meu coração. Um ataque apertado.

Seus gritos estão causando uma adrenalina no meu sangue e um zumbido em meus ouvidos. Seus empurrões, os tremores de sua cabeça, sua voz dilacerante - tudo sobre seu estado agitado está chegando a mim.

Esta é a primeira vez que vi a Annie em ação. De fato, nas minhas duas semanas de estar aqui, esta é a



primeira vez que vejo qualquer tipo de colapso, onde essa forma de assistência é necessária. Normalmente, são ameaças vazias e o que agora parece ser uma brincadeira.

Por alguns segundos, sou jogada de volta ao quarto do hospital, onde eu acordei depois do Incidente do Telhado. O pânico. O peso do que aconteceu.

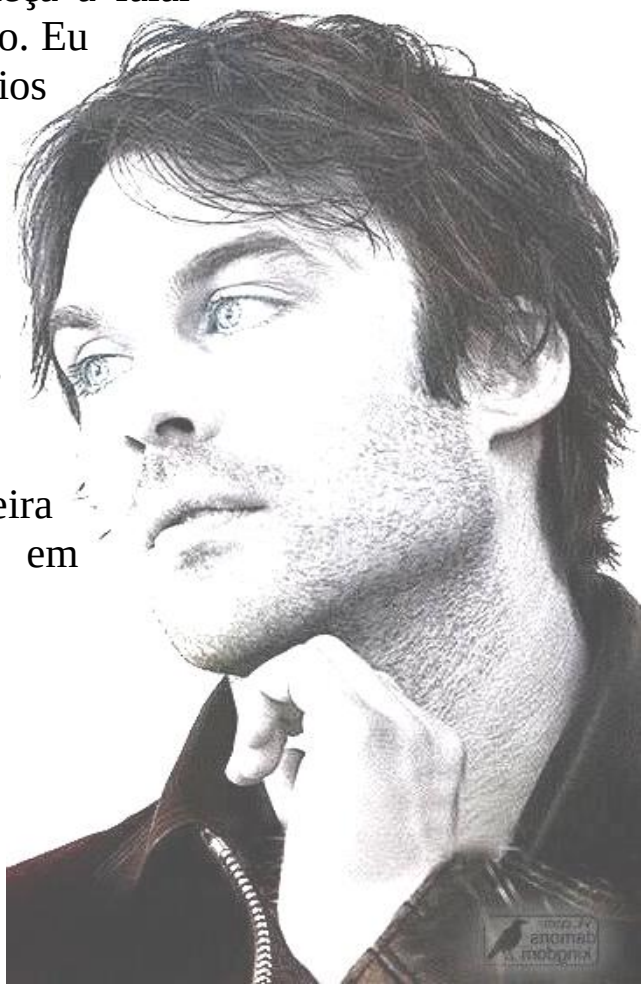
Deus, eu nunca mais quero sentir isso de novo.

Nunca mais quero ficar tão agitada assim. Como se estivesse perdendo o controle da realidade.

Como a irritada Annie.

Minha visão se quebra quando vejo outros membros da equipe entrando na sala, tentando lidar com a comoção. De repente, a fileira de mesas é infiltrada pelos uniformes azul-marinho. No meio de toda a gritaria e tagarelice, Dr. Blackwood caminha até a irritada Annie.

Até então, eu estava sentada em minha cadeira, com meu corpo todo encolhido em uma bola. Assim que ele começa a falar com ela, meus músculos relaxam um pouco. Eu não sei porque. Quanto mais eu vejo seus lábios macios se movendo e sua mandíbula movendo para cima e para baixo, mais relaxada eu me torno.



Meus punhos estão abertos. Meu abdômen não está contraído. Eu não sou mais uma pedra.

Na periferia, noto uma enfermeira preparando uma seringa, e estou entrando em pânico novamente.

Oh, não



Não, não, não.

Não as agulhas. Agulhas são as piores.

Elas são pior, caralho.

Antes que eu possa pensar, eu pulo da cadeira. Isso faz um grande ruído estridente contra o chão de madeira, me chocando e, aparentemente, chocando as meninas também.

— Que porra você está fazendo? – pergunta Renn, em alerta.

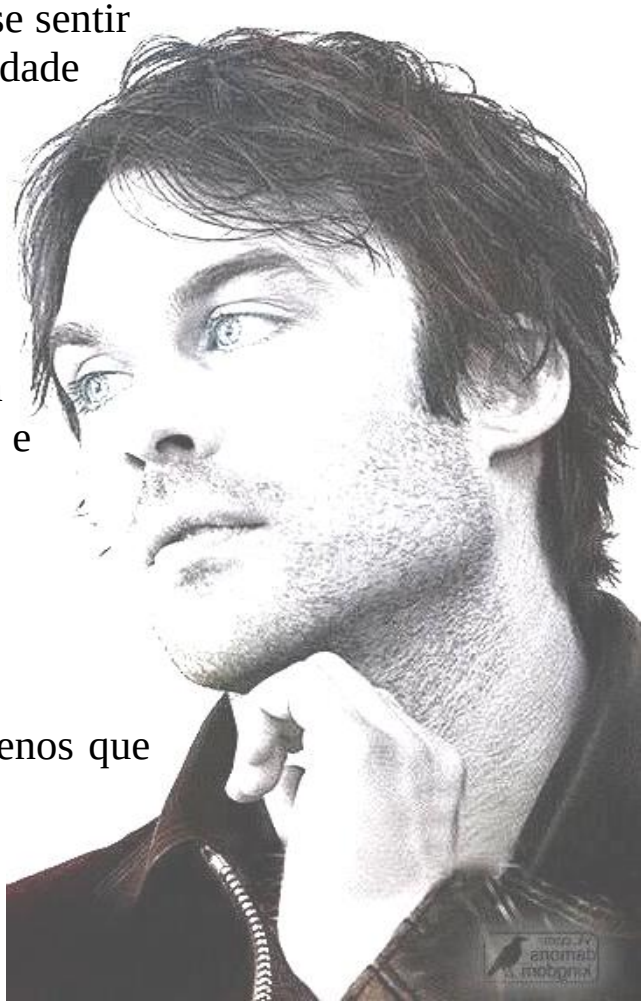
— Eu tenho que parar isto. Não posso deixar que ela fique presa com uma agulha.

Vibrando com uma enorme quantidade de energia, estou contornando a cadeira quando Penny fala. — Você está louca? Deixe-os fazer o trabalho deles, Willow.

— Não.

— Willow! Volte aqui! – Penny sussurra.

— Ela não é um animal. Ela não deveria se sentir como uma. – eu digo, respirando com dificuldade e meu coração batendo dentro do meu peito.



— Willow, pare. Ela não precisa da sua ajuda.

Não sei dizer se é a Renn ou a Penny, mas não me importo. Eu estou em transe. Uma bolha onde só posso sentir raiva e determinação.

Eu tenho que parar isso.

Eu *preciso* parar.

Preciso impedi-los de fazê-la se sentir menos que



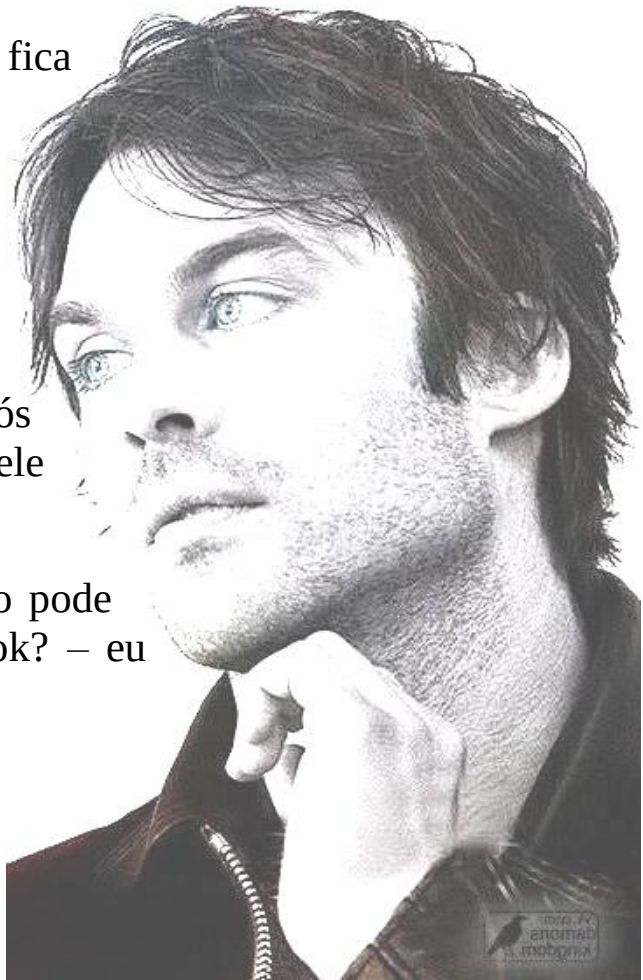
humana, uma aberração. Porque é assim que se sente quando eles te restringem e cravando suas garras na sua pele. Eles invadem seu espaço pessoal, ficam tão perto de você que você pode ver os poros de sua pele, cheirar seu suor. Você pode sentir o calor repugnante do seu corpo. Seus dedos fortes. Seus rostos maldosos e feios. Você diz para eles se afastarem, mas eles não escutam. Você lhes diz para te soltar, deixá-la em paz, mas dificilmente isso é registrado por eles.

Você diz a eles que não é louca. Que não precisa se acalmar. Você precisa ser ouvida. Você precisa ser entendida.

Mas todos eles acham que são mais espertos que você.

Meus pensamentos são frenéticos, exatamente como minha respiração, como se eu estivesse vivendo esse momento de horror ao lado da irritada Annie. Como se eu estivesse de volta ao hospital, onde as pessoas - até mesmo minha mãe - não acreditavam em mim quando lhes disse que o Incidente do Telhado foi um acidente. Onde enfiaram uma agulha em mim porque achavam que eu estava muito agitada e muito desequilibrada.

O grande e mau furacão dentro de mim fica abalado quando eu bato em alguém. É Hunter.



— Eu preciso que você fique calma, tudo bem? – ele me diz com uma voz áspera.

— Eu preciso ir salvá-la. – digo a ele.

— Você não precisa salvá-la. Nós lidaremos com isso. Ela vai ficar bem. – ele tenta me levar de volta para a mesa.

— Não, ela não vai ficar bem. Você não pode sedá-la. Você não pode fazer isso com ela, ok? – eu me afasto dele, mas droga, eu não posso.



Eu não posso me livrar dele.

Lágrimas de frustração surgem nos meus olhos quando ele me diz que preciso respirar calmamente.

Eu coço seu antebraço com minhas unhas grossas. — Eu não preciso ficar calma. EU...

Eu paro quando ele olha para mim, Dr. Blackwood, está do outro lado da sala.

Sua testa lisa se enruga enquanto ele observa meu rosto e eu não tenho energia para colocar minha máscara de volta. Para não mostrar como isso está me afetando. Deixe-o observar, se ele quiser. Mas não posso deixar que façam isso com a irritada Annie.

Eu balancei minha cabeça uma vez, e então fiquei rígida e meus olhos se arregalaram.

Sobre os ombros do Dr. Blackwood, espio a enfermeira avançando para a irritada Annie com uma seringa nas mãos. Mas no último segundo, ele levanta a mão, parando a enfermeira.

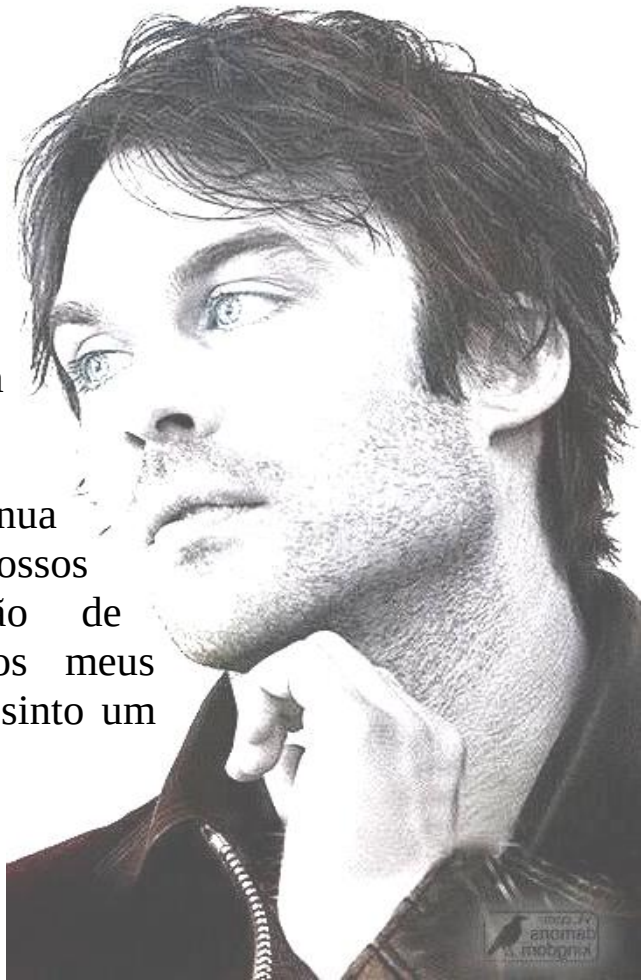
Ele parou a enfermeira.

Ele levantou a mão e parou a enfermeira.

Ele parou.

E assim mesmo, Annie irritada perde um pouco de sua luta, e eu também.

Vejo como o Dr. Blackwood continua falando com ela. Aqueles lábios macios e grossos se movendo. Quase como uma canção de ninar. Como hipnose. Lentamente, todos os meus pensamentos agitados evaporam, até que eu sinto um





choque. Um choque de algum tipo.

Ele está tocando ela.

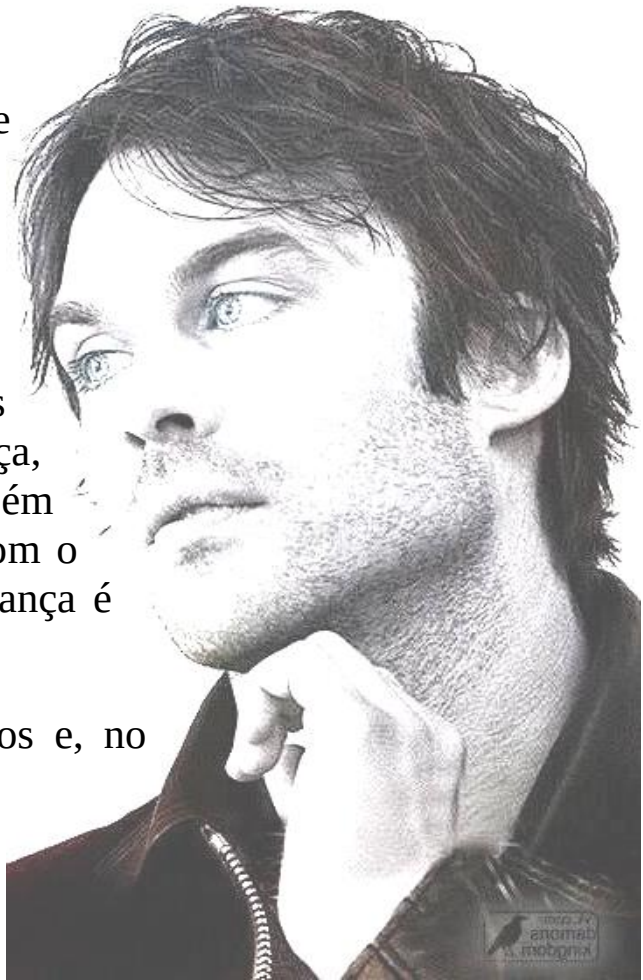
Até agora, ele não a tocou. Eram apenas os técnicos, mas agora o Dr. Blackwood põe a mão no ombro trêmulo dela e inclina a cabeça para ela. Annie irritada fica completamente relaxada.

Uma mecha de seu cabelo perfeitamente liso caiu na testa franzida e está quase tocando o topo da cabeça dela, enquanto eles estão lá, juntos.

Eu engulo, mas eu não consigo fazer a minha garganta funcionar. Ela está cheio de tantas emoções. Pensamentos. Maravilhada. Tantas coisas.

Acima de tudo, está entupida com o desejo de conhecer a sensação de seu toque. Eu quero saber como é ser tocada por ele, suas mãos que claramente carregam algum tipo de encanto antigo. Poderes de cura.

A irritada Annie está completamente parada, fascinada por ele. Além de algumas fungadas, ela não faz um som e nem os outros. Lentamente, o caos está ficando sob controle. Uma calmaria está se instalando na sala.



Eu não protesto quando Hunter me leva de volta à minha mesa.

Uma vez que a irritada Annie vai facilmente com os técnicos e se senta novamente, o Dr. Blackwood se vira para a sala. — Estou ciente de que muitos de vocês não estão felizes por eu estar aqui. – ele começa, e a tagarelice residual desaparece. — E também estou ciente de que alguns de vocês estão com o Dr. Martin há muito tempo e sei que a mudança é difícil.

Ele suspira, enfiando as mãos nos bolsos e, no



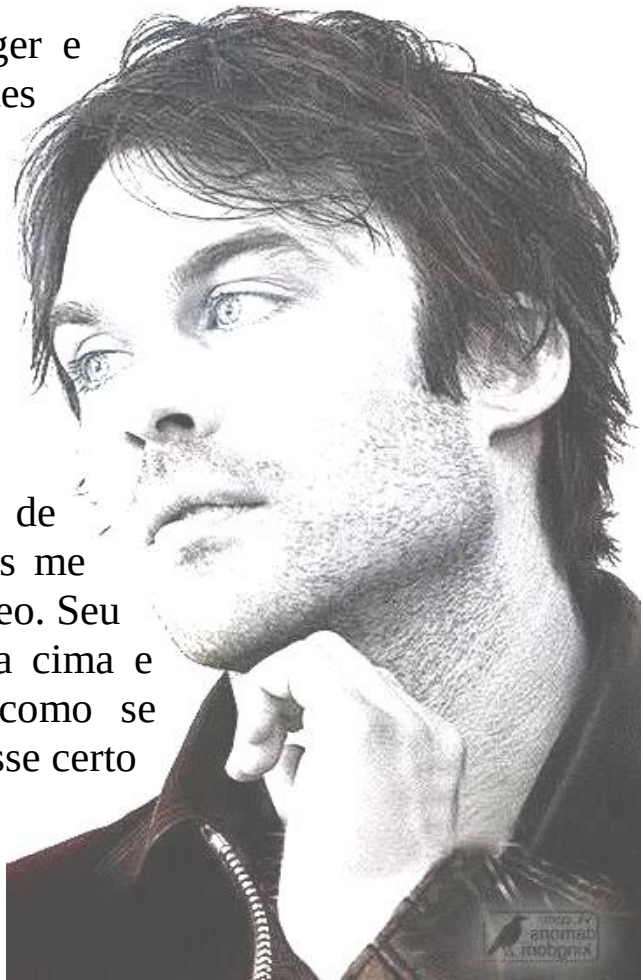
fundo da minha mente, uma voz protesta para aquelas mãos curadoras sejam escondidas de vista.

— Agora, existem duas maneiras de fazer isso. Um, podemos brigar e argumentar, mas todos sabemos que não vou a lugar nenhum. Pelo menos não por enquanto. Dois, se todos prometerem se comportar, eu tenho algo que pode interessar a vocês. – ele faz uma pausa para deixar que o efeito entre em ação, antes de continuar. — Eu organizarei para vocês verem o Dr. Martin e ele dirá o que está fazendo. Que está tudo bem e voltará a trabalhar muito em breve, *se* vocês prometerem cooperar. Vocês vão terminar os seus almoços, tomar seus remédios, ir aos grupos e, em modo geral, parar de dificultar para o pessoal. – ele levanta as sobrancelhas e as mãos indo para os quadris. — Combinado?

— E como você vai fazer isso? – Isso vem de Roger.

— Por que não me deixa me preocupar com isso? – Dr. Blackwood levanta uma sobrancelha arrogante.

— Okay, certo. Como sabemos que você não está blefando?



Com um leve sorriso, ele dispensa Roger e passa os olhos pela sala mais uma vez. — Antes do dia acabar, vocês vão conversar com o Dr. Martin. Se não, então um de vocês pode pessoalmente... – ele dá um olhar para Roger. — Encher o meu saco na frente de todos.

As pessoas riem, inclusive Roger.

Dr. Blackwood dá um pequeno aceno de cabeça, mas antes de sair da sala, seus olhos me encontram novamente. É rápido e momentâneo. Seu olhar. Ele basicamente passa seus olhos para cima e para baixo no meu rosto e meu corpo, como se estivesse procurando por algo, como se estivesse certo



de que eu estou bem, como se estivesse preocupado comigo. No entanto, não consigo imaginar que esteja… certo.

Certo?

Quando ele recebe sua resposta, ele sai.

— Ah, cara, ele é bom. – murmura Renn na sequência da sua partida.

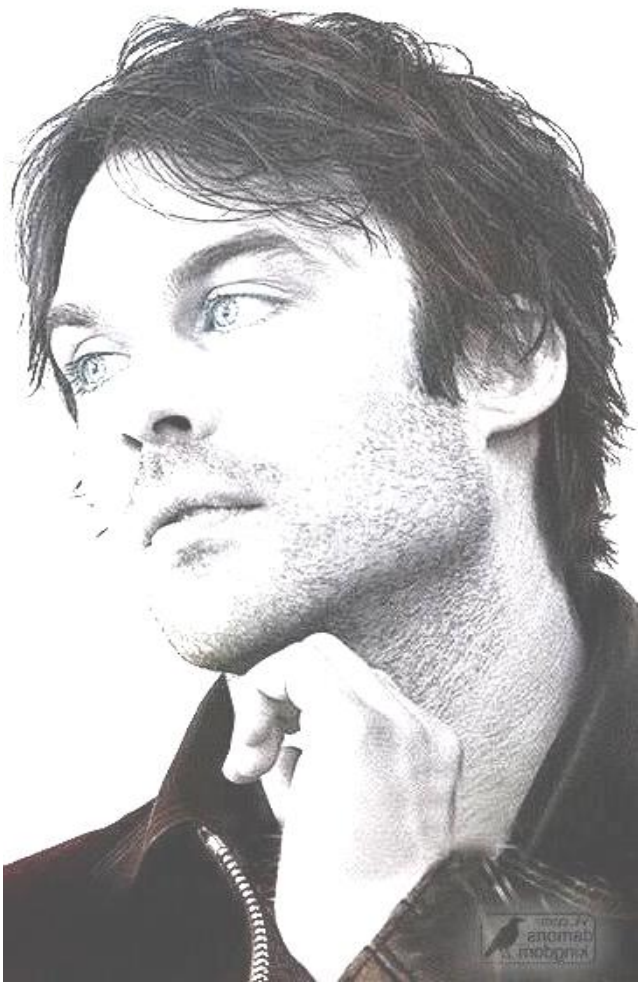
— Eu gosto dele. – Vi sorri.

— Eu o considero qualificado o suficiente para me tratar. – Penny declara.

Eu? Eu não falo nada. Eu ainda estou sentindo sua leitura. Isso trouxe de volta o pequeno formigamento e tremores desta manhã, quando nos deparamos no corredor.

Tudo que faço é vê-lo se afastar, virar o corredor e desaparecer com os ombros largos, cabelos escuros e mãos curadoras.

Mãos que salvaram alguém da agulha.





Saffron A. Kent

Capítulo Sete

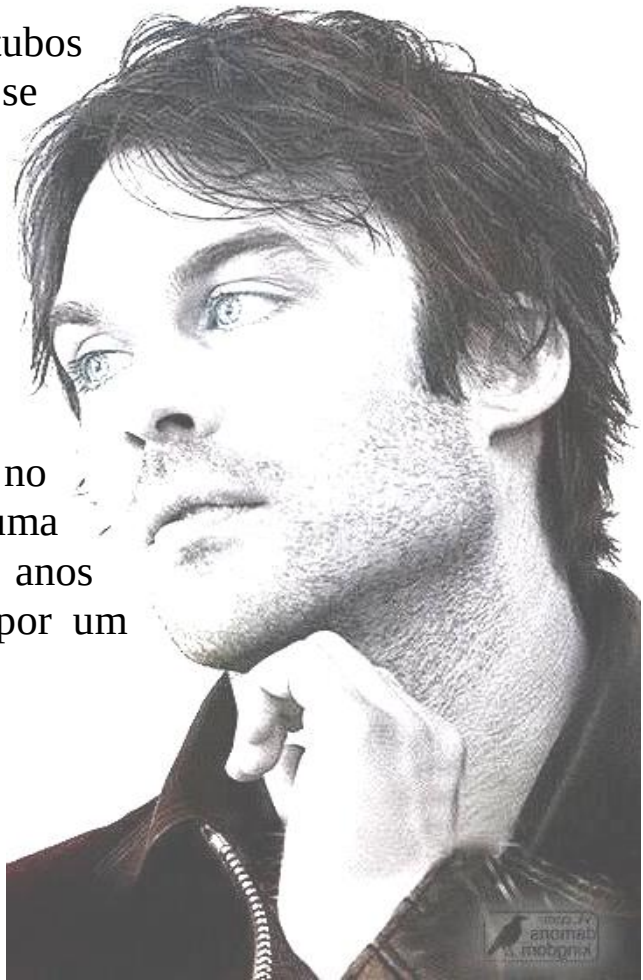
124

Meu medo das agulhas não é irracional.

Na verdade, eu não tinha medo delas até o dia seguinte ao meu aniversário de dezoito anos, também conhecido como *O Incidente do Telhado.*

Quando eu acordei no hospital, as paredes já estavam se fechando. Quando eles olharam para mim como se houvesse algo errado comigo, aquelas paredes desmoronaram. Eu não conseguia respirar. Meu pânico era uma coisa viva dentro do meu corpo. Uma criatura me habitando.

Lembro-me de gritar e clamando. Tantos gritos e tudo isso vinha de mim.



Derrubei as máquinas. Arranquei os tubos presos nas minhas veias. Eles não pararam de se aproximar embora. Mais perto e mais perto. Lentamente. As enfermeiras e os funcionários. Como se eles fossem sugar a minha alma do meu corpo. Como se fossem os dementadores - as criaturas que sugam a alma de Harry Potter.

Em vez de dar o *Beijo do Dementador*, no entanto, essas criaturas me prenderam com uma agulha. Veio do nada. Não em um milhão de anos eu teria imaginado alguma vez ser furada por um objeto pontudo como aquele.



Parecia uma traição. Um punhal nas costas.

Claro, que eu não confiei neles depois disso. Claro, que eu arruinei os prontuários da terapeuta quando ela me disse que tudo o que eles estavam tentando fazer era me ajudar. Curar-me.

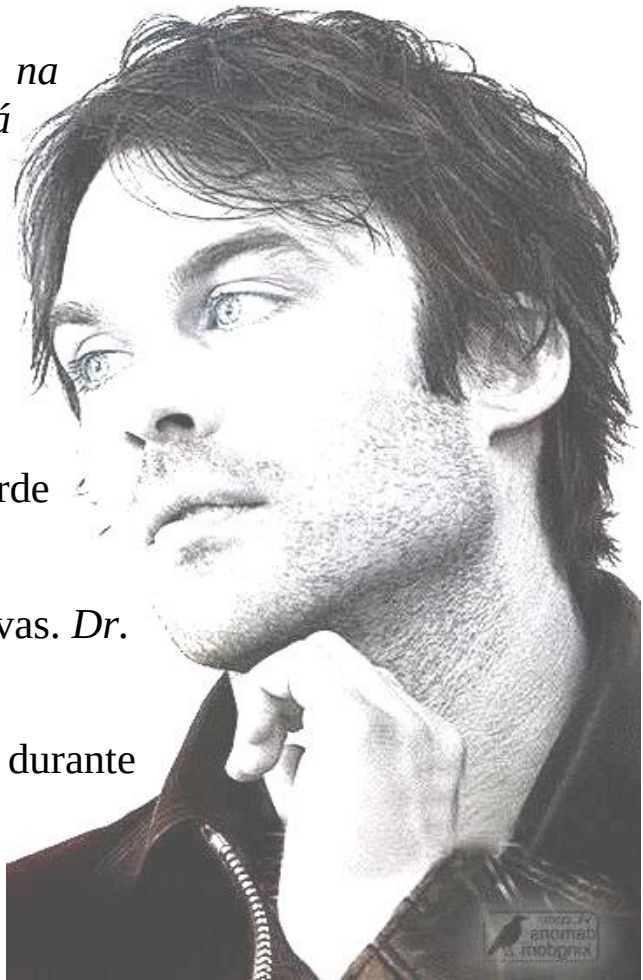
Eu *não* precisei ser curada. Eu ainda não preciso disso.

Na minha primeira semana no Heartstone, eles ficaram de olho em mim. Eles me checavam a cada vinte minutos, mesmo quando eu estava com um profissional. Eles pensaram que eu iria fazer outro truque assim e atacar alguém.

Até parece.

Eu não sou uma agressora. Bem, exceto por aquele pequeno desejo de jogar o peso do papel no Dr. Blackwood durante nosso encontro. Mas eu não fiz isso, fiz? Dado que, ele pegou o objeto, mas ainda assim.

Enfim, odeio pensar no meu tempo no hospital do estado e na primeira semana em Heartstone, então tento não pensar.



Mas o incidente com a irritada Annie - *na verdade, vamos chamá-la de Annie; ela está zangada pelas razões certas porque, claramente, há uma história sobre o pai dela* - passei o resto da tarde pensando sobre isso e sentindo uma picada no quadril.

Uma picada da agulha há duas semanas.

Eu também passei o resto da tarde procurando por ele.

O homem com as mãos curativas. *Dr. Blackwood.*

Depois de sua heroica defesa, não o vi durante



todo o dia. Mesmo quando ele cumpriu sua promessa e fizemos uma ligação pelo Skype com o Dr. Martin. Ele não estava lá. Beth lidou com tudo na sala de TV, dizendo que o Dr. Blackwood estava ocupado.

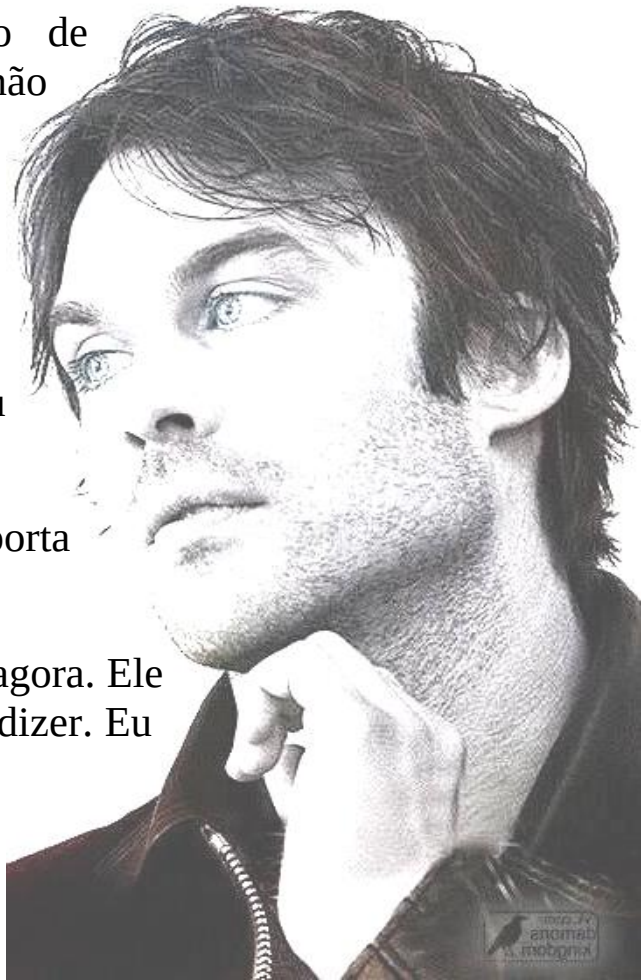
Quer dizer, sei que ele está ocupado. Eu sei disso. Mas eu não posso ignorar isso crescendo... *algo* logo abaixo da minha caixa torácica. Algo como saudade, mas com uma ponta mais afiada. Mais como uma inquietude.

Por alguma razão, antes que este dia acabe, preciso vê-lo.

A ironia não está perdida em mim. O homem que eu deveria estar fugindo é o homem exato que estou perseguindo.

Duas vezes. Em um dia.

É fim da tarde e estou do lado de fora, com meu livro no colo, alimentando alternadamente os pombos e observando o céu para a tempestade iminente. Renn e Penny estão esparramadas no chão, e Vi está bem ao meu lado, alimentando os pássaros também.



Estou pensando em apenas rastreá-lo de alguma forma. A única razão pela qual ainda não fiz isso é porque não deveria estar fazendo. Eu deveria ser mais cautelosa em torno dele.

Mas *ele a salvou.*

Essa é a única coisa em que estou pensando, em um loop, não menos.

Meu dilema termina quando ele sai pela porta da frente.

Bem, aí está. Eu não posso ignorar isso agora. Ele praticamente caiu no meu colo, por assim dizer. Eu



pulo do meu banco, assustando as meninas.

Sem tirar os olhos dele onde ele está nos degraus de pedra, eu digo: — Estarei com vocês em um segundo.

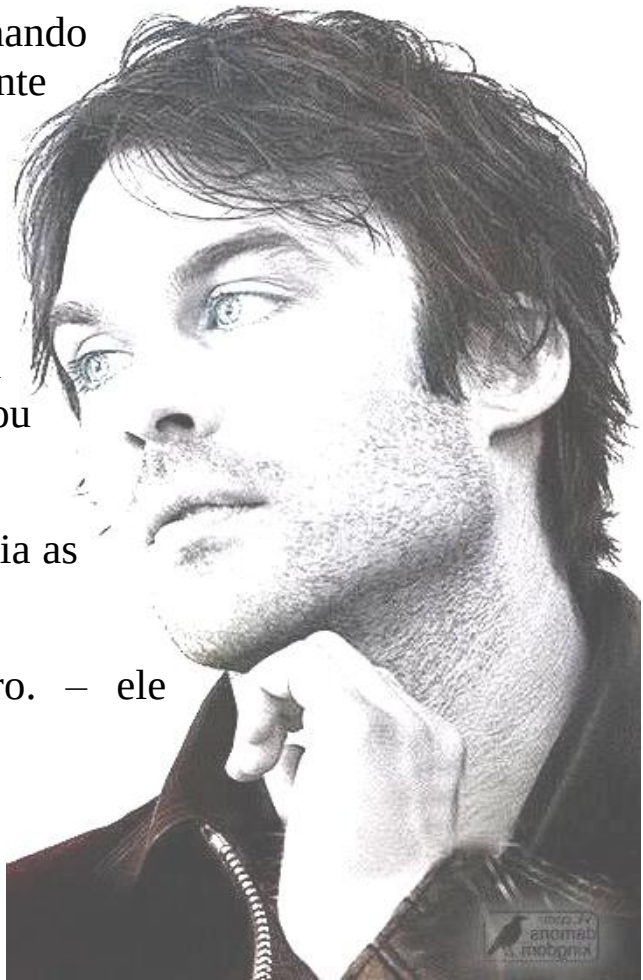
Eu não espero para ver as reações delas enquanto ando pelo gramado cheio de pacientes e técnicos. Sinto seus olhos em mim, mas eu não me importo. Um membro da equipe pode ter dito algo para mim também. Talvez, tenha me feito uma pergunta sobre como estou e o que estou fazendo. Se eu preciso de alguma coisa.

Mas eu não respondo a eles. Preciso de algo, mas não acho que eles possam me dar.

Estou focada no Dr. Blackwood. Ele olha para alguém além de mim - um dos técnicos - e abaixa o queixo, provavelmente para dizer que está comigo.

Meus lábios se separam com o seu gesto. Tão confiante e reconfortante. Tão... Heroico.

Então seu olhar pousa em mim. Ele não se moveu de onde estava no topo da escada, acompanhando meus movimentos com olhos ligeiramente entreabertos.



Algo sobre sua absoluta quietude e a maneira como ele está olhando para mim traz de volta a sensação desta manhã. Não é óbvio, seu olhar, mas *sinto* isso. Como o sol aquecido. A coisa que eu odeio, mas não estou odiando agora.

Quando eu paro no último degrau, ele enfia as mãos dentro dos bolsos e começa a descer.

— Você deveria restaurar o seu livro. – ele



murmura.

Percebo que tenho meu livro apertado no peito e algumas páginas soltas estão penduradas. Eu as empurro de volta, mas o nível de irritação que eu deveria estar sentindo na palavra *restaurar* não está mais lá.

No entanto, uma parte de mim ainda quer se apegar aos meus velhos hábitos. — Meu livro está bem. E vocês devem realmente fazer algo sobre sua biblioteca. Não há um livro de Harry Potter lá.

Não há calor nas minhas palavras. Eu sei isso; ele sabe isso.

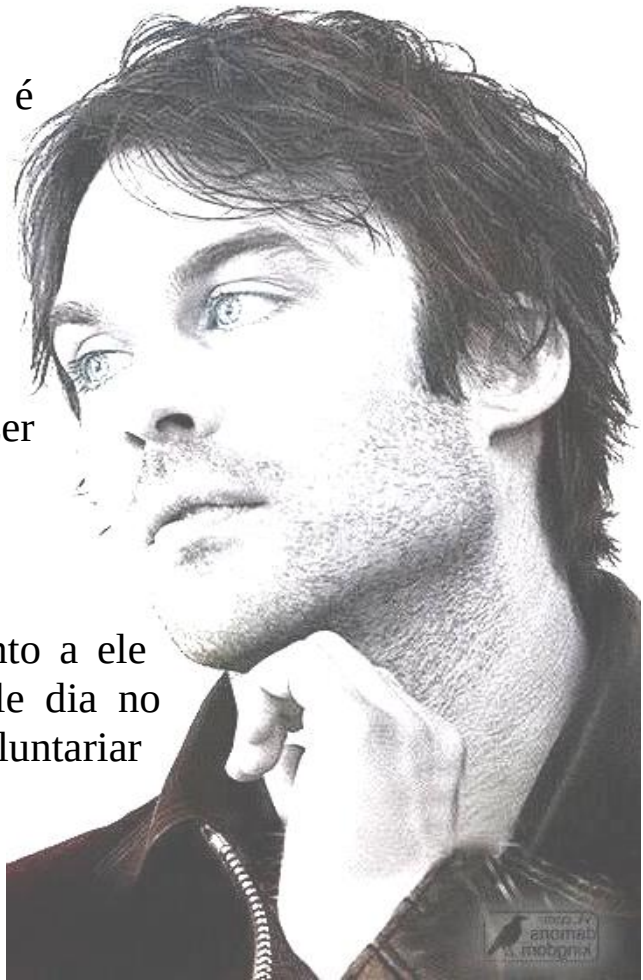
Mas ele diz: — Notável.

Então eu deixo escapar: — Você fez uma coisa boa hoje.

— Uma coisa boa.

Eu concordo. — Esta tarde.

— Você quer dizer sobre o Skype com o Dr. Martin? Isso foi muito fácil de fazer.



Sua voz é casual, mas todo o resto é curioso, em alerta - sua expressão e seu corpo. Não é como foi na nossa reunião no outro dia. Isso parece mais... Pessoal. Como o seu olhar de volta na sala de jantar bem quando ele estava saindo.

— Sim. Isso também. Mas eu quis dizer outra coisa.

— O que você quis dizer?

Agora é o momento da verdade. Eu conto a ele sobre o meu medo de agulhas? Sobre aquele dia no hospital? Estou realmente disposta a voluntariar



informações sobre mim mesma?

Ele pode fazer mil coisas com isso. Ele pode mencionar isso em nosso próximo encontro. Ele pode usar isso para fazer outras perguntas, perguntas que eu não quero responder.

Aquela picada fantasma no meu quadril se inflama e decido mandar se foder isso. Eu vou atravessar a ponte quando chegar a ela.

Eu engulo. — Você salvou a Annie.

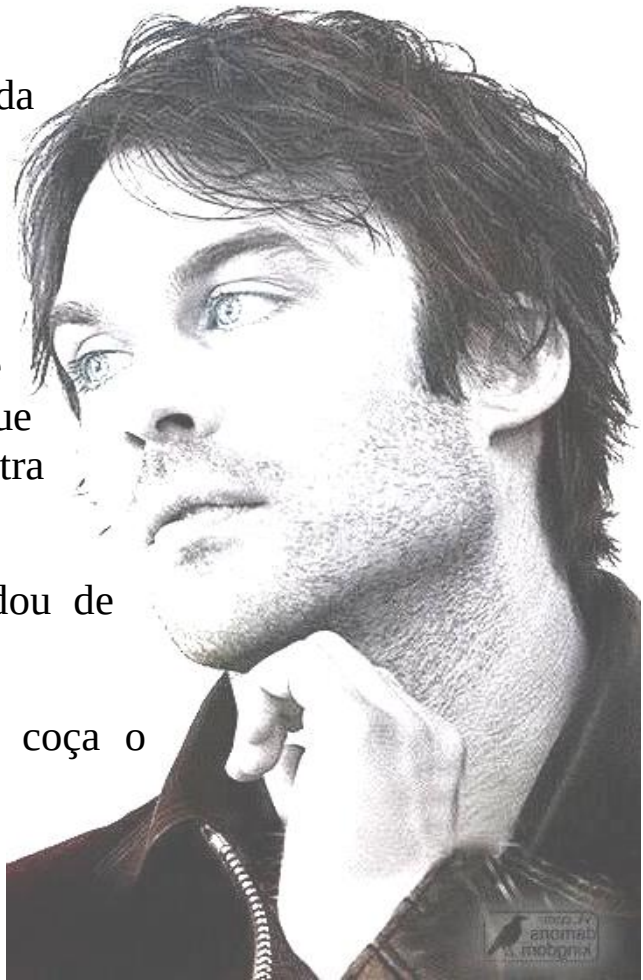
— De que?

— Da agulha.

— Eu não sabia que estava fazendo isso.

Engulo de novo. — Bem, você fez. Ela não precisava daquilo. Ser sedada como um animal.

A picada no meu quadril aumenta e eu aperto meu aperto no livro para parar de arranhá-lo na frente dele.



— É por isso que você estava tão irritada lá? – pergunta ele.

— Se eu te disser, você vai usar isso contra mim?

Ele se vira de novo e seus lábios se curvam em um sorriso de lado. — É isso que você pensa que faço? Usar informações contra meus pacientes?

— Como sei o que você fará? – eu dou de ombros. — Mas sim, é o que eu acho.

Dr. Blackwood tira a mão do bolso e coça o



queixo. — Você conheceu alguns médicos fodidos, não foi? – Suspirando, ele diz: — Não. Não vou usar isso contra você, Willow.

É ótimo que ele tenha dito isso. Eu apreciaria mais se não estivesse focada na mão dele. O que ele acabou de usar para coçar sua barba por fazer.

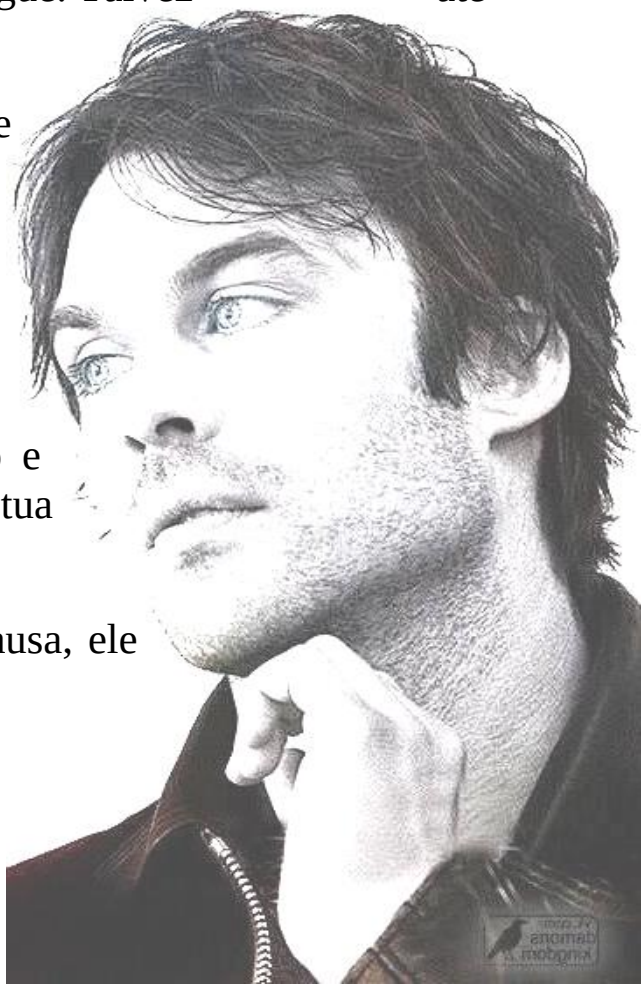
Antes que eu possa pensar nisso, estendo a mão e a agarro. Sua palma grande tem vários cortes em torno das pontas de seus dedos. Uma delas é coberta por um band-aid. Eu estou supondo que o corte por baixo deve ser maior do que os outros que foram deixados abertos.

— O que aconteceu? – eu gentilmente traço os riscos vermelhos escuros com o meu polegar.

Deus, sua mão é tão grande, grande e tão quente. Meu polegar para de se mover quando percebo que estou tocando nele.

Estou tocando o Rei Gelado.

O calor de suas mãos. O som do seu sangue. Talvez até o seu poder de cura.



Sinto sua respiração, longa e alta, quase mexendo minha franja e enchendo os meus pulmões com seu cheiro de chuva. Assim que olho para ele, ele afasta a mão e coloca de volta no bolso. Vejo a tensão na mandíbula e as narinas abertas dele.

— Eu... Eu estava... – eu me atrapalho e agarro meu livro. — O que aconteceu com tua mão? Parece muito mal.

— Foi um acidente. – Depois de uma pausa, ele diz: — Eu estava arrumando as escadas.



— De sua casa?

Outro aperto de sua mandíbula coberto com a barba por fazer. — Sim. Eu apenas não moro mais lá.

É muito estranho, mas neste momento sei *exatamente o* que ele está sentindo.

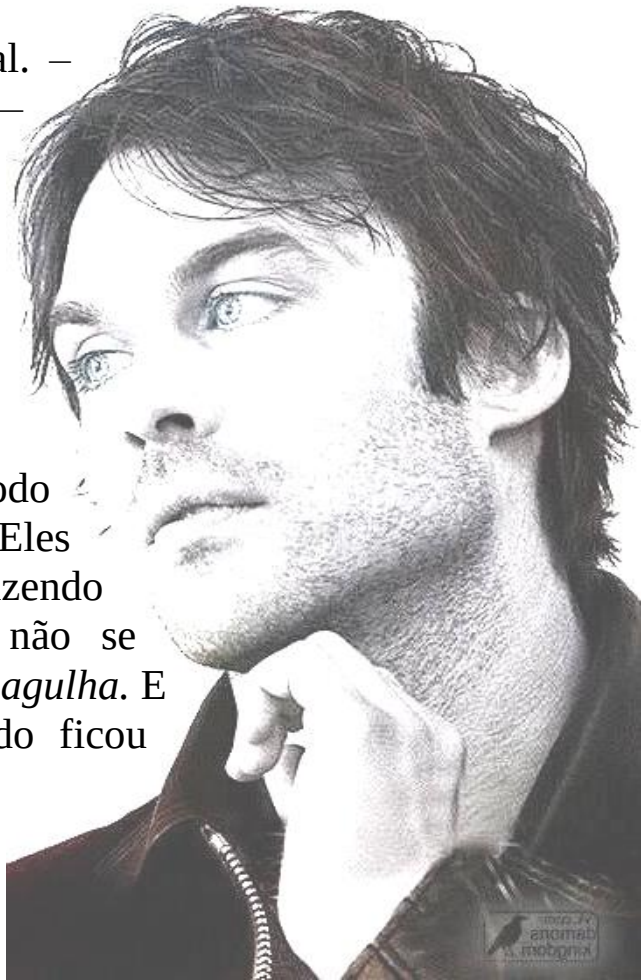
Sei que ele não gostou da pergunta, tão inocente e sem motivo quanto foi. Eu sei que ele não queria *responder*. Eu sei da relutância e da pressão que ele sentia. É semelhante a quando estávamos conversando sobre seu pai, só que eu estava muito nervosa e teimosa para realmente apreciar as semelhanças de nossos sentimentos.

Porque existem semelhanças. Eu sentia as mesmas coisas.

Só que nunca pensei que encontraria alguém com quem compartilhá-las e ele se tornaria o homem além dos limites.

Suspirando, digo a ele: — Assustei minha mãe.

Ele franze a testa. — Quando?



— O dia em que eu acordei no hospital. – sussurro, me sentindo engasgada e sozinha. — Estava tão irritada e cansada, e com tanto medo. Eu disse a eles... Sobre o que aconteceu. E eles começaram a dizer que eu precisava de ajuda. Sessões e remédios, e minha mãe não parava de chorar. Eu me assustei. Eu tenho…

Meus olhos se enchem de lágrimas. — Todo mundo estava falando ao mesmo tempo. Eles estavam tipo, conversando e falando e me dizendo para se acalmar, mas eles simplesmente não se afastavam de mim e... Ela veio do nada. *A agulha*. E então, eu senti um pouco da picada e tudo ficou



preto. Eu só vi isso na TV, sabe. Como em todos esses programas de médicos. Eles te furam com uma agulha quando você está morrendo ou agindo como uma louca. Eu estava apenas tentando fazê-los ouvir. –Fungando, eu enxugo minhas lágrimas. — Diga a eles que eu não era louca.

A inquietação que vem se acumulando o dia todo diminui à medida que eu lhe digo isso. *Como algo que vai contra a minha natureza - falar - me faz sentir à vontade?*

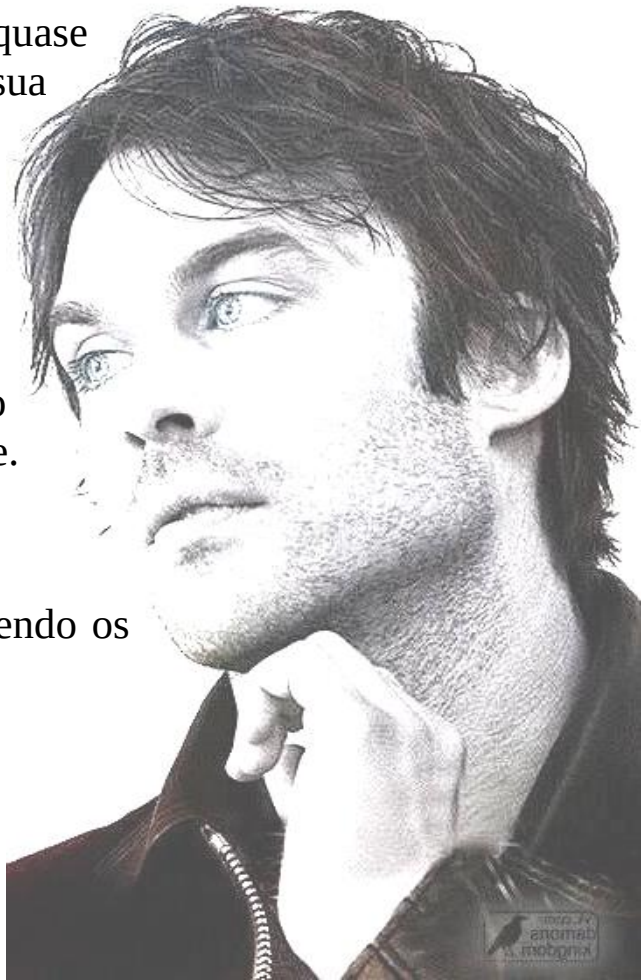
Ocorre-me então. Talvez esteja falando com *ele*.

Este homem que está franzindo a testa com tanta força quando ele olha para mim. O que está fazendo meu coração bater mais e mais rápido a cada segundo que passa.

— Se lembra do que eu disse sobre a palavra louca? – ele pergunta em voz baixa.

É tão baixa e áspera que tenho que ficar na ponta dos pés para escutar.

— É uma palavra inútil. – eu respondo, quase como uma criança, mas sua autoridade, sua grandeza está fazendo algo para mim.



— Sim. Não se esqueça disso.

Mordo o meu lábio e o seu olhar fixa nos meus lábios antes de se afastar. Rapidamente. Mas não rápido o suficiente porque senti um ardor na minha pele.

Faíscas e trovões.

— Obrigada por salvá-la. – digo, encolhendo os ombros; Eu preciso que ele saiba disso.



Que sou grata.

— Eu não a salvei.

Eu discordo, mas tudo que eu digo é: — Ok.

Porque eu não quero brigar com ele. Não agora.

— Eu fiz um julgamento. – ele insiste.

Talvez ele tenha feito. Mas como eu disse, não quero brigar com ele. Estou me sentindo calma e estranhamente pacífica agora.

Assentindo, eu concordo com ele novamente. — Tudo bem.

Seu peito se ergue como se estivesse com raiva. — Pare de me olhar assim. – ele resmunga.

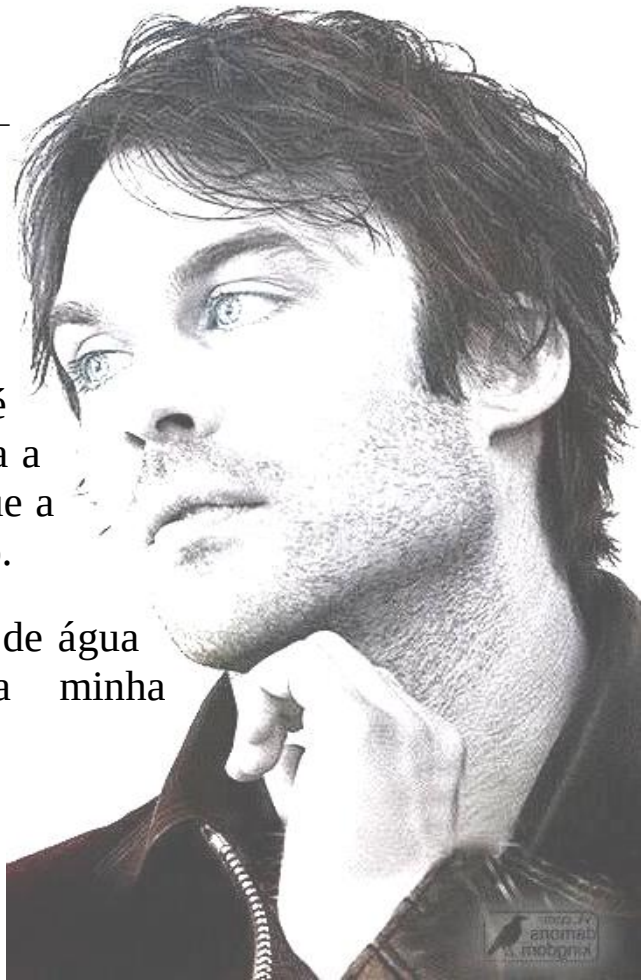
Eu nunca ouvi um som como esse saindo de sua boca. Ele sai com autoridade e intimidade. Tanta intimidade que é essa coisa espessa e potente como o cheiro da chuva no ar.

— Assim como?

— Como se eu fosse algum tipo de herói.

— Mas isso não é uma... Coisa boa? – pergunto, confusa.

— Não. Porque eu não sou um herói. – ele se inclina mais perto. — Usar sedativos é o último recurso e muito raro. Isso só acontece em circunstâncias atenuantes. E é para a segurança dos pacientes e também para a segurança do pessoal que as trata. Eu sabia que a tinha, então, como eu disse, fiz um julgamento.



Na sequência do seu discurso, uma gota de água cai na minha bochecha. Outra cai na minha



cabeça. Olho para cima e vejo que a chuva chegou.

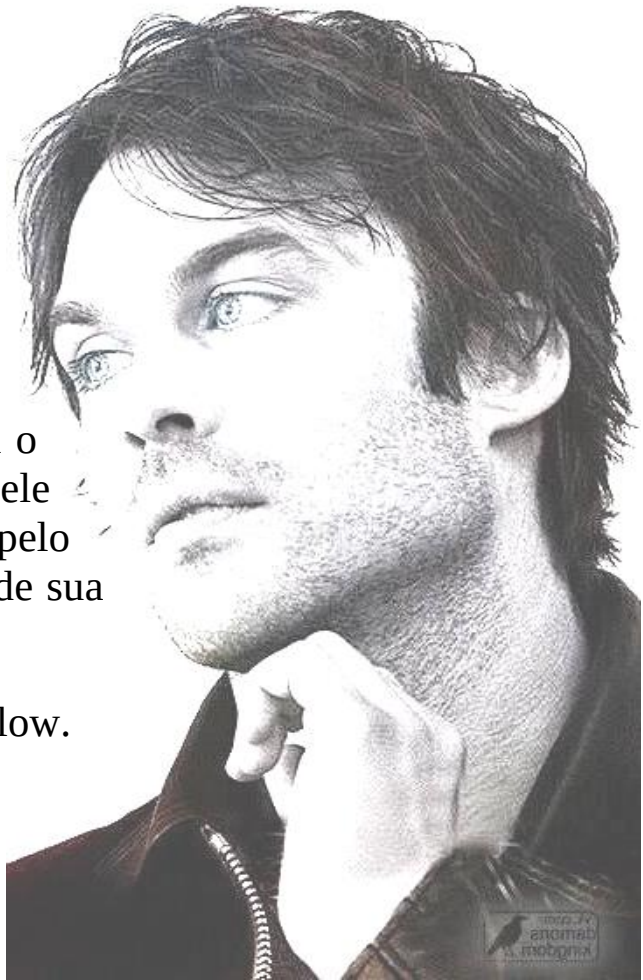
Há gritos e lamentos e, de repente, ouço passos por todo o lugar. Todo mundo está tentando entrar antes que a chuva fique mais forte.

E lembro que não estamos sozinhos. Não sei porque eu pensei que estávamos.

Nós nunca estamos sozinhos neste lugar. Durante todo o dia, nós somos verificados em intervalos de vinte minutos. Alguns pacientes são monitorados mesmo quando estão com um profissional porque são considerados perigosos. Graças a Deus eles não estão mais fazendo isso comigo. Eles não nos deixam sozinhos mesmo à noite. No nosso andar, eles checam de hora em hora através das pequenas janelas em nossas portas. Na Batcaverna, essas checagens noturnas são ainda mais frequentes.

Então sim, nunca estou sozinha.

— Você entende o que eu acabei de dizer? – Dr. Blackwood pergunta, e eu olho para longe da comoção.



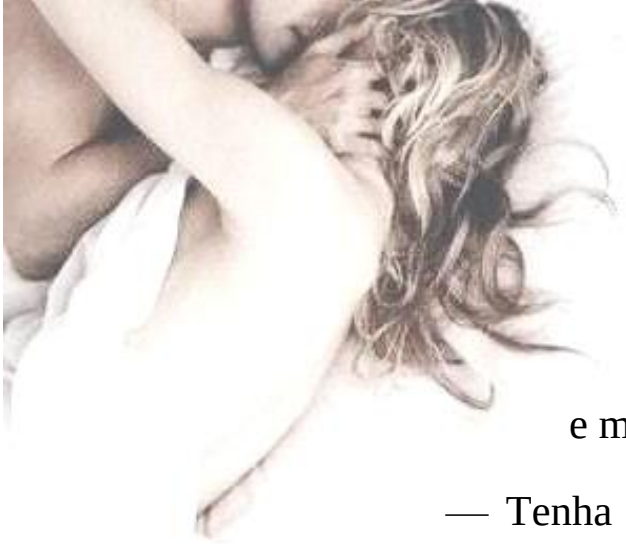
Eu entendi?

— Sim.

Ele concorda, satisfeito. — Que bom. – Olhando para o céu, ele diz: — Agora volte para dentro.

Eu iria. Se eu não estivesse olhando para o jeito que a garganta dele se move quando ele fala. E como uma gota de chuva escorrega pelo lado de seu pescoço e desaparece sob a gola de sua camisa.

Concentrando-se em mim, ele diz: — Willow.



Eu balancei minha cabeça, saindo do meu estupor. — Certo. Sim. OK.

Eu começo a subir os degraus, mas eu paro e me viro para encontrá-lo me vendo ir.

— Tenha uma boa noite, Dr. Blackwood. – eu dou-lhe um sorrisinho.

Coberto de gotas de chuva, ele me olha um pouco antes de caminhar pelo caminho.

Enquanto os técnicos nos conduzem para dentro e fecham a porta da frente, percebo que entendo. Eu entendo que ele não gosta de ser chamado de herói. Eu entendo que o Dr. Simon Blackwood pode ser um psiquiatra diferente.

Porque não só ele me faz querer falar com ele e não odiá-lo, mas eu posso até… gostar dele, só um pouquinho.

.....

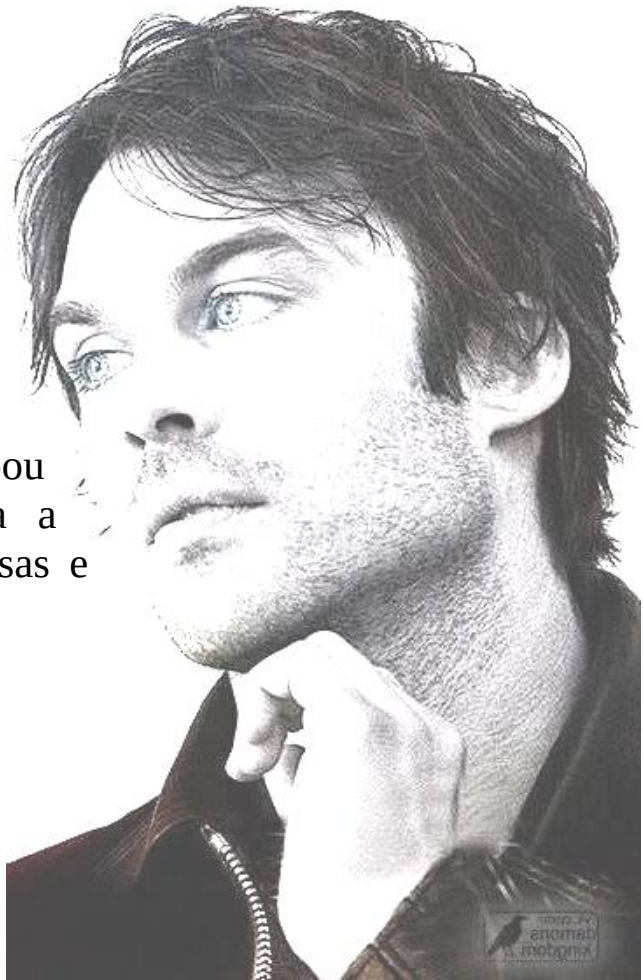
Eu tenho uma dor.

Ela é tão antiga quanto o tempo. Mais velha que isso, talvez.

Estou machucada. Uma contusão que está destinada a permanecer sem cura para todo o sempre. Vermelha, inchada e pulsante.

Eu estou na minha cama. A inspeção acabou de terminar. A chuva está batendo contra a janela. Vejo as gotas escorrendo. Gotas grossas e úmidas e sinto um pulsar em resposta.

Entre minhas pernas.





Sob o meu cobertor quente, minha mão se arrasta e pressiona a minha pélvis. Eu a massageio e, tanto quanto meus dedos estão acalmando a dor, eles estão acariciando também. Como quando você acaricia a pele macia de um animal selvagem. Às vezes você desperta, em vez de colocá-lo para dormir.

Pensei que eles o mataram, os remédios e os médicos. Meu próprio cérebro. Eu pensei que eles mataram a única coisa que me faz normal: *minha luxúria*.

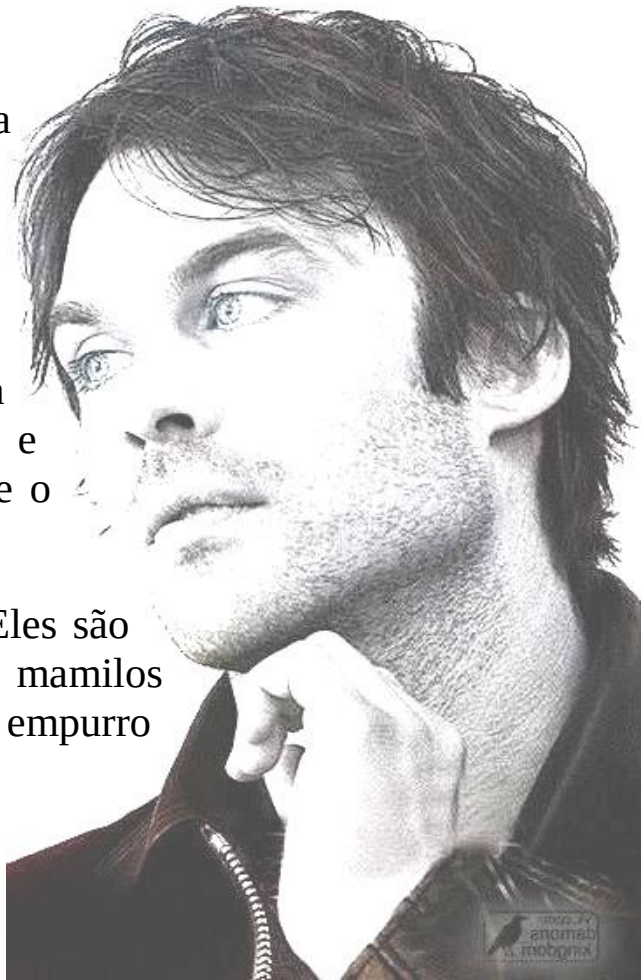
Mas não.

Está lá. E está acordada esta noite. E faminta.

Meus dedos passam por baixo da minha camiseta e eu arrasto minhas unhas insatisfatórias pela minha pele nua freneticamente.

Fui beijada antes. Já curti, senti e já dei um toque inconsequente. Mas a única pessoa que tocou meu núcleo sou eu.

E agora, ele é o centro da ferida. O olho do meu furacão.



Mas isso não é tudo. Isso não é uma explosão aleatória de desejo. Isso é projetado.

Por ele. O Rei Gelado.

Chupo meu dedo, molhado com a minha língua e deslizo dentro do meu pijama e calcinha. Encontro os meus pelos molhados e o núcleo escorrendo.

Com a outra mão, eu pego meus seios. Eles são peitões, volumosos e sexy, com os meus mamilos rosados enrugados. Usando meus braços, eu empurro



juntos meus seios, e esfrego os meus dois mamilos com os dedos de uma mão.

Simultaneamente, esfrego meu clitóris e quase saio da minha cama. Eu gemo; Não posso evitar. Não é alto, mas é um som que não faço há muito tempo. Tanto tempo.

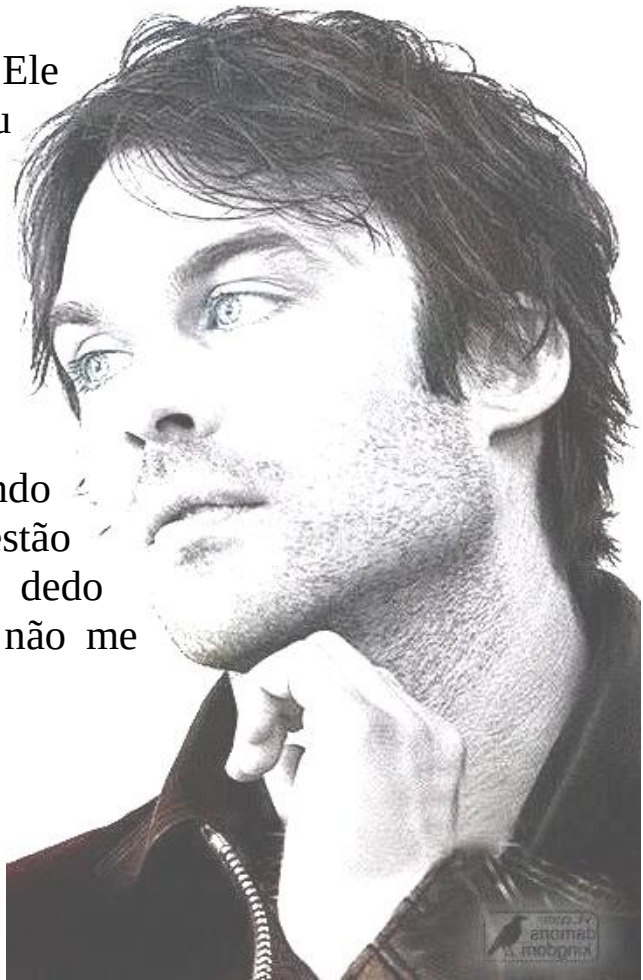
Sinto que estou fazendo esse som para ele. Gostaria que ele pudesse ouvir. Eu gostaria que ele pudesse me ver fazendo isso. Ele provavelmente apertaria o queixo, olharia para mim com um rosto calmo e impassível com seus olhos cinzas e se afastaria.

Ou talvez não.

Talvez ele fique. Talvez ele me veja me tocando para ele.

De repente, sinto seus olhos em mim. O peso deles. Eu acho que está tudo na minha cabeça, mas parece tão real que eu suo com o calor do seu olhar. É tão real que quero abrir meus olhos e olhar para a pequena janela na minha porta, esperando vê-lo me observando.

Mas eu não vou.



Sei que não está lá. Ele não pode estar. Ele está em casa ou onde ele mora. E eu estou presa aqui, desejando por ele. Fazendo um show para ele que nem vai conseguir ver.

Enfio meu dedo e minha boceta está molhada. Inchada. Gostosa. Ela está ofegante como a minha respiração.

Faço uma careta quando entra e sai, sentindo a queimação e a tensão. Minhas costas estão curvadas com a forma como apenas um dedo minúsculo está me fazendo esticar, mas eu não me importo.



A queimação é tão boa pra caralho.

Movo meus quadris, aceito o meu pulsar com minhas coxas tremendo, enquanto belisco meus mamilos, apertando os meus seios. Eu me movo, esfrego, tremo e imagino aqueles olhos cor de nuvem.

Eu os imagino não apenas brilhando com autoridade, mas também com luxúria. Escuros, intensos e penetrantes. Despedaçando-me, me analisando e me acariciando.

E quando eu me divido em mil pedaços e gozo, eu imagino aqueles olhos contando cada pedaço de mim para que ele possa me colocar de volta no caminho certo, como um quebra-cabeça.

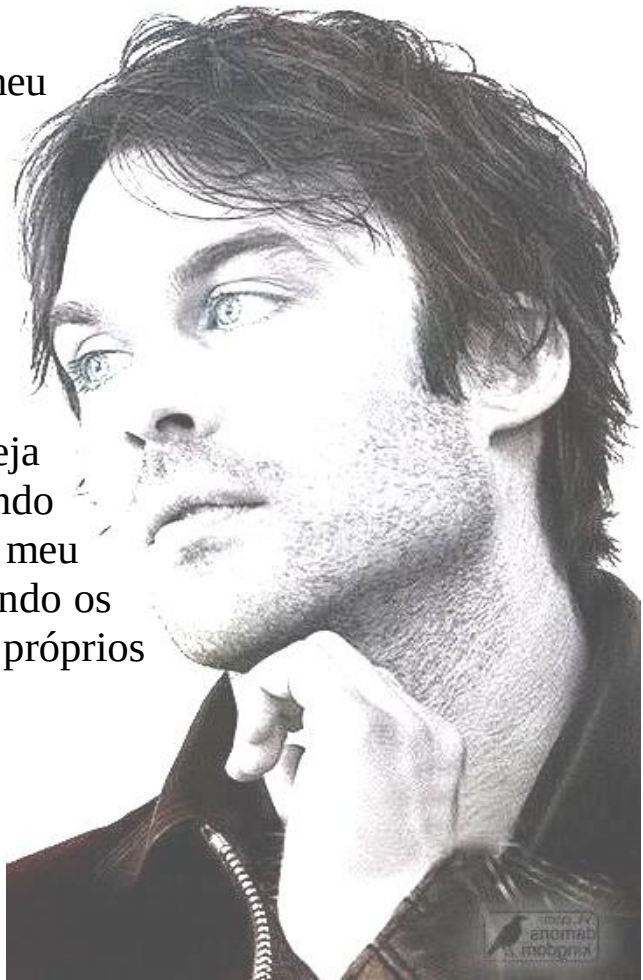
Viro o meu rosto e mordo o travesseiro para não fazer nenhum barulho. Mesmo que queira. Quero fazer todos os ruídos, mas não posso. Aqui não.

Quando me acalmo, estou respirando com dificuldade. Suando. E feliz. Orgasmos me fazem feliz. É o tipo de felicidade que persigo sempre que posso.

— Deus... – eu sussurro, mordendo meu lábio e sorrindo através da dor.

Mas então, meus olhos se abrem e olho para a pequena janela de vidro na minha porta. Ninguém está assistindo. Ninguém está de pé lá. Como esperado.

Claro, que não quero que alguém esteja lá. Foi apenas o calor do momento. Sentindo alfinetadas de constrangimento por todo meu corpo, eu me aconchego sob o cobertor, fechando os olhos, me escondendo dos meus próprios pensamentos. Desejos ilícitos.



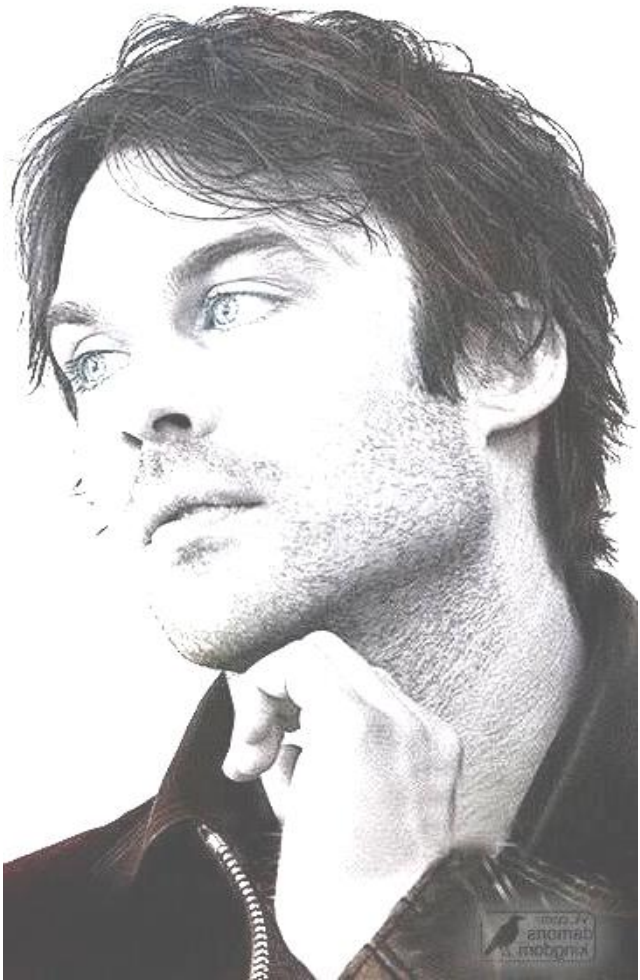


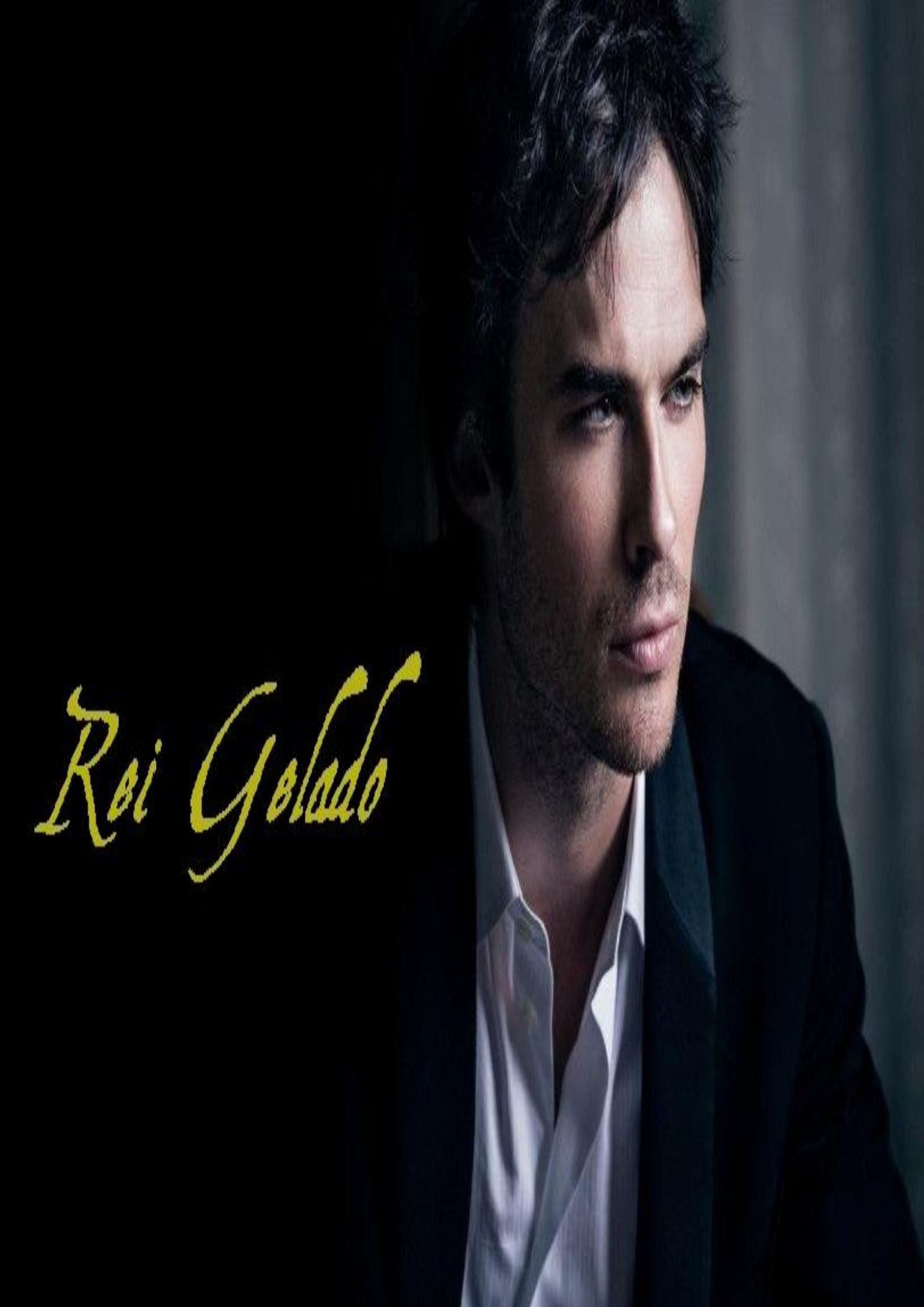
Ele não é um herói, ele disse.

Talvez seja por isso que me quebrei agora mesmo. Por ele. Então ele poderia me consertar, me salvar como um herói que ele diz que não é.

Com o remédio dele no meu sangue me colocando para dormir, eu fecho meus olhos para esse pensamento ridículo. Eu não quero que ninguém me salve. Eu não preciso ser salva. Eu também não preciso de um herói.

Eu definitivamente não preciso de um rei que construa um castelo para quem ele ama. Aquele com o cabelo platinado. E também não quero que esse rei de olhos cinzas chame a garota de cabelos platinados de sua Princesa da neve.




Rei Gelado

Dias *passados* no Interior = 21

Dias *restantes* para passar no Interior = 21

Dias desde que o Rei Gelado apareceu = 7



Capítulo Dito

Ele está conversando com Josie.

O homem dos meus sonhos.

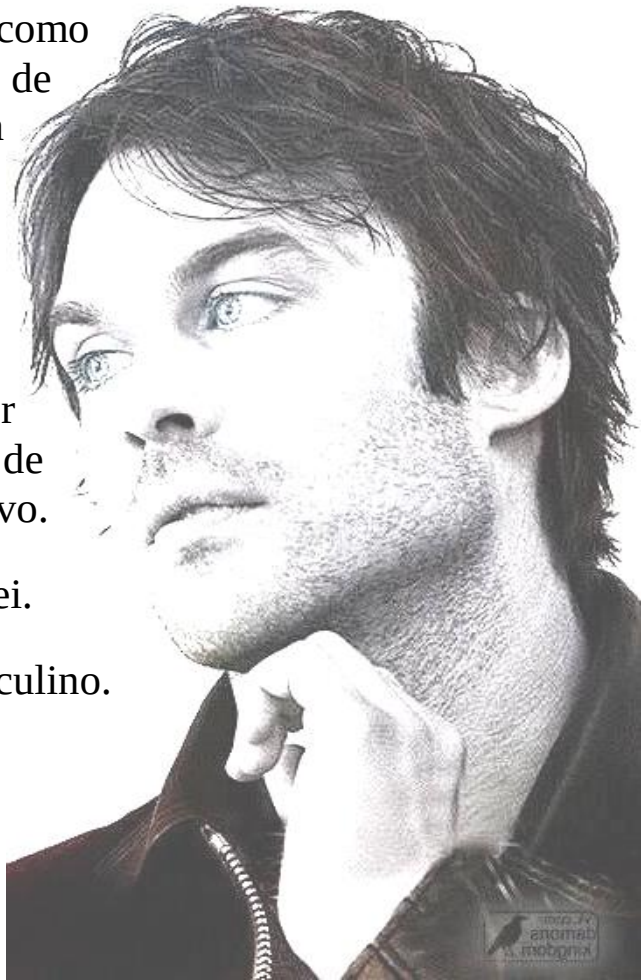
Na verdade, Dr. Simon Blackwood é o homem que entra nos meus sonhos.

Não tenho certeza se é a mesma coisa. Não tenho certeza se eu deveria estar sonhando com ele.

O inimigo. Mas honestamente, ele não parece como um.

Ele parece como alguém que eu conheço, mas não realmente. Porque eu não o conheço.

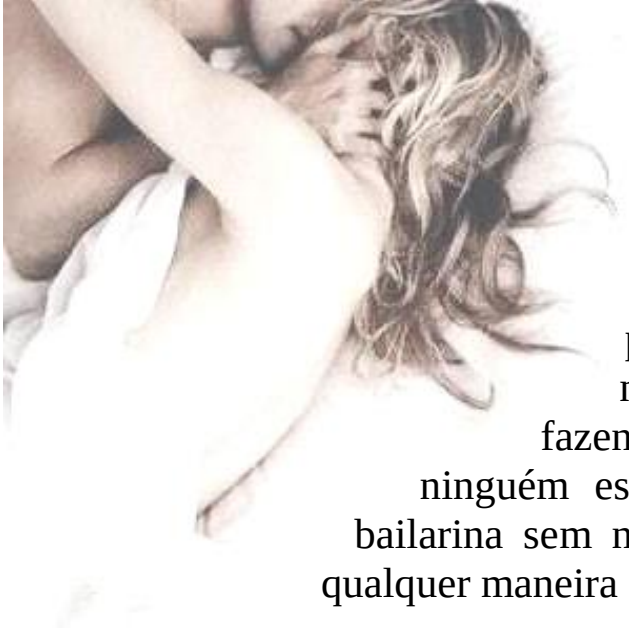
Tudo o que eu sei é que ele não age como qualquer outro médico que conheci do Lado de Fora. Ele não me julgou ou me olhou com condescendência. Como se soubesse tudo sobre a minha doença e as coisas que eu precisava, e eu não soubesse nada.



Sei também que ele está consertando uma casa em que não mora e que não gosta de ser chamado de herói, mas salva as pessoas de agulhas e fala sobre recuperar meu livro de novo.

Outras coisas sobre ele, eu apenas imaginei.

Como o corpo dele. Todo poderoso e masculino.



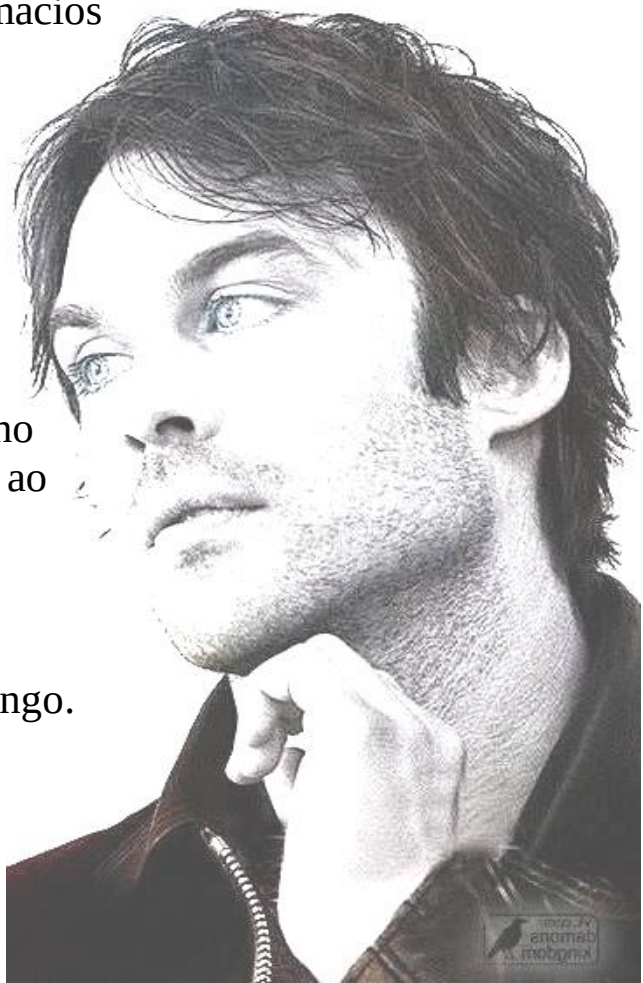
Depois da primeira vez em que me toquei pensando que ele estava me observando, pensei nele e sonhei com ele diariamente. Toda noite, sinto que tenho olhos em mim e estou fazendo um show para ele. Mas é claro que ninguém está lá, na minha pequena janela. Eu sou a bailarina sem ninguém para eu me apresentar, mas faço de qualquer maneira porque meu corpo não me deixa parar.

Sentada na sala de jantar durante o almoço, me contorço na cadeira, sentindo-me plena e dolorida. Cruzo os braços sobre o peito para esconder meus mamilos duros enquanto o vejo conversando com Josie. Não que ele seja do tipo que está conversando, mas aparentemente com ela ele está.

De repente, perdi meu apetite pela comida na minha frente.

Não sinto vontade de comer meu frango quando Josie está perto o suficiente para contar os cílios dele. Ou o fato dele estar olhando para ela como se ela fosse uma maravilha do mundo, quando ele nem sequer me olhou uma vez desde que conversamos sobre agulhas na semana passada.

Ok, talvez não seja uma maravilha do mundo, mas alguma coisa. Algo que lhe dá prazer. Algo que faz seus lábios macios se moverem até as bordas.



Eu olho para longe; Eu não consigo ver. Talvez eu deva interrogar Josie em nossa sessão hoje e perguntar a ela sobre isso. Ou talvez eu possa perguntar, já que também vou me encontrar com ele, no final do dia.

— Você não vai acreditar no que tenho para lhe contar. – Renn se senta no banco ao meu lado com sua bandeja cheia de comida.

Então ela me olha com pena.

— O quê? – eu enfio um garfo no meu frango.



— Ah, Willow. – ela pressiona a mão no peito. — Eu te amo, mas isso vai doer.

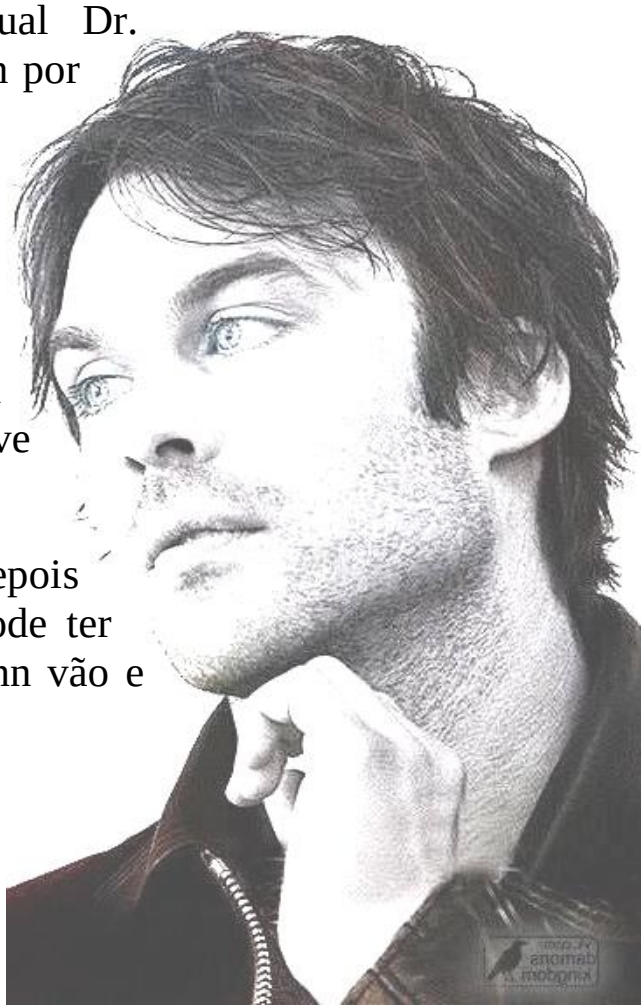
Sento-me ereta na cadeira. — O que? Do que você está falando?

Ela suspira dramaticamente. — Eu tenho alguns podres dele. Eu sei que você o reivindicou e então fui investigar. As pessoas não estão falando, o que por si só é muito estranho. Mas eu tenho minhas maneiras.

— O que? De que maneiras? – eu estou confusa agora e com medo do que ela tem a nos dizer.

— Você pode nos dizer e acabar logo com isso? – Penny diz com uma voz entediada.

Renn me dá outro olhar de pena antes de iniciar sua história. — Então, nós já sabemos que o pai dele fundou este lugar, certo? Mas ouçam isso... – ela olha para nós uma por uma e meu coração começa a bater dentro da caixa torácica, mais do que já estava batendo. — Eles tentam fazê-lo trabalhar para eles há anos. Anos. Mas ele nunca aceitou. Até agora. Você sabe por que isso? É porque nosso atual Dr. Blackwood não deixou o emprego em Boston por conta própria. Ele deixou porque foi demitido.



— O quê? – Isso vem de Penny.

— Sim. Ele foi demitido. Você acredita nisso? Dr. Blackwood, o excelente médico, foi dispensado. Ninguém sabe ao certo. A declaração oficial é que ele desistiu. Mas houve rumores de que ele foi forçado a desistir.

Imediatamente, Penny nega, mas depois apresenta todas as razões pelas quais ele pode ter sido demitido. E da maneira usual, ela e Renn vão e voltam.



Prescrição forjada. Automedicação. Caso.

Meu coração dispara com a menção de um caso e eu quero dizer *cale a boca. Pare de falar. Eu não consigo ouvir.*

Mas todas minhas palavras morreram. Estou atordoada. Em choque. Nem em um milhão de anos eu teria adivinhado as grandes notícias de Renn.

Ele foi demitido.

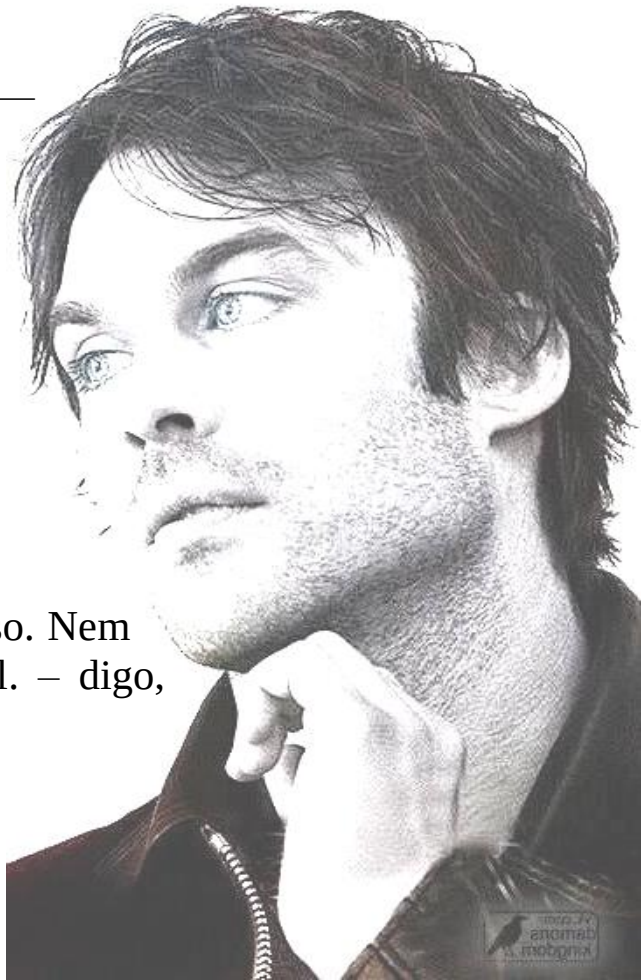
Dr. Simon Blackwood, o Rei Gelado, o herói, foi demitido.

Demitido pelo amor de Deus.

Instantaneamente, eu sei que isso é um erro. Tem que ser. Ninguém em sã consciência o demitiria. Eu o conheço há uma semana e tivemos algumas conversas, mas eu sei disso.

Eu acredito nisso.

— Ok. Parei. – pede Renn, antes de se virar para mim. — Me desculpe, eu me empolguei. Você está bem?



— Estou bem. – eu encolho os ombros. — Por que eu não estaria?

— Eu sei que você gosta dele... – ela levanta a mão quando Penny protesta.

— Talvez não seja verdade, você sabe.

— Eu sei que não é verdade.

— Você sabe?

— Sim. Quero dizer, eu não acredito nisso. Nem tudo que você ouve ou até... Lê é confiável. – digo, citando o próprio homem.



Ele me deu o benefício da dúvida. Definitivamente, eu posso fazer o mesmo por ele.

— Bem, então, eu também não acredito. – diz Renn.

Vi sorri para mim, assentindo. — Nem eu.

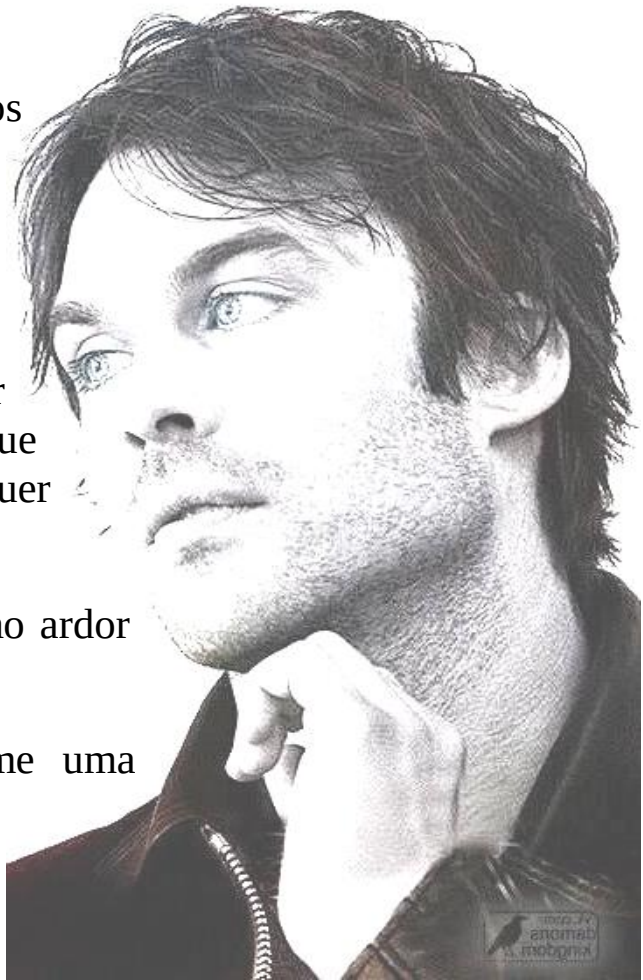
Eu sorrio também, por algum motivo, isso me faz querer chorar. Esse grupo de garotas que só me conhece há três semanas se tornaram de alguma forma as melhores amigas que já tive.

Renn me dá um abraço de lado, o que obviamente é notado por Hunter, que está por perto. Ela manda um beijo para ele quando ele nos diz para terminar.

— Deus, pessoal. – Penny resmunga sem entusiasmo. — Parem de se apaixonar pela equipe. Isso não está certo.

Mesmo que todos nós rimos, meu coração não está nisso. Estou cheia de perguntas. Perguntas que acho que não tenho o direito de fazer.

Mas eu quero.



Eu me pergunto se é isso que os psiquiatras sentem quando estão analisando seus pacientes. Eu acho que não. Por que eles sentiriam? É tudo clínico, em nome da medicina.

Acho que ele não sente o mesmo ardor quando me faz perguntas. O que é ótimo porque não é como se eu fosse respondê-las de qualquer maneira.

Mas por que quero que ele sinta o mesmo ardor que estou sentindo agora?

Um segundo depois, esse ardor assume uma



forma física e sinto o calor de alguém me observando. Eu me viro no meu lugar e meus olhos se encontram com os dele.

Ele está saindo da sala de jantar com Josie e seu olhar está em mim.

Sinto uma intensidade estranha neles. Uma estranha... Paixão. Um interesse. Um interesse pessoal. Que acelera minha respiração, me faz suar sob minhas roupas com o calor.

Não tenho certeza se estou inventando ou o quê. Mas o fascínio disso é suficiente para eu continuar olhando também. Até que ele desvie o olhar, quebrando nossa ligação.

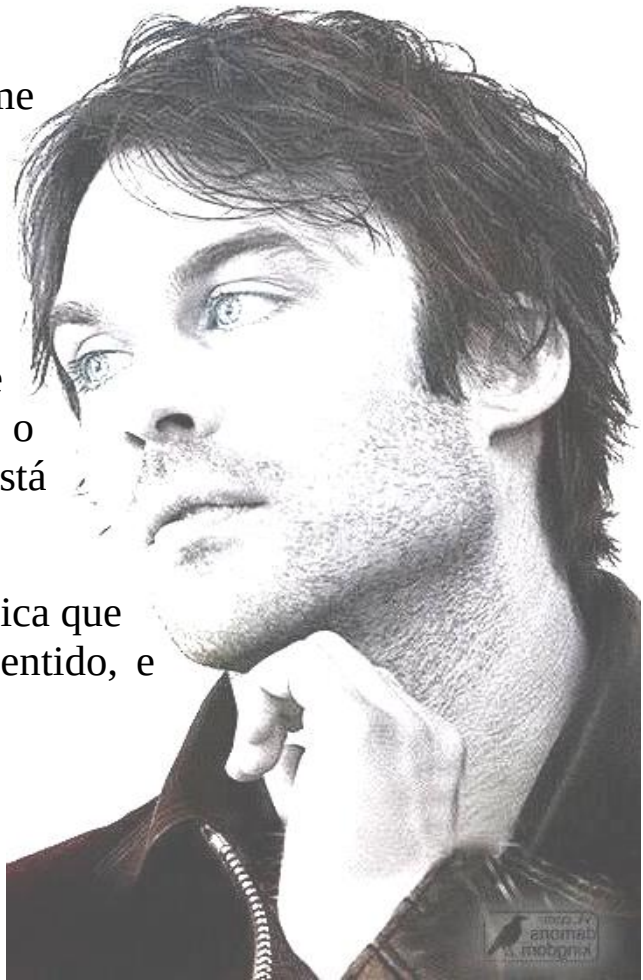
Meus olhos vão para o relógio na sala de jantar.

Faltam quatro horas para o encontro novamente.

Antes de ficar sozinha com ele.

.....

Quatro horas depois, é hora de me encontrar com ele.



Encontro? Sessão? Não sei como chamar. Aqui em Heartstone, dedicamos grande parte do tempo em terapia e só temos sessões esporádicas com o psiquiatra que supervisiona as coisas. O que eu acho que é o Dr. Blackwood, agora que o Dr. Martin não está aqui.

Isso é altamente incomum, mas não significa que não estou ansiosa por isso. Quase não faz sentido, e ainda faz.



Tudo o que fiz nas últimas quatro horas é pensar nos rumores. Ainda não acredito neles, mas minha busca por respostas não se foi.

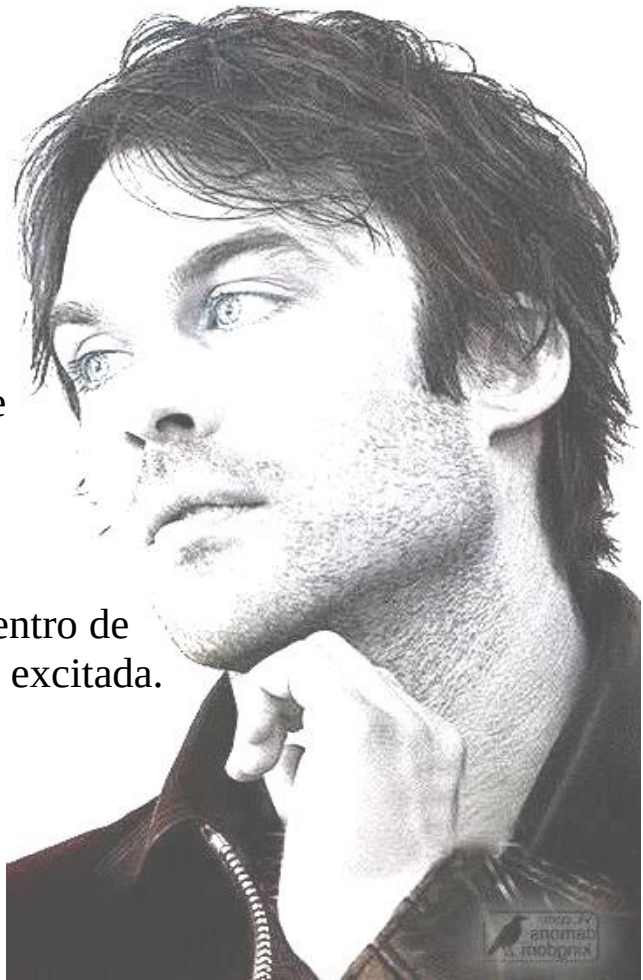
Respiro fundo, bato na porta e conto os segundos até que ela seja aberta.

Três segundos depois, ela se abre com um clique e lá está ele. Alto, poderoso e elegante. Ele fica em silêncio enquanto se afasta e me deixa entrar.

Está escuro dentro do consultório dele. Talvez porque a tempestade tenha colorido o céu de preto e ele só tenha um pequeno abajur. E quando ele fecha a porta atrás de mim, o lugar parece ainda mais escuro. Mais silencioso também. Mais íntimo, porque o barulho da chuva lá fora torna o silêncio no interior mais potente.

— Sente-se. – ele pede.

Eu estremeço com sua voz. Ela vem de trás de mim e soa exatamente como meus sonhos. Baixa e imponente. Rude. E apenas essas duas palavras inconsequentes, tudo volta e essa dor. Não que fosse a lugar algum, mas ainda assim.



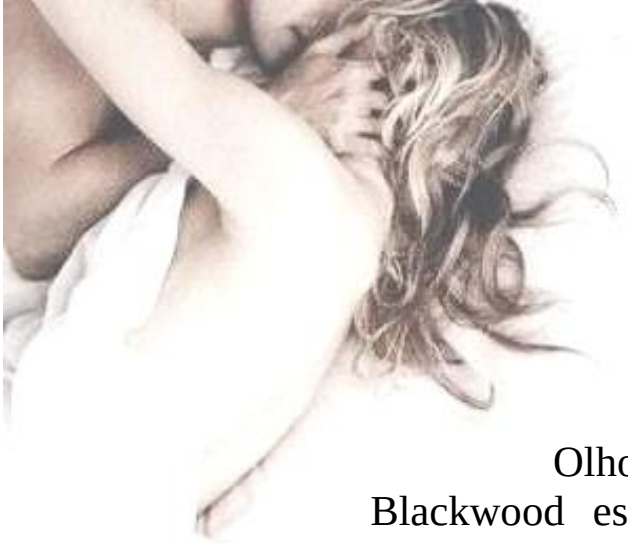
Respiro devagar e faço o que ele diz.

Quando estou sentada na minha cadeira, então ele se move. Eu ouço os sons.

O som de seus sapatos carregando-o pelo lugar. O sussurro das rodas contra o tapete ao redor da mesa quando ele move sua cadeira de couro. O rangido quando ele se senta.

As respirações dele.

Elas ecoam em todos os espaços vazios dentro de mim. As suas respirações estão me deixando excitada. Ainda mais excitada.



— Conte-me sobre ele. – diz ele, imediatamente. — Sobre o seu namorado.

Sem conversa fiada. Isso não é fácil.

Olho para cima enquanto fecho os dedos. Dr. Blackwood está me observando atentamente. Com foco. Tanto foco. Como se eu fosse o mundo inteiro dele e ele fosse cego para todo o resto.

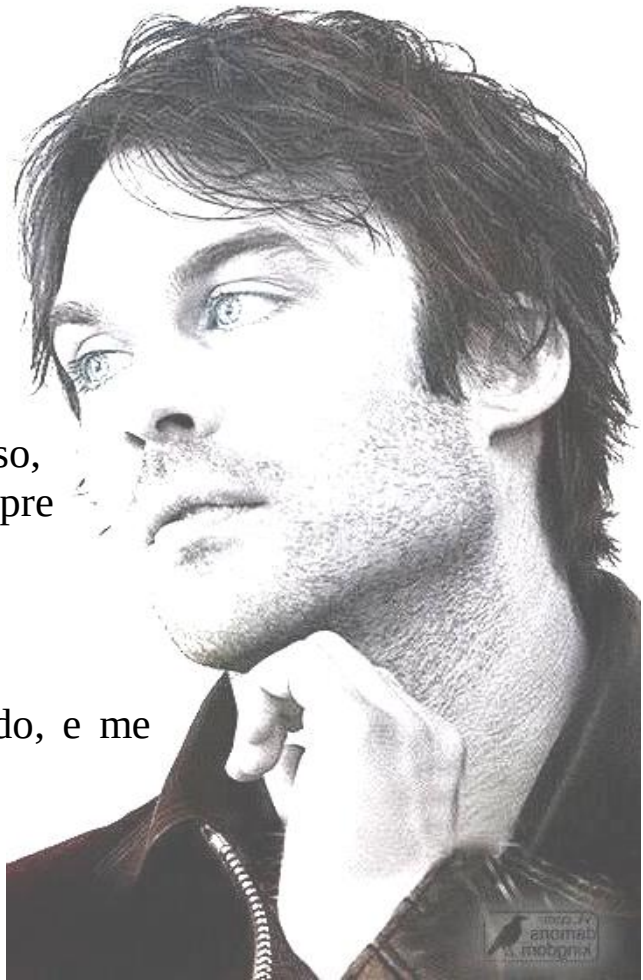
Eu me divirto com esse olhar. Eu me divirto com o fato de que, neste momento, eu posso realmente ser o mundo inteiro dele. Ele quer algo de mim, não é? Respostas às suas perguntas. Mesmo que isso deva me deixar apreensiva, eu não estou. Estou me divertindo.

— O que tem ele? – pergunto.

— Diga-me como vocês se conheceram.

Eu continuo encarando seus lindos olhos. — Em uma aula. De Literatura.

— Qual foi a primeira coisa que ele disse para você?



— Você tem uma caneta extra?

Ele continua olhando de volta. — Você tinha?

— Sim. Eu dei a ele.

— Então?

— Começamos a conversar. E depois disso, ele sempre se sentava ao meu lado e sempre pedia uma caneta.

— Ele nunca teve uma caneta própria.

Detecto algo em sua voz, algo debochado, e me



apego a isso como um mendigo, pensando que ele pode estar com ciúmes. Como se eu estivesse com ciúmes quando ele estava conversando com Josie. Tão ciumento.

— Ele as esquecia de propósito.

— Ele te disse isso?

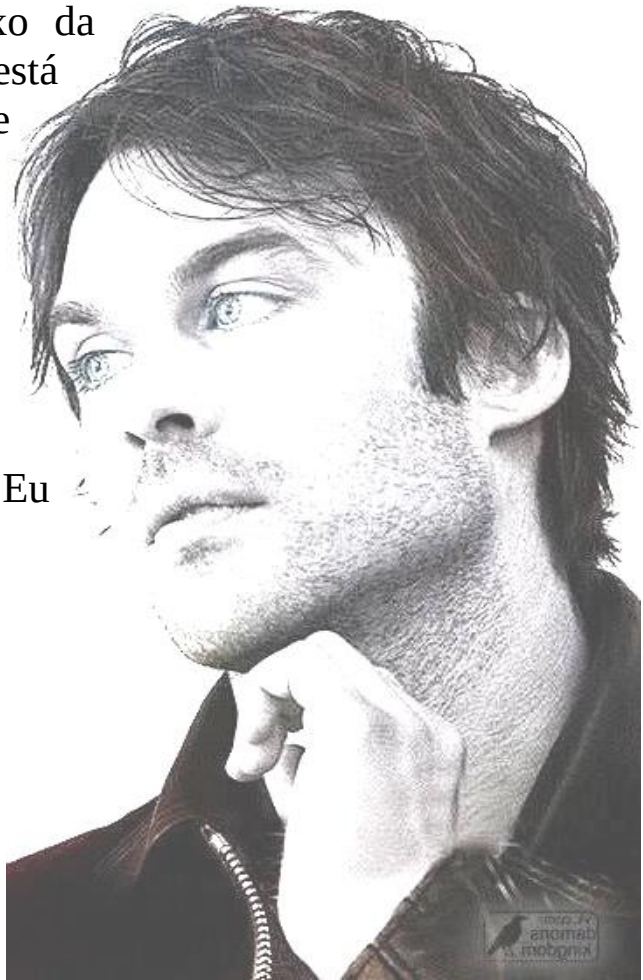
— Sim. Depois que começamos a namorar. Ele disse que eu era tão linda que ele não resistiu em falar comigo. E essa foi sua única desculpa no começo.

Eu estava esperando outra rodada de fogo. Outra pergunta. Mas só há silêncio.

No silêncio, nos observamos. Sua barba por fazer geralmente fica mais espessa à tarde, mais selvagem e indomada. Meus dedos coçam com a necessidade de tocá-la. Ver se é áspera como eu quero que seja.

Deus, eu espero que seja áspera. Quero que ela arranhe as minhas partes macias.

Enquanto esfrego minhas coxas debaixo da mesa fora da vista dele, ele provavelmente está olhando para mim em busca de contrações e falhas, para me pegar em uma mentira. Mas pretendo que seu olhar impassível seja mais do que é.



— Você gostou quando ele te disse isso? Linda. – ele pergunta, finalmente.

Com isso, tenho que desviar o olhar. Eu tenho que parar de esfregar minhas coxas.

Linda.

Eu gostei quando ele me chamou assim?



— Sim. Eu amei. Eu amei o fato dele me chamar de linda. Ninguém nunca me chamou assim antes. – admito pateticamente.

Sinceramente.

Eu não podia mentir. Não sobre isso. Não para ele.

Garotas como eu, nunca são chamadas de lindas. Sou muito baixa, muito pálida e muito gordinha.

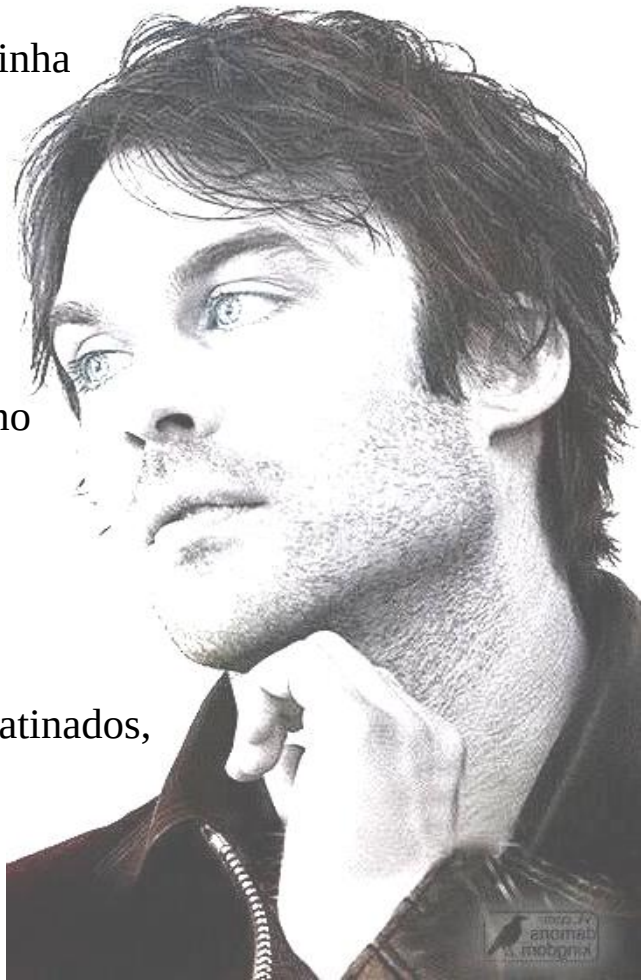
Muito estranha.

Eu me pergunto se o Dr. Blackwood já chamou alguém de linda antes. Eu me pergunto se eu fosse um pouco mais bonita, ele me chamaria de linda?

— O que mais ele te chamou? – Seu rosto é impassível, mas sua voz soa áspera, como um pano áspero que esfrega ao longo dos meus braços. No lado do meu pescoço. No topo das minhas coxas.

E não tenho escolha a não ser retomar meu aperto. Desta vez, sinto a umidade escorrer do meu núcleo. Está ficando molhado e inchado. Úmido.

— Princesa da neve. – sussurro a minha mentira, e os olhos do Dr. Blackwood mudam.



Eu vejo um brilho neles. Um reflexo.

Deus, os seus olhos são tão lindos. Tão cinza. Tão... Chuvosos e tempestuosos.

Eles movem de um lado para o outro no meu rosto enquanto ele pergunta: — Por quê?

— Porque o que?

— Por que ele te chamou assim?

— Por causa do meu cabelo. – Cabelos platinados,



a única coisa do qual me orgulho. A única coisa que herdei da minha família.

Dr. Blackwood olha para o meu cabelo, minha franja crescida, meu topete solto e meu couro cabeludo formigando. Os fios estranhamente parecem vivos.

— E sua pele.

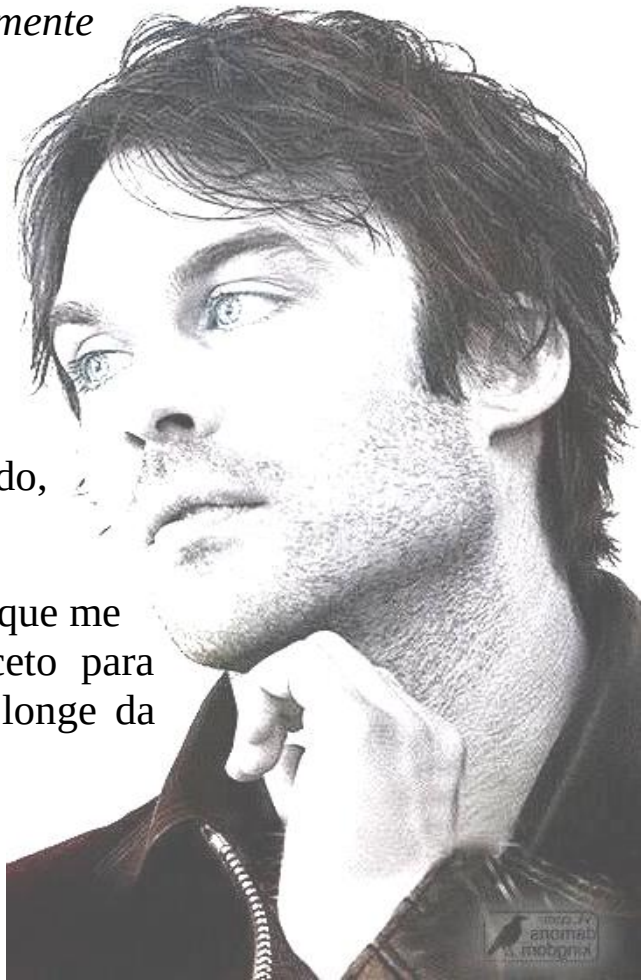
— Mi... Minha pele?

Essa pele explode em arrepios com suas palavras. Meus lábios se separam e eu respiro seu cheiro de chuva que parece ter invadido cada centímetro desta sala.

Ele olha para longe de mim e noto um pulso aleatório em sua mandíbula que vai e vem tão rápido que acho que imaginei.

— É pálida. Sua pele. – ele diz, endireitando-se na cadeira e pegando sua caneta.

Mesmo que ele não esteja olhando para mim, ainda sinto que ele está. *Ele realmente acabou de dizer isso? Ele realmente notou minha pele?*



Quero dizer, é claro que ele teria, mas ainda assim. Associá-la ao nome que me dei no escuro da noite me faz pensar que ele me vê.

Que ele pensa em mim também.

Jesus, eu estou realmente enlouquecendo, não estou?

— Ele me chamou assim na primeira vez que me beijou. – sussurro, sem motivo algum, exceto para trazer seus olhos de volta para mim e para longe da



janela chuvosa. Para ele me ver.

— Quando foi isso – ele pergunta.

— No nosso primeiro encontro.

— Ele te beijou no primeiro encontro.

Mais uma vez, ele debocha. Mais uma vez, enfio isso dentro do meu coração, pensando que ele está com ciúmes. Ele não gosta que o meu namorado tenha me beijado no primeiro encontro. Ele não gosta de meu namorado nem um pouco.

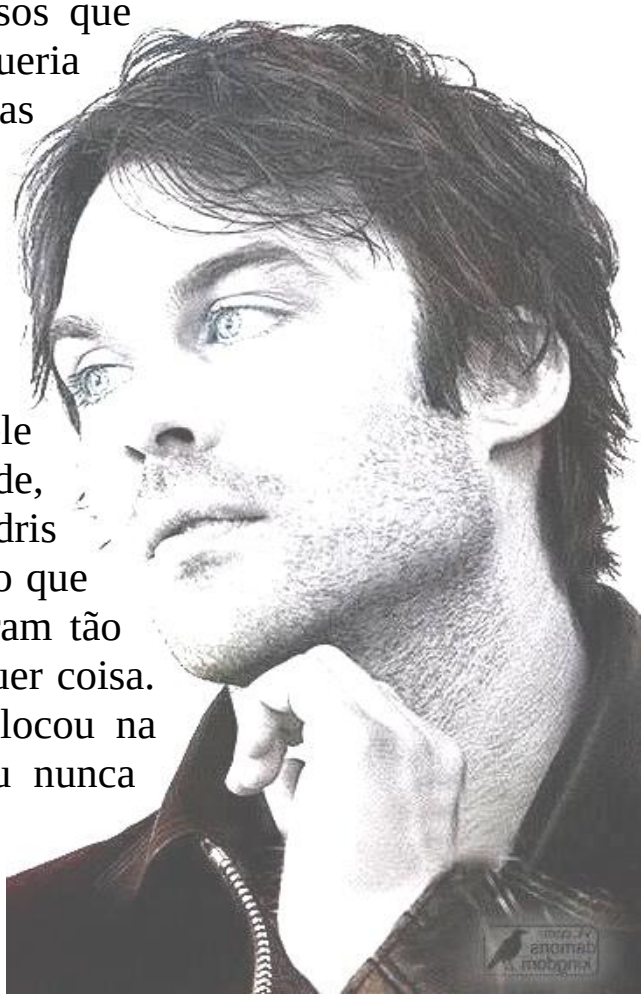
— Uhum. – eu lambo meus lábios. — Fomos ao cinema.

— E?

— E bem, ele me beijou. Estávamos voltando à noite. Estava chovendo. Chuviscando, na verdade. Meu prédio ficava a um quarteirão de distância, mas ele me agarrou.

— Ele agarrou você.

Seus olhos são tão intensos, tão calorosos que olho para o meu colo. Eu não queria. Queria continuar olhando para ele, absorvendo as suas reações, por mais minúsculas que fossem. Mas agora que tenho todo o foco dele, eu não consigo.



É demais.

— Sim. E então, me puxou para aquele beco escuro. Ele me empurrou contra a parede, levantou minhas pernas ao redor de seus quadris e... – eu mordo o lábio, o tempo todo sabendo que ele ainda está me olhando. — Suas mãos eram tão grandes. Como se elas pudessem fazer qualquer coisa. Elas estavam tão quentes quando ele as colocou na minha cintura e pressionou contra mim. Eu nunca



senti nada tão duro e tão... Quente. Ele me disse que estava morrendo de vontade de me beijar. Que ele estava morrendo de vontade de me beijar desde que me viu.

Eu não posso evitar. Eu aperto minhas coxas e pressiono minha mão na parte inferior do estômago. Tudo escondido. Tudo debaixo da mesa. Longe de seus olhos.

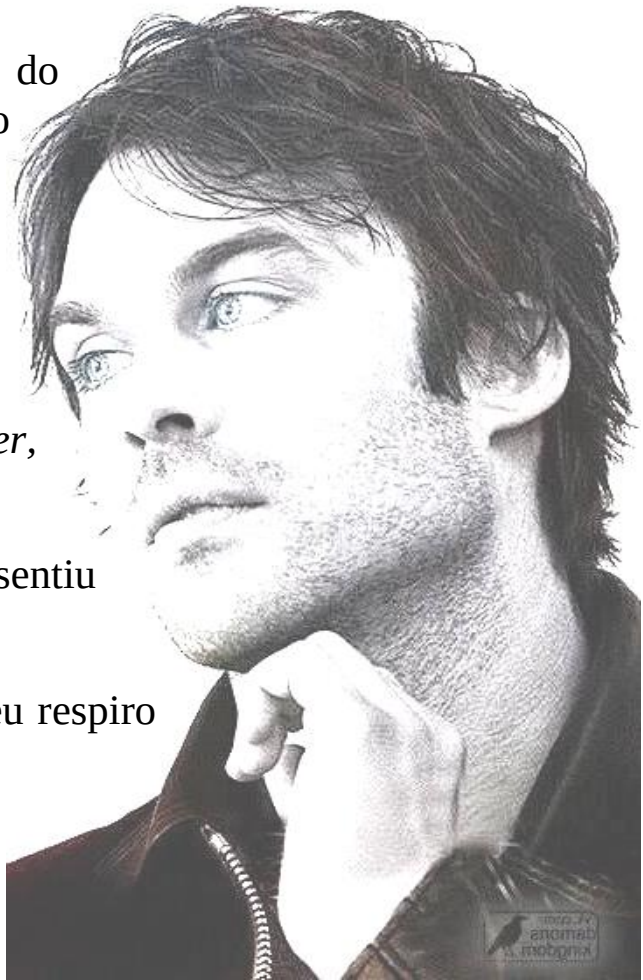
— Então?

Sua voz faz com que um pulso atravesse meu estômago até a minha boceta. Está molhada e ficando encharcada.

— E então ele me beijou. – eu pressiono mais forte na minha barriga. — Seus lábios eram tão macios. A coisa mais suave que já toquei. E tão diferente de seu aperto áspero. Diferente de como duro ele estava. Por toda parte.

Eu arrisco um olhar para ele e o encontro exatamente como quando meus olhos o deixaram. Rígido, intenso e vigilante.

O Rei Gelado.



Na verdade, ele parece mais indiferente do que nunca. Mais frio que a primeira vez que o conheci.

Por um segundo, acho que talvez ele saiba que o beijo na minha cabeça não é do meu namorado. É dele.

Por que sempre sinto que ele pode me ver, ele pode ler as coisas dentro de mim?

Então ele pergunta: — Como você se sentiu quando ele beijou outra pessoa?

Minha mão na minha barriga paralisa e eu respiro



fundo.

Deus, não isso de novo. Eu superei totalmente o Incidente no Telhado.

Porra.

— Solitária. Depressiva. Com o coração partido. Como se eu quisesse morrer. – respondo, suspirando.

— Quem era a garota?

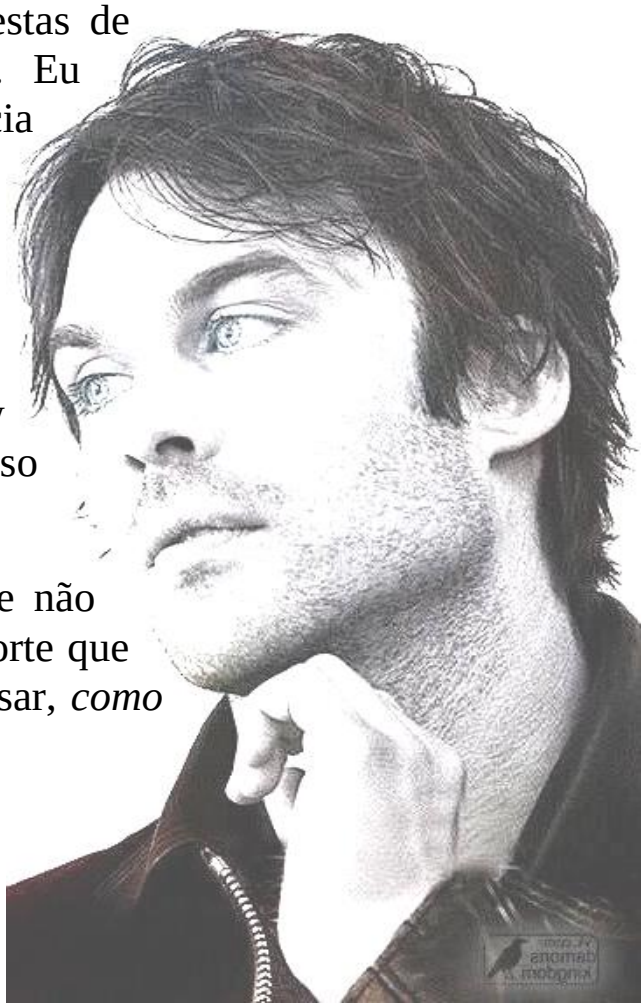
— Zoe. Ela estava na minha aula de história.

— Ela era sua amiga?

Eu zombei. — Eu nunca tive amigos. Era muito estranha para ter amigos.

Seus dedos ao redor da caneta apertam, mas sua voz é casual - a mesma - quando ele pergunta: — Estranha. Como assim?

Encolho os ombros. — Eu era a criança mais lenta da escola. Era escolhida por último em tudo. Eu odiava festas de aniversário. Eu odiava festas, ponto final. Eu quase não ria. Na maioria das vezes, adormecia em minhas aulas e, em seguida, os meus professores faziam alguém me emprestar suas anotações e eu tinha que ficar em casa a noite toda para compensar o que havia perdido. Então, sim, eu não era a Miss Popular. Eu era a Lolo Preguiçosa. Willow Anormal. Willow Maluca. Lolo Lunática. Posso continuar se você quiser.



A cor dos nós dos dedos ficou branca e não posso deixar de me contorcer com o aperto forte que ele tem na caneta. Não consigo deixar de pensar, *como seria se ele me segurasse com tanta força?*



Se ele realmente me empurrasse para um beco escuro.

— Você os confrontou?

Novamente, não há nada errado com a voz dele. É tão calma como sempre. Mas não consigo descobrir o que está acontecendo com o corpo dele. Está ficando cada vez mais tenso.

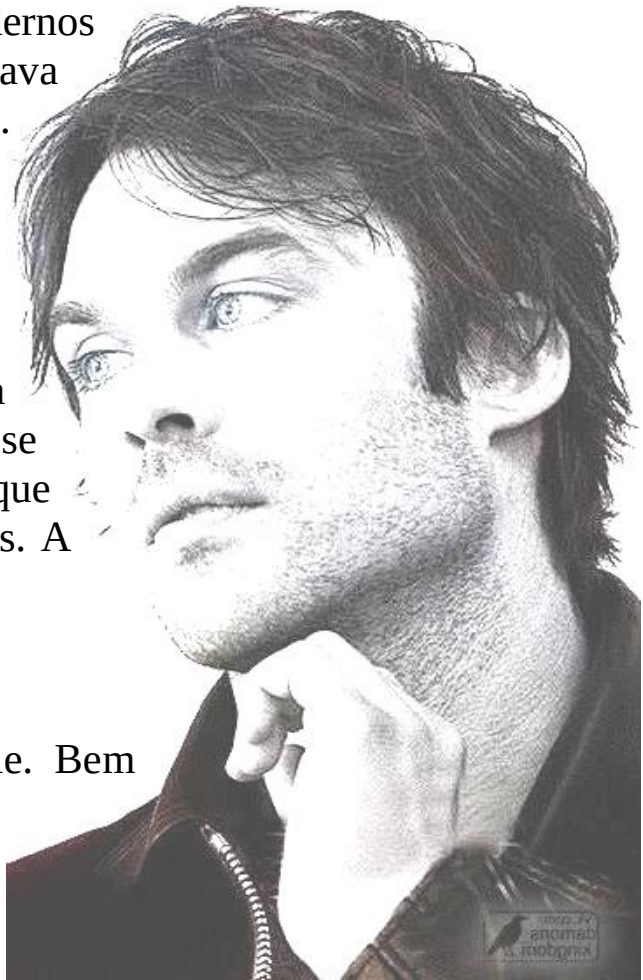
O que está acontecendo com ele?

Espero que ele esteja ficando bravo por minha causa. Eu realmente gosto dele.

Eu movo a minha franja da minha testa suada. — O que, aquelas crianças?

— Aquelas crianças? Seu namorado e Zoe? Ninguém?

— Sim. Eu meio que confrontei. Pelo menos as crianças. Quando eu era mais jovem. Muito mais jovem, e as coisas que eles disseram me machucaram. Às vezes, eu as empurrava do balanço no parque quando ninguém estava olhando. Escondia seus cadernos ou almoços na escola. E às vezes, quando estava com muita raiva, eu dava um soco. Especialmente nos meninos. No lixo deles.



O brilho em seus olhos é de admiração; Eu vejo isso. Isso me aquece.

Na verdade, eu fiz essas coisas. Nunca admiti fazer isso, no entanto. Não me lembro se alguma vez fui punida por elas. Só sei que neguei aos professores, à minha mãe e a todos. A tal ponto que esqueci que já as fiz.

Até agora.

Até que ele perguntou, e eu disse a ele. Bem



desse jeito.

Ele está libertando algo dentro de mim. Todas as caixas trancadas. Todos os animais acorrentados. Simon Blackwood está libertando-os e ele nem se esforçou.

Por que é tão fácil? Dar-lhe pedaços de mim.

Eu fecho o punho e mostro a ele, repetindo suas palavras da última vez: — Eu sou perigosa.

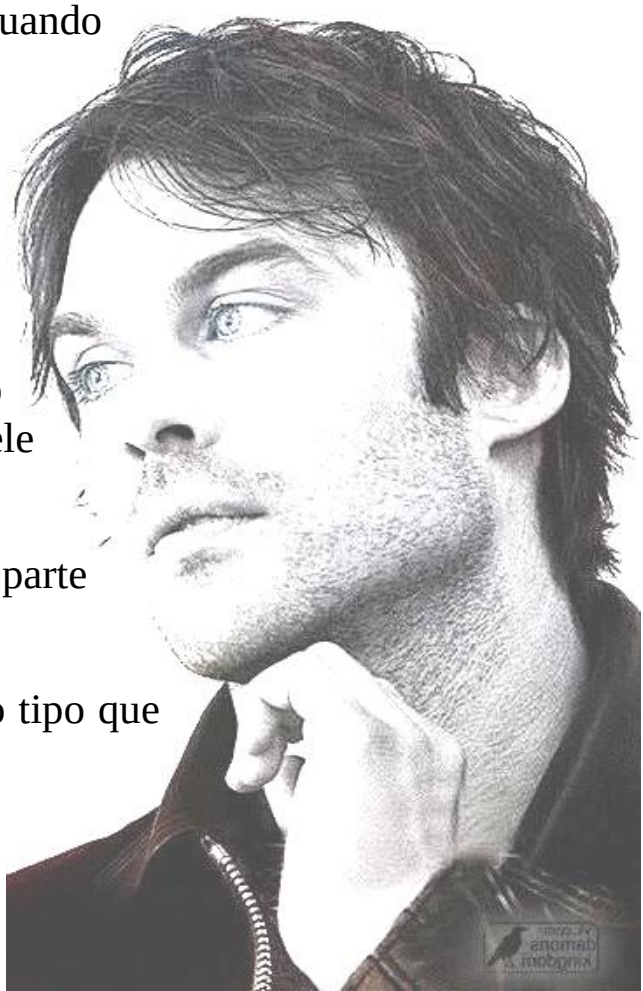
— Você é, não é? Uma pequena guerreira. – ele murmura, com o aperto afrouxando em torno de sua caneta. — Embora não seja assim que você dá um soco.

— Não é?

Ele balança a cabeça.

Abro a palma da mão, abrindo meus dedos. — Você vai me ensinar?

Por alguns momentos, ele não diz nada, mas depois se levanta. A cadeira chia e os seus sapatos fazem barulho quando ele contorna a mesa e se aproxima de mim.



Eu me levanto também, o meu coração provavelmente apertou entre os ossos das minhas costelas, tentando sair.

Parando alguns centímetros diante de mim, ele olha para baixo. Como é que, mesmo sem uma única expressão no rosto, sinto que ele está me dizendo alguma coisa?

Só não sei exatamente o que, mas cada parte de mim está ouvindo.

Isso é louco. Não é do tipo inútil, mas do tipo que



está roubando minha respiração.

— Me dê sua mão. – ele pede.

— Por quê? – pergunto, enquanto o obedeço.

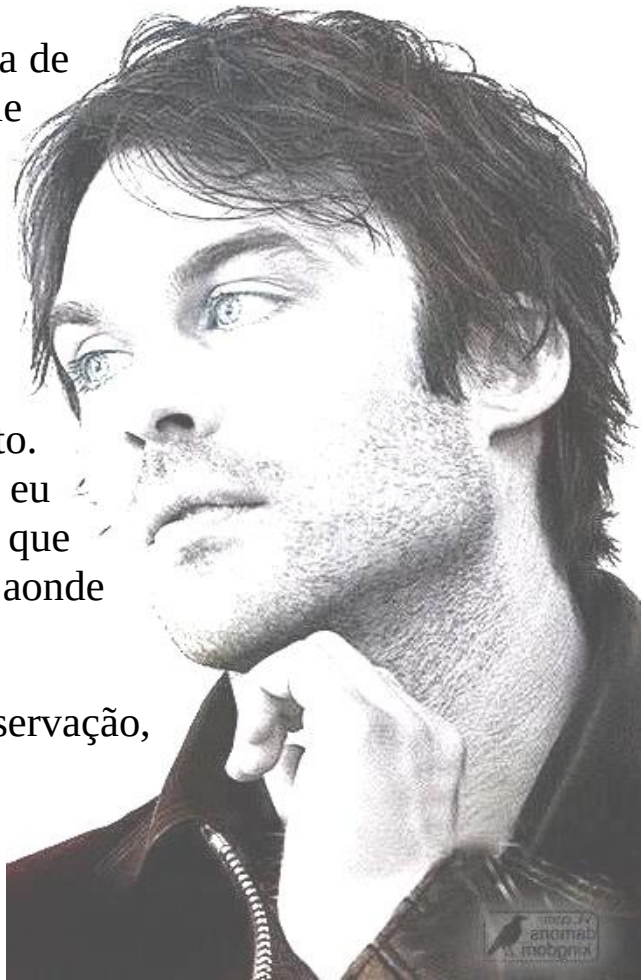
Ele pega minha mão e eu noto todos aqueles pequenos arranhões em seus dedos novamente. Eu quero perguntar a ele sobre a casa, mas ele fala sobre mim. — Estou ensinando como dar um bom soco.

Minha pequena palma está minúscula na sua grande quando ele fecha meus dedos. A última vez nosso contato terminou rapidamente. Eu não conseguia apreciar completamente o calor e a textura da pele dele.

Eu faço isso agora. O calor de sua pele penetra na minha enquanto ele enfia meu polegar sobre meus dedos indicador e médio.

— Mantenha firme. – ele instrui, tocando no meu polegar. — Você não quer que se machuque.

Eu sorrio levemente. — OK.



Ele está focado na minha mão e na técnica de dar um bom soco, mas ao meu sussurro, ele olha para o meu rosto. Há um aperto perigoso na mandíbula dele. Não sei por que acho perigoso, mas é. Talvez seja porque esse aperto é combinado com o olhar em seus olhos. Meio frio. Um pouco.

Quando ele solta minha mão, eu não gosto. Eu não gosto da perda do toque, então eu levemente dou um soco em seu peito, antes que ele possa se afastar e voltar para sua cadeira, aonde ele vai me analisar.

E como perdi todo o senso de autopreservação,



deixarei que ele faça.

Ele para. Paralisa, quase.

Eu olho para ele através dos meus cílios. — Desculpe. Eu queria ver se funcionava.

— Se é assim que você dá um soco, acho que você realmente não ensinou uma lição à eles. – ele murmura.

— Como você sabe tanto sobre socos?

Seu coração está batendo debaixo do meu punho e eu quero pressionar mais forte e pressionar o ritmo que lhe dá vida.

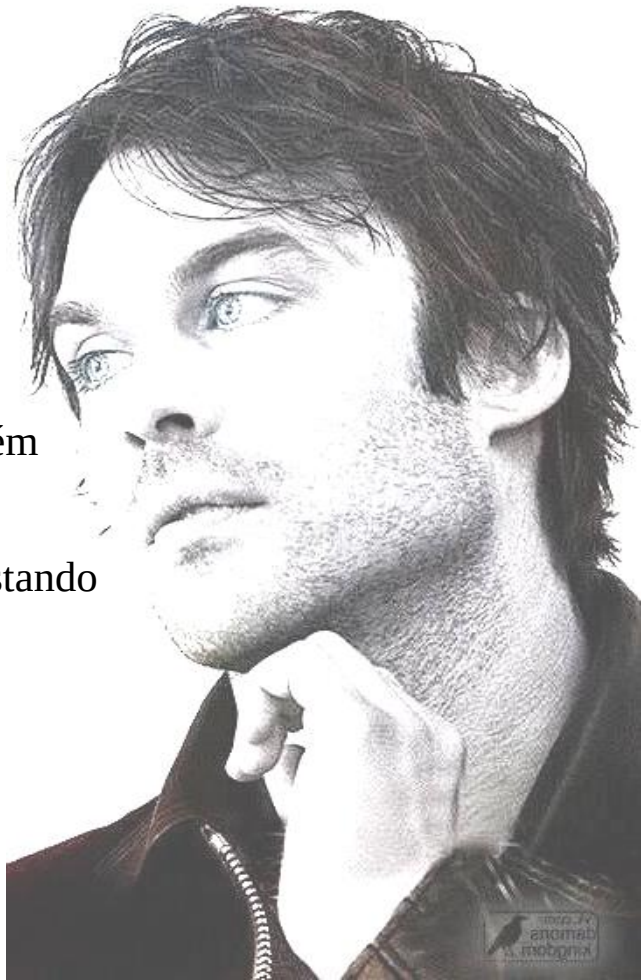
Suspirando, ele responde: — Eu já briguei antes.

— É? Com quem?

Ele encolhe os ombros; ele está tenso. — Com as crianças. Na escola.

Eu franzi a testa. — Elas foram idiotas com você?

Os lábios dele se contraem. — Por quê? Vai usar suas habilidades de socos estelares nelas?



— Talvez.

Minha resposta o faz rir e eu sinto isso reverberando dentro de seu peito. O peito que estou tocando, através do tecido da camisa dele.

Não há razão para eu tocá-lo. Mas também não posso deixar de tocá-lo.

Especialmente quando ele não está se afastando ou me dizendo para recuar.

— Sua casa está consertada? – sussurro.



Ele engole e percebo o movimento lento do pomo de Adão.

Além da maneira intensa que ele estava olhando a foto de seu pai, esta é a primeira reação que vi dele ou, pelo menos, que ele me mostrou. Eu aceito isso. Mas antes que eu possa realmente me maravilhar com isso, ele diz: — Não.

Algo pesado está no meu peito. Não é minha doença. É daí que vem, às vezes. Meu peito. Isto é diferente. Isto é por ele, e por essa reação dolorosa.

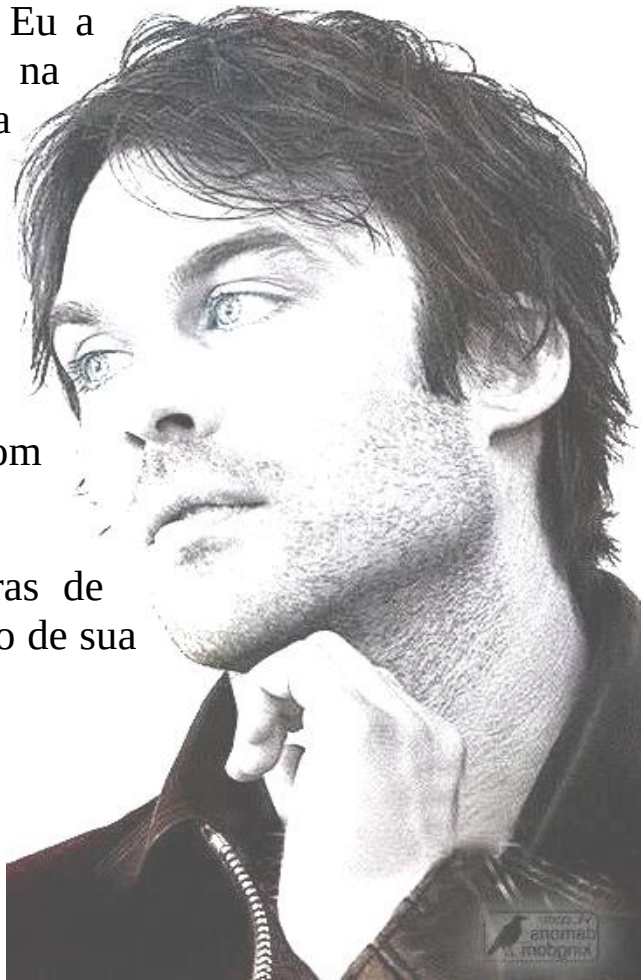
— Por que você está consertando uma casa em que você nem mora?

Seus cílios parecem grossos, como uma floresta ao redor dos olhos, enquanto ele observa meu rosto. — Porque eu tenho consertar.

Eu aceito sua resposta com um aceno de cabeça. Eu sei a resposta dele. Eu também faço muitas coisas.

Como mentir.

Eu menti a vida toda. Para minha mãe. Eu a decepcionei muito. O fato de eu ter brigado na escola e de fazer amigos. O fato de eu nunca ter me interessado muito nas coisas pelas quais ela se interessava. Minha prima foi para a nossa loja de moda, cosméticos, joias, desde o início. Minha mãe também queria isso para mim, mas eu nunca dei isso a ela.



Quando eu fui diagnosticada, ela ficou com o coração partido. Eu vi nos olhos dela.

Mentir e fingir eram as únicas maneiras de mantê-la segura. Eu poderia me manter a salvo de sua decepção.



Eu tiro a minha palma no peito dele. — Você gosta de consertar as coisas, não é?

Como um herói.

Ele fica todo como pedra. O peito que respira debaixo da minha mão, apenas... Para.

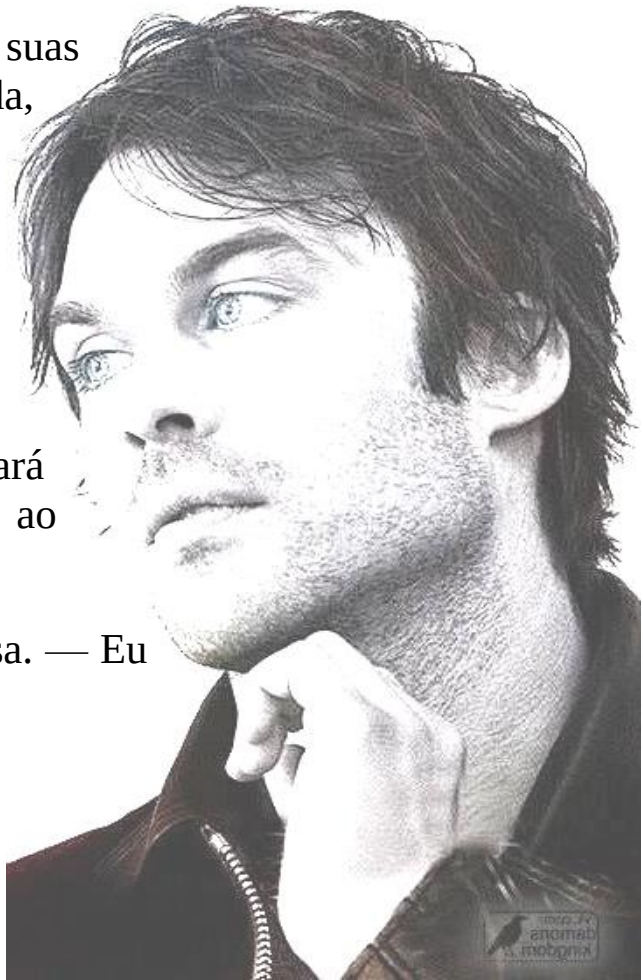
Para de se mover. Para de estar vivo, até. Eu acho que ele vai me pedir para tirar minha mão. Ele vai voltar atrás porque odeia o meu toque. Mas ele simplesmente diz: — É o meu trabalho.

Deus, o que é isso? Por que ele está tão triste?

— Por que se mudou para cá? De Massachusetts? – pergunto, pensando nos rumores.

Boatos estúpidos em que não acredito.

As pessoas podem ser tão cruéis às vezes. Na minha opinião. Eu sei tudo sobre isso.



Uma carranca se forma entre as suas sobrancelhas. Uma expressão desconfiada, quase defensiva. — Por quê?

Encolho os ombros, parecendo o mais casual possível. Eu não sou uma ameaça para ele. Mas provavelmente pareço uma porque estou fazendo perguntas.

— Só estou imaginando se você voltará quando o Dr. Martin estiver bem e voltar ao trabalho.

A veia do lado do pescoço dele ficou tensa. — Eu devo voltar.



— Você sente falta? De Boston, eu quero dizer.

— Na verdade não.

— E os seus amigos? Colegas? – eu então acrescento, porque não consigo me conter. — Namorada?

Parecia casual, certo? Quero dizer, não há como ele saber que estou procurando informações. Sobre seu trabalho anterior, sua vida antes de Heartstone.

Espero que não.

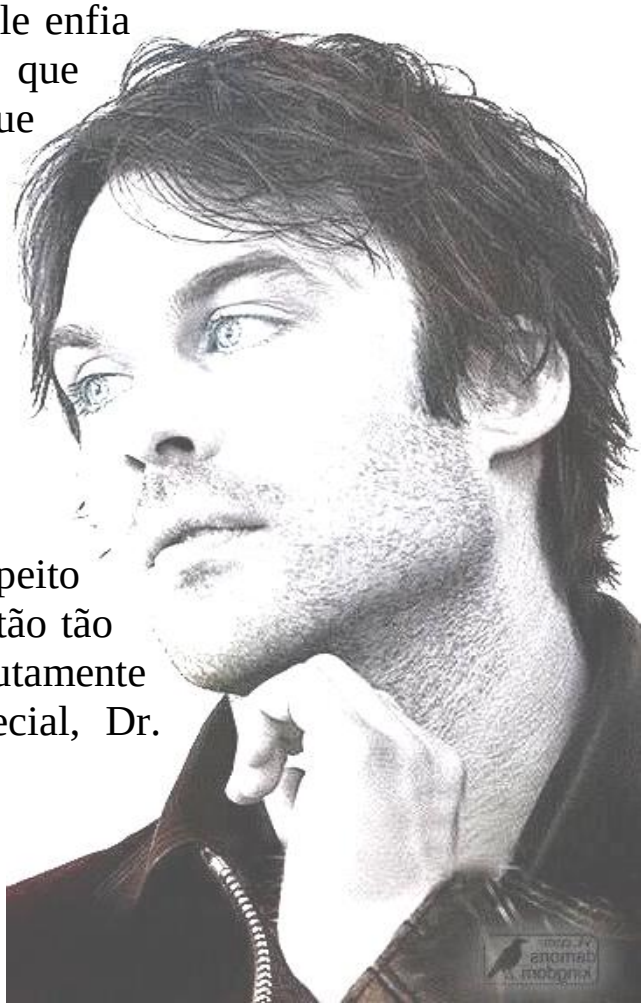
A expressão do Dr. Blackwood fica mais profunda. — Esta é a sua maneira de buscar informações?

Droga.

Franzo meus lábios e admito: — Sim.

— E que informação seria essa?

Seu cheiro flutua no meu nariz quando ele enfia as mãos nos bolsos. Há toneladas de coisas que posso perguntar a ele. Toneladas de coisas que eu quero perguntar a ele. Mas acho que não posso. Eu não tenho o direito.



Embora exista essa pergunta que está me intrigando. Na minha cabeça, eu o vejo com Josie. Conversando e sorrindo.

E estou com ciúmes, apesar de não estar.

As pontas dos meus dedos cravam no peito dele, e quando percebo que seus músculos estão tão tonificados, tão esculpidos que não há absolutamente nada, pergunto: — Você tem alguém especial, Dr.



Blackwood?

Alguém que você beija? Alguém que você agarra e puxa para um beco escuro e pressiona contra paredes?

Não digo isso, mas definitivamente estou perguntando isso.

É como se ele ouvisse as perguntas não ditas, porque o calor do corpo parece ter dobrado. Como se seu sangue estivesse correndo em suas veias com uma velocidade estranha.

Com narinas infladas e uma mandíbula tensa, ele responde: — Não.

— Por que não?

— Porque eu estou ocupado.

Eu quero sorrir. Na verdade, nunca quis sorrir tanto. Nunca. Sua resposta me acalma, mas também me deixa inquieta por me aproximar dele. Quero traçar a palma da mão sobre o arco do seu peito e ver se eu acertei nos meus sonhos.

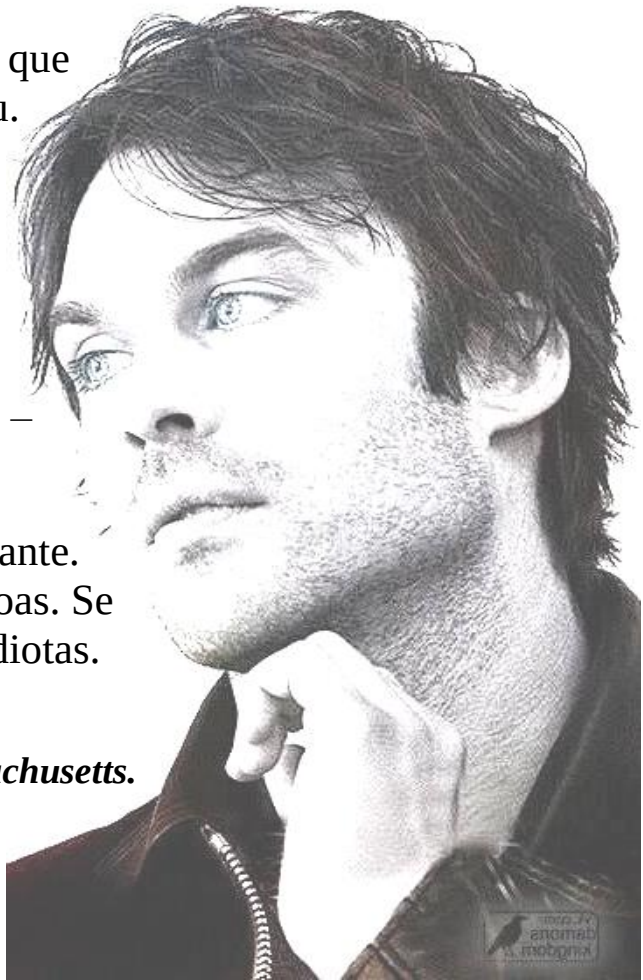
Mas eu não faço nada disso. Não quero que ele tire essa pequena concessão que ele me deu.

Por que ele está me dando isso? Eu não estou reclamando. Mas ainda.

— Ocupado com os pacientes?

— Ocupado com o meu trabalho. Sim. – ele diz, todo profissional.

Isso é o que ele é. Profissional e distante. Dedicado ao seu trabalho e o conserto de pessoas. Se o Mass General[3] o deixar sair, então eles são idiotas.



[3] ***Mass General: é o nome de um hospital em Massachusetts.***



Também sou idiota neste momento.

Em vez de recuar, quero fazer algo. Algo que pode quebrar sua fachada calma. Talvez estendendo a mão e bagunçando seu cabelo sem sentido.

O que ele faria? Se eu fiz isso? Se eu agarrasse seu colarinho e o empurrasse contra a parede?

E o beijasse?

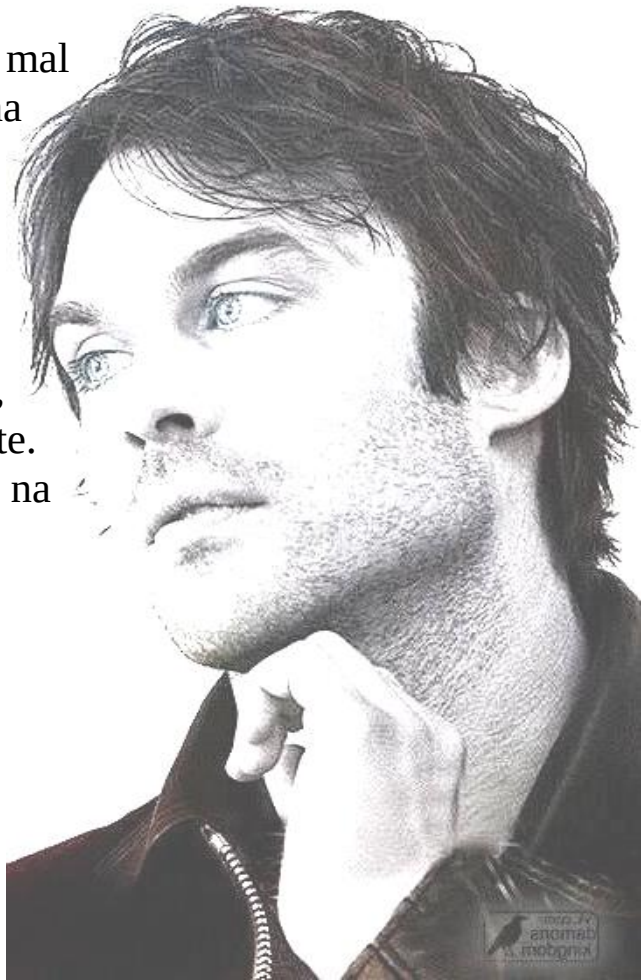
Meus olhos pousam em seus lábios, seus lábios macios. Há uma fenda no meio do lábio inferior. Quero provar essa fenda, enfiar a minha língua nela, molhá-la, chupá-la, mordê-la.

— Então, você não se diverte?

— Não. Eu não sou um cara divertido.

Observo seus lábios formarem as palavras, e cada sílaba que sai de sua boca faz com que eu precise sacudi-lo, beijá-lo, deixá-lo bravo e mais forte. Mais forte e mais poderoso.

A necessidade é tão consumidora que mal percebo quando ele coloca a mão na minha palma e a tira do corpo. É final e suave, a ação dele. Sem esforço. Como se meu toque mal fosse percebido por ele.



— Mas acho que você tem razão. Já passou da hora e eu devo sair... Me divertir, em vez de passar meu tempo com um paciente. – ele dá um passo para trás. — Vejo você na próxima semana. No mesmo horário.



Capítulo Nove

Há um sol preso na minha cabeça.

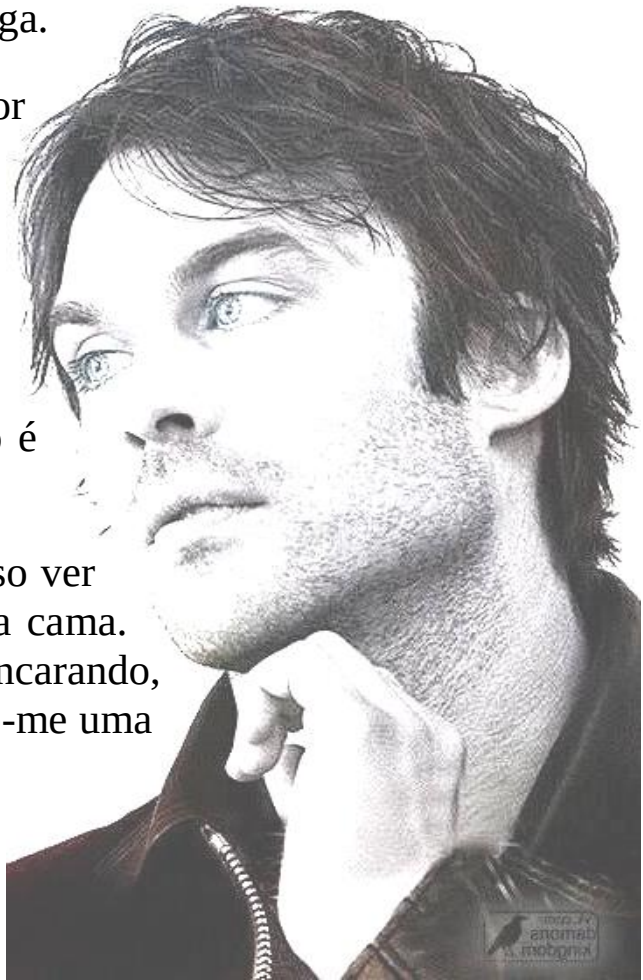
É brilhante e notório. Dói meus olhos, meu crânio e meus ossos.

Enfio um travesseiro no meu rosto, tentando me proteger dos raios.

Obviamente, isso não ajuda. Porque o sol está no interior da minha cabeça.

Interior. Da minha cabeça.

Existem algumas coisas que as pessoas podem não saber sobre depressão. Tipo, se você tiver sorte, verá os sinais e saberá que está chegando - *o episódio.* Mas outras vezes, não há aviso. Você acorda e está ali, no seu peito ou empurrado no interior da sua cabeça, como uma lâmpada incandescente gigante que não se apaga.



A depressão também é uma vadia por atenção. Apenas quando você pensa que está bem. Remédios são ótimos. Há tranquilidade e paz e talvez, apenas talvez, um pouco de felicidade atinja. Em uma voz estridente, ela diz, *você não se esqueceu de mim, esqueceu?*

E então está lá. Ela é real e todo o resto é falso.

Como o fato de ser um dia chuvoso. Posso ver os respingos na minha janela acima da minha cama. E, no entanto, parece que o sol está me encarando, tirando a minha força, secando-me e deixando-me uma



massa de ossos pesados.

Estou exausta e ainda nem abri os olhos. Meu corpo parece mais pesado do que ontem. Eu sei que não é. Eu sei que é impossível - não perdi o pensamento racional - mas ainda parece.

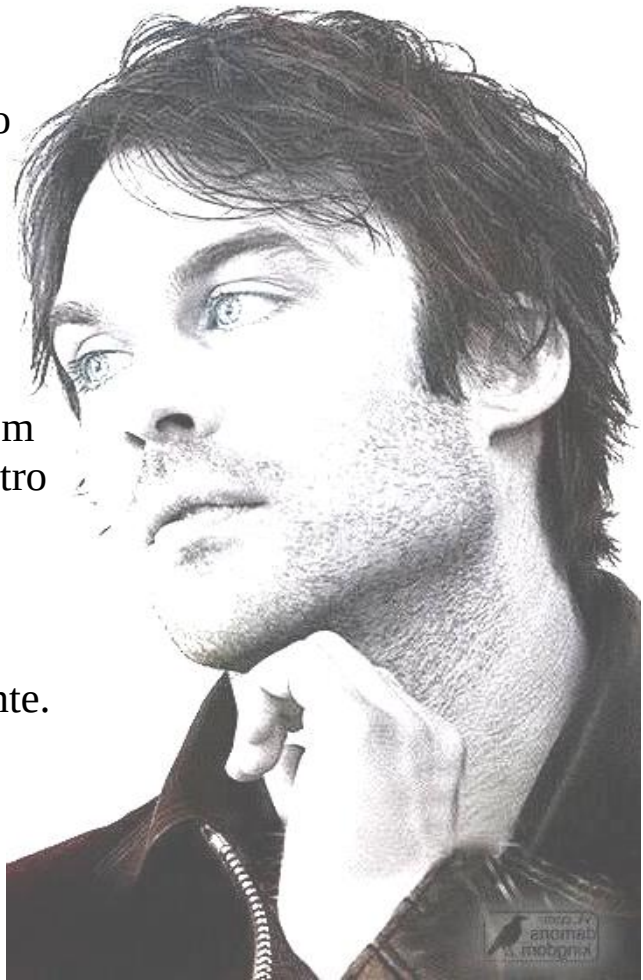
Na maioria dos casos, a doença mental não é a ausência de pensamentos racionais, mas a presença de pensamentos irracionais, apesar de toda racionalidade. Bem, até você realmente perder a cabeça. Então você não sabe mais a diferença entre nada.

Exatamente às 6h45, a batida na minha parede chega. Renn e eu temos um ritual de conversar através de nossa parede fina como papel todas as manhãs. Mas hoje eu gemo e digo a ela que não posso.

— Willow, você está bem? – ela pergunta, preocupada.

Mas a ignoro. Hoje não posso fazer isso. Eu quero que ela vá embora. Eu quero dormir.

Exatamente às 7h00 da manhã, a batida na minha porta também acontece, e uma enfermeira me diz que o café da manhã é em trinta minutos.



— Eu sei. – eu digo para ela debaixo do travesseiro.

Com a minha resposta, ela vai embora.

Que bom.

Claro que sei que o café da manhã é em trinta minutos. Eu vivo aqui há vinte e quatro dias, não vivo?

Droga.

Eu não sou tão mal-humorada, normalmente.



Isso é outra coisa nos meus episódios. Eles me deixam nervosa e irritada.

Tudo me incomoda. A multidão, as tarefas diárias, minha mãe, escola e professores. *Tudo.* Mas eu tentei o meu melhor para esconder isso no *Lado de Fora* para não parecer louca para ninguém.

Jogo o travesseiro e me cubro da cabeça aos pés com meu cobertor escuro. Outra batida vem à minha porta e, desta vez, a voz da enfermeira está mais alta. — Willow, levante-se. Vamos. Já passou da hora.

— Vá embora. – digo a ela através do meu cobertor.

— Willow, vamos lá. Está tudo bem?

— Está tudo bem. Apenas, por favor, vá embora. – repito, esperando que ela vá.

Com esperança. Rezando.

Mas quando isso me ajudou?

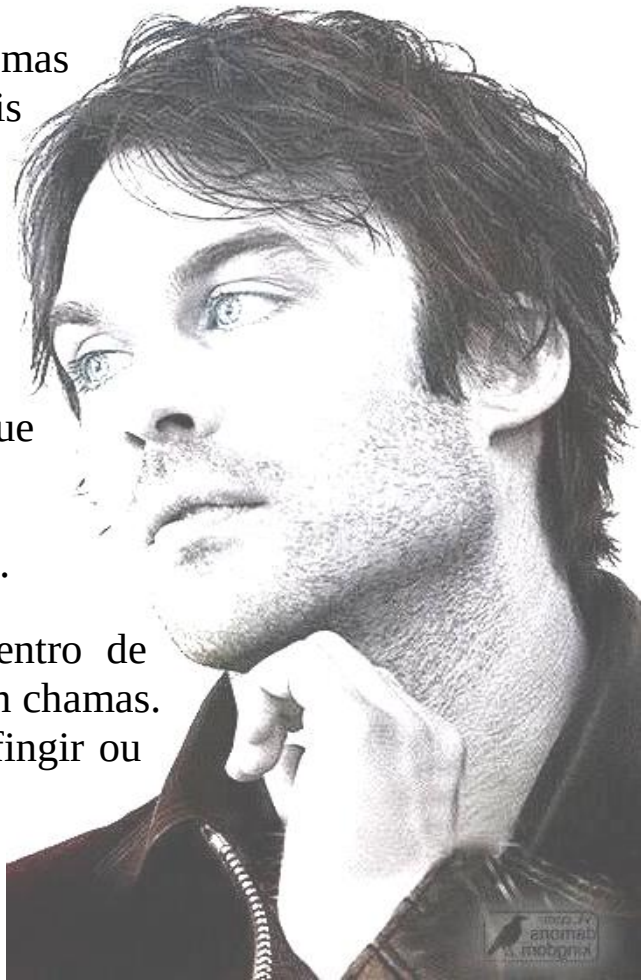
Ela me pede para levantar novamente, mas desta vez sua voz parece estar chegando mais perto, e eu enrijeço os meus músculos embaixo das cobertas.

Ela está se aproximando de mim? Ela vai me tocar?

Porque se ela o fizer, juro por Deus que vou...

Vou gritar. Vou gritar com o meu coração.

Porque é isso que está acontecendo dentro de mim. Alguém está gritando, se debatendo e em chamas. E não preciso esconder isso. Não tenho que fingir ou





mentir. Não no *Interior*.

Eu já estou trancada. Estou livre para ser louca.

Um segundo depois, uma mão está puxando o meu cobertor. — O que…

A enfermeira está olhando para mim, severa e preocupada. Nunca tivemos um problema antes de hoje. De fato, sorrimos uma para a outra sempre que a vejo nos corredores ou na enfermaria.

— O que está acontecendo? – ela pergunta com suspeita em sua voz.

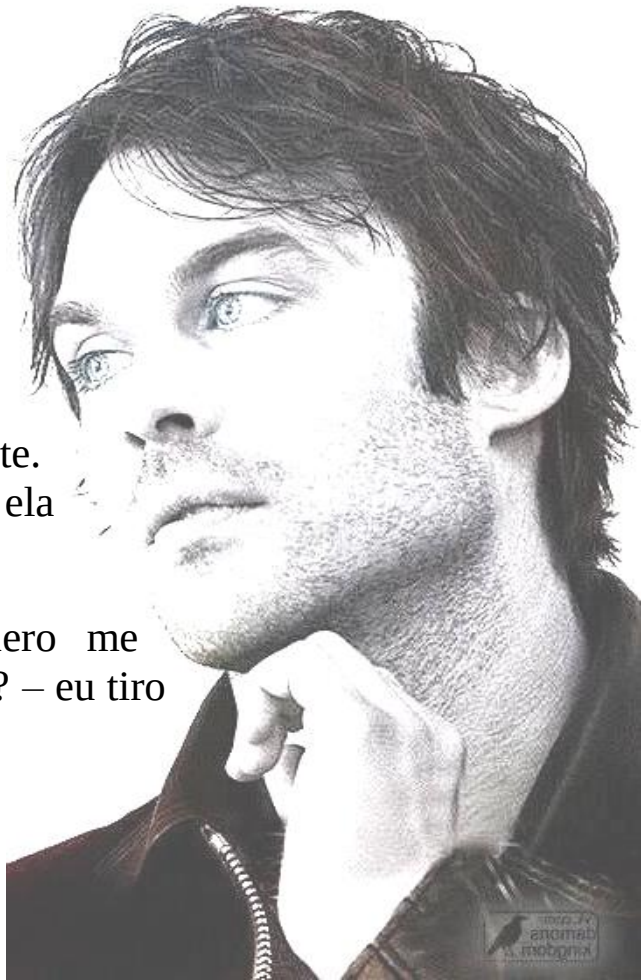
E eu aqui pensei que éramos amigas. Ou algum tipo de amigas. Mas acho que sou como qualquer outro paciente para ela. Ela é legal comigo, mas não pode confiar em mim.

Faça isso, Willow.

Faça. Faça. Faça.

Faz. Isto.

Grite.



— Vá. Embora. – eu ranjo os dentes.

Não tenho certeza para quem estou pedindo para ir embora agora, essa voz na minha cabeça ou a enfermeira. Mas eu só quero que todas elas me deixem em paz.

— Willow, estou lhe pedindo gentilmente. Levante-se e vá tomar café da manhã. – ela levanta uma sobrancelha severa.

— E estou lhe dizendo que não quero me levantar. Por que isso é tão difícil de entender? – eu tiro



o cobertor de suas mãos e me cubro de novo.

— Willow, não me faça chamar os técnicos. Eu não quero fazer isso.

— Porra, os chamem. – eu fecho meus olhos e uma respiração me escapa quando a ouço recuar. Dói meus pulmões e eu me enrolo em uma bola.

Talvez ela realmente traga técnicos e até a segurança. E talvez eles tragam uma agulha. Talvez eles me furem, se eu ficar problemática.

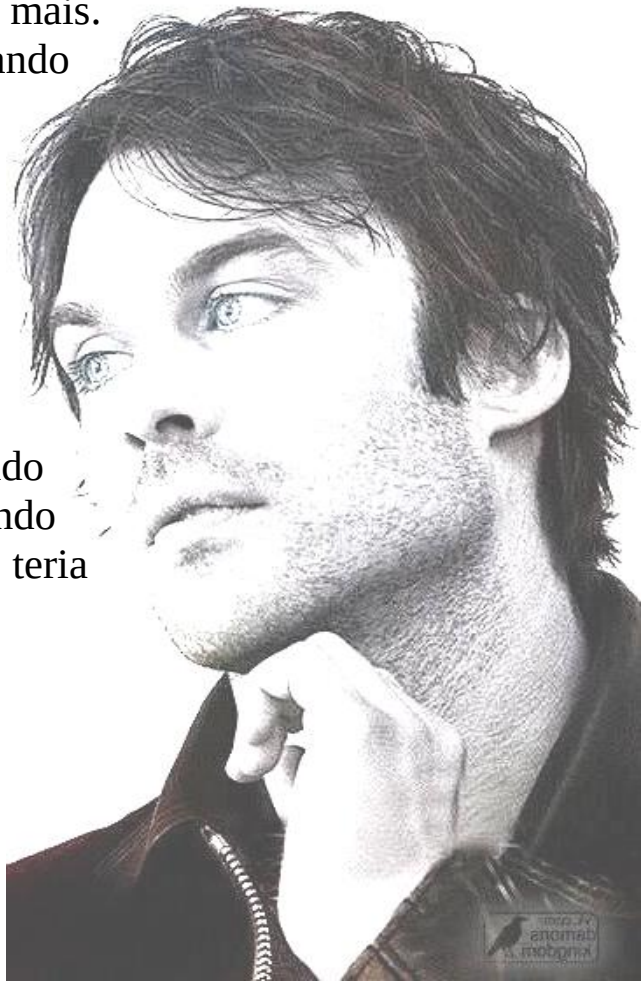
Nada disso está me assustando. Deveria; Eu odeio agulhas. Mas então, eu o vejo por trás dos meus olhos fechados.

Dr. Blackwood. O herói.

Talvez ele venha e me salve. Como ele salvou Annie. Sim, quero que ele me salve. Só por hoje.

Por favor, Deus. Deixe-o vir me salvar.

Posso ouvir a multidão reunida em volta do meu quarto. Murmúrios, vozes e passos. Isso está me agitando ainda mais. Eu sinto que eles estão rindo de mim, apontando os dedos. *Eles não entendem?*



Eu preciso ser deixada em paz.

— Willow. – Renn chama; ela deve estar no corredor. — O que está acontecendo? Você está bem?

Também ouço a voz de Penny, perguntando o que está acontecendo. Até Violet está falando em um tom mais alto. Se fosse outro dia, eu teria conversado com elas ou sorrido.

Hoje não consigo mexer um músculo.



Então escuto outros passos e uma voz que, apesar de tudo, consegue passar por mim. — Willow.

Dr. Blackwood.

Ele está aqui, no meu quarto.

Por fim, abaixo o cobertor, mas apenas até o nariz, e dou uma olhada nele.

Ele está no limiar, preenchendo a porta com os seus ombros enormes e os seus sapatos bico finos na metade entrando e saindo, olhando para mim com uma grande cara feia.

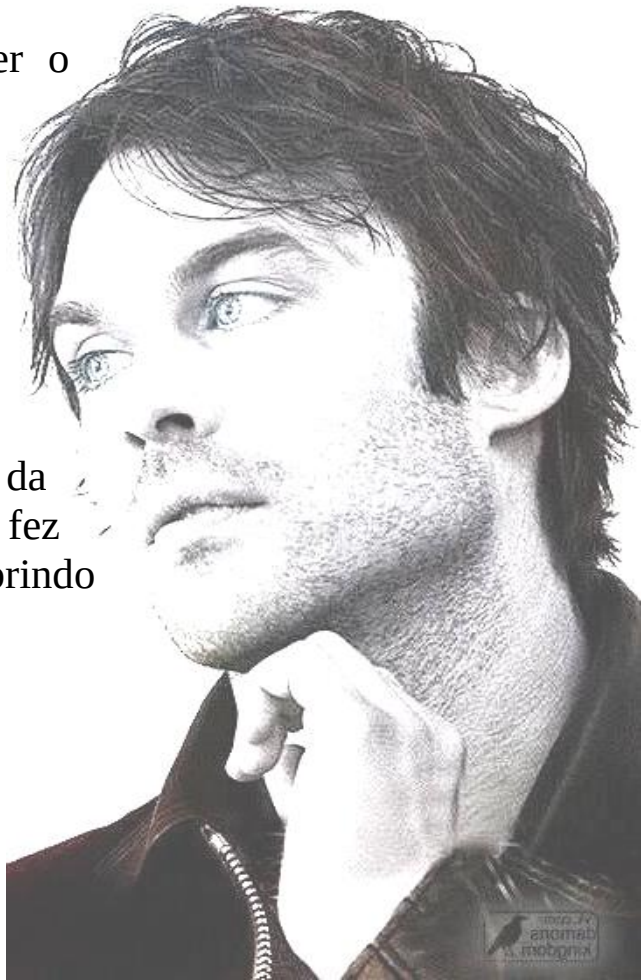
Ele está aqui por causa da comoção? Ou realmente quer ver se estou bem?

— O que está acontecendo?

A enfermeira o informa, mas ele não tira os olhos de mim, nem eu dele. Quanto mais eu o encaro, mais eu quero que ele venha até mim e mais eu quero chorar.

Não faço ideia por que eu quero fazer o último. Mas sinto que posso.

Que eu posso chorar na frente dele e ele me emprestar seu peito largo, para que eu possa apoiar minha cabeça nele. Ele até me deixou molhar sua camisa com minhas lágrimas salgadas.



Ele entra no quarto e fica parado ao lado da minha cama, elevando-se sobre mim, como fez na primeira vez que eu o vi. Mudando o ar, abrindo espaço para si mesmo.

— Levante-se. – ele pede.



Sua voz me faz perder a batalha com minhas lágrimas e elas surgem nos meus olhos. — Por favor, faça-as ir embora. – sussurro densamente.

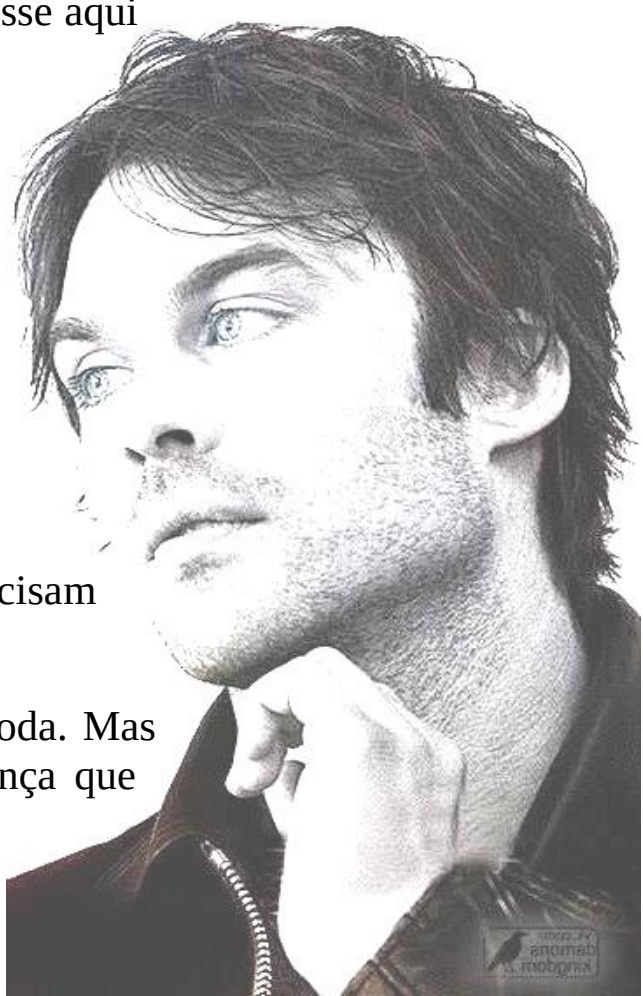
Mais uma vez, não tenho certeza se estou falando sobre as pessoas que lotam o corredor ou sobre essas sombras e pensamentos dentro da minha cabeça.

Ele me observa por alguns segundos, percorrendo os olhos por todo o meu rosto, com um tique na mandíbula. Então ele vira o torso para olhar em direção à porta. — Você pode limpar o corredor, por favor? – ele diz para alguém atrás dele. — Eu vou lidar com isso.

Lentamente, os barulhos e murmúrios diminuem e as pessoas são levadas embora. Fecho os olhos e uma lágrima escorre entrando no meu cabelo solto.

Quando abro minhas pálpebras embaçadas, o Dr. Blackwood está de frente para mim. Seu peito incha e cai dentro dos limites de sua camisa. — Levante-se.

Eu engulo. — Importaria muito se eu ficasse aqui por um tempo?



— Sim. – ele diz. — O café da manhã é daqui a quinze minutos e você precisa estar lá.

— Eu não estou com fome.

— Não funciona assim.

— Como funciona, então?

— Existem regras e protocolos. Eles precisam ser seguidos.

Eu sei sobre regras. Eu as segui a vida toda. Mas então, o que isso me trouxe? Isso. Esta doença que



nunca desaparece.

Engolindo com dificuldade, eu o olho, com suas calças nítidas e seus sapatos lustrados. Eu penso nos prontuários dele. Sua caneta e seus óculos. O fato dele estar sempre trabalhando. O fato dele não se divertir.

Abaixando meu cobertor, pergunto a ele: — Você sempre segue as regras?

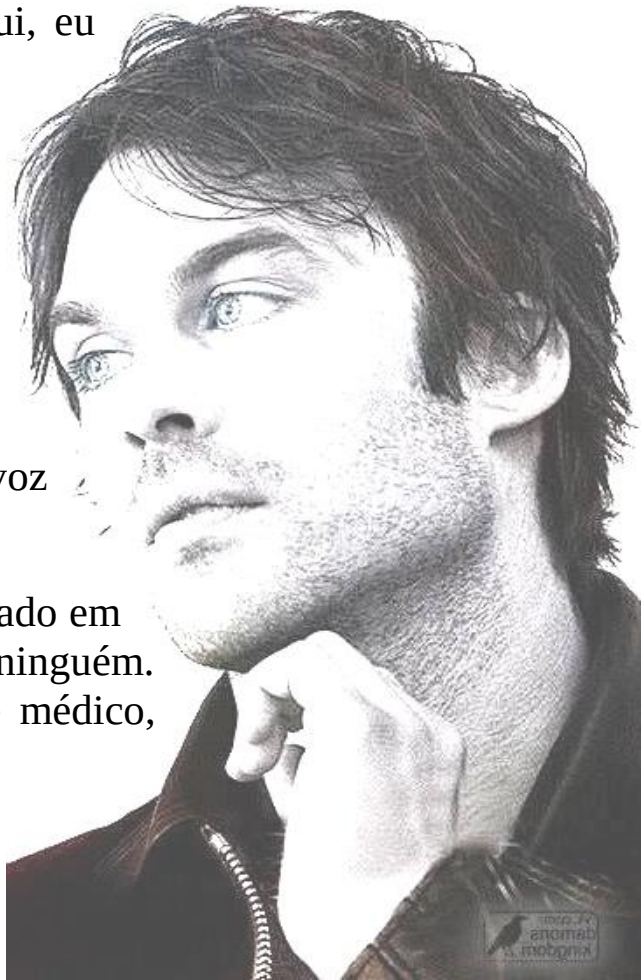
Ele suspira. — Willow, levante-se.

Eu faria se eu pudesse.

O problema é que acho que não consigo suportar. E eu não estou inventando isso. Às vezes, meus membros não têm energia. Sinto-me tão exausta e pesada que parece que minhas pernas não aguentam meu peso. Elas tremem, me deixando tonta.

Como sempre, tentei esconder os meus episódios e surtos, o máximo possível.

Mas neste momento em que ele está aqui, eu não quero.



Eu não quero me esconder dele.

De alguma forma, eu me mexo. Junto a energia que tenho no corpo e levanto o braço para ele. Dr. Blackwood olha para ele, depois para mim.

— Você pode me ajudar? – pergunto em voz baixa.

Nem em um milhão de anos eu teria pensado em pedir ajuda. Eu nunca tive antes. Não de ninguém. Muito menos de um médico. Mas ele não é médico,



não para mim.

E eu também não quero ser uma paciente para ele. Eu quero ser mais.

Minhas respirações estão ofegantes e minha mão começa a tremer com seu próprio peso. Só então ele vem em meu socorro. Ele agarra meu pulso e me puxa da cama. Como se eu não pesasse nada. Como se todo o peso estivesse na minha cabeça.

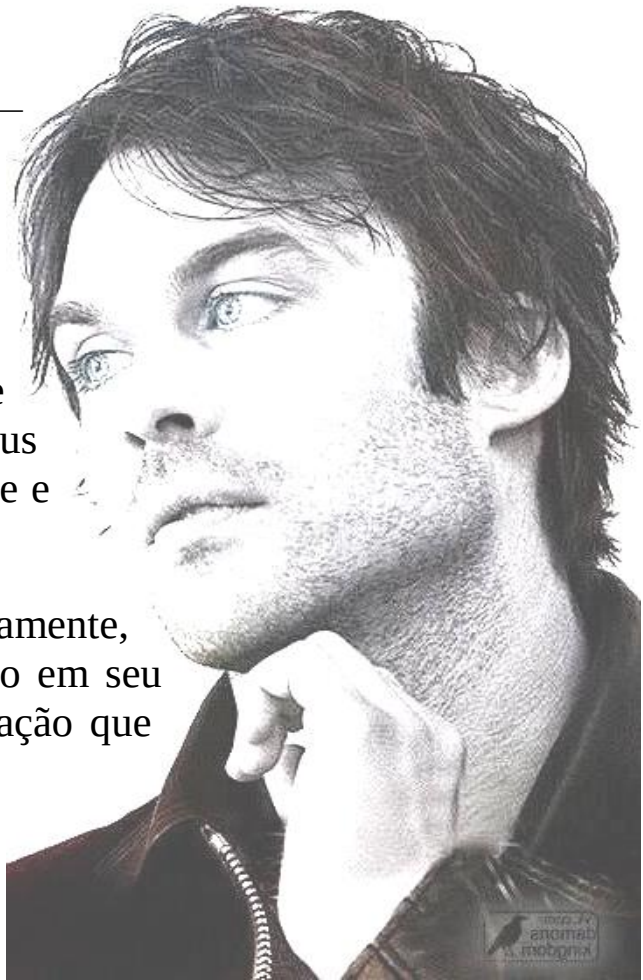
Isto está.

Mas Deus, ele é tão real.

Tão real quanto esse homem de olhos cinzas e seu cheiro de chuva. Tão real quanto este peito forte que eu seguro quando estou com meus dois pés instáveis.

— Não vá. Acho que não aguento. – eu engulo com os meus joelhos flexionando.

Seu peito está mais duro do que ontem, quando ele diz: — Não vou a lugar nenhum.



Eu aperto a camisa dele em gratidão. — Obrigada.

Ontem eu estava hesitante sobre o meu toque. Por mais que eu quisesse, não era necessário para minha própria sobrevivência. Hoje, parece que ele é o único que pode suportar esse peso - meu peso e o peso dos meus pensamentos sombrios - com seu corpo grande e olhos intensos.

Então eu me inclino sobre ele, completamente, juntando nossos peitos. Ou melhor, meu peito em seu abdômen de tanquinho. Ele deixa, e a respiração que



tomo é a mais leve desde esta manhã.

Mas ainda há aquele peso persistente. Algo sólido e borbulhante, ao mesmo tempo. Algo que precisa ser eliminado agora que ele está aqui.

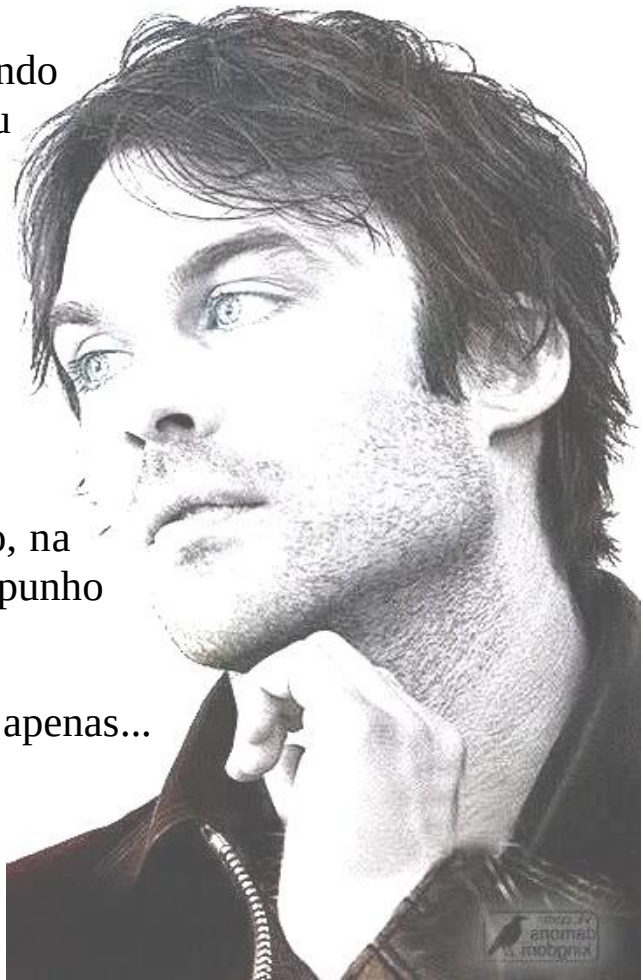
Por que ele me faz sentir assim? Que ele fará tudo melhor apenas com a presença dele.

Depois de uma pausa, digo: — Fui a um funeral uma vez. Era da amiga da minha mãe. Eu acho que tinha doze anos ou algo assim. Você sabe o que eu senti quando olhei para o corpo?

— O que?

— Minha mãe não me deixou chegar perto, no começo. Mas eu vi quando ela não estava olhando. – eu olho-o nos olhos, mesmo que eu queira esconder minha vergonha. — Eu estava com inveja. Do cadáver.

Eu estou esperando ele franzir a testa ou me dar um olhar condescendente, mesmo sabendo que ele não vai. Ele não é assim. E talvez seja por isso que estou dizendo a ele.



Quando ele espera que eu fale, me encarando com seu rosto calmo e belos olhos, eu continuo. — Eu pensei que ela tinha o que eu queria. Eu pensei que queria isso. Eu queria ser ela, o corpo morto. Era algo que eu estava aspirando. Eu queria alcançar a morte. Mas não podia me permitir tê-la. Eu não podia.

— Por que não?

Eu me concentro no pulso de seu pescoço, na curva de sua garganta, enquanto aperto meu punho em sua camisa.

— Por causa da minha mãe. Porque eu apenas...



Não suporto a ideia de deixá-la para trás. – ele está embaçado pelas minhas lágrimas. — A única razão pela qual não faço isso é porque não posso deixar algo para trás.

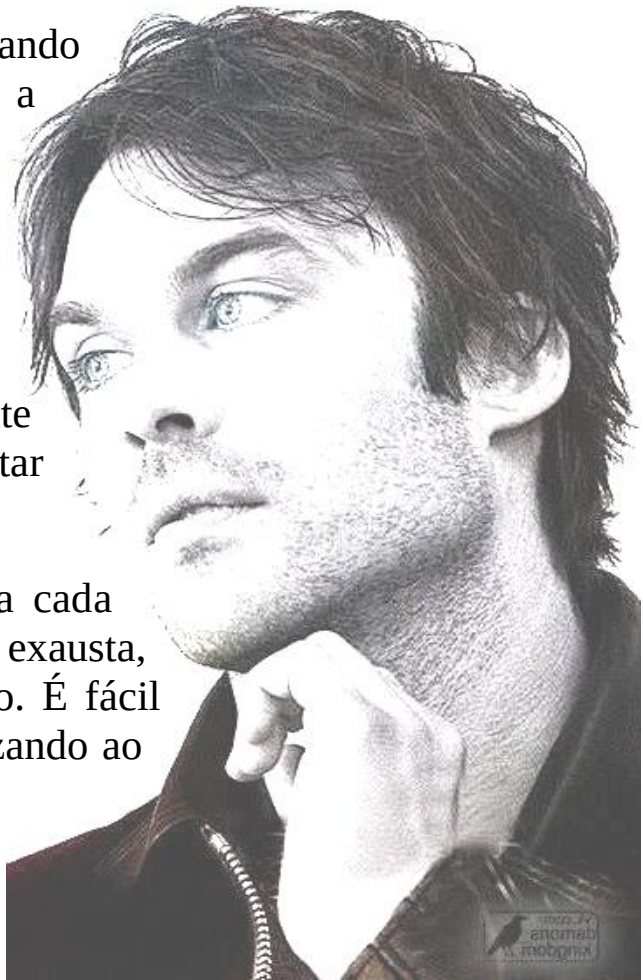
Uma gota salgada desliza pela minha bochecha antes que eu possa parar. Elas são como minhas palavras hoje. Não consigo impedi-las de escapar. — Por que é tão difícil? Por que tudo é tão difícil para mim? Não é tão difícil assim, é? Levantar-se da cama. Tomar banho. Ir tomar café da manhã. Comer. Dizer oi para as pessoas. Sorrir. Rir. Não deve ser tão difícil. Não pode ser sou eu. Eu aprendi tudo errado de alguma forma. Eu aprendi tudo errado.

Errado. Errado. Errado.

Isso é o que eu sou. Eu nasci errada. Com o tipo errado de sangue. Na família errada.

— Se eu não nascesse, minha mãe não ficaria tão decepcionada, sabe. Ela teria uma filha diferente. Uma filha perfeita. Ela daria festas para ela. Ela a vestiria. E essa filha, ela apreciaria. Não... Eu não aprecio as coisas... Não posso...

Meus pensamentos estão terminando, ficando caóticos, mas tudo grita quando ele coloca a mão em mim. Ou melhor, apenas um dedo. Um polegar na minha bochecha.



Meu olhar desliza para o rosto dele e o olhar que ele me dá é penetrante.

Tão penetrante que todo o brilho cintilante dentro da minha cabeça parece estar escurecendo sob o brilho de seus olhos.

— É intimidador. É aterrorizante lutar a cada segundo de cada dia. Acordar cansada e exausta, sabendo que você precisa fazer tudo de novo. É fácil desistir, não é? – ele diz com o polegar deslizando ao



longo do único fluxo de lágrimas.

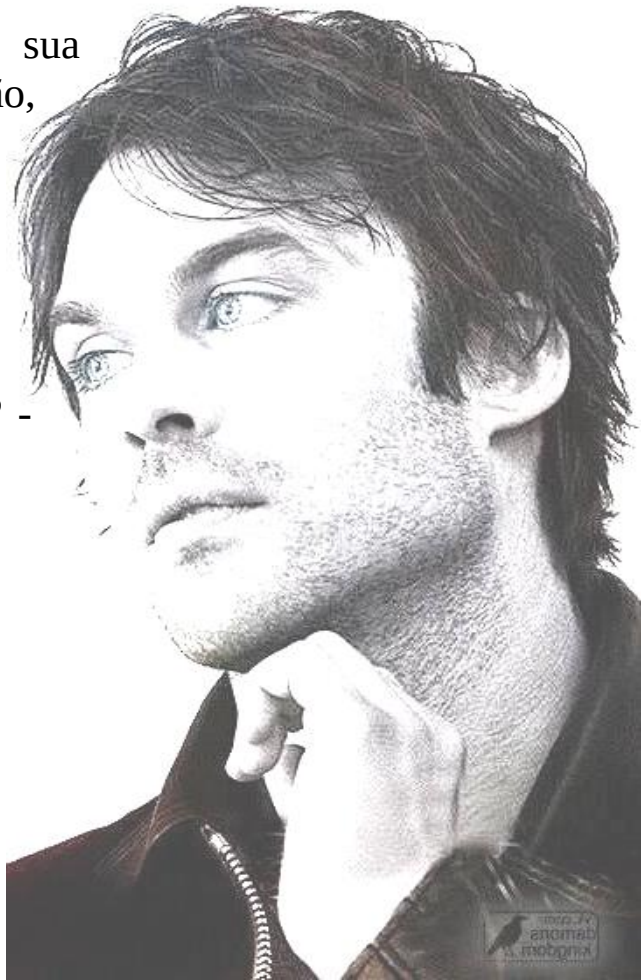
Seu toque, no mínimo, está ofuscando todos os outros sentimentos dentro de mim. Meus lábios se abrem e meu coração palpita dentro do meu peito.

O sinal de que estou viva. O sinal de que eu posso sentir seu toque.

Eu aceno, cheia de vida e, no entanto, tão flexível e submissa. — Sim.

— Sim. Seria tão fácil desistir. Não reagir. – A voz dele é hipnotizante, tanto que eu quero dormir enrolada nela. — Você sabe por que não entendemos? Pelo menos, a maioria? Porque nós nascemos lutadores. Entramos nesta vida, chutando e gritando, explodindo com toda a energia. Não há vergonha em ter que lutar. Não há vergonha em ter que chutar e gritar. Não há vergonha em ser uma guerreira. É a coisa mais honrosa que você pode fazer para si mesma. Pegue uma espada e lute. Apenas estenda a mão, Willow, e a pegue. É tudo o que você precisa fazer. E se alguém faz você se sentir envergonhada apenas pelo fato de você ser uma batalhadora, então... – ele lambe os lábios. — Então fodam-se eles.

Suas palavras são suaves, assim como sua boca, mas a intensidade nelas, a vibração, sacode algo dentro de mim. Isso muda alguma coisa.



É o sol. Talvez esteja passando por trás das nuvens.

— Você acha que eu sou uma guerreira? - eu sussurro, admirada.

— Sim.

— Sério?

— Sim.



E agora, não vou mais me machucar. Não preciso mais me esconder.

Eu posso sair.

Talvez eu possa realmente sair.

Eu estou segura. Ele me salvou.

— Eu devo ser o seu sonho tornado realidade. – sussurro para esse herói de olhos cinzas, o reparador. — Toda quebrada e fissurada.

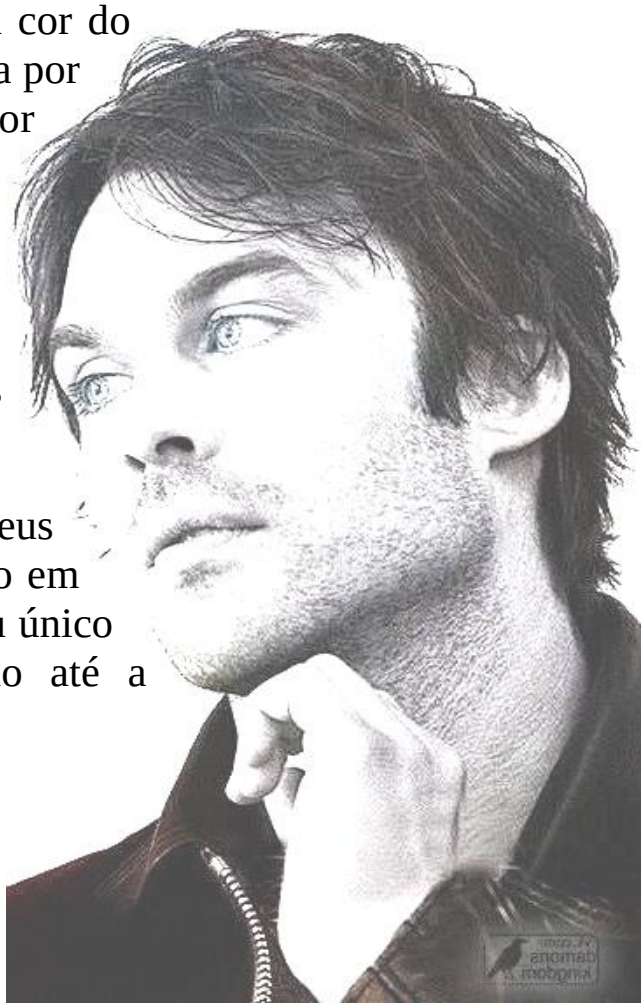
Seu polegar acaricia a minha bochecha e eu fico parada. Eu ainda estou morta. Mas o coração dentro do meu peito está batendo com provavelmente dez vidas.

— Eu não sonho.

— Por que não?

— Porque eu tenho problemas para adormecer também.

Eu o imagino em sua cama, tentando adormecer à noite. Virando e mexendo. Que tipo de cama ele tem? Qual a cor do lençol? O sono bagunça seu cabelo e sua barba por fazer espessa? Minha insônia é induzida por remédios. Eu me pergunto o que induz a dele.



— O que te mantém acordado?

— Recentemente, os reparos intermináveis.

Eu balanço minha cabeça para ele, e seus olhos se voltam para o meu cabelo. Está solto em volta dos meus ombros. Uma vez que é o meu único trunfo, tenho-o longo e grosso e descendo até a cintura.



Ele gosta deles? Meus fios platinados?

— Contava ovelhas. – digo em vez disso. — Quando não conseguia dormir.

Mas então você também reparou isso.

Ele olha nos meus olhos. — Talvez eu deva tentar isso.

Apesar de tudo, um pequeno sorriso surge nos meus lábios. — Acabei de curar você? O curandeiro?

Ele ainda está traçando o polegar ao longo da maçã da minha bochecha. Não sei se ele percebe isso. Se ele percebe que ainda está me tocando, que eu ainda estou segurando a camisa dele e nossos peitos estão se movendo em sincronia. Quando ele respira, eu inspiro. Estou enchendo meus pulmões cansados com o seu ar.

Ele percebe isso?

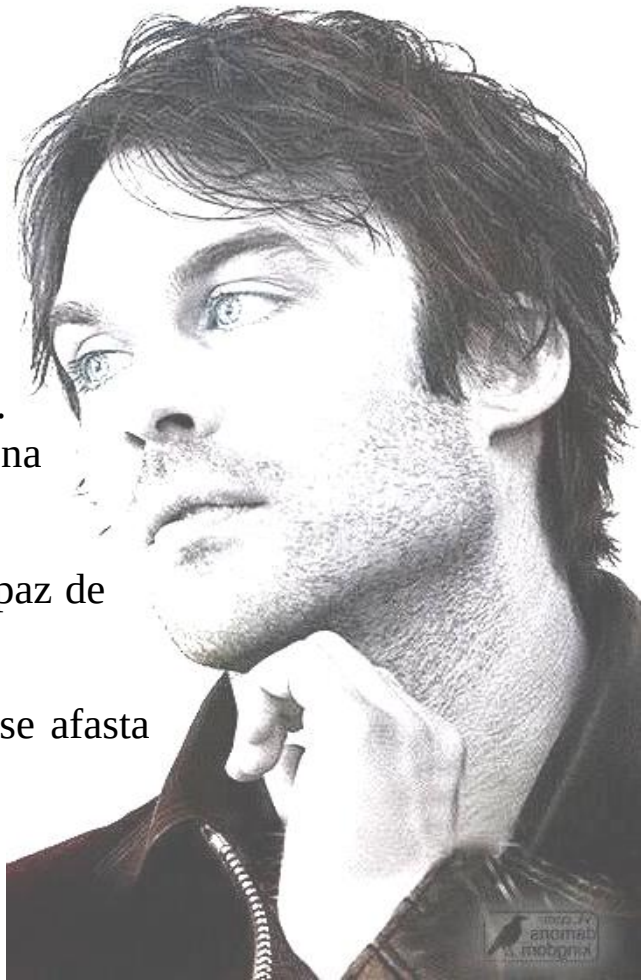
Que ele está em mim agora.

Ele observa meu sorriso. — Talvez você tenha.

— Eu...

— Simon?

Alguém fala sobre mim e, de repente, todo o aconchego deixa meu corpo.



Beth está parada na porta, nos observando. Eu quase abracei o Dr. Blackwood. Com ele traçando o polegar na minha bochecha.

Estou paralisada. Incapaz de pensar, incapaz de fazer qualquer coisa.

Mas ele não tem esse problema, porque se afasta



de mim. O som de seus sapatos bico finos batendo no chão enquanto ele se afasta me faz estremecer.

— Beth. – ele diz com um aceno educado.

Ele está calmo e tranquilo, quando eu estou aqui como um animal assustado, com as pernas trêmulas e cambaleando.

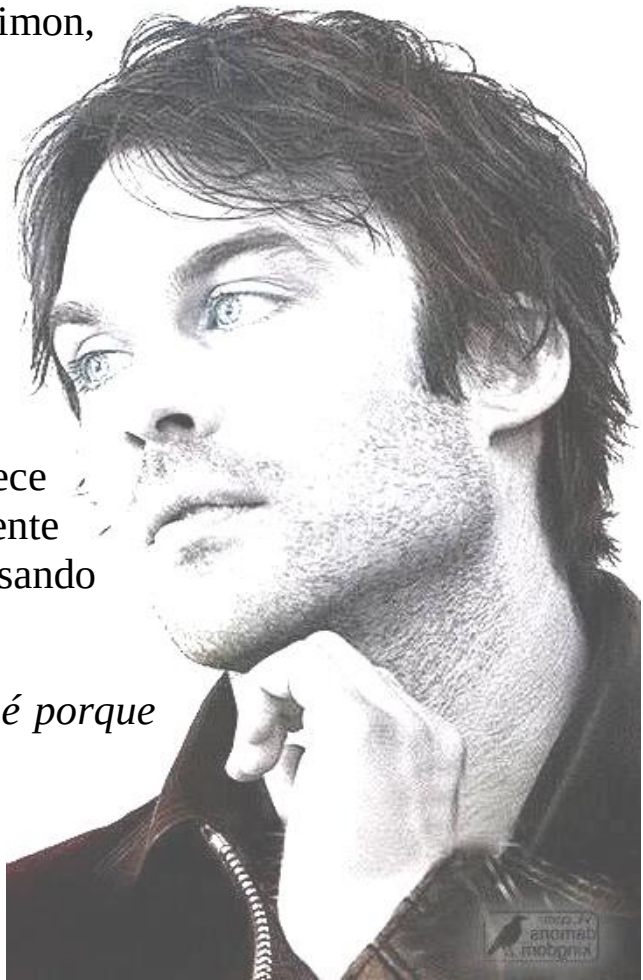
Beth move os olhos dele para mim. — Você está se sentindo bem, Willow?

— Sim…

Eu quero dizer mais, mas eu paro. O que devo dizer? Quero dizer, estávamos um pouco próximos demais, mas não era como se estivéssemos fazendo alguma coisa.

Parece ruim? De pé intimamente perto do seu psiquiatra, enquanto ele enxuga suas lágrimas? Não há ninguém neste mundo que já tenha feito isso?

— Que bom. O café da manhã está servido. Você deveria se juntar aos outros. – ela sorri, embora com tensão. — Simon, eu posso falar com você por um segundo?



— Claro. – ele murmura.

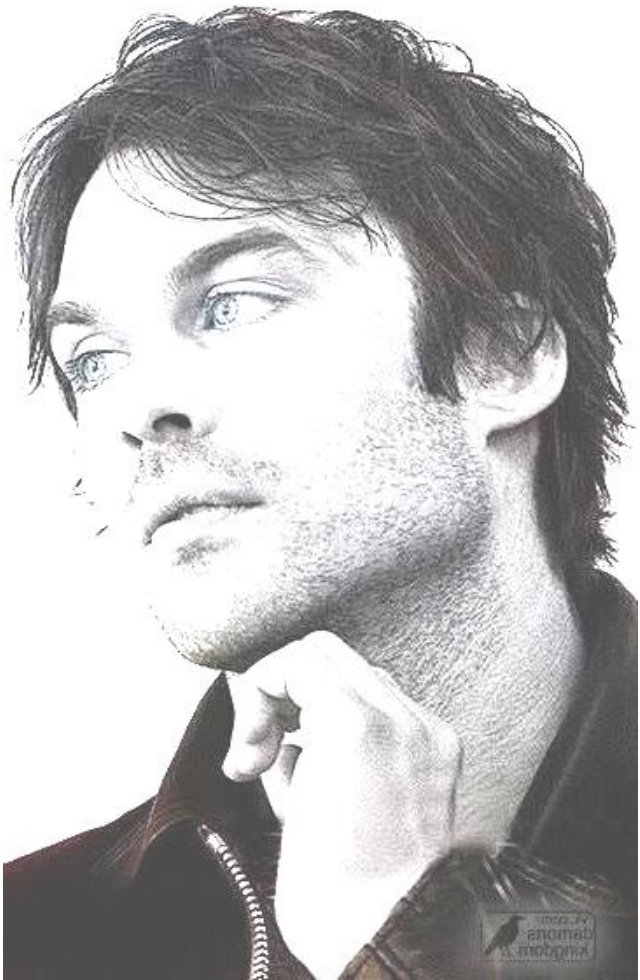
Com isso, os dois saem do quarto e eu caio na minha cama. Eu quero ceder e fundir em meus lençóis, mas então percebo uma coisa.

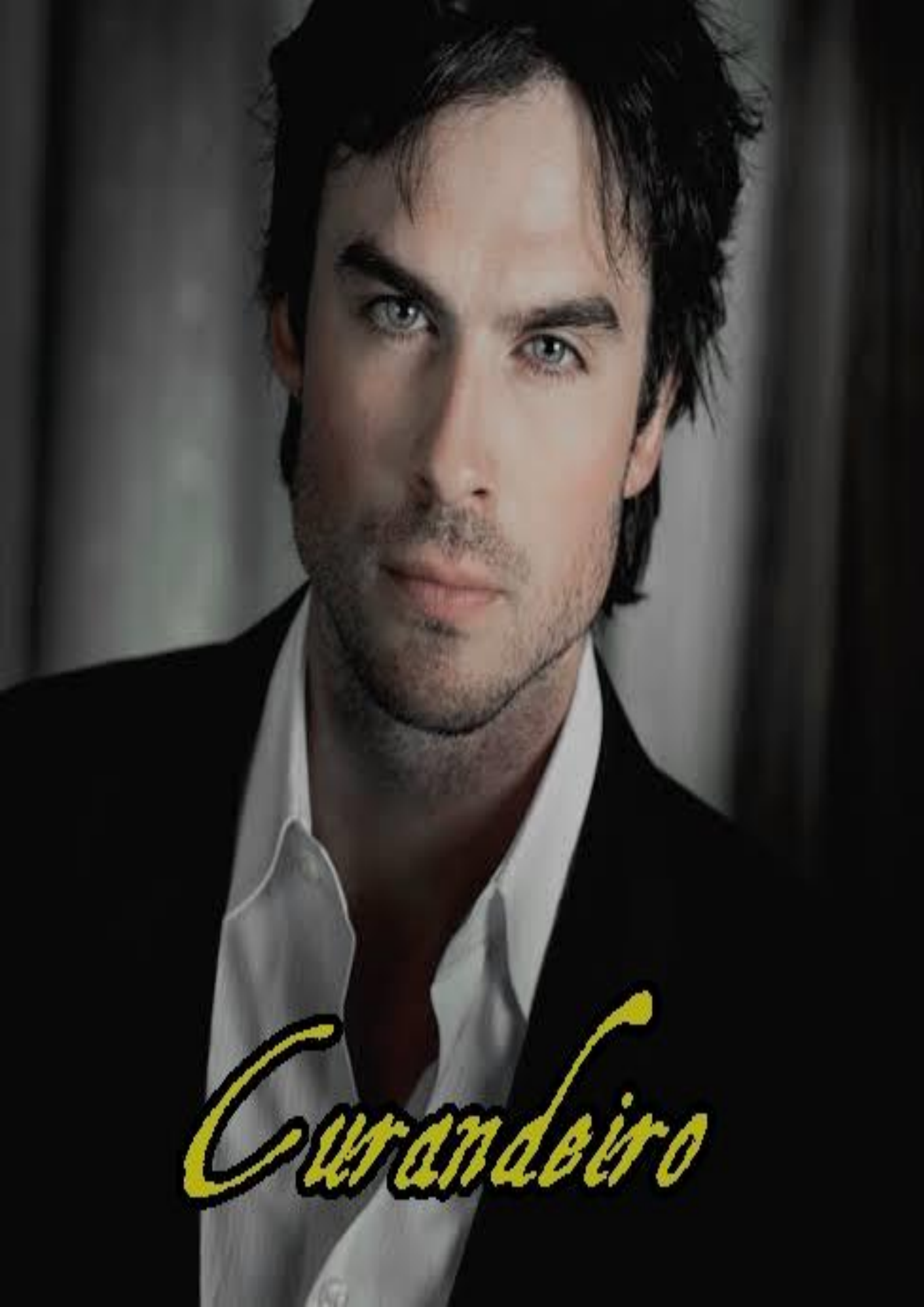
Na minha conversa incomum, o que parece acontecer apenas ao seu redor, eu basicamente admiti para outro ser humano... Que estou pensando em me matar desde os doze anos.

E a única razão pela qual não faço isso é porque



não posso deixar algo para trás.




Curandeiro



— O que você estava pensando? – Beth pergunta, irritada. — Você tem alguma ideia do que teria acontecido se alguém tivesse entrado?

— Por que você não me esclarece? – digo a ela, mas estou focado na garoa do lado de fora.

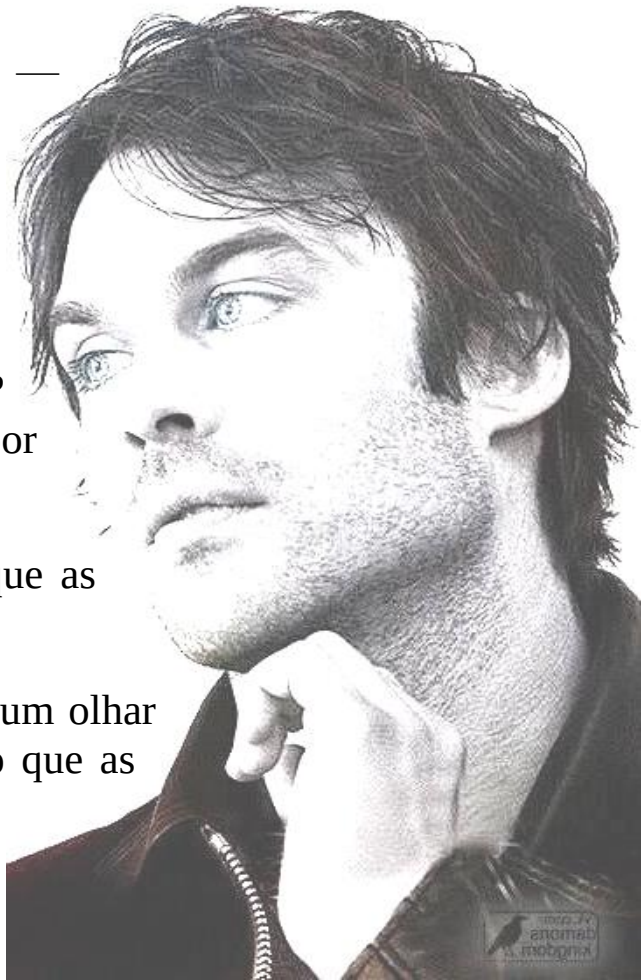
Observo-o pela janela do meu consultório, irritado e zangado. Muito frustrado.

O que eu não daria para sair daqui e nunca olhar para trás?

Eu sabia que era um erro gigante quando aceitei este trabalho. E não pelas razões que pensei que seria.

Pelo canto do olho, noto Beth se aproximando. — Simon, este é um hospital. As pessoas estão sempre em movimento. É um milagre que ninguém mais te viu.

Uma rajada de vento inclina a árvore, quase partindo-a ao meio. Mas ela se levanta de novo. Aquela árvore me lembra alguém. Alguém com olhos azuis e pele pálida.



De repente, eu me afasto da janela. — Ninguém me viu fazendo o que?

— Você sabe exatamente o que eu quero dizer. – ela diz. — Pare de tornar tudo difícil. Estou tentando cuidar de você.

— Cuidando de mim por que motivo? Estava fazendo o meu trabalho. Ou não foi por isso que você me contratou?

Ela balança a cabeça. — Você sabe o que as pessoas vão dizer.

Cruzo os braços sobre o peito e dou-lhe um olhar sério. — Pensei que você não acreditasse no que as



pessoas diziam.

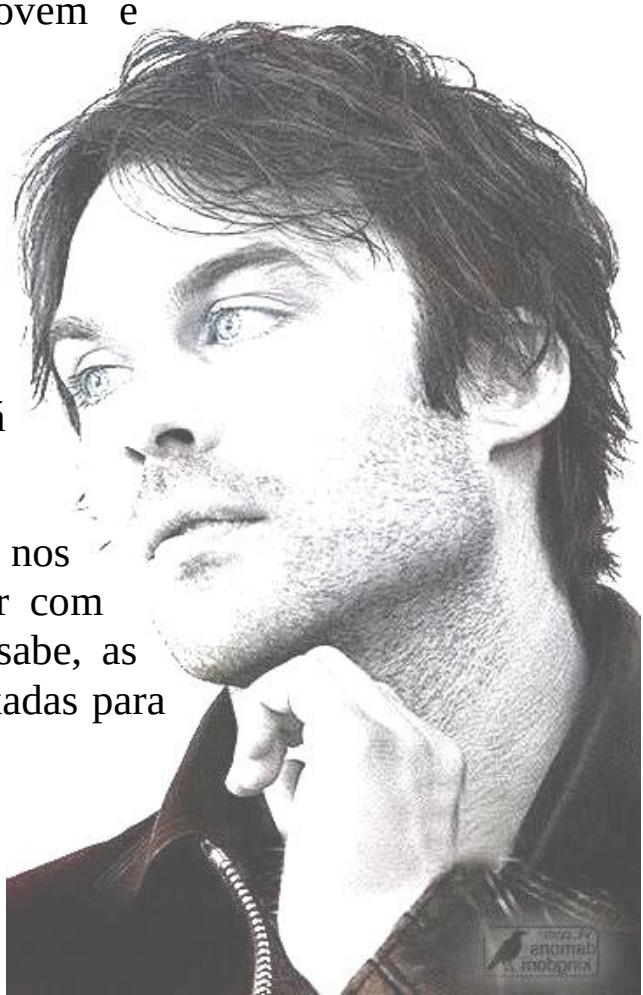
Ela franze os lábios e eu sei o que está chegando. Suas banalidades. Eu aperto minhas mãos, sentindo o crepitar de energia atravessar meus dedos.

Por que ela não deixa isso para lá? Estou fazendo o possível para consertar. Tudo, caralho.

— O que aconteceu no Mass General, com Claire e os rumores... Foi lamentável. Poderia ter acontecido com qualquer um e sim, isso inclui você também. Eu sei que você pensa que é invencível ou um deus, talvez. Mas você é humano e precisa ser inteligente, Simon. Joseph está querendo você aqui há anos. Esse é o legado de seu pai e é seu, se você quiser...

— Mas?

Ela levanta as sobrancelhas. — O conselho de administração está tomando isso como um teste e eu não quero que você estrague tudo. Isso ainda é um hospital. As pessoas falam. Temos uma política de tolerância zero, mas não posso estar lá o tempo todo para aplicá-la. Se você é visto abraçando uma paciente, uma paciente jovem e bonita, não há muito que eu possa fazer.



— Não estou pedindo para você fazer nada.

— Eu sei que você pediu para se encontrar com ela esta semana. Novamente.

Eu estreito meus olhos para onde ela está indo com isso. — E?

— Fico feliz que você esteja interessado nos pacientes. Joseph sempre tentou se envolver com eles o máximo que pôde. Mas como você sabe, as sessões e qualquer terapia individual são deixadas para



outros profissionais treinados.

— Aonde você quer chegar?

— O que quero dizer é que você pode se concentrar em outras coisas. Em algumas unidades de internação, as pessoas nem chegam ao consultório psiquiátrico. Você não precisa estar tão envolvido.

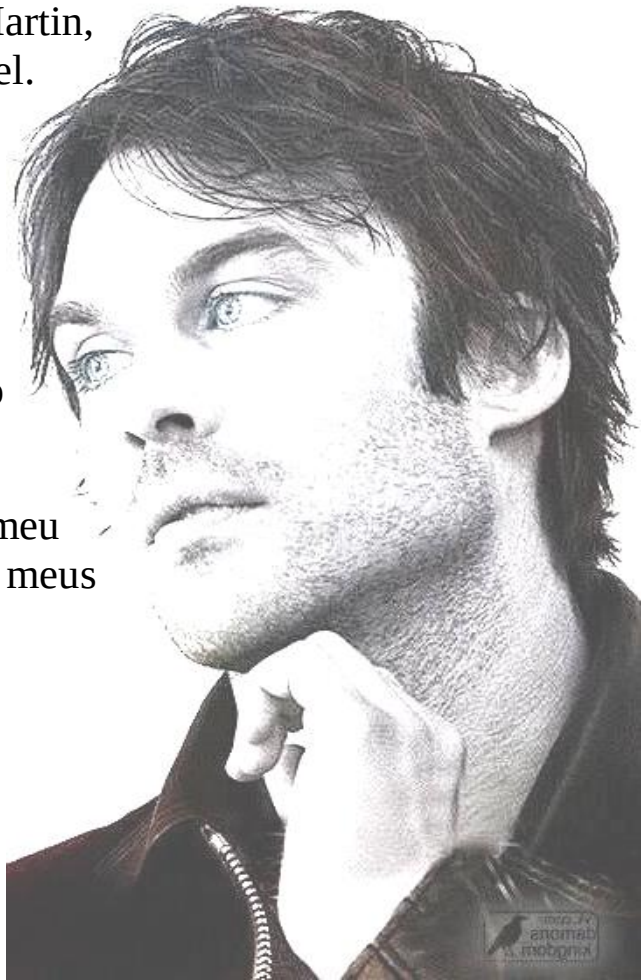
— Desculpe?

— Simon, existe... Existe algo entre vocês dois...

— Beth. – eu a interrompo, suspirando profundamente. — Você realmente acha que eu faria algo assim com uma paciente depois do que vi?

Conheço Beth toda a minha vida. Quando eu era criança, ela trazia caçarolas quando minha mãe passava por seus surtos. Meu pai se tornou ausente durante esses tempos, especialmente durante esses tempos. E minha mãe quebrava um pouco mais do que já estava, toda vez que ele não voltava para casa, optando por passar o tempo em Heartstone.

Beth viu tudo isso. Ela e Joseph, Dr. Martin, estiveram lá a cada passo do caminho miserável.



A tristeza toma conta de seu rosto. — Ah, Simon. Eu...

Eu a interrompo novamente porque não posso ter pena dela. Não sou mais aquela criança faminta e nem sou fraco e patético como meu pai.

— Olha, eu estava apenas fazendo meu trabalho. Ela é a minha paciente. Eu conheço meus limites. Eu não sou meu pai.

Sou melhor que ele.



No final das minhas palavras, porém, sinto algo. Uma suavidade, como se o calor ainda estivesse pressionando contra mim na forma de um corpo minúsculo.

O corpo dela. Os cabelos longos, ondulados e parecidos com a lua.

A única razão pela qual não faço isso é porque não posso deixar algo para trás.

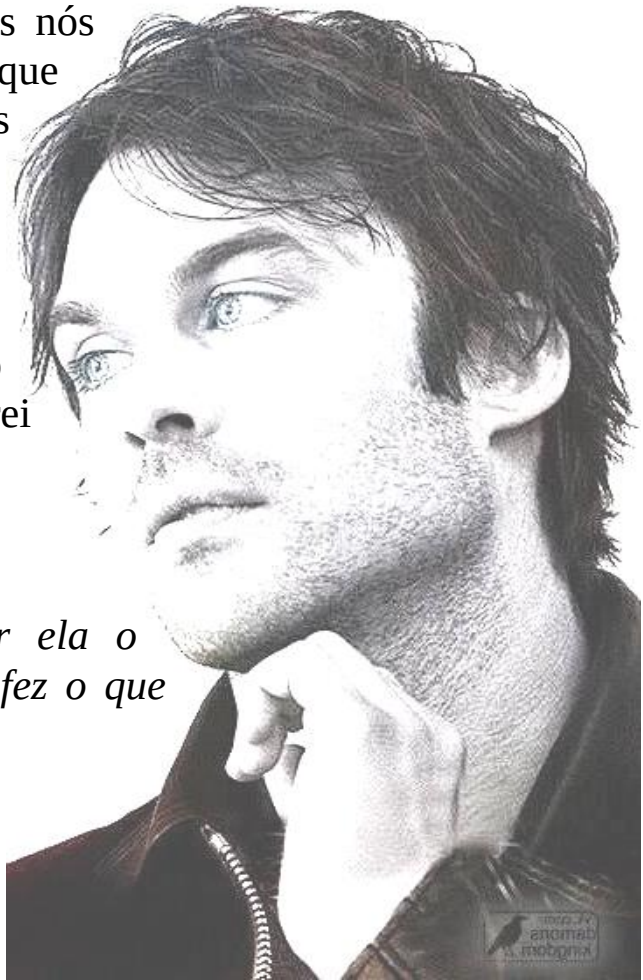
Enfio minhas mãos dentro dos bolsos e, com isso, afasto esses pensamentos absurdos também.

— Você nos culpa? Pelo que aconteceu com sua mãe? – Beth pergunta, com lágrimas nos olhos.

Eu não falo muito sobre minha mãe. A última vez que a mencionei foi com um garoto de doze anos, Dean, quando o encontrei no cemitério.

— A única pessoa que eu culpo é o meu pai. – digo, esperando que ela vá embora agora.

— Ela era boa em fingir, Simon. Todos nós pensamos que ela estava bem. Nós pensamos que ela estava em um bom lugar. Não tínhamos ideia de que ela estava tão longe. Nós pensamos que a conhecíamos. Fizemos tudo para fazê-la feliz quando seu pai não estava por perto. – Lágrimas caem por suas bochechas. — Mas então, talvez não tenhamos feito. Acho que nunca me perdoarei por não... Fazer o suficiente.



É nisso que eu penso também.

Eu fiz o suficiente? Eu estava lá por ela o suficiente? Se eu estava, então por que ela fez o que



fez?

Por que ela me deixou para trás?

Passei muito tempo pensando sobre isso. Repetia todos os momentos, todas as coisas que fizemos juntos, minha mãe e eu. Como eu deixei tudo para estar com ela, para que ela nunca se sentisse sozinha. Como eu ficaria acordado a noite toda se precisasse, porque ela não conseguia dormir.

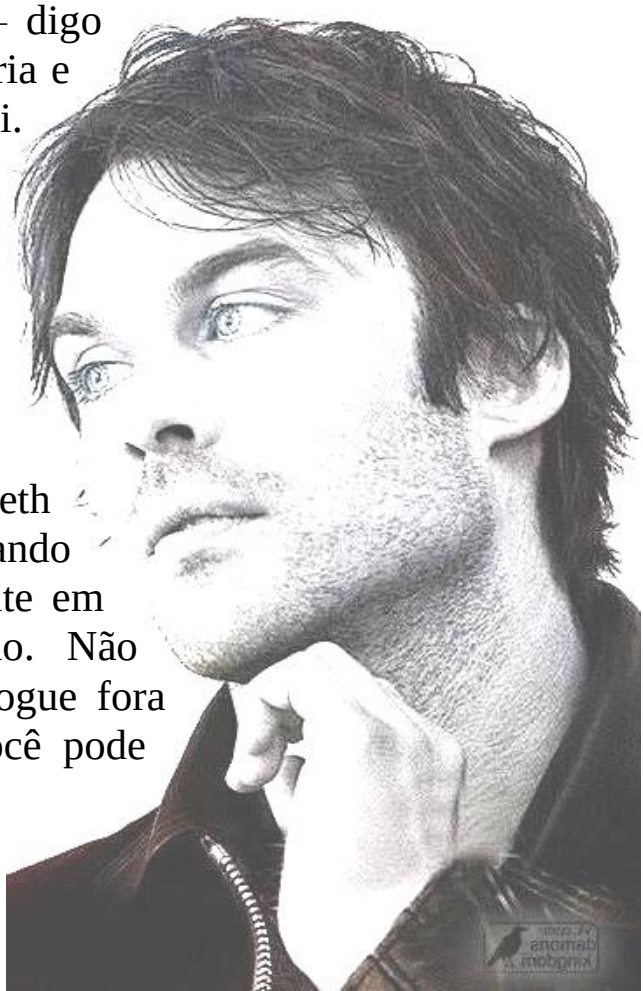
Fiz tudo o que um bom filho faria. Tudo.

Ao longo dos anos, percebi que não era eu. Era ele. Ele a matou. Não foi a doença dela. Não foi os remédios.

Ele.

E eu fui deixado para trás.

Eu me pergunto se ela pensou em mim nesses momentos finais. Se ela pensou em seu filho e em como o estava deixando para trás.



— Não foi sua culpa. Foi culpa dele. – digo rangendo os dentes. — Ele era quem ela queria e não estava lá. Ele era uma fraude, o meu pai. As pessoas pensam que ele é um médico lendário, salvando a todos, quando ele não pôde salvar sua esposa. Ele não suportava nem ela e sua doença. E minha mãe sabia disso. Se não fosse por ele, ela ainda estaria viva.

— Ele era um pai péssimo, Simon. – Beth começa depois de alguns momentos, enxugando as lágrimas. — Um marido péssimo. Acredite em mim, eu sei. Você não precisa perdoá-lo. Não precisamos perdoá-lo. Mas por favor, não jogue fora algo bom, algo incrível por causa dele. Você pode



fazer muito aqui, neste hospital. Por favor.

Eu aceno com a cabeça, me movendo um pouco.

— Diga-me que você terá cuidado.

Suspirando, concordo novamente. Isso não é tão alto quanto o primeiro.

Beth está certa. Ela está cuidando de mim como sempre fez. O mínimo que posso fazer é não dificultar as coisas para ela.

Mas quando ela sai, ouço novamente.

A voz de Willow.

É suave e irritada, um pouco rouca. O tipo de voz que pode ficar presa na cabeça de um homem.

A única razão pela qual não faço isso é porque não posso deixar algo para trás.

.....

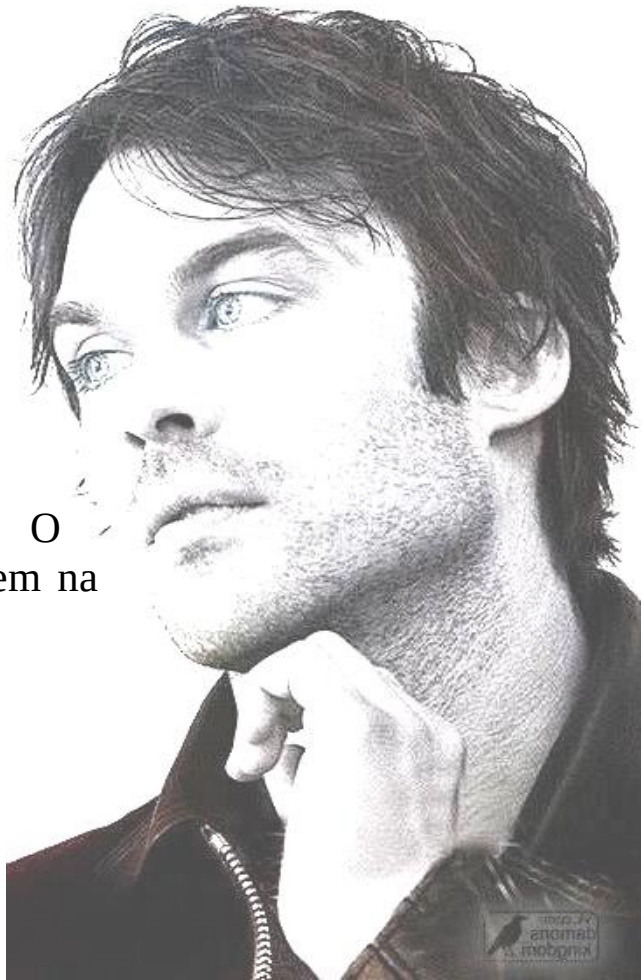
Está chovendo dentro da sala.

Observo as gotículas atingindo o velho piso de madeira, formando uma pequena poça.

Plop. Plop. Plop.

O teto do escritório está pingando. O remendo desbotado cresce, se expandindo bem na frente dos meus olhos.

Porra.





Esta é provavelmente a terceira vez que vi isso acontecer apenas na última semana. Não importa o quanto eu conserte esta casa com gesso sobre as rachaduras, não há como salvá-la.

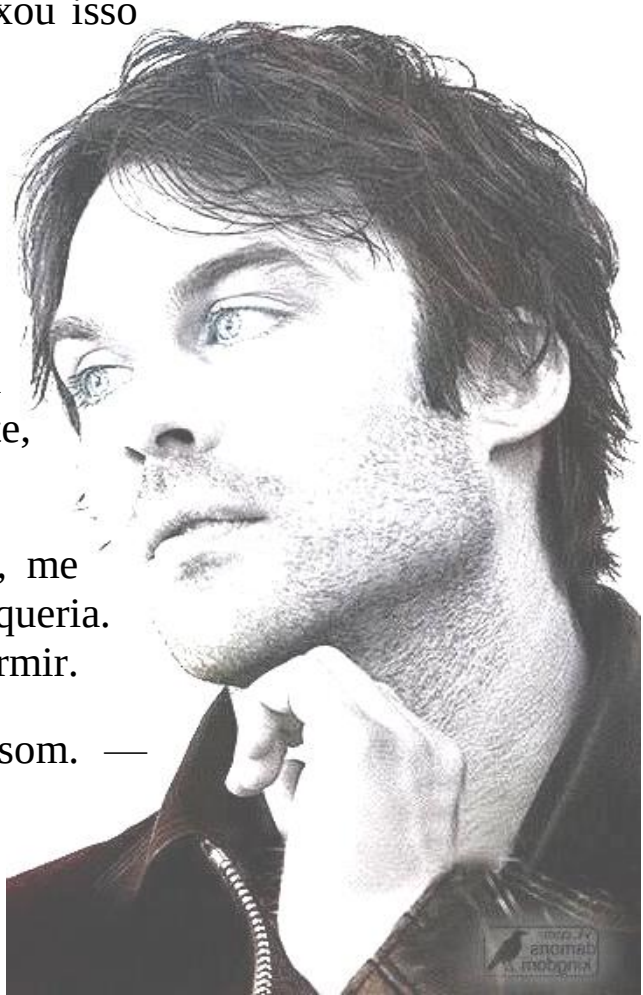
Aperto a ponta do nariz e penso em provavelmente obter ajuda externa. Talvez eu possa contratar alguém para fazer isso por mim. Na verdade, eu deveria. Não tenho tempo para consertar esta casa.

Eu nem sei por que estou consertando esse pedaço de merda. Eu nem deveria estar aqui hoje à noite. Mas levei Dean e sua irmã para uma pizzaria, porque, aparentemente, ele estava com disposição para uma. Foi o que ele me disse, mas eu sei a verdade.

Eu poderia adivinhar. Seu pai estava fora da cidade e ele estava assustado. Eu também estaria. Na verdade, eu era aquele garoto.

Quando os deixei, em vez de ir embora, entrei nesta casa. E, em vez de voltar logo, decidi trabalhar nas escadas que levavam ao porão.

Não tenho ideia de por que meu pai deixou isso tão ruim, o aparente perfeccionista.



De qualquer forma, não é minha, esta casa. Ela nunca foi. Nunca será. Eu não a quero. Como eu não quero o Heartstone ou o legado de meu pai.

Mal posso esperar para voltar para Boston. Esta é minha vida. Mas, novamente, não sei se vou recuperar isso.

Pegando meu celular em cima da mesa, me aproximo da janela e ligo para o número que queria. Eu sei que é tarde da noite, mas ele não vai dormir.

Soa algumas vezes antes de ouvir o som. —



Simon. – Greg, meu colega e único amigo do Mass General, me cumprimenta do outro lado.

— Oi. – digo, olhando para o salgueiro no meu quintal.

Passei muito tempo debaixo dessa árvore enquanto crescia e, desde que voltei, não conseguia desviar o olhar dela. Essa árvore sobreviveu muito. Os anos em que eu cresci, a morte de minha mãe e minha partida.

Essa árvore é uma sobrevivente. Uma batalhadora.

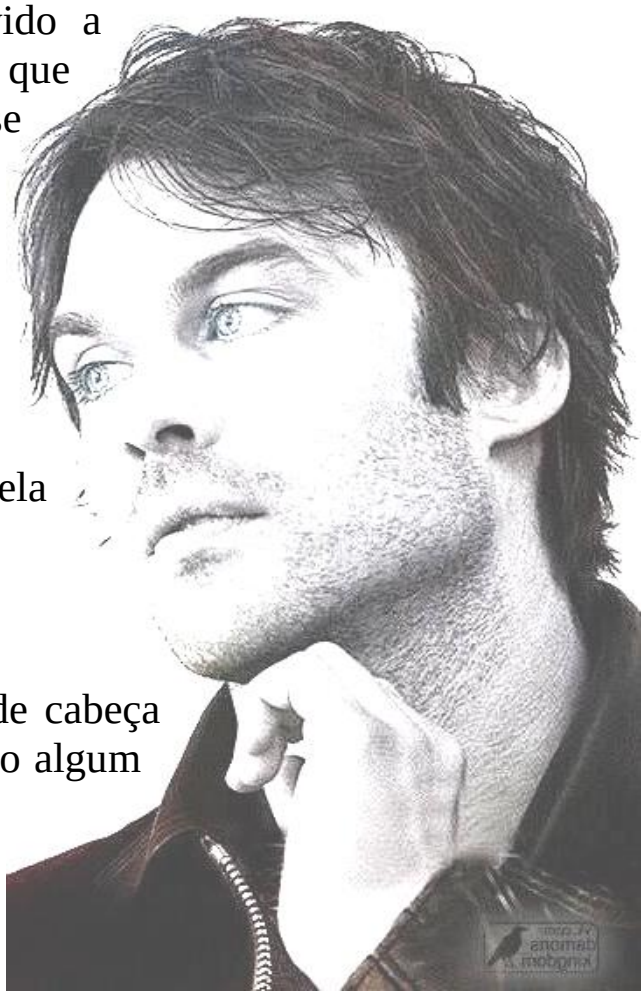
Como sua xará.

— Eu não esperava receber essa ligação. – diz ele, felizmente me tirando dos meus pensamentos.

— Bem, você nem sempre consegue o que quer. – digo secamente.

— Cara, você tem que deixar isso pra lá. Não parece bom, com toda a ação judicial pendendo sobre sua cabeça.

Não é como se eu nunca tivesse ouvido a palavra ação judicial antes. Mas toda vez que ouço, um choque percorre meu corpo. Como se eu tivesse sido eletrocutado, me fazendo estremecer.



Eu nunca prestei atenção a essas coisas de RH. Eu nunca precisei. Eu tenho um histórico impecável. Ou tive.

— Eu não ligo para o processo. Como ela está?

Greg suspira. — Ela está na mesma.

Eu esfrego minha testa; Sinto uma dor de cabeça chegando. Estou tentando me lembrar se tenho algum



remédio para dormir por aqui ou se preciso correr para a farmácia.

— Vou conhecer os pais dela no final da semana para discutir opções.

Meus dedos param seus movimentos e uma dor furiosa explode no meu crânio. — Fodam-se as opções. Não há outra opção.

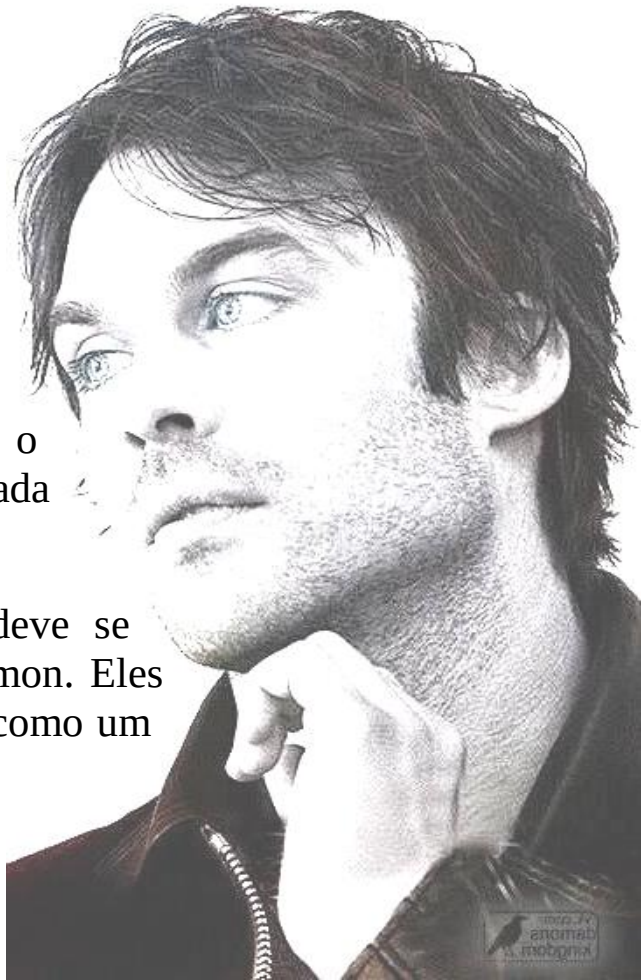
— Faz quase dois meses. A condição dela não está melhorando, você sabe disso. E lamento dizer que isso não vai acontecer. É hora de deixá-la ir. Os pais dela também estão cansados. O dinheiro deles está acabando. O seguro não vai cobrir tudo...

— Eu te disse que dinheiro não é um problema. Eu posso lhe dar um cheque agora.

— Não, você não vai dar. Particularmente, assegurarei que seu cheque não seja aprovado porque você perdeu a cabeça.

— Você não está puxando o plugue. – eu quase esmago com o celular na minha mão. — Você não está matando ela.

— Ela já está morta. – grita Greg.



Fecho os olhos com o ataque de dor. Deve sentir calor, essa magnitude de dor. Vermelho e pulsante. Mas, na minha experiência, minhas dores sempre tiveram um calafrio. Uma picada. Um frio.

Um entorpecimento parcial, onde tudo o que posso sentir é o frio, o centro duro e nada mais.

— Olha. – diz Greg. — Você nem deve se envolver com Claire mais do que já está, Simon. Eles verão seu dinheiro, suas ligações telefônicas como um



sinal de culpa.

— Eu disse que não me importo com o processo. Os pais dela podem me processar por tudo o que sou, não ligo. Quero que Claire saia dessa viva. Eu estraguei tudo, Greg. Eu não deveria, mas fiz. Ela não pode pagar o preço por isso.

— Droga. – ele murmura. — Simon...

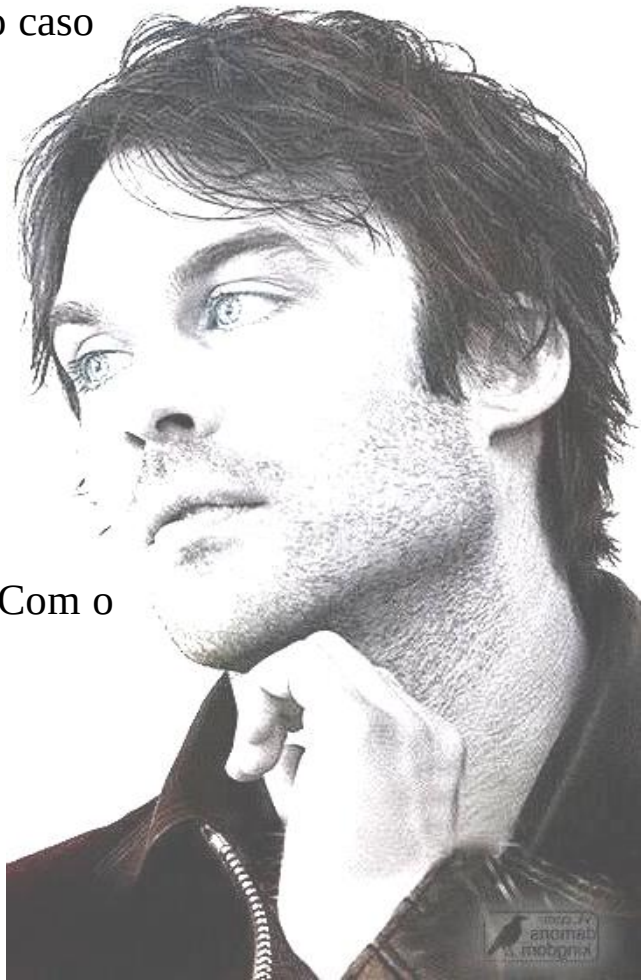
— Apenas me dê mais tempo.

Ele fica em silêncio por um momento. Então: — Posso lhe dar duas semanas.

Minha cabeça cai de alívio e olho para a poça de água pingando. — Duas semanas. OK. Sim.

— Mas exatamente isso. Não mais. Depois, desligamos.

Eu sei que esse é o caminho certo. Estou ciente de que pacientes como Claire não voltam do coma. Mas eu tenho algumas ideias. Marquei uma ligação com um grupo que trabalha em Berkley. Eles trabalham com LCA - Lesão Cerebral Aguda, e eu vou apresentar o caso da Claire para eles.



— Ok. – eu concordo, deixando para lá.

— Que bom. Agora, não me ligue, estou ocupado entretendo e sugiro que faça o mesmo.

— Se divertindo, você quer dizer?

— Sim.

Meus lábios se abrem em um sorriso. — Com o que? Salsichas?



— Foda-se, cara. Eu tenho uma coisa boa aqui.

— Quem é a sortuda?

— Um representante de drogas.

— Sem brincadeiras. Você odeia representantes de drogas.

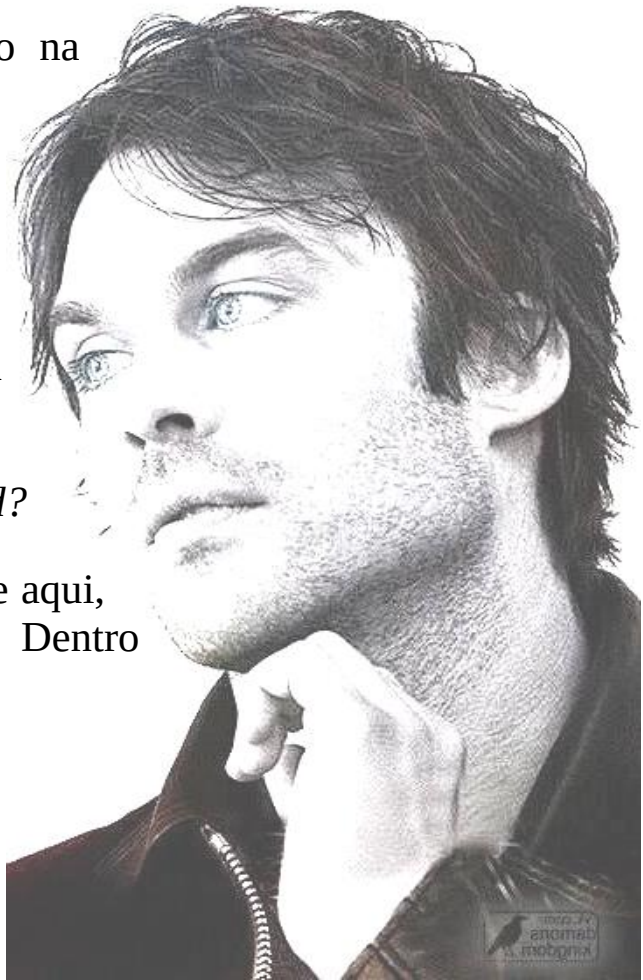
— Este tem um ótimo par de pernas.

Eu sorrio. — Ela sabe que você não vai comprar o que ela está vendendo?

— Ei, estou aberto a tudo o que ela está vendendo. E como eu disse, você deve fazer o mesmo. Talvez isso tire sua mente de tudo. Você tem médicos ou representantes de drogas sensuais? Enfermeiras?

Na pergunta dele, meus olhos vão para o salgueiro novamente. — Não, e não estou interessado.

— Tanto faz. Embora, você precise transar. Quanto tempo faz três meses?



— Não sabia que você ficava de olho na minha vida sexual.

— Foda-se. Novamente. Tudo bem, eu vou desligar.

Nos despedimos e depois fica em silêncio. Ou na verdade não. Porque eu a ouço.

Você tem alguém especial, Dr. Blackwood?

Eu ouço as palavras como se ela estivesse aqui, nesta sala. Como se eu a trouxesse comigo. Dentro desses destroços trêmulos de uma casa.



Willow Audrey Taylor, com seus cabelos platinados e olhos azuis, e uma voz que gruda.

Eu me pergunto o que ela pensará disso. Os móveis empoeirados, o teto pingando e as escadas quebradas. O fato de que esta casa está presa no passado.

Você gosta de consertar as coisas, não é?

Eu me pergunto se a pele pálida dela iluminará esta casa, como a lua.

Ele me chamou de Princesa da neve.

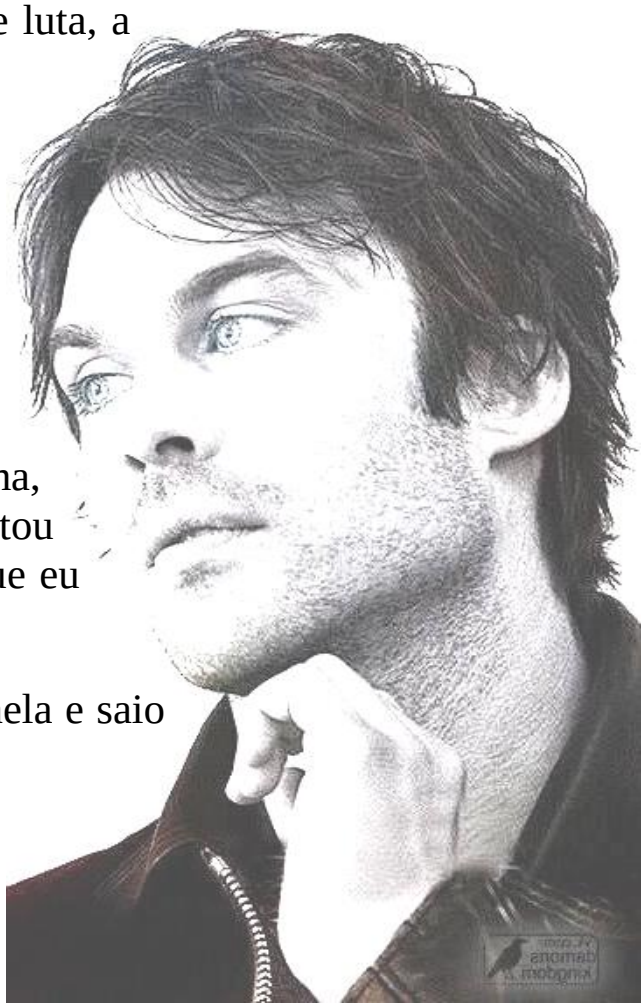
Ele me puxou para aquele beco escuro...

Ele me empurrou contra a parede. Suas mãos eram tão grandes. Como se eles pudessem fazer qualquer coisa.

Ele estava morrendo de vontade de me beijar...

Mentirosa do caralho. E a porra do Lee Jordan.

Ela é uma mentirosa. Uma mentirosa que luta, a cada segundo de cada dia e nem sabe disso.



Esfrego minha mão no rosto quando sinto algo mexer dentro de mim. Algo quente e muito errado. Algo que me faz pensar em sua pele e cabelos macios.

O corpo minúsculo dela.

Só então ouço um barulho lá em cima, alertando-me para o fato de que não estou sozinho dentro dessas paredes. Lembrando que eu preciso sair daqui.

Balançando a cabeça, eu me afasto da janela e saio



da sala. Saio deste lugar esquecido por Deus.

Eu poderia seguir o conselho de Greg porque ele está certo. Faz três meses desde que fiz sexo. Ligações aleatórias não são o meu estilo, no entanto. Prefiro conhecer a pessoa e prefiro que seja estritamente físico e nada mais. Não tenho tempo para mais nada. Eu fodo e é isso. É biologia.

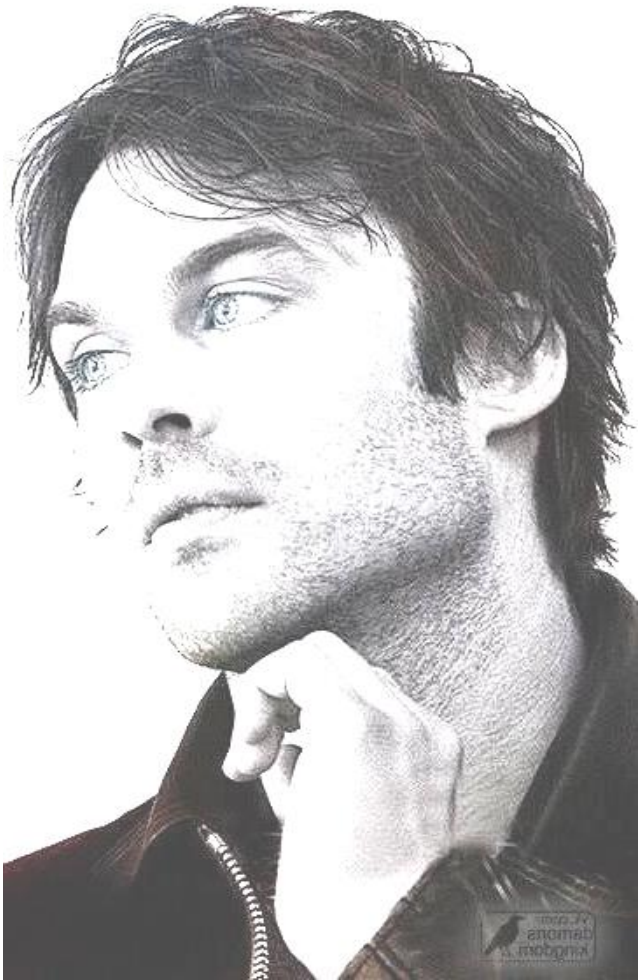
Mas, por alguma razão ilusória, eu não quero foder uma mulher sem nome.

Dirijo para o meu hotel, visto as minhas roupas de ginástica e corro na esteira. Eu sei que mesmo as pílulas não funcionarão.

Esta é a minha única opção. Exercitar-se até a exaustão. Até que eu supere esse calor estranho dentro do meu corpo. Do tipo que nunca senti antes. O tipo que eu não quero sentir.

Porque eu não sou como o homem que matou minha mãe.

Eu não sou o meu pai.





Capítulo Dez

Meu único dia ruim se transforma em vários dias ruins.

Todos os dias é uma tarefa acordar e enfrentar a rotina. Todo dia eu quase não tomo café da manhã ou faço meus grupos. Sem mencionar, que meus malditos remédios estão aumentando seu jogo no que diz respeito à náusea. Eles me dizem que isso é mais psicológico do que fisiológico. Significado, isso está tudo na minha cabeça. E eles não podem me dar antieméticos[4]. Embora, acabam me dando salgadinhos e chá de gengibre, provavelmente para me calar. Então eles têm isso.

Todo dia eu quero desmoronar e chorar ou correr pelas portas da frente e fugir, ou simplesmente desaparecer.

Mas eu não faço.

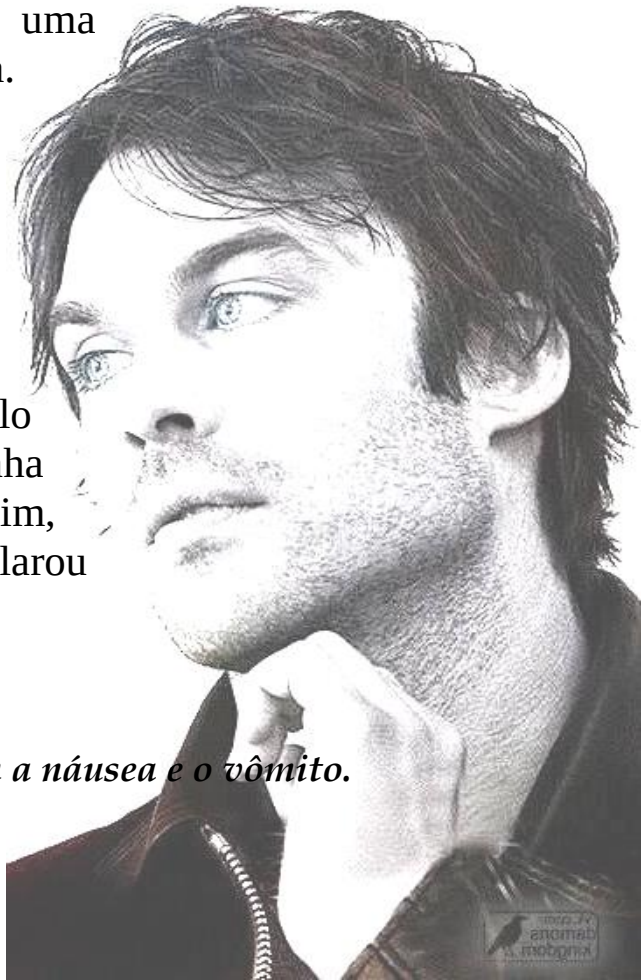
Porque talvez, apenas talvez, eu seja uma guerreira. E não há vergonha na luta. Há honra.

Ele me disse isso.

Dr. Simon Blackwood.

Simon.

Sei que eu disse que não vou chamá-lo pelo nome dele, mas estou quebrando minha promessa. Ele não é o Dr. Blackwood para mim, ele é o Simon. O homem que me declarou



[4] ***Antieméticos: são medicamentos que previnem a náusea e o vômito.***



guerreira. O homem que me faz querer não morrer. O homem que conhece o meu segredo.

Ele é o único.

Eu nunca disse isso a ninguém antes. Não disse para a minha mãe. Dificilmente para os meus médicos.

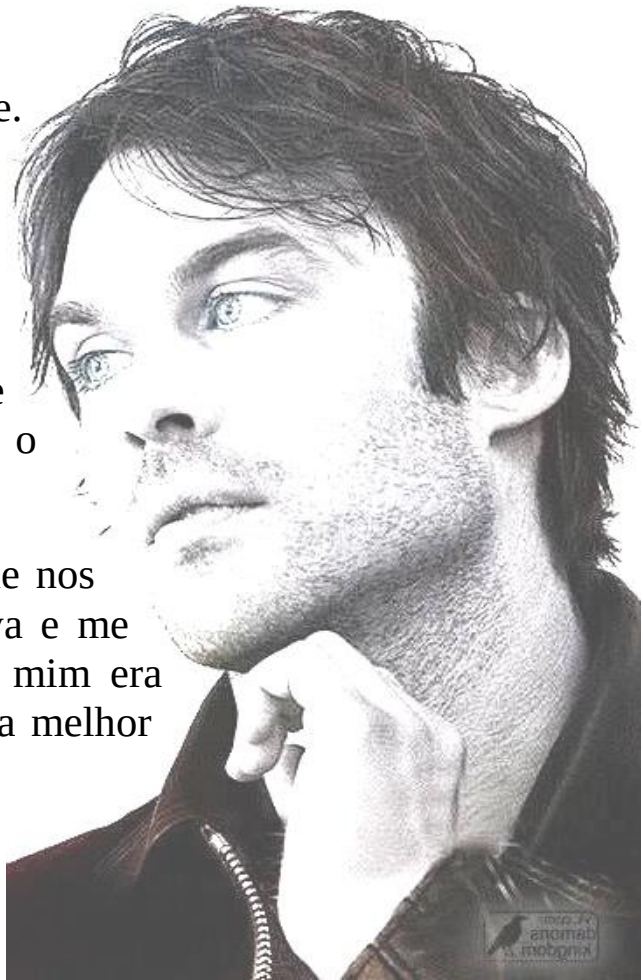
Mas ele sabe. Ele sabe do Incidente do Funeral, onde eu senti uma inveja tão grande que estava disposta a que todos os ônibus, táxis e carros chegassem a mim no caminho de volta para casa.

Há uma semana, eu ficaria apavorada que ele soubesse disso, mas não agora.

Agora sinto paz. Quase como felicidade. Eu sei que ele não vai usar isso contra mim. Eu acredito.

Eu acredito nele.

Nos próximos dias, eu o vislumbrei. Nos corredores, na sala de recreação, na sala de TV e no jardim. Mas ele está sempre ocupado. Ele geralmente tem papéis nas mãos. Ele mal para, para conversar com as pessoas e mal se mistura com elas.



Embora às vezes ele converse com Josie. Esses tempos são difíceis. Mais difícil do que qualquer dia sombrio que eu já vi no passado.

Por mais que eu queira procurá-lo, tenho medo de que Beth pense que há algo entre nós. Eu tenho medo que ela possa tomar o caminho errado.

Ela me encontrou no dia seguinte em que nos viu juntos. Ela me perguntou como eu estava e me disse que a única coisa que importava para mim era melhorar. Sair para o *Lado de Fora* com uma melhor



compreensão de mim e das coisas com as quais estou lutando.

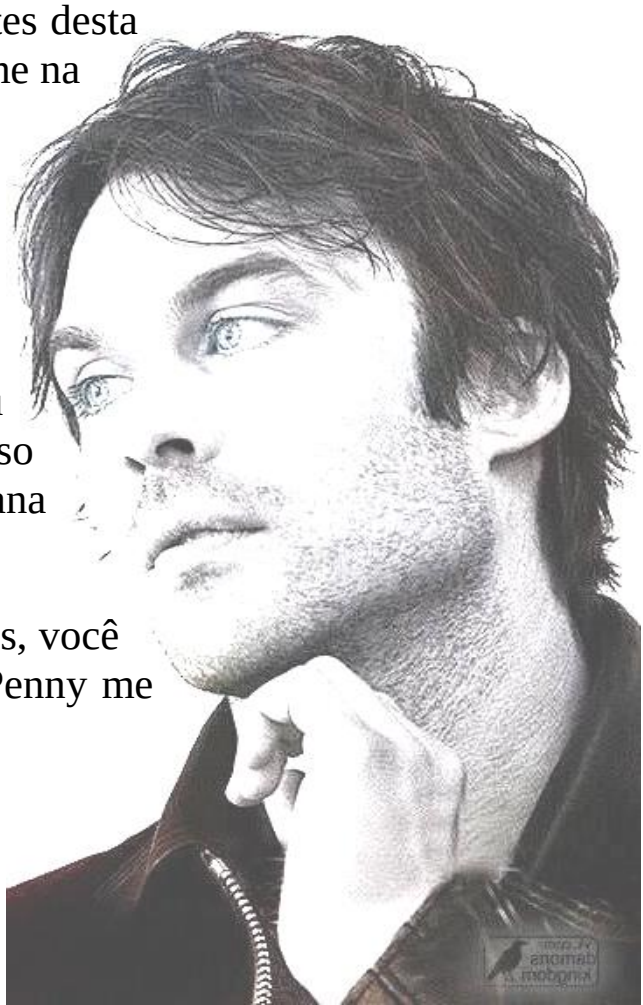
Não houve menção de como ela nos encontrou, e eu decidi que talvez isso esteja tudo na minha cabeça, como muitas outras coisas. Talvez ela nem achasse que havia algo.

Para todos os efeitos, sou a paciente dele e ele é o meu psiquiatra. Bem, esse é realmente o caso.

Não é culpa do Dr. Blackwood que sua paciente pense em tocá-lo dia e noite. Não é culpa dele que ela sonhe com ele. Ela esfrega os dedos, tentando sentir o tecido de sua camisa, tentando lembrar a força de seu peito. Que ela quer contar a ele todos os seus segredos, mostrar-lhe todos os seus lugares escuros, e ela nem tem medo de fazer isso.

Não é culpa dele, ela estar lentamente ficando louca e isso não tem nada a ver com a minha doença, e tudo a ver com ele, o homem que deveria me curar. *Meu curandeiro.*

Na verdade, sou tão louca que, embora os remédios para dormir fluam em minhas veias, eu me levantei todas as noites desta semana entre as verificações e escrevi seu nome na janela chuvosa: *curandeiro*.



Escrevo o nome dele no vidro embaçado e observo as gotas arrastarem as linhas de M e N para baixo. Como uma única lágrima. Quando penso nele, não penso em minha doença ou escuto os ruídos da enfermaria, ou gemidos ocasionais dos pacientes. Não penso em como azeda minha boca ficou essa semana toda.

— No que você está pensando tanto? Deus, você vai fazer buracos no meu livro. – A voz de Penny me tira do transe.



Estamos na mesa do café da manhã e, quando chego, tudo parece claro para mim. Não é monótono ou sem brilho. Como deve ser. A sala, as pessoas e a conversa. Estou sentada ao lado de Renn, como sempre. Vi e Penny estão sentadas no lado oposto. O ar cheira a ovos e morangos.

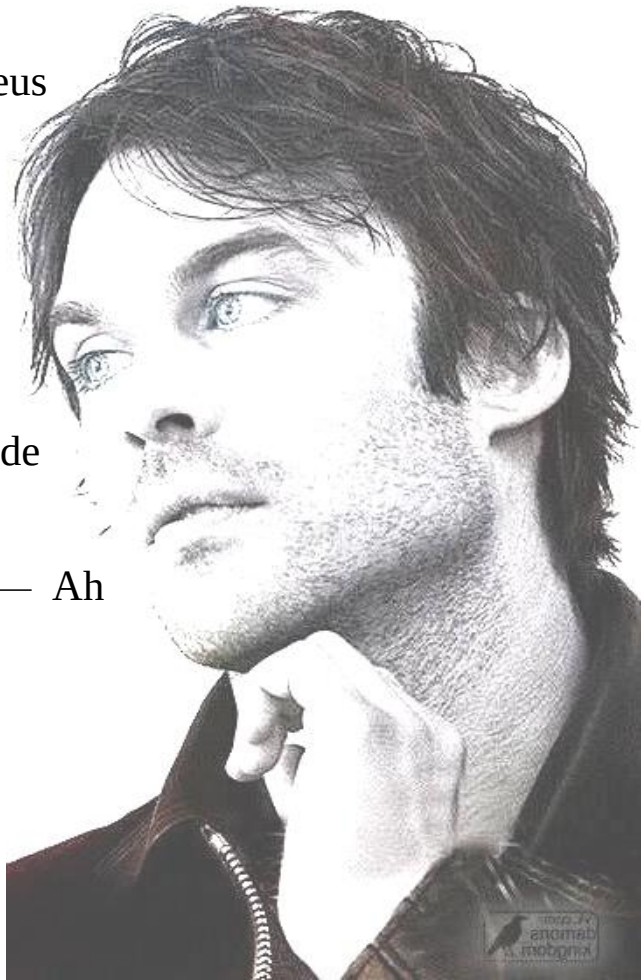
Foco.

Estou de volta.

Eu posso me concentrar nessas coisas. Posso focar nas árvores lá fora, em vez de sucumbir nos meus pensamentos. Eu posso focar nas gotículas perdidas que se agarram à janela e no chão úmido. Está começando a chover. As coisas estão cinzentas, úmidas, maiores que o normal e promissoras.

Ah meu Deus, as coisas são promissoras.

— Esqueça. Ela está totalmente desligada. Ela provavelmente nem ouviu você. - Renn murmura, pegando um morango da minha tigela e colocando-o na boca.



Eu olho para ela. — Ei, pare de comer meus morangos.

Os olhos dela se arregalam de espanto. Então ela vai em frente e pega outro morango da minha tigela, o tempo todo me observando.

Eu a encaro e deslizo minha bandeja fora de seu alcance. — Pegue os seus.

Seus lábios tremem e então ela sorri. — Ah meu Deus!

— O que?



— Você voltou. – ela bate palmas e me dá um abraço de lado.

O que obviamente é notado por um dos técnicos, que a repreende.

O que obviamente dá a Renn uma desculpa perfeita para mostrar o dedo.

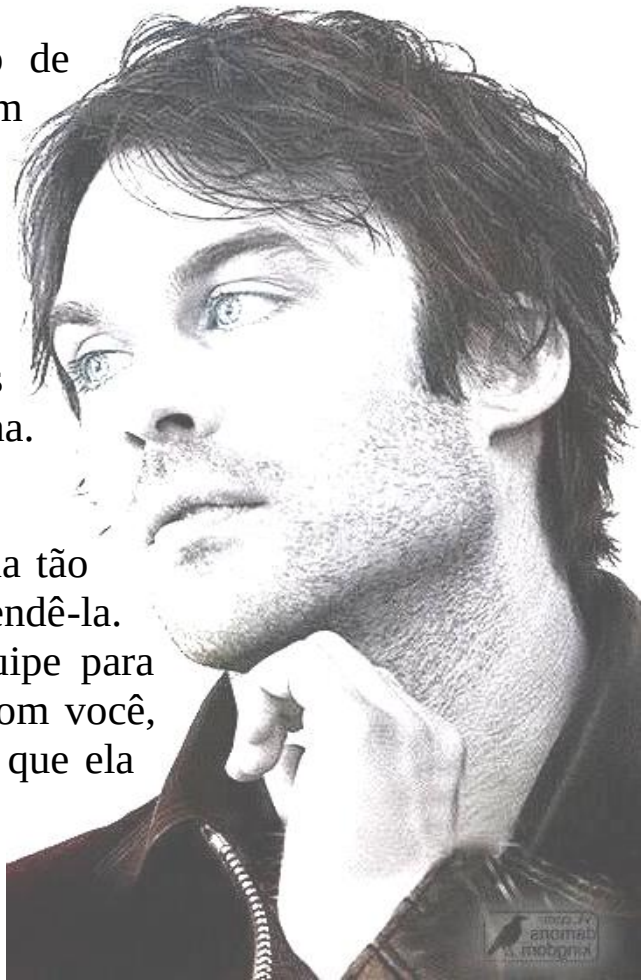
Eu rio de forma consciente. — Eu sempre estive aqui.

— Ah, por favor. Eu estava ficando entediada. Penny estava ficando tão insuportável sem seus cartões de memória.

— Senti falta deles. Eles me ajudam a ficar focada. – Penny admite, relutante.

Eu sorrio para ela, me sentindo quente. Às vezes eu a ajudo a estudar na biblioteca quando fica ansiosa com as coisas. Eu não sabia que isso significava muito para ela.

— Todos nós pensamos que você seria a próxima Vi. – continua Renn, como sempre sendo franca.



Olho para Vi, pronta com um pedido de desculpas em nome de Renn. Mas Vi também está sorrindo. — Bem, sim, nós pensamos isso.

Isso só me faz rir.

De volta ao Lado de Fora, meus dias ruins me horrorizaram, me fizeram sentir vergonha. Mas aqui não. Aqui, todos têm dias ruins.

Como Penny, com sua ansiedade, que fala tão rápido que você não consegue entendê-la. Normalmente, é preciso um membro da equipe para acalmá-la. E Vi, que fica quieta e não fala com você, mesmo que você implore. Houve um dia em que ela



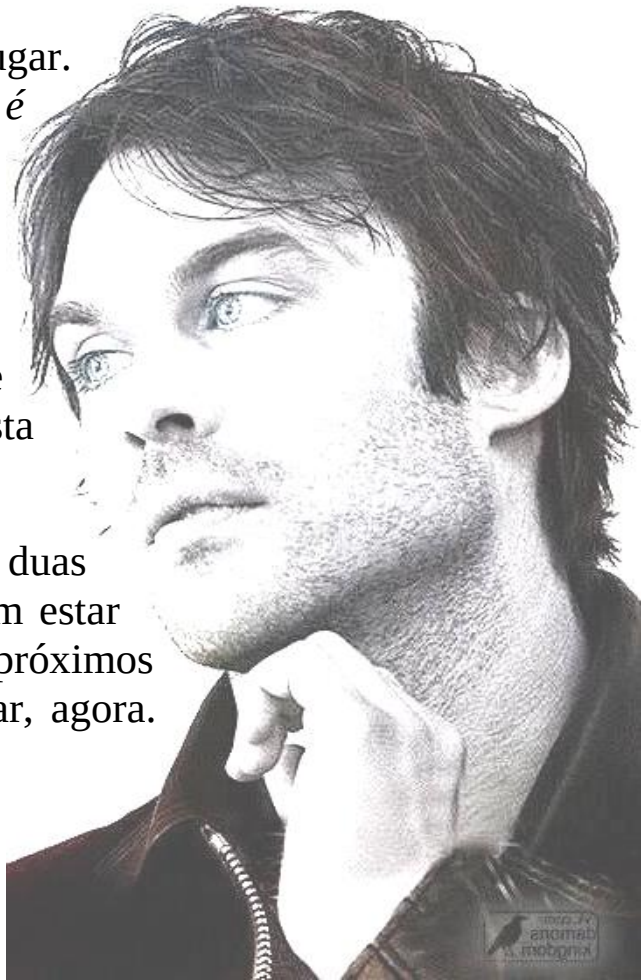
não disse uma única palavra. E Renn também. Às vezes, ela fica super mal-humorada, quase tão má quanto Annie e você não quer falar com ela. Isso acontece quando ela quer ser expulsa, mas não consegue.

Olho ao redor da sala e meu olhar pousa sobre uma morena que foi internada ao mesmo tempo em que eu. Na verdade, eu me lembro de ter visto o mesmo medo, a mesma tez pálida em seu rosto como a minha durante os primeiros dias, enquanto tentávamos nos ajustar a esse novo lugar, novos remédios, novas regras, longe da única vida que conhecemos. Todo mundo parecia um inimigo então. Uma ameaça. *O Efeito Heartstone.*

Sorrio para ela quando encontra meus olhos. Ela parece muito melhor agora. Eu me pergunto se eu pareço melhor para ela também.

Roger e Annie estão amontoados no canto conversando como velhos amigos; Eu acho que é um bom dia para eles. Um técnico está tentando convencer um paciente da Batcaverna a comer alguma coisa. Uma garota do meu andar está simplesmente olhando para a comida dela, parecendo que ela vai chorar. Eu acho que ela está tendo um dia ruim.

Todo mundo explode ou implode neste lugar. Isso não significa que eles são loucos. *Louco é uma palavra inútil de qualquer maneira.*



Eles são meus amigos e eu também senti falta deles.

— Então, o que eu perdi? – pergunto, e Renn dá em um longo resumo dos eventos desta semana.

Ela me conta sobre todas as fofocas: duas enfermeiras discutiram. Annie e Roger podem estar namorando secretamente. Eles pareciam bem próximos na sala de TV ontem à noite. Sem mencionar, agora.



Abraçados sem fazer conchinha.

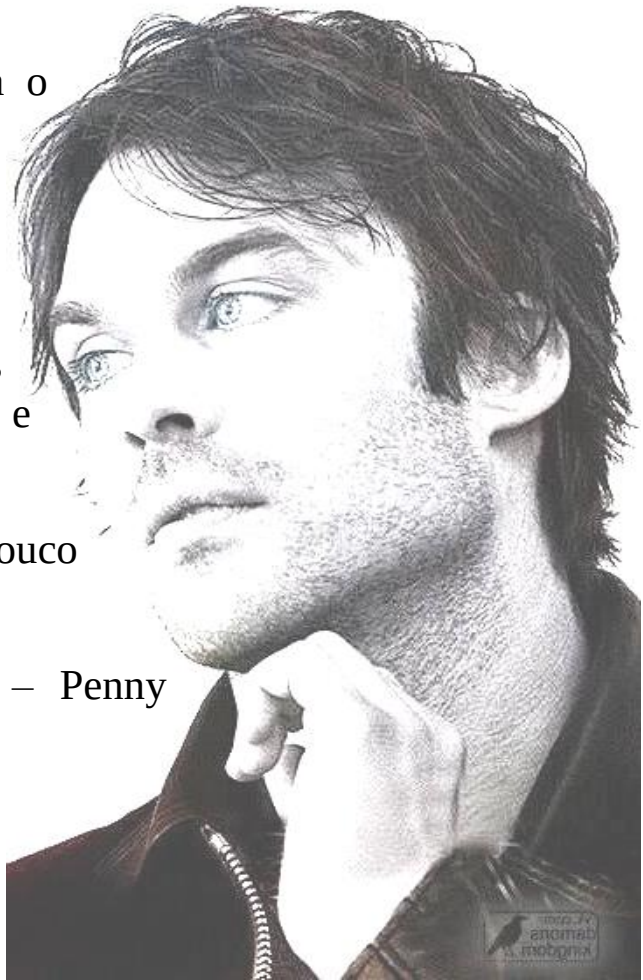
— O que? Essa é uma informação completamente errada. E a Lisa do 2F? Ela está namorando o Roger. Eu os vi trocando olhares outro dia. – eu digo.

— O outro dia foi na semana passada. As coisas mudaram por aqui. –Renn encolhe os ombros, e então ela está prestes a dizer outra coisa, algo super importante se seus olhos arregalados e expressão ansiosa for são alguma coisa, mas as coisas meio que param quando alguém entra pela porta.

Um cara *novo*.

Ele está entrando arrogante e com passos longos e preguiçosos. Suas mãos estão enfiadas dentro dos bolsos de seus jeans desbotados enquanto os seus olhos passam pelo lugar. As pessoas o observam abertamente, mas esse cara não parece se importar.

De fato, quando ele faz contato visual com Roger, ele inclina o queixo em cumprimento, mas Roger apenas o encara e desvia o olhar. O novo cara não se importa.



— Quem é? – pergunto à mesa, ainda o observando enquanto ele entra na fila do café da manhã.

A garota na frente dele se vira e o observa de cima a baixo. Não consigo ver qual é a reação dele, mas as curvas de seus ombros dizem que ele está relaxado e despreocupado.

Acho que todo mundo está ficando um pouco territorial com a chegada do recém-chegado.

— Ah, ele é o cara novo, eu acho. – Penny



responde, olhando para ele também.

— Quando ele chegou? – pergunto, pensando como é que eu também perdi isso.

— Ontem. – Vi murmura.

Depois que o cara termina de carregar o café da manhã na bandeja, ele segue para as mesas vazias e decide a da diagonal para nós.

Na verdade, não é como se ele decidisse descartando todas as outras opções. É como se este fosse o lugar em que ele está querendo se sentar desde que entrou no refeitório. O que é curioso porque, bem, ele se virou para o lugar com os seus olhos indo para a mesa vazia que ele está ocupando agora e depois seus olhos foram para a nossa mesa. Renn, especificamente.

É curioso, porque Renn nem estava de frente para ele. Ela estava concentrada em comer o café da manhã enquanto esse novo cara mantinha os olhos nela, com um micro-sorriso muito pequeno enquanto caminhava para a cadeira e se sentava.

— Você o conhece? – pergunto a Renn.

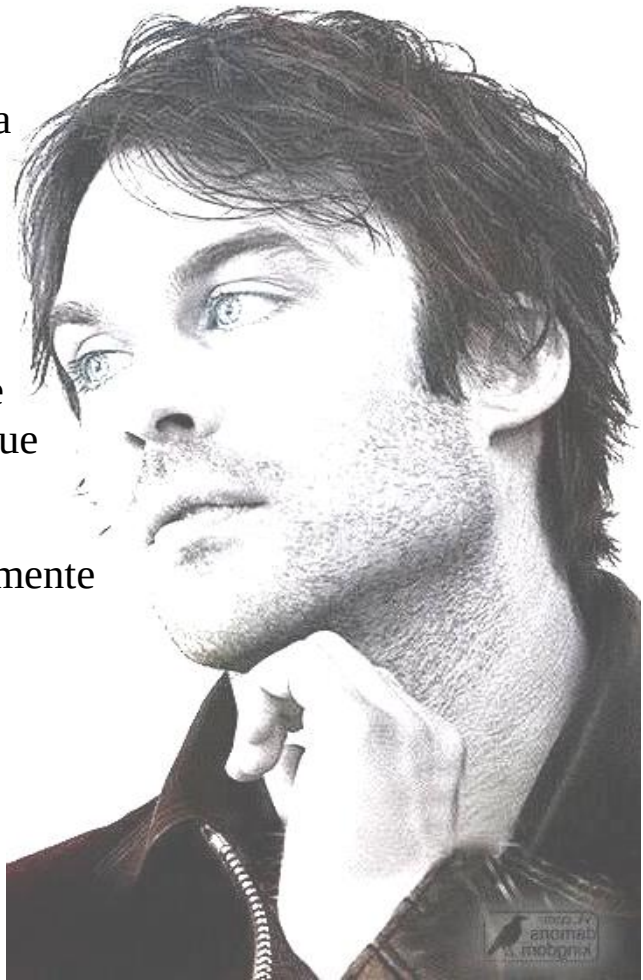
Ela fica tensa, mas pergunta inocentemente: — Quem?

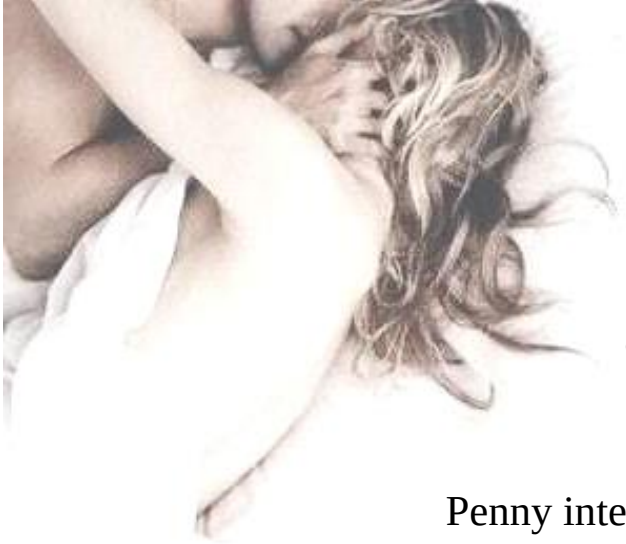
— Você sabe quem. Por que ele está olhando para você?

Ela coloca um pedaço de fruta na boca e encolhe os ombros. — Como vou saber por que ele está fazendo o que está fazendo?

Eu franzo a testa para ela, completamente confusa. — O que?

— O que?





Abro a boca, fecho e abro novamente. — O que está acontecendo? Por que você está agindo de forma estranha?

— Eu não estou agindo de forma estranha.

Penny interrompe. — Você também está.

Vi assente.

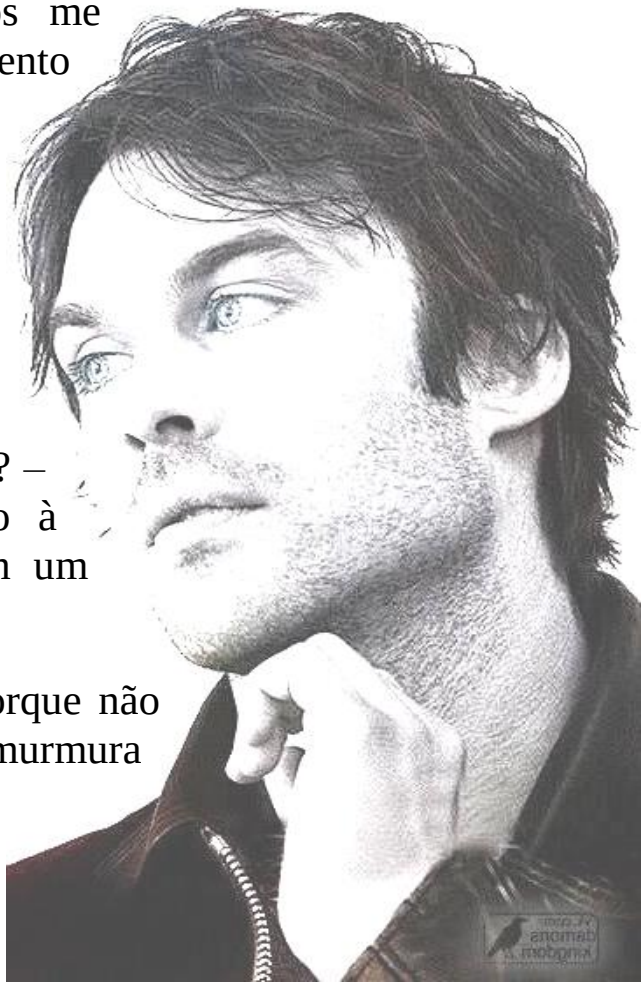
— Calem-se. Eu não estou. – Renn se mexe em seu assento com os olhos focados resolutamente para longe do cara novo cujos olhos estão fixos firmemente nela.

— Por que você não está olhando para ele? Ele é bonito. – Viro-me para as garotas para obter confirmação. — Certo?

Penny assente. — Quero dizer, é. Se você gosta de cabelos escuros, olhos escuros e boa estrutura óssea.

— Exatamente. – eu aceno com a cabeça também. — Ele tem uma boa estrutura óssea. Você não recebe isso com frequência.

Boa estrutura óssea e cabelos escuros me lembram alguém, mas eu afasto esse pensamento porque isso é sobre Renn, não eu.



— Parem com isso. Estou tentando tomar meu café da manhã. – diz Renn.

— Você odeia seu café da manhã. – diz Vi.

— Ah meu Deus, o impossível aconteceu? – Penny fecha o livro e dá toda a atenção à conversa. — Você não está interessada em um humano do sexo oposto?

— Você quer que eu te dê um tapa? Porque não tenho medo de dar um tapa em você. – Renn murmura



perigosamente.

— Ei, parem de assediá-la. – digo às meninas. — Renn não precisa gostar de todo cara bonito. Ela pode odiar um pouco.

Ela se recosta, acenando com a mão para mim como se reconhecesse minha afirmação. — Obrigada.

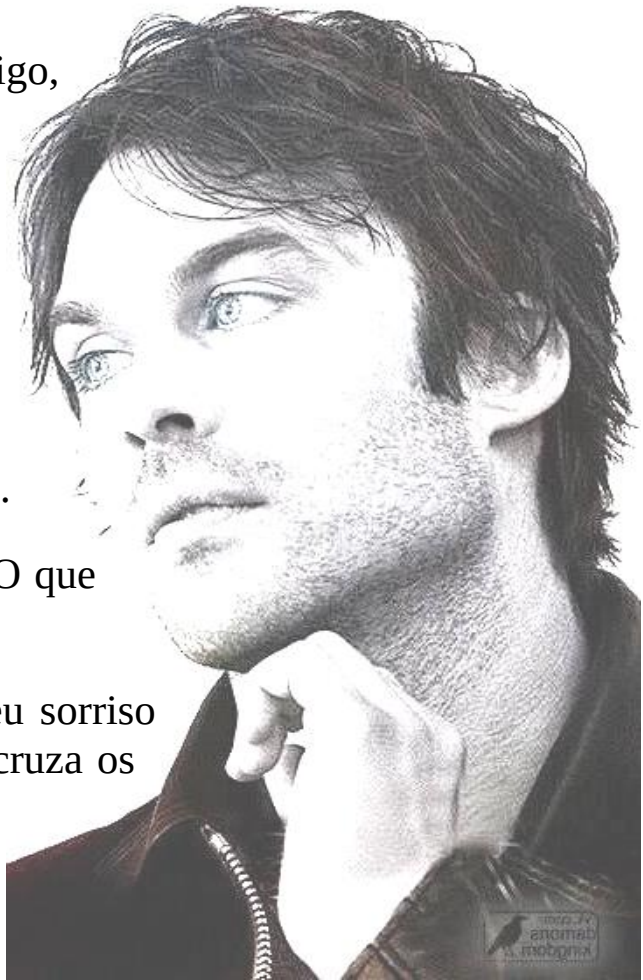
Eu sorrio. — Sim, então por que você o odeia? Ele fez algo para você? – Sento-me, ficando subitamente séria. — Ah meu Deus. O que ele fez para você?

Nós três, além de Renn, focamos no cara que está esparramado em seu lugar, comendo uvas, nos observando, como se fôssemos um filme ou algo assim. Ele ainda tem aquele sorrisinho na boca. De má vontade, admito que ele tem uma boa estrutura óssea. Sem mencionar que o seu cabelo está todo bagunçado, mechas caindo sobre a testa em abandono descuidado.

Mesmo assim, vamos chutar a bunda dele se ele fez algo com a Renn.

— De jeito nenhum! Renn! Você sabe que pode reclamar, certo? – Penny já está alterada.

— Sim, podemos ir agora. – eu digo, determinada.



Estou pronta para ficar de pé quando Renn quase grita: — Não é nada, suas loucas idiotas. – Finalmente, ela olha para o novo cara. — Ei, idiota. Pare de me encarar. Eu já disse que não estou interessada.

— Você disse a ele? – Penny está confusa.

Eu também. — Quando isso aconteceu? O que eu perdi?

O cara não tem medo ou se intimida. Seu sorriso apenas aumenta, superando toda a boca. Ele cruza os



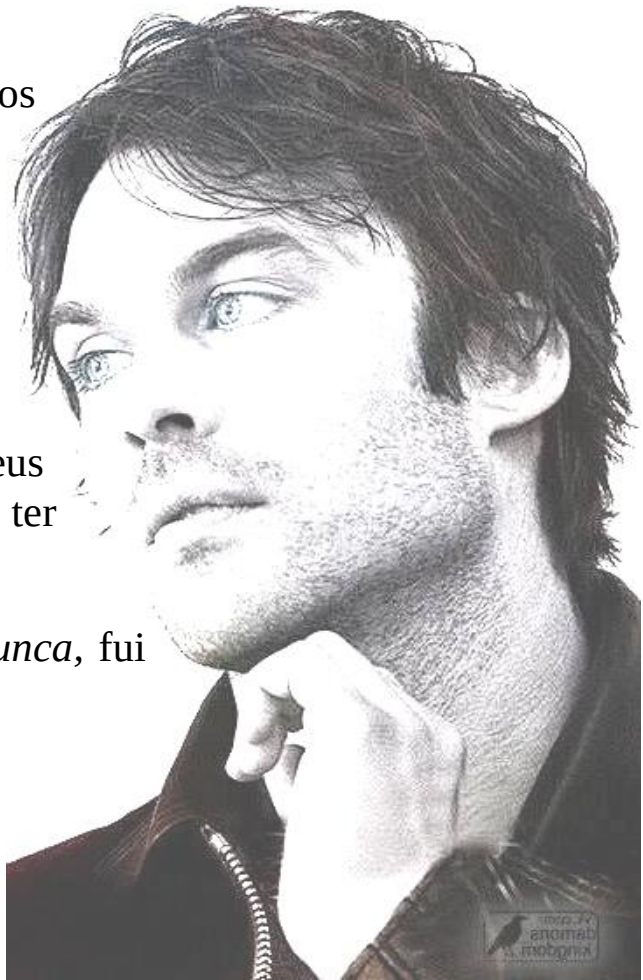
braços sobre o peito, e eu vejo a tatuagem envolvendo seu bíceps, debaixo da camiseta preta.

— Diga-me seu nome e eu pararei. – ele diz com uma voz que parece lenta, como seu comportamento. Descuidado, imprudente e tudo mais.

— Meu nome não é da sua conta. – retruca Renn.

Ele toma um gole de suco e se inclina para frente. — Sim, eu também pensei isso. Mas então, ontem à noite você veio até mim e começou a se despir. Eu não queria interromper você e perguntar. Isso teria sido rude. – explica ele. — E o nome que a tenho chamado em minha cabeça provavelmente está fazendo minha mãe se revirar em seu túmulo. Ela me ensinou a nunca tratar as mulheres como objeto. Então sim. Diga-me o seu nome. É o mínimo que você pode fazer depois de interromper meu sono.

Dizer que estamos todos chocados é um eufemismo. As mesas ao nosso redor ficaram quietas. Bem, eles não estavam conversando muito no começo, porque a maioria das pessoas estava focada no cara novo. Mas ainda assim. Agora, o lugar ficou completamente silencioso, ou melhor, o espaço em que estamos situados.



Penny está boquiaberta. Vi pressionando os lábios para não rir alto. E bem, eu estou da mesma maneira. Porque o impossível aconteceu.

Renn está corando. Ela ficou tão vermelha quanto seus cabelos.

Isso a deixa totalmente irritada. Porque seus olhos estão brilhando. Ela pode até ter resmungado também.

— Eu nunca... – ela respira fundo. — *Nunca*, fui até você, seu porco!



Ele ri. — Certo. Foi um sonho. – ele abre as palmas das mãos como se estivesse se desculpando encantadoramente. — Esqueci de mencionar isso. Mas isso não muda o fato de eu te ver nua. Você também poderia dizer o seu nome.

Renn resmunga um pouco mais.

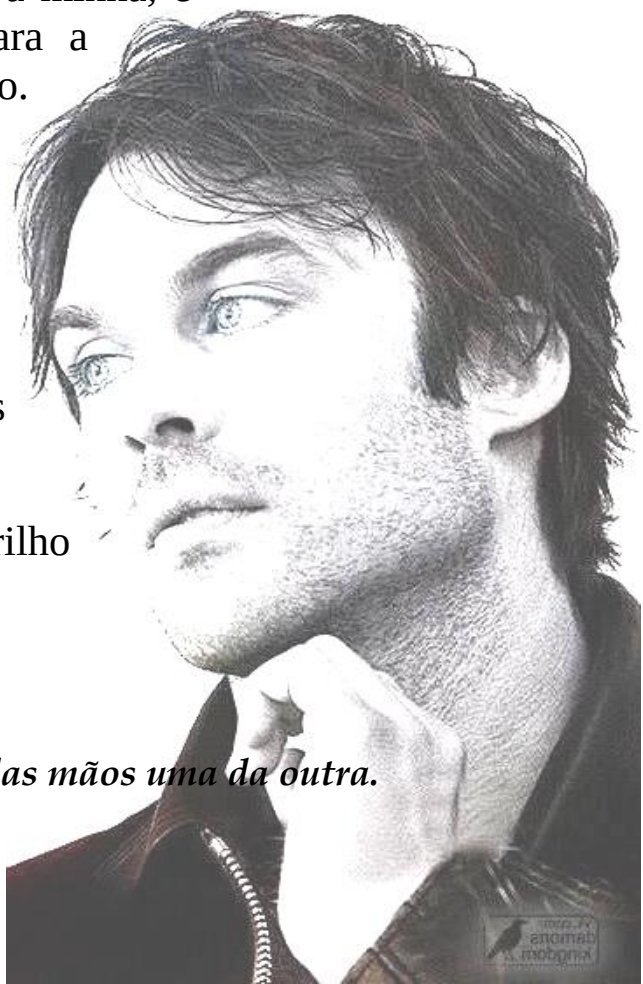
Eu não consigo mais parar. Eu rio e Vi também. Penny não está muito atrás. Ao redor, as pessoas também estão rindo. O cara novo está se divertindo, eu acho.

Apenas para mexer com minha melhor amiga, eu chamo: — Renn. O nome dela é Renn.

Renn vira os olhos para mim. — Como você ousa? Você deveria ser minha amiga.

— O que? Ele só queria saber seu nome. – eu encolho os ombros, rindo.

Penny levanta a mão no ar e eu levanto a minha, e fazemos mímica de um high-five[5] uma para a outra, pois não podemos fazer exatamente o ato.



O cara novo inclina o queixo para mim e eu aceno. Por alguma razão, eu gosto dele.

Talvez seja o fato dele ter conseguido irritar Renn com tanta facilidade e profundidade, e ele parecer mais ou menos inofensivo.

— Eu sou Tristan. – ele diz com um brilho satisfeito nos olhos.

---

[5] ***High-five: é cumprimento de bater as palmas das mãos uma da outra.***



— Eu não ligo. – Renn responde.

— Eu não teria muita certeza disso.

— O que isso deveria significar?

— Significa dê um tempo. Eu meio que desenvolvo nas pessoas.

— Por quê? Você é fungo?

Isso o faz rir novamente. — Sim, eu gosto de você, Renn. – ele passa os dedos pelos cabelos. — Você vai tornar a minha estadia muito interessante.

Ela mostra o dedo para ele antes de se virar.

Um segundo depois, Vi murmura: — Eu me pergunto o que ele a estava chamando em sua cabeça.

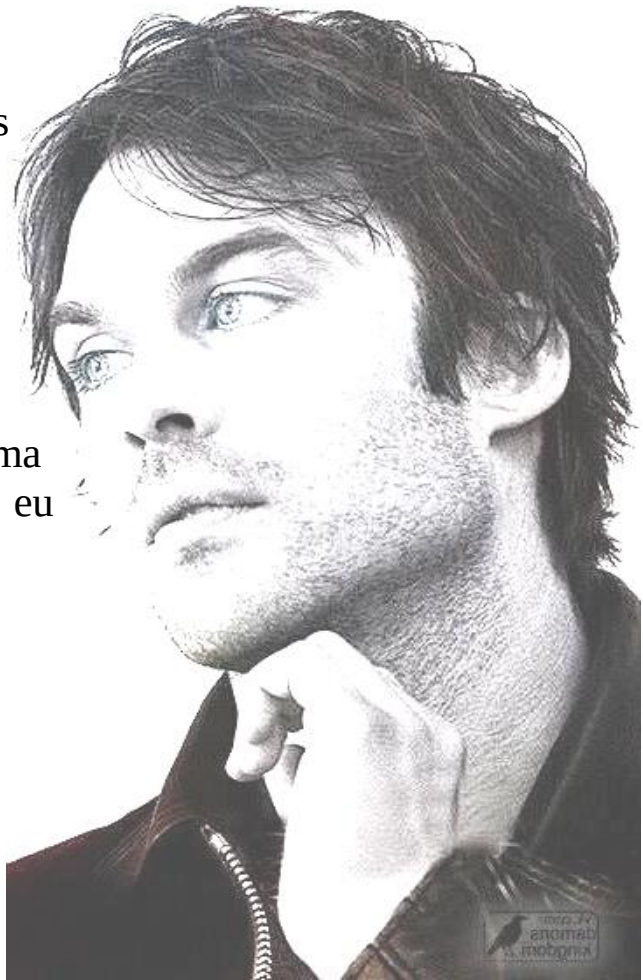
Penny bufa.

Vi sorri.

E eu apenas dou risada.

Talvez, não tenha mágica em minhas veias e não estou em Hogwarts. Mas estou em Heartstone. Tenho amigos que se importam comigo e que sentiram minha falta enquanto eu estava presa dentro da minha cabeça.

E tenho um homem que me nomeou uma guerreira e me salva ao mesmo tempo. Então, eu estou em um bom lugar, eu acho.





Capítulo Onze

À tarde, ouço a pior coisa da minha vida.

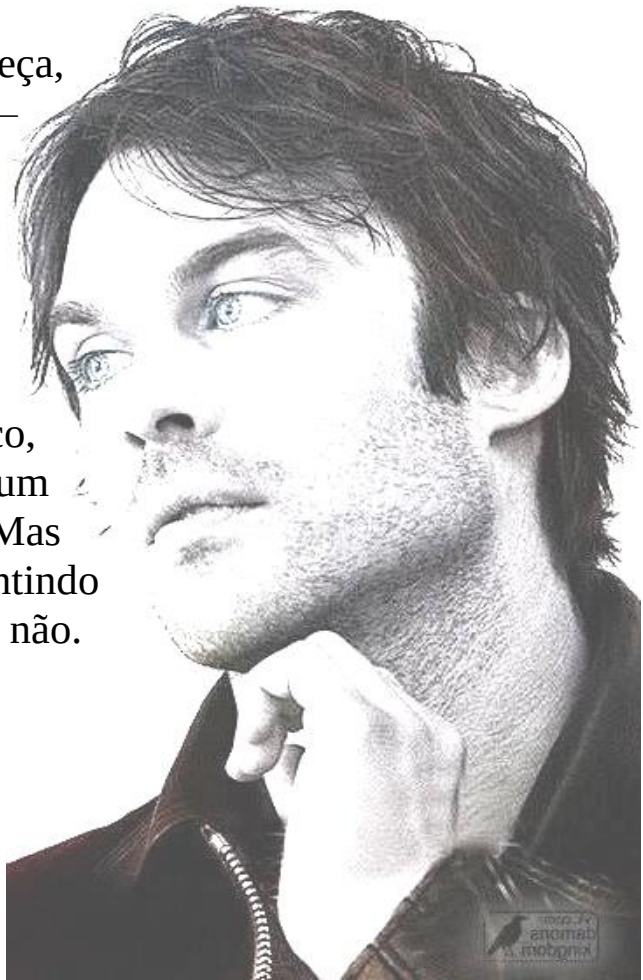
Bem, tudo bem, não é a pior. Porque a pior seria se a coisa que eu ouvi acontecesse.

Estou na sala de TV, lendo o clímax de *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*, onde fazem uma versão mágica de uma prisão e voam até uma janela da torre. Eu ouço algumas enfermeiras mencionando algo sobre Simon e meus ouvidos se animam.

— ...eu vou deixá-lo saber, sim. Acho que ele está saindo. Josie disse que eles iriam jantar juntos. – diz a primeira enfermeira.

— Ah! Isso está acontecendo? Um encontro? – A segunda enfermeira pergunta com um brilho nos olhos.

A primeira enfermeira balança a cabeça, entregando-lhe um monte de prontuários. — Talvez. Quem sabe? Mal posso esperar para perguntar a Josie.



Ambas riem enquanto eu lentamente perco toda a vontade de rir. Para sempre.

Sento-me na minha cadeira de plástico, surda e cega, como se eu tivesse sofrido um surto. Não tenho certeza se estou respirando. Mas definitivamente estou me sentindo. Estou sentindo que vou morrer. Eu quero morrer. Na verdade, não.

Eu não quero morrer. Eu quero viver.



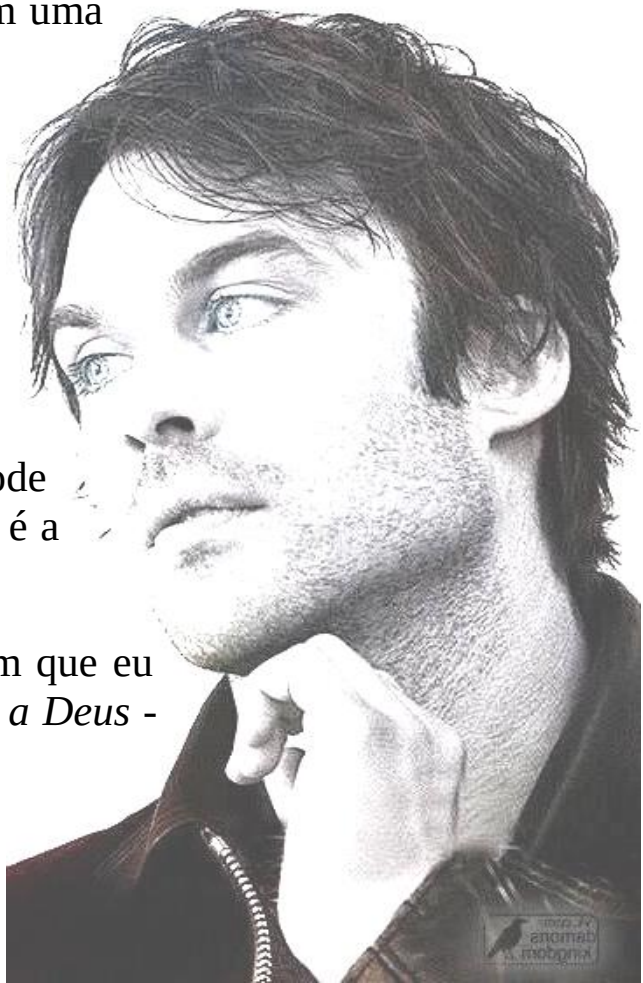
Sim, eu quero viver. Eu quero viver porque...

Porque se eu não vivo, não posso impedir isso. Não consigo impedi-los de sair para um encontro. E preciso impedir isso. Tenho que impedir.

Eu levanto com o meu livro já maltratado ao máximo caindo no chão em duas partes. Gostaria de saber se é um presságio. Meu livro finalmente está rasgado em dois, bem no meio. Com as pernas surpreendentemente firmes que se flexionam suavemente, eu pego o livro.

Não há tremores, agitação ou qualquer contração nervosa no meu corpo. Isso é certo. É completamente, absolutamente certo e determinado a impedir isso. Não posso deixar de me perguntar se estou em transe. Se eu estou drogada, ou sob-hipnose. Ou talvez esse seja um tipo diferente de insanidade. Um tipo mais racional.

Estou quase cega para os acontecimentos do hospital enquanto ando pelo corredor, em direção ao consultório de Simon. Eu sei que as pessoas passam por mim. Sei que elas estão conversando. Elas estão trabalhando. Mas não consigo vê-las. Minha mente está em uma coisa: o homem no final do corredor.



O corredor que não é livremente acessível para mim, uma paciente. Embora, pareço não me lembrar disso até ser parada por uma enfermeira. Digo a ela que preciso ver o Dr. Blackwood, mas ela diz que pode me ajudar com o que eu precisar.

— Eu só... Eu preciso vê-lo. Você não pode me ajudar com isso. – digo a ela, porque essa é a verdade. Ela não pode me ajudar.

Ela vai dizer alguma coisa, mas o homem que eu estava procurando sai do consultório - *graças a Deus* -



e eu chamo o nome dele para chamar sua atenção.

Quando ele se concentra em mim, eu respiro fundo e pergunto: — Po... Posso falar com você? No seu consultório?

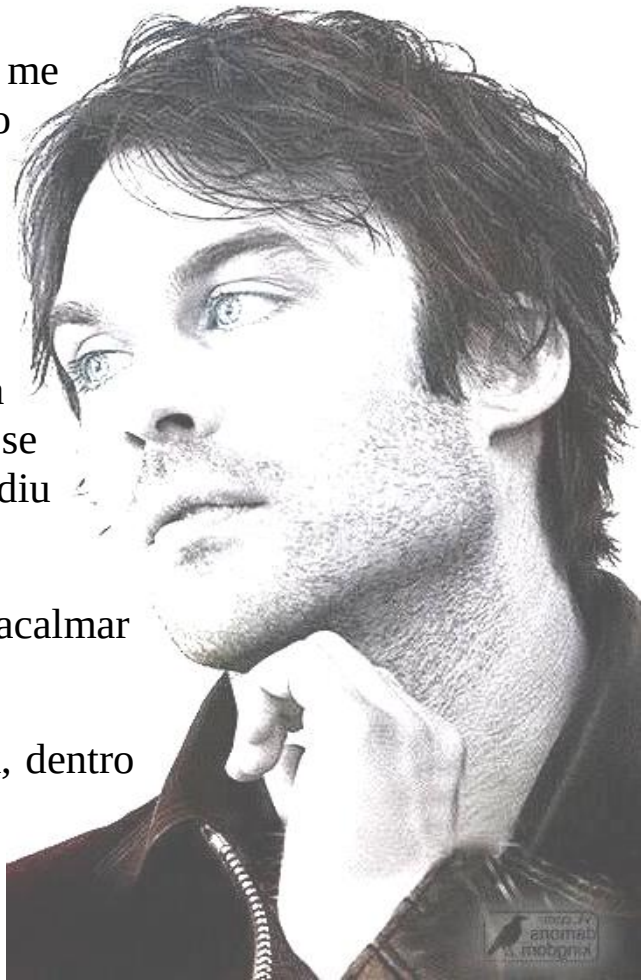
Ele franze a testa, mas concorda. — Claro. – Para a enfermeira ele diz: — Eu vou lidar com isso.

Eu não sei o que é, mas toda vez que ele diz, *eu vou lidar com isso*, algo me acontece. Algo formigante e quente, e tudo o que eu quero fazer é me envolver em torno de seu corpo forte e apto, enfiar o meu rosto em seu pescoço e nunca o soltar.

Nós caminhamos para o seu consultório e ele abre a porta, apontando para eu entrar.

Este é o lugar em que nunca quis entrar de bom grado. Mas agora, tudo em que consigo pensar é estar aqui. Com ele. Cheirando seu perfume de chuva e encontrando maneiras de tocar sua pele quente.

Eu me viro para encará-lo.



Ele está me observando, me analisando e me acolhendo. — Você ainda está sentindo náusea?

Eu não esperava que ele perguntasse isso. Eu nem sabia que ele sabia disso.

Todo mundo está descartando minha doença como imaginária, então eu não sabia se eles a traçariam. — Não. Hoje não. Você pediu para eles me darem salgadinhos?

— Eu pedi a eles para lhe dar algo para acalmar seu estômago.

Há uma onda de emoções dentro de mim, dentro



do meu peito e meu estômago que eu tenho que ter um momento para me acalmar.

Ele também me salvou disso, não foi?

— Existe algo que eu possa fazer por você? – ele pergunta, quando não digo nada por alguns instantes.

Tão formal. Tão autoritário. Tão sexy para caralho.

— Sim.

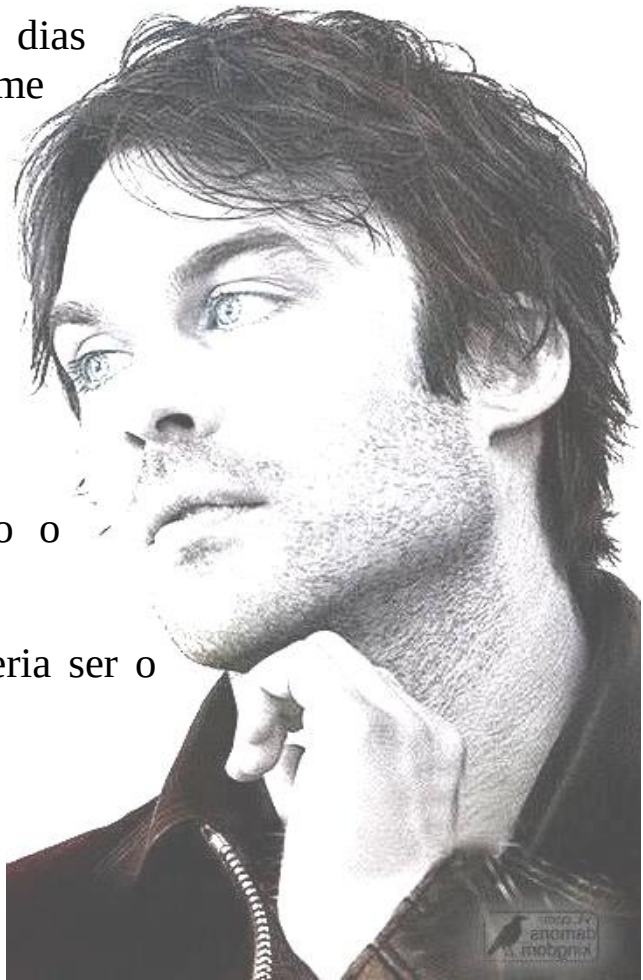
— O que é? – ele cruza os braços sobre o peito, esperando pacientemente e impaciente ao mesmo tempo.

— Você... Eu... Eu não te vejo há dias.

— Desculpe?

Balanço a cabeça. — Quero dizer, eu queria te agradecer. Por, você sabe, ter falando comigo outro dia. Me ajudado. Obrigada por tudo.

Ah Deus, o que estou dizendo?



Embora, isso seja a verdade. Os últimos dias foram difíceis, mas as palavras dele me mantiveram. E os salgadinhos.

— Eu estava fazendo o meu trabalho. – ele me diz.

Trabalho.

Sim.

Eu sei. Eu sei que ele estava fazendo o trabalho dele.

Mas o problema é... Que acho que poderia ser o sonho dele se tornando realidade.



Quero dizer, talvez. Se ele me deixasse.

Ele é um reparador, não é? Ele gosta de consertar as coisas. Casas quebradas. Mentes quebradas. E eu estou quebrada. Da melhor maneira possível e da pior possível.

Portanto, este não precisa ser o trabalho dele. Eu não tenho que ser o trabalho dele. Eu poderia ser mais para ele. Como se ele fosse mais para mim.

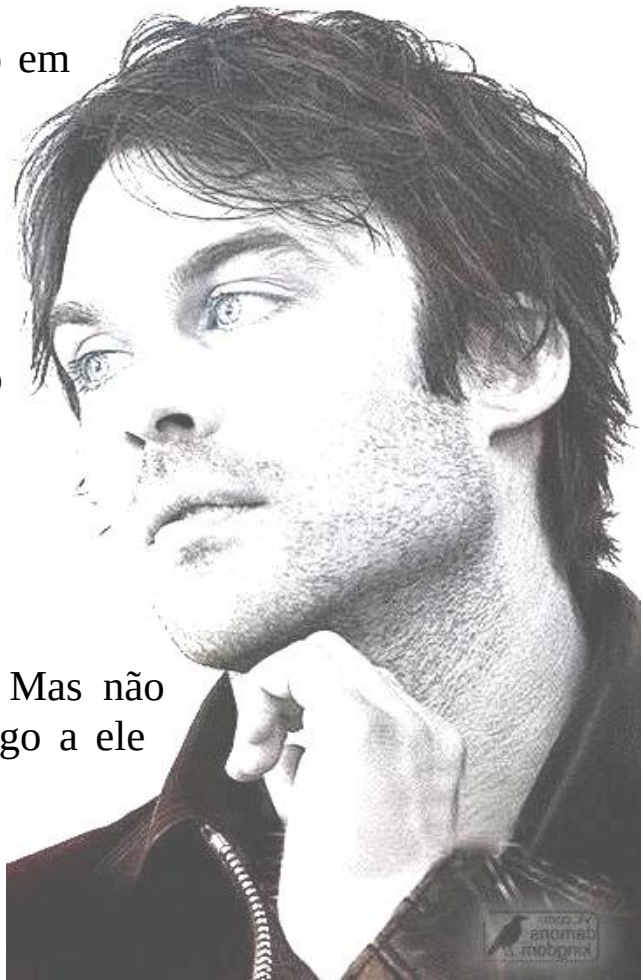
— Eu quero que você repare. – digo.

— Restaurar o que?

— Meu... Meu livro.

O que?

Eu não quis dizer isso. Eu pretendia dizer *a mim*. *Conserte-me*. Ou melhor, ele pode me curar, se quiser. Eu posso ser sua paciente disposta, sua área de ação e seu experimento. Ele pode me analisar, me dar remédios e me drogar com drogas, o que seja. Posso ser o que ele quer que eu seja.



— O quê? – ele repete meu pensamento em voz alta.

Olho para o livro em minhas mãos, que foi dividido em dois.

— Sim. Quero dizer, deixei cair de novo e bem, meio que rasgou em dois. Bem no meio. En... Então eu quero que você repare.

— Agora mesmo?

Droga.

Isso está saindo completamente errado. Mas não sei como voltar atrás daqui. Como, como digo a ele



que o quero? Que eu estou aqui por ele.

Como é que alguém faz isso?

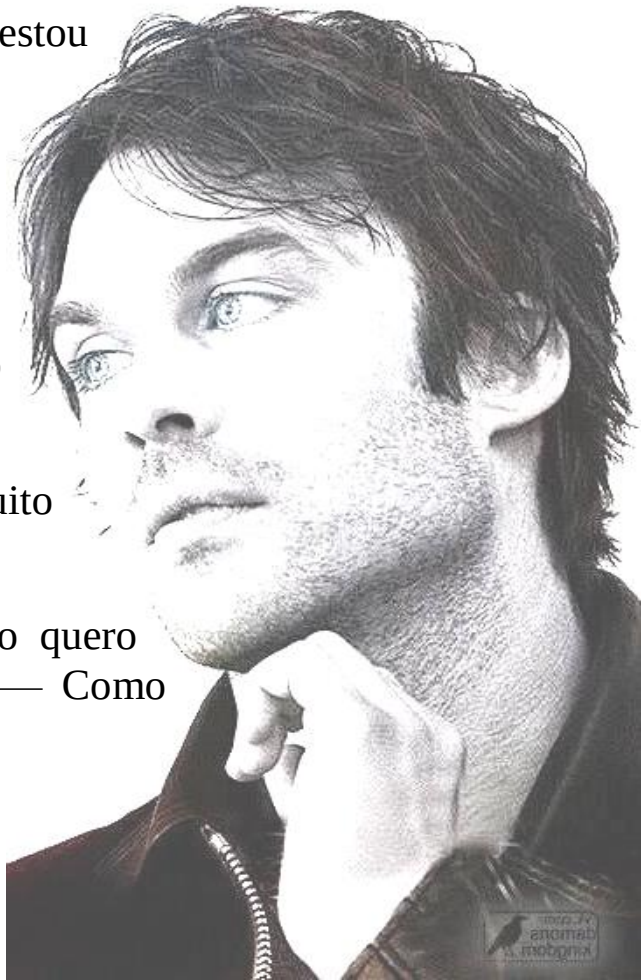
— Eu... – eu lambo meus lábios, sentindo os primeiros movimentos de inquietação. — Você sabe que sim. É importante.

Um franzido se forma entre suas sobrancelhas enquanto ele observa meu rosto. Aposto que ele está tentando descobrir o que eu realmente quero. E ele também faz isso porque, aparentemente, não consigo esconder nada dele.

— Pelo que eu entendi... – ele começa, com os braços ainda cruzados. — Você veio à mim porque seu livro rasgou ao meio e quer que eu o repare. Agora mesmo.

Parece insano; Eu sei isso. Eu sei que ele pensa isso também. Pelo jeito que ele está me olhando. Sua expressão, como sempre, está quase vazia, mas seus olhos estão tão focados, tão intensos e tão em mim, que um arrepio percorre minha espinha. Minha coluna muito suada.

Na verdade, eu estou suando toda. Gotas de suor escorrem pelo meu corpo como chuva, e eu estou com calor e fria.



— Sim. Porque foi isso que você me disse. No corredor. Quando nos conhecemos? Você me disse que eu deveria restaurar meu livro. Então aqui estou. Quero que repare o meu livro. Estou apenas ouvindo você.

— Pelo que me lembro, você não foi muito receptiva quando eu disse isso.

Meu primeiro desejo é mentir, mas não quero mentir. Não para ele. Não depois de tudo. — Como



você sabe disso?

Ele descruzou os braços e enfiou as mãos nos bolsos. — Você puxa o lado esquerdo da boca quando não gosta de algo.

— Eu... Eu faço?

Ele não diz nada. Ele também não reconhece minha declaração.

Ele simplesmente aperta levemente a mandíbula.

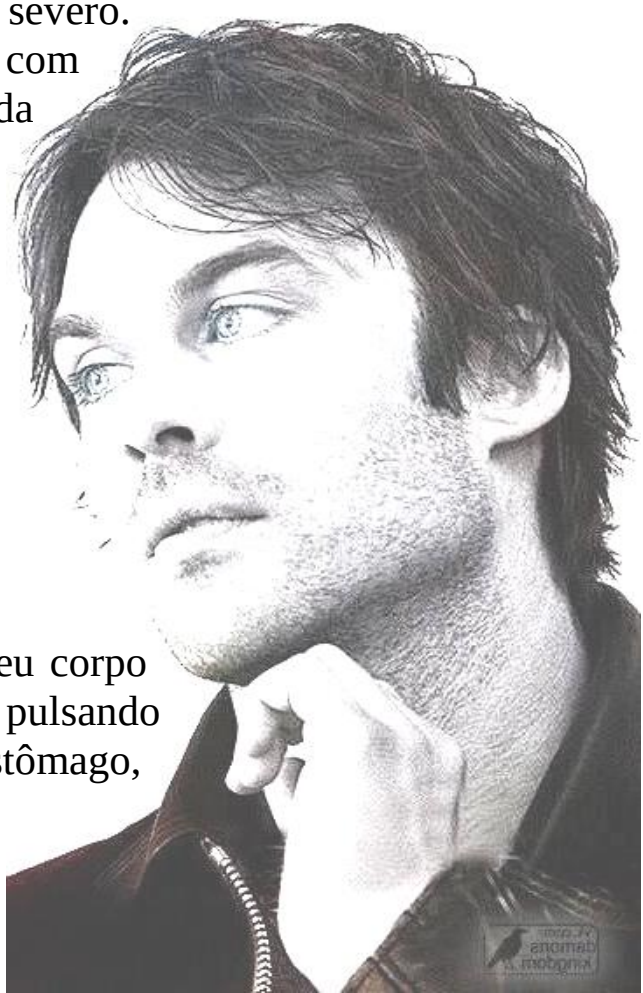
— Eu não sabia disso. Eu não sabia disso... Você percebeu. Eu...

— Percebi porque esse é o meu trabalho. – ele diz novamente, como se estivesse me informando.

Sou eu, ou ele realmente enfatizou a palavra *trabalho*?

— Ou você notou porque... – eu respiro fundo e digo. — Você me notou.

Desta vez, seu aperto é mais longo, mais severo. A inclinação de sua mandíbula ganha vida com isso. — Willow, existe uma coisa chamada paciência. E eu estou ficando sem ela. Muito rapidamente. Estou lhe dando uma última chance de me dizer exatamente o que você está fazendo aqui, certo? Aqui está. – Sua voz calma esconde a força de suas palavras. — Que porra você está fazendo aqui?



— Não vá.

Aí está. Eu disse isso. A verdade.

Meu coração está batendo. De fato, o meu corpo inteiro é um coração. Cada parte de mim está pulsando e bombeando sangue. Minha garganta, meu estômago,



até os dedos dos pés.

— O que?

Provavelmente estou tatuando meus batimentos cardíacos na lombada do meu livro rasgado com a maneira como o colei no peito. — Com ela.

— Com quem?

Josie.

Eu realmente o confundi. Eu nunca vi essa expressão no rosto dele.

Bem, quase nunca vi uma expressão nele além de vazia, irritação ou uma espécie de arrogância enraizada. Suas sobrancelhas estão franzidas de confusão e seus olhos me dizem que ele não tem ideia do que eu estou dizendo a ele.

Isso significa que ele não vai? Ou talvez ele esteja indo e não é grande coisa.

Ah, porra. Eu me precipitei?

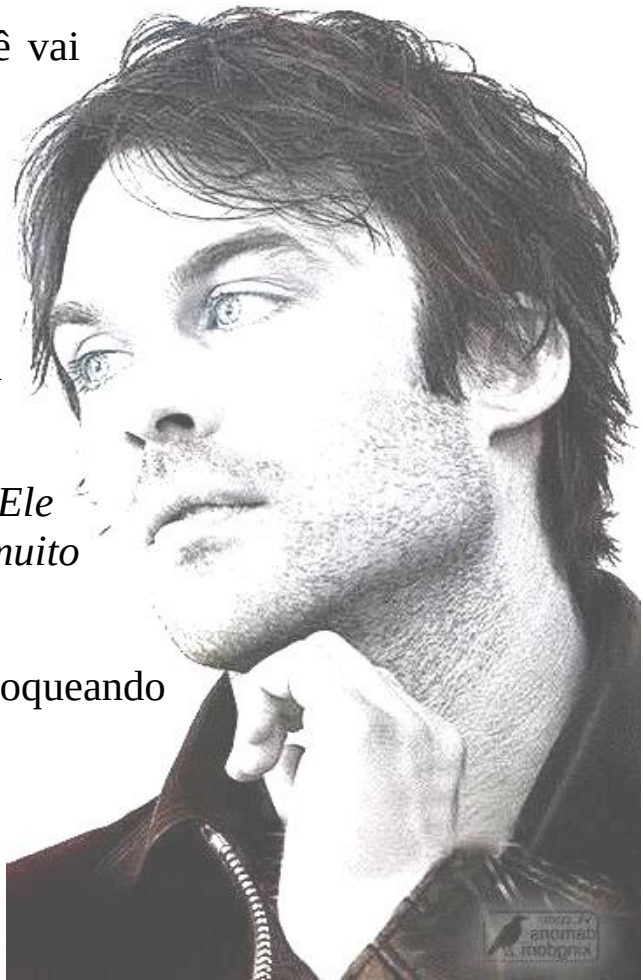
— Eu, hum... – digo sem jeito. — Você vai sair? Com a Josie?

— Sair, como?

Estou derretendo sob seu olhar firme. Ele está me destruindo, célula por célula, com a maneira intensa que ele está olhando para mim.

Ah Deus, posso apenas fugir agora? Ele notará se eu sair no meio dessa conversa muito embaraçosa?

Ele pode. Sem mencionar, que ele está bloqueando





a porra da porta.

— Sair, como... – eu paro.

Na verdade, que se foda.

Foda-se tudo isso.

Não estou fugindo. Estou cansada de fugir, sentindo que tenho que me esconder. Tenho que mentir. Tenho que manter a paz porque a alternativa é impensável. Não é.

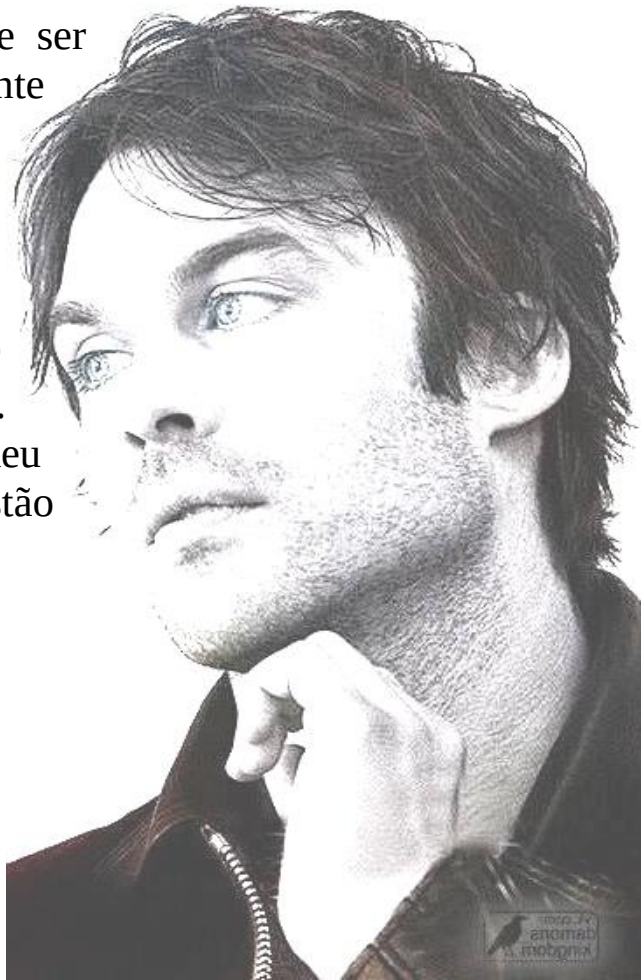
A verdade é que tenho sentimentos por esse homem na minha frente. Ele é meu médico, o meu psiquiatra. Muito mais velho que eu. Mas eu não ligo.

Estou me arriscando.

— Sair, como em um encontro. Você vai sair com Josie?

— Quem te contou?

— Eu ouvi duas enfermeiras conversando.



Sua expressão é ilegível. Ele deixou de ser confuso para totalmente fechado, completamente calado, e isso me atinge como um dardo afiado.

— E se eu estiver indo?

Esse dardo era venenoso. Eu posso sentir isso. Está se espalhando por toda parte. Minhas pernas, meus braços, meu peito e o meu estômago. Queima. Como minhas veias estão pegando fogo.

— Eu não quero que você vá.

— Por quê?



Ok, aqui vai. Eu posso fazer isso.

Eu posso fazer isso, porra.

Eu respiro fundo e digo: — Porque eu quero que você vá comigo.

A única razão pela qual estou de pé é porque ele não desviou o olhar de mim. Há poder em seus olhos. Talvez até nesse rosto bonito e frio dele.

— Com você. – ele faz parecer uma declaração simples, e isso não está ajudando minha confiança. Como, de todo. Mas eu já disse isso agora e bem, não posso voltar atrás.

Eu não quero voltar.

— Sim. Quando eu sair daqui. Em pouco mais de duas semanas.

— Por quê? Por que eu deveria ir com você?

Respirando fundo, eu sussurro: — Porque eu quero que você saia. Porque eu quero você. E porque acho que se você tentar, também pode me querer...

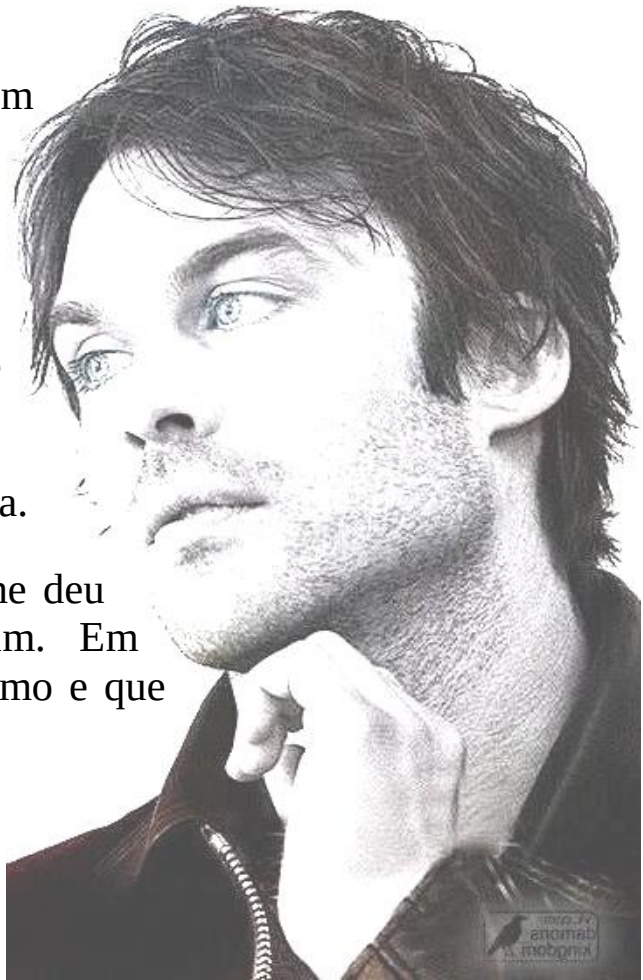
Eu paro quando vejo um músculo pular em sua bochecha e ele respira fundo.

Seu peito envolto em camisa sobe e desce com isso. Eu não sei o que fazer.

Na verdade, sei o que fazer com isso. Ele está zangado.

Esta foi uma má ideia. Uma super má ideia.

O que eu estava pensando? Ele nunca me deu nenhuma indicação de que gosta de mim. Em absoluto. Ele sempre foi tão profissional, calmo e que





merda eu estava pensando?

Eu nunca fiz nada assim antes. Eu nunca tive essa vontade. Não até ele. Não até eu ouvir que ele estava saindo com outra pessoa.

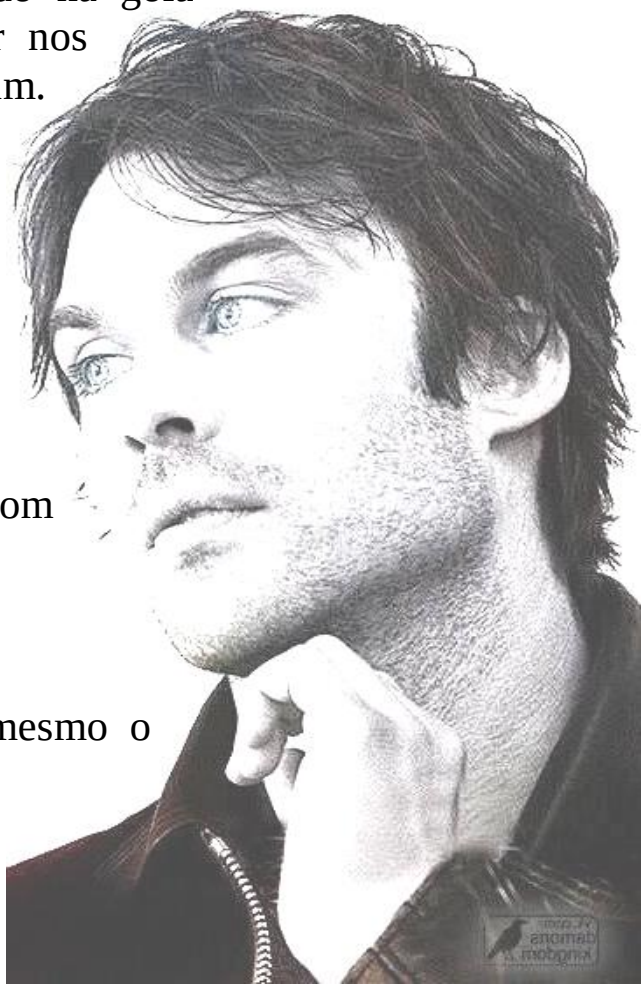
Talvez eu devesse voltar atrás, afinal. Talvez eu deva...

— E o Lee?

Com as palavras dele, meus pensamentos param de repente. Eu sinto uma sacudida. No meu peito. Como se algo realmente pesado tivesse caído sobre mim.

— E o namorado que você ama? Como ele te chamou? *Certo.* Princesa da neve. Ele te chama assim, não é? Ele te chamou assim quando a puxou para um beco escuro, empurrou você contra uma parede e pressionou contra você. E ele? Eu pensei que você estava com o coração partido. Você ficou tão de coração partido que pulou de um telhado. Então, você seguiu em frente?

Minha visão está preenchida com ele, a curva de seus ombros largos, os fios de seu cabelo volumosos encostando na gola engomada de sua camisa. Em algum lugar nos últimos segundos, Simon se aproximou de mim. Tão perto que preciso levantar o pescoço para olhar o rosto dele.



Eu nunca o vi assim antes. Tão bravo. Mais que zangado. Mais do que furioso mesmo. Ele está debruçado sobre mim, como uma nuvem trovejante, toda escura e perigosa.

— E aquele amor? O que aconteceu com ele?

— Ele... Ele me traiu.

— Certo. Ele beijou alguém. Qual é mesmo o



nome dela?

Balanço a cabeça, mas não consigo parar de mentir. — Zoe.

— Sim. Zoe. Diga-me Willow, Zoe é real ou a inventou também?

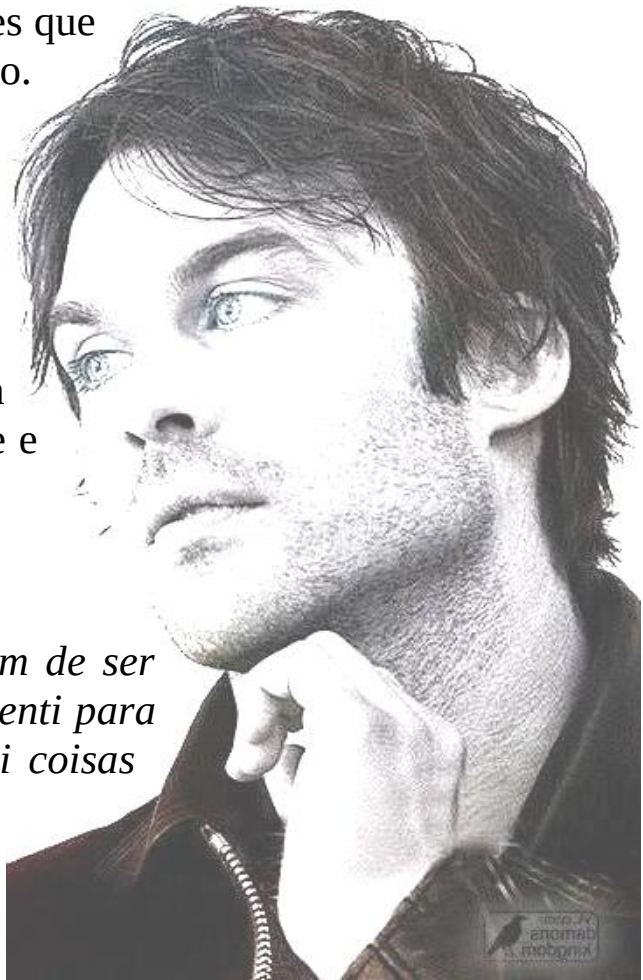
Alguns momentos atrás, eu não conseguia respirar porque havia algo pesado no meu peito. Mas agora, não consigo controlar as respirações que estou respirando. Elas são ofegantes. Temerosas. São loucas.

Ah Deus.

— Hein, Willow? Zoe é real ou você a inventou como fez com o Lee?

Seu rosto está brilhando de fúria. Vermelho e abrasador. Meus olhos lacrimejam. Minha pele arde. — Eu... Eu não sei do que você está falando.

Simon fica calado, mas eu sinto alguma coisa. Olho para baixo e o vejo deslizando meu livro para fora do meu alcance. Quero dizer a ele para parar, mas não consigo formar as palavras. Suas juntas estão sem cor. Elas parecem brancas, quase como a cor das paredes que nos cercam, neste lugar. Este lugar maravilhoso.



— Camiseta interessante. – ele murmura perigosamente.

Não me lembro do que eu estou vestindo. Algo com uma citação de Harry Potter, eu acho. Seus olhos atravessam o tecido da minha camiseta. Sua intensidade é tão potente e tudo o que quero fazer é me esconder.

Sempre me escondo.

Como eu poderia ter esquecido que, além de ser uma guerreira, sou mentirosa também? Eu menti para ele tantas vezes. Eu inventei histórias, contei coisas



que não eram verdadeiras.

Não acredito que foi só na semana passada que contei a história do meu namorado me chamando de Princesa da neve.

Como eu pude esquecer isso?

— Uma dica para você: se deseja inventar uma coisa, não se inspire em algo para o qual é basicamente um comercial. É fácil para as pessoas descobrirem.

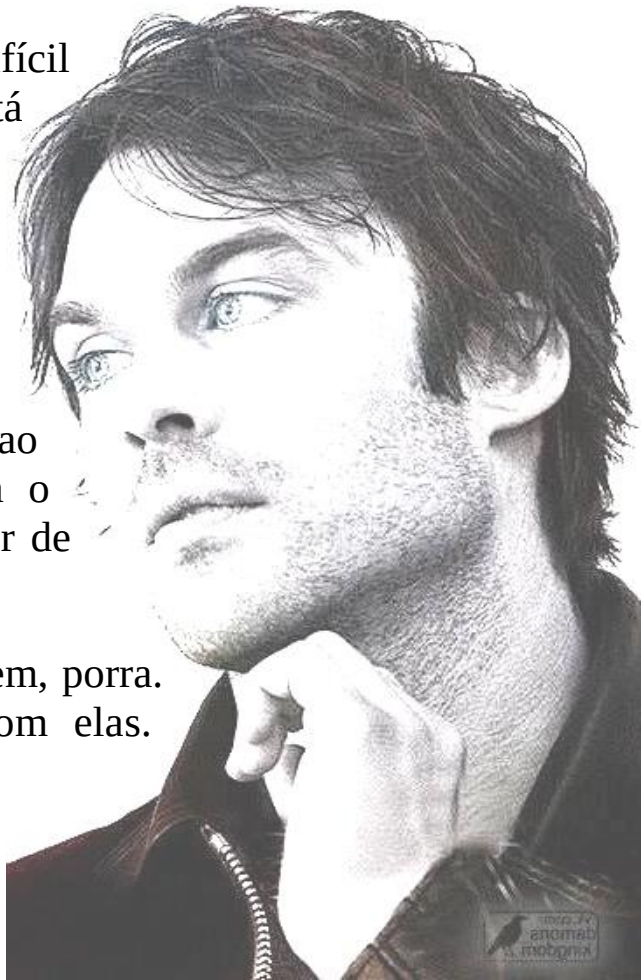
Com o livro na mão, ele se endireita e o joga em sua mesa, me fazendo estremecer.

— Você conhece meu segredo. – sussurro, cansada dessa farsa.

— Esse é o problema, não é? Isso é um segredo. – Uma veia está pulando em sua têmpora. — Que você sofre em silêncio. Que ninguém sabe que você está sucumbindo. Ninguém sabe o que você está passando. Nem sua mãe, nem sua família. Por que isso?

— Eu não...

— Por que isso, Willow? Por que é tão difícil dizer às pessoas que você ama que você está sofrendo? Que você precisa de ajuda. Você sabe quantas pessoas simplesmente não dizem nada? Você tem alguma ideia de quantas pessoas ficam caladas e nunca pedem ajuda? Você sabe o que acontece com elas?



Ele agarra meu cotovelo, trazendo-me ao seu corpo quente, me fazendo ofegar com o quanto forte ele é. Como o contorno ao redor de sua boca e olhos são esticados.

— Elas morrem. – ele diz. — Elas morrem, porra. Porque acham que ninguém se importa com elas.



Porque acham que não importam. De alguma forma, é culpa delas estarem sofrendo de uma doença, então elas devem acabar logo com isso. Mas não acaba, não é? Porque quando elas morrem, elas não morrem sozinhas. Elas matam as pessoas deixando-as para trás.

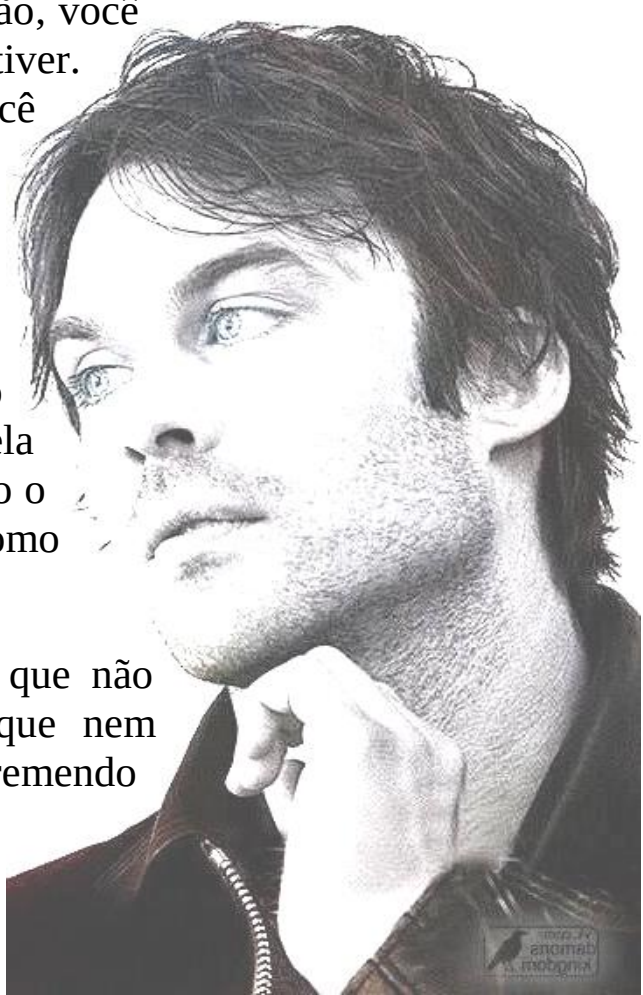
— Eu estou...

— Você não quer deixar ninguém para trás, Willow? Mas você está pronta para morrer, não está? Você está tão pronta para seus segredos te matar um dia. Não é verdade?

Balanço a cabeça, sentindo o aperto de seus dedos no meu braço. — Não... Não... Eu...

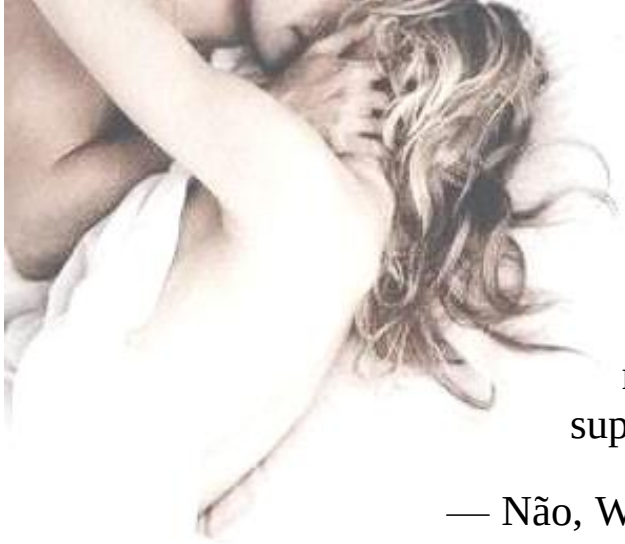
— Você acha que a culpa é sua. Você acha que sua mãe deveria ter outra filha. Por quê? Porque você tem vergonha da sua doença. Você tem vergonha de quem você é. – A risada dele é tão alta que reverbera dentro do meu próprio corpo e dentro da minha própria alma.

— Você tem vergonha de todos os dias ter que lutar para se manter viva. Você tem vergonha de ter que lutar. Então, você mente. Você mente todas as chances que tiver. Para sua família e para seus médicos. Para você mesmo. Você mente porque é uma maldita guerreira. E, em vez de se orgulhar, você tem vergonha.



Simon está confuso. Eu acho que são as lágrimas escorrendo dos meus olhos. É como se eu estivesse observando ele pela janela chuvosa do meu quarto. A janela onde escrevo o nome dele à noite e vejo as letras fluírem como rios.

Minha garganta está engasgada e acho que não consigo respirar por muito tempo. Acho que nem consigo ficar de pé, minhas pernas estão tremendo



tanto. Meu corpo inteiro está tremendo tanto.

Ele me solta e se afasta de mim como se não suportasse estar perto. Como se ele não suportasse me tocar.

— Não, Willow. Eu não vou sair com você. Não vou sair com minha paciente. E é isso que você é. Minha paciente.

Enquanto estou ali, sinto que ele sugou toda a energia do meu corpo e não tenho mais nada. Nem mesmo uma gota.

Mas de alguma forma, de alguma maneira, encontro vontade de piscar os olhos e clarear a visão. Ele está lá, alto, moreno, elegante e com os olhos da cor das minhas nuvens favoritas.

Formidável e inacessível.

E trovejando.

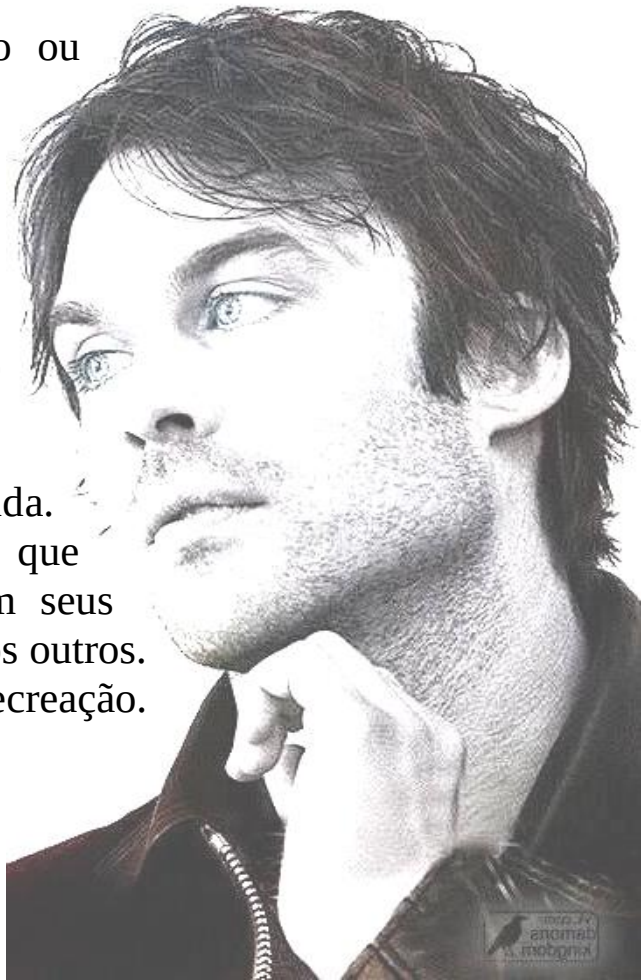
.....

Não me lembro de sair do consultório ou andar pelo corredor.

Não me lembro de jogar água fria no rosto e debruçar-me sobre a pia.

Mas estou aqui. No banheiro e agora, estou olhando meu rosto pálido e molhado no espelho.

Estranhamente, estou muito entorpecida. Estou pensando na rotina pela frente. Penso que poderia ir à biblioteca e ajudar Penny com seus cartões de memória ou assistir televisão com os outros. Há também uma opção para ir para a sala de recreação.





Talvez devesse pedir mais chá de gengibre, porque de repente sinto náuseas.

Uma batida vem na porta do banheiro. É um espaço minúsculo com ladrilhos retro em preto e branco e quase não há espaço para ficar.

— Willow, você está bem?

Hunter. Eu conheço sua voz sonolenta e grossa.

Deve ter passado quase vinte minutos desde que me tranquei aqui.

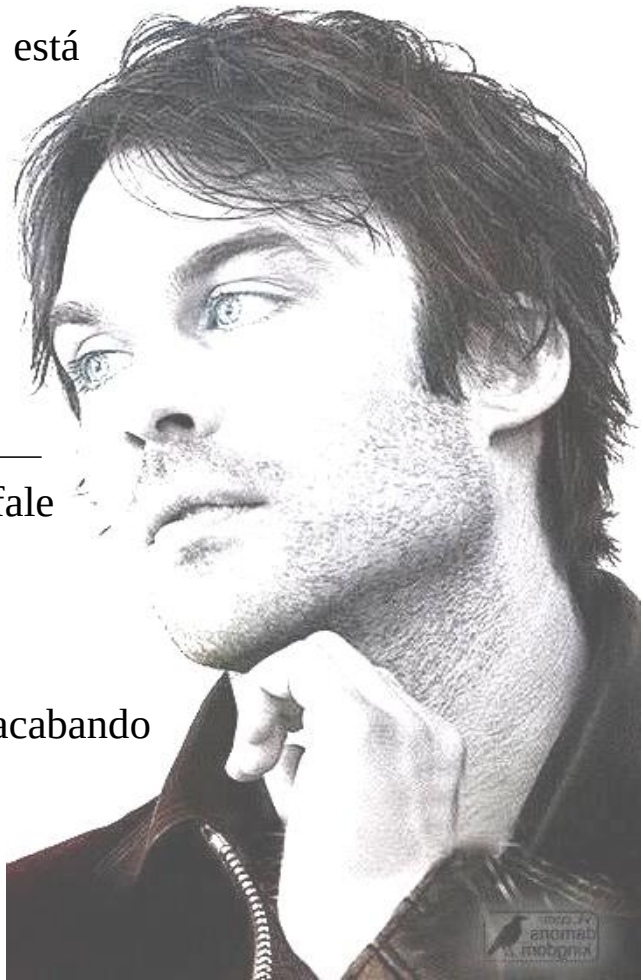
Eles provavelmente precisam checar a minha localização. Fecho a torneira, enxugo o rosto e abro a porta.

— Você está bem?

— Sim.

Ele me observa com cuidado. As pessoas estão sempre fazendo isso, não estão? Estão sempre me observando, tentando decidir se estou dizendo a verdade ou não?

— Tem certeza? Porque parece que você está chorando.



Hunter parece irritado e preocupado, e eu rio, me surpreendendo. Eu não achava que tinha isso em mim. Não agora.

— Eu tenho sim.

Seu franzido na testa fica maior. — Aconteceu alguma coisa? Você quer que eu fale com os médicos?

— Não.

Minhas respostas sem respostas estão acabando



com a sua paciência; Eu posso ver isso.

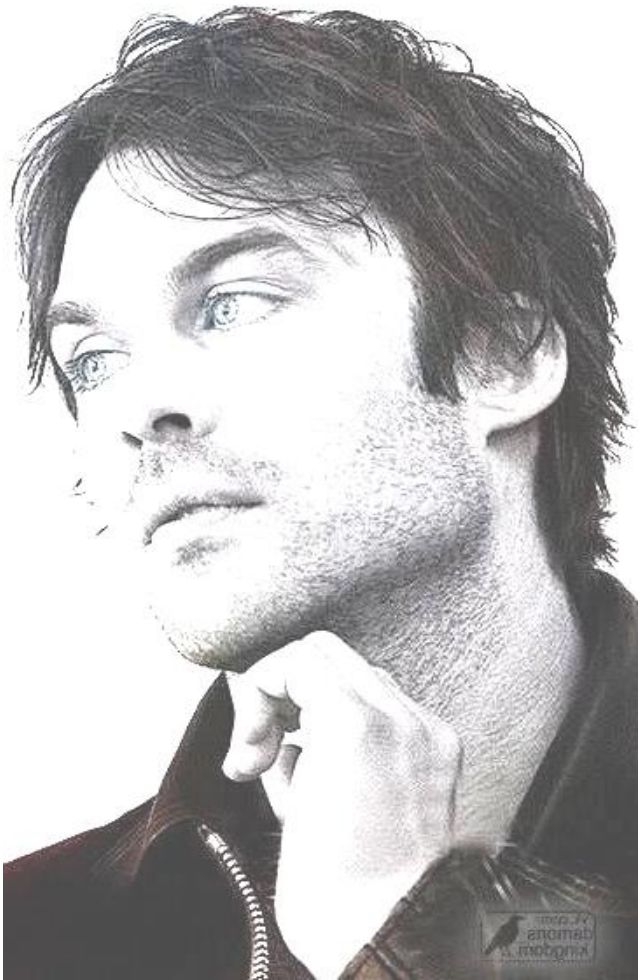
— Willow, vou ter que perguntar a você...

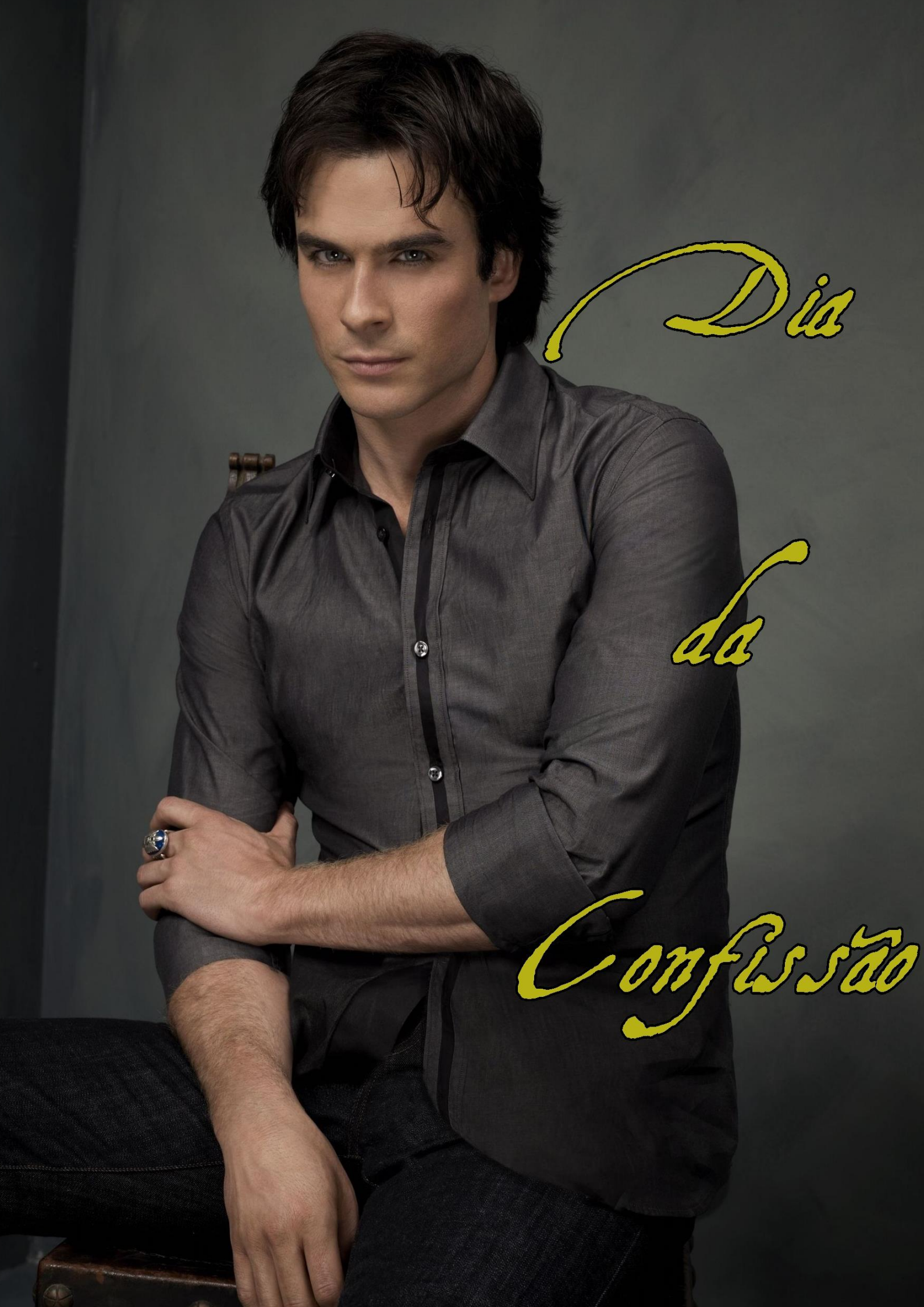
— Se eu quero me machucar? Se é um dia ruim?

Não sei por que disse isso, mas falei, e isso parece tê-lo surpreendido e, aparentemente, eu também.

— Bem, é isso?

— Sim. Hoje é um dia ruim e quero me machucar um pouco. – admito sinceramente. — Mas eu não vou fazer nada sobre isso. Hoje não.




Dia
da
Confissão

Dias passados no Interior = 28

Dias *restantes* para passar no Interior = 14

Dias desde o Dia da Confissão = 2



Capítulo Dois

Ele nunca me tocou.

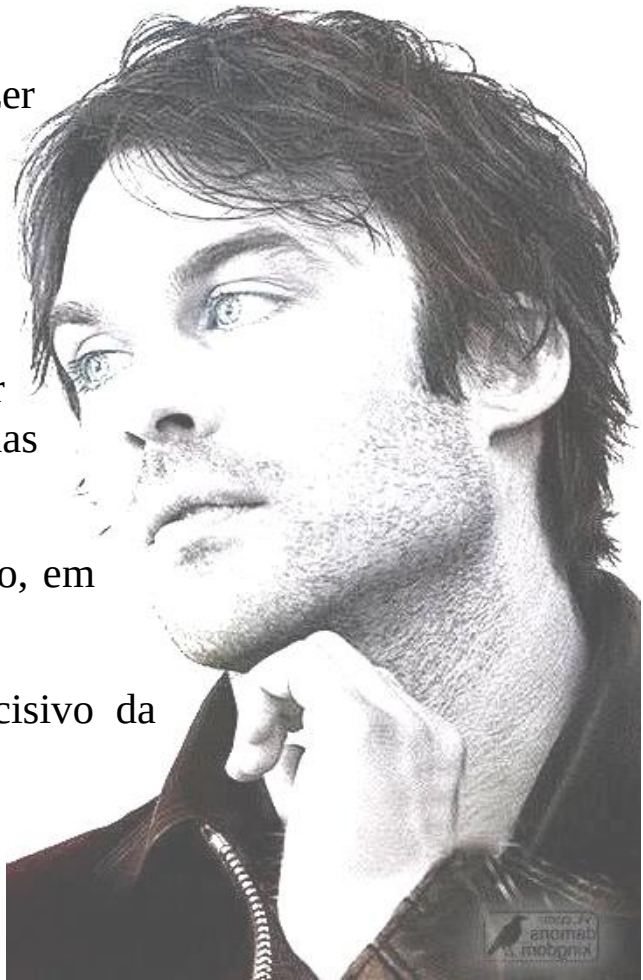
Ele poderia ter. Mas nunca tocou.

No dia em que o abracei, ele não me abraçou de volta. Ele nem moveu um músculo, exceto para enxugar minha lágrima solitária. Mesmo assim, ele só usou o polegar.

Quando ele agarrou meu cotovelo em seu escritório, me chamando de mentirosa, era apenas para deixar claro. Ele estava com raiva e não com desejo.

Simon Blackwood nunca me tocou mais do que o necessário. Mais do que era exigido.

Tocar.



Todos os outros sentidos podem satisfazer apenas muito. Você quer tocar. Com suas mãos, sua boca e sua língua. É como uma coceira, muito parecida com os meus sintomas. Você pensa constantemente nisso. Você pensa constantemente em tocá-lo, sua pele, suas mãos, seus cabelos, a barba por fazer, seu peito forte, o seu tanquinho e suas coxas tão grossas.

Você se toca em frustração, em desespero, em luxúria, porque não pode tocá-lo.

O toque é tudo. O toque é o teste decisivo da



atração.

Simon nunca me tocou. Não que houvesse outra indicação de que ele gostasse de mim, mas eu só gosto de me torturar com repensar, reanalisar. Re-tudo.

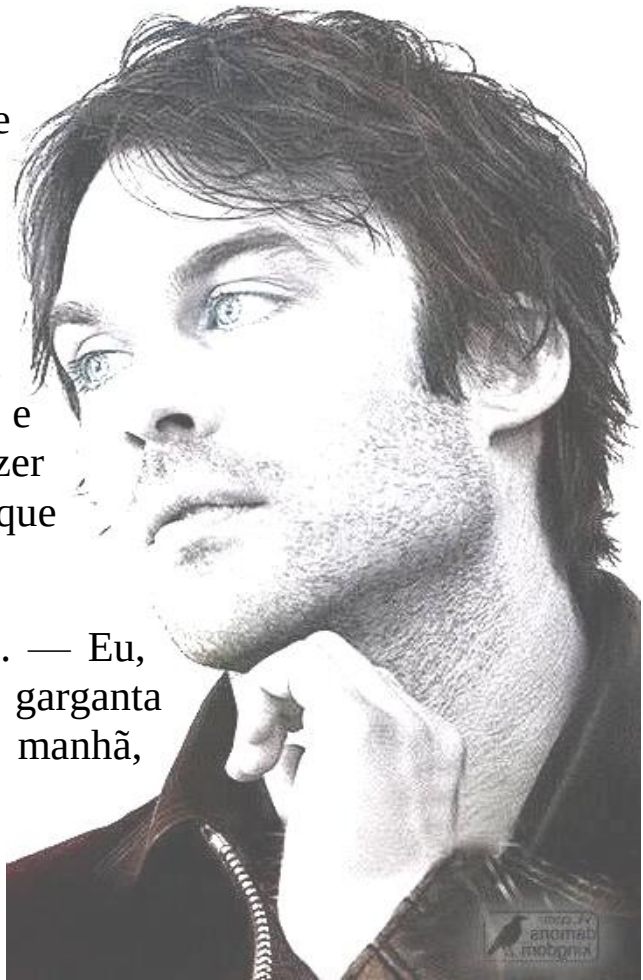
— Willow?

Alguém chama meu nome e eu olho para cima. Eu tenho brincado com minhas unhas. Eu as cortei esta manhã sob os olhos atentos de uma enfermeira. Objetos pontudos.

Você não pode tê-los. Não no Interior.

Estou no grupo de reflexões agora. Ele acontece no final do dia em que discutimos se mantemos nossos objetivos - aqueles que estabelecemos para nós mesmos no início de cada dia. É basicamente acompanhar o que estamos fazendo todos os dias para poder levar uma vida estável e funcional quando sairmos daqui.

— Você gostaria de contribuir? Qual foi o objetivo que você definiu hoje? – pergunta Ellen, a terapeuta que conduz essas reuniões.



Estamos em um grande círculo, cerca de vinte de nós, e Ellen é o ponto central. Quero ir com algo simples e direto, tentei hoje uma nova pose de ioga - apenas porque Renn estava de costas para fazer algum exercício - ou li alguns capítulos deste livro de autoajuda. Perdi meu Harry Potter no dia da Confissão e não tenho planos de recuperá-lo. Ou posso dizer algo sobre o meu projeto de arte e terapia que tentei terminar.

Limpando a garganta, eu me sento ereta. — Eu, hum, o meu objetivo era... – eu limpo minha garganta novamente. — Viver. Quando acordei esta manhã,



decidi viver. E não desistir.

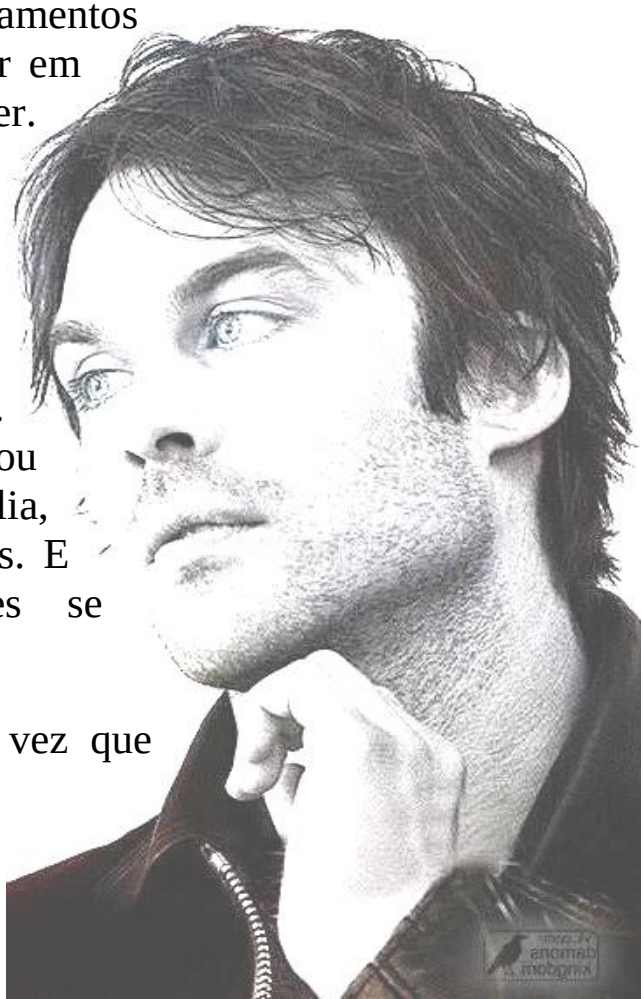
Estou olhando para Ellen, mas não estou realmente olhando para ela. Meus olhos estão sem foco. Sempre pensei que se eu dissesse essas palavras em voz alta, algo iria acontecer. Algo drástico. Horrível. Algo que altera a vida. Eu pensei que as pessoas olhariam para mim como se eu fosse uma bomba-relógio. Como se estivesse pensando em me matar neste exato momento. Como se não estivesse lutando com cada respiração que passa pelos meus lábios.

Mas nada acontece.

Nada externo, pelo menos. O que está acontecendo, está acontecendo dentro de mim.

— Esse é basicamente meu objetivo todos os dias. – eu continuo. — Quero dizer, principalmente. Às vezes eu estou bem. Penso em café ou em minhas aulas, quando estava lá fora. Ou a nova camiseta de Harry Potter que eu quero comprar. Existe aquela loja on-line que eu absolutamente amo. Eles têm ótimas coisas.

Lambo os meus lábios e reúno meus pensamentos rebeldes. — Mas alguns dias é difícil pensar em outra coisa senão... Morrer. Desaparecer. *Desaparecer*. Desde que me lembro, eu sempre fui aquela garota estranha de quem as pessoas falavam. Ninguém queria ser meu amigo. Isso doeu, e eu revidei do meu jeito, mas estava tudo bem. Minha família é ótima. Todos eles me amam. Muitíssimo. Especialmente minha mãe. Ela me criou sozinha. E porque sou o bebê da minha família, eles se preocupam muito. Talvez, até demais. E sempre quis não fazer com que eles se preocupassem.



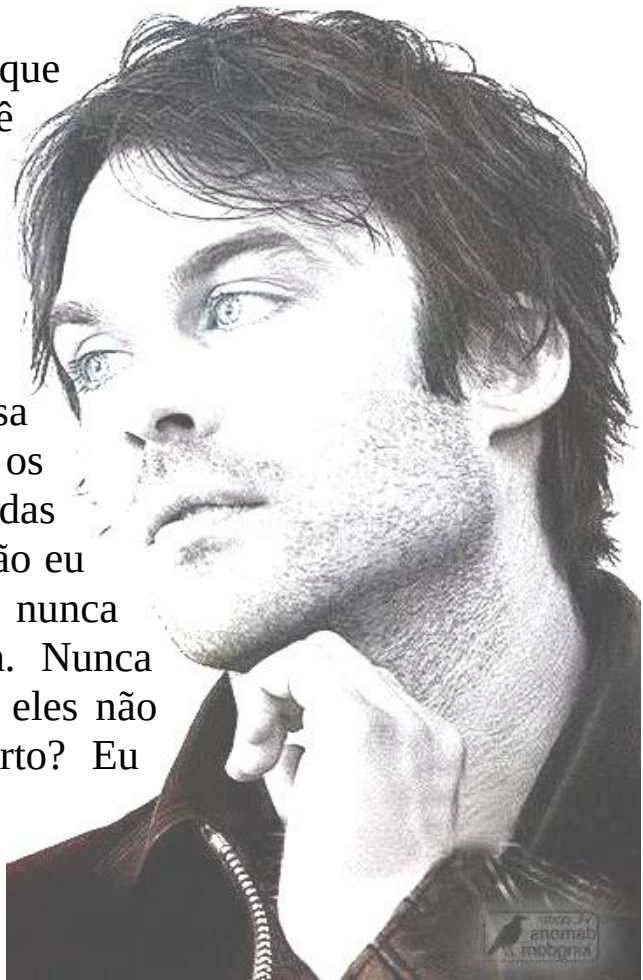
O Incidente no Funeral foi a primeira vez que



realmente percebi que algo estava errado comigo. Algo terrivelmente, terrivelmente errado. Antes disso, a morte era um conceito abstrato, mas após o funeral, a morte se tornou tão real. Como um sonho. Uma visão.

Nas minhas visões, estou sempre usando um vestido longo e branco sem mangas que fica preso ao meu corpo durante minha queda, delineando meus seios, minha cintura e minhas coxas. Eu vejo minha boca aberta, mas não para gritar, mas para absorver o ar, o céu. Meus braços estão sempre abertos também como asas, mas não estão lá para me manter voando, estão abraçando a glória da queda.

Limpando o nariz com as costas da mão, continuo sem ver, focada em algo dentro de mim. — Eu fui diagnosticada com depressão aos quatorze anos. Minha mãe ficou tão chocada. Com o coração partido. Eu também estava. Quero dizer, não é muito bom ouvir o médico analisando você, dando remédios e essas coisas. Mas estava tudo bem porque eu sabia. Eu sabia o motivo por trás da minha estranheza. Lembro-me de minha mãe tirando um tempo da loja para ficar comigo. Eu acho que ela pensou que eu precisava do apoio. Tenho a sensação de que ela precisava mais do que eu.



— Sempre pensei que não era culpa dela que eu fosse assim. Ninguém quer que o seu bebê nasça assim, sabe. Todo mundo pede por um bebê saudável. Um bebê feliz Não é culpa dela que eu esteja doente. Que nunca fui feliz. Quero dizer, eu fui feliz, é claro. Mas isso nunca dura. Então, sim, sempre pensei que não era culpa dela eu estar lutando nessa batalha. Ela me deu tudo. Todo o amor, todos os confortos. Sou eu. As coisas estão erradas comigo. Ela não deveria sofrer com isso. Então eu me escondi. Eu sempre fingi estar bem. Eu nunca falei sobre todas as coisas dentro de mim. Nunca pensei que isso poderia ajudar. Quero dizer, eles não podem curar magicamente a depressão, certo? Eu

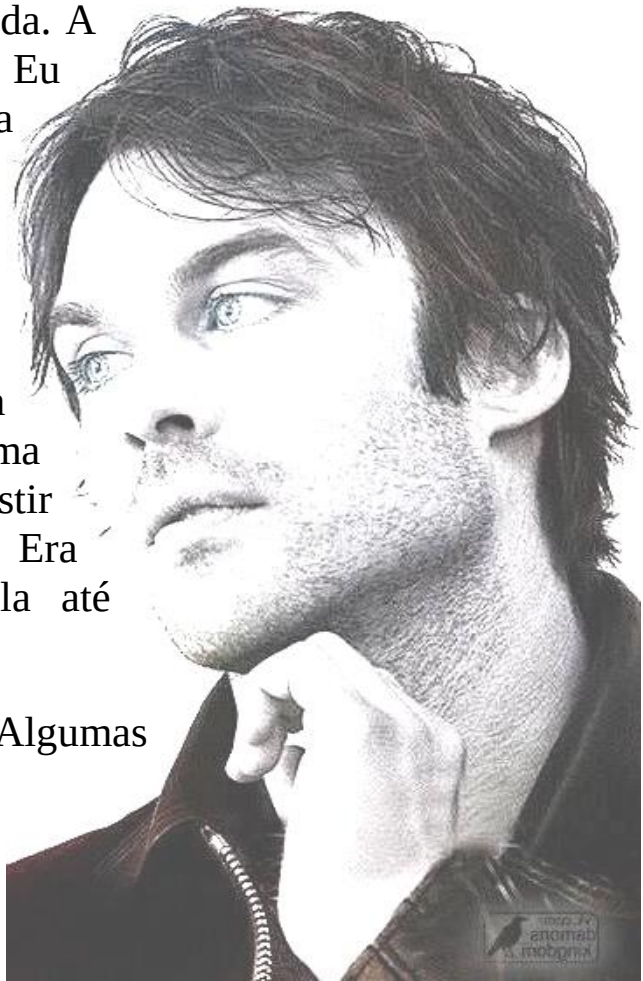


sempre pensei que minha mãe já estava passando pelos efeitos do meu diagnóstico. Eu não queria adicionar isso.

Há silêncio. Ninguém está dizendo nada. Sinto que estou falando muito alto, mas não consigo parar. Eu tenho que colocar tudo para fora agora.

— Estou mentindo há muito tempo. Às vezes acho que é tudo que sei. Mentindo, escondendo e fingindo. Seis semanas atrás, eu tentei me matar. Pulei do telhado da nossa casa de verão em Hamptons. Era o meu aniversário. Aniversários sempre foram difíceis para mim. Isso me faz o foco da atenção. Exige muito fingimento. Há muitas risadas, barulho e apenas felicidade. Sempre tive problemas com isso. Enfim, neste aniversário não sei o que aconteceu. Isso se tornou demais. Não consegui me conter. Eu estava me sentindo para baixo, muito para baixo por semanas. Talvez, todo o fingimento tenha se tornado demais? Talvez, tenha sido o grande aniversário, o marco dos dezoito? Não sei o que foi, mas não aguentava mais. De fato, a festa deveria ser uma comemoração dupla. Eu recebi uma carta de aceitação da Columbia. Eles me deram uma bolsa também. Tudo estava perfeito. Exceto eu. E a minha mente.

Vejo o telhado na minha cabeça. A beirada. A noite de verão perfeita com todas as estrelas. Eu parecia a lua pálida. Mesmo assim, sua pouca luz me irritou. A brisa atingiu o meu corpo. Deus, eu queria um alívio. Minha cabeça estava explodindo. Meu mundo estava acabando. Ou pelo menos parecia assim.



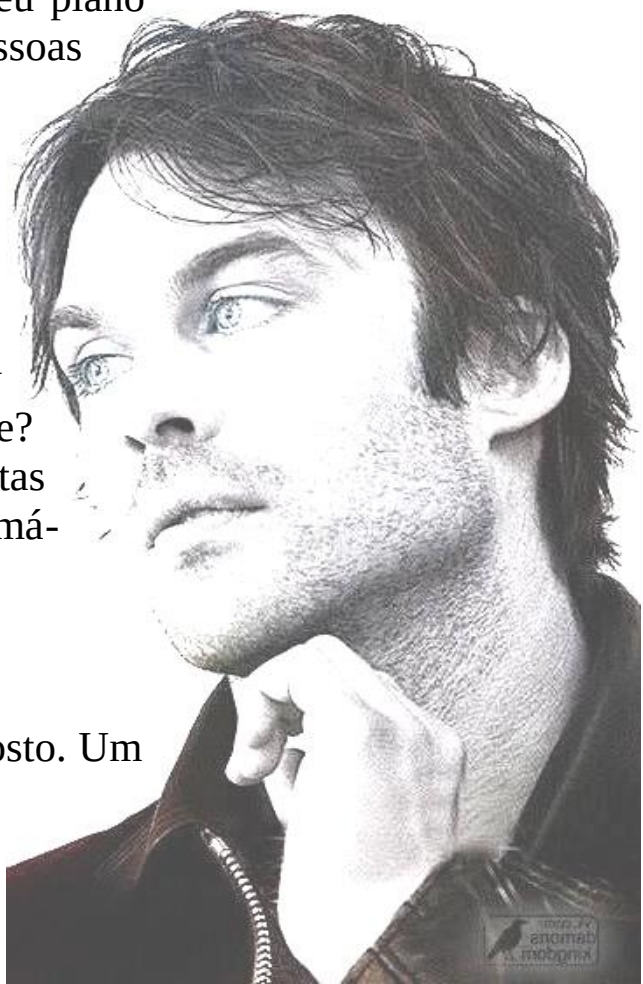
Eu usava um vestido naquele dia, um vestido vermelho de verão. Minha prima insistiu. Ela me disse para parar de me vestir como uma criança. Eu tinha dezoito anos. Era oficialmente uma adulta. Uma mulher. Ela até colocou batom vermelho em mim.

— Mas eu não morri, obviamente. – Algumas



pessoas riem e eu finalmente sorrio. — Quando acordei no hospital, fiquei aterrorizada. Eu pensei que meu segredo foi descoberto. Minha mãe... Nunca a vi assim. Ela ficou arrasada. Ela nem se parecia com minha mãe. Ela parecia morta. Tipo, eu a matei. Ela não sabia o que havia feito de errado. Isso me petrificou. Porra, me assustou que eu a machucasse. Que meu cérebro defeituoso estragou tudo. Fiz o que sempre faço: eu menti.

Eu suspiro e mordo meu lábio. — Inventei uma história. Eu disse a ela que tinha um namorado e que estava mantendo isso em segredo e bem, ele me traiu. Eu disse a eles que estava com o coração partido e um pouco embriagada e pular parecia uma boa ideia na época. Eu pensei que se mentisse, minha mãe não se culparia, por não fazer o suficiente, por perder os sinais e o que seja. E acho que também menti porque... Porque eu não estava pronta para aceitar que havia algo errado comigo. Que eu precisava de ajuda. Ajuda séria. Sempre pensei que se tomasse remédios, fosse ao meu psiquiatra para exames regulares, fingisse que estava tudo bem, tudo ficaria bem. Com o poder da mente ou algo assim, eu não sei. Mas minha mente está um pouco quebrada, por isso aqui estou. Não estava contando com ela me enviando para terapia. Então, meu plano meio que saiu pela culatra. – eu rio, e as pessoas seguem o exemplo.



Para esta parte, eu aperto minhas mãos no meu colo. *Lee Jordan*. Meu namorado imaginário. Ele não é real, é claro. Eu não conheço nenhum Lee Jordan. O inventei com base em um dos meus livros favoritos, Harry Potter. A garota com quem ele me traiu, Zoe? Ela é real, no entanto. Ela era uma das garotas que sempre me odiava. Foi divertido transformá-la em uma vilã.

Finalmente, eu termino.

Olho para Ellen. Ela tem um sorriso no rosto. Um

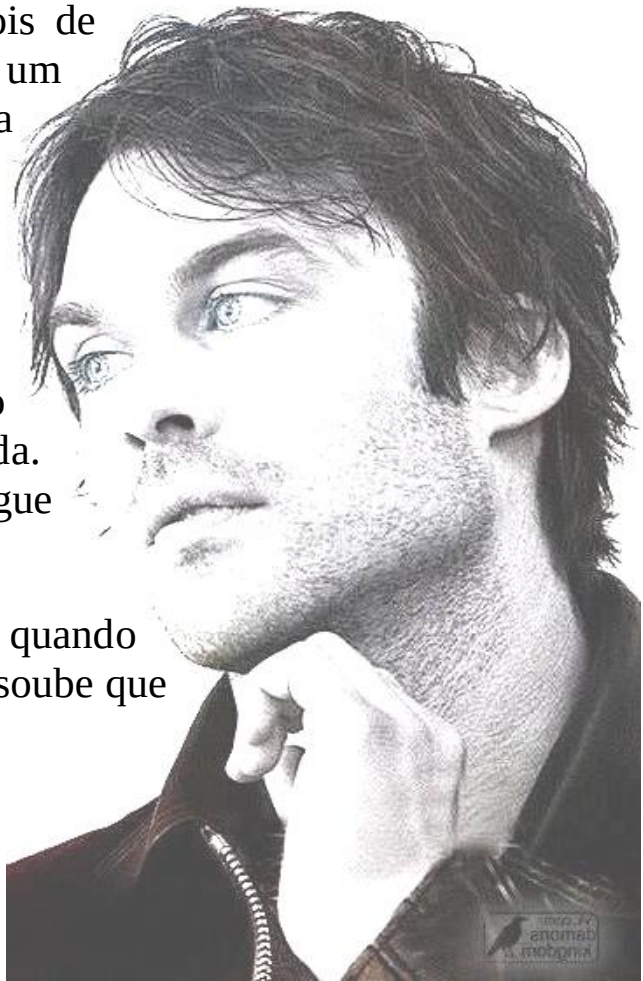


sorriso simpático. Um sorriso triste. Eu sei sobre sorrisos tristes. Eles têm gosto de lágrimas. Salgados e um pouco amargos. Estou experimentando esse sorriso agora.

— O que fez você nos contar isso hoje, Willow? – ela pergunta.

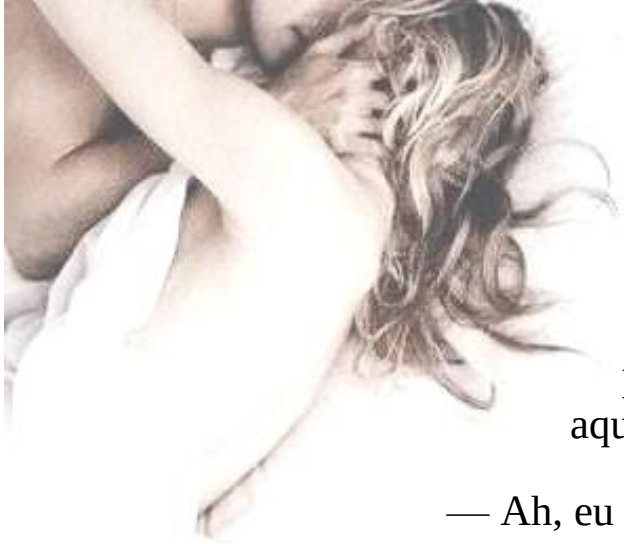
— Porque o problema é que também não é minha culpa. Que eu nasci assim. Não é minha culpa que, às vezes, as coisas fiquem um pouco mais difíceis. Não é minha culpa que todos os dias eu lute uma batalha silenciosa. Que eu desmorono. Que não faço barulho. Que não digo uma palavra. Não deixo ninguém saber o que estou passando. É como se eu estivesse me culpando. E eu não quero mais fazer isso. Eu disse porque não é minha culpa. Não é minha culpa que, em alguns dias, minha meta seja apenas passar o dia. Enquanto outros planejam dar uma entrevista, ou fazer um teste, ou assistir a um filme ou passear, eu faço planos para passar o dia. Não é minha culpa. Isso é a minha conquista. É com a minha força que eu luto. Alguém me disse que sou uma guerreira e que tenho vergonha disso. Então, esta sou eu... – eu aceno, sem abrir minhas mãos. — Não tendo vergonha. Esta sou eu pedindo ajuda.

Eu não sei o que estou esperando depois de tudo o que eu disse, mas ser envolvida em um abraço gigante não era o que eu estava pensando.



Um grito assustado me escapa quando Renn basicamente bate seu corpo inteiro no meu. Dane-se as regras. Eu a abraço também. Tão forte quanto eu posso. Eu a abraço tão forte quanto sempre imaginei ser abraçada. Talvez desde que nasci com mais do que sangue nas veias.

A voz de Renn parece chorosa e quebrada quando ela sussurra: — Eu amo você, sabia? Sempre soube que



acabaríamos sendo melhores amigas.

Rindo e chorando, digo a ela: — Obrigada por falar comigo naquele dia em que cheguei aqui.

— Ah, eu não poderia ser tão cruel a ponto de não lhe dar o prazer de me conhecer.

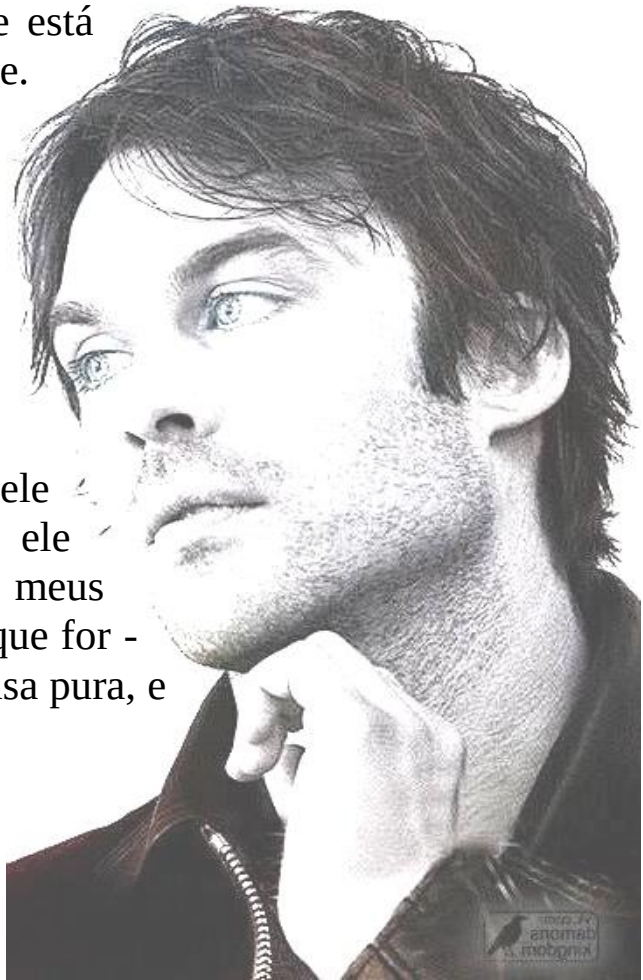
Eu ri. — Eu também te amo, porra.

Ellen diz que basta, e devemos terminar. Mas nós não ouvimos. As pessoas estão se levantando de suas cadeiras, enchendo a sala com barulhos e murmúrios. E, de repente, estou sendo abraçada por Penny, depois Vi, seguida por Roger, até Annie e Lisa, e várias outras pessoas com quem nunca conversei.

Estou rindo como nunca ri na minha vida.

Entre todos os sorrisos e cumprimentos e Ellen e alguns técnicos tentando convencer todo mundo, meu olhar vê alguém.

Ele está parado na porta, entre algumas enfermeiras e Josie, com os olhos em mim. Não sei há quanto tempo ele está aqui. Se ele ouviu alguma coisa do que eu disse.



É a primeira vez que o vejo desde o dia da Confissão, dois dias atrás. Eu quero desviar o olhar, envergonhada. *De novo, o que estou pensando?* Não sei o que aconteceu comigo. Mas havia essa urgência que eu não podia ignorar.

Eu queria que ele soubesse. Queria que ele soubesse o que sinto por ele. Queria que ele soubesse a verdade. Talvez porque meus sentimentos por ele - paixão, fascínio, seja o que for - não são como minha doença. Eles são uma coisa pura, e



eu não queria esconder. Eu não tenho vergonha disso.

E também não deveria ter vergonha da minha doença; ele estava certo. Este foi o meu primeiro passo em direção a isso: *admissão*.

Não sei por que ele não está olhando para o outro lado. Ou por que ele ainda está parado ali, me encarando quando há tantas outras coisas para olhar.

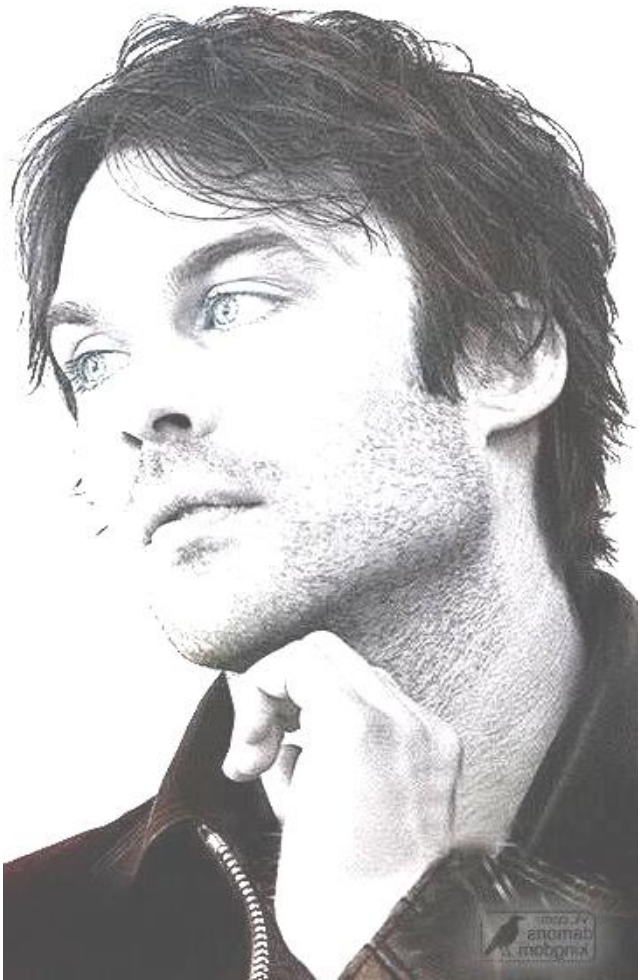
Mas ele estava certo sobre aquela outra coisa também.

Ele é meu psiquiatra e eu sou a paciente dele.

Apenas o pensamento de ter algo entre nós que não seja o tratamento é tolice. Além disso, eu nem gosto de médicos, certo? Eu os odiava. Quero dizer, eu ainda os odeio.

Pena que ele não parece um médico e pena que a minha alma doente não sabe o significado de tolice.

Então, não desvio o olhar até que ele faça...





Capítulo Treze

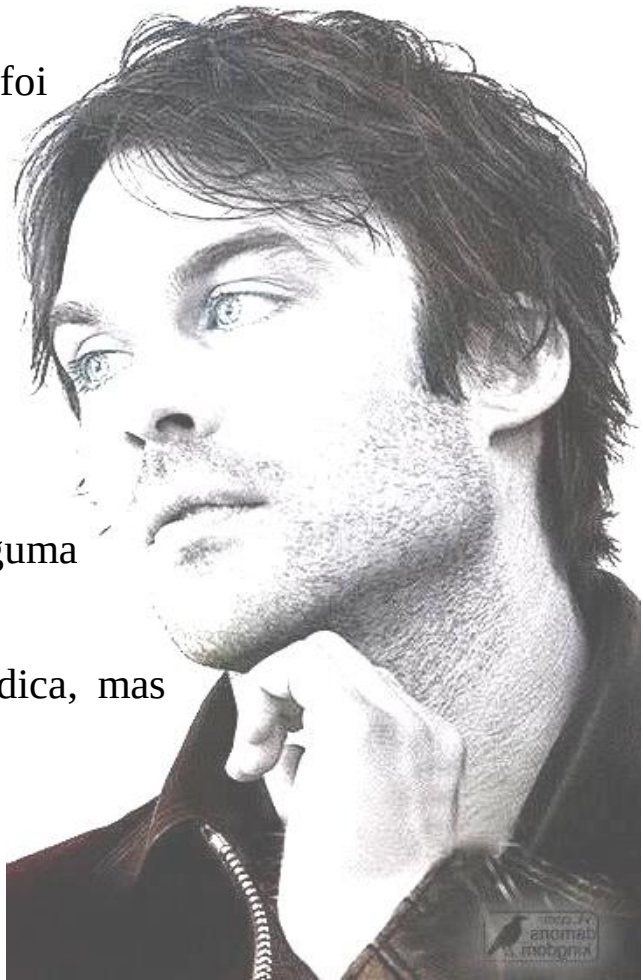
Fui convocada pelo Rei Gelado. Novamente.

Minha sessão com ele não é até amanhã, então isso deve significar que tem algo a ver com a Confissão.

Ótimo.

Isso vai me assombrar para sempre, não é? Como o Incidente no Telhado.

Talvez quando eu sair daqui, eu possa rir disso como eu ri da minha doença ontem. Uma mulher de trinta e poucos anos, Karen, veio até mim e me contou sobre suas próprias batalhas com a depressão e como levou anos para obter ajuda. Eu a vi no meu andar, mas nunca conversamos. Estou feliz por ter conversado.



Também conversei com a morena que foi internada no mesmo tempo que eu. O nome dela é Tina e ela é bulímica. Trocamos histórias sobre a nossa primeira semana e como ela não conseguia dormir com todos os ruídos e o cheiro. E como a gelatina de limão a faz suar a camisa.

Choramos sobre as coisas e depois rimos.

Sim, houve muitas risadas. Mas, de alguma forma, duvido que eu riria da Confissão.

Minha doença pode ter uma receita médica, mas



não há pílula para a doença do coração.

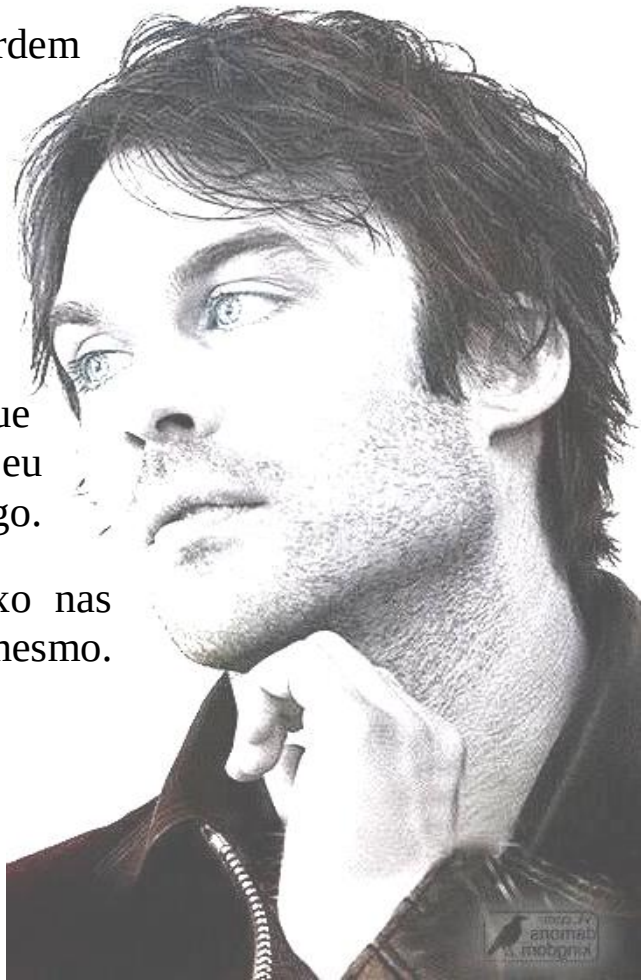
Além disso, o problema é que eu não tenho muita experiência com paixões. Eu quero dizer, eu já as tive. Obviamente. Mas sempre admirei aqueles caras de longe. Nunca me aproximei deles. Eles teriam morrido, ou pelo menos desmaiado. Sendo abordados pela Anormal Willow, que ficava no fundo com seu livro e suas camisetas de Harry Potter.

Nos meus dezoito anos, eu tive apenas um namorado e isso foi porque ele queria se aproximar de mim e perguntar sobre todos os meus sintomas; ele queria ser médico. Quando soube disso, dei um fora nele. Graças a Deus, nunca contei a minha mãe sobre ele. Ela o mataria por partir meu coração.

De qualquer forma, não tenho experiência com paixões, confissões e rejeições. Tudo o que sei é que devo agir normalmente e com calma. Não tenho certeza se sou a pessoa certa para isso, mas vamos ver.

Bato na porta dele com as minhas mãos suadas. — Você pode fazer isso, Willow. Você é uma guerreira. Você pode fazer isso, porra...

A porta se abre e minhas palavras se perdem na minha cabeça.



Sou eu ou ele ficou ainda mais bonito da noite para o dia?

O cabelo dele está um pouco mais longo do que antes e os fios enrolam nas pontas. Talvez tenha crescido nas duas semanas em que ele esteve aqui. Parece uma vida desde que eu entrei nesta sala, pensando que ele era o inimigo.

Meu mundo virou de cabeça para baixo nas últimas duas semanas e o dele permaneceu o mesmo.



Ele está me olhando com os mesmos olhos intensos que estava ontem à tarde. Como se ele nunca tivesse parado de me olhar. Como se as poucas horas entre isso não importassem e ele continuasse de onde parou. Isso está me deixando nervosa.

— Posso entrar?

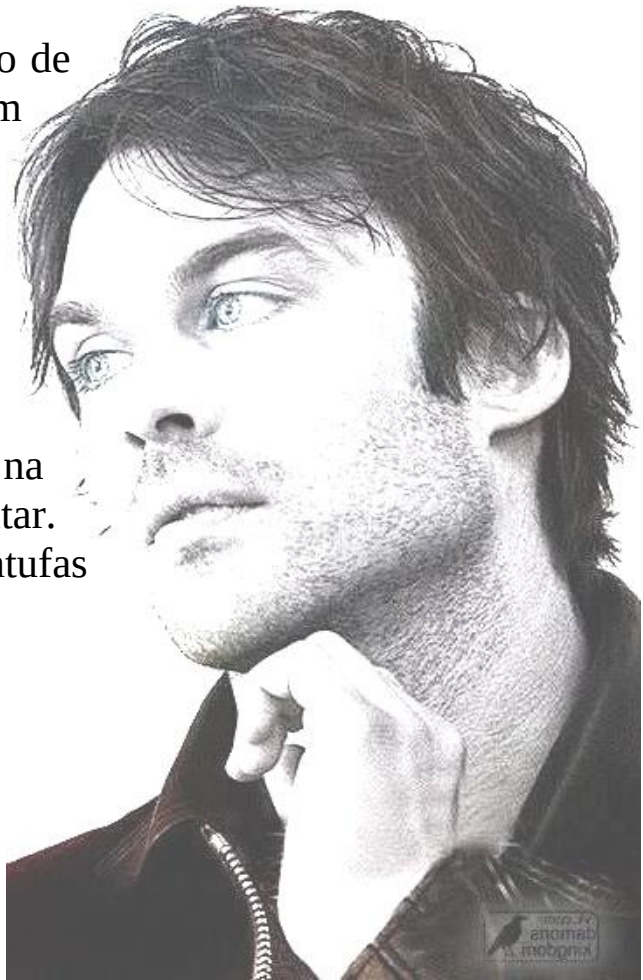
— Você estava falando com alguém? – ele pergunta, com as mãos dentro dos bolsos com apenas o relógio de pulso aparecendo.

— Sim.

— Com quem?

— Comigo mesma.

Ele me dá um sorriso de lado e se afasta para que eu possa entrar. Embora ele não tenha me dado muito espaço para passar, como costuma fazer. Significando que meu braço encosta no seu tanquinho quando passo por ele e todas as terminações nervosas em meu corpo ficam tensas.



Como é que eu posso sentir essa explosão de sensação por todo o meu corpo e ele não tem uma única dica disso?

É tão injusto.

— Como você está? – ele pergunta atrás de mim e eu me viro para encará-lo.

Ele está parado na porta, encostado nela, na verdade, como se não tivesse planos de se sentar. Os dedos dos meus pés dentro das minhas pantufas de coelhinho se encolhem, por algum motivo.

— Estou bem.



— Como você está se sentindo? Depois do grupo ontem?

Eu aceno. — Eu me sinto bem.

— Foi... – ele parece estar escolhendo as suas palavras com cuidado, devagar, enquanto está completamente focado em mim. — Louvável e corajoso. O que você fez ontem. Pouquíssimas pessoas conseguem admitir suas falhas até para si mesmas, quanto mais para uma sala cheia de pessoas.

Hipnotizado.

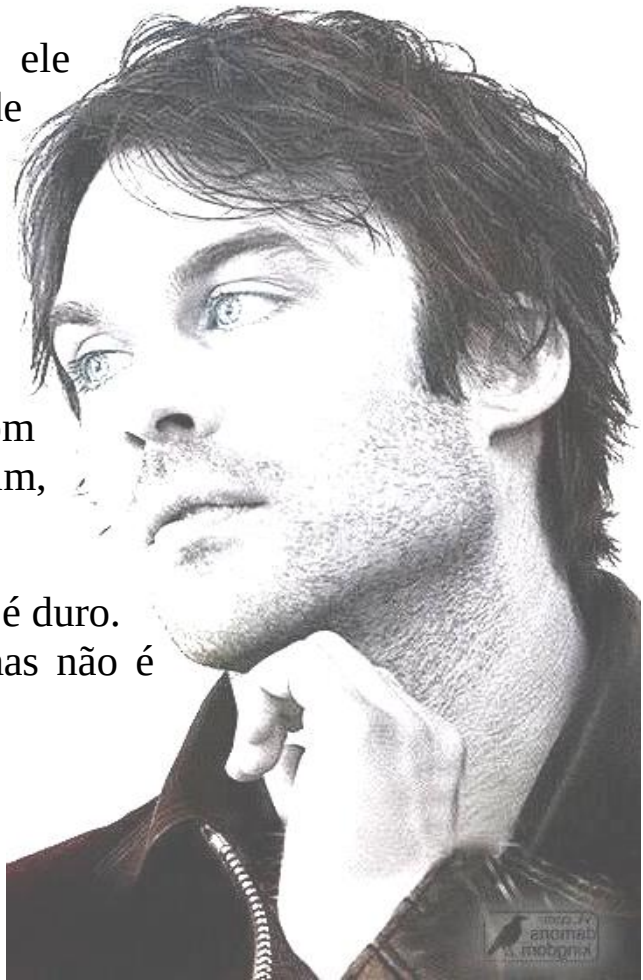
Ele meio que parece hipnotizado por mim. O que é tão ridículo que sinto que estou vendo coisas.

— Hum, bem, obrigada. – eu digo, insegura.

Ele fica em silêncio por alguns segundos e estou esperando a bomba cair. Ele vai dizer algo sobre o dia da Confissão; Eu sei isso. Eu posso sentir. Está chegando. Meu corpo fica tenso e faço punhos com as mãos.

Você pode fazer isso, Willow. Apenas não core muito.

— Eu fui duro com você. – diz ele finalmente, e vejo um lampejo de arrependimento passando por seus olhos.



Ok, eu totalmente não esperava isso. Eu pensei que ele iria falar sobre minha conduta como paciente ou algo assim.

Minha boca se separa quando respiro. Com uma respiração instável. A verdade é que sim, ele foi duro e, como sempre, já pensei nisso.

O fato é que o Dr. Simon Blackwood não é duro. Normalmente não. Ele é franco e sincero, mas não é um idiota.



Idiotas são imaturos. Meninos presos dentro do corpo de um homem que não sabem o que fazer com ele. Então, eles tornam todos à sua volta miseráveis, em vez de apenas aceitar e lidar com seus problemas.

Este homem na minha frente, de camisa e sapatos de bico fino brilhantes, é tudo menos imaturo. Ele é um homem. Por completo. Maduro, masculino e dominador.

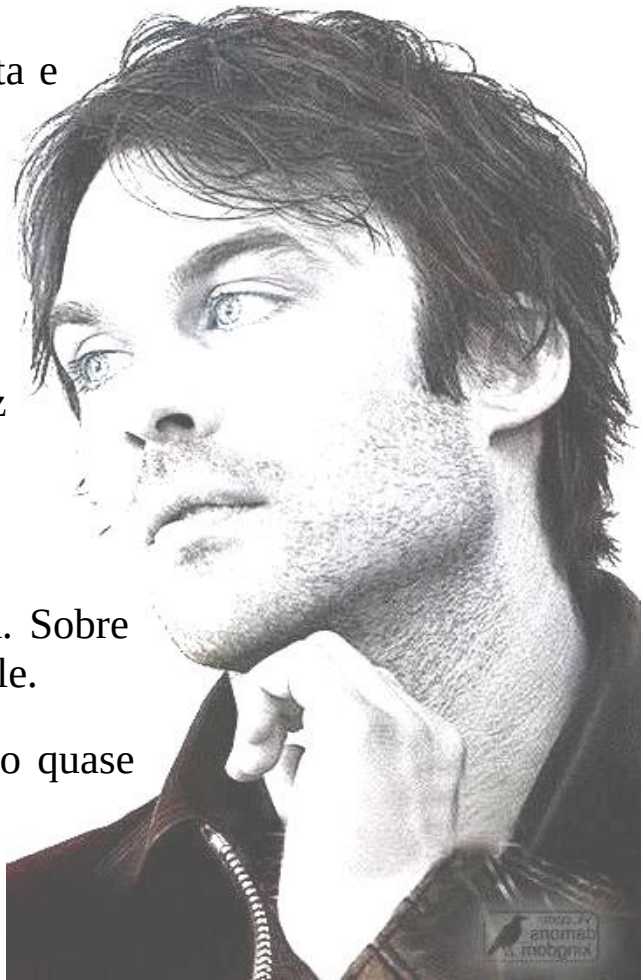
Sexy.

Mas não estou pensando nisso agora.

— Você foi. – concordo. — Por quê?

Exatamente. Por quê?

Por que diabos ele ficou tão irritado quando eu o convidei para sair? Quero dizer, pode ser que ele realmente me odeie e ficou totalmente enojado com a ideia de sair comigo. Mas esse não é o ensino médio e eu já estabeleci que ele não é imaturo. Então, tem que haver outra coisa. Sua raiva deve ter vindo de outro lugar.



Por fim, ele se inclina para longe da porta e fica ereto.

— Porque há preocupações morais e éticas envolvidas. Eu sou seu médico Você é minha responsabilidade. Você está sob meus cuidados. Existem linhas que não podem ser cruzadas. Sua saúde depende disso. – ele diz em um tom baixo e grave.

Quase apaixonado.

Ele é tão apaixonado por cuidar de mim. Sobre minha saúde mental. Bem, sobre o trabalho dele.

Mas por mais distorcida que eu seja, isso quase



me faz sentir especial. Sua paixão inflama minha paixão, uma aceleração no meu interior.

Respirando fundo, tento controlar minhas reações equivocadas. Este não é o momento. Então não é a hora. Minha luxúria pode vagar livre quando estou sozinha no meu quarto à noite. Aqui não.

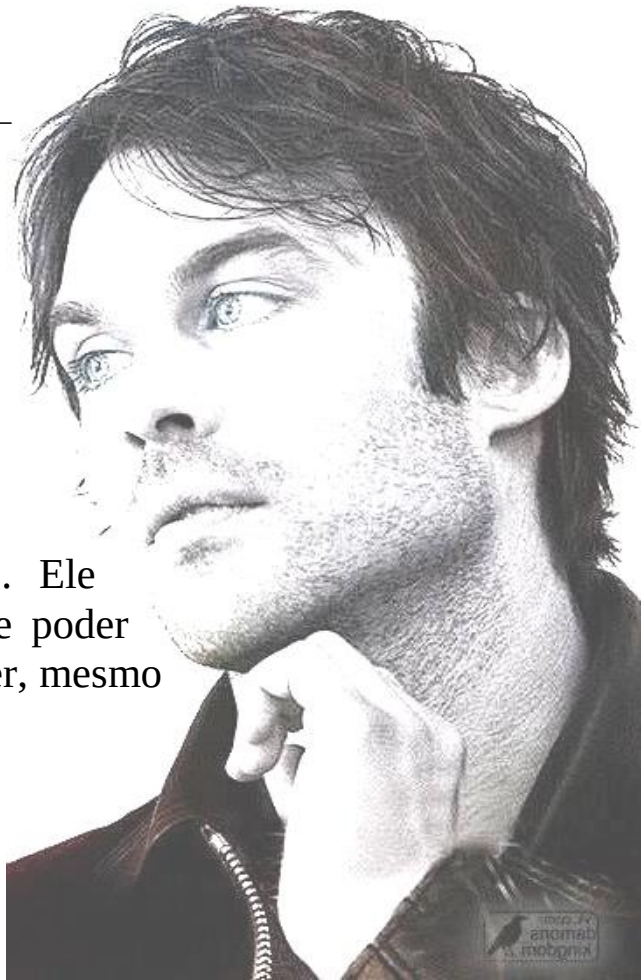
Além disso, preciso saber uma coisa. Algo sobre o que ele disse no dia da Confissão.

Quando elas morrem, elas não morrem sozinhas. Elas matam as pessoas deixando-as para trás.

— Você conhece muitas pessoas assim? Que desistem? Que... Morrem?

Sua expressão permanece a mesma, severa. Então não sei se ele me ouviu. Mas essa é a única conclusão que me foi dada - que ele pode ter alguma experiência com pessoas como eu. Obviamente. Ele é um psiquiatra. Mas acho que isso é pessoal.

Algo que o faz ficar sombrio e devastado ao mesmo tempo.



Então ele dá um aceno com a cabeça. — Sim.

Isso é dito em voz baixa. Não em intensidade, mas em volume. Como se ele não quisesse que eu ouvisse. Como se isso viesse de algum lugar dentro dele.

Meu coração aperta; Eu tinha razão.

Ele tem experiência pessoal com isso. Ele conhece alguém que desistiu. Eu gostaria de poder perguntar a ele. Eu sei que ele não vai me dizer, mesmo que eu tenha dito.



De qualquer forma, isso não é da minha conta. Não deveria ser. Meu peito não deveria doer por ele. Eu não deveria querer abraçá-lo. Porque parece que ele precisa de um. Ele é muito forte e fechado.

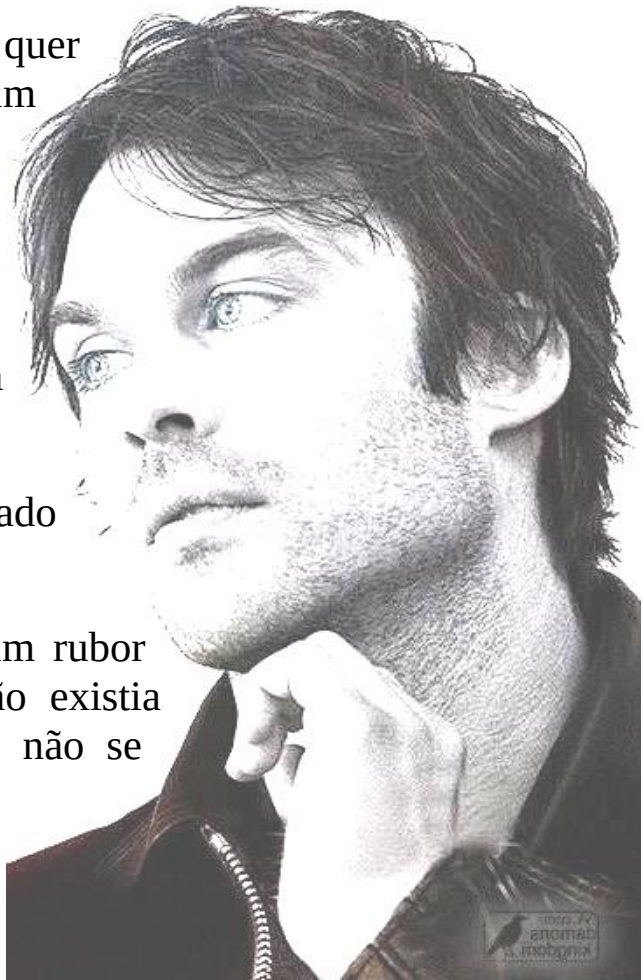
Mas não vai ser eu. Isso eu sei.

Mas sempre posso usar minhas palavras. — Eu... Quem quer que sejam, talvez eu entenda o que elas estavam passando. E eu só queria que elas não tivessem desistido. – eu olho nos olhos dele, então ele sabe que estou dando isso a ele. Minhas palavras são para ele, mesmo que eu não saiba por que precisa delas, qual é o envolvimento dele.

— Eu gostaria que elas não tivessem desistido de suas vidas e deixado as pessoas para trás. Talvez, elas encontrassem um motivo para viver. Um motivo para ser feliz.

Suspiro e abaixo os olhos, olhando para as minhas pantufas. Piscando, me livro das lágrimas. Posso chorar quando sair desta sala. Posso chorar enquanto o homem pelo qual eu estou chorando não sabe que estou derramando minhas lágrimas por ele.

É assustador chorar pela paixão que não quer você também? Talvez. Mas sempre fui um pouco estranha. Pronto.



Enxugando as mãos na calça de ioga, levanto os olhos e a minha respiração desaparece. Porque ele está me encarando como nunca antes. E essa não é a parte em que estou focando.

É o fato dele parecer tão... Aberto, chateado e torturado, até.

Suas maçãs do rosto suavizaram e há um rubor cobrindo-as. Uma tonalidade escura que não existia antes. Ele parece ter se dispersado, mesmo não se



mexendo nem um centímetro. Seus ombros cobrem toda a largura da porta.

Deus, ele é tão grande.

Na verdade não. Grande é a palavra errada. Ele é enorme. No corpo, na presença. Não sei o que me faz mover, o que me faz abordá-lo, mas eu me movo. Eu continuo colocando um pé na frente do outro, até ficar perto dele, inclinando o pescoço para cima como se estivesse olhando para o céu nublado.

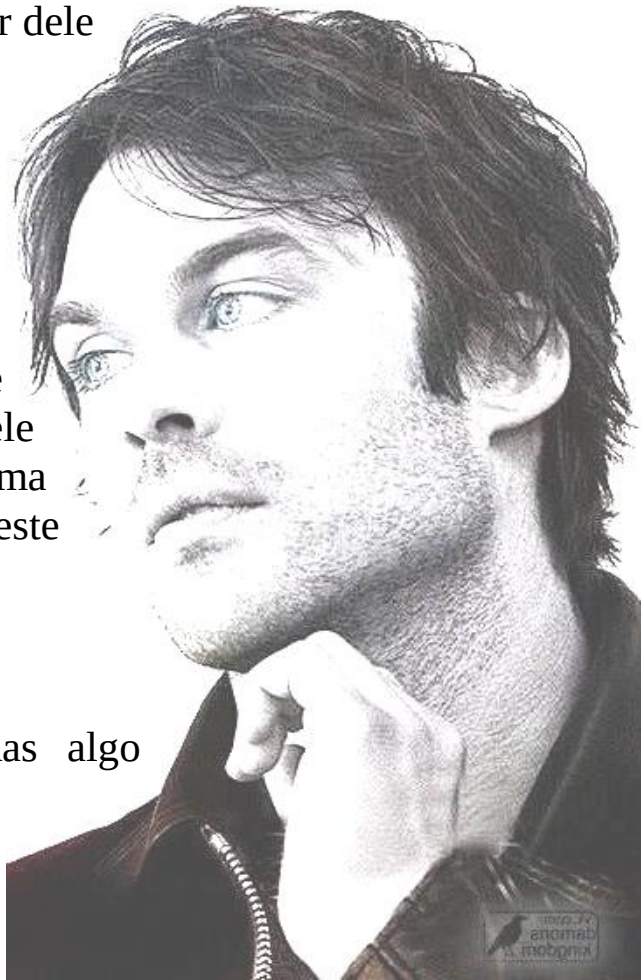
— Eu... Posso ir agora? – sussurro.

Ele se inclina em minha direção. Não como ele fez ontem, quando estava todo abalado e furioso. Essa inclinação é lenta e cheia de um tipo diferente de intensidade.

— Não.

Eu engulo, olhando em seus olhos, que pousaram em meus lábios.

Ele já olhou para a minha boca antes? Não me lembro. Ele sempre foi tão profissional e distante que apenas um olhar dele parece exagerado, quase demais para lidar.



— Por... Por que não?

— Porque estou curioso sobre uma coisa.

Lambo meu lábio inferior. Eu juro que não é para ser provocativa. É só que o olhar dele os faz formigar e secar. Eu não sabia que uma parte do corpo poderia ser tímida até que este homem se concentrasse nela assim.

— Sobre o que?

Mais uma vez, espero uma coisa, mas algo



completamente diferente acontece. Em vez de responder com suas palavras, ele me toca. Por sua própria vontade.

Suas mãos envolvem meu pescoço, com os seus dedos cobrindo todo o comprimento da minha garganta, inclinando meu rosto para cima. Meus olhos estão arregalados; Eu posso sentir isso. Eu posso senti-los saindo. Eu posso sentir meu coração também, explodindo com muitas batidas.

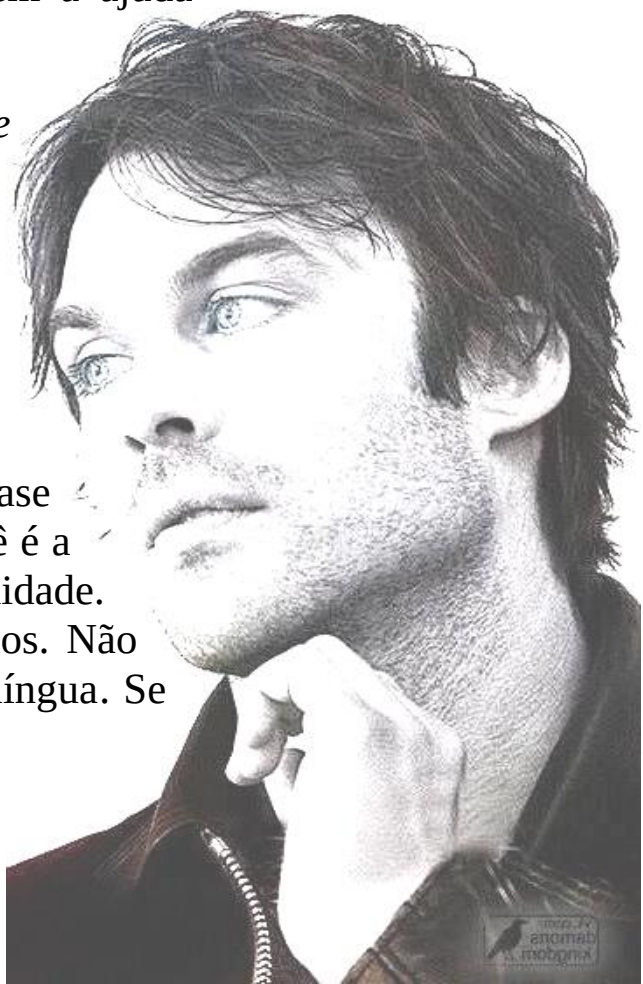
Ele está me tocando.

Tocando. O teste decisivo da atração.

— Estou curioso. – ele sussurra com a sua respiração flutuando sobre o meu nariz, entorpecendo meus sentidos. — Por que diabos eu quero te beijar?

— O que?

Minhas mãos alcançam e seguram seus pulsos. Sinto que meu mundo ficou instável e não consigo me levantar sem a ajuda dele.



Ele acabou de... Ele disse que quer me beijar?

Há um leve franzido na sua testa, como se ele estivesse realmente perplexo. Como se eu fosse um enigma, e também com o desejo dele de me beijar.

— Não faz sentido. – Seu olhar cinza, quase preto, move de um lado para o outro. — Você é a minha paciente. É a minha responsabilidade. Deveria curar você, não pensar em seus lábios. Não devo pensar na sua boca ou no gosto da sua língua. Se



você realmente tem o gosto como o seu cheiro.

— Como... Como eu cheiro?

Sua risada é curta e áspera quando ele move a mão e agarra meu rosto. — Como limões. Como se você estivesse chupando fatias de limão o dia inteiro com sua boca rosa.

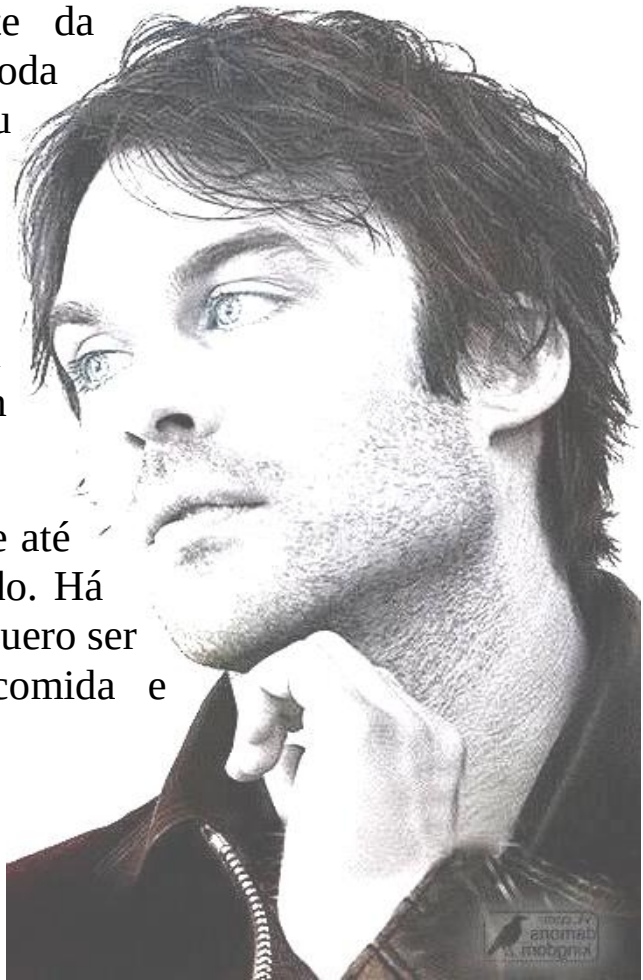
Eu sinto o calor da mão dele na minha pele. Ele está queimando, fervendo lentamente. — Eu... Eu... É a gelatina de limão. – respondo, como se fosse a coisa mais importante do mundo no momento. Explicando a origem do meu cheiro e possivelmente o meu gosto também.

Seu aperto nas minhas bochechas aumenta. — Aquilo foi comigo, não foi? Toda aquela mentira sobre ser beijada em um beco escuro.

Ah, Deus. Por que ele tinha que trazer isso à tona?

Mais uma vez, eu não sei o que estava pensando. Eu fiquei tão impressionada com esse desejo de me exibir. Dizer a ele sem dizer que tenho pensado nele. Sonhado com ele. E que eu não tenho vergonha disso.

Minhas bochechas estão possivelmente da mesma temperatura que seus dedos agora, toda quente com vergonha e luxúria. Mesmo que eu queira desviar o olhar, eu não quero. Olho para seus apaixonados olhos cinzas e aceno. — Sim.



Ele balança a cabeça uma vez. — É assim que você quer ser beijada, Willow? Em um beco escuro, pressionada contra uma parede?

Eu sei que estou ofegante. Provavelmente até salivando agora. Minhas coxas estão tremendo. Há uma agitação no meu estômago, porque sim, quero ser beijada assim. Eu quero ser devorada, comida e



engolida.

Por ele.

— Sim. Desse jeito.

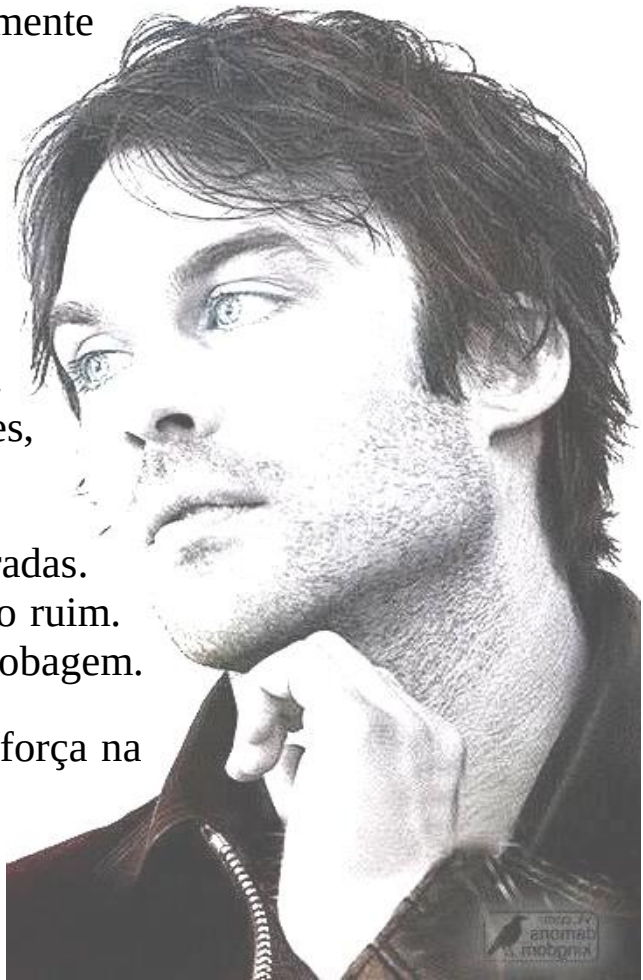
— É isso que você quer, não é? Um homem ficar tão louco por você que não pode se dar ao luxo de ser um cavalheiro. Que, em vez de deixá-la na sua porta da frente e ir embora com um beijo de boa noite, ele a puxe contra ele e tire a respiração de você.

Sim. Muito.

Ele chegou mais perto de mim com cada palavra dos seus belos lábios e eu levanto na ponta dos pés para trazer nossas bocas ainda mais perto. — Não. Não é qualquer homem. É você. Eu quero você, Simon.

Um calafrio percorre-o, como uma onda de choque. Ela passa através de mim também. Por que eu esperei tanto tempo para dizer o nome dele? Isso foi estúpido. Não vou mais ser tão estúpida.

Bem, além do que estamos fazendo agora. Não parece idiota, mesmo que deva, para todos os efeitos. Especialmente depois de todo o seu argumento moral e ético.



— Você não é o meu tipo. – ele diz, pressionando a testa contra a minha.

— Como?

— Você é jovem. Você é imprudente. Inexperiente. Você acredita em finais felizes, não é? Contos de fadas e a maldita mágica.

Suas respirações são ofegantes e frustradas. Como se acreditar em coisas boas é um hábito ruim. Como se acreditar em algo maior que você é bobagem.

Franzo a testa, pressionando-a com mais força na



testa dele. — Claro que eu faço. Se alguém como eu não acredita em mágica, não há esperança para mais ninguém. Não há esperança para mim. E não é uma coisa ruim, você sabe. Não é ruim acreditar em algo. Na verdade, isso mostra que você é corajoso e...

Sua boca dá um sorriso sem humor. — E você não sabe quando calar a boca.

— Ei...

— Willow.

Ele pressionou minhas bochechas com as mãos, afirmando toda sua autoridade estúpida sobre mim. Pena que isso só me deixa com mais tesão e eu tenho que apertar minhas coxas com os arrepios que passam pela minha parte inferior do corpo.

— O quê? – De alguma forma eu consigo sussurrar.

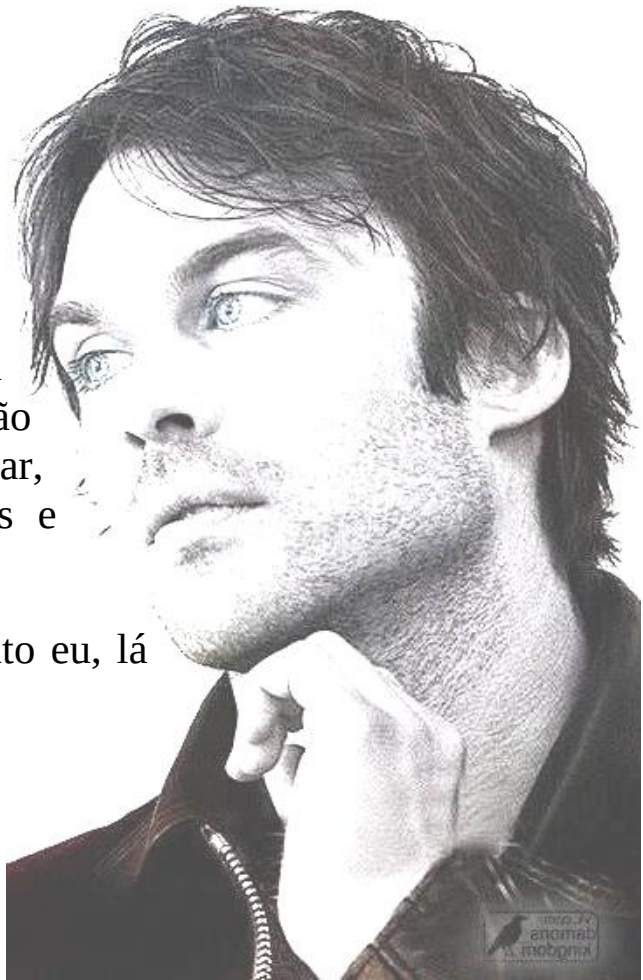
— Cale a boca.

Eu suspiro; *como ele ousa?*

Mas isso é engolido pela sua boca.

Eu paraliso. Está acontecendo.

Ele está me beijando.



Simon Blackwood, o Rei Gelado, meu psiquiatra, está me beijando. Seus lábios estão nos meus e estão se movendo. Devagar, completamente. Eles são tão quentes, vivos e molhados.

Tão molhados. Talvez tão molhado quanto eu, lá embaixo. Na minha boceta.



Apertando os pulsos com mais força, me inclino contra ele, inquieta e aliviada. Eu tenho tido vontade esse tempo todo. Senti-lo assim. Para ele cruzar a linha que eu já cruzei à muito tempo.

Gemendo, pressiono com mais força contra ele, colando meu corpo com o dele, quase o envolvendo, e ele geme na minha boca.

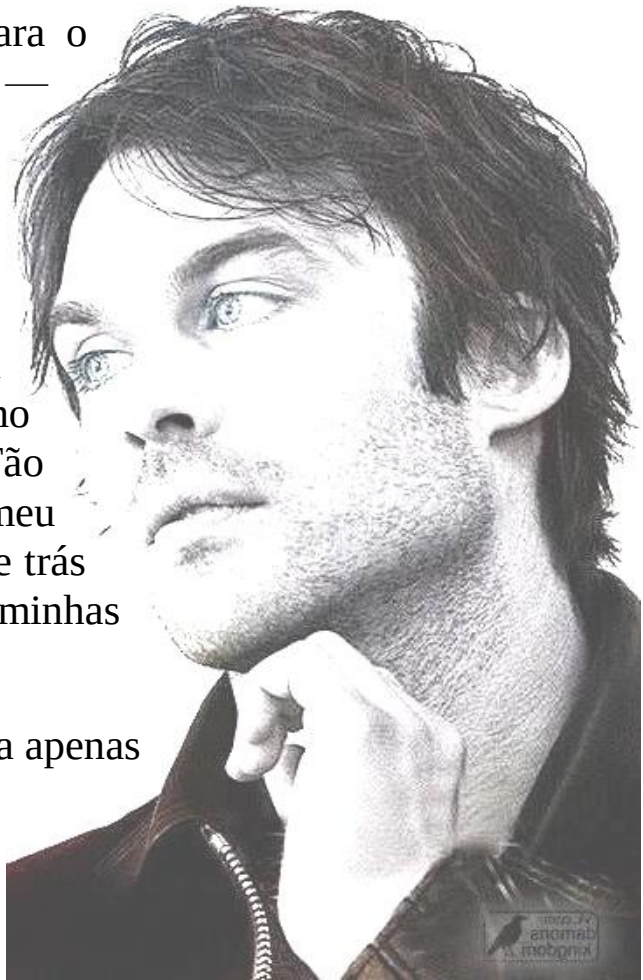
— Você tem gosto de limão. – ele diz, lambendo o contorno do meu lábio inferior.

Minhas mãos agarram seus cabelos, então. Tão macios, aveludados e escuros. Eles me fazem sorrir. — É a gelatina de limão. – eu repito, olhando em seus olhos entreabertos.

— Porra, odeio gelatina de limão.

— Eu também. – eu lambo meus lábios e suas narinas se abrem. — Ma... Mas você deveria provar as daqui. Elas têm um gosto bom. Muito bom.

Seus dedos se movem do meu rosto para o meu cabelo, desfazendo meu topete solto. — Sim. – Enterrando as mãos nos fios, ele sussurra não para mim, mas para os meus lábios: — E esse é o problema, não é?



Não entendi o que ele quis dizer, mas não tenho tempo para pensar antes que ele cubra minha boca novamente. Desta vez, seu ritmo não é tão lento. É meticuloso, no entanto. Tão meticuloso que sinto seus lábios por todo o meu corpo. Sinto-os na minha garganta, na parte de trás do meu pescoço, no meu estômago e nas minhas coxas.

Sinto que o beijo suave e lento anterior era apenas



o começo. Ele estava provando os meus lábios, sentindo o gosto deles. Esquentando-os. Para que ele possa fazer mais. Muito mais.

E ele faz.

Ele enfia a língua dentro da minha boca, me pegando de surpresa, e eu seguro seus cabelos, levantando na ponta dos pés. Meus lábios se abrem quando eu o absorvo, enquanto tomo uma parte do corpo dele dentro do meu, e algo se encaixa.

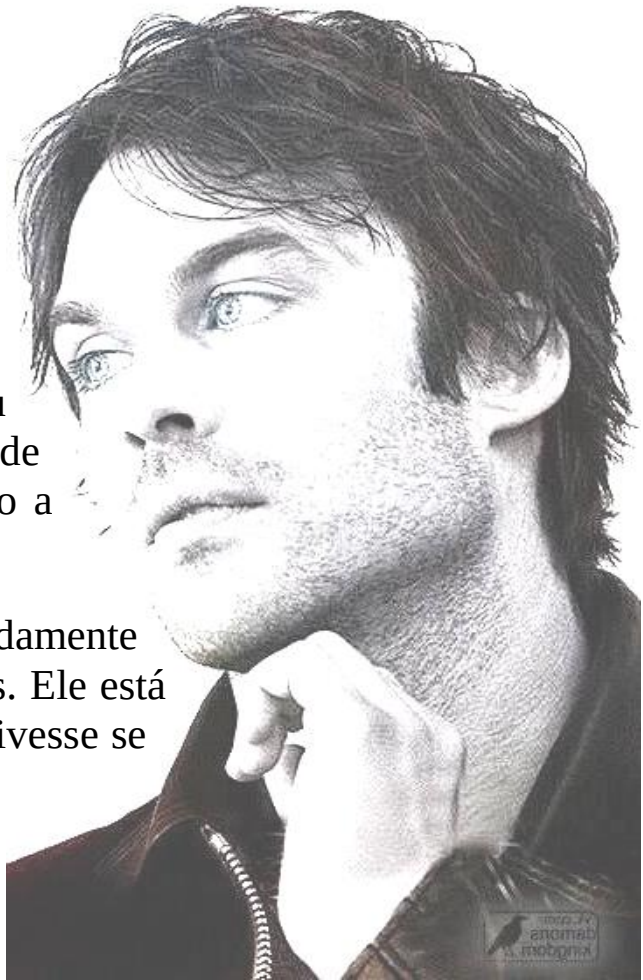
Sinto que precisava disso, sua língua dentro da minha boca, saboreando, movendo e lambendo. Com fome. Eu precisava ser sua comida, seu sustento, como se ele fosse meu.

Agarrando-me à sua língua, eu a chupo como se a minha vida dependesse de obter seu sabor e enchendo minha barriga com isso. Isso o faz enlouquecer. Isso o faz rosnar dentro da minha boca como se ele fosse mais que um homem. Ele é um animal. Um carnívoro.

Simon move o meu rosto para que ele possa ir mais fundo, e então eu abro minha boca. Como um receptáculo de algum tipo. Para ele. Por seu sabor fresco e de chuva. Para a língua dele.

Até os seus dentes.

Eles mordem a curva dos meus lábios, enviando faíscas para minha boceta que está ficando cada vez mais encharcada a cada segundo.



Encharcada. É assim que está o meu núcleo. Como os jardins lá fora. É um dia de tempestade e a chuva está caindo forte, como a boca de Simon na minha.

Gemendo, ele está se movendo repetidamente com os seus dedos empunhando meus cabelos. Ele está se alimentando da minha boca como se eu estivesse se



alimentando dele. Estou chupando e engolindo, devorando-o.

Mas suas chupadas, puxões e movimentos têm um propósito. Eles são altruístas, diferentemente dos meus egoístas. Eles estão me curando.

Sim, o meu curandeiro está me curando, purificando o meu sangue e aspirando a doença de mim.

Com a boca e os beijos, ele está bebendo todo o meu veneno. Aquela coisa dentro de mim que me dá olhos azuis. Ele está me deixando mais pura e saudável. Ele está me purificando.

Ele está me fazendo feliz.

O que é tão ilusório para mim quanto o amor.

Sinto-me ficando mais leve, mais flexível, até que tudo o que posso sentir é ele e seu corpo esculpido. Eu arqueio minha coluna. Eu empurro meus seios - inquietos e pesados com os mamilos sensíveis - em seu peito e aperto os seus ombros.

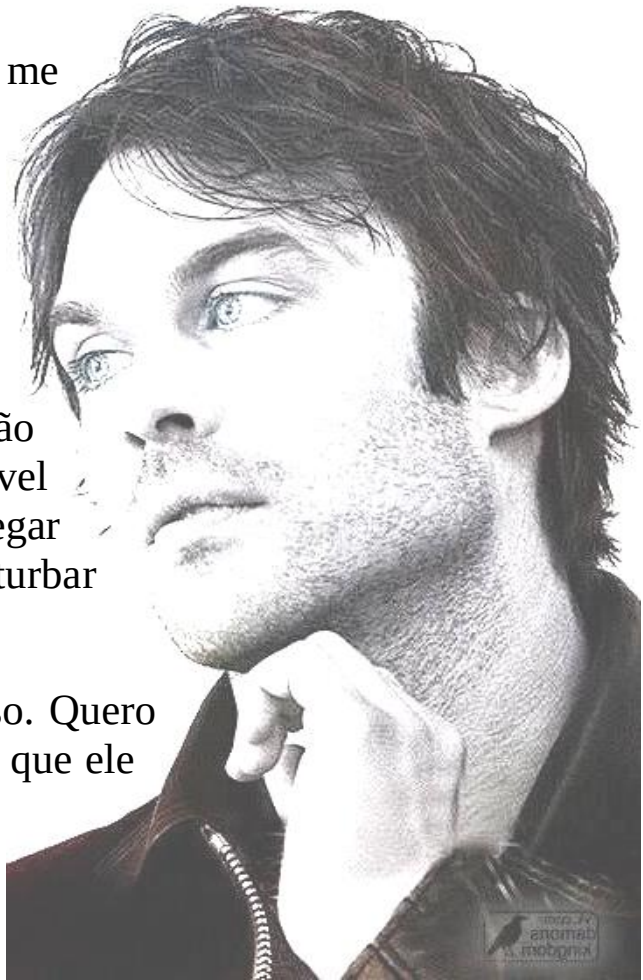
— Simon... – eu sussurro quando ele me deixa tomar ar.

— Não fale. – ele ordena e volta a me beijar.

Jesus.

A autoridade dele vai me matar. Estou tão molhada agora. Eu gemo com o quanto sensível estou. Estou quase tentada a soltá-lo e esfregar minha boceta. Desavergonhadamente se masturbar enquanto ele me cura.

Ou melhor ainda, pedir para ele fazer isso. Quero enfiar a mão dele entre minhas pernas e pedir que ele





me toque lá.

Quase posso ver isso.

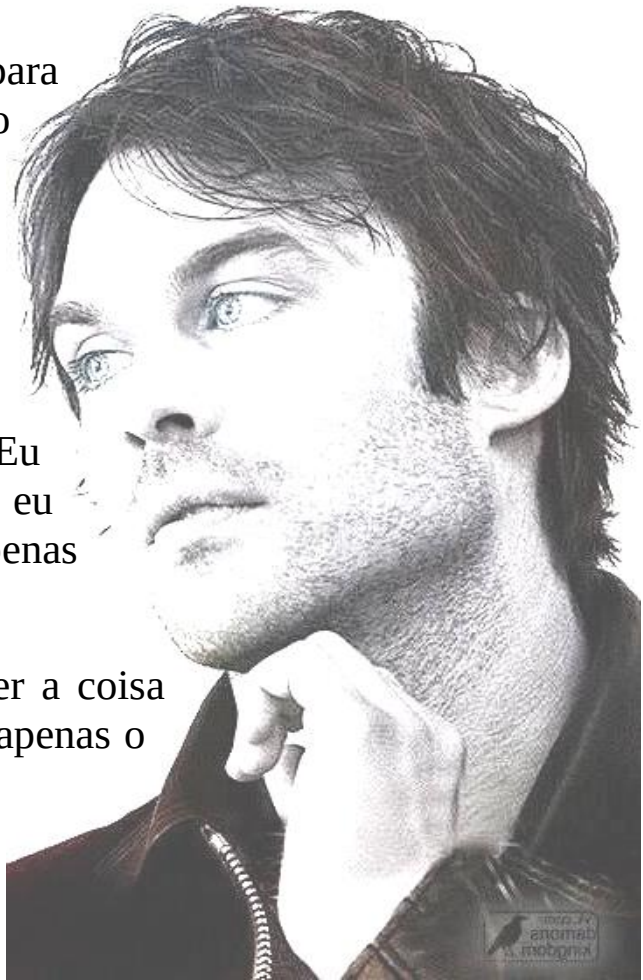
Eu quase posso sentir sua mão grande entre minhas pernas, seus dedos acariciando meu clitóris e tocando minha boceta. Eu quase posso me ver montando em seus dedos, apertando-o como faço com o meu travesseiro. Vou encharcar o pulso dele; Eu sei disso. Vou gozar na palma da sua mão quando a minha calcinha estiver gozada e ele vai me ver fazer isso.

Mas como posso ser egoísta e pedir que ele esfregue minha boceta quando ele está me fazendo sentir tão bem? Eu preciso fazê-lo se sentir bem também. Eu preciso dar a ele alguma coisa. E então, eu sei como. Eu o sinto. Na minha barriga.

O pau dele. Sua excitação grossa e dura pressionando meu corpo.

E ele está duro. E quente. E tão grande. Como um cachimbo ou algo assim. Isso me faz sentir tão pequena, menor e mais feminina do que jamais me senti.

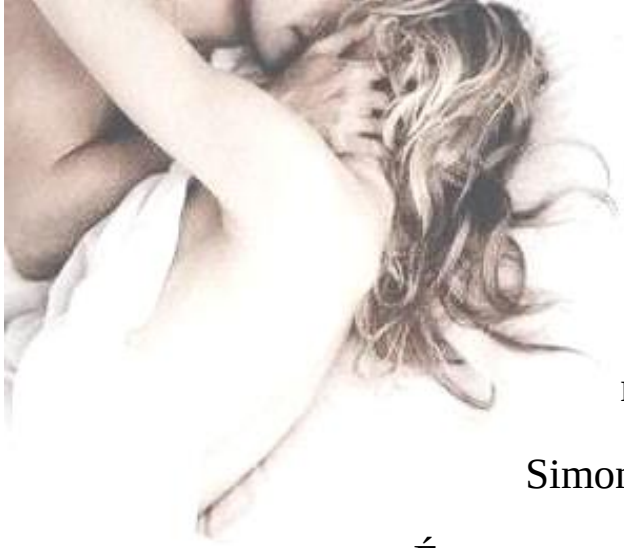
Então eu me movo contra ele.



Eu esfrego minha barriga para cima e para baixo em seu comprimento duro enquanto aperto as minhas coxas pela milésima vez desde que ele começou a me beijar. Isso faz com que seu pau lateje. Pulse. Como se estivesse vivo também, assim como minha boceta.

Nunca vi um pau antes, não na vida real. Eu toquei um, com certeza. Mas foi quando eu estava no segundo ano e meu namorado era apenas um menino.

Simon é um homem e seu pênis deve ser a coisa mais masculina que eu já experimentei. E eu apenas o



toquei através das camadas de roupa e com a minha barriga. Eu ainda me movo para cima e para baixo, quase tocando-o com o vale dos meus seios.

Simon geme na minha boca.

É como se eu o estivesse masturbando com o meu corpo. Com a minha barriga macia e seios pesados. Eu sempre os odiei, mas se o meu corpo gordinho pode lhe trazer prazer, sou a favor.

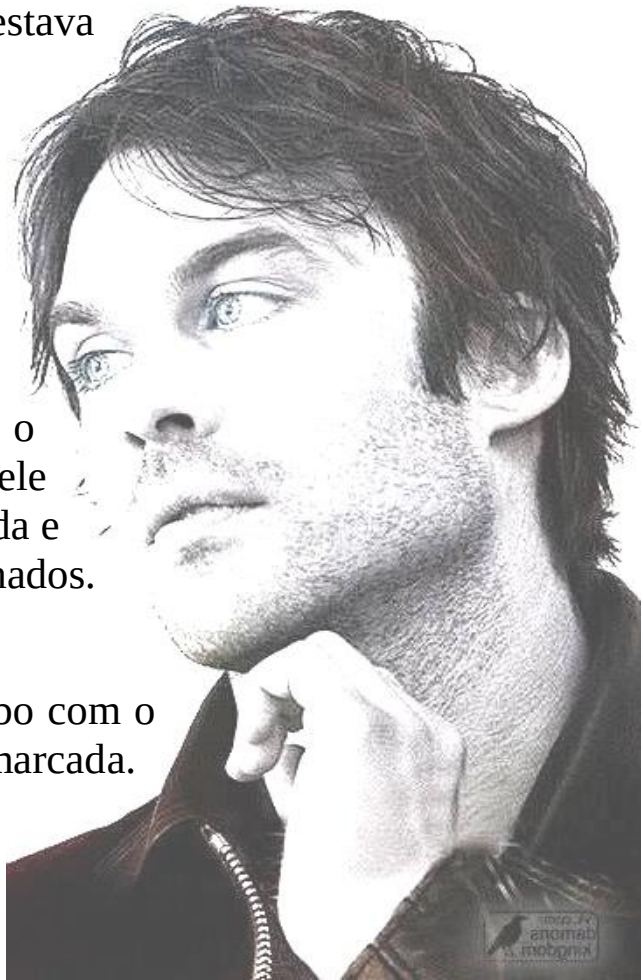
Eu me pergunto se posso fazê-lo gozar assim.

Eu quero fazê-lo gozar. Orgasmos sempre me fazem feliz. Eles devem fazê-lo feliz também. Então, sim, quero que ele goze e seja feliz. Como eu estou.

Seja feliz por mim, Simon.

Mas então ele afasta a boca e meus olhos se abrem. Não sei quando eu os fechei.

Um gemido se forma na base da minha garganta e eu quero perguntar a ele o que aconteceu. Ele não gostou? Eu estava tentando fazê-lo se sentir bem.



Abro a boca para perguntar quando ouço vozes. Passos e risadinhas.

Alguém está dizendo que vai ver se o Dr. Blackwood está ou não.

Meus olhos se arregalam quando eu o encaro. Ele está rígido. Corado. O cabelo dele está uma bagunça. Sua camisa está desarrumada e os seus lábios estão vermelhos e inchados. Brilhando com os meus beijos.

É como se ele estivesse marcado e percebo com o latejar dos meus lábios que também estou marcada.



Nós dois nos marcamos com nossa luxúria e agora as pessoas vão descobrir.

— Simon...

Eu paro quando ele pega a minha mão e me empurra para o lado. Minhas costas vão contra a parede, perto da porta e eu o encaro com medo apenas quando a batida chega.

Com a mandíbula rangendo, ele diz para quem está batendo: — Só um segundo.

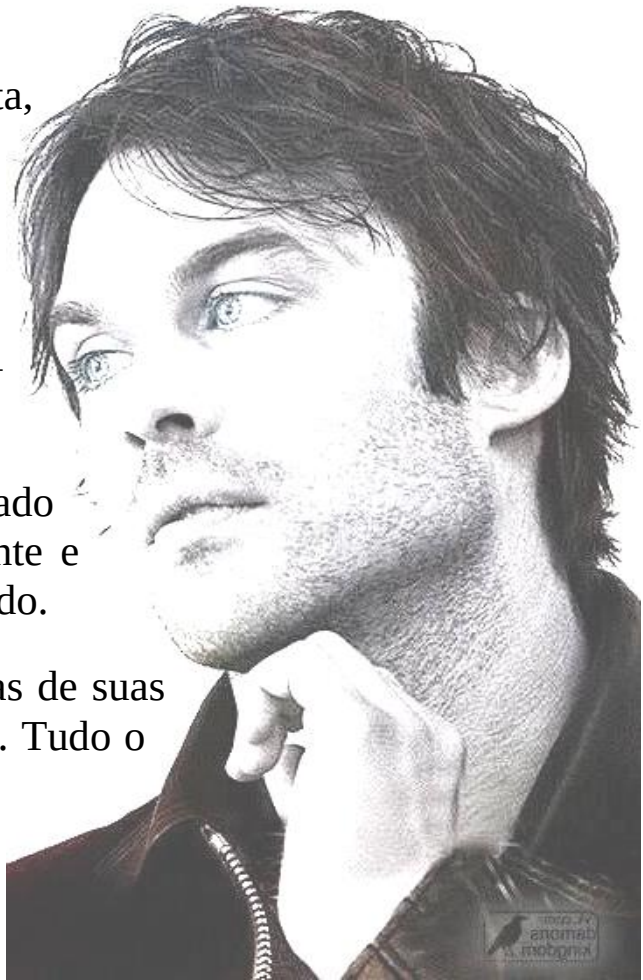
Sua voz parecia calma, mas o seu peito ainda está respirando freneticamente.

Seus olhos ainda estão selvagens e em mim.

— Eu estou...

Não sei o que eu ia dizer, mas Simon não espera para ouvir.

Ele solta meu braço e se vira. Eu vejo suas costas maciças subindo e descendo com grandes respirações, os dedos passando pelo cabelo, antes de endireitar a camisa.



Por fim, ele caminha em direção à porta, abrindo-a com um clique.

— Interrompi alguma coisa? – pergunta uma enfermeira.

— Não. Eu estava apenas no telefone. – diz ele.

Eu não consigo vê-lo. Ele está bloqueado pela porta, mas ele soa como sempre. Paciente e calmo. Eu, por outro lado? Estou enlouquecendo.

Meu coração não para de bater, e algumas de suas palavras ficam confusas quando me alcançam. Tudo o



que posso entender é que ela quer que ele assine alguma coisa, mas ele sugere que ele dê uma olhada no inventário primeiro. O que quer que isso signifique.

E então eles se foram. Simon sai, fechando a porta atrás dele, levando a enfermeira com ele.

Solto um suspiro de alívio. Embora eu esteja tão cheia de adrenalina pelo beijo e em tudo, Simon Blackwood, que a visão é mais como uma respiração pintada.

Sei por que ele saiu com a enfermeira. Ele estava me dando uma chance de escapar, sem ser descoberta.

Mordendo o lábio, faço exatamente isso. Eu caminho silenciosamente até a porta e a abro para olhar lá fora. O corredor está vazio e a enfermaria no final só tem algumas pessoas.

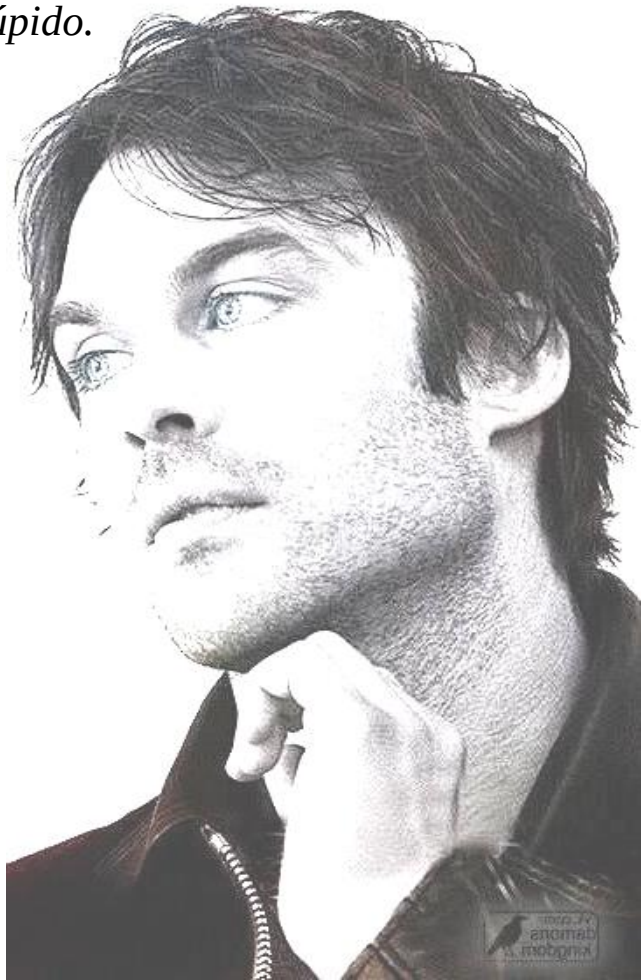
Graças a Deus.

Rapidamente, saio da sala e me afasto de seu consultório.

O que estávamos pensando? Isso foi estúpido. Tão idiota.

Deus.

Mas, por alguma razão, não consigo parar meu coração batendo e o sorriso nos meus lábios.





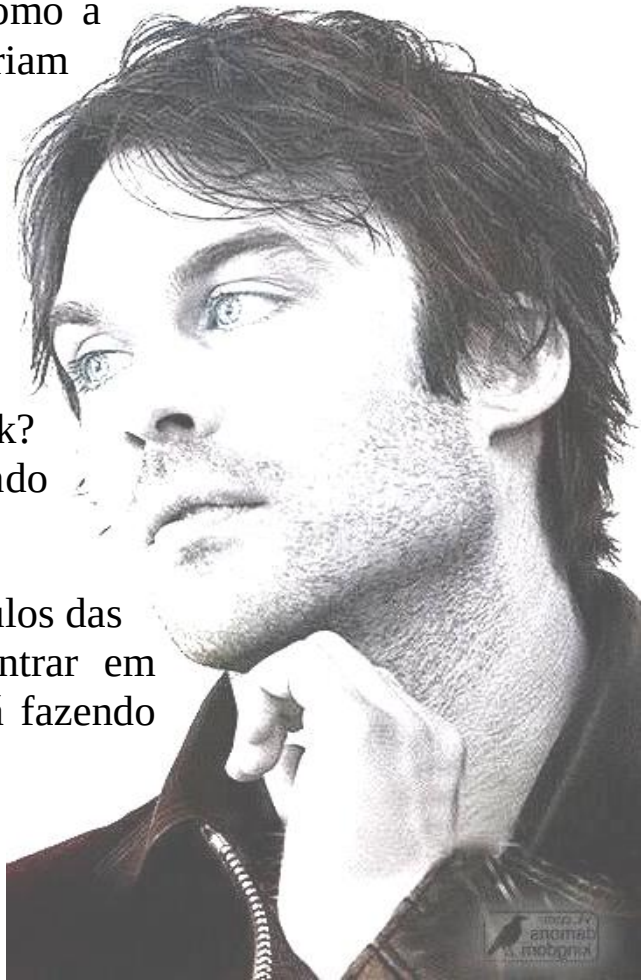
Capítulo Quatorze

— Deus, eu não fui feita para isso. – eu quase gemo com o meu corpo se contorcendo de maneira que não achava possível.

— Cale-se. Todo mundo é feito para a ioga. – diz Renn, curvada exatamente da mesma maneira, de frente para mim. Para ela, porém, a pose parece fácil.

— Eu não. O que é isso? – eu levanto, tentando encontrar o meu equilíbrio antes que minhas costas desabem sobre mim. — Por que estou com as mãos e nos pés? Por que estou... – eu perco o fôlego por um segundo. — De cabeça para baixo? Isso não é natural. Ah Deus, sinto a gelatina de limão no fundo da minha garganta.

— Você é uma rainha do drama. Isso é chamado de cachorro olhando para baixo. – Renn revira os olhos. — É como a pose de ioga mais básica. As crianças poderiam fazer isso.



— Pareço uma criança para você? – eu engulo, mas a gravidade está trabalhando contra mim. — Eu não acredito que deixei você me puxar para isso.

— Exercício é bom. Isso é saudável, ok? Estamos sendo saudáveis. Estamos sendo produtivas em nossos dias.

Fecho os olhos com força e com os músculos das panturrilhas provavelmente começando a entrar em erupção e em chamas. — Cale-se. Você está fazendo



isso apenas porque acha que está ganhando peso.

É verdade. Hoje de manhã, Renn bateu na minha parede para me dizer que sua blusa favorita está apertada em torno dos seios. Ela chamou de axila e busto gordo.

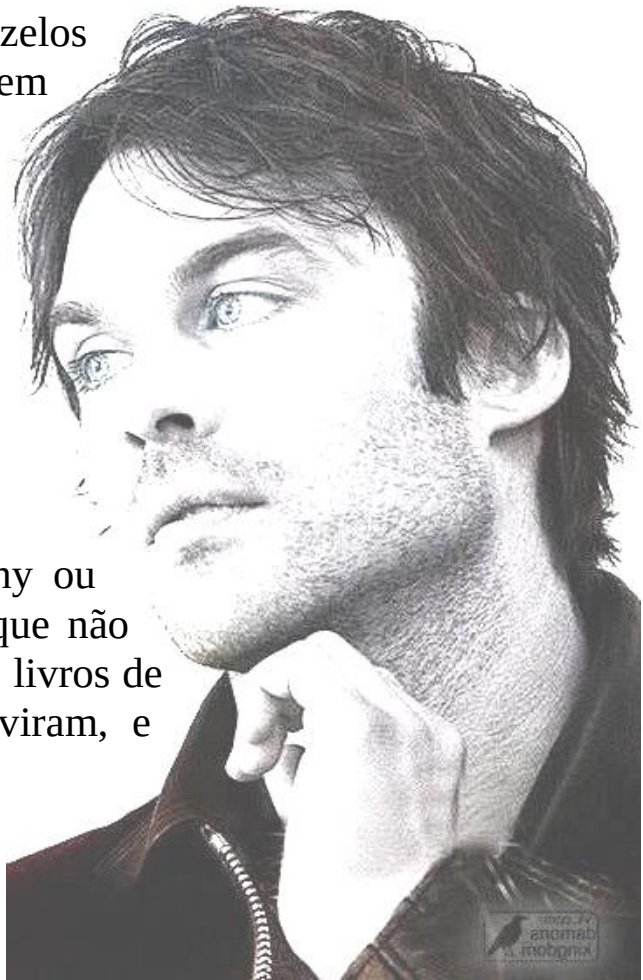
— Minhas roupas não servem. – ela praticamente grita. — Isso é um desastre, Willow. Fico ansiosa quando as minhas roupas não cabem. Então, cale-se. Estamos fazendo isso.

Minha garganta está secando e eu sinto que vou desmaiar no chão. O sol não está ajudando. Eu odeio o sol. *Odeio.* Os raios estão me perfurando como agulhas, me fazendo formigar e suar.

— Eu não posso... Não consigo respirar. – eu digo novamente e sopro na minha franja.

— Você acabou de fazer isso, sua idiota. Apenas mantenha a pose por alguns segundos. Você não gosta da queimação nos músculos? Em seus tornozelos. Sinta a queimação nos seus tornozelos.

— Não me importo com meus tornozelos estúpidos. – ranjo os dentes e o suor entra em meus olhos. — Eu estou morrendo. *Morrendo.*



Renn solta o ar, descartando minha preocupação. — Como quiser.

Eu bufo. — Deus, eu te odeio agora.

Eu odeio. A mim também.

Por que eu não estou lendo como Penny ou alimentando os pássaros como Vi? Ou por que não estou na biblioteca, lendo uma dúzia de novos livros de Harry Potter? Sim. Eles finalmente me ouviram, e



agora a biblioteca tem toda a série de Harry Potter. *Isso não é maravilhoso?*

Mas, em vez de acariciar esses livros e cheirar suas páginas, estou aqui. Por quê? Eu não tenho ideia. Eu nem sei como me envolvi nisso. Exceto que Renn me disse algo no café da manhã e eu disse que sim sem ouvir, pois estava perdida em minha própria cabeça. Então aqui estou. *De cabeça para baixo.*

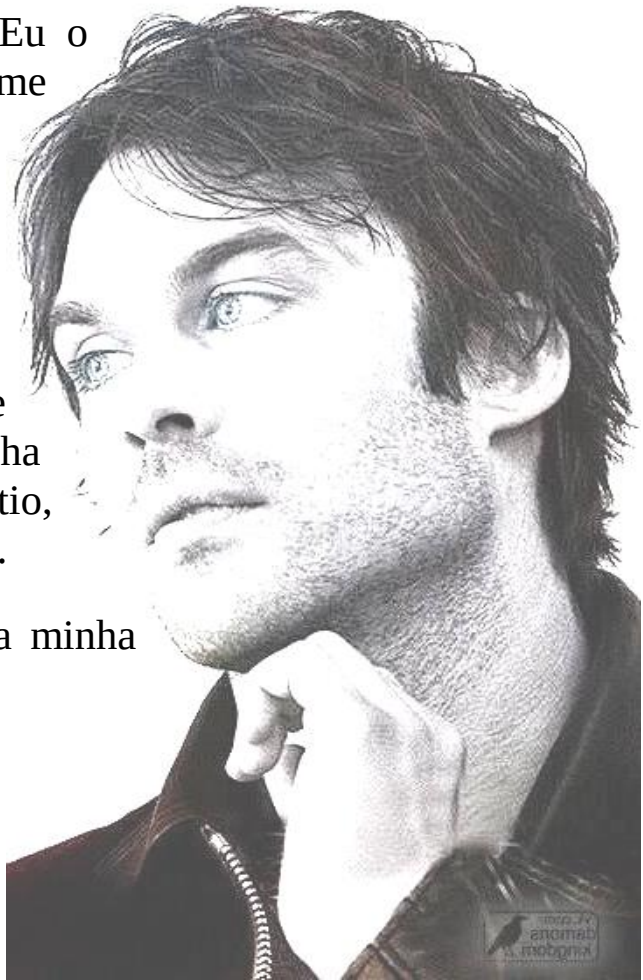
Tudo porque Simon Blackwood me beijou.

E então ele fugiu.

Bem, ele me deu tempo para escapar sem ser vista, mas ainda assim. O que significa ele ter me beijado? Isso significa que ele gosta de mim agora? Ele sempre gostou de mim? Por que ele disse não ao encontro, então? O que aconteceu entre nós?

Droga.

Todas essas perguntas estão me deixando tonta e essa ioga estúpida não está ajudando. Continuo repetindo isso na minha cabeça. Ele me beijou. Nós nos beijamos. Eu o provei. Ele me provou. Eu o toquei. Ele me tocou. Eu senti sua excitação. Eu quase o masturbei com a minha barriga.



Ele me curou com a boca.

Não consigo parar de pensar nisso particularmente. Como os seus lábios me fizeram sentir mais feliz do que nunca em minha vida. Seu beijo foi uma dose enorme de lítio, iluminando os lugares escuros do meu cérebro.

Isso é o que sonhei quando adormeci na minha cama na noite passada.



Ele me iluminando, afugentando a escuridão sendo apenas ele.

Meu herói particular. Criado apenas para mim.

Acordei esta manhã com as minhas mãos presas entre as pernas e minha calcinha empurrada para o lado, pensando nele.

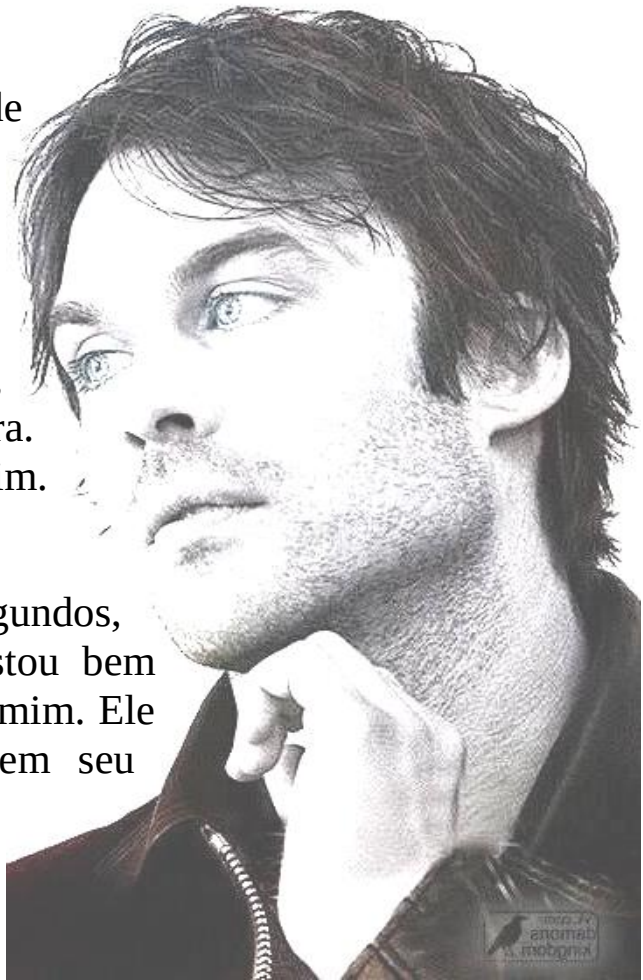
Mas então, quase fomos pegos.

Ah Deus, meu coração ainda acelera pensando nisso. Essa batida é o tipo de som que nunca esquecerei.

Eu não o vi desde então, e não sei o que aquilo significou. Eu o procuro para que nós possamos conversar sobre isso? Para que possamos descobrir isso? Ou vou vê-lo para a nossa sessão esta noite?

O que eu deveria fazer?

Meus pensamentos param quando vejo sapatos de bico finos na minha linha de visão. Instantaneamente, pulo da minha posição distorcida, mas eu esqueci a tontura e fico com uma sensação de cabeça enfraquecida, quase caindo.



Mas uma mão no meu pulso me impede de cair.

— Você está bem? – Simon pergunta, me levantando.

Eu pisco, ajustando meus olhos ao sol, mesmo estando sob ele há quase uma hora. Soprando a minha franja, eu aceno. — Sim. Obrigada.

Ele me observa por alguns segundos, provavelmente certificando-se de que eu estou bem antes de me soltar. Ele não desvia o olhar de mim. Ele me observa como estava fazendo ontem em seu



consultório, só que hoje, o seu olhar parece um peso.

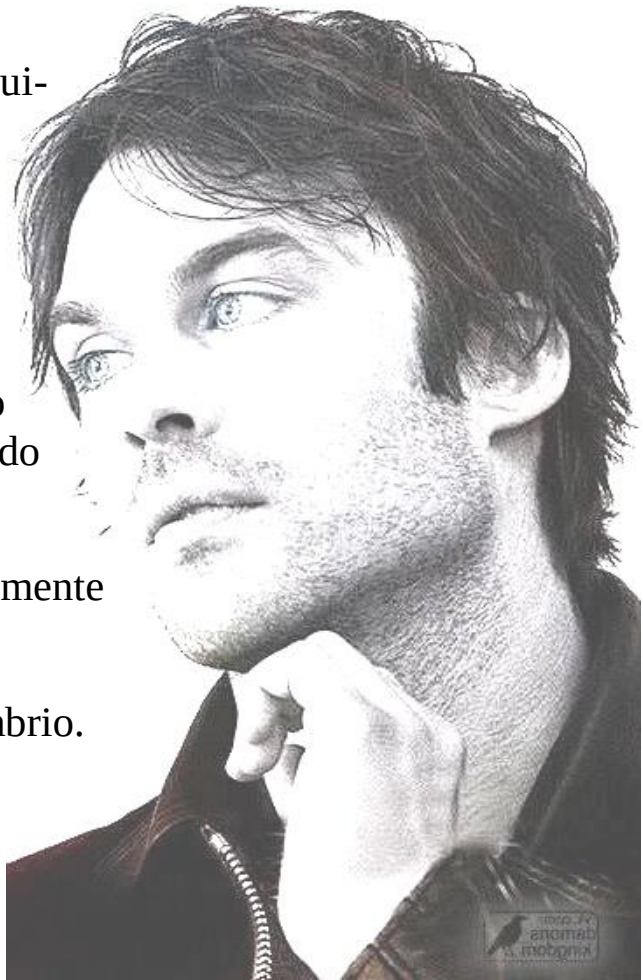
Uma coisa física. É como se isso fosse tudo o que ele pudesse fazer: observar. E nada mais. Então, ele está investindo toda a sua intensidade nisso.

— Oi. – digo, acenando com a mão, esperando que ele diga alguma coisa e rezando para que não pareça que estou olhando para os lábios dele.

Porque eu estou. Sob a luz direta do sol, seus lábios estão brilhando. Parecem ainda mais macios. *Eu realmente os tive ontem? Ele realmente me beijou?* Eu lambo meus próprios lábios como se seu sabor ainda permanecesse lá.

Seu olhar move para o meu movimento e ele dá um passo para trás, dizendo: — Podemos conversar por um segundo?

Mordo o meu lábio então, me sentindo apreensiva, e suas narinas se abrem. Quase com raiva, ele dá alguns passos à frente, sem esperar pela minha resposta.



Bem, isso foi rude. Quase não quero segui-lo, mas quem eu estou enganando?

Obviamente vou segui-lo. Eu sempre o seguirei.

E eu sigo. Estamos longe de Renn e da multidão, de pé debaixo da árvore, mas o alívio que devo sentir depois de sair debaixo do sol não está lá.

Estou desconfortável. Extremamente desconfortável.

— Eu tenho algo para você. – diz ele, sombrio.



— Para mim?

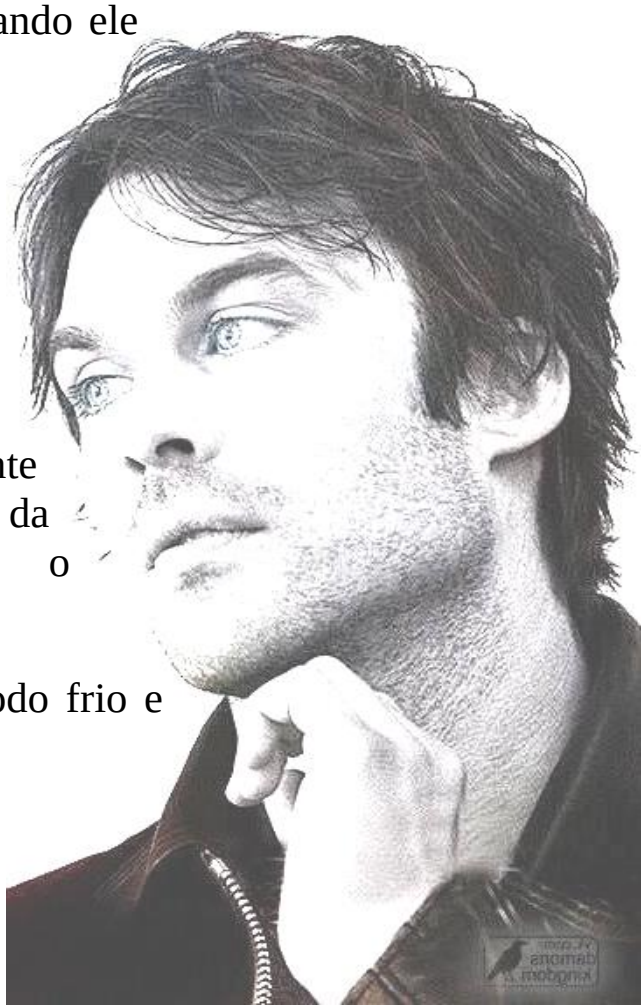
— Aqui. – ele me dá o meu livro antigo de Harry Potter que eu deixei em seu consultório no dia da Confissão. — Eu o reparei para você. – eu olho para ele, seu rosto suave e sem expressão, e depois para o livro. Eu nem estava pensando nele. Eu não tenho pensado nele. Eu deveria estar cheia de gratidão por ele ter pensado em mim e neste livro, e eu estou.

Mas também estou um pouco nervosa. Muito nervosa, na verdade.

Pegando-o, eu o agarro ao meu peito, abraçando-o. — Obrigada. Você não precisava fazer isso.

Ele observa meus movimentos, me olhando enquanto eu abraço o meu livro com meus braços e enfia as mãos nos bolsos. As mãos que ele colocou em mim ontem, por sua própria vontade.

Eu posso senti-las sobre o meu pulso na lateral do meu pescoço. Também posso senti-las no meu cabelo, apertando os fios. Meu coração dispara quando meu couro cabeludo formiga. Por que todas as partes do meu corpo já estão acostumadas com ele quando ele só me tocou uma vez?



É mágica. É tortura, porra.

— Aquilo foi um erro.

Ele não precisa definir o que é. Eu sei a que ele está se referindo.

E eu odeio isso. Odeio saber imediatamente o que ele quer dizer. Eu nem entendo o atraso da compreensão. Não consigo entender o conhecimento. Eu já sei.

— Foi? – pergunto com o meu corpo todo frio e suado ao mesmo tempo.



— Sim. – Os ângulos de seu rosto são nítidos, definidos e implacáveis. — Foi um grande erro da minha parte. Aquilo nunca deveria ter acontecido. Eu fui anti-profissional. E isso era uma linha que nunca pretendi cruzar.

— Mas você cruzou.

O remorso aparece em seus traços, ao lado de outra coisa. Algo como raiva. De si mesmo?

— Sim. E por isso sinto muito.

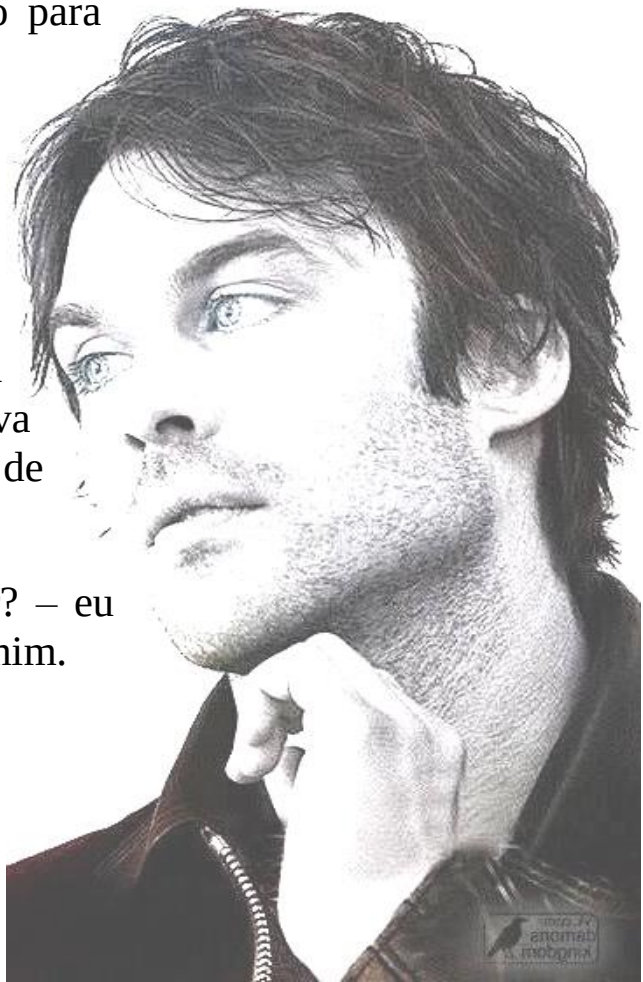
— Você sente muito?

— Eu entenderia se você quisesse dizer isso para Beth.

— Você entenderia?

Estou ciente de que pareço um papagaio. Um papagaio idiota. Mas não sei mais o que dizer. O que mais pensar além desse profundo sentimento de traição.

— Sim. Cometi um erro e estou pronto para enfrentar as consequências, se for preciso.



Estou tão irritada.

Deus.

Tão irritada. Enquanto eu estava sonhando com o seu beijo, ele estava pensando em quanto de um erro foi. Ele estava pensando na melhor forma de se aproximar de mim e se desculpar.

— Esta é a sua maneira de se desculpar? – eu mostro o livro, o livro que ele restaurou para mim.



Ele assente, parecendo sombrio.

— Você ficou acordado à noite, o restaurando?

— Sim.

Balanço a cabeça, abaixando o livro estúpido. Eu odeio esse livro estúpido. Eu quero pegá-lo e rasgá-lo. Arruinar todo o seu trabalho duro.

— Por que você me beijou? – pergunto, rangendo os dentes.

Simon não gosta desta pergunta. Seus olhos cinzas brilham com raiva, praticamente exaltação. Paciência. Ele me fez uma tonelada de perguntas que eu não gostei. Mas eu respondi a cada uma delas. Quero ver se ele vai dizer a verdade ou se mentirá.

Vamos, Dr. Blackwood.

— Insanidade temporária. – ele responde. — Aquilo foi um erro. Uma insensatez.

— Certo.

Beijar-me foi uma loucura temporária.

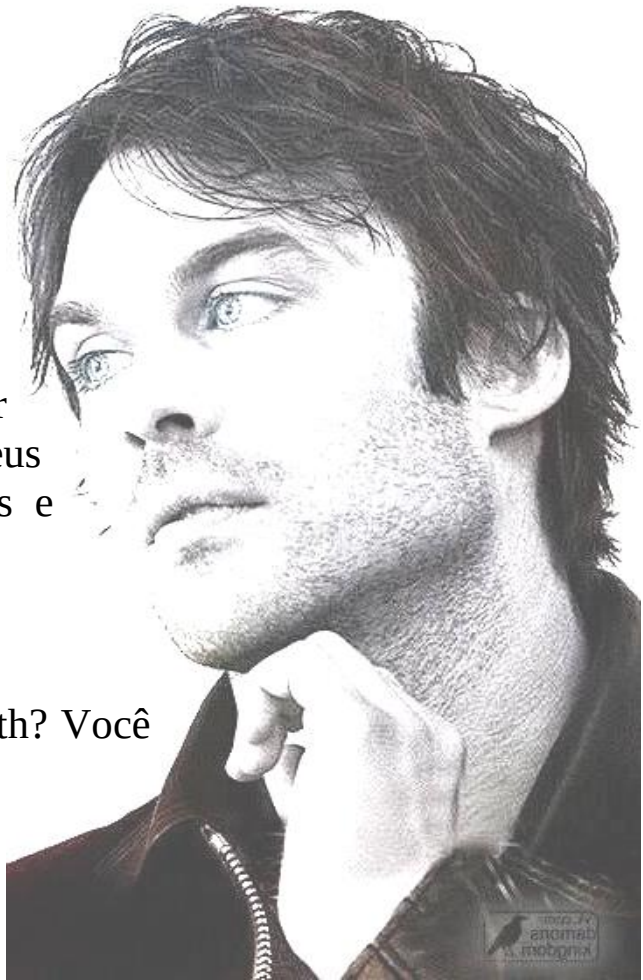
Ótimo.

Maravilha.

Isso inflama minha raiva. Inflama ao ponto em que tudo o que posso fazer é forçar um sorriso e assentir. E fazer de garras os meus dedos e cravá-los no livro. Unhas estúpidas e contundentes.

Maldito livro estúpido.

— O que aconteceria se eu contasse a Beth? Você





seria demitido?

Você foi demitido do seu último emprego por algo assim também?

Eu não pergunto isso. Mas isso passa pela minha mente.

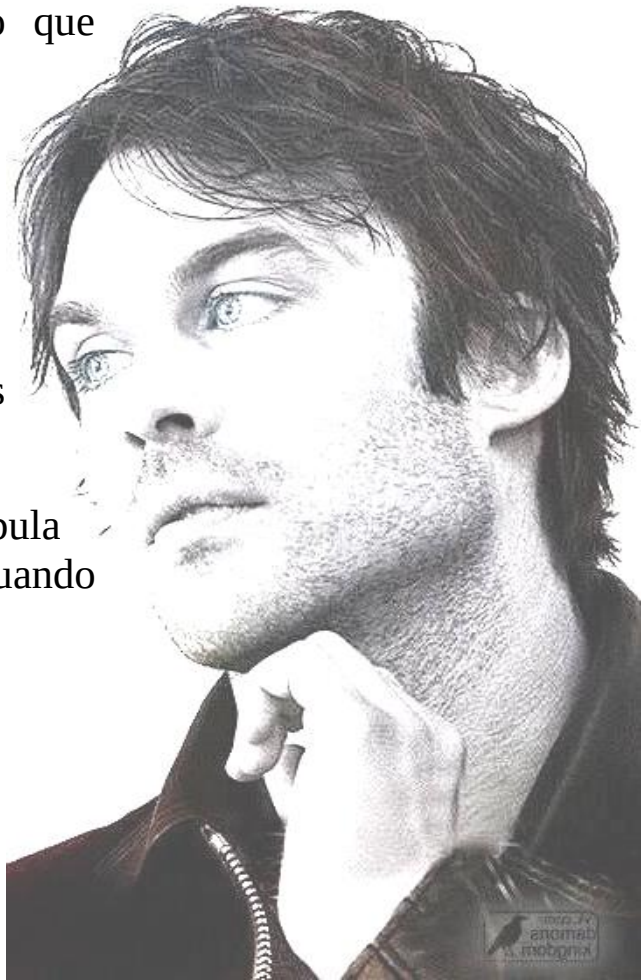
E tenho o direito de pensar, porque vamos ser sinceros, quase não sei nada sobre ele. Tudo o que sei é baseado em meus sentimentos, não em fatos. Eu ainda me sinto culpada. Sinto nojo por ter essa dúvida sobre ele.

Deus, eu estou confusa. E ele é um idiota.

— Haveria uma investigação, se prestasse as acusações formais. O conselho teria que se envolver.

Estou tentando ler o rosto dele. O sol é tão brilhante que todas as nuances dele estão visíveis. Ao contorno dos lábios, o canto dos olhos, as linhas ao redor da boca. Estou tentando ver se algum deles trairia o homem a quem eles pertencem.

Mas não. Nada. Ainda não entendi o que aconteceu com ele em seu trabalho anterior.



Eu ainda não sei nada dele.

— Bem, então eu te absolvo. Aquilo foi uma loucura temporária, não foi? Todos cometem erros. Isso não significa que você tenha que passar por uma investigação apenas por um beijo.

Seus olhos entreabertos e a sua mandíbula tensa são as últimas coisas que vejo dele quando vou embora.

Eu retiro o que eu disse.



.....

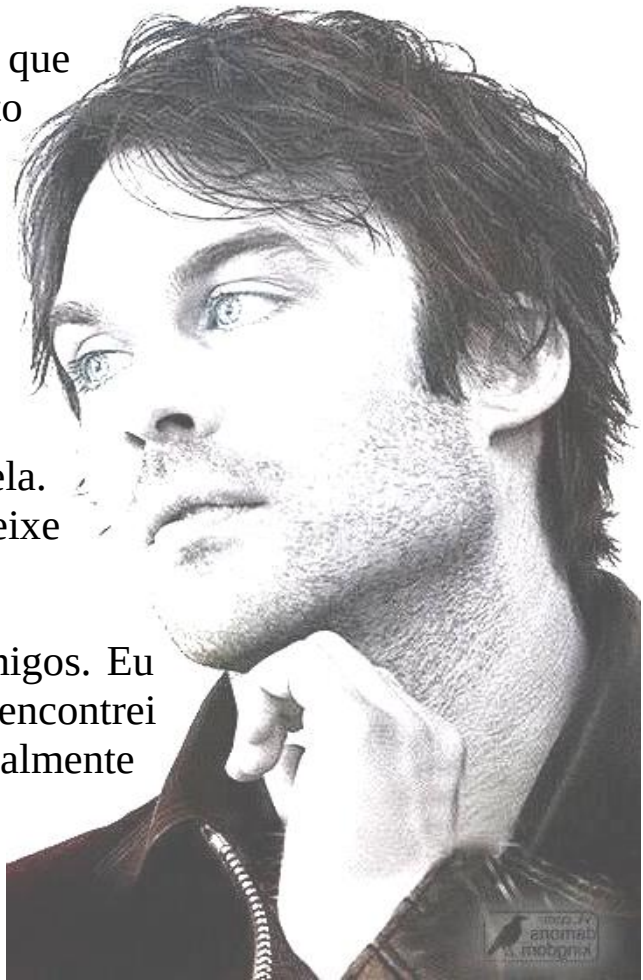
Eu costumava ter um peixe dourado de estimação.

O nome dela era Hedwig, em homenagem à coruja branca real de Harry Potter. Minha mãe a comprou para mim no meu aniversário de doze anos, e eu amei Hedwig um bocado.

De fato, por muito tempo ela era minha única amiga, além da minha mãe. Uma noite, eu não consegui dormir e eu continuei conversando com Hedwig, contando a ela tudo o que eu gostaria de fazer, mas nunca consegui encontrar energia para isso. E de repente, isso me atingiu.

Ela nunca respondeu. Simplesmente circulou o aquário de vidro várias vezes, com seus olhos intermitentes e boquiaberta. Pensei que talvez fosse esse o jeito dela de se comunicar e eu não fosse capaz de entender. Assim como ela não era capaz de me entender.

O que diabos estava fazendo com ela, então?



Na manhã seguinte, decidi libertá-la para que pudesse encontrar seus amigos. Não era justo que eu a mantivesse quando ela pudesse ter uma chance de conhecer pessoas como ela. Pelo menos uma de nós deveria ser feliz.

Estou sentindo falta de Hedwig hoje à noite.

Eu me pergunto o que aconteceu com ela. Ela está viva? Quantos anos vive um peixe dourado, afinal?

Espero que ela tenha encontrado seus amigos. Eu quero dizer a ela que eu também. Finalmente encontrei meus amigos. Meu tipo de pessoas. Finalmente



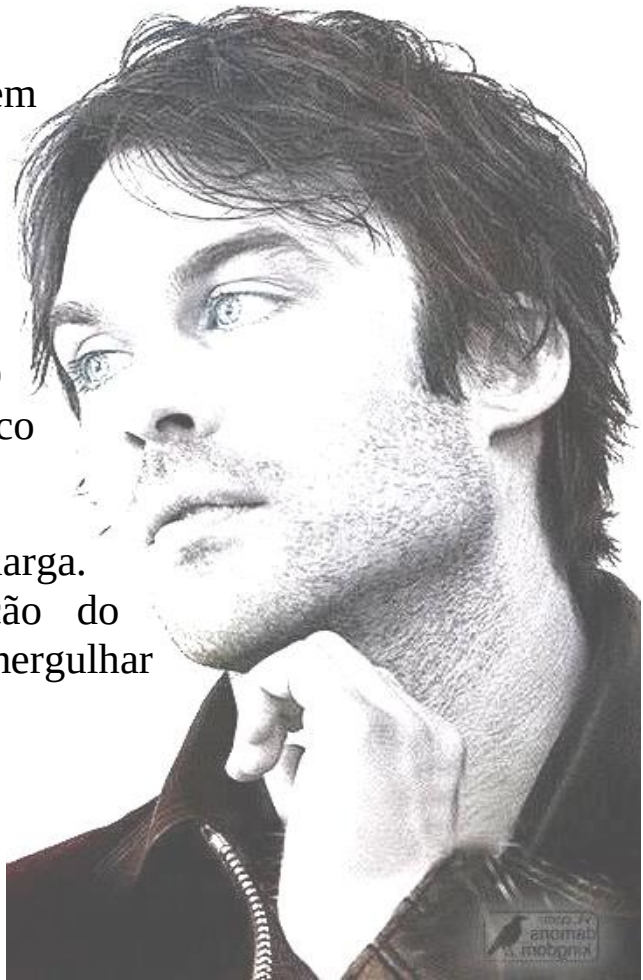
encontrei um homem também. Ele é gentil, sexy e tão bonito. Ele se parece com um rei e beija como uma fera.

Mas ele acha que nosso beijo foi um erro.

Estou observando a chuva da minha cama, com os meus joelhos encolhidos e minhas costas encostadas na parede. O livro que ele restaurou para mim está no meu colo e o estou abraçando, como se fosse um abraço. A enfermeira da noite que faz verificações de hora em hora acaba de sair. Ela me viu pela janela quadrada da porta e me encontrou acordada, então ela parou para uma pequena conversa. Tenho certeza de que apresentará seu relatório de que eu não estava dormindo, mesmo tomando remédios para dormir, e alguém ouvirá sobre isso.

Tanto faz. Eu não ligo.

Estou desenhando com o dedo formas na janela embaçada. Eu me recuso a escrever o nome dele, mesmo que seja o que eu quero fazer. Eu me recuso a ser tão patética. Pelo menos esta noite. Imagino que haverá muitas noites solitárias para mim no futuro. Estou guardando a pena para mais tarde.



Eu observo da janela a chuva caindo em gotículas. Há uma tempestade esta noite, volumosa e forte.

Mesmo que os sons do lado de dentro sejam abafados pelos sons do lado de fora, ainda ouço a porta do meu quarto se abrir. O ar dentro das quatro paredes muda e eu pisco meus olhos para ver quem é, aterrorizada.

A forma em pé na minha porta é alta e larga. Está quase bloqueando a fraca iluminação do corredor, fazendo meu pequeno quarto mergulhar principalmente na escuridão.



Mesmo assim, eu posso dizer quem é. Sou patética, afinal, porque memorizei a silhueta do corpo e o cheiro da chuva.

Simon Blackwood.

O que... Estou sonhando? Eu o conjurei?

Estou encolhida junto à parede, agarrando meus joelhos, tentando respirar, ou melhor, não respirar tão rápido. Se eu estou sonhando, isso deve ser um pesadelo. Por que mais ele viria aqui, se não para me torturar, atormentar e me matar?

Sem se virar, ele fecha a porta atrás de si. O clique suave é chocante que tenho que entender que isso é a vida real.

Ele realmente está aqui. Dentro do meu quarto. No meio da noite.

— O que você está fazendo aqui? – sussurro, jogando o livro de lado, pulando da cama.

— Você não apareceu para a nossa sessão hoje à noite. – diz ele em voz baixa.

Uma voz que me faz pular.

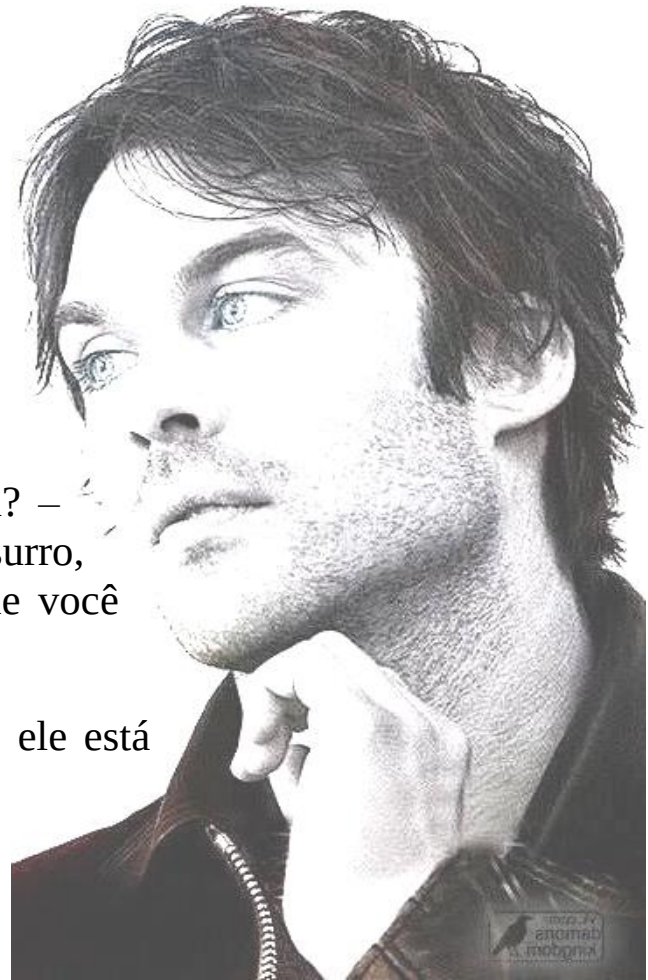
Mesmo que a chuva lá fora seja caótica, sua voz parece mais alta. Parece uma declaração de algum tipo.

Uma proclamação de que ele está aqui.

Puta merda.

— O que diabos você está fazendo aqui? – eu repito minha pergunta, embora em um sussurro, ignorando sua afirmação. — Quem disse que você poderia entrar no meu quarto?

Tecnicamente, não é a primeira vez que ele está





aqui. A última vez foi em plena luz do dia e todo mundo sabia que ele estava no meu quarto. *Ele não se lembra?* Beth nos viu. Sem mencionar que, quase fomos pegos beijando em seu consultório.

Um beijo estúpido e fenomenal.

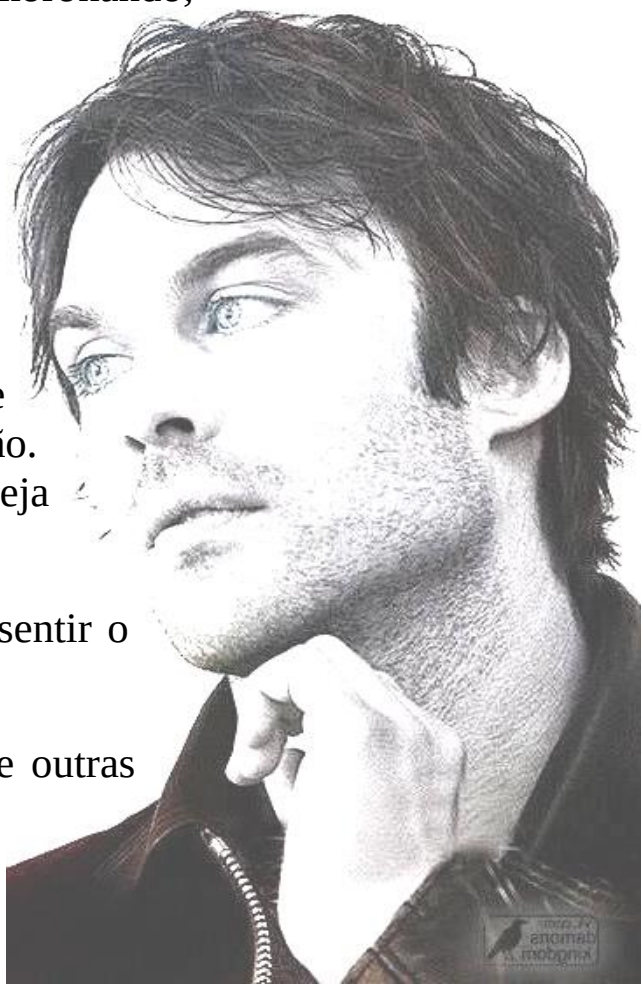
Simon dá um passo em minha direção e meus olhos vão para a pequena janela na minha porta. Estou meio que esperando ver uma enfermeira da noite indignada ou até mesmo Beth ali, espiando por dentro, tirando todas as conclusões - conclusões erradas - sobre sua visita inesperada.

— Eu estava esperando por você.

— O que?

— Por que você não apareceu?

— O que... Eu não... – ele se aproxima de mim e desta vez ouço um rangido que me faz pular. — Ah, meu Deus. Pare. O que está fazendo? Não se mexa. Esse maldito hospital está desmoronando, ok? Apenas não se mexa.



Claro, que ele não escuta.

Claro, que ele quer me matar. Isso é o que significa.

Ele está aqui para me matar. Ele é um assassino. Eu não deixaria isso para lá porque ele já está roubando meu ar. Ele já é um ladrão. Há uma alta probabilidade de que também seja um assassino de coração frio.

Ele continua andando mais perto até eu sentir o calor irradiando de seu corpo.

Deus, ele é quente. Em temperatura e de outras



maneiras. Mas não estou pensando nas outras maneiras agora.

Eu não estou.

— Você acha que isso é um jogo? – ele retruca.

— O que?

Olho para ele, tentando discernir sua expressão. Não há luar hoje à noite; a chuva está cobrindo cada centímetro do chão e do céu. E a luz do corredor é fraca, para não mencionar que, este homem imprudente no meu quarto está bloqueando-o com seus ombros gigantes. Então, eu realmente não consigo ver nada além de seus brilhantes olhos no escuro e o contorno sombreado de seu rosto.

— Responda-me, Willow. – ele ordena. — Você acha que isso é um jogo? Você acha que sua saúde é um jogo?

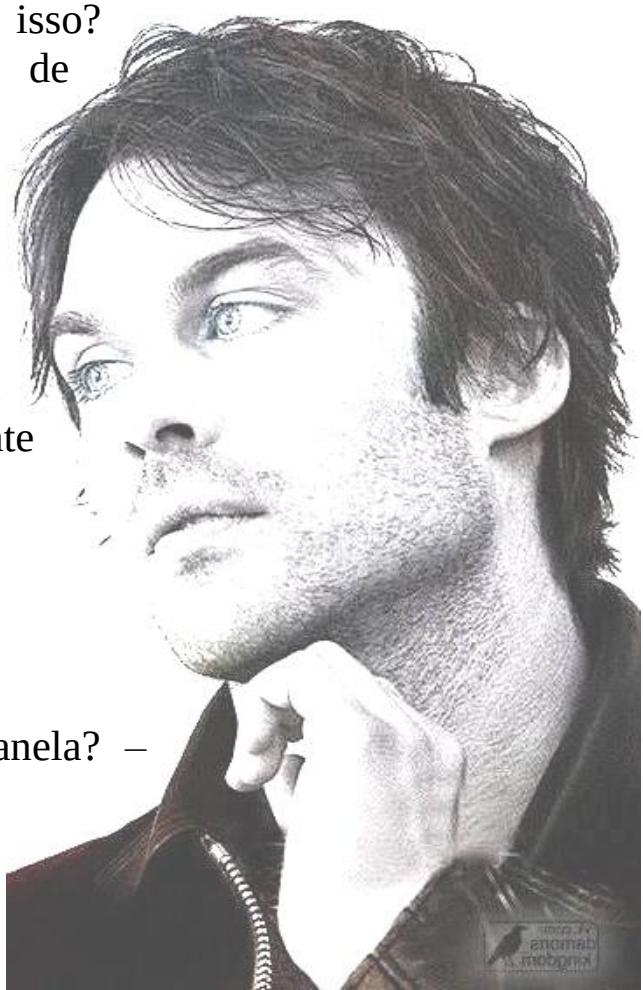
— Claro que não.

— Então, por que diabos não apareceu na sessão?

Ele está realmente me perguntando isso? Depois que ele colocou uma cláusula de 'insanidade temporária' em mim?

— Porque eu não queria te ver. – retruco. — Você pode ir agora?

Eu juro que vejo um pulsar em sua mandíbula, como se ele estivesse com raiva. Então ele balança a cabeça, suspira bruscamente e pergunta: — Por que você estava chorando?



— O quê?

— Eu vi você pela janela.

— Você estava me espionando pela janela? –



sussurro, tentando me conter, enxugando as lágrimas que eu não sabia que estava derramando primeiramente.

— Espionando é uma palavra forte. Eu estava tentando verificar você.

Levanto minha mão em um gesto de *pare bem aí*, soprando na minha franja. — Eu nem quero abordar o fato de que essa é uma invasão grosseira de privacidade. Porque algo muito mais drástico está em jogo agora. Lembra do que aconteceu ontem no seu consultório? E antes disso? Beth nos viu. Há olhos por toda parte.

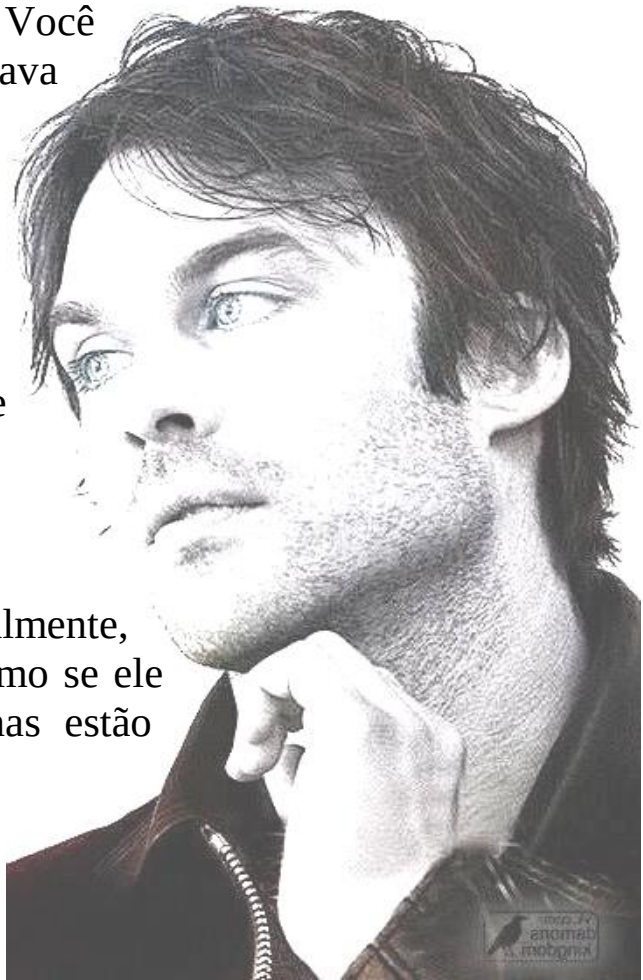
— Beth não está aqui.

— O quê? – eu balanço a minha cabeça com o seu comentário casual. — Somos verificados de hora em hora, caso você tenha esquecido.

— A enfermeira pensa que eu estou no armário de suprimentos e a verificação não será em menos de 56 minutos.

— Você tem contado?

Ele me ignora completamente e diz: — Você não respondeu minha pergunta. Por que estava chorando?



Eu suspiro, cansada, mas tão recarregada ao mesmo tempo. Eu sei que não vou conseguir dormir esta noite. Na verdade, nem estou pensando tão longe. Eu só estou pensando no agora. Como se não houvesse nada além dele e desse momento.

— O que isso importa para você?

Ele se inclina para mais perto e, finalmente, posso ver suas feições um pouco melhor. Como se ele tivesse saído das sombras. Suas sobrancelhas estão



franzidas e seu cabelo está espetado nos lados, me fazendo pensar que esteve passando os dedos por ele.

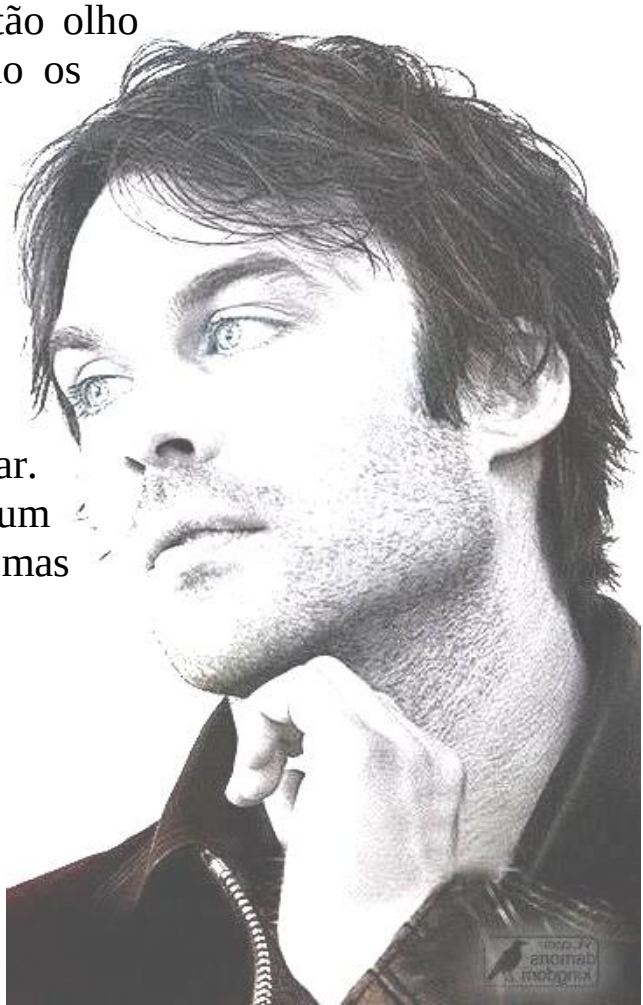
Estou quase chocada ao vê-lo assim, irritado e incomodado. Nada o incomoda, não pelo que vi. Ele é um bloco de gelo, mas não agora.

Hoje à noite, ele parece um homem glorioso, cansado, exausto, imperfeito e muito glorioso.

— Isso importa para mim porque você é minha paciente e perdeu a sessão, e agora está acordada à noite chorando. – Seus olhos brilham, perturbados. — É por isso que estou perguntando novamente. Por que estava chorando, Willow? Por que está acordada? Com Trazadone[6], você deveria estar dormindo profundamente.

Eu sou tão idiota que não consigo vê-lo assim. Não o vejo irritado. Deveria dizer a ele que estou chorando por causa dele. Eu não consigo dormir por causa dele. Porque ele me beijou e depois alegou insanidade temporária.

Mas como eu disse, sou uma otária, então olho para ele e digo a outra verdade: — Não são os remédios, ok? Eu sinto falta de casa.



— O que tem a casa?

— Hedwig.

— Você tinha uma coruja de estimação?

Lá vem ele de novo, roubando meu ar. Como injusto é que finalmente encontrei um homem que conhece Harry Potter como eu, mas ele não gosta de mim.

---

[6] *Trazadone: é um antidepressivo.*



— Peixe dourado. O libertei quando tinha doze anos. Bem, devolvi para a loja e pedi para libertá-lo. Logo após o Incidente no Funeral...

Ok, pare, Willow. Pare de falar.

Pensei que eu odiava conversar. Mas algo sobre ele me faz querer falar, despejar e despir minha alma.

Eu sou tão estúpida.

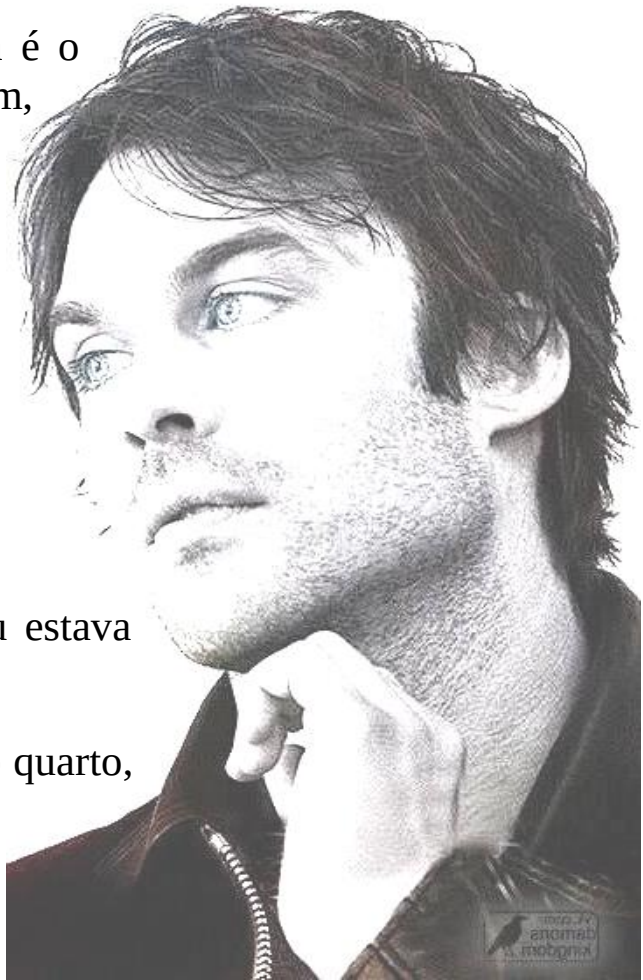
— Por quê?

Não acredito que estamos tendo essa conversa. Não acredito que ele está aqui.

Como é que isto é a minha vida?

Olho novamente para a pequena janela na porta antes de me concentrar nele.

— Porque eu pensei que ela estava sozinha e precisava de amigos.



Quero dizer mais, mas fecho a boca. Já é o suficiente. Já contei muitas coisas sobre mim, enquanto não sei nada sobre ele. Não que eu esteja interessada.

Eu não estou.

— E quanto a você?

— E quanto a mim?

— Você não precisava de amigos?

Apertando minhas mãos, eu digo: — Eu estava bem. Estava lidando com isso.

O trovão dá um estrondo e reverbera pelo quarto,



jogando a luz do céu sobre ele. O meu intruso. Com o rosto esculpido pelos deuses. Ele tem que ser. E aqueles olhos. Eles provavelmente foram encharcados pelas nuvens de chuva para obter aquela cor cinza rica.

Tudo nele é tão poético. E tudo sobre sua poesia é trágico. Para mim.

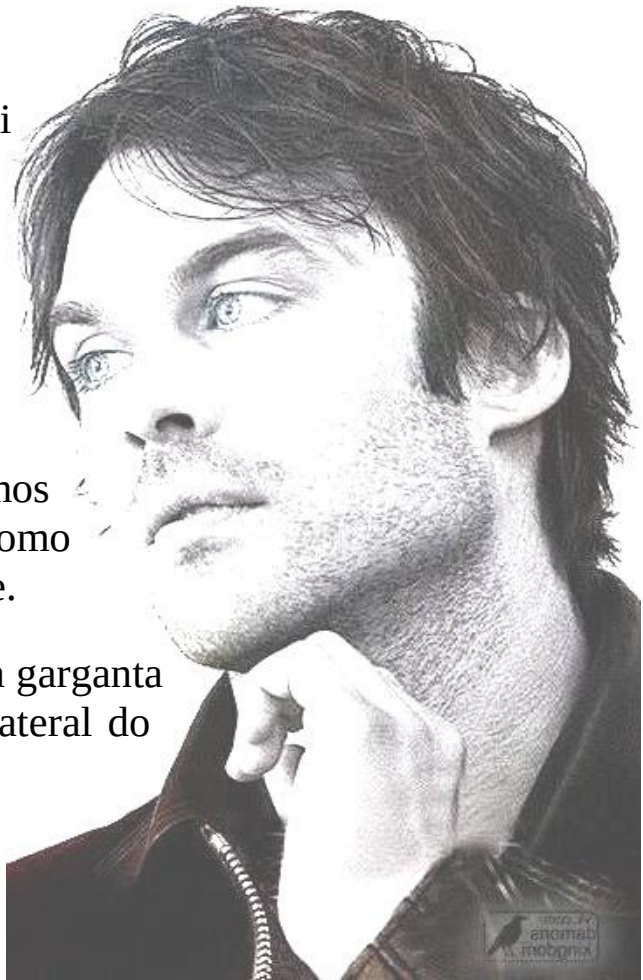
— É isso que você faz, não é? – ele observa meu rosto na escuridão. — Você lida com as coisas. Sozinha. Você luta com elas. Toda vez. O tempo todo. Você luta.

Meus olhos estão pesados e embaçados. — Sim. Eu sou uma guerreira. Talvez eu deva tatuar isso. Guerreira Willow ou algo assim.

— Sim. – ele murmura. — Talvez você deva.

— Ok, agora você pode ir?

Sopro minha franja de novo e vejo seus olhos percorrendo meus cabelos soltos, e estou com tanto desejo. Que isso se agarra em cada parte de mim. Meus lábios, meus dedos, até as raízes dos meus fios de cabelos platinados.



Ele nunca os pegará? Ele nunca mais vai me beijar, me provar, me curar e me deixar prová-lo?

Há muito que fazer, muito a descobrir. Não o toquei na última vez como queria. Deus, por favor. Eu quero que ele me toque.

Talvez seus pensamentos sejam os mesmos que os meus porque, em vez de ir embora como eu pedi, ele coloca a mão em mim. Novamente.

E eu gemo. Seus dedos envolvem a minha garganta com o seu polegar pressionando o pulso na lateral do



meu pescoço, como ele fez ontem. Como se ele quisesse sentir a vida dentro de mim e minha essência.

Minha vitalidade.

Meus olhos estão arregalados e chocados. — O que... Que está fazendo?

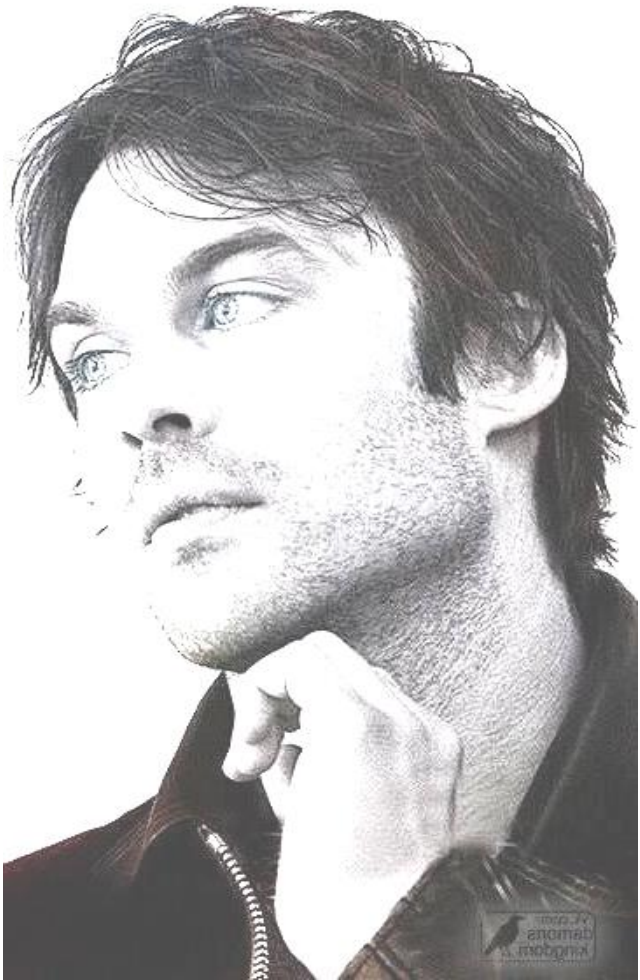
Seus olhos estão nos dedos, como se ele não pudesse acreditar que eles estão lá. Ele coloca pressão no meu pescoço, e ele arqueia e minhas costas também. Ele não está me machucando. Não há desconforto. É só que ele está me tocando, segurando a minha garganta de uma maneira tão possessiva que não posso deixar de dar espaço para ele. Ou melhor, meu corpo não pode ajudar a se reorganizar e se mover.

— Si... Simon...

Sem me responder, ele se abaixa, como realmente baixo, com a sua mão deixando minha garganta para que seus braços possam ir sob minha bunda.

Então, ele faz algo que nunca, nem em um milhão de anos, esperava que ele fizesse.

Ele me levanta em seus braços.





Capítulo Quinze

Ah, meu Deus.

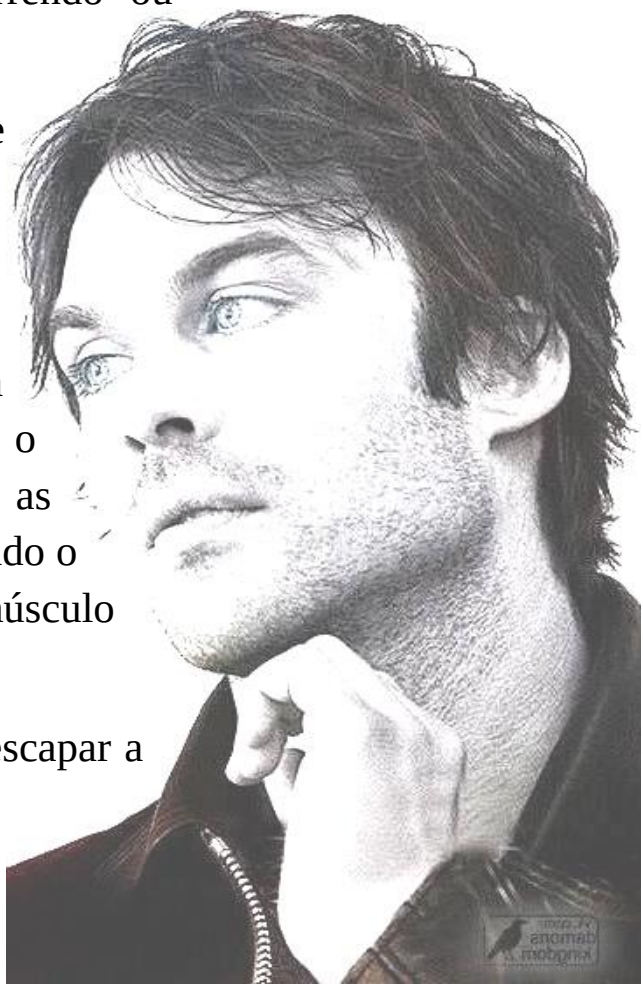
Eu estou nos braços dele. Ele está me carregando em seus braços.

Como se eu não pesasse nada.

— Simon... – eu sussurro um pouco alto demais para o meu conforto. — O que você está fazendo?

Suas palmas grandes estão embaixo da minha bunda, e minhas coxas e braços estão envolvidos em seu corpo grande enquanto ele me carrega para a parede, junto à cama, a parede que compartilho com Renn. Ele me apoia contra ela com os seus braços presos em volta da minha cintura.

Estou ofegando como se estivesse correndo ou praticando ioga. — O que…



Simon se move com o seu corpo se deslocando entre minhas pernas. Como uma grande montanha.

Meu pijama é curto cobrindo apenas a parte superior das minhas coxas, e nem percebi que as minhas pernas estavam nuas o tempo todo, até que as suas roupas as arranharam. A sensação me faz apertá-las, e tudo o que sinto são quilômetros e quilômetros de músculo esculpido. Um terreno de músculos.

— Você mora na academia? – eu deixo escapar a



primeira coisa estúpida da minha cabeça.

Deus, por que sou tão patética? Ele não me responde. Ele nem ouve a minha pergunta. Simplesmente se aproxima quando está satisfeito com a maneira como me posiciona.

Sua testa encosta na minha e seu torso pressiona a junção das minhas coxas, me fazendo contorcer. — Eu quero que você me prometa algo.

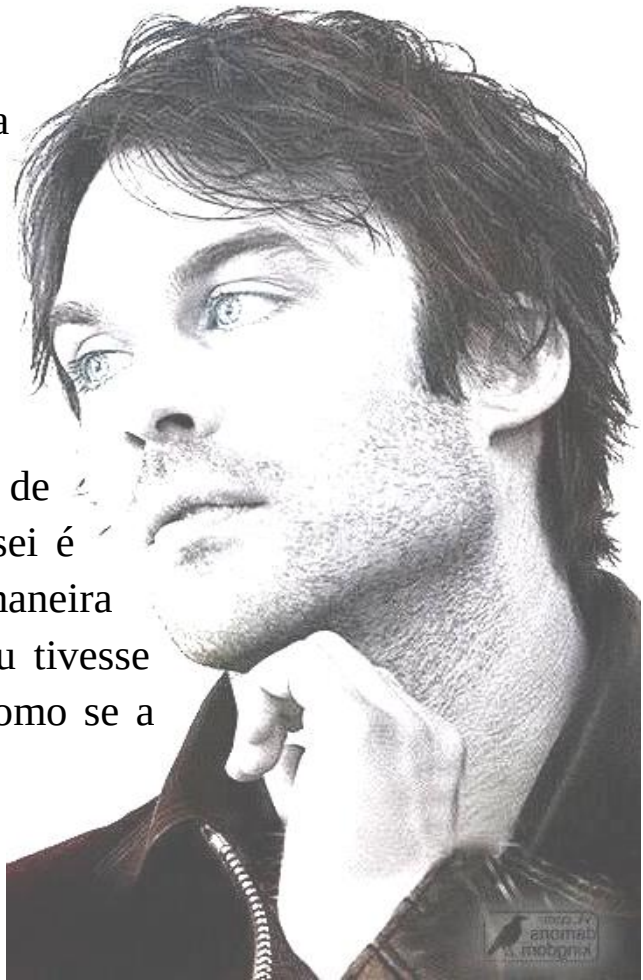
Eu aperto a camisa dele nos ombros. — O que?

Simon agarra meu rosto então, forçando-me a focar apenas nele. Como se eu já não estivesse. Ele não sabe? Não consigo me concentrar em nada além dele quando ele está por perto.

— Você não perderá uma sessão novamente. – ele diz. — Nunca. Comigo ou com sua terapeuta. Sua sessão de grupo e seus remédios. Você não perderá nada disso. Você não comprometerá sua saúde de nenhuma forma ou maneira. Prometa-me.

— Simon.

— Prometa-me, Willow. Sua saúde é a coisa mais importante para mim. Não é uma brincadeira. Entendeu? Você não deixará nada afetar isso. Qualquer coisa. Muito menos um homem como eu. Diga-me que você entende.



Sua voz é tão sombria e forte, carregada de coisas que eu não tenho ideia. Tudo o que sei é que é imperativa para dizer a ele *sim*. A maneira como ele está olhando para mim como se eu tivesse todas as respostas para os problemas dele, como se a



vida dele dependesse de mim, eu não posso negar nada a ele.

Então, eu concordo. — Eu... Eu prometo.

Seu peito se expande com seu longo suspiro. — Bom.

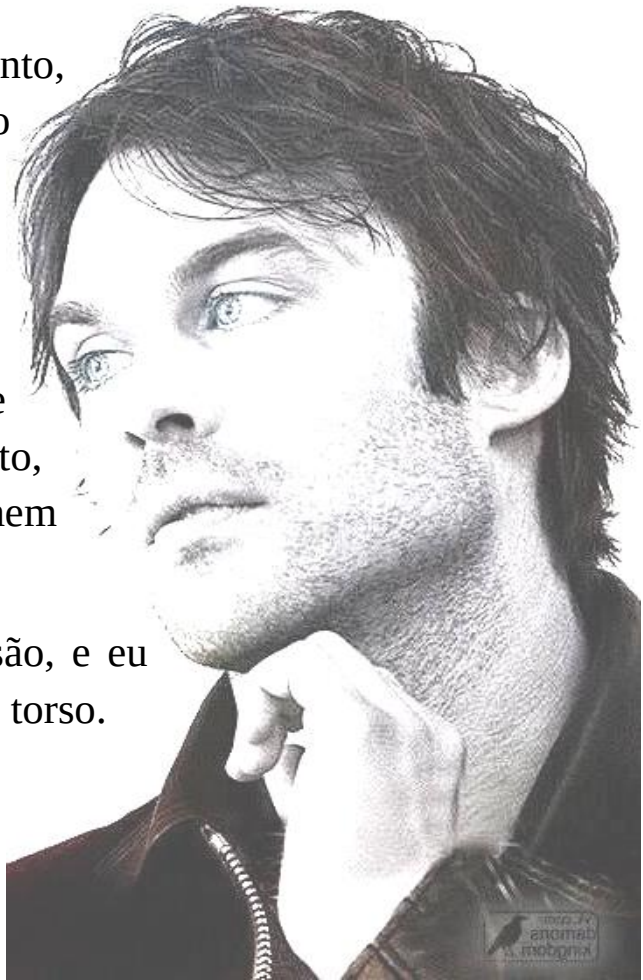
— O que quer dizer com um homem como você? – pergunto, com minhas mãos indo até seus cabelos. Enfio meus dedos nos fios, sentindo a rica suavidade.

Simon não me responde por alguns segundos comoventes e eu quero abraçá-lo tanto. Porque eu sei que algo o está incomodando, mas ele não me diz o quê é.

— Um homem propenso a erros. – diz ele, finalmente, em um sussurro ofegante e seus olhos em mim. De fato, seus olhos estão vagando por todo o meu rosto. Vai e volta. Para cima e para baixo. Rápido e lento. Tudo ao mesmo tempo.

É como se ele nunca mais fosse me ver, e isso me assusta.

— Que tipo de erros? – pergunto, massageando o seu couro cabeludo e passando os dedos pelos seus cabelos.



Ele geme com os seus olhos quase fechando com prazer.

Apesar de tudo, eu sorrio. Sorrio porque estou dando prazer a ele. *Eu*. De algum jeito, Willow Anormal está fazendo esse homem gemer.

Isto me faz feliz. Isso me deixa com tesão, e eu me movo, esfregando o meu núcleo contra seu torso.



Seus olhos se abrem, brilhando e pretos, suas mãos vão para meu cabelo e seu polegar acariciando minha mandíbula. Ele está me tocando no rosto, mas estranhamente, isso ressoa no meu estômago, acumulando e rodopiando como luxúria líquida.

— Você sabe que eu observo você?

— O que?

Suas narinas se abrem. — Sim. Eu observo você. Na verdade, não consigo parar de observá-la.

— Vo... Você me observa?

— Sim. – Sua resposta é tão gutural, tão cheia de ódio que eu não sei o que pensar ou fazer, exceto apertar minhas coxas ao redor dele.

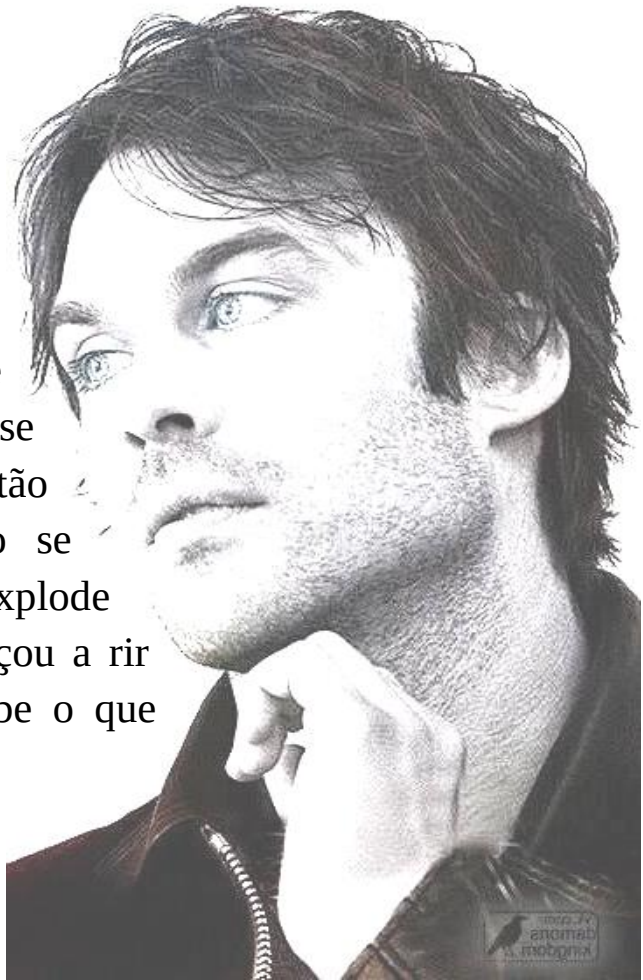
E deixar escapar algumas palavras que acho que não fazem muito sentido. — Eu não... Você...

— Você não sabia, sabia?

Balanço a cabeça.

Isso o faz rir, minha ignorância. Mas quase não há humor nisso.

— Você ama morangos, mas odeia blueberries. – ele murmura. — Você sempre os tira da salada de frutas. Sempre gosta de se sentar no banco mais próximo ao portão enquanto alimenta os seus pombos, como se estivesse planejando ficar com raiva. Você explode quando está nervosa ou agitada. Você começou a rir mais desde que falou no grupo. E você sabe o que





mais?

Acho que não posso falar agora. Não sei nenhuma palavra. Não conheço sensações e emoções, exceto ele. Ele é tudo o que sei neste momento.

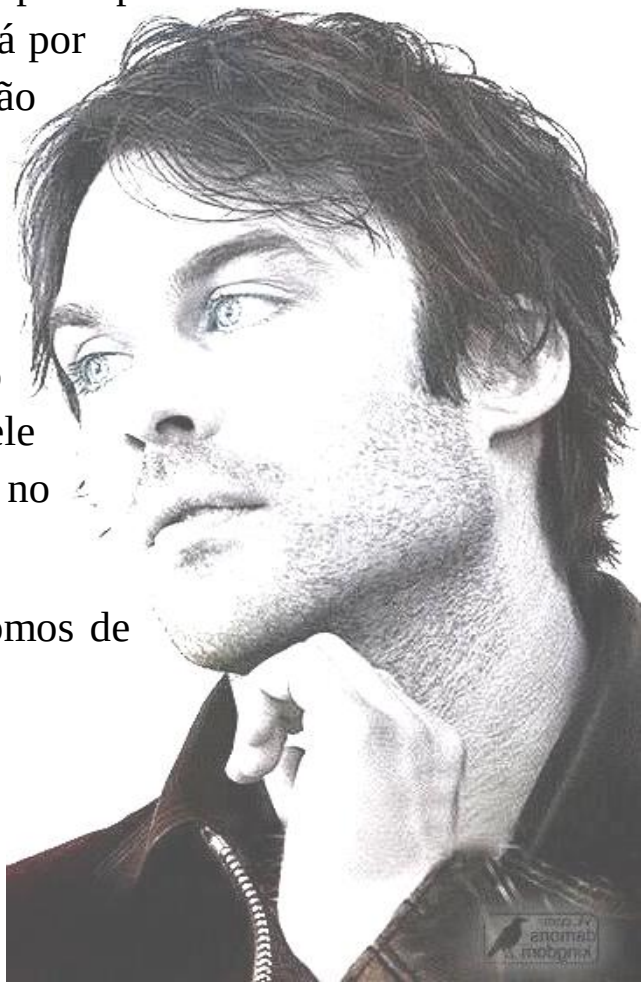
Meu Rei Gelado.

Ainda bem que ele não parece precisar de resposta porque continua, com seus dedos envolvidos em meus cabelos, como se seu corpo estivesse inundado com toda a energia elétrica. — Eu odiei quando você ria para ele.

— Quem?

— O novo cara. Tristan. Você estava jogando cartas e ele estava te ensinando e eu odiei isso. Se uma enfermeira não tivesse me chamado, eu teria feito algo... E me arrependido.

Lembro vagamente disso, estava jogando pôquer com Tristan e algumas outras pessoas. Eu queria irritar Renn principalmente porque ela começa a corar sempre que ele está por perto e é divertido ver. Mas, eu não... Eu não sabia... Que ele estava me observando.



Ah Deus, ele tem me observado o tempo todo.

Meus lábios se separam enquanto o encaro com os olhos arregalados. Minha pele vibra e arrepios se elevam. Há uma agitação no meu estômago e minha boceta. Minha alma.

É como todas as moléculas, todos os átomos de que sou formada.



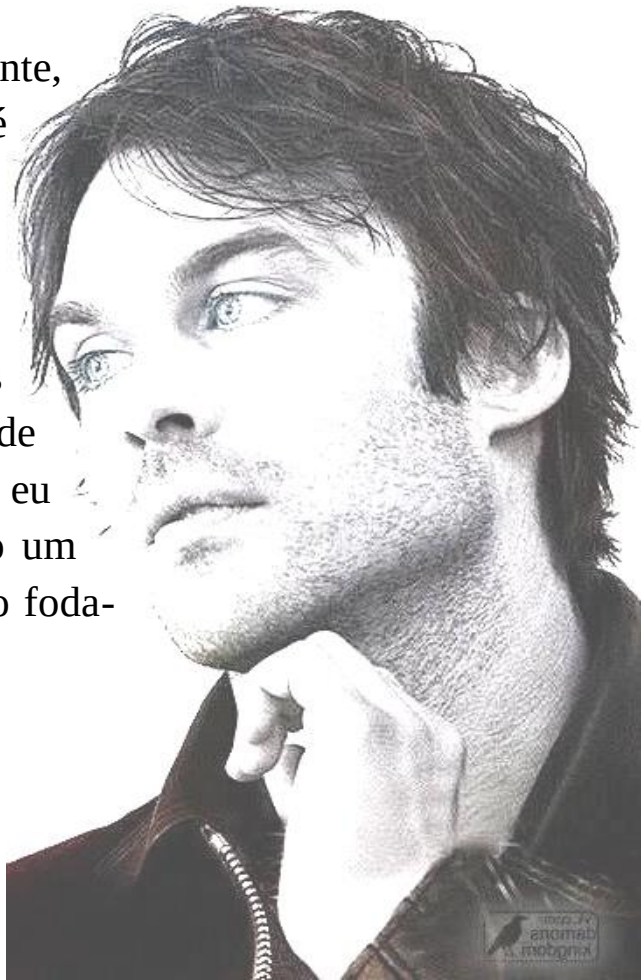
— Simon, eu...

— Pare de me olhar assim. – ele diz, me interrompendo.

— Assim como? – eu me movo em seu colo, com a sua voz autoritária me deixando mais quente e excitada.

Sua mão vai à minha cintura para me impedir de me mover, colando minha coluna na parede. — Como se eu fosse algum tipo de herói. Como se isso fosse um maldito conto de fadas. – Agarrando a parte de trás do meu pescoço com a outra mão, ele me puxa para mais perto, me trazendo para o seu peito, quase achatando meus seios.

— Eu disse para você, Willow. Eu não deveria pensar em você em outros termos, mas como minha paciente. Você sabe como isso é antiético? Eu entrando no seu quarto no meio da noite? Você sabe que tipo de homem faz coisas assim? Homens fracos. Homens que falham. Homens que não conseguem se controlar. Você não quer nada com homens assim, Willow. Você precisa ser esperta. Você precisa ficar longe de homens como eu.



Eu quero dizer a ele que ser inteligente, seguir as regras e ser boa... Tudo isso é superestimado. E então, quero agarrar a parte de trás do pescoço dele também e colocar minha boca sobre a dele porque *Jesus Cristo.*

Ele está me observando e me quer. Mas ele odeia isso. Seus estranhos instintos de proteção estão me excitando muito. E se eu estiver errada, com ele me observando como um perseguidor ou como eu sou uma presa, então foda-se. Eu não ligo.



Eu amo isso.

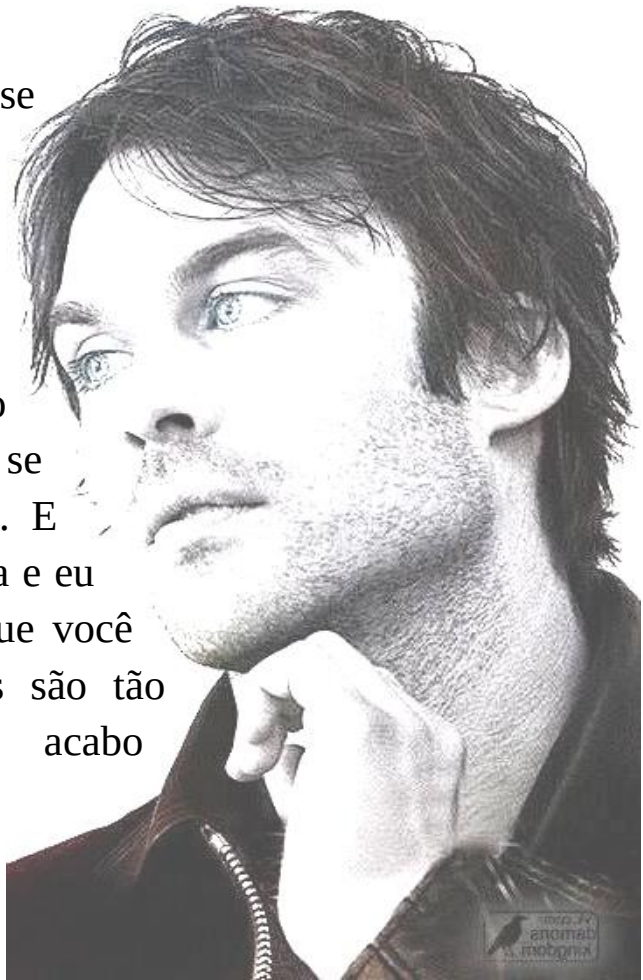
Seguro seu queixo esculpido, sentindo sua barba por fazer áspera e mal me controlando de gemer alto. — Simon, você não...

— Meu único consolo é que eu não me rendo. Quando o pensamento sobre você se torna demais e eu quero tocá-la ou vê-la ou me masturbar, eu não faço isso. Eu corro. Eu me exercito. Eu arrumo aquela casa. Mas eu não me rendo. – Suas respirações são ofegantes, chegando em breves rajadas e como ondas. — Não posso me render. Não posso falhar.

Raios relampejam no céu novamente, iluminando suas feições severas e seus cabelos despenteados. Iluminando Simon. *Meu Simon.*

Ele está dizendo isso para si mesmo, lembrando-se de que não pode falhar. Por quê? Por que é tão importante para ele não falhar? Por que isso é um fracasso para começar? Me querer? Querer isso?

— Mas eu faço. – sussurro, com os meus olhos à beira das lágrimas, tentando dizer a ele que ele não está sozinho.



Ele se concentra em mim, como se estivesse me vendo depois de um bom tempo. — Você faz isso?

— Eu me toco. – Lambo meus lábios e ele se concentra no pequeno movimento, enquanto continuo: — À noite, quando não consigo dormir, eu me toco. Meus seios, eles se tornam tão pesados e me machucam muito. E meus mamilos ficam duros na minha camiseta e eu tenho que beliscá-los. Ah... E eu imagino que você está fazendo isso comigo. Mas suas mãos são tão grandes e significativas, e eu sempre acabo



decepcionada com os meus próprios dedos. Então eu...

— Você o que?

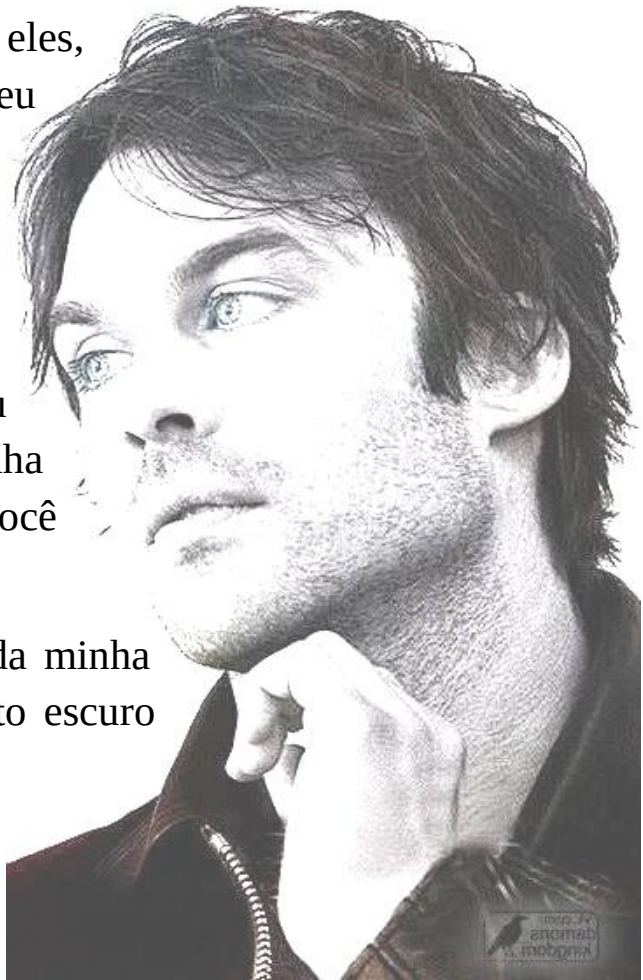
Eu estremeço com suas palavras e sem querer, me esfrego contra ele, subindo e descendo. Meus seios estão encostando em seu peito e minha pélvis atingindo sua barriga. O pau dele.

Ele está duro e alojado entre nós. De fato, ele está alojado exatamente onde deveria estar. Entre os lábios da minha boceta.

— Você o que, Willow? – ele pergunta novamente, e eu mordo meu lábio, observando-o através dos meus cílios enquanto me contorço contra seu pau duro.

Ele estremece - treme – com os meus movimentos e seus olhos ficam ainda mais escuros, se possível.

— Então, eu... Eu coloco a minha mão debaixo da minha camiseta e os seguro. Eu tento... Tento juntá-los e depois fecho os meus olhos e penso em você deslizando seu pau entre eles, como se estivesse - me fodendo. Mas então, eu fico tão constrangida, sabe. Não sei se os meus seios são grandes o suficiente para você. Se você conseguir transar com eles. Eu…



Ele dá um passo para trás, com o seu pau quase saindo de suas calças, cutucando a minha pequena entrada. — Você o que? O que você faz?

Meu pescoço não aguenta mais o peso da minha cabeça. Então, ela cai contra a parede. O teto escuro



está piscando dentro e fora da minha visão; Estou tão excitada. — Eu brinco comigo, então. Toco o meu clitóris e coloco meu dedo dentro de mim. Mas só um dedo.

Eu o sinto tocando a curva da minha garganta com o nariz enquanto ele move sua ereção no meu núcleo.

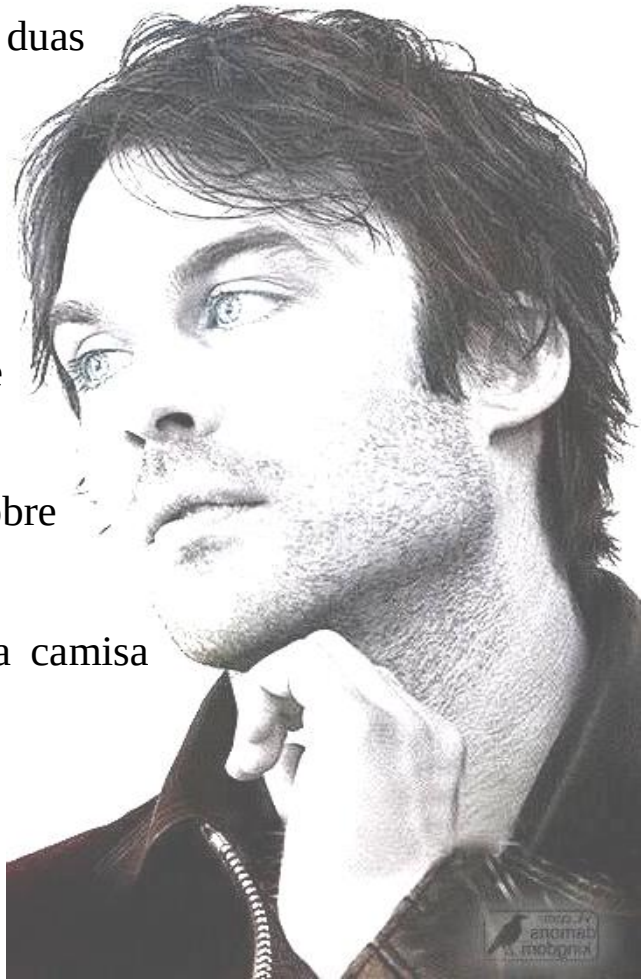
— É? Por que apenas um? – ele sussurra.

Sua pergunta me cobre de vergonha e eu fecho os olhos, mordendo meu lábio e movendo a cabeça. Simon não me deixa escapar. Sua mão no meu cabelo se move para o meu queixo e ele me força a olhar para ele.

— Por quê? – ele pergunta novamente.

Engulo e digo a ele, com um rubor cobrindo cada centímetro do meu corpo. — Porque não quero esticá-la. Quero mantê-la pequena e apertada para você.

Neste momento, eu estou tão ciente dele e quantos anos ele tem. Como experiente, maduro e imponente. E quanto a mim? Eu sou tão jovem. Dificilmente fui beijada uma ou duas vezes.



Eu me pergunto se ele acha que eu sou infantil demais.

Mas é a verdade. Eu nunca coloquei mais de um dedo dentro de mim. Tenho pavor de colocar. Talvez seja por isso. Para ele.

Talvez não tenha sido aleatório. Nada sobre mim e nada sobre ele é aleatório.

— Você esteve... – eu aperto a gola da camisa dele. — Com muitas mulheres?



Sua mandíbula faz um tique. — Por quê?

— Eu sei que você disse que não tem ninguém especial, mas... – eu balanço minha cabeça, querendo desviar o olhar dele, mas não posso. Querendo parecer mais madura do que isso, mas de repente estou tão cheia de ciúmes. Tão abalada com a injustiça do fato de eu o conhecer tão tarde em sua vida.

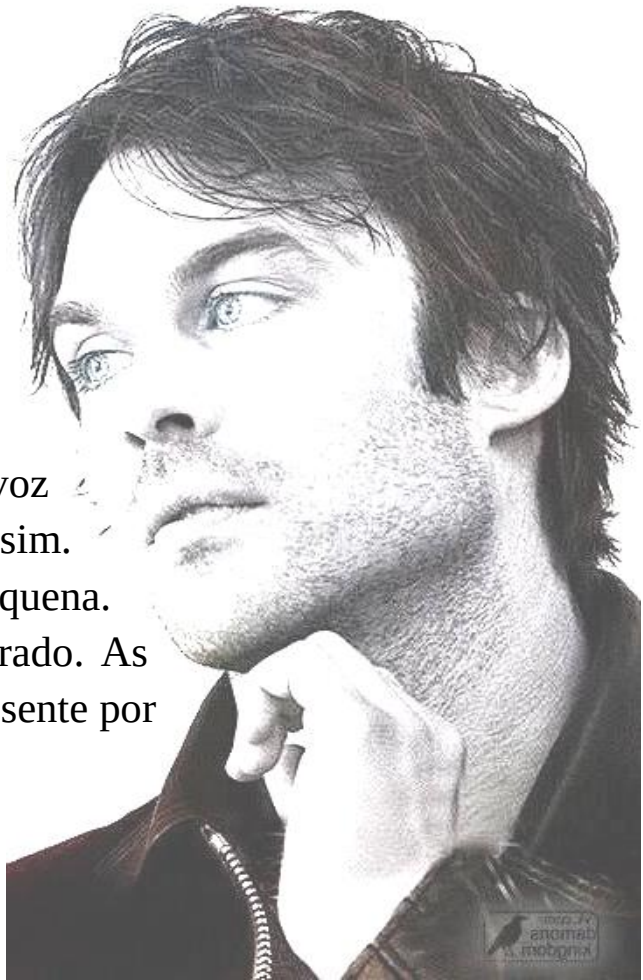
— Mas o que?

— Você saiu com ela? Com Josie?

Ele me olha, com os seus lábios abertos como os meus. Talvez ele esteja se lembrando daquele dia como eu. Quando eu disse para ele não ir. Quando eu o convidei para sair. Parece que há muito tempo agora.

— Não. – ele responde.

Isso me faz sorrir, mas o deixa com raiva, meu sorriso e o seu aperto no meu queixo se aperta. Uma expressão brilha como um raio em seu rosto e ele pergunta: — É? Toda pequena e apertada?



Coro com as palavras dele. — Si... Sim.

— Porra. – Seus quadris se movem e seu pau atinge meu clitóris. — *Porra*…

Seus palavrões me fazem gemer, me fazem me mover contra ele e contra essa parte dura dele.

— Ouça-me, Willow. – diz ele com uma voz abrasadora. — Sua boceta vai continuar assim. Você entendeu? Vai ficar toda apertada e pequena. Ninguém vai tocar, inclusive eu. Isto está errado. As coisas que sinto por você e as coisas que você sente por



mim. Isso está errado. É antiético. Deveríamos saber bem disso. Eu deveria saber bem. Isso não vai acontecer, ok?

Apesar de suas palavras, ele move seus quadris na minha pélvis, me fazendo empurrar para trás.

— Eu quero isso. – eu gemo, me contorcendo e me movendo.

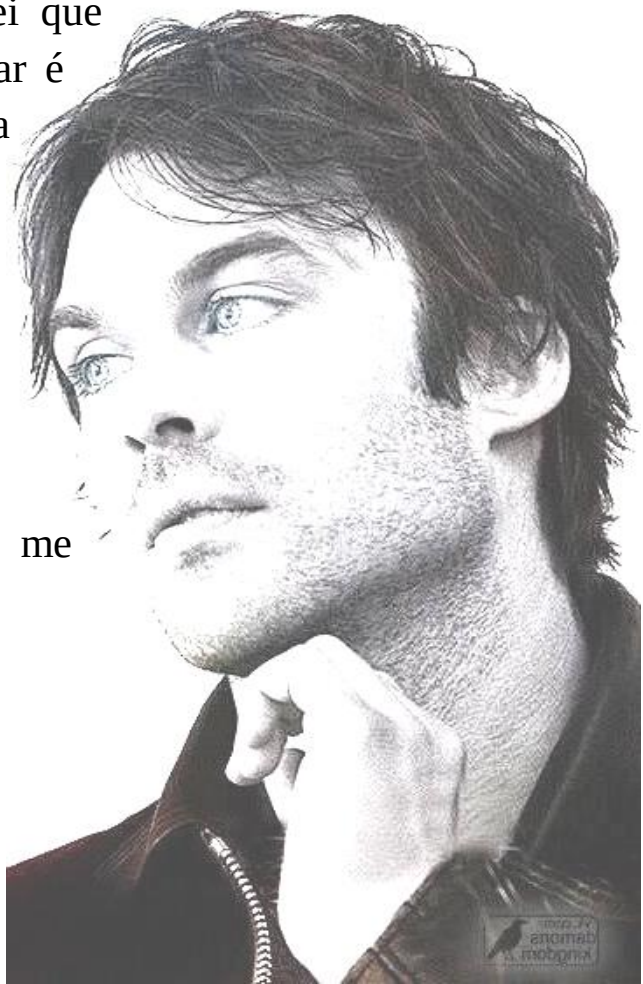
— Não.

Eu puxo, quase pulo sobre ele, sobre seu pau quente. — Por favor.

— Willow, seja o que for, isso não é real. Tudo isso. É uma co-dependência. Você acha que estou salvando você e eu acho que sou o único que pode salvá-la. Está tudo fodido, ok? Não podemos fazer isso.

— Mas você está esquecendo uma coisa. – sussurro, sabendo disso nas profundezas da minha alma.

Por mais que goste da fantasia dele me curando, de ele ser meu curandeiro, eu sei que ele não pode. Eu sei que nesta vida, a única pessoa que pode te salvar é você mesma. Luto para salvar minha vida desde que nasci. Não preciso que ele me salve. Eu preciso que ele me beije agora. E me toque e possivelmente me foda.



Ah Deus, sim, eu quero que ele me foda.

— O que?

— Eu sou a Guerreira Willow. Posso me salvar.

— Willow...



Eu o interrompi dando um forte beijo em sua boca, surpreendendo-o. — Cale a boca e me beije.

Sorrindo, eu me movo contra ele e ele geme, reivindicando meus lábios em um beijo. Mas eu quero mais. Muito mais que um beijo, então eu deslizo minha mão e seguro sua ereção através de suas calças, fazendo-o tirar sua boca da minha e gemer.

Aperto o seu comprimento, sentindo-o pulsar em suas calças. Talvez esteja vazando pré-sêmen também. Como se estivesse escorrendo a minha excitação.

Talvez ele esteja duro, mas molhado como eu estou lisa e encharcada.

— O que, você vai me masturbar? – ele pergunta, todo imóvel e rígido, enquanto os seus olhos estão brilhando perigosamente.

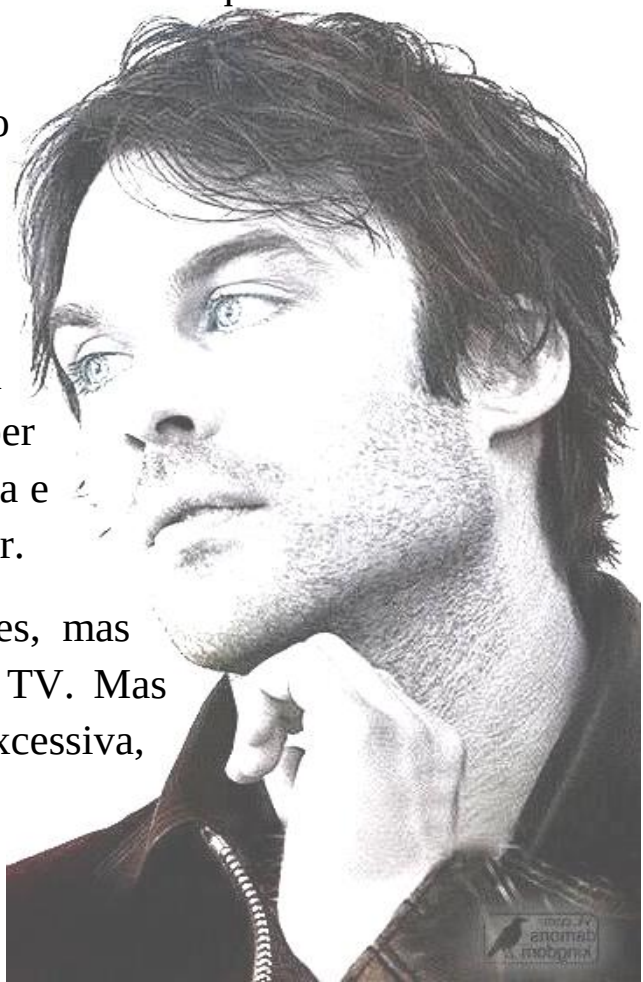
— Talvez.

Ele levanta uma sobrancelha arrogante. — Duvido que suas mãos de menininha caibam no meu pau.

Eu dou a ele um sorriso doce quando chego à fivela do cinto. — Por que não descobrimos?

Um músculo move em sua bochecha e estou esperando que ele me pare. Estou esperando ele agarrar o meu pulso e interromper os meus movimentos. Quando ele não faz nada e fica lá parado, me olhando, eu começo a mover.

Eu nunca abri uma fivela de cinto antes, mas como difícil pode ser? Parece bem fácil na TV. Mas junto com a escuridão e a minha ansiedade excessiva,





eu me atrapalho. E ele não vem em meu socorro.

— Você poderia me ajudar. – murmuro, mantendo os meus olhos grudados naquele acessório estúpido.

— Eu acho que você pode lidar com isso.

Olho para o seu tom seco, mas áspero. — Você não acha que eu posso fazer isso.

Seu olhar está encoberto quando ele sussurra: — Acho magnífico ver você lutar por isso.

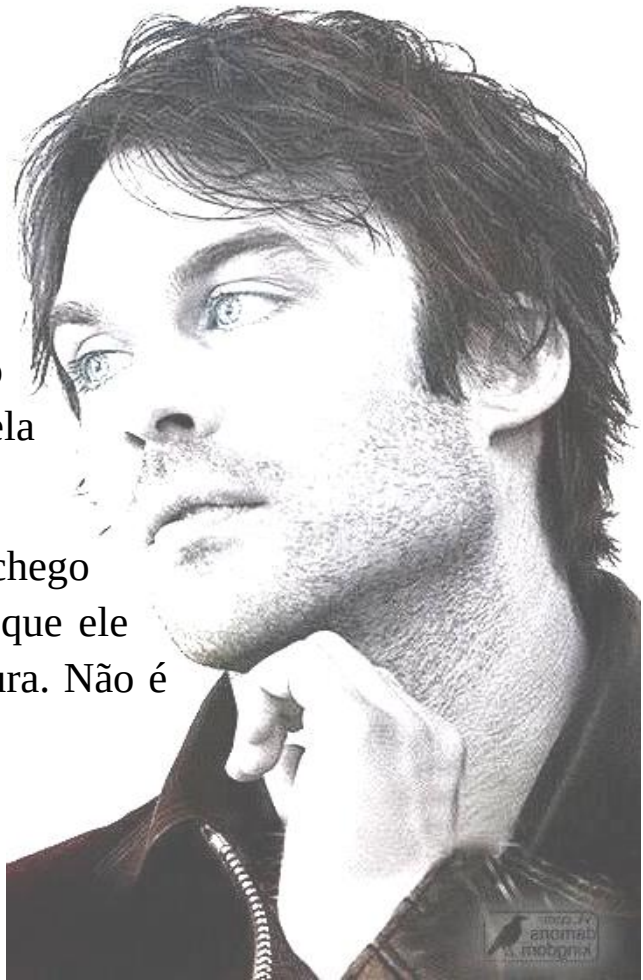
Seu rosto está cortado com luxúria, quase pintada. Perco o fôlego ao ver sua necessidade absoluta. Perco o fôlego com a paixão em sua voz.

Simon Blackwood é uma contradição.

Ele quer me salvar, mas também quer que eu me salve. Ele quer que eu lute e, ao mesmo tempo, ele quer me proteger.

Uma raridade.

Ele é uma raridade.



Mordendo o lábio e reunindo todas as minhas forças contra um coração que se apaixona rapidamente, eu me concentro na tarefa. Surpreendentemente, seu deboche não me deixa nervosa e, em segundos, sua fivela está aberta e seu zíper está abaixado.

Meus lábios se separam quando eu chego embaixo da cueca dele - por que é tão sexy que ele usa cueca? - e faço contato com essa parte dura. Não é



difícil encontrá-lo; está lá, em pé e tão quente.

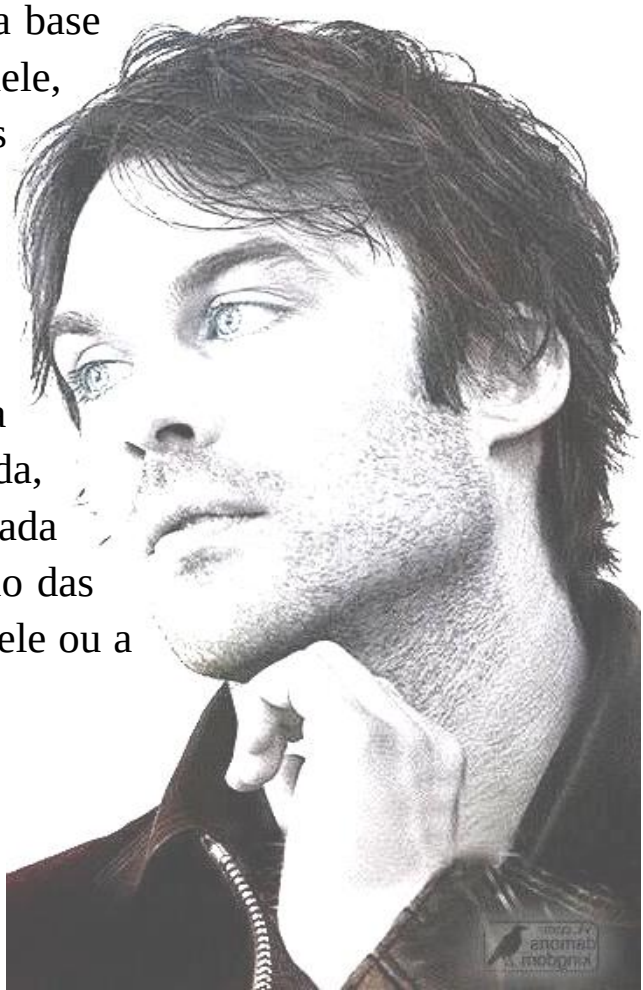
Gemo enquanto toco a coisa mais quente, mais macia e mais dura do mundo: seu pau nu. Meus gemidos são respondidos pelo seu.

Ambos nossos sons são baixos e ásperos, e reverberam através de nossos corpos, de alguma forma se estabelecendo entre nós, onde minha mão está tocando seu pau. Há tremores, arrepios e vigorosas faíscas, e eu o agarro com força, fazendo-o estremecer.

Simon se inclina para frente, quase caindo sobre mim, e sua cabeça bate contra a parede com a sua boca entreaberta logo abaixo da minha orelha. Ele move a testa com o tesão, e eu esfrego a minha bochecha contra sua barba por fazer, tentando acalmá-lo.

Meus olhos vão para a janela chuvosa, o trovão e o caos lá fora. A tempestade. Mas, aqui dentro não tem nada da tempestade.

Ele estava certo. Minha mão de menininha não cabe em todo o seu comprimento. Então, uso as duas. Eu agarro a base de seu pau e coloco meus dedos em torno dele, começando a bombear. Com movimentos lentos e erráticos. Sem prática, mas acho que ele não se importa.



— Porra... – Simon xinga, novamente.

Suas respirações sob a minha orelha e na minha garganta estão me deixando dolorida, mais do que nunca. Está me deixando suada também. Uma gota de suor desliza para o lado das minhas bochechas. Mas não sei se pertence a ele ou a mim.



Nosso suor e nossa pele parecem o mesmo, na escuridão próxima.

Mesmo que eu não consiga ver sua ereção claramente para reunir suas nuances, ainda sei que a parte superior de seu pau é arredondada e quente. E tão lisa. Está molhada também.

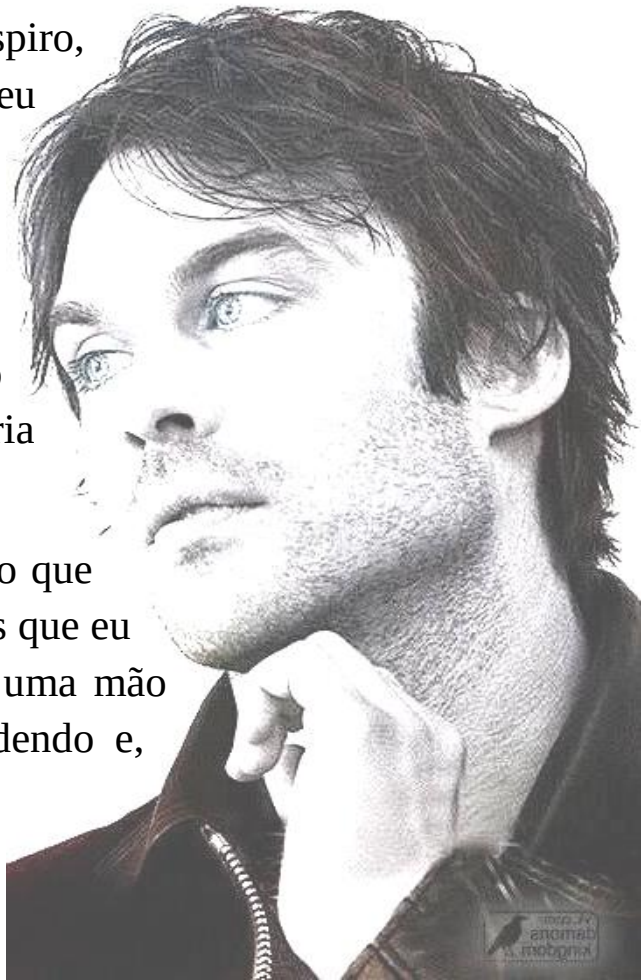
Há uma linha bifurcando-o e quanto mais eu manuseio esse ponto delicado, mais úmido ele fica.

— Você está pingando também. Como eu. – sussurro e, para mostrar a ele o que quero dizer, trago a ereção para o meu núcleo e esfrego ao longo da minha abertura coberta com o pijama. Gemo com a sensação de seu eixo nu esfregando na minha boceta vestida.

Ele está atingindo meu clitóris da maneira certa. Acho que eu posso gozar assim, movendo-me contra ele e o masturbando.

Seu peito vibra e se esvai e tenho medo que ele tenha parado de respirar.

Mas então, ele solta um grande suspiro, movendo os cabelos soltos na curva do meu pescoço. — Use-a para lubrificar-me.



Eu paro com meus dedos envolvidos em torno de seu pau. — O que?

Ele levanta a cabeça, com os olhos tão perto de mim que, se fosse dia, eu me veria refletida nas profundezas do seu olhar.

— Você quer me masturbar. Então, quero que você me lubrifique com sua excitação. – Antes que eu possa entender o que ele quer dizer, ele usa uma mão para me levantar contra a parede, me prendendo e,



com a outra, ele empurra o meu pijama para o lado, levando minha calcinha encharcada e descobrindo minha boceta.

— O... O que você está fazendo?

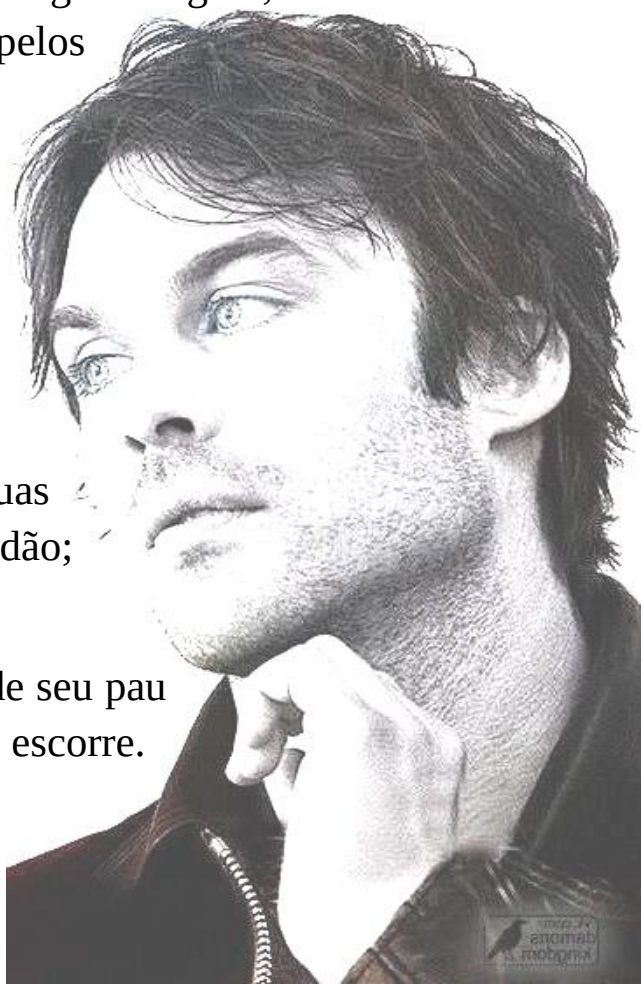
— Reivindicando o que você fez para mim. – ele morde o meu lábio inferior enquanto seus dedos deslizam ao longo da costura do meu núcleo.

— Ah, Deus. – eu tremo com meus olhos fechados e os meus quadris movendo.

Ele está tocando minha boceta com o dedo, movendo para cima e para baixo na minha umidade. Quase escorregando, na verdade, com o quanto estou encharcada.

Eu estou envergonhada.

Deus, estou tão envergonhada pelo fato de não me depilar há anos. Eles não nos deixam. Ou você precisa fazer isso sob supervisão ou não faz nada. Eu escolhi o último e isso está me atingindo agora, enquanto os seus dedos passam pelos meus pelos úmidos.



— Cristo. – ele amaldiçoa, circulando o meu clitóris, enviando faíscas através do meu sangue. — Está me deixando louco como macia você é. Você é a coisa mais macia que eu já toquei. Toda inocente e pura.

Meu constrangimento desaparece com suas palavras. Eu posso até estar sorrindo na escuridão; Eu não tenho certeza.

Meus próprios dedos deslizam em torno de seu pau enquanto ele lateja e uma gota de pré-sêmen escorre.



Então toco na pele ao redor da cabeça de seu pau. Eu suspiro quando toco. Tem que ser a coisa mais delicada do mundo. Como um pacote de fios de seda.

— Você é tão macio também.

Ele ri. — Não há nada suave em mim, Willow. – Então: — Envolva as suas mãos em volta do meu pau. Apertado. – ele espera que o obedeça. — E bata na sua boceta.

— O que?

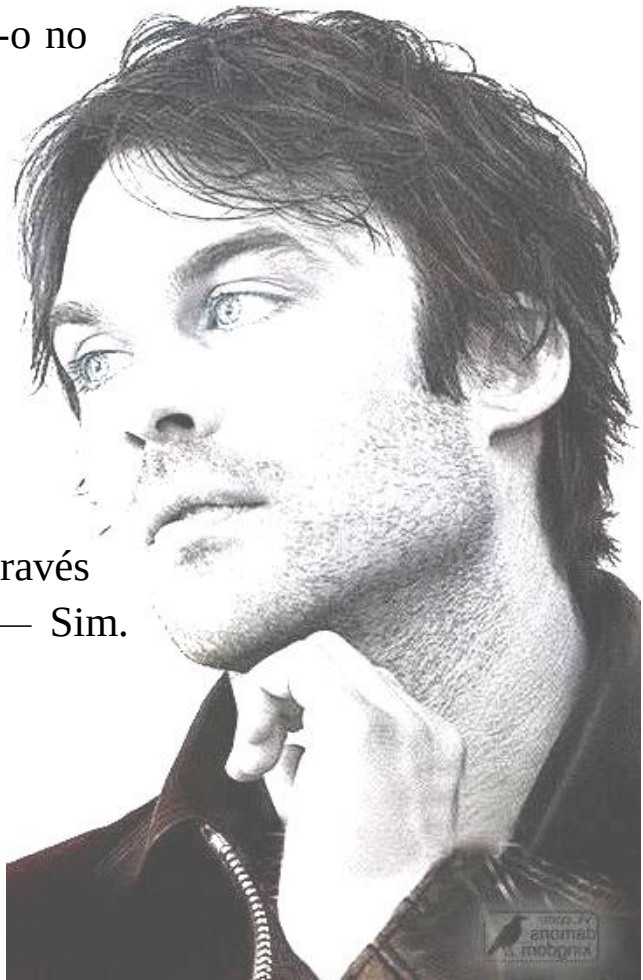
— Faça isso. – ele comanda.

Eu faço, embora sem jeito. Bato na minha boceta nua uma vez. Duas vezes. Gemendo.

— Mais forte. – ele resmunga.

Faço isso com mais força, movendo meus quadris toda vez que atinge o meu clitóris. — Ah Deus…

— Bom. – ele elogia. — Agora, coloque-o no meio da sua pequena abertura.



Olho para cima para encontrá-lo olhando minhas mãos entre nós. Eu o coloco para que os lábios do meu núcleo estejam o envolvendo. Isso o faz se mover e pressionar o polegar no meu clitóris.

— A.. Assim?

Seus quadris movem, movendo seu pau através da minha abertura como se pertencesse lá. — Sim. Bem desse jeito.



— Deus. Simon... Isso é... – eu gemo quando começo a me mover também, com as minhas mãos molhadas e grudentas saindo de seu pau e agarrando o lado de sua camisa.

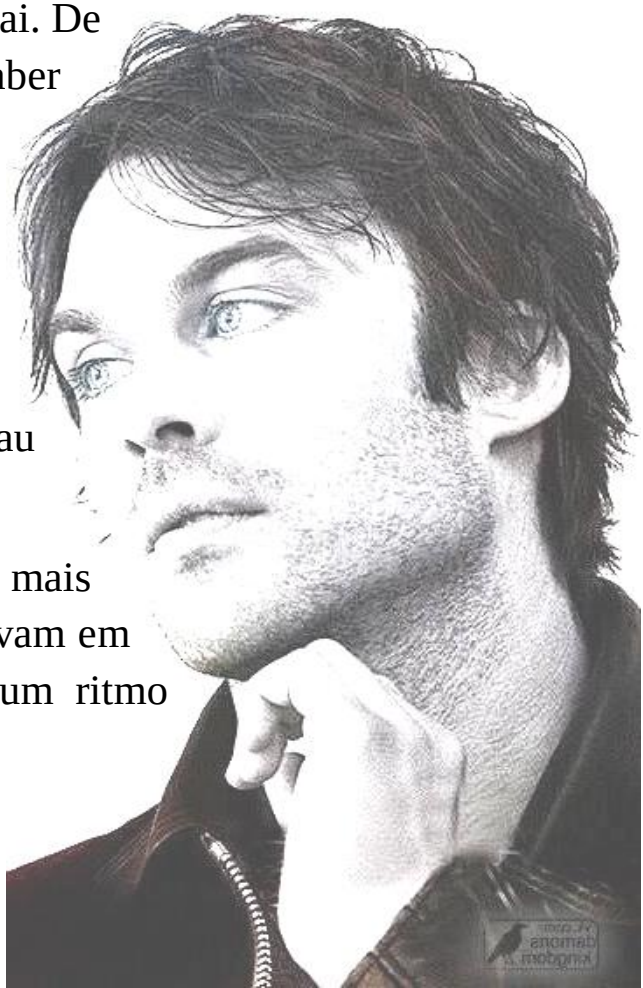
Nós dois movemos um contra o outro, minha boceta esticada em torno de seu pau com tanta força. Eu gemo com os meus olhos fechados. Gostaria de poder mantê-los abertos e vê-lo. Eu gostaria de poder ver enquanto ele move os seus quadris em um ritmo, bombeando a cabeça de seu pau batendo no meu clitóris.

Minha boceta está apertando, pulsando a cada deslizar. Ela está se preparando provavelmente para esse eixo enorme que continua se movendo. Minha boceta está faminta. Eu estou com fome.

Ele está tão perto. Essa parte dele está tão próxima e, no entanto, está tão longe. Eu gostaria que ele me tirasse da minha miséria.

Eu gostaria que ele me colocasse.

Ele está lá. Lá. A cabeça de sua ereção poderia deslizar tão facilmente dentro da minha abertura. Eu sei que ele não vai. De alguma forma, eu o conheço, mesmo sem saber nada sobre ele.



Mas um dia. Um dia eu vou fazer isso acontecer. Um dia eu vou fazer ele me foder.

Por enquanto, isso tem que ser suficiente.

Estou gemendo com a maneira como o pau dele está subindo e descendo, bombeando.

É chocante e eletrizante, sua pele nua e mais íntima esfregando a minha. Minhas unhas cravam em seus lados enquanto o agarro e movo em um ritmo



perfeito.

Movo, movo e movo.

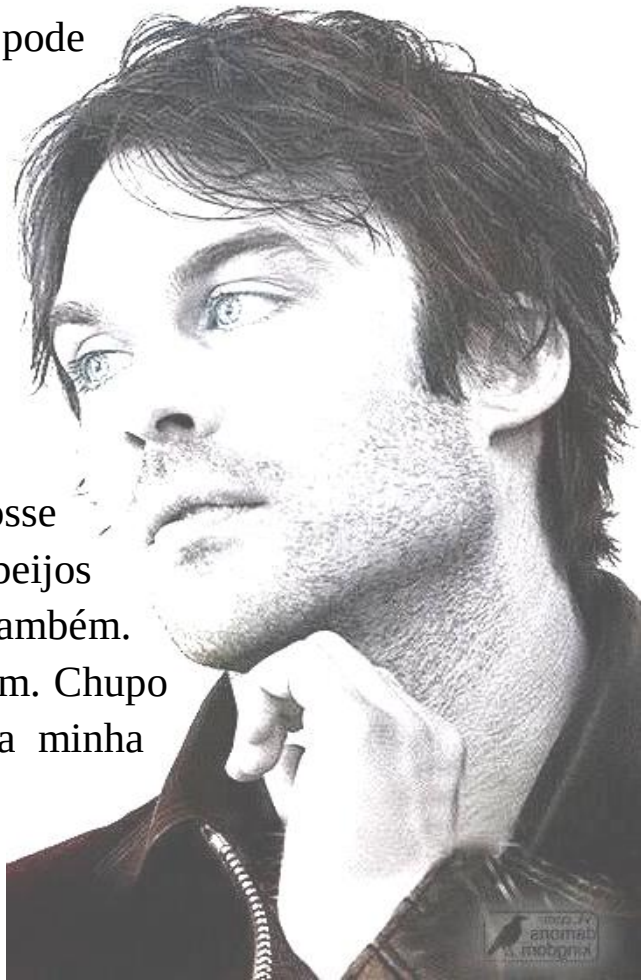
Está tão molhado e confuso, a maneira como estamos movendo um contra o outro. Minha camiseta do meu pijama subiu e está enrolada na minha cintura. Suas roupas pendem ao acaso de seu corpo.

Se não fosse pelas nossas respirações ofegantes e pela chuva lá fora, ouviríamos os sons de nossa própria excitação escorregadia. Como está, eu posso sentir seu pré-sêmen escorrendo sobre minha boceta, minha parte inferior da minha barriga nua, e me sinto fazendo uma bagunça na barra de sua camisa e na sua calça.

O cheiro almiscarado surge ao nosso redor. Com uma mistura sua e de mim. Apenas o fato de estarmos tão entrelaçados agora, quentes, cheios de vida, luxúria e todos esses sentimentos com os quais não sei o que fazer me faz gozar.

Meu gemido é engolido por Simon.

Embora ele refreie meus sons, ele não pode refrear meus arrepios. Meus tremores.



O terremoto dentro de mim. Meus membros suados e agitados tremem com um poder que nunca senti antes. Parece que este é o meu primeiro orgasmo.

E é. Com um homem. Com o Simon.

Isso continua e me assustaria se não fosse por ele, me segurando, colocando pequenos beijos nos meus lábios. Quando gozo, eu o beijo também. Nossas línguas acasalam e nossos dentes batem. Chupo sua boca como se ele estivesse chupando a minha



naquele dia, tentando me curar. Eu faço o mesmo com ele. Eu tento sugar todos os seus demônios e libertá-lo.

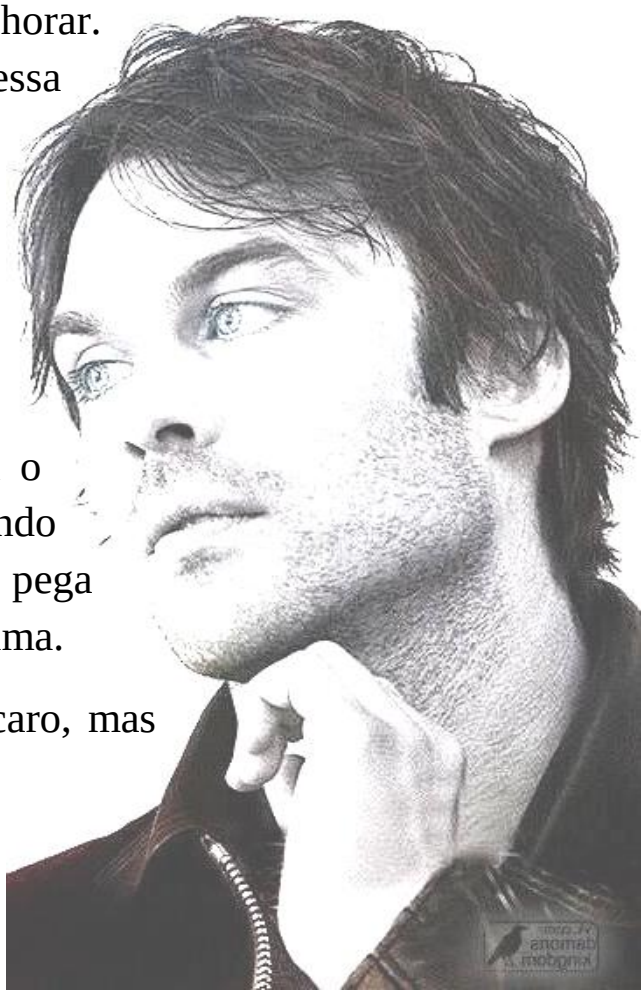
Talvez eu esteja fazendo isso, liberando-o, porque um segundo depois, ele goza também.

Simon se move, e eu posso sentir o começo de um gemido de dor no peito. Na verdade, ele começa no estômago e espasmódico e acho que ele vai rugir. O som do orgasmo vai ser super alto, mais alto que a chuva lá fora.

Então, eu continuo o beijando. Continuo chupando a sua boca e absorvendo a sua explosão na minha língua. É como ser atingida por um raio, e eu gozo junto com ele.

Ele está rígido, mas tremendo. Seu esperma está voando por toda parte, atingindo a minha barriga e pingando em sua camisa.

Quando acaba, nós ofegamos contra a boca um do outro. Simon não me solta, no entanto. Ele coloca meu pijama de volta, cobre minha boceta trêmula com tanta ternura que quero chorar. Embora, você não encontre a evidência dessa suavidade no rosto dele.



Ele parece cruel.

— Simon...

— Não. – ele interrompe.

Ele me equilibra com um braço e com o outro levanta as calças e fecha o zíper, deixando o cinto pendurado na cintura. Então, ele me pega em seus braços e me carrega de volta para a cama.

Ele se inclina e me deita enquanto o encaro, mas



não retribui minha atenção.

Simon está pronto para se virar e ir embora, e eu agarro seu pulso. — Dê-me um beijo de boa noite.

Ele move a mandíbula para frente e para trás. — Vá dormir, Willow.

— Por favor?

Suspirando bruscamente, ele se inclina sobre mim e me beija na testa. Meu corpo inteiro sorri para seus lábios macios. Antes que ele possa se afastar, eu agarro sua gola e o paro. — Você não pode ser perfeito o tempo todo, Simon. Ser perfeito é super chato e há muita pressão. Não há problema em se render.

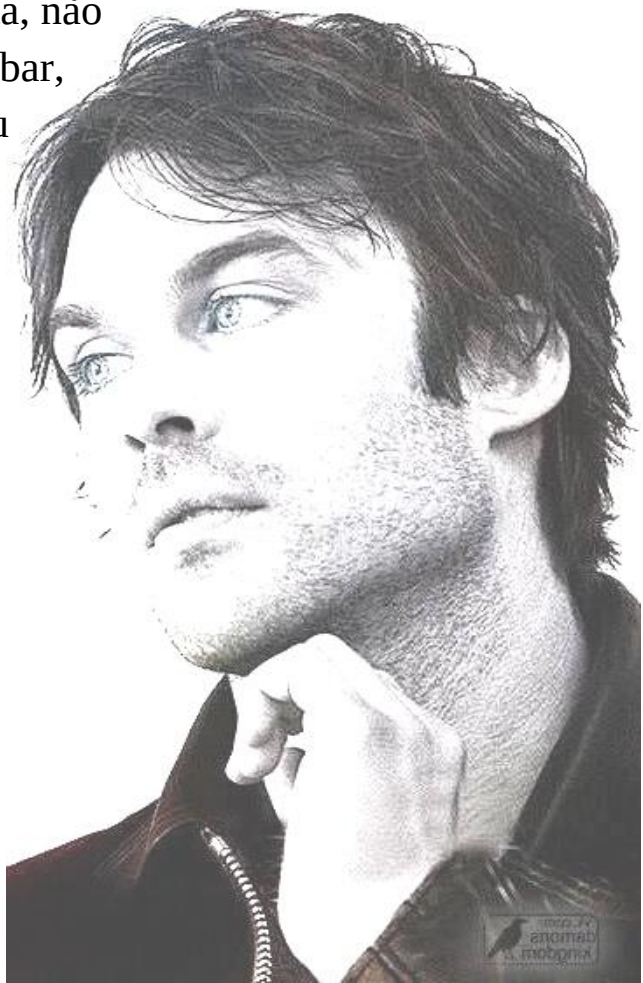
Quando ele vai dizer alguma coisa, eu o beijo com força. — Boa noite. Espero que você durma bem.

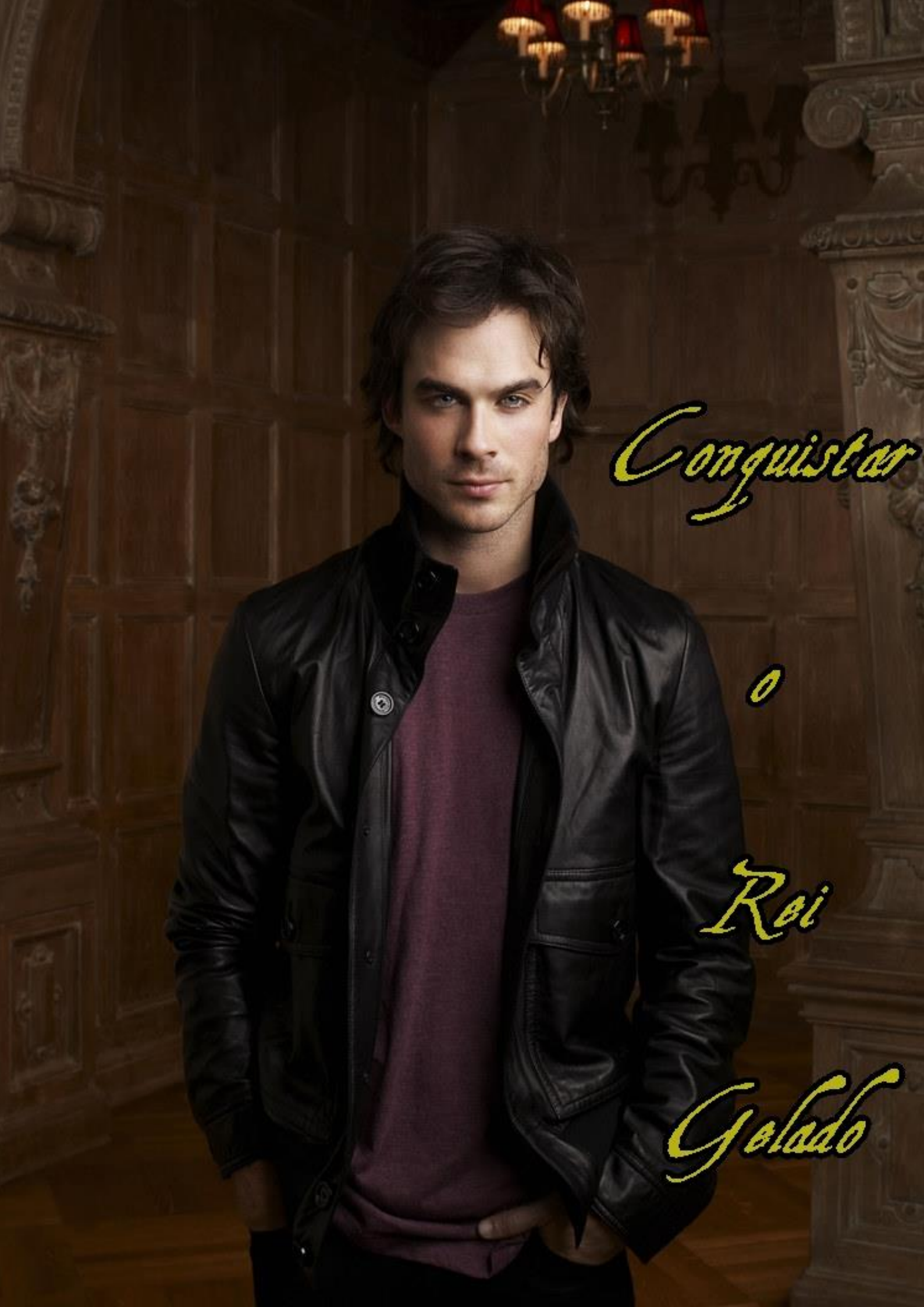
Eu o solto, então.

Mas, quando ele está prestes a abrir a porta, não resisto a acrescentar: — Você pode se masturbar, se quiser. Mas me prometa que você dirá meu nome quando gozar.

Suas costas ficam rígidas e ele inclina a cabeça. Um segundo depois, ele murmura: — Apenas vá dormir.

Eu vou dormir sorrindo.




Conquistar
o
Rei
Gelado

Dias passados no Interior = 35

Dias *restantes* para passar no Interior = 7

Dias para Conquistar o Rei Gelado = 7



Capítulo Dezesseis

Vou cortejar Simon Blackwood.

Sim. Vou cortejar o Rei Gelado. Eu, a Princesa da neve.

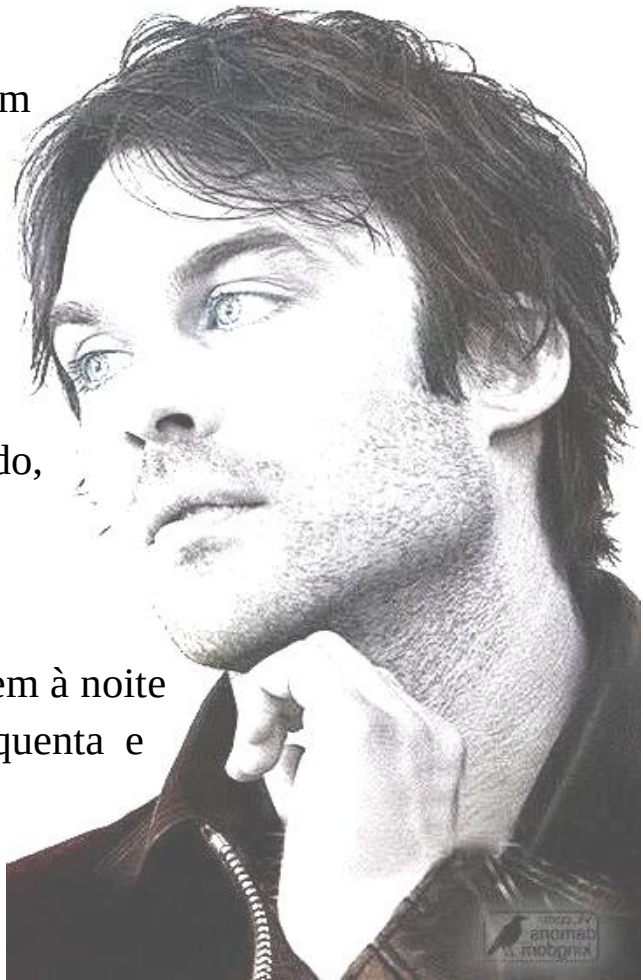
Eu sorrio, olhando para o teto nas primeiras horas da manhã. Quem disse que apenas reis podem cortejar? Uma princesa também pode cortejar um rei.

Vou cortejar meu rei. Bem, porque ele não fará isso sozinho.

Algo o está mantendo refém. Um demônio ou um dragão. Algo que corre em suas veias ao lado de seu sangue, como minha doença corre nas minhas. Só que o demônio dele não é um diagnóstico.

Então eu vou matá-lo, seja o que for. Eu estou determinada.

E feliz.



O problema é que quase nunca acordo com tanta energia. Isso me faz sorrir.

Toc, Toc, Toc.

Paro de sorrir e olho para a parede. Frágil e fina. A parede que carrega todos os sons.

— Oi. – eu digo, virando de lado, observando o gesso branco com apreensão.

— Oi. – A voz de Renn flutua.

Ok, então eu sei que o que aconteceu ontem à noite foi muito arriscado. Sei disso. Aqueles cinquenta e



seis minutos entre as verificações de hora em hora não eram infalíveis.

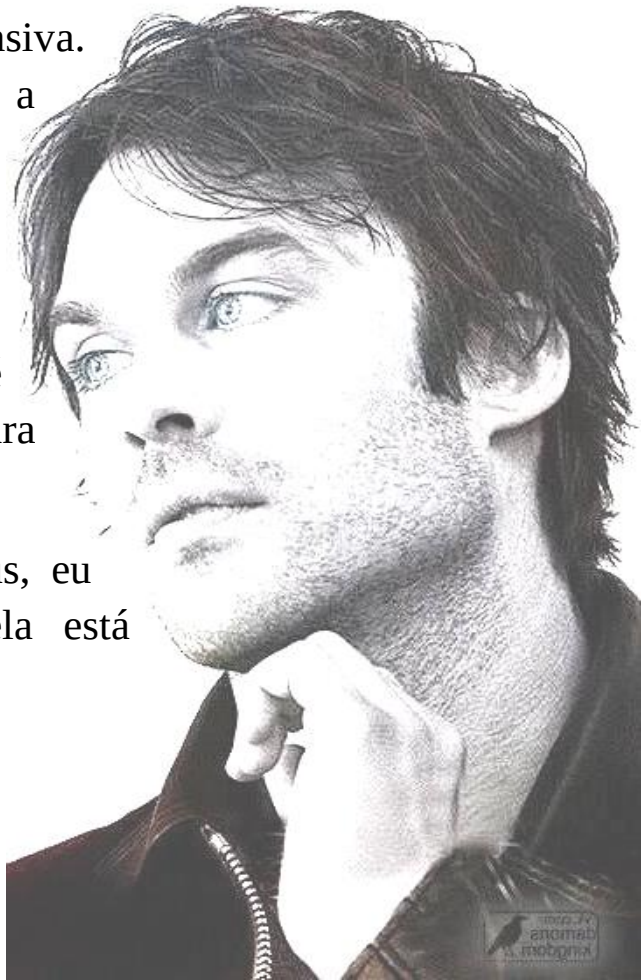
Qualquer um poderia ter entrado. Qualquer um poderia ter caminhado pelo corredor, espiado pela pequena janela do meu quarto e teria encontrado Simon e eu, nos esfregando um contra o outro.

Eu sei disso. Eu sei que tivemos sorte.

Sei também que a parede que me separa da minha vizinha é fina e de madeira. Tão fina e de madeira que até os sussurros atravessam. Graças a Deus eu tenho o quarto do lado das escadas, então só tenho uma vizinha para enfrentar. E apesar de chover e da tempestade da noite passada, há todas as chances de Renn ter ouvido alguma coisa.

Mas ela nunca diria nada. Eu a conheço há trinta e cinco dias e ainda assim, eu sei. Eu sei que ela é minha melhor amiga. E quando sair daqui em sete dias, eu levarei todas essas memórias e amizades comigo.

— Dormiu bem ontem à noite? – ela pergunta casualmente.



Mesmo assim, eu estou um pouco apreensiva. Não pelo fato de que ela poderia contar a alguém, mas pelo fato de que poderia pensar menos de mim.

Limpo minha garganta. — Sim. E você?

— Incrível. – ela se vira de lado, como é evidente pelo barulho. — Então foi uma loucura ontem à noite, não foi? Com a chuva.

Meu coração está acelerado agora. Deus, eu não posso dizer pela voz dela o que ela está pensando.



— Sim. Super louco. – eu faço uma careta no silêncio.

— Então?

— Então...

— Você realmente vai me fazer dizer isso?

— Dizer o quê?

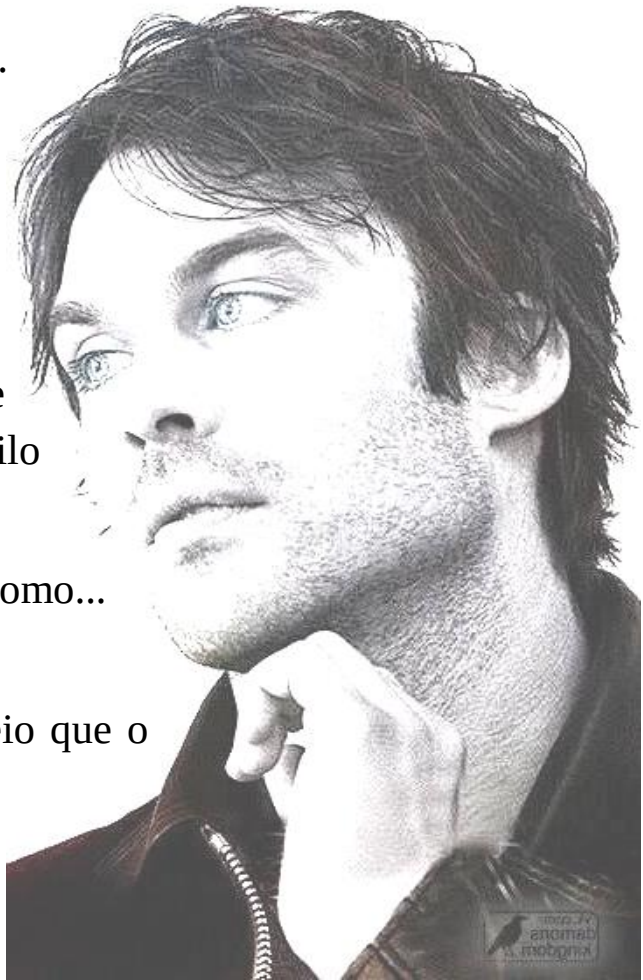
— Willow.

— Renn.

Ela sussurra. — Jesus. Eu sei, ok. Eu ouvi. E se você acha que não, você é mais estúpida do que eu pensava.

— Ei, não há necessidade de ser rude.

Ouço um bufo. — Bem. Desculpe. Mas o que diabos estava pensando, Willow?



— Eu... Não... Não estava pensando nisso.

— Não acredito que isso aconteceu. Qualquer um, e eu quero dizer, qualquer enfermeira da noite, poderia ter entrado.

— Eu sei. – eu agarro o cobertor e escondo o rosto debaixo dele antes de murmurar: — Também não acredito que aquilo aconteceu.

— Como isso aconteceu? Como o quê? Como... Eu não...

Eu afasto o cobertor. — Na verdade, meio que o



convidei para um encontro há alguns dias.

— O que?

— Abaixe a voz, sua idiota!

— Ah, eu sou a idiota entre nós duas? Eu? E você é tão esperta em convidá-lo para sair, certo?

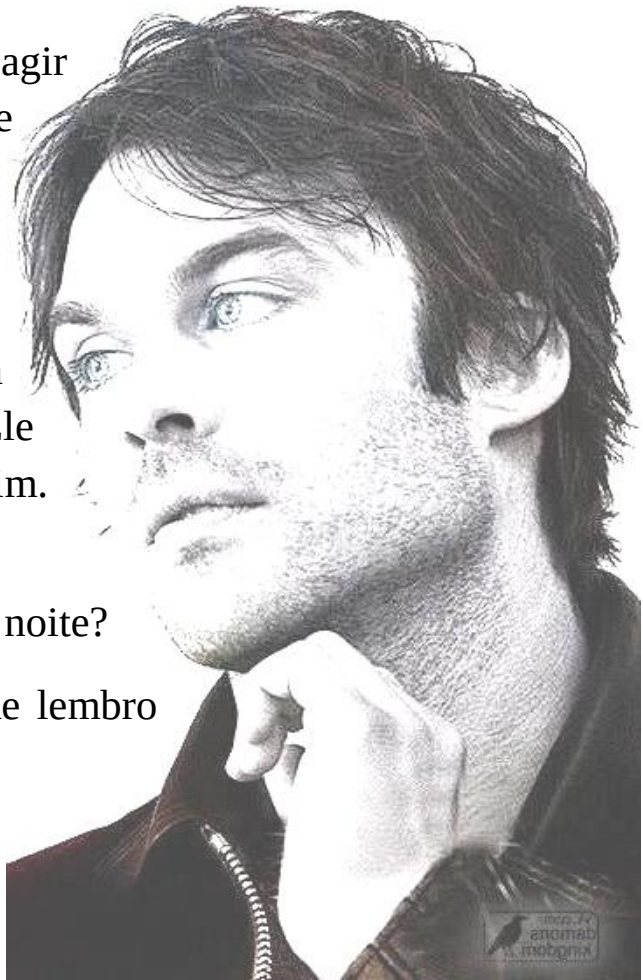
— Bem. Se for assim. Não estou lhe dizendo nada. – eu deito de costas e cruzo os braços sobre o peito, esperando que ela não veja que é um blefe.

Porque estou morrendo de vontade de contar a alguém.

Essa coisa de falar é muito viciante. Agora eu sei por que as meninas da minha escola sempre andavam em bandos. Elas queriam fofocar. Não que o que aconteceu ontem à noite seja um tópico ou fofoca irrelevante, mas ainda assim. Eu preciso de uma amiga agora.

Renn suspira. — Desculpe.

— Você está falando sério?



— Sim. Mas, não pode me culpar por reagir fortemente a essa informação. Você não me contou. – Mais um farfalhar. — Como é que não me contou?

Eu suspiro também e me viro para encarar a parede novamente. — Eu não sabia o que dizer. Ele obviamente disse que não. Ele me disse que não tinha sentimentos por mim. Então foi isso.

— Mas então, como ele estava aí ontem à noite?

Algo revira no meu estômago quando me lembro



de todas as coisas que ele me disse. Todas as coisas em que ele está pensando. Pensei que ele nem sequer olhou para mim. Não pensei que nada em mim o atraísse. Eu pensei que ele era objetivo, indiferente e impessoal.

Ele não era.

Ele me observava. Ele está me observando. Ele me quer também.

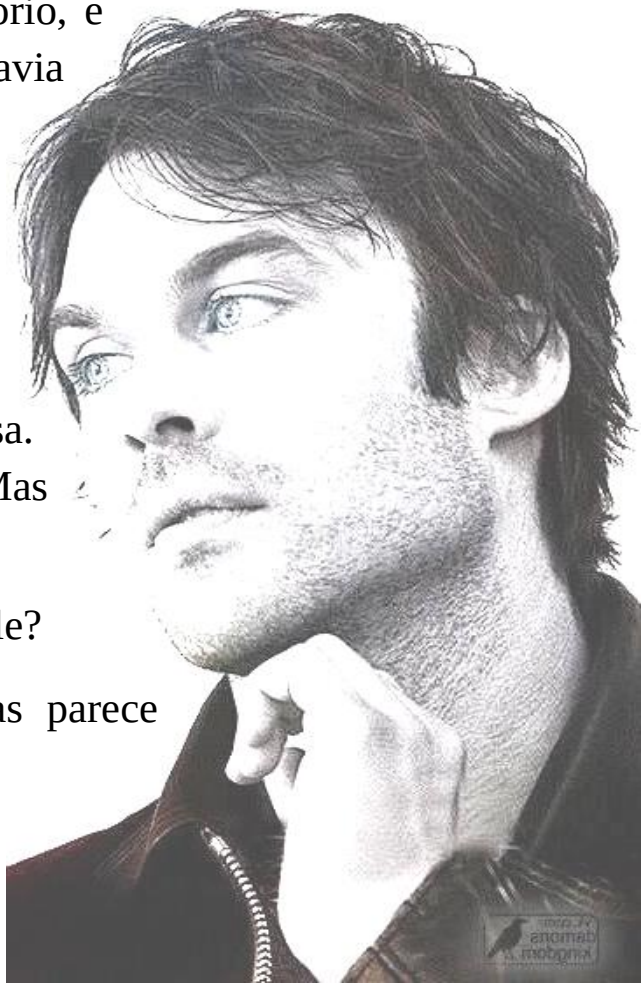
Não é a coisa mais milagrosa do mundo? É mais milagroso que mágico. Quem precisa de mágica se você tem isso?

Ele. Me querer como eu o quero.

— Mas então, ele me disse que também me queria. Mas ele não quis se render por causa do que somos.

— O que mudou?

Tento lembrar o que aconteceu antes do beijo. Conversei em grupo e, em seguida, ele me chamou em seu consultório, e perguntei se ele conhecia alguém que havia desistido.



Sim.

Foi o que ele disse com uma voz tão comovente que senti meu coração partir.

— Eu não tenho certeza. Há alguma coisa. Algo em sua vida que o está incomodando. Mas não sei o quê.

— Você acha que é o trabalho anterior dele?

Suspiro. — Talvez. Não sei dizer. Mas parece



pessoal. Talvez sejam os dois.

— Você quer que eu descubra?

— O que você quer dizer?

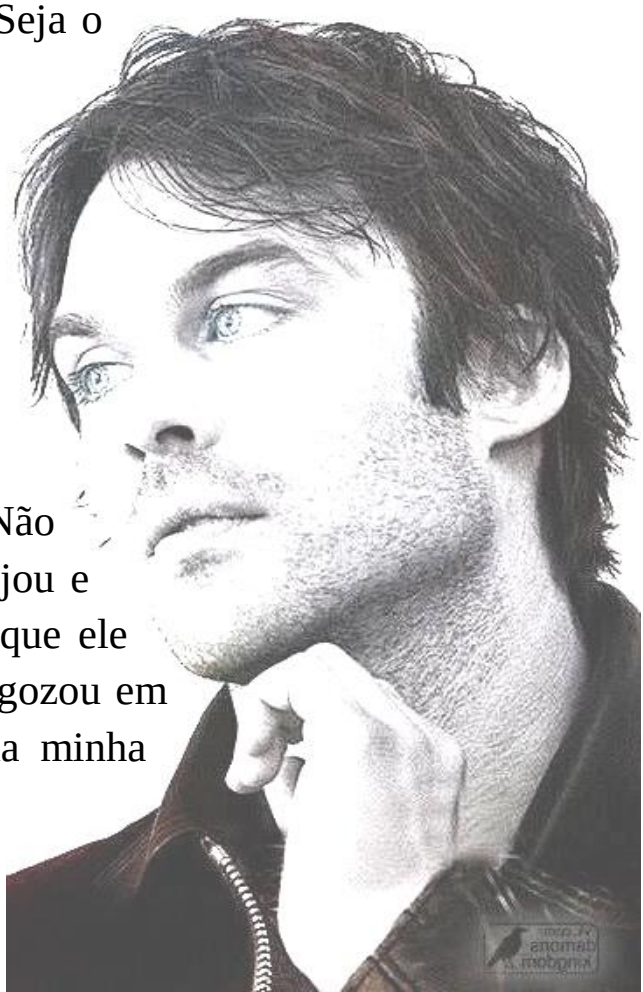
— Então você sabe que meu pai está no conselho de administração, certo? O assistente do meu pai é bastante engenhoso. Ele é quem liga toda semana para me checar. Não posso prometer os detalhes pessoais, mas posso dizer a ele para perguntar e talvez descobriremos algo sobre o trabalho dele.

É tentador. Tão tentador. Posso descobrir o que o está impedindo e depois posso dizer a ele que isso não importa.

Nada importa porque eu o quero. Eu o quero mais do que eu queria qualquer coisa neste mundo.

Mas então, sei uma coisa ou duas sobre segredos. Eu tinha alguns dos meus, e não posso fazer isso com ele. Vou esperar. Vou esperar ele me dizer. Esperar ele confiar em mim como confio nele.

— Não. É uma invasão de privacidade. Seja o que for, não importa.

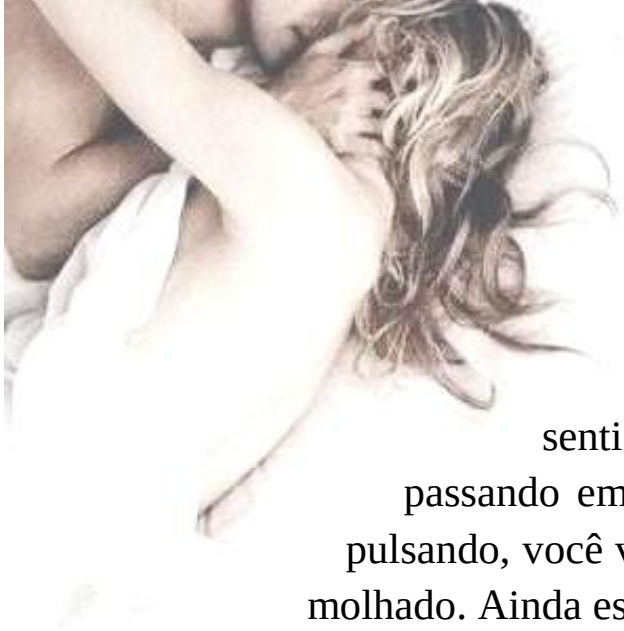


Renn protesta, mas deixa para lá quando eu insisto.

— Foi bom? – ela pergunta alguns momentos depois.

Eu rio. Apenas Renn perguntaria isso.

Não parece que isso aconteceu comigo. Não parece que meus lábios foram os que ele beijou e minha pele foi a que ele tocou. Não parece que ele me fez gozar em seu pau e, por sua vez, ele gozou em mim. Com o seu sêmen espirrando por toda minha



barriga e boceta. Parece surreal, como um sonho sombrio e cheio de luxúria.

Mas não foi um sonho, porque ainda posso senti-lo. Ainda sinto o peso de seu pau quente, passando em minha abertura para cima e para baixo. Está pulsando, você vê. Meu clitóris, meu canal apertado. E está tão molhado. Ainda está.

— Sim. Foi muito bom pra caralho. – respondo.

— Ah, cara. Eu sabia. Sabia que ele seria bom. Ele só tem aquele olhar, sabe. – O suspiro dela é de saudade.

O meu também é.

Coloco as minhas mãos sob a minha bochecha. — Tristan também tem essa aparência.

Renn fica quieta.

Bato o meu dedo na parede de madeira, como se ela pudesse sentir. — Por que você não gosta dele?

Sem resposta.

— Renn.

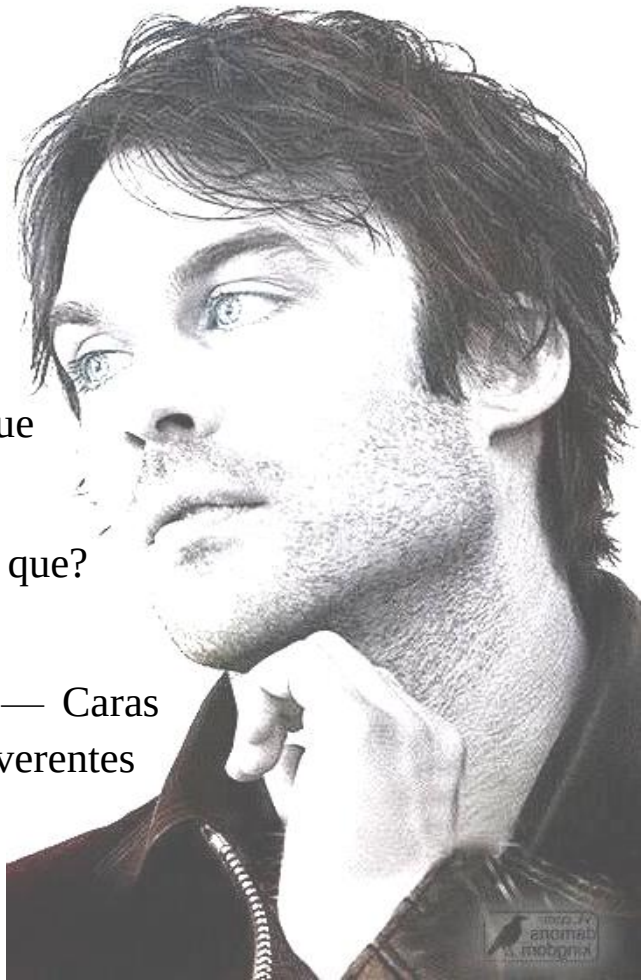
— Willow.

— Conte-me.

Ela bufa suavemente. — Porque acho que ele é perigoso.

Estou instantaneamente em alerta. — O que? Você quer dizer, tipo perigoso perigoso?

— Perigoso para mim. – ela esclarece. — Caras como ele, fingem ser todos charmosos e irreverentes





e, você sabe, inofensivos. Mas eles não são. Ele é perigoso para garotas como eu.

Finalmente eu entendo. Eu entendi.

— Você gosta dele. – eu digo com uma voz aterrorizada. — Você só tem medo que ele vá partir seu coração.

— Eu sempre tenho medo disso, Willow. Eu não acredito em amor. Eu sei que posso amar, mas também sei que o amor é apenas besteira. É uma dose de dopamina. E confie em mim, eu gosto de ficar chapada, mas a dopamina não é a maneira de fazer isso. Eu tomava metanfetamina com hormônios, todos os dias.

— Ok, então, há muito conteúdo censurável por aí que não vou abordar agora. – eu sorrio tristemente. — Você parece a Penny.

— Bem, eu sei a minha química, então.

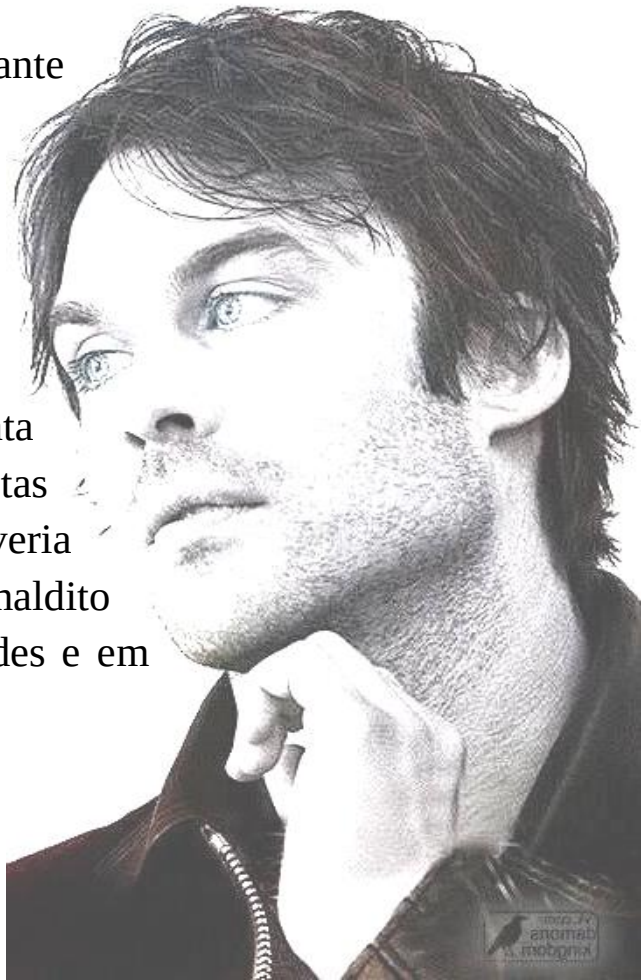
Concordo, pensando no que dizer. Finalmente decido: — Não acho que você deva ter medo. De se apaixonar, quero dizer.

— É? Com base no que? Seu visitante noturno?

Penso na pergunta dela, desenhando formas aleatórias na parede.

Ah, quem eu estou brincando?

Eu estou escrevendo o nome dele em tinta invisível. Ainda bem que não nos dão canetas sem supervisão - objeto pontiagudo. Eu escreveria o nome dele nas paredes. Encheria todo esse maldito hospital com o nome dele, em todas as paredes e em todos os cantos.





— Eu nunca tive medo de me apaixonar. De fato, é isso que eu faço. Eu me apaixono. Mas eu sempre quis fazer isso porque minha doença me fazia fazer. Realmente não me conheço às vezes, sabe. Meus pensamentos não são meus. Eles são tão dominados pela minha doença. Pelo que eu tenho. Às vezes, não sei se é por que quero morrer, ou se é algo que minha depressão está me fazendo querer. – eu engulo. — Mas desta vez eu quero me apaixonar porque quero. Eu o quero. Sou eu. Sou completamente eu. É como se eu me conhecesse. Ele me faz conhecer a mim mesma. Ele me fez perceber que sou forte. Sou uma guerreira. Ele me vê de alguma maneira. Além de tudo. Sinto que estamos tão enterrados com nossos problemas, Renn. Temos muita bagagem e muitas delas não estão sob nosso controle. Mas ele vê além disso. Eu não posso me esconder dele. Ele vê o meu verdadeiro eu.

Eu a ouço fungando e percebo que Renn está chorando. Eu também estou.

— Não quis fazer você chorar. – eu sussurro.

— Muito tarde.

Eu rio tristemente. — Desculpe. Não chore.

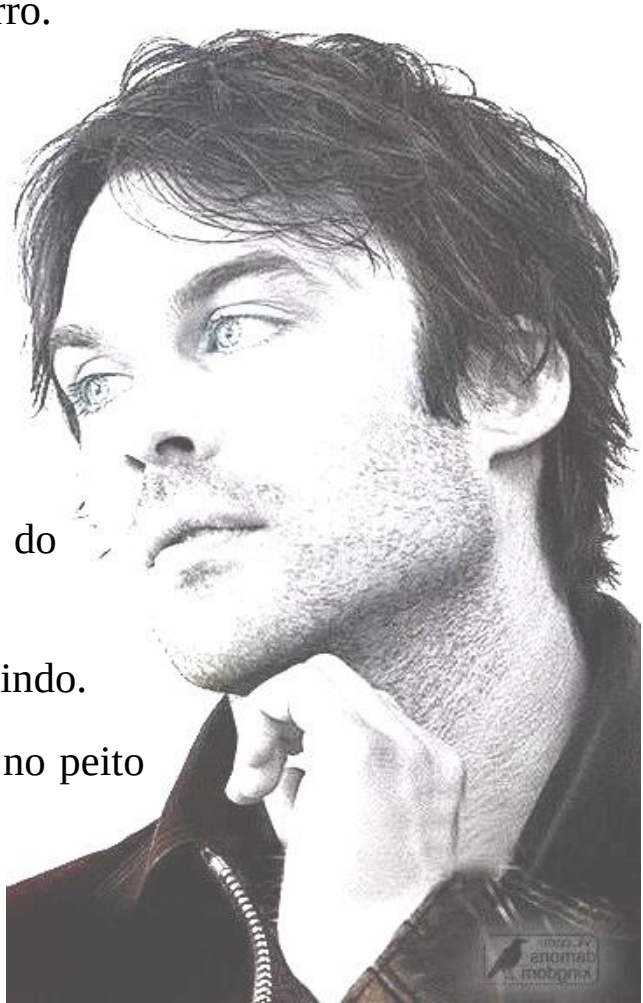
— Como não posso chorar, Willow? Isso é um desastre.

— O quê?

— Eu. Vocês. Ele. Mas você e ele mais do que eu. Ah, meu Deus, Willow. Você o ama.

— Eu não. – digo, mas sei que estou mentindo.

Eu sei que o meu coração está acelerado no peito





e minha pele está arrepiada. Há uma sensação estranha no meu estômago, uma agitação. Uma agitação elétrica.

Quero dizer, sei que parece estúpido. Apaixonar-me por um homem que eu não conheço muito. Estivemos juntos uma vez e nem era sexo.

Talvez eu esteja sendo completamente ingênua, jovem e imatura, mas o que sinto por ele, a maneira como ele me afetou desde o início, mesmo antes de ver seu rosto, a maneira como contei todos os meus segredos para ele... Talvez, eu estivesse sempre indo nessa direção.

Sempre estaria doente de amor. Deprimida. Apenas um pouco doente.

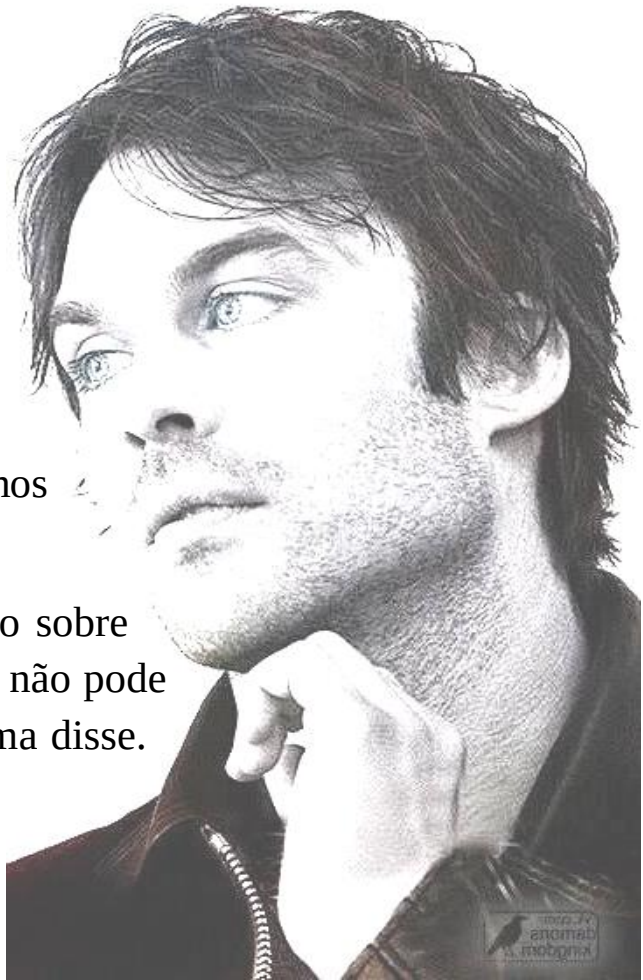
— Você também, Willow. – diz Renn. — Você sabe o que é louco? Nem sei o que dizer agora. E se ele não for o que você pensa que é? Você realmente o conhece?

— Eu acho que conheço. Onde importa.

— E se vocês forem pegos? E depois?

— Eu... Espero que não.

Essa é uma resposta tão idiota. Mas a verdade é que realmente espero que não. Eu só tenho mais sete dias aqui. Quando sair, não importa o que estaremos fazendo, certo?



Quem se importará?

Só precisamos ter cuidado pelos próximos sete dias.

— Willow, tenho um mau pressentimento sobre isso, ok? Ele poderia perder o emprego. Você não pode desfazer todo o progresso que fez. Você mesma disse.



Estamos enterrados sob nossos problemas. Você não precisa disso. Você não precisa de outro problema em sua vida. Por favor, diga-me que você será cuidadosa. Por favor.

— Eu prometo. – respondo, piscando minhas lágrimas, com o amor pela minha melhor amiga.

Quem sabia que eu encontraria uma melhor amiga para sempre no Interior?

— Você me julga? – eu não resisto a perguntar.

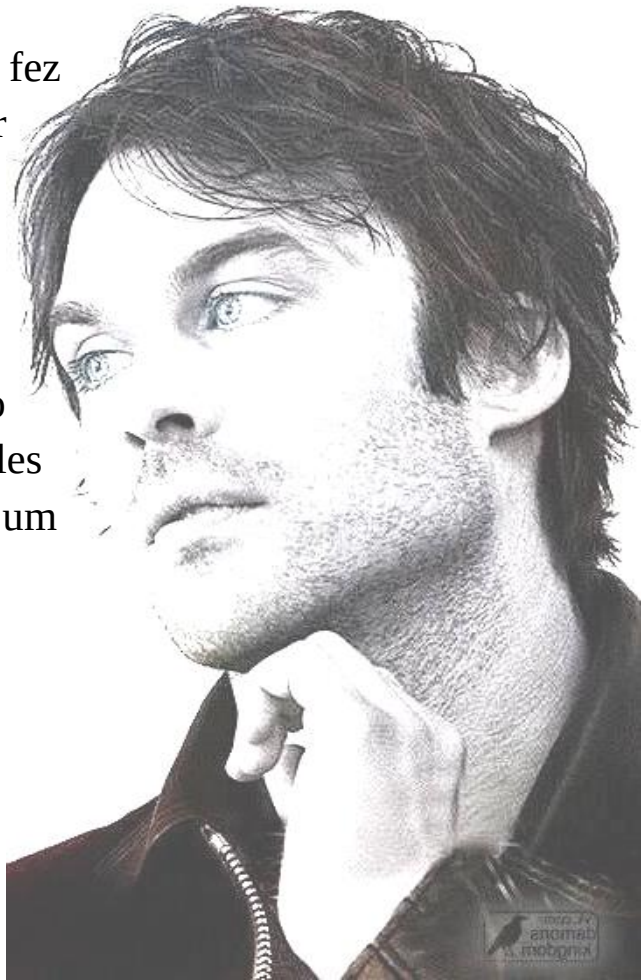
— O que? Não. – Renn insiste. — Eu só quero que você tenha cuidado. E não quero dizer cuidado com o hospital. Tenha cuidado com ele. Porque pessoas como ele e pessoas como nós... Temos uma linha entre nós, Willow. Há uma grande e enorme divisão. Há uma razão pela qual eles usam jaleco e avental azul marinho e nos diagnosticam. E há uma razão pela qual estamos aqui, longe do mundo real e as nossas vidas interrompidas. Não é algo para se envergonhar, mas também não é algo para ser levado a sério.

Ele me disse a mesma coisa, quando me fez prometer que não deixaria nada acontecer entre mim e meu tratamento.

E eu não vou.

Meus sentimentos por ele não têm nada a ver com a minha doença. Eles são independentes, separados. Eles são meus. Eles não são resultado de uma deficiência ou de um gene defeituoso.

Meus sentimentos por ele sou eu.





Na verdade, muitas pessoas não entenderão.

Elas acharão que sou louca por me apaixonar por um homem como ele. Meu psiquiatra. O Rei Gelado e distante. Elas acharão que é tudo menos amor. Elas acharão que sou uma estatística. Uma garota louca se apaixonando pelo homem que está tentando salvá-la. Que é um amor condenado. Um amor nascido para morrer.

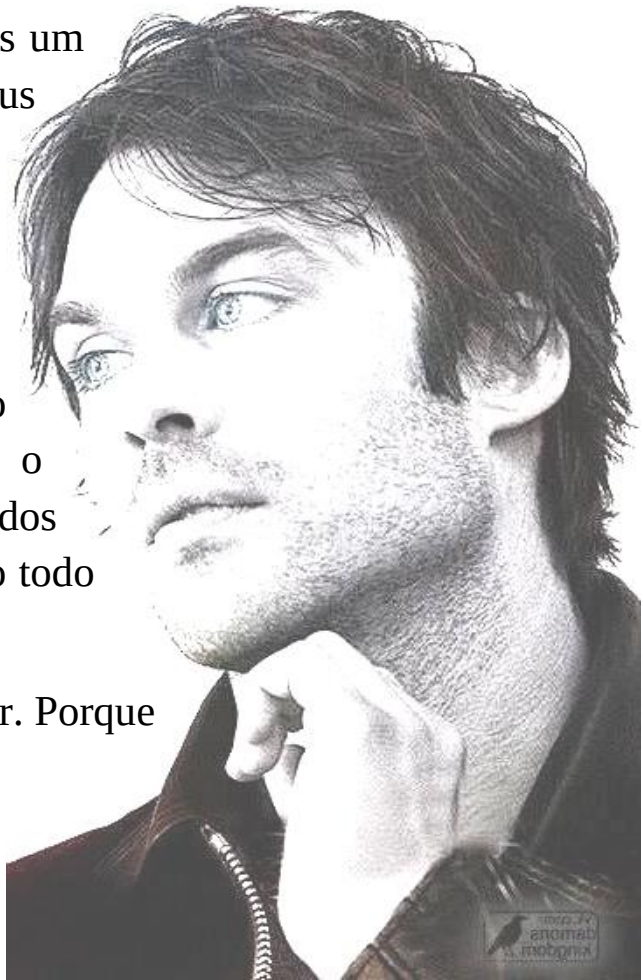
Uma garota quebrada apaixonada pelo reparador.

Mas o que não sabem é que o meu reparador também pode estar um pouco quebrado. Há algo que o assombra e é mais do que o fato de eu ser paciente dele e ele ser meu psiquiatra.

E tenho sete dias para convencê-lo de que não importa quem somos ou o que somos, nós somos feitos um para o outro.

.....

Trinta minutos depois, desço as escadas para tomar o café da manhã e o encontro no corredor. Nós olhamos um para o outro através do espaço, com os seus olhos fixos em mim de uma maneira que agora eu entendo.



Começo a caminhar em sua direção e ele faz o mesmo. Alguns pacientes passam por mim. Um técnico carregando um prontuário me acena. Algumas enfermeiras o cumprimentam. Fazemos o que somos obrigados a fazer. Sorrimos, acenamos também, o tempo todo gravitando um para o outro.

Ou pelo menos, parece vontade de gravitar. Porque



neste momento, não há lugar para onde eu prefiro ir do que em direção a ele.

Paramos um em frente ao outro, um pouco mais abaixo na sala de jantar.

— Dr. Blackwood. – aceno para ele.

— Willow. – ele não acena de volta; simplesmente me olha, o meu rosto e a minha camiseta.

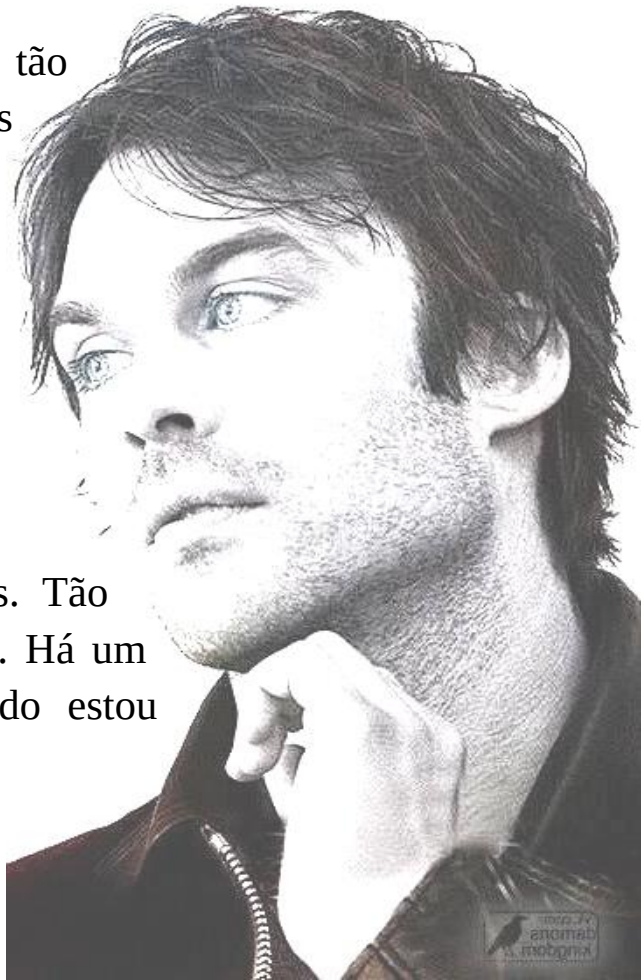
Meus mamilos acordam, como se ele os estivesse tocando, não com os olhos, mas com as mãos.

Ah Deus, suas mãos.

Ele as enfia nos bolsos enquanto olha, e eu tenho que perguntar: — Por que você sempre tem as mãos nos bolsos?

— Para me controlar. – ele murmura, com a sua voz embargada e melosa, como os seus olhos.

Meu coração dispara. — Por quê?



Ele olha para cima com seu olhar escuro, tão escuro quanto a noite passada. — De fazer as coisas que elas não deveriam estar fazendo.

Engulo com meu coração na garganta, impedindo-me de dizer alguma coisa sobre isso. Embora eu queira dizer coisas. Tantas coisas.

— Camiseta interessante. – ele murmura.

Meus mamilos ficam duros e doloridos. Tão doloridos pra caralho. E meus seios também. Há um formigamento neles que só acontece quando estou



prestes a me perder em um orgasmo. Pena que estou no meio de um corredor, com a agitação matinal de um hospital.

— Obrigada. É, hum, do Harry Potter. – digo, como fiz na primeira vez que conversei com ele no corredor. Como se eu quisesse falar sobre ficção e magia, em vez de implorar para que ele aliviasse a dor nos meus seios.

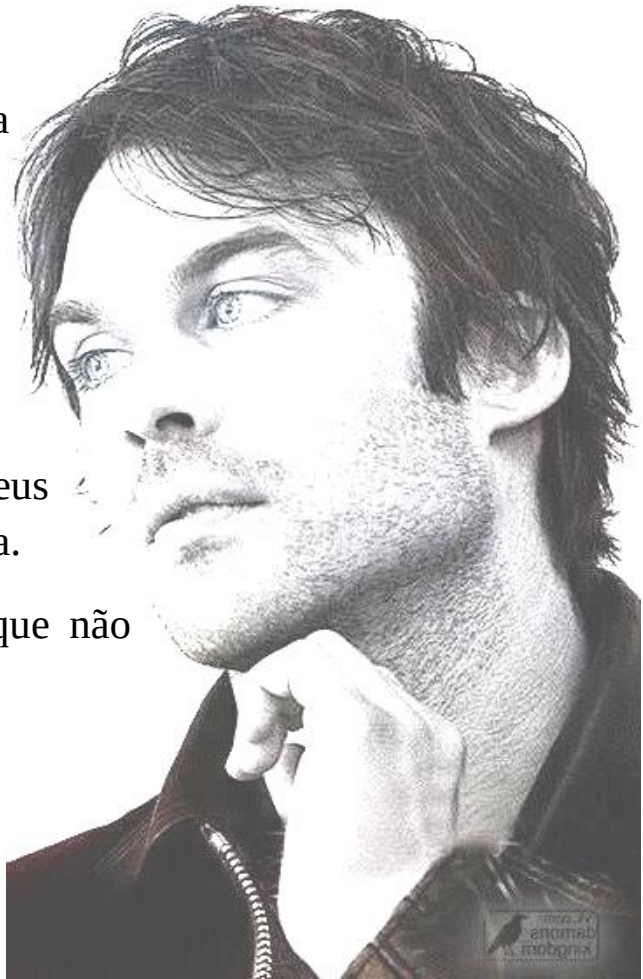
Ele sabe o que estou pensando. Ele tem que saber. Algo brilha em seu rosto.

Algo carnal, e tenho que entrelaçar os braços nas costas para não tocar nele. Eu gostaria de ter bolsos também.

— Eu sei.

Eu mordo meu lábio. — Eu dormi bem. Ontem à noite, quero dizer. Como um bebê.

— Eu estou feliz que os remédios estejam fazendo o trabalho deles. Além disso, você é um bebê. – Sua voz está cheia de frustração mal contida.



Não sou um bebê. Ou uma criança pequena. Ou a responsabilidade dele. Embora estranhamente, isso me deixa excitada porque ele pensa assim. O que ele não sabe é que esse bebê é realmente uma Princesa da neve que vai matar seus dragões.

Decidindo deixar para lá, estreito meus olhos para ele. — A noite passada foi arriscada.

Suas narinas se abrem. — É por isso que não acontecerá novamente.



Boom, Boom, Boom.

Esse é o meu coração, igualando o trovão ontem à noite.

— Não deveria. – eu concordo com ele. — Existe uma linha entre nós.

— Há sim.

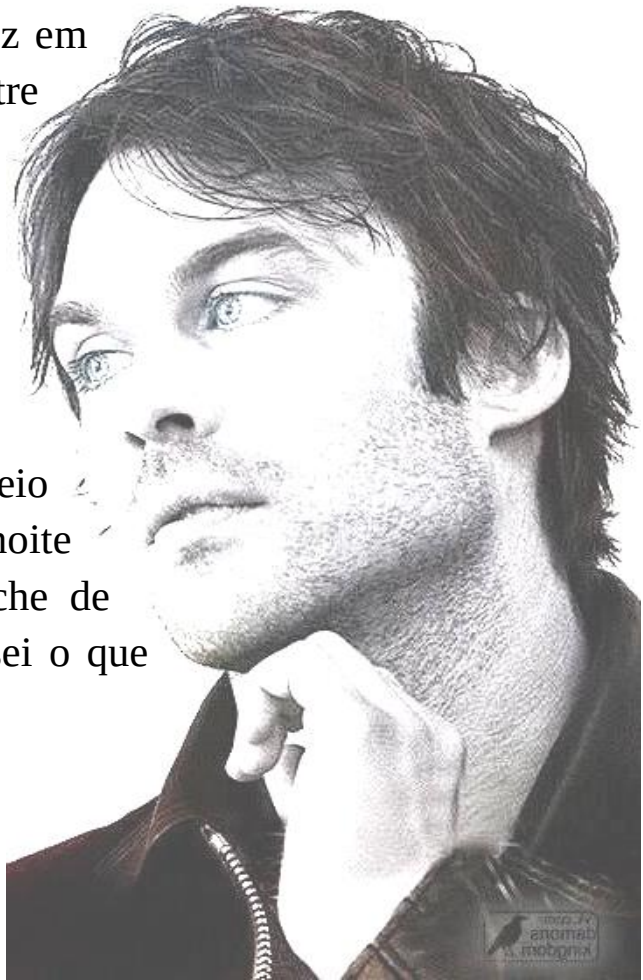
— Eu estou... Meio que com defeito e você não.

Ele dá um passo mais perto de mim e é muito difícil para eu simplesmente ficar lá e não dar um passo mais perto dele.

Ele inclina a cabeça em minha direção e eu me torno hiperconsciente dos arredores. É de aparência íntima, a maneira como ele está me prestando toda essa atenção?

Mas pela a minha vida, não consigo me afastar dele. Não suporto cortar essa conexão, mesmo que seja à luz do dia e as pessoas nos cercam por todos os lados.

— Vamos esclarecer uma coisa. – ele diz em voz baixa, mas intensa. — Há uma linha entre nós, Willow. Mas isso não tem nada a ver com o seu suposto defeito. Você entendeu? Não há nada de defeituoso em você. Eu fui claro?



Minhas pernas tremem e balançam.

Elas tremem como se eu estivesse no meio de um terremoto. Como o que tive na noite passada em seus braços. Sinto uma avalanche de emoções, tantas emoções confusas que não sei o que fazer.



A única coisa que faz sentido para mim agora é o fato de eu o amar.

Eu amo este homem.

Olho para a curva esculpida de sua mandíbula, querendo beijar sua barba por fazer, mas sabendo que não posso. — Sim.

— Ótimo. – ele dá um passo para trás. — Quero que você se concentre no seu tratamento e nada mais.

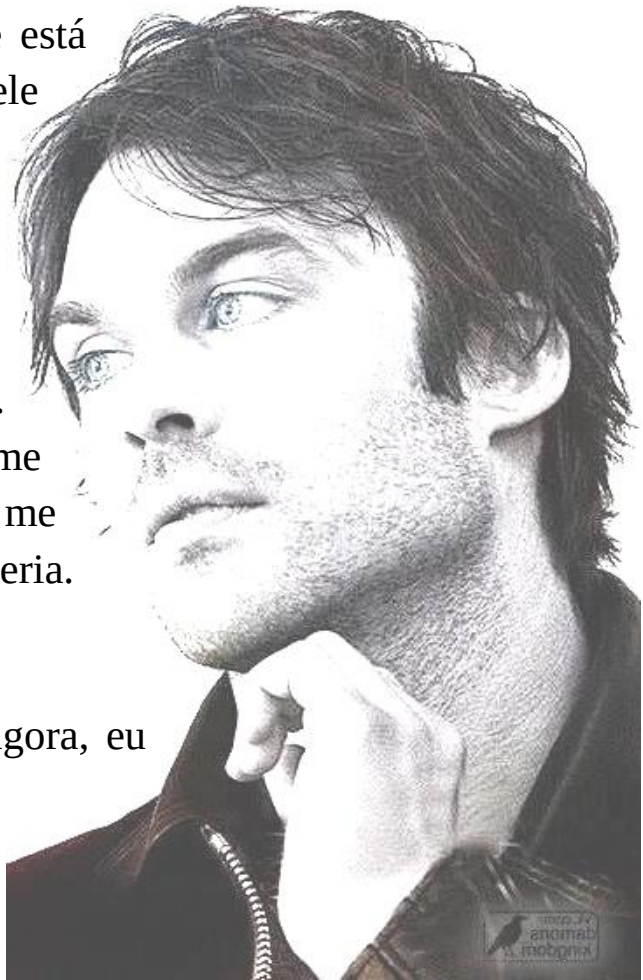
— E você vai se concentrar em me tratar?

— Esse é o meu trabalho.

— Eu não quero que você o perca. Se. ... – eu paro, já que estamos aqui e não posso realmente dizer o que quero dizer.

O rosto dele fica em branco. — Por que você não me deixa preocupar com isso? Além disso, não há *se*. Porque como eu disse, isso não acontecerá novamente.

Olho nos olhos dele, tentando ler se ele está falando sério. Logicamente, racionalmente, ele deveria estar falando sério. Se formos pegos, as coisas podem acabar muito mal. Para ele. Não quero que ele perca algo de que é tão apaixonado.



Também poderia terminar mal para mim. Embora eu não me importe tanto. Eu não me importaria se eles me trancassem e me acorrentassem, por querer algo que eu não deveria.

É surpreendente, essa revelação.

Eu odiei ser enviada para cá. Odiei. E agora, eu



não me importaria de morar aqui, em cativeiro, desde que ele me queira também.

Assentindo, digo: — Ok.

— Fico feliz por estarmos na mesma página.

Nós estamos. Seus olhos dizem isso. Mas por que parece que a página em que estamos não é a página em que devemos estar?

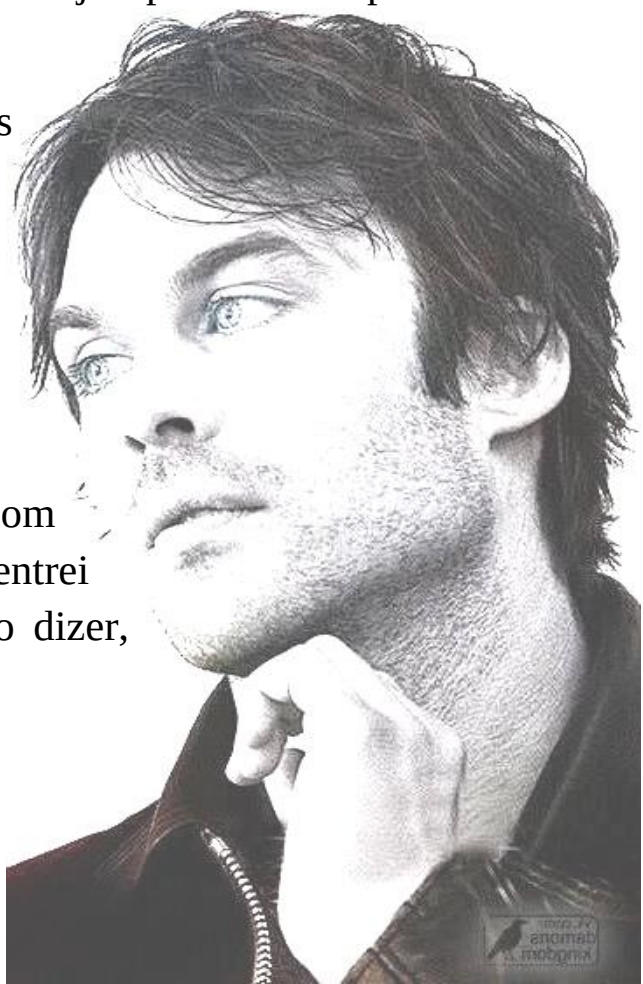
Eu deveria ir tomar café da manhã agora. Vejo todo mundo entrando na sala, nos olhando. Mas não consigo me mexer. Não quando ele está me olhando assim. Como se ele estivesse aqui o tempo que eu quiser. Como o que aconteceu ontem à noite vai acontecer novamente.

— É um bom dia, não acha? – murmuro.

Ele olha para mim desconfiado. — Um bom dia para quê?

Eu não consigo parar de sorrir então. — Pôquer.

O olhar que ele me dá é abrasador. Eu o vejo apertando os punhos dentro dos bolsos. — Pôquer.



— Uhum. – eu aceno, apertando meus próprios braços nas minhas costas, porque quero bagunçar seu cabelo agora. Ou talvez amassar sua camisa bem passada. — Deveria vir jogar com nós, Dr. Blackwood.

— Quem somos nós?

Ontem à noite, sonhei com Simon com ciúmes de todos os outros homens com quem entrei em contato. Era estranho e exagerado. Quero dizer, ele não terá ciúmes de todo homem, não é?



Olhando para ele, não tenho certeza. — Hum, muitas pessoas. Renn e as meninas. Tristan.

— Certo. – Sua boca se inclina em um sorriso tenso e torto. — Sabe, eu teria muito cuidado com quem você joga.

— Por quê?

— Isso pode me irritar.

— Então, venha jogar conosco. Ou você sabe, apenas observe.

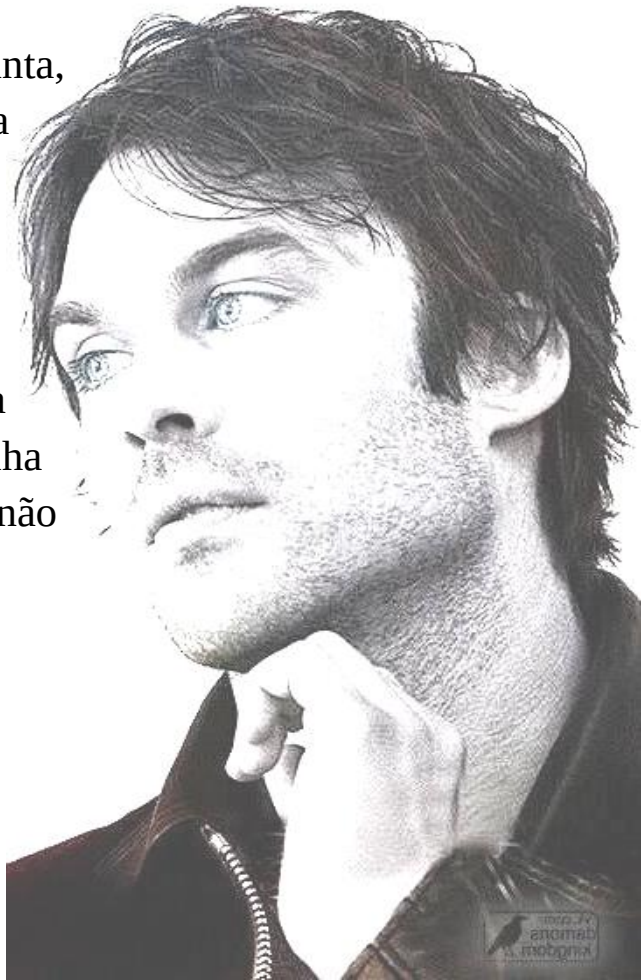
Seus olhos brilham perigosamente e minha respiração hesita. Ainda não acredito que ele esteja me observando. Como uma fera vagando dentro do castelo. Meu Rei solitário do gelo.

— Você não deveria ficar tão tenso, sabe. E perfeito. Na verdade. – digo com a minha voz toda ofegante e o meu peito quase arfando com todas as sensações. — Acho que você vai gostar da liberdade das pessoas do outro lado.

— Que lado é esse? – ele pergunta, finalmente, com uma voz suave e consciência em seus olhos.

— O lado em que a loucura vive. E não estou falando do tipo inútil.

Simon me observa com uma mandíbula tensa antes de assentir e recuar. — Bem, tenha um bom dia e, pelo seu bem, espero que você não jogue pôquer.





Saffron A. Kent

Capítulo Dezessete

315

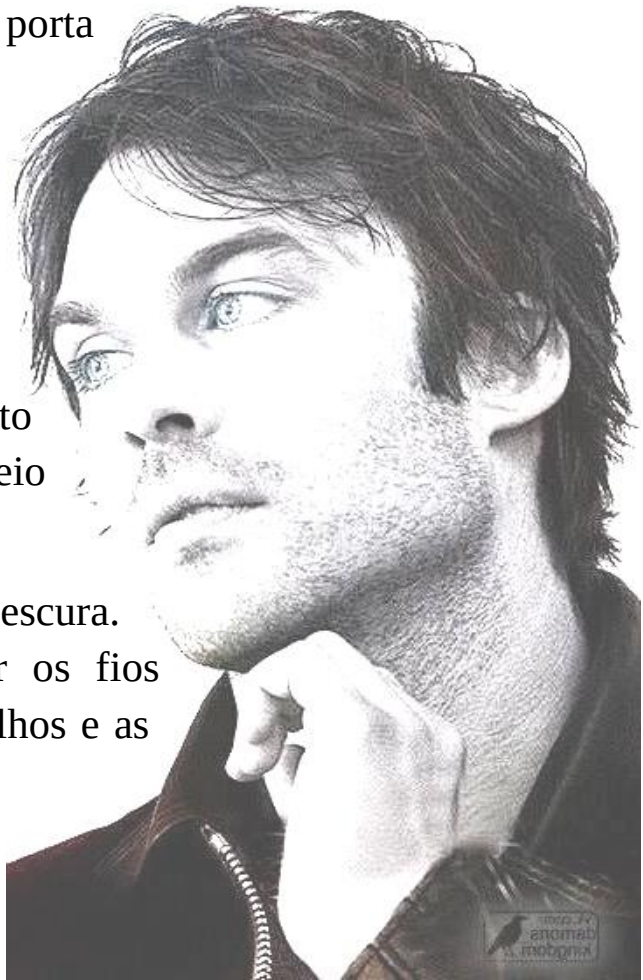
Eu joguei pôquer.

Mas não sou muito boa nisso. Então, eu meio que perdi. Tenho cerca de doze mil em dívidas que tenho que pagar quando sair daqui na próxima semana. Somos todos grandes apostadores aqui em Heartstone.

Eu estou na minha cama, sentada exatamente na mesma posição, desenhando formas na janela. Está chovendo de novo. Forte e alto, mascarando todos os outros sons, exceto o som do céu caindo.

A enfermeira da noite apenas espiou pela janela e eu estava fingindo estar dormindo. É meia-noite e faltam exatamente cinquenta e três minutos para outra verificação de hora em hora. Ele está três minutos atrasado do que ontem.

Como na noite passada, sinto quando a porta do meu quarto se abre e ele entra.



Imediatamente eu fico de pé. As tábuas do assoalho rangem, mas hoje à noite estou um pouco mais calma. Eu não deveria estar. Isso é perigoso.

— Você está atrasado. – sussurro enquanto vejo a sua silhueta escura e alta. Meio ameaçador, mas meio que não.

Hoje à noite, a escuridão não parece tão escura. Estou mais adaptada a isso. Eu posso ver os fios bagunçados de seu cabelo, o olhar em seus olhos e as



manchas na sua camisa enquanto ele se aproxima de mim.

— Você deveria estar dormindo agora. – diz ele, rispidamente.

— Você deveria estar também.

— A insônia pode exacerbar sua condição, Willow. – ele me informa.

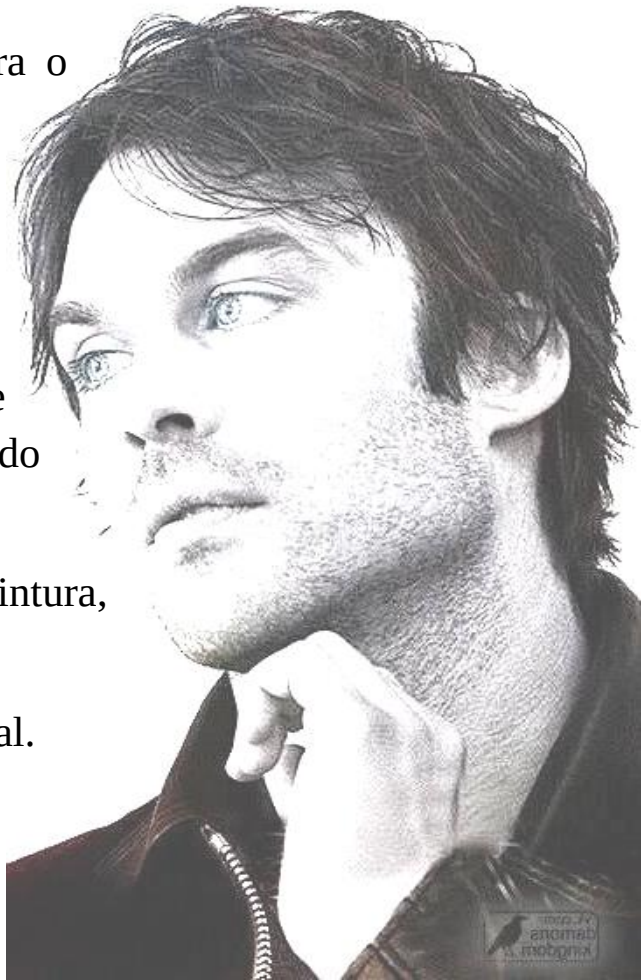
Quase faço beicinho. — Até onde sei, você também tem dificuldade em adormecer.

— Nós não estamos falando de mim. E não sou eu quem tem um Transtorno Depressivo Maior.

Ok, chega.

Não quero brigar quando houver outras questões em jogo.

— Por que você está molhado? – eu estendo a mão e pego as gotas perdidas em sua garganta com o dedo.



Eu o sinto engolir. — Quase voltei para o meu hotel.

Parando os meus movimentos, eu olho para ele. — Por quê?

Sua mandíbula se move, mas ele não diz nada. Acho que essa é a minha resposta - ele não queria vir. Meu coração aperta quando pergunto: — Até onde você chegou?

Ele coloca as mãos molhadas na minha cintura, me fazendo ofegar pelo frio.

— A meio caminho dos portões do hospital.



— O que fez você mudar de ideia?

— Você estava rindo demais. Com ele.

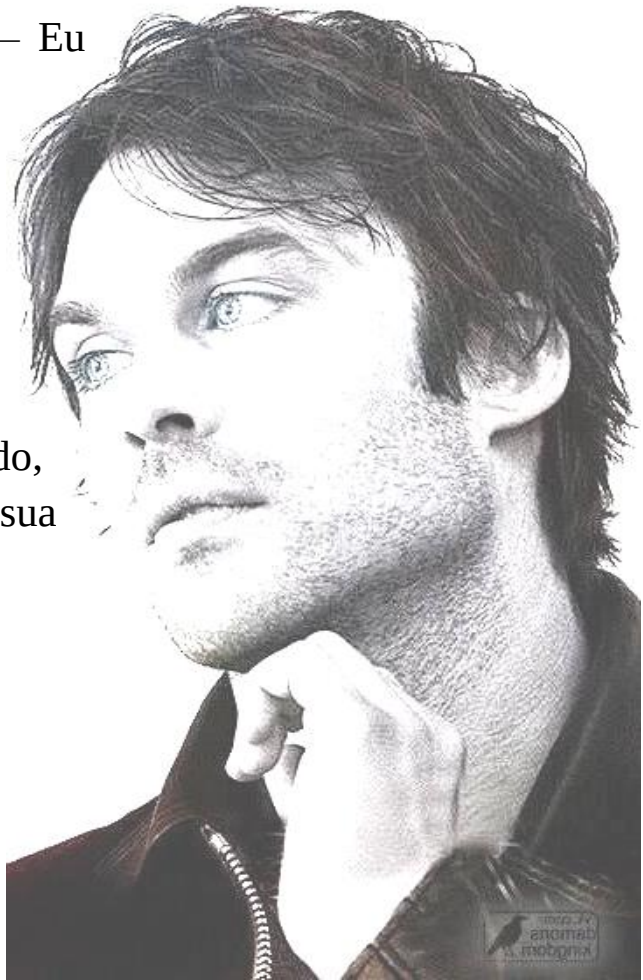
Aperto minhas coxas com o tom dele. Todo perturbado e irritado.

Sei que não deveria. Sei que ele estava ciente disso, comigo jogando pôquer.

Estávamos na sala de recreação e ele estava na porta. Havia uma carta em suas mãos e ele estava olhando para ela. Mas eu sabia que ele estava em sintonia com todos os meus movimentos. É uma coisa que ele faz, onde ele me observa sem ser óbvio, sem sequer olhar diretamente para mim. Isso é enervante e excitante. É como o que eu faço, por mais que eu me mova, ele absorve tudo. É inebriante estar no centro das atenções de alguém. Isso mexe com todo o meu controle. Minha racionalidade. Isso me deixa louca.

Isso me faz cair para ele de braços abertos e em um vestido branco.

Minhas mãos deslizam sobre seus ombros e sinto os seus músculos tensos sob as palmas das mãos. — Eu não estou interessada nele.



Estou interessada em você.

Ele me puxa para mais perto até eu ficar quente contra seu corpo úmido. — Ótimo. Ele não é um cara para você.

Eu seguro o seu queixo esculpido, enxugando as gotas, sentindo a textura de sua barba por fazer.

— Você é um cara para mim, então?



— Não.

Pode levar uma eternidade para convencê-lo de que sim, ele é um cara para mim. Ele é o único cara para mim. Mas só tenho sete dias para tentar conseguir uma eternidade digna de cortejo.

E hoje é a noite.

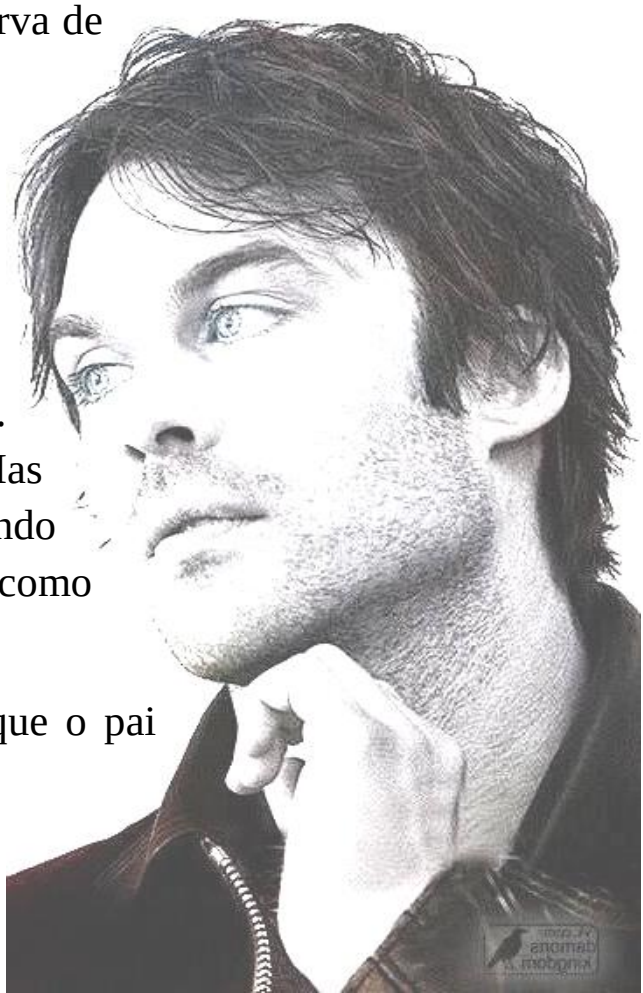
Eu vou lhe dar uma coisa. Um presente. Minha confiança na forma do meu corpo. Minha virgindade.

Sim, eu sei que pode ser bobagem fazer sexo e depois magicamente esperar que ele se apaixone por mim.

Mas o fato é que isso é tudo o que tenho. Meu corpo, meu desejo e minha luxúria. Esta é a parte mais pura de mim. Minha necessidade por ele é impoluta, a única coisa que possuo, e darei isso a ele. Eu vou confiar nele.

Se isso é estúpido, que assim seja.

Vejo a umidade pingando ao longo da curva de suas bochechas esculpidas.



— O que a enfermeira pensa hoje à noite? Sobre onde você está?

— Armário de suprimentos. Ela acha que sou o melhor médico com quem já trabalhou, porque eu estou ajudando-a no inventário. Melhor do que o meu pai. – ele zomba: — Mas eu não sou melhor, sou? Estou apenas fingindo ajudá-la, para que eu possa vir vê-la. Eu sou como ele.

Isso é importante para ele. Ser melhor que o pai



dele. Isso mostra em todas as partes do seu corpo grande. Lembro-me da nossa primeira sessão quando conversamos sobre o pai dele e ele se calou.

Eu quero saber porquê. Por que existe tanta rivalidade entre eles?

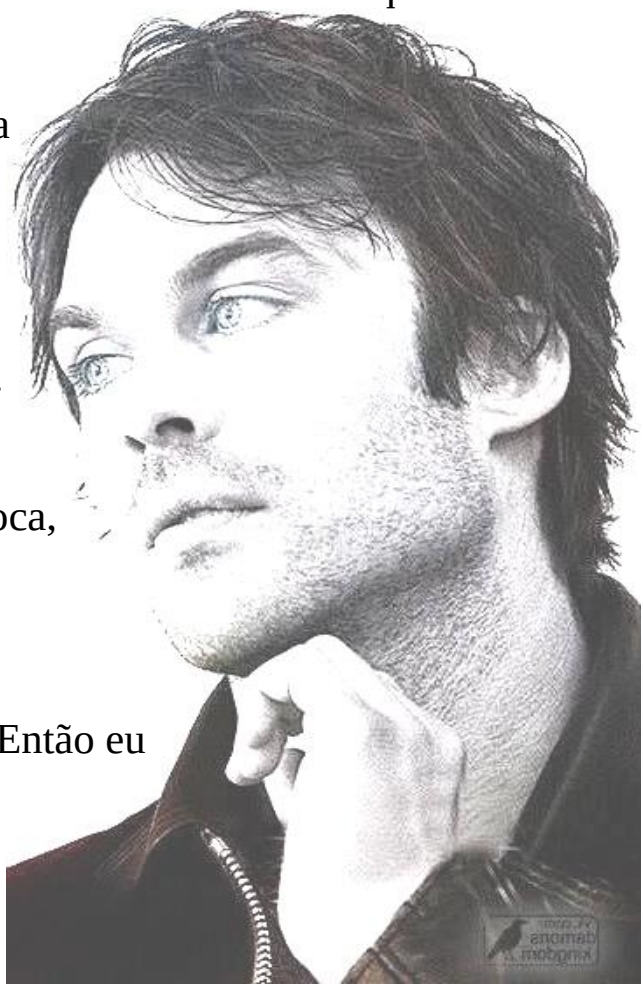
Eu não posso perguntar a ele, posso? Não posso fazer todas essas perguntas importantes dentro de mim porque sei em primeira mão como é a pergunta.

Mas eu posso mostrar a ele. Posso mostrar a ele que não tenho medo do que está assombrando.

Eu encontro seus olhos. — Acho que você é exatamente quem é e está onde deveria estar.

Meu e comigo.

Um dia vou dizer em voz alta para ele. Um dia não teremos que nos encontrar no escuro como se nós fossemos ladrões. Como o que temos fosse algo para se envergonhar.



Ele paira sobre mim com as gotas de água caindo nas minhas bochechas, e eu arqueio para ele. — É?

Levanto na ponta dos pés e dou um beijo suave nos lábios dele, e sussurro: — Sim. Porque eu quero que você faça algo por mim.

Ele pressiona um beijo forte na minha boca, como se não resistisse a provar.

— O que?

Também não consigo resistir a um gosto. Então eu



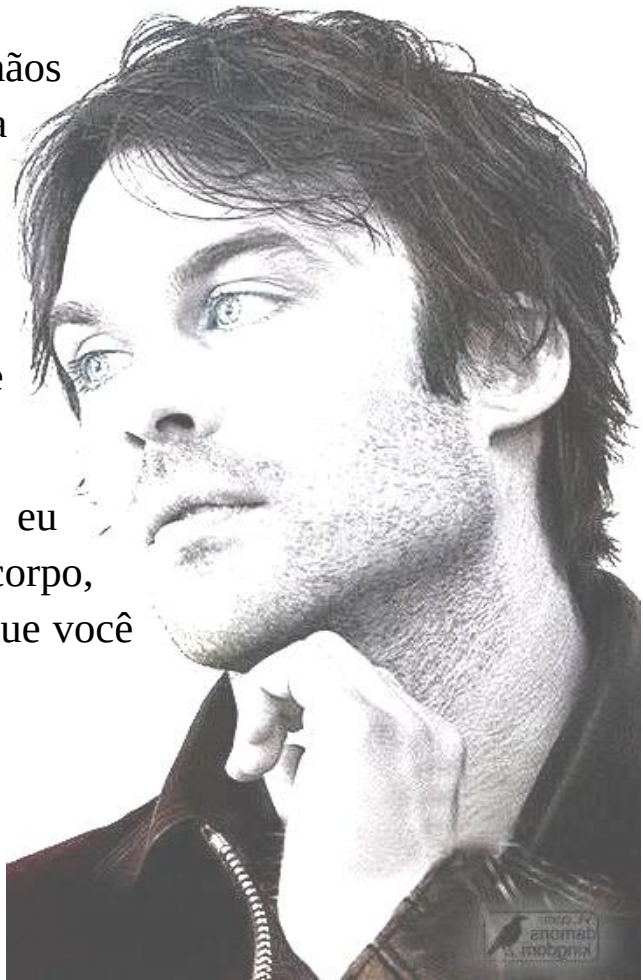
dou um beijo suave em seu queixo obstinado e lambo sua barba por fazer. A textura áspera na minha língua é tão sexy que eu me distraio e continuo beijando e lambendo, como um filhote de cachorro ansioso.

Gemendo, ele pressiona nossos corpos inferiores juntos e sinto a dureza de sua excitação contra o meu estômago. — O que você quer que eu faça, Willow?

Movo minha barriga contra seu pau, esperando que encontre o seu lar hoje à noite, dentro de mim. — Me ajude primeiro.

Sem dar tempo para ele pensar, empurro seus ombros para me equilibrar enquanto me levanto e envolvo minhas pernas em volta de sua cintura. Seus braços caem na minha bunda e ele me dá um impulso e, assim, estou em volta dele. Firmemente e sem esforço.

Simon está com a cara fechada, no entanto. Seu corpo está tenso, e aperto minhas coxas em torno dele, sorrindo. Sua cara feia aumenta de intensidade quando ele me vê sorrir.



Beijo seu nariz, fazendo-o deslizar as mãos dentro do meu pijama e apertar a minha bunda nua. — Ok, então não fique bravo, certo?

O jeito que ele está me observando, todo em alerta e quase apreensivo, me faz pensar que ele já sabe o que vou pedir e que ele ficará bravo, não importa o que aconteça.

Com as mãos em volta do seu pescoço, eu me impulsiono ainda mais, subindo em seu corpo, então olho para ele para variar. — Eu quero que você tire minha virgindade.



Suas narinas se abrem; mesmo olhando para mim, seu pescoço em ângulo, ele dificilmente parece menos intimidador. — O quê?

Eu mordo meu lábio. — Por favor. Será como um grande favor.

— Estar tirando sua virgindade, é um favor?

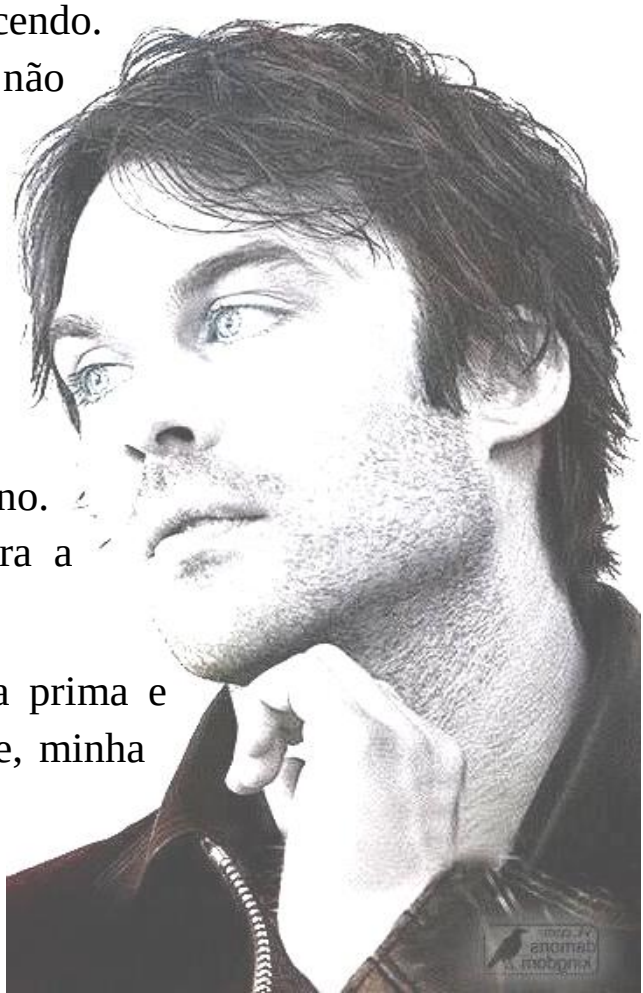
Seu tom seco e firme faz faíscas dispararem para o meu núcleo. Por que estou tão atraída por sua voz dominante? A autoridade dele. O fato dele ser muito mais velho que eu e muito mais experiente.

Eu olho para ele através dos meus cílios. — Sim.

— Como isso é um favor?

Simon está olhando minha boca como se precisasse ver as palavras saindo dela. Eu sei que o motivo que vou dar a ele é escandaloso, mas a culpa é dele.

Ele não aceita o presente que estou oferecendo. Então, eu vou enganá-lo. — Porque se você não fizer, alguém o aceitará.



— Que porra é essa?

É como se estivesse abraçando uma pedra. Uma rocha dura, implacável, mas que respira.

— Antes de vir para cá, já tinha esse plano. Eu não queria ser virgem quando fosse para a faculdade. Então, eu daria a alguém.

Isso é verdade. Eu ia sair com a minha prima e encontrar alguém com quem sair. Na verdade, minha



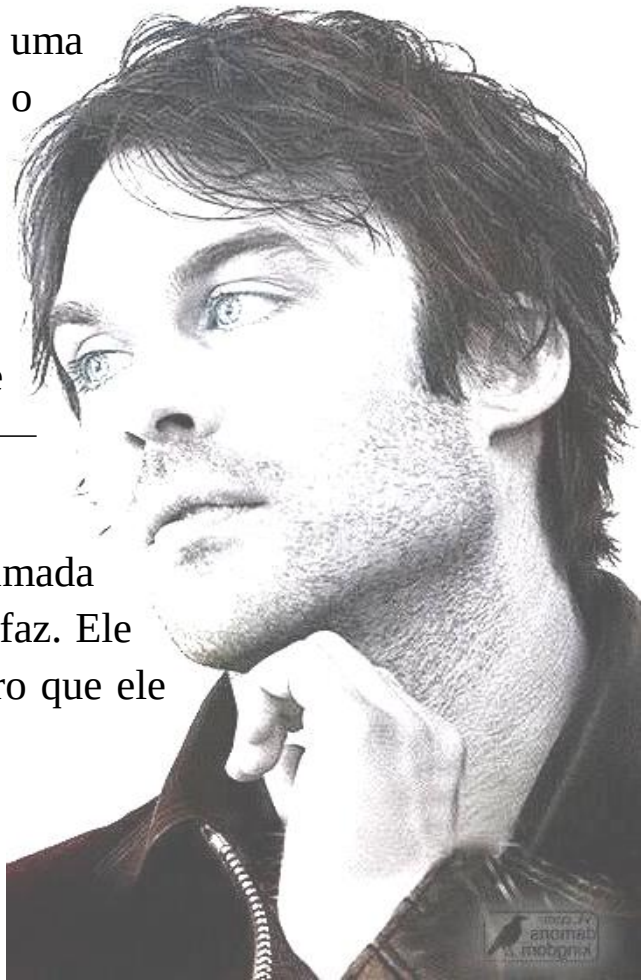
prima me faria sair com ela, para que ela pudesse me encontrar um cara. Eu disse que sim para acalmá-la. Mas eu sei que, se realmente acontecesse, eu teria dado uma desculpa.

Não é como se eu não quisesse transar, mas não queria transar assim.

— O que é isso? Uma porra de camiseta que você daria a alguém? – ele diz com raiva, pressionando minha parte inferior do corpo contra seu estômago.

Estremeço com o tom dele, mas estou determinada a ver essa fachada. — Ei! Eu queria curtir a vida, ok? Tenho vergonha de mim mesma e de tudo que há de errado comigo e de que nunca realmente saí. Eu só tive um namorado que acabou por ser uma porcaria. Então, minha prima veio com um plano. Ela me daria uma identidade falsa e me levaria a um bar. E ia me encontrar um cara.

Mais uma vez, verdade. Mas ele não precisava saber que eu era completamente contra o plano de uma identidade falsa. Não sou uma idiota. Eu sei o quanto perigoso pode ser sair assim.



— Não. – ele quase tira o ar de mim com seu aperto.

— Isso é tudo o que você diz. – eu falo, e depois tento imitar a voz baixa e rouca dele. — Não.

Provavelmente pareço mimada agora. Mimada e com tesão. Mas é exatamente o que ele me faz. Ele é tão teimoso, bom, nobre e Deus, eu só quero que ele



me foda.

Por que ele não me fode?

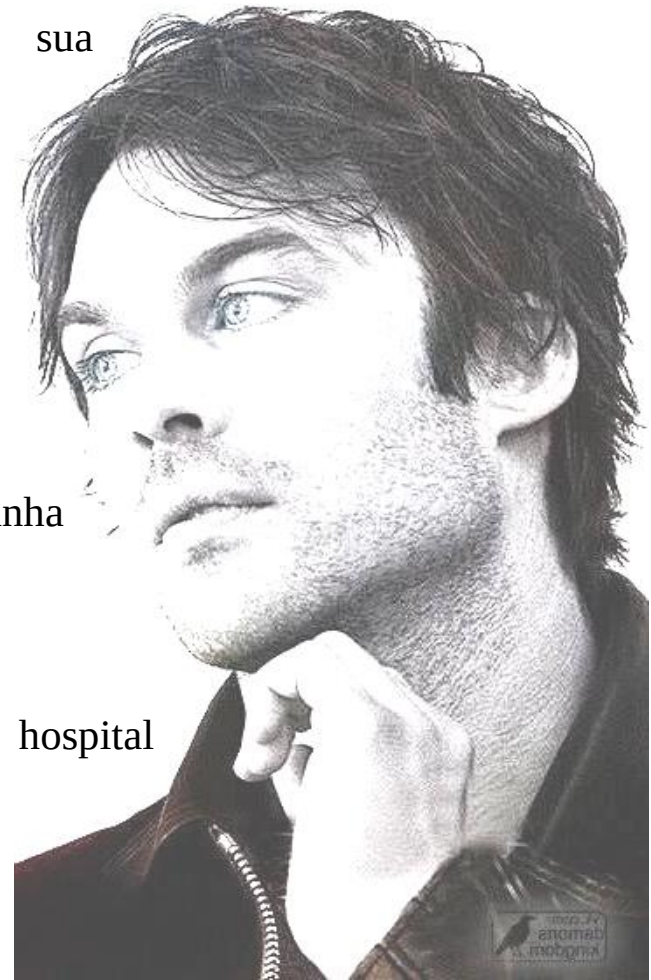
Simon me dá outro aperto para me informar que ele não está feliz comigo. — Primeiro de tudo, sua prima é estúpida. Você sabe como é perigoso ficar com homens aleatórios? Você não tem ideia de quem eles são. Com quem eles estiveram. Se eles estão bem ou saudáveis. É assim que você acaba em uma vala com seu corpo em um saco. Ou com uma DST. – Como na noite passada, ele agarra a parte de trás do meu pescoço e traz meu rosto para o dele. — E segundo, você não está dando nada a ninguém. Certo?

Eu respiro pelo nariz e olho em seus olhos. Claro, eu sei disso. *E não quero dar nada a ninguém*

— Então por que você não aceita?

Com a mandíbula rangendo, ele responde: — Já te disse, Willow. Enquanto você estiver sob a minha responsabilidade, permanecerá virgem.

— Mas não vou ficar sob a sua responsabilidade por muito mais tempo.



Seu aperto é flexível, como se não lhe ocorreu que vou embora em sete dias. Meu encarceramento acabou. Eu estou livre. Ou eu serei.

Mas não quero ser livre.

Eu não quero ir lá fora. Eu não quero minha vida de volta.

Eu o quero.

Se estar com ele significa viver neste hospital



branco e com cheiro de mofo, com uma regra sem tocar e sem sair, eu estou bem. Eu aguento. Eu posso dormir nessa cama de solteiro irregular, conversar através das paredes, ler os mesmos livros várias vezes. Eu posso me assustar com os gemidos, os pesadelos e os barulhos de água. Posso sofrer a humilhação de abrir a boca, mostrando se realmente engoli os remédios ou estou fingindo.

Vou tomar todas as pílulas que eles vão me dar. Náusea, insônia, suores noturnos e calafrios - vou aguentar tudo enquanto estiver com ele.

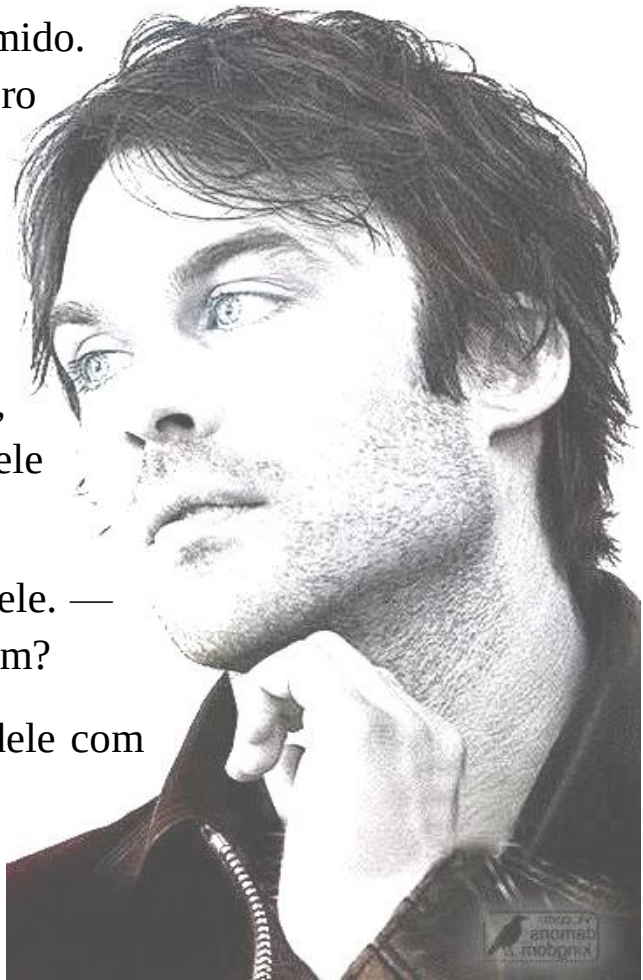
— Por favor, Simon. – eu imploro, encostando nossos lábios um contra o outro. — Se não, alguém o fará. E isso vai doer.

Ele fecha os olhos e respira fundo.

Dou beijos suaves por todo o seu queixo, seu rosto e suas pálpebras. — Por favor. Isso vai doer e eu não quero que machuque, Simon.

— Willow.

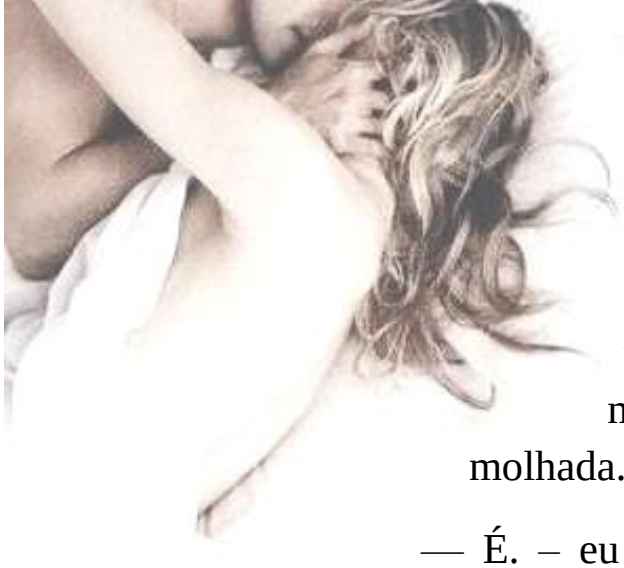
Meu nome em seus lábios é como um gemido. Um gemido rouco e torturado e eu só o quero engolir. Eu quero engoli-lo.



— Por favor, não diga não. Por favor, Simon. E se ele não for cuidadoso comigo? Eu te disse que minha boceta é tão apertada. É tão pequena. – estou no pescoço dele agora, bebendo as sobras de chuva e lambendo sua pele salgada.

Ele segura os meus cabelos e me afasta dele. — Willow, agora é a hora de calar a boca, está bem?

Mesmo que eu não tenha acesso à pele dele com



meus lábios, eu me movo contra a pélvis dele, o tempo todo odiando o fato de estarmos vestindo roupas. Se não estivéssemos, mostraria a ele, o faria sentir como estou molhada. Como estou encharcada por ele.

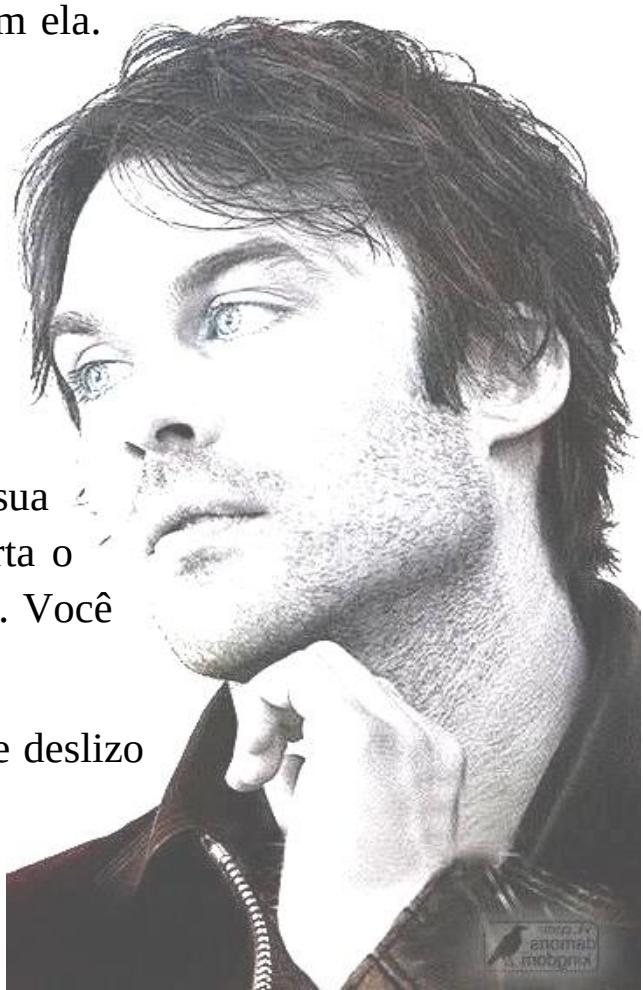
— É. – eu insisto, ignorando seu comando para calar a boca. — Eu garanto. Não estou mentindo. Você pode colocar seu dedo dentro de mim e ver por si mesmo. É minúsculo.

— Estou avisando, Willow.

Em qualquer outra situação, os seus resmungos provavelmente me assustariam. Mas não agora. Nada me assusta. Muito menos ele. Não tenho espaço em minha mente, em meu coração e em meu corpo por medo. Ele é todo desejo e urgência.

Eu sou toda a necessidade dele. Sou toda eu. Nem uma gota da minha doença.

Deslizo meus dedos dentro da sua gola aberta e toco sua pele quente e macia. — Eu sei que você será cuidadoso com ela. Eu sei que você vai cuidar de mim. Por favor.

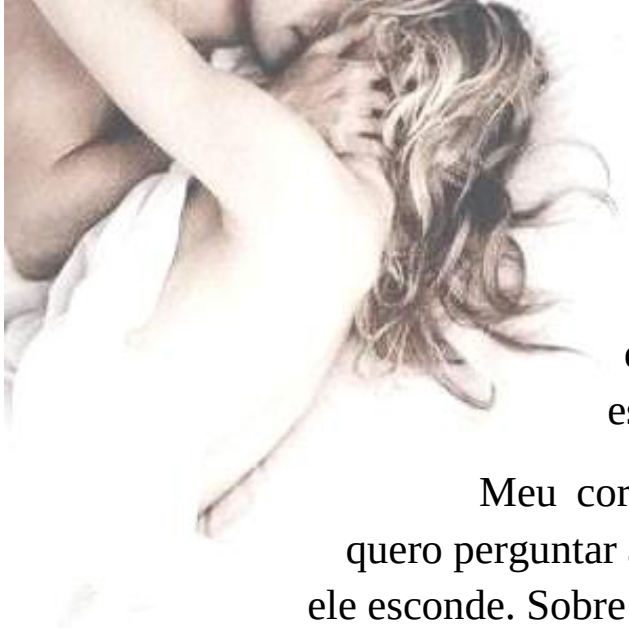


Eu sinto seu peito vibrando, e ele aperta mais meu cabelo. — Você esteve pensando nisso o dia todo? Como me manipular para te foder?

— Sim. – digo sinceramente.

Minha resposta faz com que ele amplie sua postura, como se não se movesse, não importa o quanto eu o empurre. — Eu não vou te foder. Você não quer ser fodida.

Eu abro o botão de cima da camisa dele e deslizo



minha mão ainda mais. Mas ele me para. Ele coloca a palma da mão na minha e não me deixa ir a lugar algum. Olho nos olhos dele, estão sérios, escuros e inundados com luxúria.

Meu coração aperta no meu peito. E, novamente, eu quero perguntar a ele. Quero perguntar a ele sobre as coisas que ele esconde. Sobre o porquê dele não querer isso comigo.

Ele é tão magnífico. Por que ele não consegue ver isso?

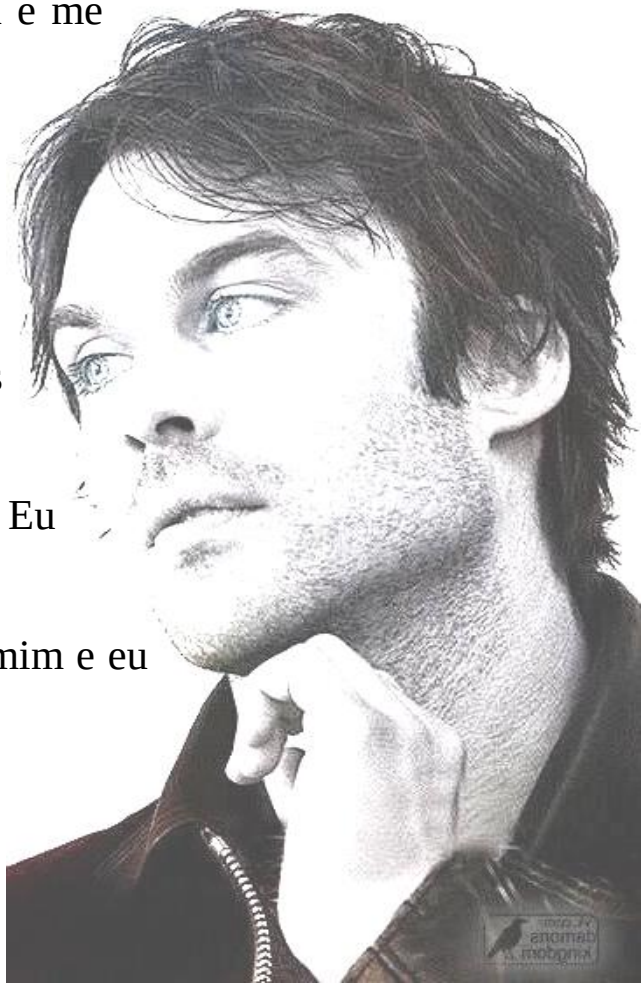
— Você me faz feliz, Simon. Ninguém nunca me fez feliz antes. – digo ironicamente com lágrimas nos olhos.

Por ele. Por mim. Por todas as coisas que ele não está me dizendo.

É a verdade.

Simon Blackwood me faz feliz. Ele me aquece. Ele me faz querer lutar por ele.

Seu rosto está pulsando com alguma coisa e antes que eu possa entender tudo, ele pressiona a boca na minha e me beija.



É um alívio, esse beijo. A língua dele. O sabor. O seu cheiro. As respirações e a sucção da boca dele. Não sei qual é a intenção dele, mas não o deixo ir. Eu passo meus braços ao redor dele e envolvo minhas pernas na parte inferior das costas dele.

Não vou deixar que ele me recuse mais. Eu não vou deixar. Eu quero que ele ceda.

Então, de repente, sua boca não está em mim e eu estou gemendo de frustração.



— Simon...

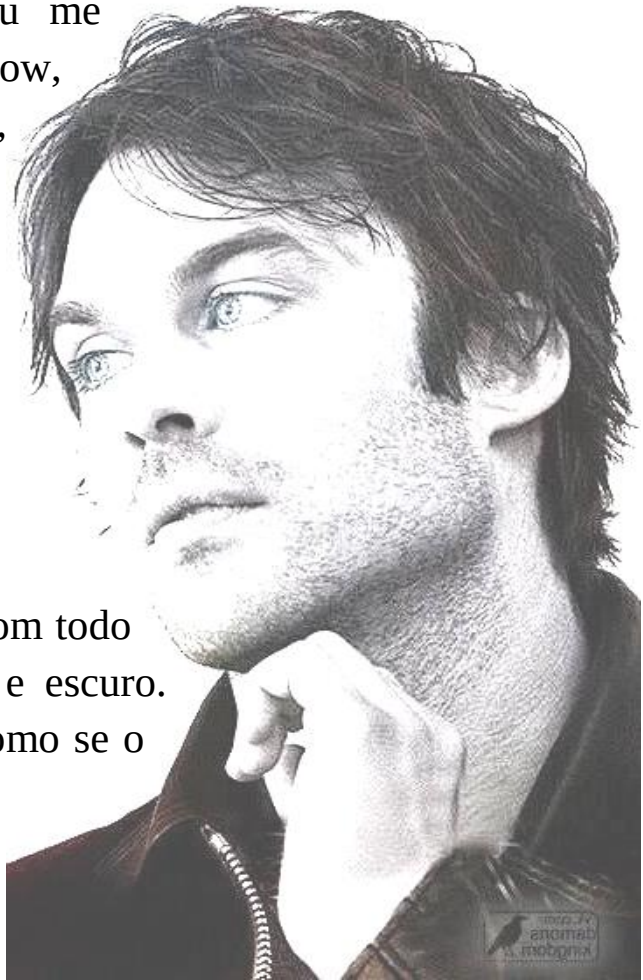
— Ouça-me, Willow. – ele agarra meu rosto e exige minha atenção. — Ouça-me com muito cuidado, será apenas uma vez. Apenas uma vez. Só esta noite. E será porque você quer. *Você*. Você quer que eu faça isso.

Eu quero dizer algo mais, mas ele não me deixa. — E Willow, você não vai discutir comigo sobre isso. Porque juro por Deus, estou tão perto de perder a cabeça e você não quer me ver perdê-la. Então, você não tornará isso difícil. Eu tenho sua palavra?

Meu coração está acelerado. É pura adrenalina. Ele está disparando. Meus olhos estão arregalados e não consigo recuperar o fôlego. Ele realmente disse o que eu acho que ele disse?

— Você... – eu lambo meus lábios e deixo escapar meus pensamentos: — Você realmente disse o que eu acho que disse?

Ele balança a cabeça uma vez como se estivesse exasperado e murmura consigo mesmo: — Eu já estou me arrependendo disso. – Para mim: — Willow, tenho sua palavra ou não? Só desta vez. Então, não há mais pôquer ou qualquer outro plano que você tenha.



Estou tão aliviada e tão feliz que nem tenho vontade de me ofender com o tom dele.

Eu concordo. — Você tem minha palavra.

Não.

Seus olhos brilham com alguma coisa. Com todo o seu desejo. Tudo desencadeado, saturado e escuro. Faz meu pulso diminuir e os poros suar. É como se o



ar de repente ficasse todo corrupto e úmido. Pesado e inchado como eu. Cheio até a borda com gotas de luxúria.

Então ele se move.

Ficamos no meio do quarto o tempo todo e, quando ele desgruda do lugar, as tábuas do assoalho rangem e o trovão faz barulho. Ele só tem que dar alguns passos antes de chegar à minha cama e tentar me deitar sobre ela.

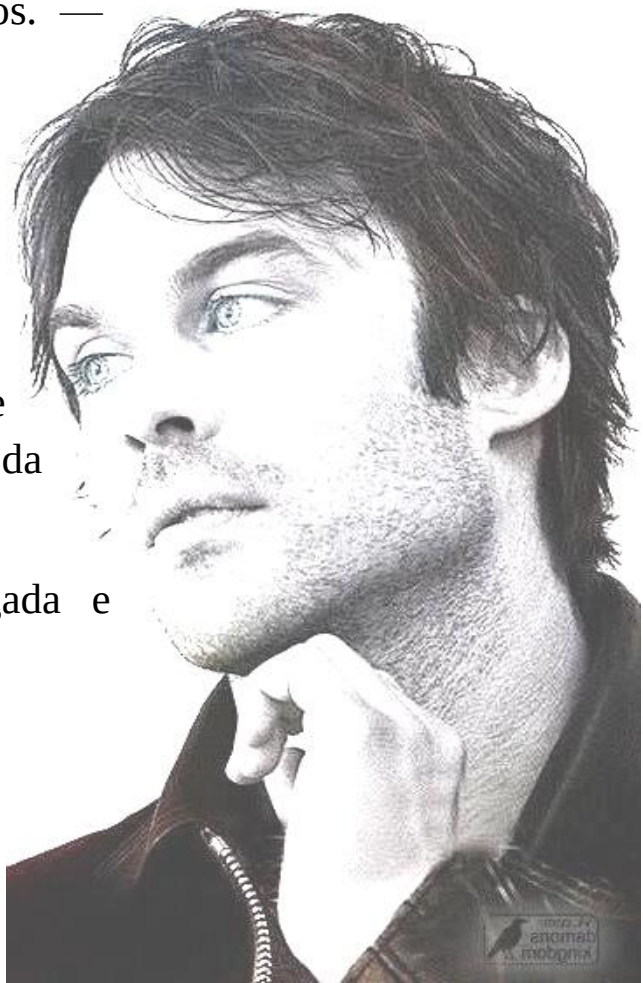
Eu não deixo. — Nós não podemos. A cama range.

Posso literalmente vê-lo tremendo. Seus dentes rangeram com tanta força que eu sei que deve estar doendo. — Diga-me que isso é uma brincadeira.

— Não. – eu balanço minha cabeça. — Não é brincadeira.

Ele solta uma risada curta. Embora não tenha humor. — Onde você propõe que façamos isso?

Giro meu dedo em seus cabelos úmidos. — Contra a parede.



Sua cara fechada é a maior até agora. — Você quer que eu tire sua virgindade contra a parede.

— Sim. – eu aponto para a parede que eu quero. — Aquela. É junto à porta, para que não fique diretamente na linha de visão da pequena janela na minha porta.

Mais uma vez uma gargalhada, zangada e incrédula. — Você pensou em tudo, não é?



Eu concordo. — Sim.

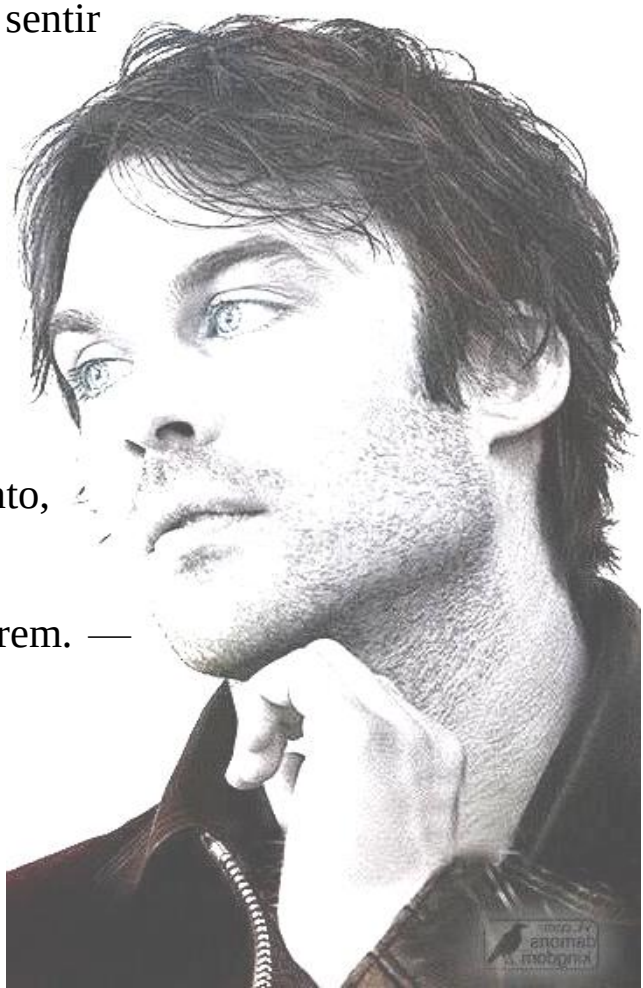
— Mas você esqueceu uma coisa.

— O q... Quê?

— Você esqueceu como grande eu sou. – diz ele com os dentes rangendo. — Sou bem grande e você é pequena, não é, Willow? Tão pequena e apertada que você estava preocupada que alguém pudesse machucá-la. Você sabe o que acontece quando um homem te fode de pé? Sabe o que vai acontecer se eu fizer?

Engolindo, eu balanço a cabeça, me movendo em seu colo. Toda essa pequena conversa está mexendo com minha luxúria, elevando em vários graus.

— Eu vou ter que entrar. Vou ter que enfiar o meu pau dentro da sua boceta, e toda vez que eu sair, a gravidade a puxará para baixo. Você sabe onde me sentirá, Willow? – ele não espera minha resposta, toda grande, meditativa e fixa. — Na porra do seu estômago. Você vai me sentir em seu estômago. Estarei tão profundamente dentro de você que nunca vai me tirar. Você quer isso, Willow? Você quer sentir isso? Porque nem eu posso te salvar dessa dor.



Eu deveria estar nervosa, eu sei. Ele não está exatamente pintando uma imagem muito bonita. Não quero sentir nada no estômago. Mas, se for ele, eu não me importo.

Exceto…

— Você já fez isso antes? – pergunto, descontente.

Algo sobre isso faz os seus lábios tremerem. — Não com uma virgem, não.



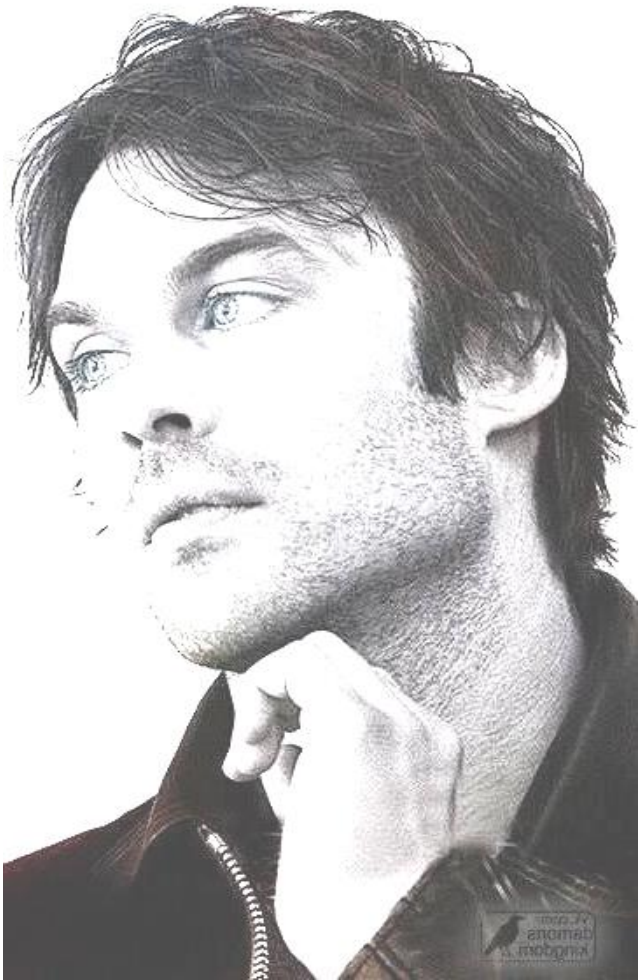
A maneira como ele diz a palavra com V, como se fosse um palavrão, me faz querer dar um tapa na cabeça dele. O que ele pensa que são virgens? Uma espécie diferente, de outro planeta? Nascidos e criados em cativeiros?

Eu me movo sobre ele, acidentalmente esfregando seu pau na minha boceta. Ou talvez não tão acidentalmente. Talvez eu tenha feito isso de propósito porque estou com muito tesão.

— Eu pedi, não foi? Posso lidar com isso. – eu pairo sobre os seus lábios e sussurro: — Você estar no meu estômago. Ficarei bem como qualquer outra mulher que você tenha fodido.

Ele fica em silêncio por um instante antes de finalmente, *finalmente* se pressionar contra mim.

— Você não ficará.





Capítulo Dezoito

Meu coração se parte um pouco com a declaração dele.

Com a sua confiança.

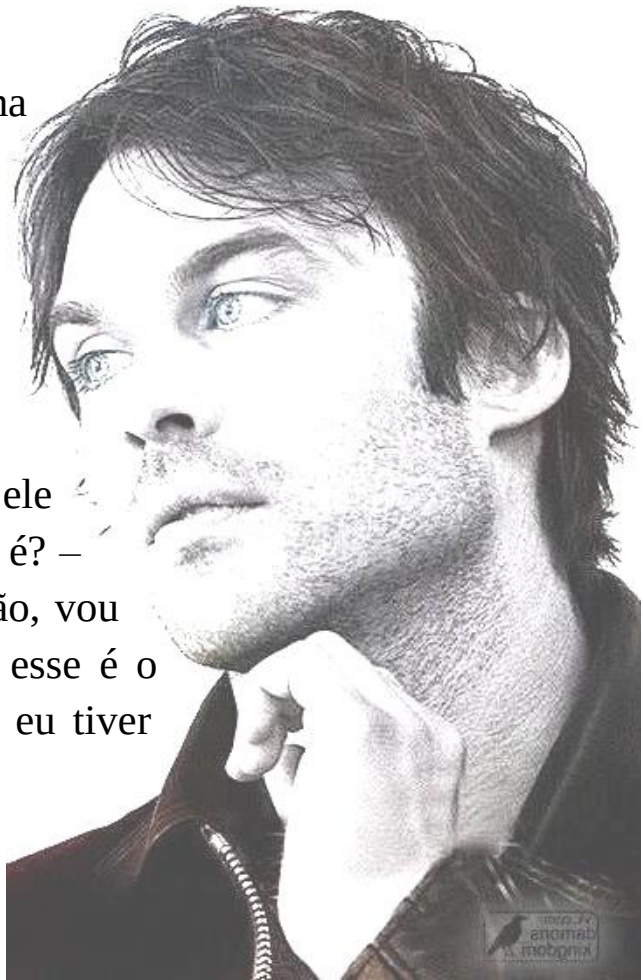
Mas não consigo me expressar porque ele muda de direção e vai para a parede. A parede que eu apontei para ele.

Minhas costas atingem o tijolo no momento em que ele murmura, me abaixando no chão: — Você ficará melhor e esse é o problema.

No começo, não acredito que ele disse isso, mas depois não consigo evitar; Eu sorrio.

Ele sussurra, no entanto. — Pare de dificultar as coisas, Willow. Ou vou embora agora.

Balanço a cabeça. — Desculpe.



Entoa, ele se ajoelha, levando meu pijama e minha calcinha com ele. Isso foi tão repentino que não tenho tempo para me preparar ou fazer qualquer coisa, além de suspirar.

— Simon, eu não...

Minha fala é interrompida quando ele levanta os olhos. — Você pediu por isso, não é? – Ao meu pequeno aceno, ele assimila. — Então, vou fazer isso. Mas é isso. De agora em diante, esse é o meu show. Você fará o que digo. Porque se eu tiver



uma pequena indicação de que isso está machucando você de alguma forma, vou parar.

Eu seguro o cabelo dele. — Não, tudo bem. Eu não direi nada.

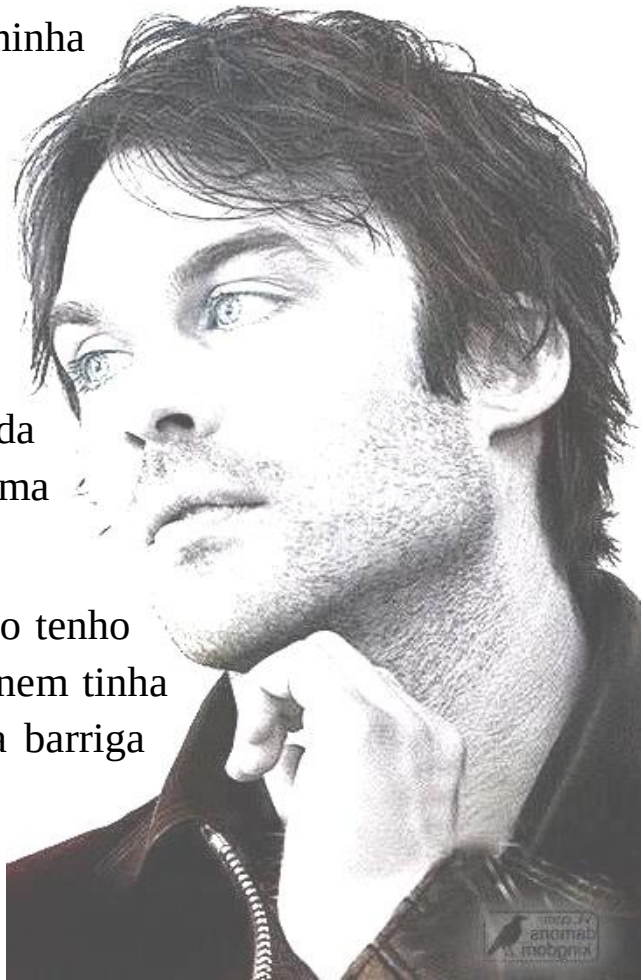
— Ótimo.

Mordo o meu lábio e o meu estômago aperta ao vê-lo de joelhos.

O topo de sua cabeça escura e com os cabelos bagunçados atinge meus seios arfantes. Mas seu rosto está curvado; ele está olhando para minha boceta e eu encolho meus dedos do pé com seu olhar intenso.

Simon empurra minha blusa, arrastando-a pelo minha barriga trêmula com as palmas abertas. Seu toque é tão possessivo, tão rude e tão terno ao mesmo tempo, e respiro muito devagar, com muito cuidado para absorver tudo.

— A primeira vez que te vi, você estava de joelhos, pegando as páginas do seu livro. – ele sussurra com os olhos em suas próprias mãos enquanto as observa puxar a minha camiseta.



Lembro disso. Eu lembro muito bem disso. Odiava a ideia dele. Outro médico idiota. Outro homem com um complexo de Deus que mexeria com minha vida.

Ele mexeu com a minha vida. Ele ainda mexe. Mas de uma maneira muito boa. Uma maneira muito, muito boa.

— Eu não conseguia te ver assim. Eu não tenho ideia do porquê. Eu nem sabia seu nome. Eu nem tinha visto seu rosto. Eu só... – ele observa minha barriga



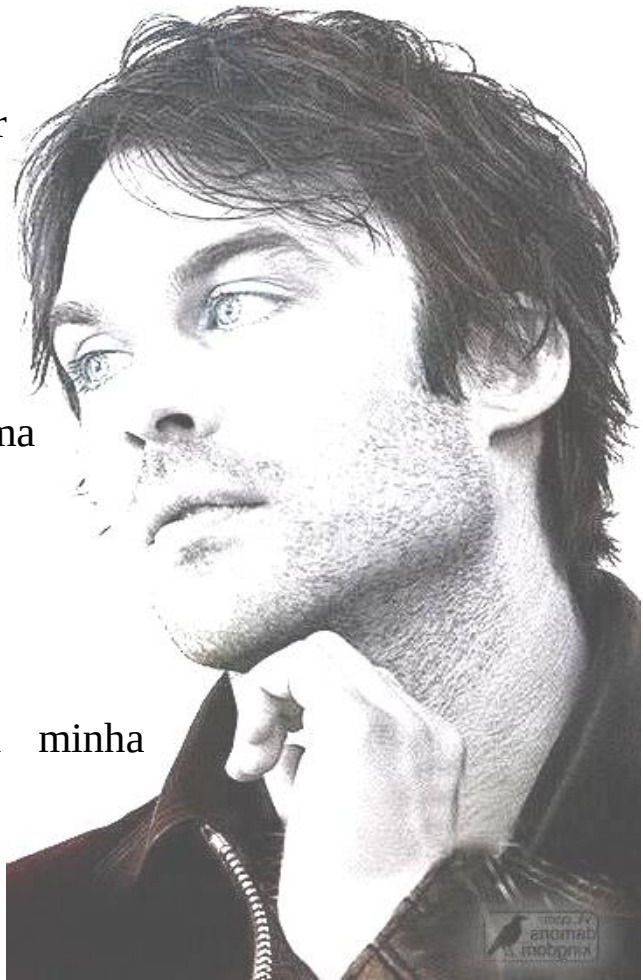
enquanto lentamente ela aparece. — Eu apenas sabia. Que você não pertence a esse lugar. De joelhos.

Eu pressiono meus lábios, tentando manter minhas lágrimas afastadas. São lágrimas felizes, no entanto. Tão feliz.

Um desejo tão forte me deixa tensa. É quase como o pânico. E se isso não funcionar? E se ele nunca puder perder seus demônios? E se depois de sete dias tudo isso acabar?

Não acredito que estou enlouquecendo assim. Quando estou seminua na frente dele e ele está prestes a fazer coisas comigo. Coisas deliciosas. Mas, em seguida, Simon pressiona um beijo suave na minha barriga trêmula e todos os meus pensamentos negativos ficam piores. Ele chupa a pele, mordendo-a com os dentes, me fazendo gemer.

Ele deixa o local e a olha, finalmente, com as suas mãos sob os meus seios arfantes. Sua respiração é ofegante, e cada centímetro de sua expressão foi tomada pela luxúria. — Você realmente é uma Princesa da neve.



Seus polegares acariciam a parte inferior dos meus seios e meus quadris movem para fora da parede, tentando se aproximar dele, ao seu toque. Meus mamilos estão doloridos, aparecendo em minha camiseta.

— No momento, não me sinto uma Princesa da neve. – admito trêmula.

— Como você se sente?

— Toda quente e queimando.

Com um sorriso torto, ele empurra minha



camiseta ainda mais alto, expondo meus seios à noite. Minhas costas se curvam e minhas mãos encontram seu pescoço, agarrando-o.

— Onde? – ele pergunta. — Onde você está quente, Willow?

— Meus... Meus seios.

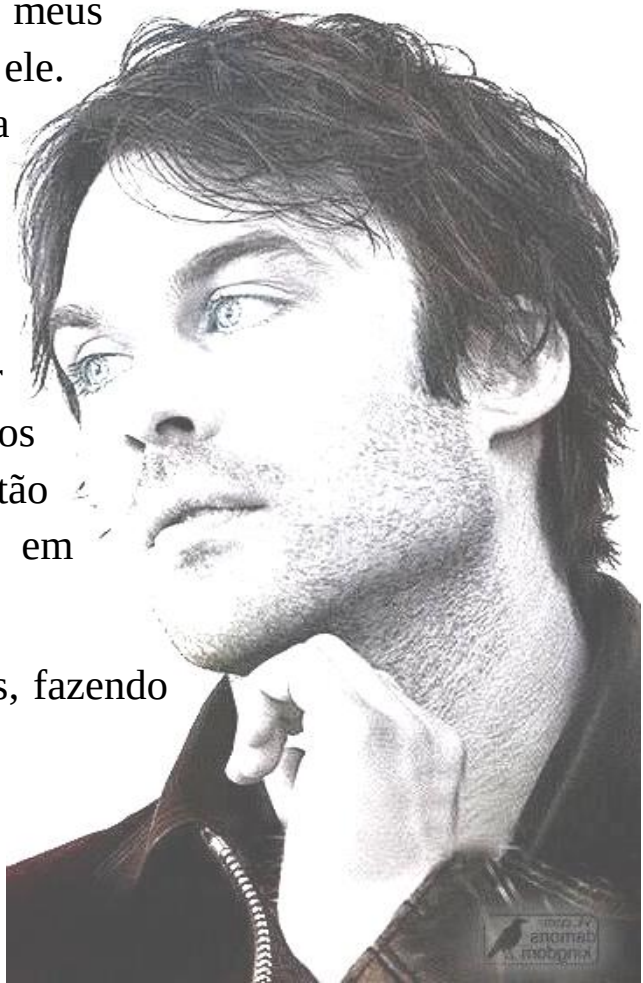
Ele os cobre - meus seios pesados, cheios de tesão e doloridos - com as mãos. — Isso melhora as coisas?

Por mais que goste do toque dele, tudo está piorando. Está me deixando ainda mais quente. — Não.

Simon aperta a carne, antes de circular meus mamilos duros entre os dedos. — Que tal agora?

Eu engulo, arranhando seu pescoço. Ainda bem que não tenho unhas afiadas agora ou ia tirar o seu sangue com a força que estou o segurando. — Mais. Por favor mais.

Seu sopro quente é uma risada e arqueio meus quadris novamente. Eu quero algo. Eu quero ele. Minha boceta está pulsando com tanta necessidade. É como uma febre.



— Talvez, eu deva fazer isso. – Soltando os meus mamilos, ele junta os meus seios, massageando-os, me fazendo gemer e ranger os dentes. É como se ele estivesse tocando todos os meus pontos de prazer de uma só vez e é tão bom que eu nem aguento. Meu corpo está em curto-circuito.

Então, ele pressiona meus seios doloridos, fazendo



um vale.

— Não é isso que você faz, Willow? Na sua cama? Quando você pensa em mim? Junta os seus seios assim e me imagina fodendo eles?

Ele une meus seios, apenas para separá-los. De novo e de novo.

Lentamente, metodicamente. Cada empurrão e puxão envia faíscas ao meu núcleo.

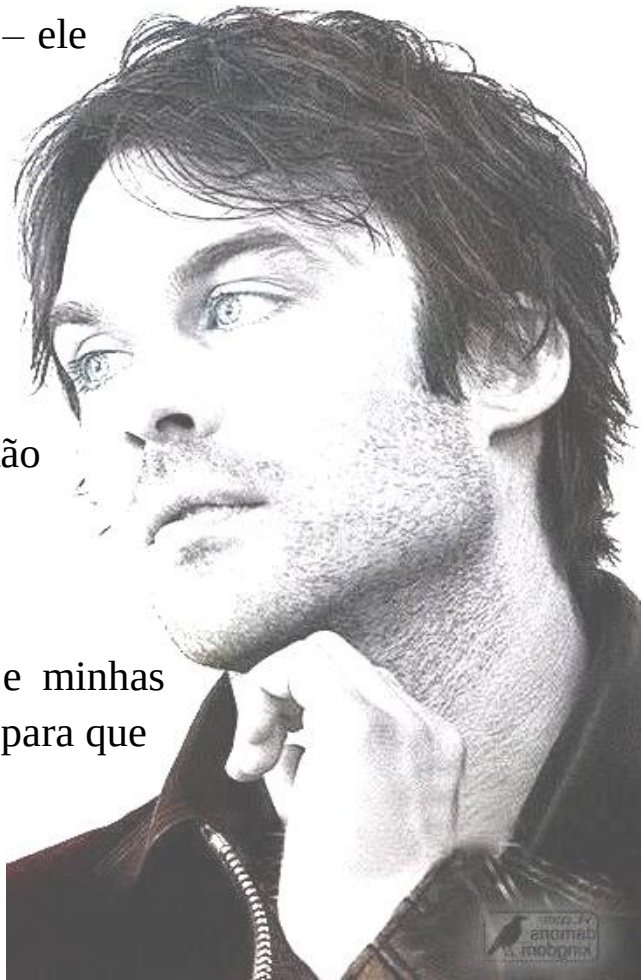
Há um peso que cresce dentro do meu estômago.

Inclino meu rosto até o teto. — Sim.

Então, sinto algo que me faz gemer e rouba a minha respiração, tudo ao mesmo tempo. Olho para baixo e encontro Simon nos meus seios. Sua boca está na parte de baixo deles. Ele está chupando como chuparia um mamilo e eu sussurro seu nome.

Ele olha para cima, sorrindo, enquanto faz os meus seios de refeição.

— Tem gosto da sua boca. Torta e doce. – ele sussurra quando termina.



Mas acontece que ele não terminou, porque atinge meu mamilo com a sua língua.

Deslizando, deslizando e deslizando. Chupando.

Deus, ele está chupando meu mamilo tão bem.

— Simon...

Sinto sua camisa contra minha barriga e minhas coxas nuas. Quero me esfregar contra o pano, para que



ele saiba como estou molhada por ele. Tão molhada e excitada.

Lentamente, Simon desce, pressionando beijos suaves no centro do meu peito e na minha barriga. Meu corpo inteiro fica tenso quando ele atinge o topo do meu núcleo. Ele agarra minhas coxas com as mãos, forçando-me a mantê-las abertas, como se soubesse que eu tentaria fechá-las.

Eu não fecho, no entanto; Estou tremendo com o nervosismo. E não posso negar que estou um pouquinho assustada com ele tão perto das minhas partes íntimas.

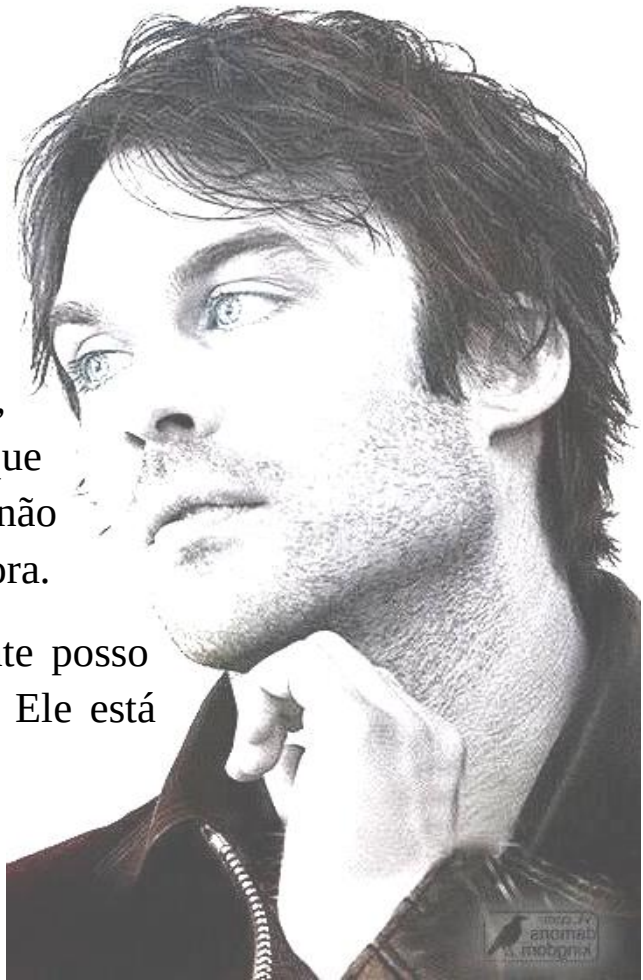
Ninguém jamais esteve tão perto delas.

— Simon, por favor. Eu acho que eu...

Ele está olhando para minha boceta, à mostra e depilada, enquanto pergunta: — Você quer que eu pare?

— Não.

— Então, cale a boca.



As palavras são mais um alívio que um comando. Como se ele não quisesse que eu dissesse não. Apesar do meu nervosismo, o calor cresce no meu peito.

Simon cheira em cima da minha boceta, cheirando meus pelos úmidos, e tenho que fechar meus olhos agora. Eu não posso... Eu não consigo olhar. É muito erótico. E também lá fora.

Embora, eu possa sentir e definitivamente posso ouvir. Seu peito estremece com um gemido. Ele está



dizendo palavrões. É como um canto quando ele esfrega o nariz, os lábios abertos na minha pele. Ele ainda não chegou à parte principal e eu já estou prestes a cair.

Minhas coxas estão úmidas com suor e excitação. Minha boceta não para de escorrer. Estou fazendo mais e mais e o afastaria se pudesse.

Eu não vou.

Eu não sou capaz de afastá-lo. Tudo o que posso fazer é aproximá-lo.

Coloco minha mão em seu ombro e agarro a sua camisa e puxo-o sempre tão perto.

— Você já está quebrando sua palavra, Willow. – ele geme.

Abro os olhos e o teto escuro aparece. De alguma forma, abaixo a minha cabeça e olho para ele.

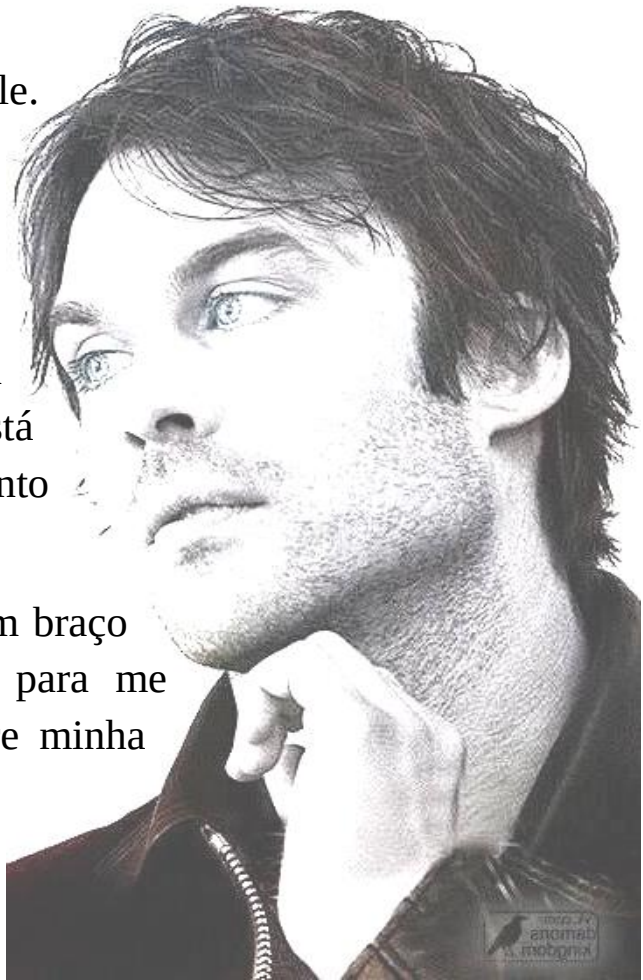
O que ele quer dizer? Minha palavra sobre não dificultar as coisas? Como eu quebrei isso?

— Co... Como? – pergunto a cabeça dele. — O que eu fiz?

— Você não precisa fazer nada. – ele murmura.

Meu coração está no meu estômago. Na verdade, meu coração é para onde ele está olhando e ele acelera um momento quando sinto a sua respiração quente. Bem na minha alma.

Eu pulo tanto que ele tem que colocar um braço na minha parte inferior da minha barriga para me manter no lugar. Com a outra mão, ele abre minha





boceta. Sinto os dedos dele separando meus lábios na forma de um V e eu teria dito algo sobre isso porque, francamente, isso é tão estranho, novo e pervertido, se ele não tivesse dado uma lambida na minha carne exposta.

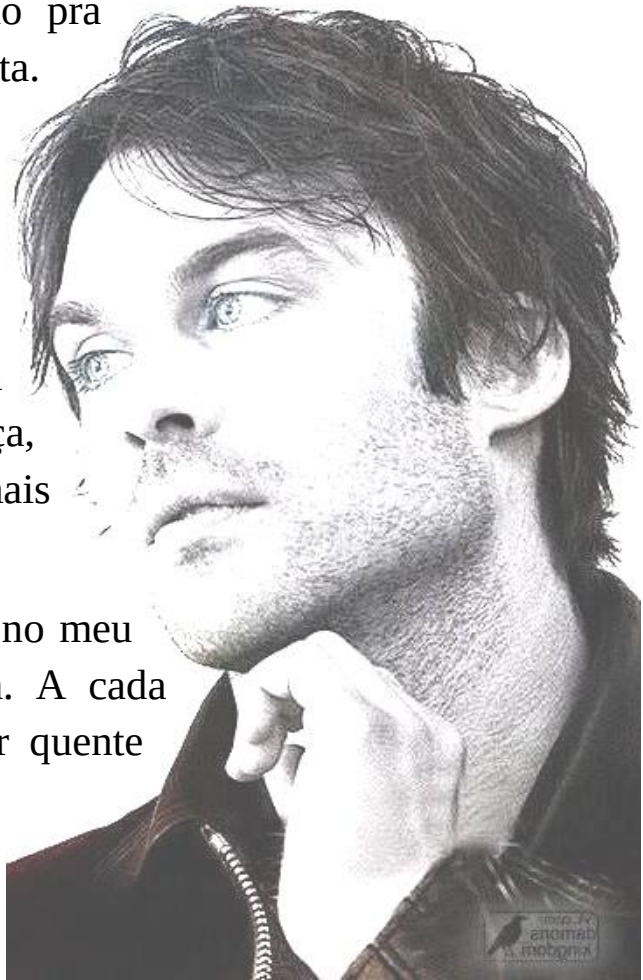
— Ah...

Ele faz isso de novo e de novo, até que ele está circulando sua língua na minha entrada. Ele chupa meu clitóris, engolindo-o, e eu quase tiro seu braço com os meus movimentos bruscos.

Gemidos estão ameaçando sair da minha garganta, mas sei que não posso. Sei que não consigo emitir som. No momento, minhas respirações pesadas ecoam pelo quarto, junto com seus gemidos baixos.

Então, empurro o tecido da minha camiseta para dentro da boca e o mordo, tentando domar meus sons selvagens, contra os choques elétricos que ele está me dando com a língua.

Simon não percebe nada disso. Ele não percebe como estou tentando me conter. Ele está ocupado me devorando pra caralho. Deixando-me louca de desejo e faminta.



Levanto na ponta dos pés com as minhas panturrilhas e coxas completamente tensas, quando ele tira os braços da minha barriga e me levanta com as palmas das mãos embaixo da bunda. Sua boca fica enterrada na minha boceta e eu seguro a parte de trás de sua cabeça, mordendo o tecido da minha camiseta com mais força.

Sua língua é quente e cruel quando bate no meu clitóris e na minha pequena fenda apertada. A cada respiração, ele geme, enviando sopros de ar quente



para a minha entrada, apertando-a.

No dia em que ele me beijou, parecia que ele estava sugando a minha doença pela boca. Hoje à noite, parece que ele está fazendo isso pela minha entrada. Ele está me deixando melhor devorando minha boceta.

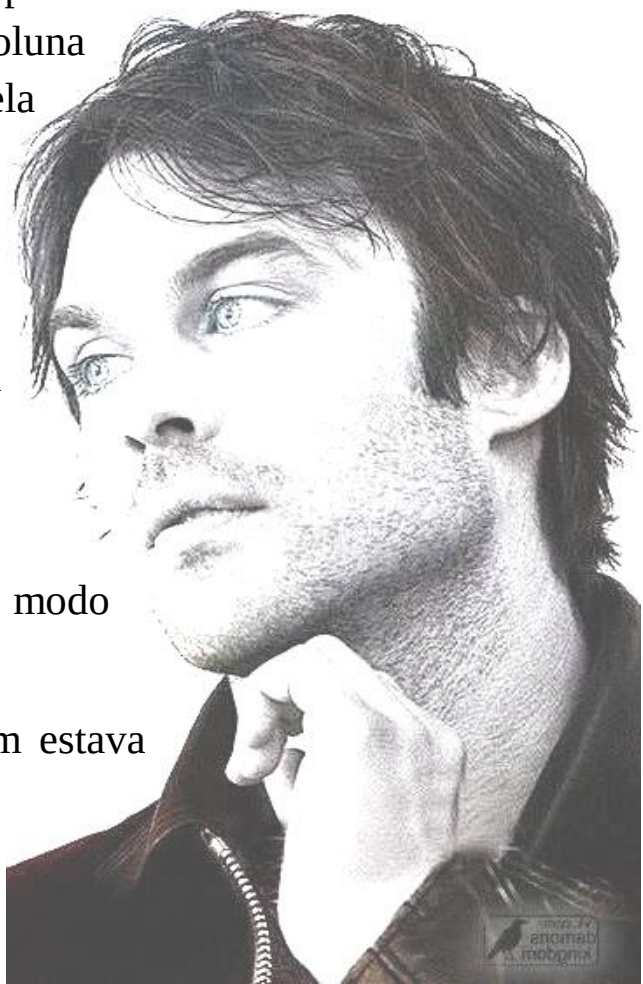
Então a língua dele entra em mim e pronto.

Eu gozo como nunca antes. Deixei completamente o chão, arqueando contra o seu trabalho, me chupando com a boca enquanto o agarro a mim. Meu rosto está virado para cima e os meus seios negligenciados estão latejando como minha boceta.

Eu quero gritar. Quero berrar. Mas minha detonação tem que ficar em silêncio porque não podemos ser pegos.

No meio do meu mundo sendo sacudido, Simon solta a minha parte macia e inchada e se levanta.

Não tenho tempo para recuperar o ar ou parar de tremer quando eu me levanto de novo com a minha coluna deslizando na parede e Simon respirando pela boca, cheirando a chuva.



Cheirando como eu.

— Sinto muito. – ele sussurra, e então sinto que alguém me esfaqueou com uma faca, e paro de respirar.

Eu acho que morri.

E eu não estou feliz com isso. De modo nenhum.

Eu não queria morrer esta noite. Eu nem estava



pensando nisso. Eu só estava pensando nele. Sobre o fato de finalmente sentir. Finalmente me entregar a um homem para quem nasci. Não importa que está acontecendo em uma ala psiquiátrica e ele é meu médico. Não importa que possamos ser pegos e, até agora, tivemos muita sorte.

Esqueça tudo isso.

Mas agora estou morta e não consigo respirar; há muita dor.

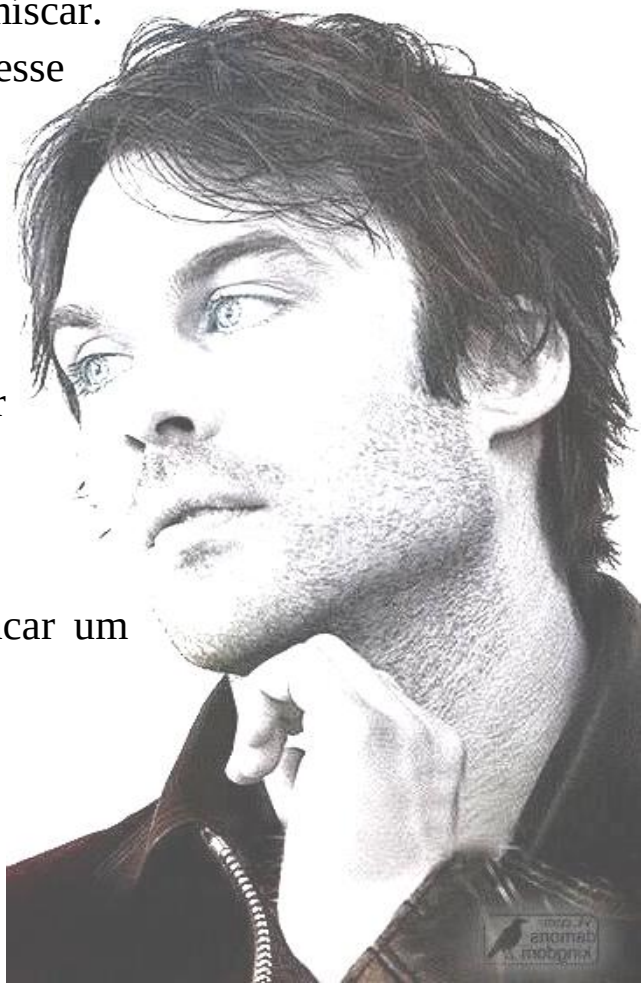
Ou talvez esteja tudo na minha cabeça.

Porque eu sinto isso. Eu o sinto dentro de mim. Eu sinto a plenitude. Eu o sinto no meu estômago, e eu o sinto acima da minha boca.

Eu estou viva. Eu posso sentir as coisas.

Sua boca está pressionada na minha em um beijo. Ele está me beijando. Quente e devagar.

O seu gosto está na minha língua, misturado com a minha excitação azeda. Um coquetel de chuva, limão e almíscar. Devo admitir que eu gosto muito mais desse coquetel do que o feito com Prozac e lítio.



Simon se afasta da minha boca e eu noto seus lábios e sua mandíbula brilhando. — Você está bem?

Engulo, pensando e esperando parecer igual, toda molhada e brilhante.

— Sim... Sim.

— Essa era a única forma. Como arrancar um curativo.



Estou ofegante, com uma pontada cada vez que respiro. — Tudo bem.

Ele fecha os olhos por um segundo e, através da névoa de dor, vejo seus traços tensos. O suor escorrendo pela testa e as maçãs do rosto esculpidas. Os tendões tensos do pescoço. Eu o sinto pulsar dentro de mim. Talvez o coração dele também tenha caído, como o meu quando ele entrou em mim e agora está batendo onde nos unimos.

Limpo o suor da testa e ele abre os olhos. Há uma guerra lá dentro. Guerra entre luxúria e restrição.

— Eu sinto isso. – sussurro.

— O que?

— Você. No meu estômago.

Ele se move levemente com as minhas palavras e eu também. A dor queima por um instante antes de entorpecer.

— Dói muito?

— Um pouco.

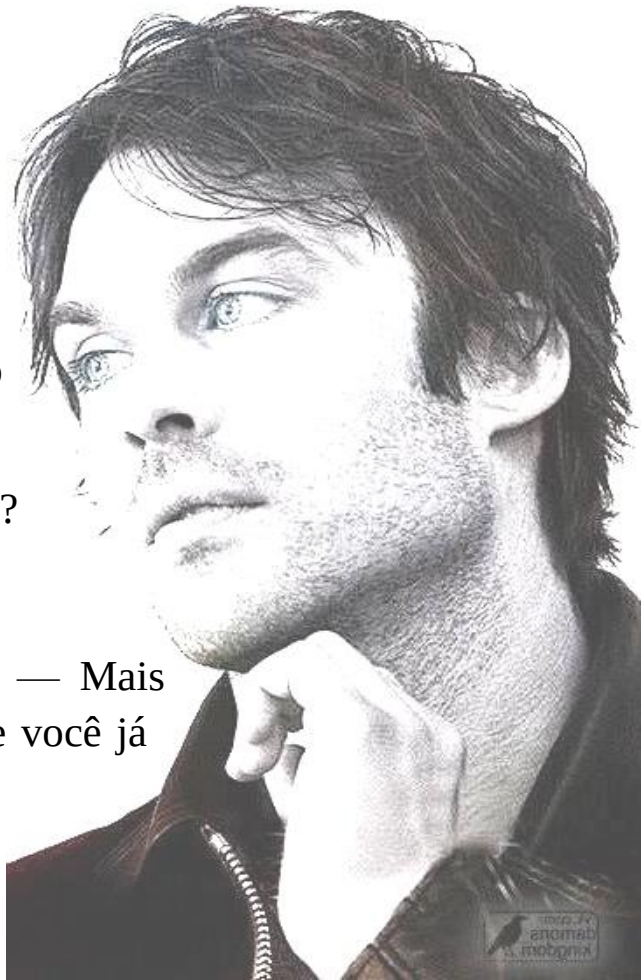
Ele range os dentes. Com raiva. Com remorso.

E então, ele vai curar a dor. Ele circula meu clitóris, brincando com ele e esfregando minha boceta.

Gemendo, pergunto: — Eu estou apertada?

— Sim.

Seu polegar está me deixando inquieta. — Mais apertada do que todas as outras mulheres que você já





teve?

Com isso, a raiva passa por seus traços. Seu corpo estremece e ele amplia sua postura, o tempo todo tentando ficar parado dentro de mim, o tempo todo fazendo minha fenda ficar molhada para ele. Tenho a sensação de que ele quer mover, só para que ele possa me punir por essa pergunta.

Mas obviamente ele não se move.

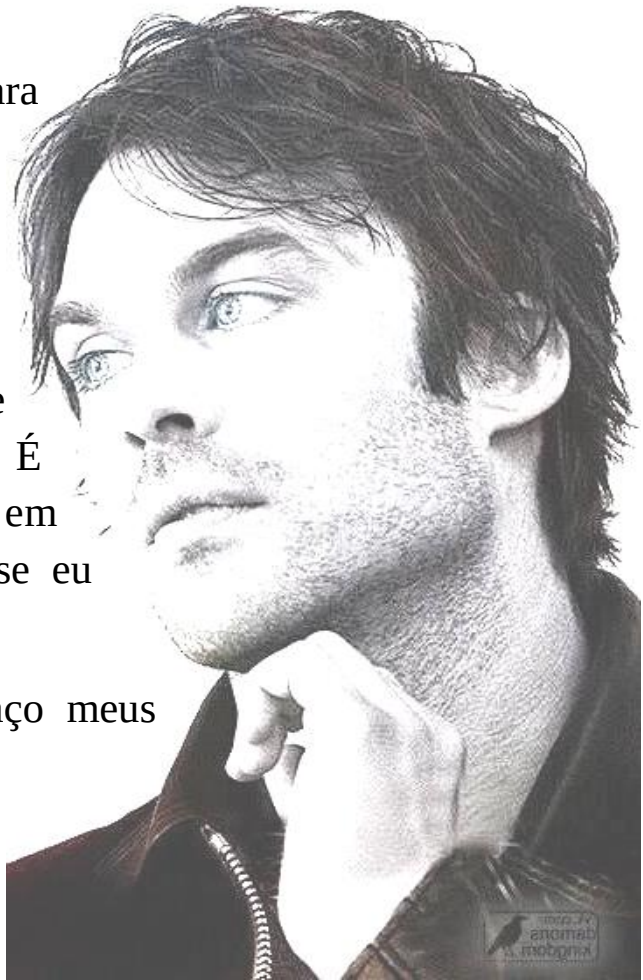
Ele é ele.

Uma gota de suor escorre pelo lado de sua bochecha. — Nós não estamos falando sobre isso.

Eu a enxugo, passando os dedos pelo seu couro cabeludo, fazendo-o gemer de prazer. Então, começo a desabotoar sua camisa e ele me dá um olhar sombrio e sua mão no meu clitóris fica parada.

— Por que não? – pergunto.

— Porque é irrelevante.



Eu estou no quarto botão quando olho para cima, movendo-me levemente em seu pau, fazendo-o gemer. — Então por que você estava com elas em primeiro lugar?

Ele geme quando passo minhas mãos sobre o peito. Deus, ele está suado e quente e seus músculos ficam tensos sob o meu toque. É como se eu os controlasse. Seu coração está em plena expansão, e posso senti-lo. É como se eu também o controlasse.

— Biologia. – ele diz enquanto eu traço meus



dedos para cima e para baixo, tentando memorizá-lo.

Passo minhas mãos em seus pelos escuros no peito. — Isso não é biologia?

— Isso é loucura, porra.

Desta vez, eu definitivamente sinto os tremores passando através de seu corpo. Sua restrição está me excitando.

Foda-se a dor. Foda-se tudo. Eu quero que ele se mova.

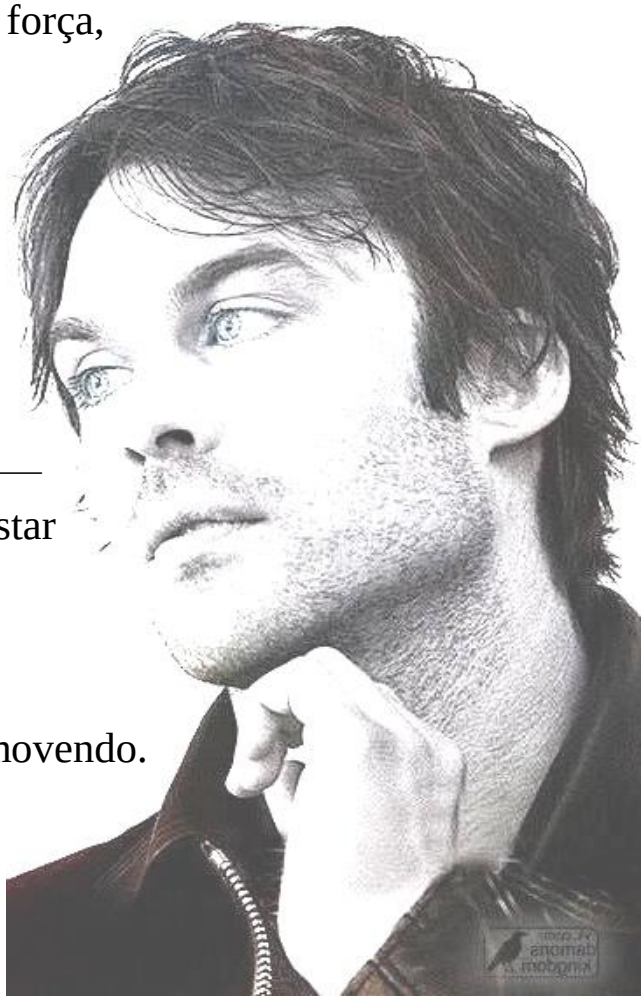
Olho para ele através dos meus cílios e sentindo todo o tipo de imprudência. — Eu estou tão apertada que você quer se mover?

Seu pau pulsa de novo e a sensação de plenitude aumenta.

— Sim.

— Então se mova. – eu me movo contra ele e ele geme.

— Pare. Você vai se machucar. – Seus braços quase vibram com seu controle e ele agarra a minha bunda com força, tentando me manter imóvel.



— Eu não vou. Você fez tudo melhor quando brincava com o meu clitóris. – eu balanço a cabeça e me movendo contra ele novamente. — Eu quero que você se mova, Simon.

Ele deixa a testa cair sobre a minha. — Estou tentando dar um tempo para você se ajustar ao meu tamanho.

— Estou totalmente ajustada.

Ele ri levemente, e sinto seu estômago movendo.



Estou prestes a dizer outra coisa para convencê-lo quando ouço os barulhos.

E risos.

Eu paraliso e ele também.

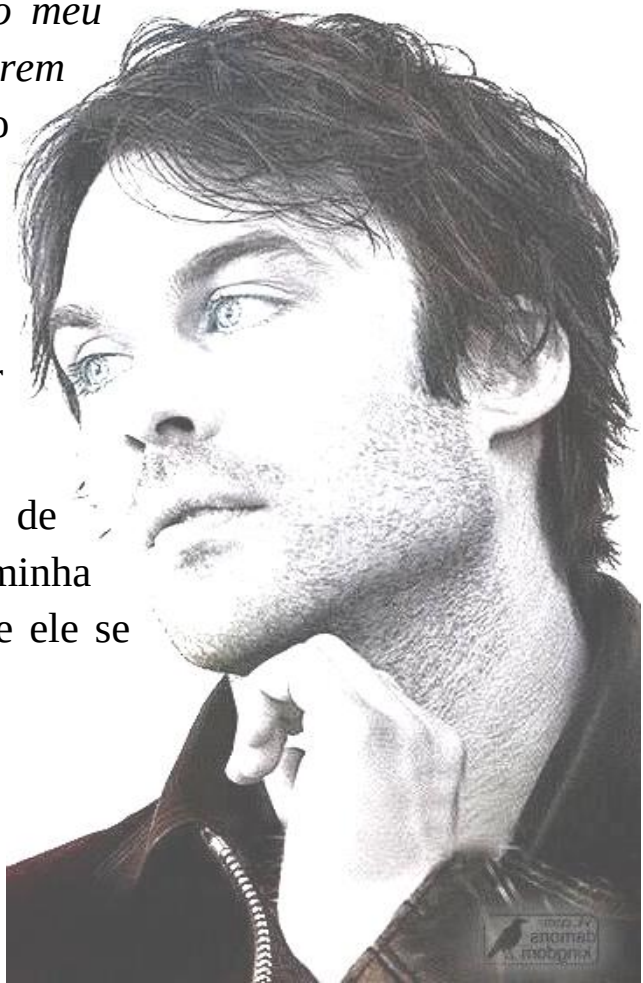
Os sons estão se aproximando. Passos e uma conversa abafada. Pressiono a palma da mão sobre seu coração enquanto minha respiração acelera. Alguém está andando pelo corredor. Alguém está caminhando em nossa direção, em direção ao meu quarto.

Simon está olhando nos meus olhos e com os seus braços sob minha bunda, impedindo que meu corpo trêmulo caia. Mas as respirações dele não são erráticas e irregulares como as minhas. São calmas. Eu não entendo isso

Como ele pode ficar calmo?

Aperto-o com mais força, envolvo os braços em volta do seu pescoço e seguro a gola da camisa entreaberta.

E se eles derem uma espiada dentro do meu quarto pela janela da porta e nos pegarem juntos? Sei que não estamos na linha de visão deles; por isso escolhi essa parede, mas ainda assim.



E se eles me afastarem dele? Eu vou gritar nesse lugar. Vou unhar e arranhar qualquer um que ouse me afastar dele.

Agora não. Não quando o senti dentro de mim. Quando ele ainda está latejando e minha inquietação ainda está lá. Eu ainda quero que ele se mexa. Eu ainda quero me mover.



Meus olhos estão se enchendo de lágrimas o quanto mais perto eles chegam do meu quarto. Mordo o lábio e continuo olhando para ele, imóvel e silenciosa, com medo e com tesão.

Mas então ele se move, me fazendo me mover.

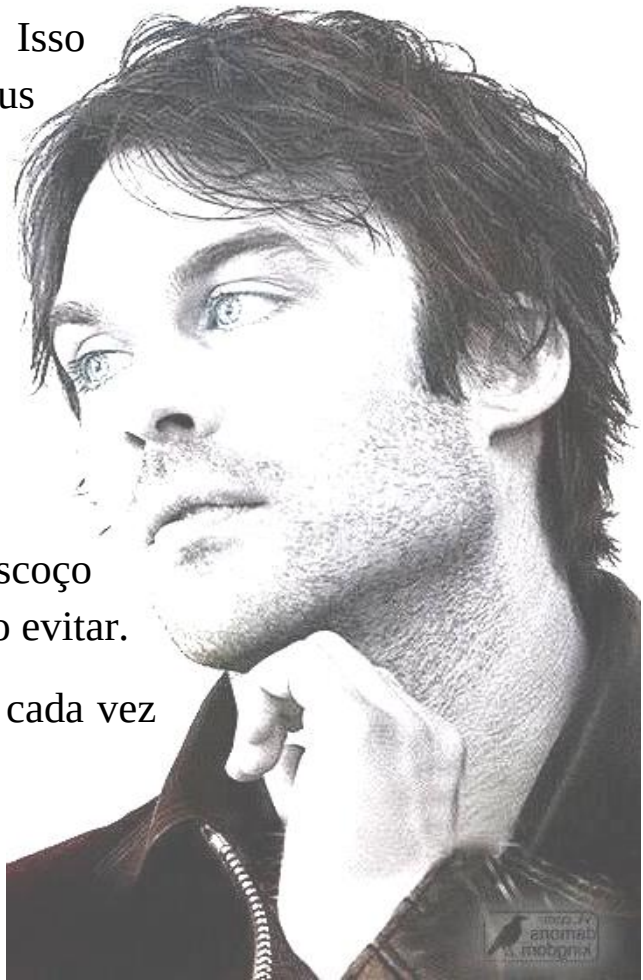
Arregalo meus olhos para ele. Seu rosto é implacável e sério quando ele se move novamente, aumentando a minha luxúria ainda mais.

— Não, Simon. – protesto com o mínimo dos sussurros, balançando a cabeça.

— Por que não? – ele diz, lentamente começando um ritmo, me mantendo presa entre a parede e ele. — Você disse que estava ajustada.

— Por... Por favor. – eu fecho os olhos. — Não podemos fazer barulho.

Ele se levanta e eu ouço um rangido. É tão alto quanto uma sirene e o meu coração está na minha garganta. Estou tão aterrorizada. Mas até o meu medo não pode mascarar o prazer. Isso está lentamente se espalhando pelos meus membros quando ele entra e sai preguiçosamente.



— Talvez devêssemos. – ele beija o lado da minha boca. — Talvez devêssemos chamar por eles, não é? Eles vão parar essa loucura.

— Não. Por favor.

Meu rosto está enterrado em seu pescoço enquanto eu me movo contra ele. Eu não posso evitar.

Mesmo que eles estejam se aproximando cada vez



mais e meu coração esteja batendo como se pudesse parar qualquer segundo e não consigo parar com isso. Não consigo parar os arrepios e a plenitude. O atrito.

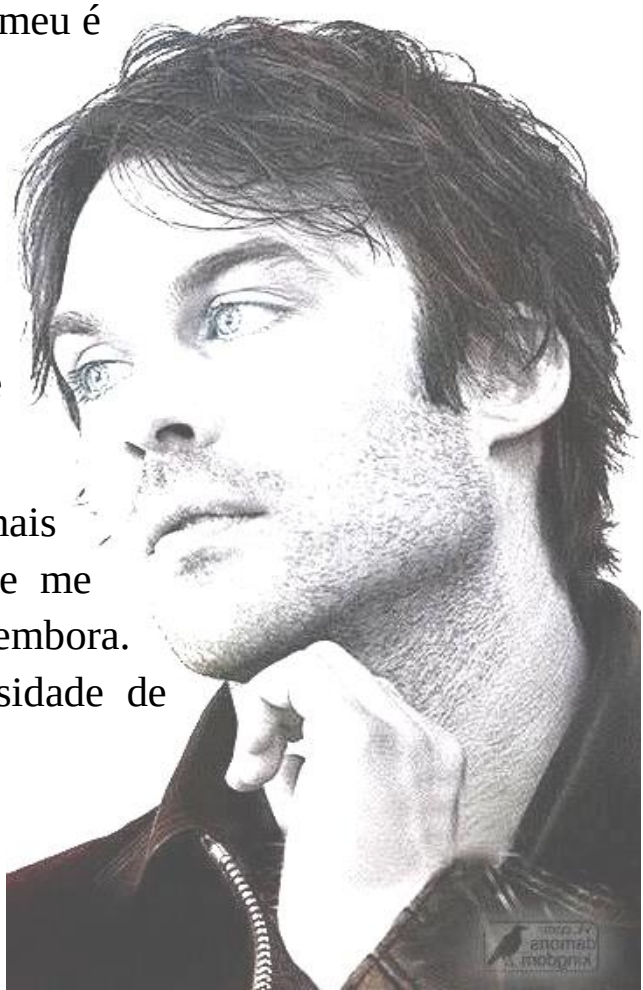
Deus, quando ele desliza para fora e volta, eu vejo estrelas. Eu sinto a faísca.

Eu nunca me senti assim antes. Tudo está elevado. Meu olfato. A minha audição. Meu tato e paladar. Sua pele tem um gosto salgado de suor e provavelmente luxúria, e não posso deixar de lamber a lateral do seu pescoço, a veia esticada.

Ele faz o mesmo. Ele lambe a minha garganta, cheira minha pele logo abaixo da minha orelha, enquanto continua me acariciando com seu pau e esfregando meu clitóris.

Eu estou enterrando todos os meus gemidos em sua pele, e é uma coisa boa, porque nesse momento ouvimos o riso mais alto.

Eles estão aqui. Eles vieram. Por que mais eles estariam andando pelo corredor se não para entrar no meu quarto? O meu é o último neste andar, localizado em um canto.



Uma lágrima escorre pela minha bochecha e eu o abraço com tudo o que sou.

Estranhamente, ele me abraça também.

Isso me faz chorar ainda mais. Isso me faz avançar contra ele ainda mais.

Ele faz o mesmo. Seus impulsos são mais rápidos do que antes. Como se ele quisesse me satisfazer, me usar antes que eles me levem embora. Meu prazer dispara no céu e minha necessidade de



gemer, emitir um som.

Deus por favor. Por favor, não deixe que isso seja o fim.

Lambo seu pescoço e sinto seu sabor. Mesmo que meus olhos estejam fechados - eu não consigo olhar - meus ouvidos estão em alerta e minha boceta está esfregando em seu pau.

A qualquer momento, espero que eles abram a porta.

A qualquer momento agora...

Isso não acontece.

Nada acontece.

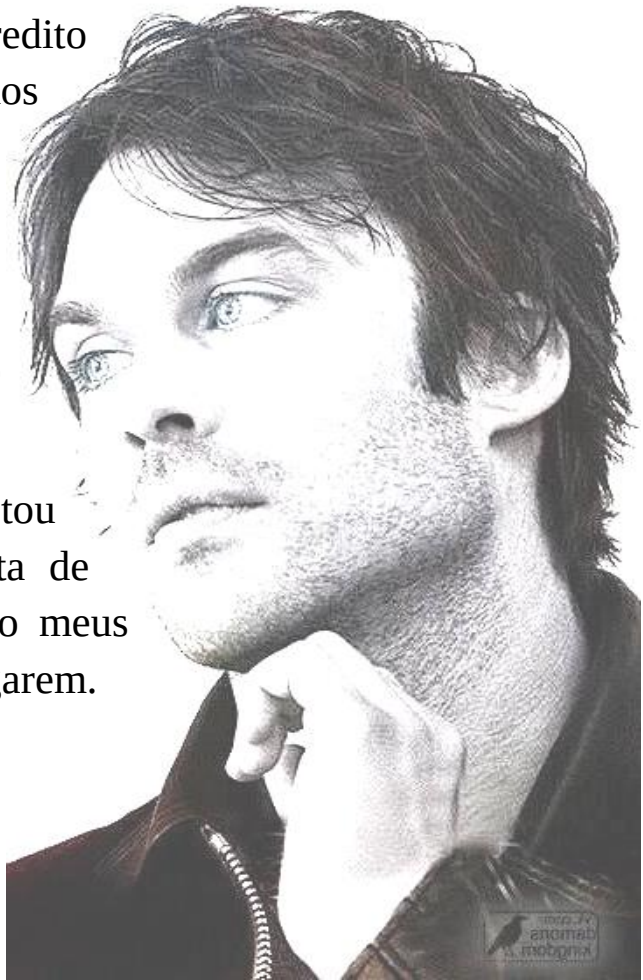
Eles continuam andando, quem quer que sejam. Eles riem e conversam, e seus passos se afastam. Eles estavam apenas passando. É quando me lembro das escadas do meu quarto. Eles provavelmente estavam indo para elas. Não para mim.

Por um segundo, não acredito. Não acredito que recebemos um adiamento. Que tivemos sorte novamente. Ok. Estávamos a salvo.

Nós podemos fazer isso.

Ele pode me foder, e eu posso fodê-lo, e ninguém precisa saber. Não essa noite. Não agora.

Através das minhas lágrimas, estou começando a sorrir quando Simon se afasta de mim. A pressão do seu peito forte aliviando meus seios me faz gemer. Faz meus mamilos formigarem.





Ao contrário de mim, Simon não está feliz. Ele está bravo e aperta minha bunda e levanta minhas coxas sobre sua cintura. Esse choque com o movimento me faz perder o fôlego. Isso também me faz esfregar o meu clitóris em sua pélvis.

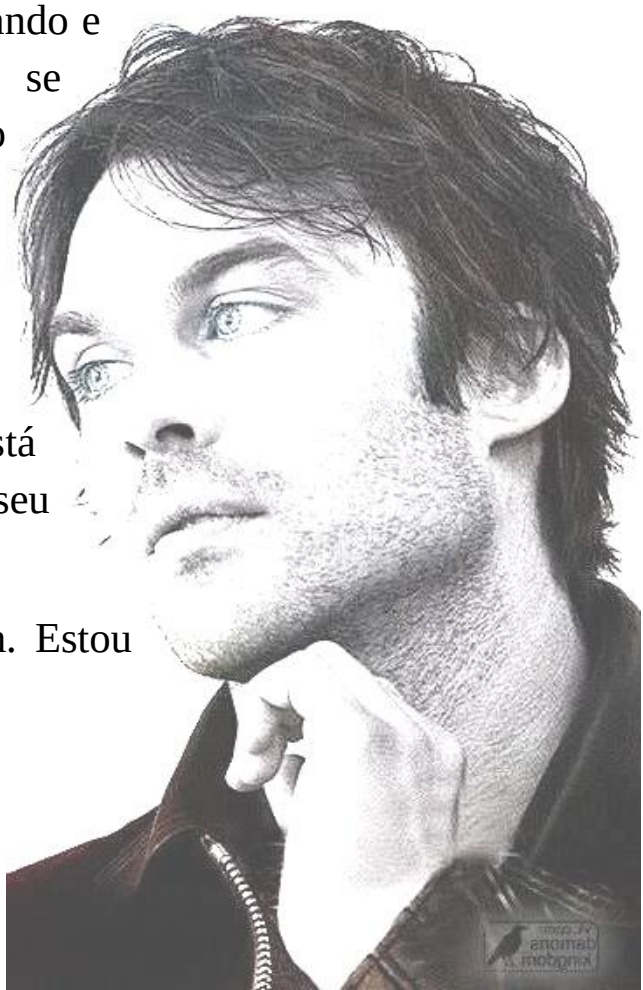
— Isso é loucura. – ele diz, e soltando minha bunda, ele aperta meu rosto. — Você sabe o que teria acontecido se fôssemos pegos?

Agarro seus pulsos com as lágrimas ainda escorrendo pelo meu rosto. — Eu levaria toda a culpa.

Ele bombeia seu pau em mim, me puxando para cima da parede, e minha boca se abre em um gemido silencioso. — Não. Eu sou o culpado. Eu. Estou fodendo você, não estou? – Outro impulso violento de seus quadris. — Sou eu dentro de você.

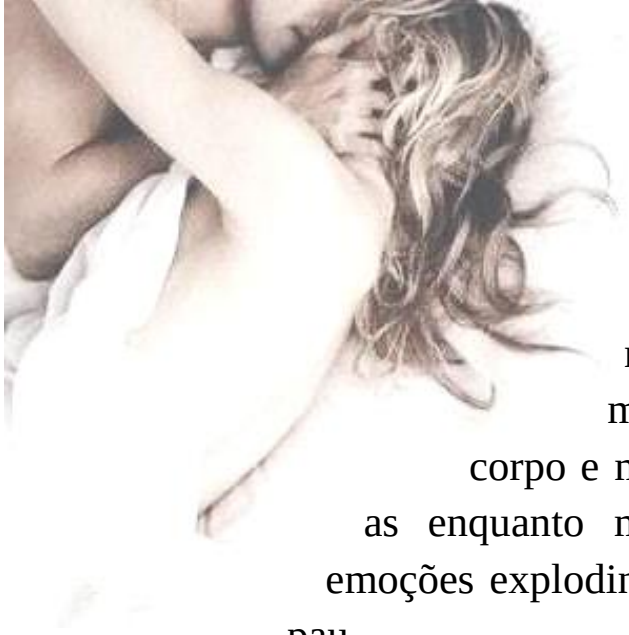
— Sim. Ma... Mas eu... Não posso... Se eles... – eu soluço, quase explodindo de prazer e todas essas emoções reprimidas e a adrenalina.

É embaraçoso. O jeito que eu estou chorando e gemendo. Mas não posso evitar. É como se estivesse cheia de tudo que posso sentir. Tudo o que uma garota pode sentir durante sua primeira vez, e não sei o que fazer sobre isso além de expulsar isso através dos meus sons e das lágrimas nos meus olhos.



Ele entende, esse homem. Quem está reivindicando cada centímetro de mim com seu pau.

— Shh... Está tudo bem. Está tudo bem. Estou aqui…

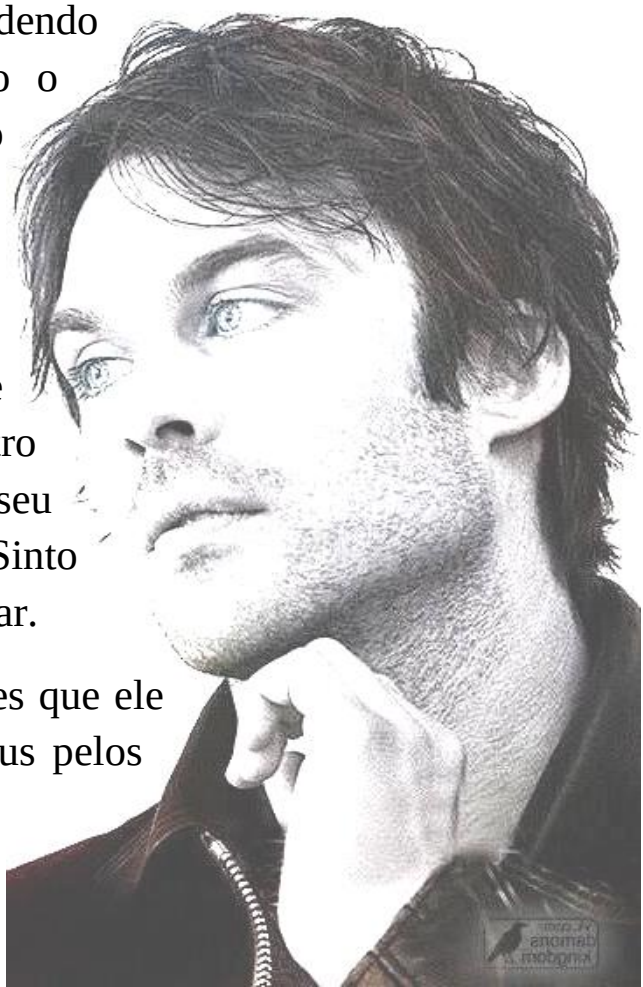


Simon respira sobre minha boca, me calando e o tempo todo esfregando os quadris no meu clitóris como se estivesse extraindo meu orgasmo nos cantos mais distantes do meu corpo e minha alma. Ele bebe minhas lágrimas, lambe-as enquanto me penetra, lentamente substituindo minhas emoções explodindo por ele, suas garantias, sua presença e seu pau.

Meu corpo fica relaxado, minhas coxas escorregam de sua cintura quando meu coração acelera no meu peito, mas ele me puxa para cima. Ele não me deixa cair e não para de me foder.

Seus impulsos profundos e intensos fazem meu corpo tremer. Meus seios saltam e estou chegando cada vez mais perto do clímax. Suas pernas estão flexionadas e suas coxas atingem minha bunda com cada impulso. Eu ouço um leve tapa toda vez que ele atinge no fundo, mesmo sendo alto, não posso culpá-lo por isso.

Esses sons me deixam saber que uma parte dele está dentro de mim. Esses sons me informam que ele está me fodendo como eu queria e estamos sacudindo todo o castelo - essa ala psiquiátrica destrói o monumento vitoriano do amor - com nossa paixão, nossa luxúria.



Simon me dá um beijo. E é como se eu estivesse esperando exatamente isso porque cai. De novo. Embora desta vez ele esteja dentro de mim e eu sinta minha abertura apertando seu pau. Sinto seu peito respirando contra o meu. Sinto o batimento cardíaco dele. E então o sinto gozar.

Eu o sinto pulsando por um segundo antes que ele sai e goza na minha boceta. Ele mancha meus pelos



com sua porra e isso me faz gozar um pouco mais, caída contra ele.

Sua barriga fica tensa com cada respingo de seu pau e ele geme, segurando a base dele, batendo na minha fenda, me fazendo contorcer com os formigamentos residuais.

Quando a tempestade passa e ele para de gozar, eu o abraço como se ele fosse desaparecer.

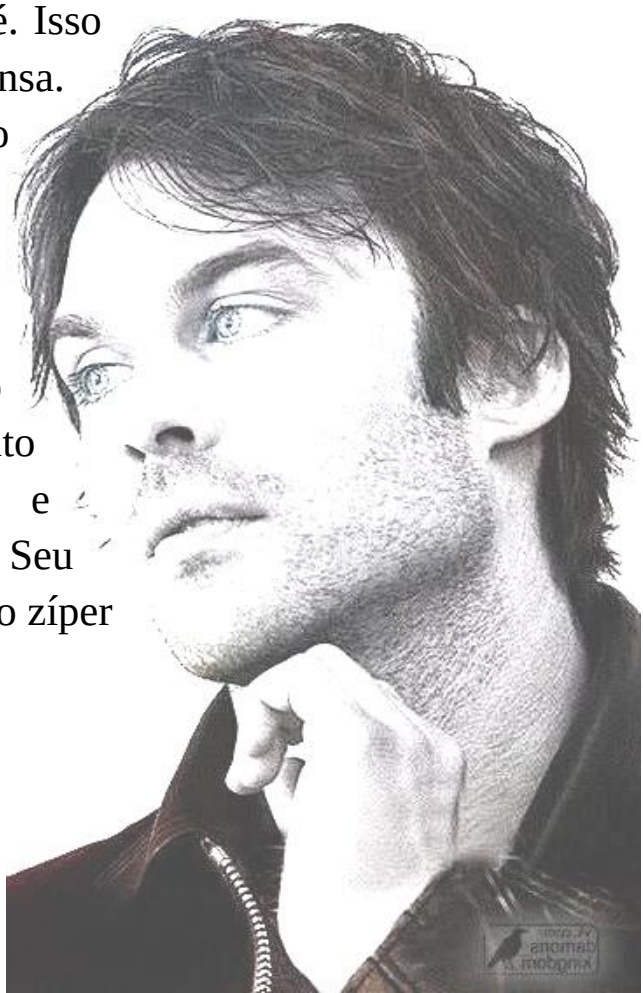
— Por favor, por favor, não diga. – eu sussurro em seu ouvido.

— Não dizer o quê?

Seus sussurros soam cansados e preguiçosos, me fazendo querer enchê-lo de beijos. — Não diga que foi um erro. Por favor.

Ele fica tenso e rígido, e eu tenho certeza que ele vai dizer isso mesmo, partindo o meu coração excessivamente emocional. Mas tudo o que sai da boca dele é: — Eu não vou.

Eu pensei que seria um alívio, mas não é. Isso significa apenas que não dirá isso, mas ele pensa. Meu coração aperta dolorosamente, enquanto ele se move e me carrega para a cama.



Ele me deita como fez ontem. Mas, ao contrário da noite passada, há muito mais danos que causamos. Sua camisa está meio aberta; Eu posso ver o contorno de seu peito musculoso e aqueles pelos escuros e encaracolados que me fazem morder o lábio. Seu pau está a meio mastro e aparecendo através do zíper da calça.



Algo sobre isso é tão sexy.

Recebo um flash repentino dele em sua casa, todo nu e suado, pós-sexo com alguém. *Comigo*. Não consigo imaginá-lo com mais ninguém. *Ele não disse que outras mulheres eram irrelevantes?*

Eu quero tanto que esse flash de uma visão se torne realidade. Talvez sim. Na próxima semana, quando estiver lá fora, posso ir à casa dele. Vamos fazer amor na cama e faremos o mais alto possível. Ele pega meu shorts do chão e o assoalho não range. Ele o desliza pelas minhas pernas como está fazendo agora e coloca o cobertor no meu corpo, em vez do que eu tenho aqui.

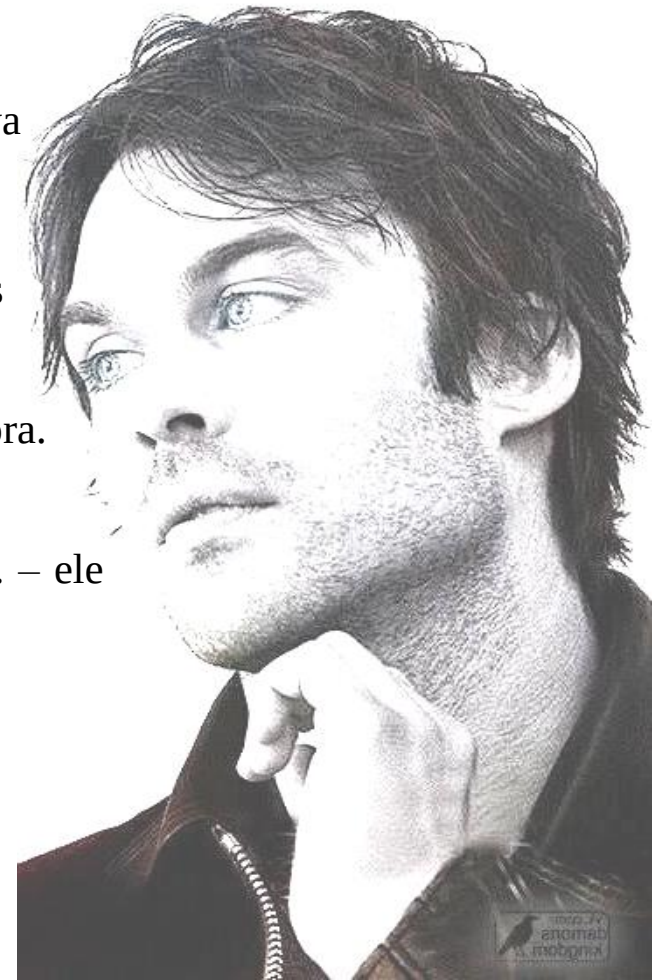
O quero tanto que o meu estômago aperta já com saudade.

Eu o vejo arrumar suas roupas com os olhos lacrimejantes. E então, o vejo se aproximando, inclinando-se sobre mim.

— Vá dormir. – ele sussurra, beijando minha testa.

— Sete dias.

Ele olha para mim. — Você estava esperando por isso. O que você me disse exatamente? – ele pensa sobre isso. — Se eu fosse metade do que dizem, veria o erro dos meus caminhos e deixaria você ir.



Eu disse isso a ele e me sinto tão tola agora. Por muitas razões. — Eu era uma idiota.

— Não, você não é. Mas está tudo bom. – ele engole. — Estar aqui é.

— Sim. Mas vou sentir falta deste lugar.



Vou sentir sua falta.

— Eu não quero que você sinta.

— Não? – eu odeio o quanto baixa minha voz soa. O quanto solitária.

Ele observa meu rosto e eu tento mantê-lo em branco. Eu posso estar falhando, no entanto.

— Não, eu quero que você saia daqui e nunca volte. Eu quero que você viva sua vida e quero que você lute. Porque você é uma batalhadora, Willow. Uma guerreira.

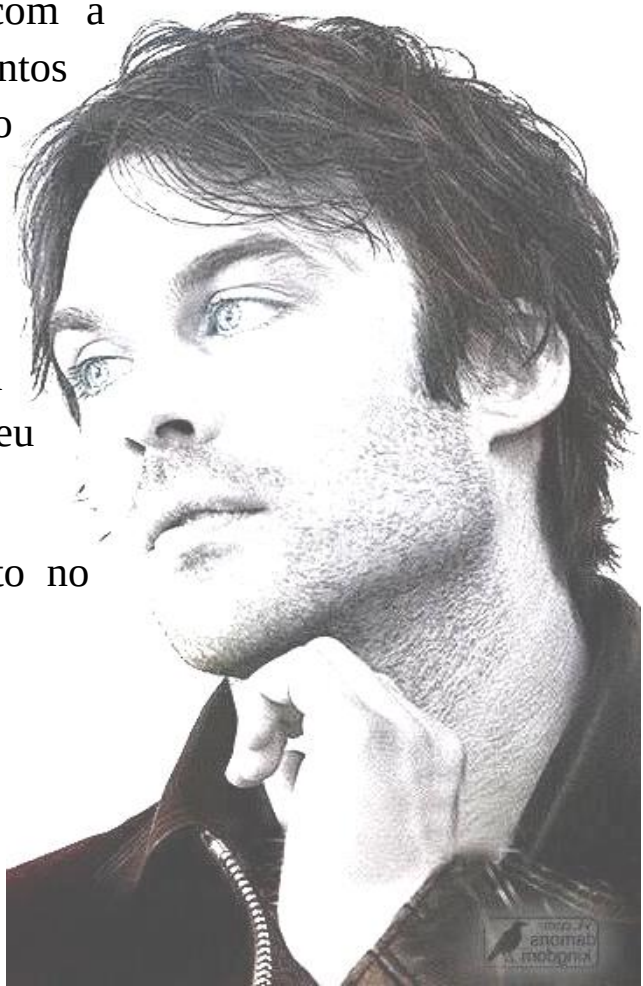
— Então...

— E nunca vá a um maldito bar para pegar caras.

— Então, onde eu vou pegá-los?

Ele odeia minha pergunta, ou pelo menos é o que eu acho que isso significa, suas narinas dilatadas e a veia em sua têmpora.

Eu estou esperando a resposta dele com a respiração suspensa. Até os meus batimentos cardíacos estão suspensos. Talvez ele diga isso agora. Diga alguma coisa, qualquer coisa que me dê uma indicação do que o futuro reserva para nós.



— Em nenhum lugar. – diz ele, e eu arregalo os olhos. — Eles vão se reunir ao seu redor quando você for para a faculdade.

Simon sai então, e eu sufoco meu rosto no travesseiro e choro.



Capítulo Dezenove

— Você está ansiosa para sair? – Josie pergunta em nossa sessão na manhã seguinte.

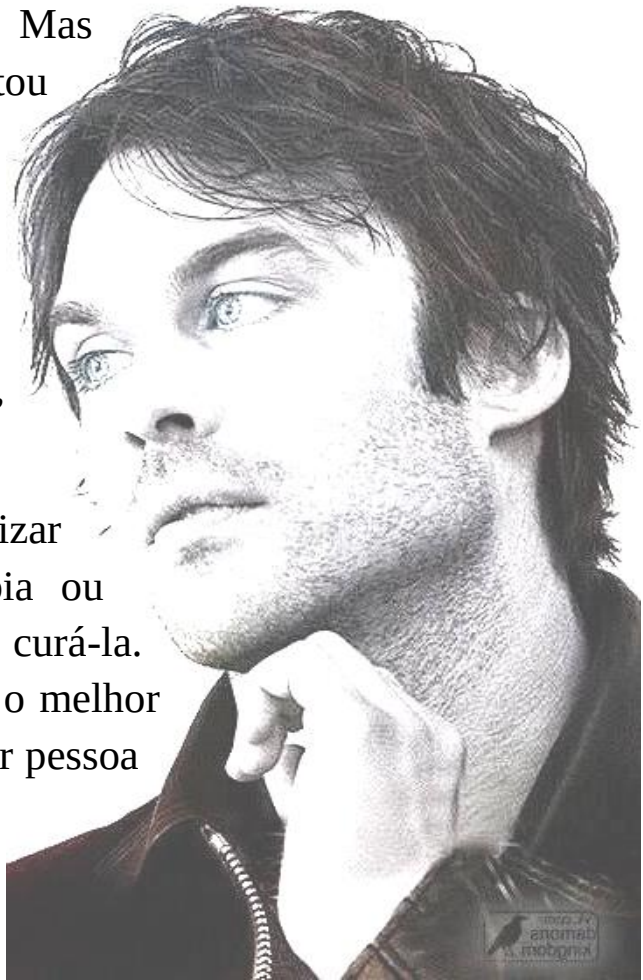
Na verdade, não.

— Hum, sim. Mas, bem, eu vou sentir falta de vocês. – digo, me mexendo na cadeira e sentindo uma pontada de desconforto entre as coxas.

Olho para o meu colo, cobrindo o rosto com os cabelos soltos. Tenho certeza de que estou corando. Eu estou definitivamente latejando. Entre as minhas pernas, meus seios e meu estômago.

É como se ele ainda estivesse lá. Acariciando, bombeando e me fazendo dele.

— Ahhh. Também sentiremos sua falta. Mas sabe, você fez esse progresso, Willow. Estou muito feliz em ver isso. Acho que você está pronta. Lembre-se sempre, você não está sozinha. Essa é a chave.



Encontro seus olhos com isso e aperto meus dedos. — Mas sempre terei dias ruins, certo?

Seu sorriso é triste. — Sim. Queria suavizar isso, mas eu não vou. Infelizmente, terapia ou remédios, não curam a depressão. Nada vai curá-la. Mas eles podem ajudar a aliviar seu fardo. É o melhor que você pode esperar. O melhor que qualquer pessoa



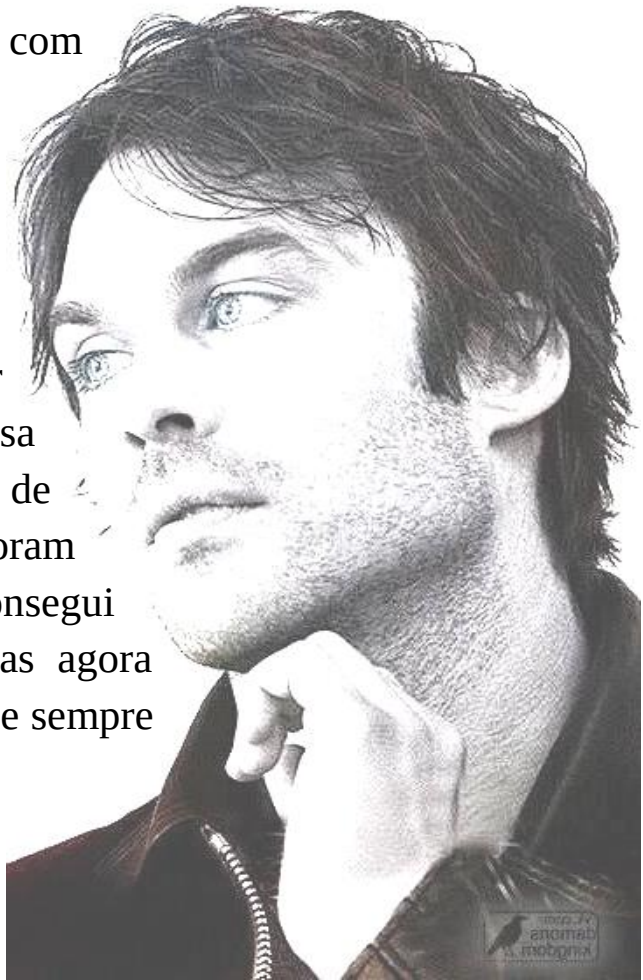
pode esperar, Willow. A vida é… – ela balança a cabeça, procurando por palavras, acho. — A vida é longa. Sei que as pessoas dizem que a vida é curta e, de certa forma, é. Mas é muito longo se você está vivendo sozinha. Não hesite em pedir ajuda. Não pense que você é fraca só porque tropeça. Todo mundo tropeça. Não se isole apenas porque precisa tomar uma pílula todos os dias. Você faria um desserviço a si mesma. Viva sua vida da melhor maneira possível e peça ajuda. As pessoas não são feitas para viver suas vidas sozinhas.

Concordo, piscando para conter as lágrimas. Eu concordo com ela. Nós não fomos feitos para viver nossas vidas sozinhos. Eu não.

E não ele também.

Isso me faz querer contar a ele. Quero dizer a ele o que sinto. Talvez isso lhe dê coragem para dizer o mesmo. Ou pelo menos despejar os seus segredos.

Ou talvez isso o faça me afastar. O que realmente não posso arriscar, porque só tenho seis dias com ele.



Puxa. Por que ele tem que ser tão complicado?

Passamos o resto da sessão conversando sobre todas as coisas que farei quando estiver lá fora. Falamos sobre Columbia e minha bolsa de estudos e como tenho medo de perdê-la e de falhar na faculdade. Os estudos sempre foram difíceis para mim, mas de alguma forma, consegui pegar esse prêmio de bolsa de estudos. Mas agora estou com medo. Mais uma vez, ela me diz que sempre



posso pedir ajuda com meus cursos e que tudo bem se eu tiver dificuldades. Ela acredita em mim. Ela sabe que eu vou passar.

Quando termino, vou para a sala de recreação e tento me concentrar na leitura. Mas ainda o sinto.

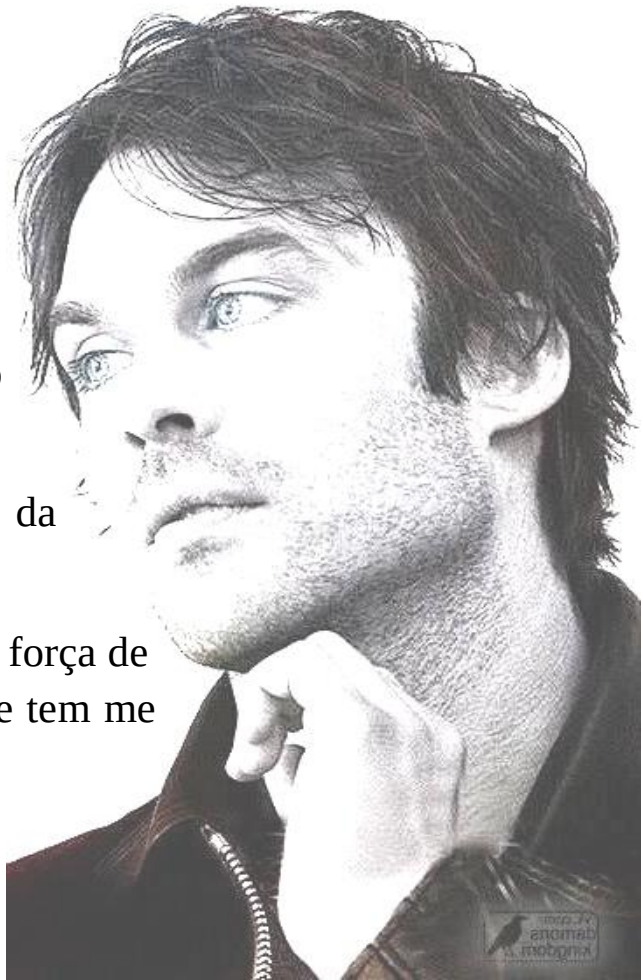
Na verdade, sinto tanto ele que não sinto mais nada. Não sinto quando Hunter vem até mim com os remédios. Não sinto quando Roger e Annie me cumprimentam quando passam por mim.

Torna-se tão ruim, minha distração e minha necessidade por ele, que quase vou procurá-lo. Mas, eu não vou.

Antes de tudo, ouvi uma das enfermeiras dizer que ele está em uma teleconferência. E segundo, eu não quero procurá-lo. Eu quero que ele me procure. Quero ver se *ele* encontrará maneiras de me ver.

Se ele vem por mim.

Estou rezando por isso. Porque se ele vir, então talvez sinta algo por mim. Há uma luz minúscula no fim deste túnel escuro.



Um momento depois, eu vejo. A luz.

Ela vem na forma de um homem alto, com sapatos de bico finos lustrados e as mãos enfiadas nos bolsos da calça. Meus olhos vagam para cima e para cima, até chegar ao rosto dele. Seu lindo rosto esculpido.

Por mais que eu tenha amado a capa da escuridão, acho que amo mais o dia.

Eu vejo claramente seus traços. Eu vejo a força de seus ombros. A suavidade de sua boca que ele tem me



beijado, ou melhor, me deixando louca. Vejo a cintura afunilada que tenho envolvido minhas pernas. Parecendo como uma rocha.

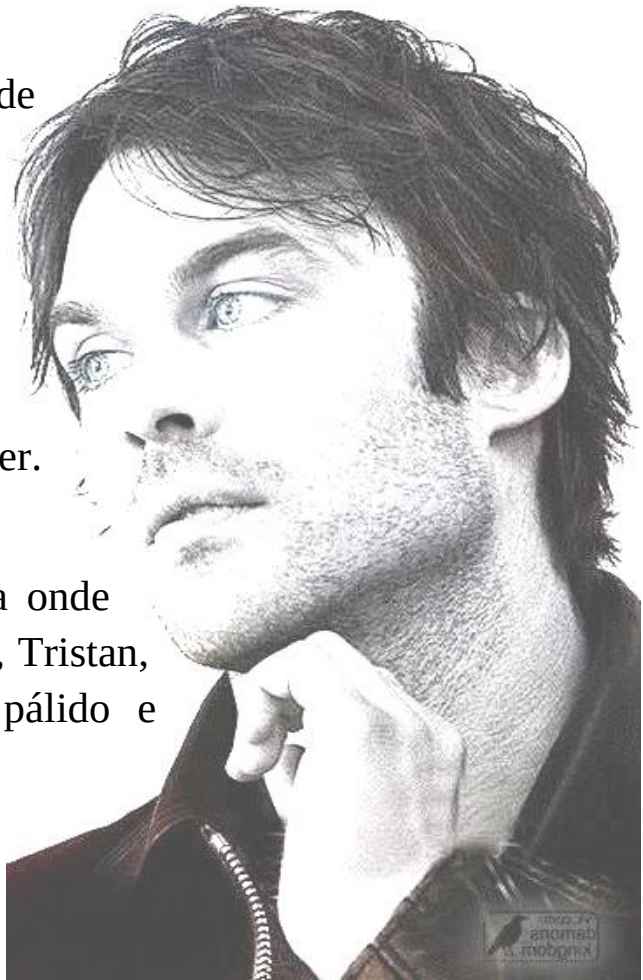
— Willow. – ele murmura, inclinando o queixo para mim.

Seus olhos vagam para cima e para baixo no meu rosto, enquanto ele olha para mim e para o meu cabelo solto, como se estivesse fazendo a mesma coisa, me absorvendo como à luz do dia. Ele para um pouco no meu peito, provavelmente lendo minha camiseta. Hoje ela, diz: *"Cuidado com o filho amoroso de uma princesa da Disney e da Hermione."*

— Dr. Blackwood. – eu aceno, tentando manter minha voz menos ofegante e mais afetada. Não tenho certeza se eu consegui, no entanto. Engolindo, tento novamente. — Sua reunião terminou?

— Você estava me espionando?

Não posso evitar o leve sorriso que supera o meu rosto. — Não. As enfermeiras estavam conversando.



Ele aceita a resposta com um aceno de cabeça. — Sim. Terminou.

Então ele veio me procurar assim que acabou.

Obrigada, Deus.

— Vejo que você não está jogando pôquer. – ele comenta com uma voz casual.

Olho para a mesa do outro lado da sala onde toda a turma está jogando pôquer - as garotas, Tristan, Roger, Annie e Lisa. Apesar de parecer pálido e



esquelético devido ao efeito Heartstone, Tristan está dando um sorriso como sua marca para Renn e ela o está ignorando, corando como uma louca. Eles me pediram para jogar também, mas eu recusei.

— Não estou mais interessada no pôquer. – digo, olhando para ele. — Além disso, eu não era muito boa. Eu sempre perdia.

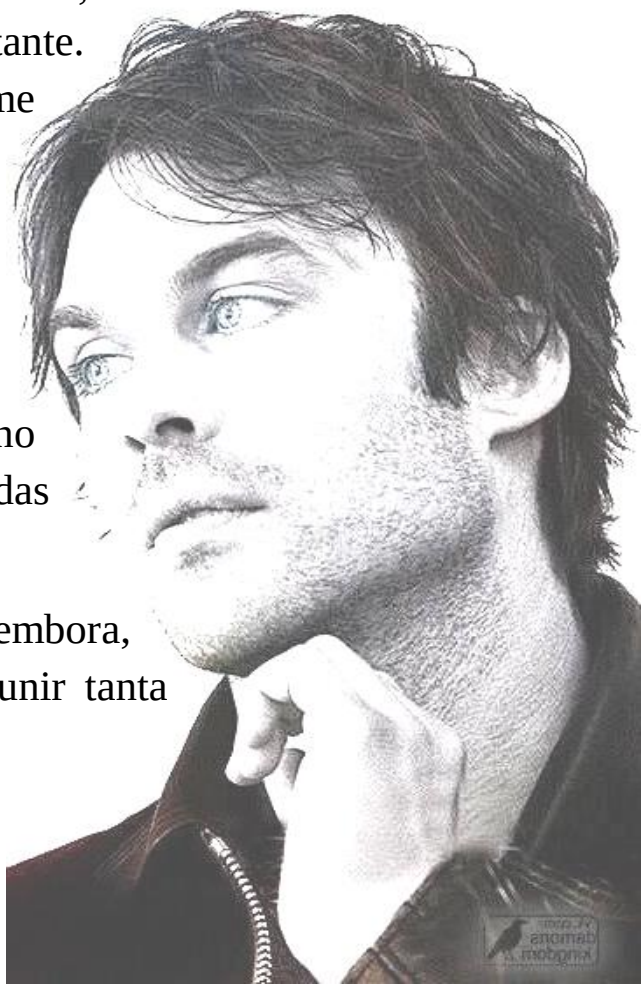
Ele franze a testa, embora um pouco. — Isso é porque você não foi ensinada bem. Não há mágica no pôquer. É tudo muito científico.

Com isso, meu sorriso se torna um riso. Meu Deus, quanto sorri desde que vim aqui para Heartstone. Desde que eu o conheci. Provavelmente um milhão de vezes.

Ele ainda está com ciúmes.

— Talvez você deva me ensinar, sabe. Todas as formas de pôquer e... – eu paro, dando a ele um sorriso meu. — Outras coisas do mundo.

Ele olha nos meus olhos por alguns momentos, com o seu olhar intenso e cheio de algo secreto e crepitante. Quando ele termina sua leitura e me faz me contorcer na minha cadeira e acordar todos os músculos doloridos, ele diz: — Posso te ver no meu consultório por um segundo?



Sento-me em alerta. — Uhum, agora?

O olhar que ele me dá me atinge bem no meu estômago e nos músculos doloridos das minhas coxas e bunda. — Sim.

E então ele dá um passo para trás e vai embora, ou melhor, sai dali. Como ele faz isso? Reunir tanta



energia e autoridade sexual em uma palavra: *sim*.

Eu o observo ir. Ele provavelmente espera que eu o siga imediatamente.

E eu vou.

Eu sei que vou segui-lo. Não há outra escolha.

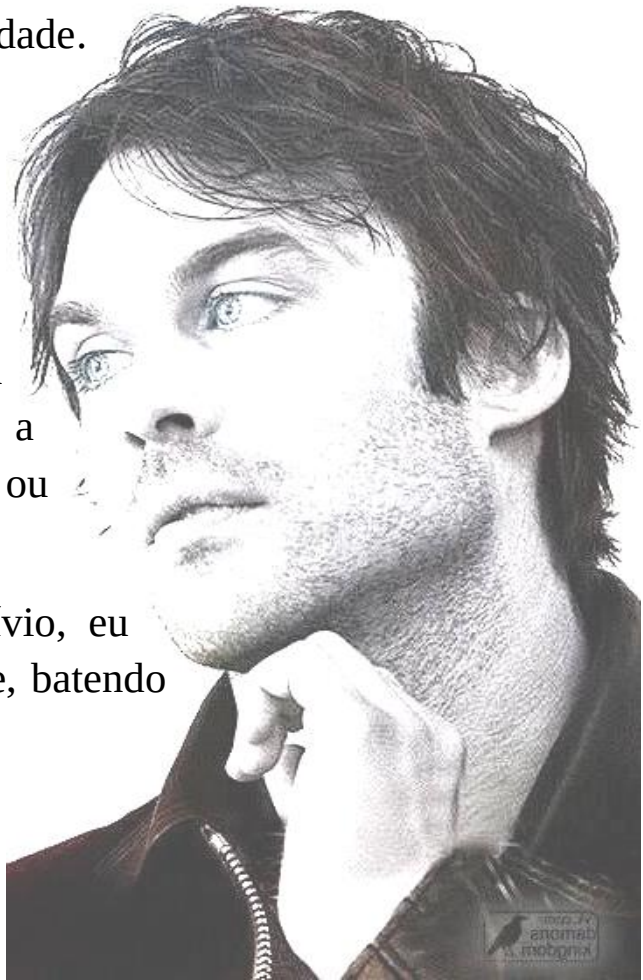
Fique tranquila. Fique tranquila. Fique tranquila.

É perigoso e imprudente encontrá-lo em seu consultório em plena luz do dia. Isso está praticamente nos preparando para sermos pegos.

Eu me levanto do meu lugar, no entanto.

Ele estava certo. Isso é loucura. Mas a loucura somos nós. O resto de tudo é inconsequente. Além disso, só tenho seis dias.

Enquanto caminho em direção à porta, meus olhos veem alguém. *Beth*. Ela está do outro lado da sala e sinto que ela assistiu a nossa conversa, a de Simon e a minha. Ela viu que estávamos conversando um com o outro. Eu me pergunto se viu a intimidade.
A familiaridade.



Existe alguma familiaridade? Nos movemos de maneira que nem percebemos?

Meu coração bate forte e espero que ela caminhe até mim. Parar-me, talvez. Mas ela me dá um sorriso antes de voltar para a enfermeira com quem estava conversando, ou melhor, deveria estar conversando.

Sentindo uma imensa quantidade de alívio, eu saio e, um minuto depois, estou na porta dele, batendo



nela.

Ele abre antes que eu possa terminar aquela batida e eu quase caio. A sala parece escura, mais escura que o normal. E eu percebo que são as janelas. As persianas estão fechadas, cortando a luz do dia, jogando a sala na sombra.

Isso aumenta meu batimento cardíaco.

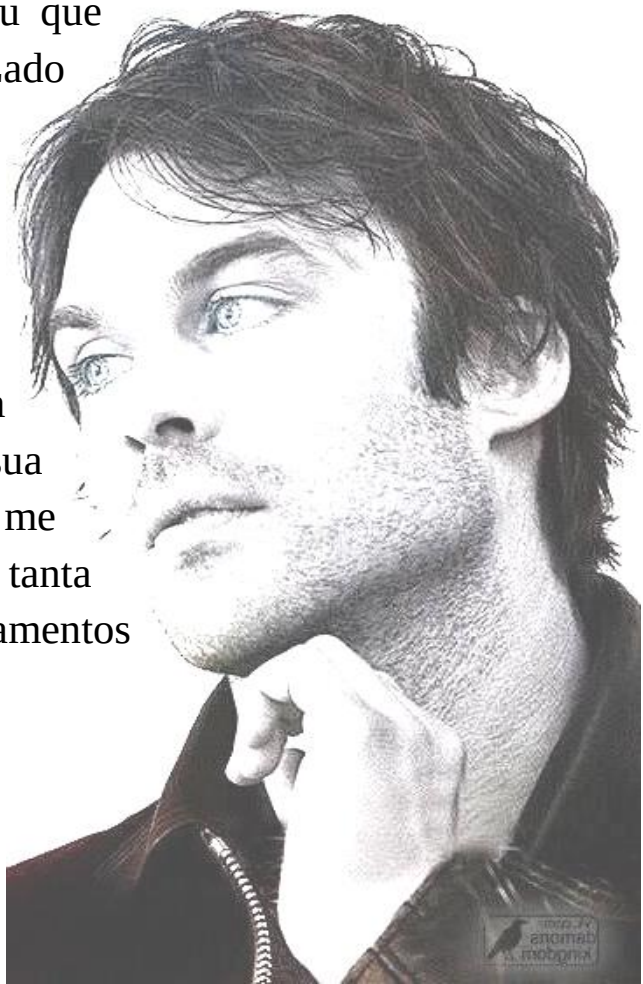
Ele fecha a porta e ouço dois cliques, em vez de um de costume. Em um minuto a porta se fecha e no outro está trancada.

Portas trancadas. Um luxo em um lugar como este.

Nossos quartos não têm fechaduras. Nós não temos o privilégio disso. Sei que é para nossa própria segurança, mas ainda assim. Isso não facilita as coisas.

Sem objetos pontiagudos. Sem privacidade. Vida interrompida.

Então, como minha vida começou em um lugar como este, onde todas as vidas são interrompidas? Como aconteceu que encontrei tudo o que estava procurando do Lado de fora, aqui no Interior?



É *ele*.

Este homem de olhos cinza e cabelos escuros, que trancou a porta e também fechou as persianas antes de eu chegar aqui. Quem veio atrás de mim assim que terminou a sua reunião. Quem encontrou maneiras de me encontrar. E quem está me olhando com tanta frustração e desejo que todos os meus pensamentos são sobre uma coisa.



Eu quero beijar ele

Sim, eu quero beijar isso dele. Sua luxúria e sua agitação. Eu quero provar. Provar o sabor dele, na minha língua.

Eu quero chupá-lo.

Meu olhar cai abaixo do cinto dele.

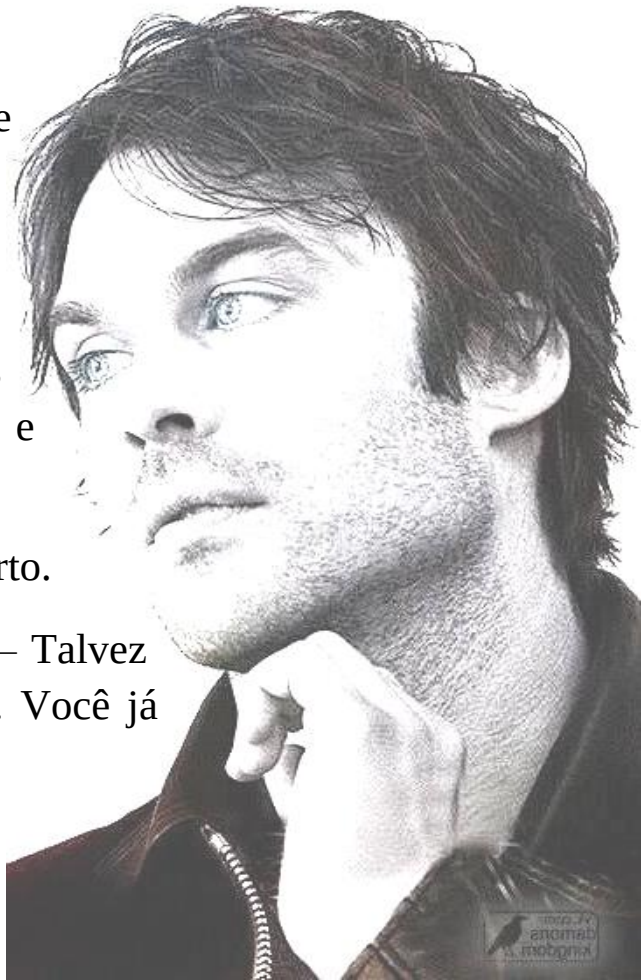
— Pare de olhar para o meu pau, Willow. – ele avisa.

E, claro, eu faço o oposto. Ele já não me conhece agora? Olho para ele de novo e juro que o vejo balançar dentro dos limites de suas calças.

— Suas calças são muito apertadas. – digo a ele docemente, tentando agir como se não fosse grande coisa. — Pensei isso no primeiro dia em que te vi. Elas mostram demais. E acho que vi um movimento. Você sabe, só para constar.

Meu comentário faz seus olhos arderem, e ele começa a caminhar até mim em passos lentos e predatórios.

Mau movimento.



Uma jogada tão ruim da parte dele, se ele não quer que eu olhe para o seu pau.

Não posso evitar. Quando ele caminha, suas calças se esticam contra seus músculos e meus olhos automaticamente vão para suas coxas. Suas coxas poderosas e fortíssimas, e bem, seu pau poderoso.

A razão de todos meus sonhos e desconforto.

Simon vem para ficar na minha frente. — Talvez ele seja muito grande para as minhas calças. Você já



pensou nisso?

Sorrindo, balanço a minha cabeça. — Talvez o ego seja grande demais para sua cabeça.

Ele se abaixa, todo ameaçador. — Você terminou de fazer comentários irrelevantes?

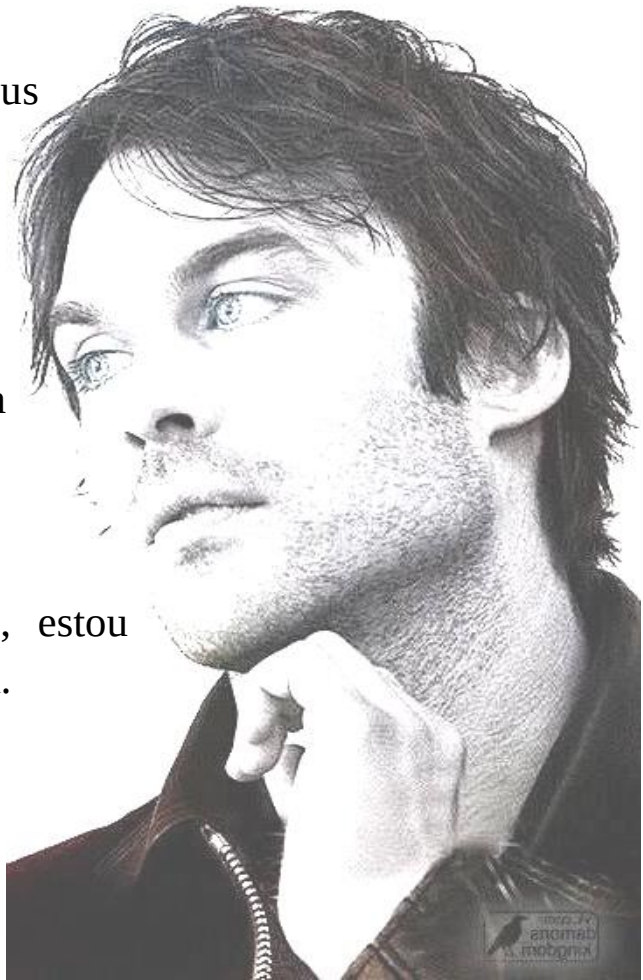
— Talvez.

Ele sorri um pouco, o que me faz formigar um pouco. Ele estende a mão e pega meu livro das minhas mãos. E antes que eu possa protestar, ele joga no sofá de couro em que estamos parados.

— O que...?

— Você está sentindo algum desconforto? Alguma dor?

Eu tremo com a pergunta dele. Todo ponto dolorido, toda dor queima à vida. Só por ele perguntar sobre isso de uma maneira tão franca, quase clínica. Só por ele me olhando assim. De cima abaixo. Com os seus olhos demorando em todos os lugares.



Nos meus lábios, minha garganta, meus seios, barriga e a junção das minhas coxas. Ele desce e faz uma pausa em cada curva e em todo vale.

Eu poderia muito bem estar sem roupa. Ele poderia muito bem estar me tocando com as mãos.

— Onde... Onde?

É uma pergunta legítima. Na verdade, estou dolorida em todos os lugares abaixo da cintura.



— Qualquer lugar. Em toda parte.

— Bem, um pouco. Quero dizer, nas minhas coxas e na bunda. – eu sou obrigada a explicar: — Não sou muito atlética.

— Estou ciente.

Eu franzo a testa para ele. — Como?

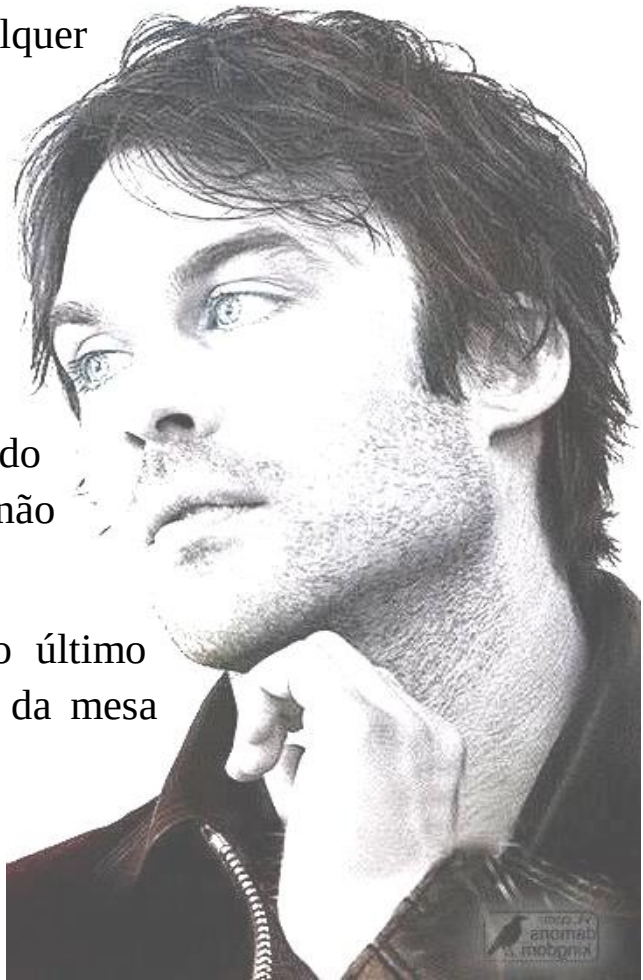
— Eu vi você tentando tocar seus pés. Ou foi o chão? – Seus lábios se contraem. — Foi bastante informativo.

Suspiro e bato em seu peito, lembrando-me daquele dia lá fora, quando Renn me levou a fazer coisas idiotas de ioga com ela. Foi também o dia em que ele me beijou.

Ainda assim, digo na minha voz mais arrogante: — É chamado de cachorro olhando para baixo. E acontece que é muito difícil. Um dos movimentos de ioga mais avançados.

— É mesmo?

Não, eu estou mentindo. Mas de qualquer forma.



Eu fungo. — Sim.

Simon me dá um sorriso de lado, antes de inclinar o queixo para uma das cadeiras. — Sente-se.

Estreito os meus olhos para ele, tentando descobrir o que ele quer. Mas é claro que não posso.

Lentamente, vou até a cadeira, mas no último minuto mudo de ideia e me sento em cima da mesa



dele. Sento na beirada com as minhas sobrancelhas em um desafio, as minhas pernas balançando para frente e para trás.

Seu olhar também é desafiador quando ele se aproxima de mim e se encaixa entre minhas pernas. Então ele se inclina sobre mim e minhas costas arqueiam com sua proximidade.

Ainda me olhando, ele pega algo da mesa. — Aqui.

Olho para a mão dele. Há dois comprimidos no meio dela.

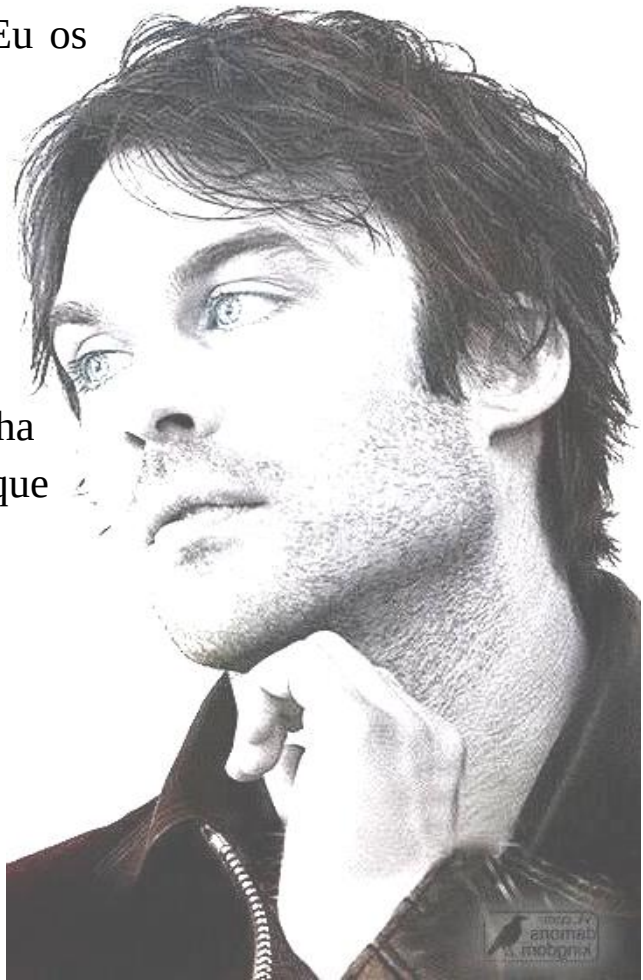
Ambos brancos e ambos minúsculos. Meu coração começa a acelerar ao vê-los. Ele está dando para mim?

Remédios não são o que eu chamaria de amigos. Bem, por razões óbvias.

Eu odeio tudo sobre eles.

Tudo.

Ainda assim, eu os pego de suas mãos. Eu os pego.

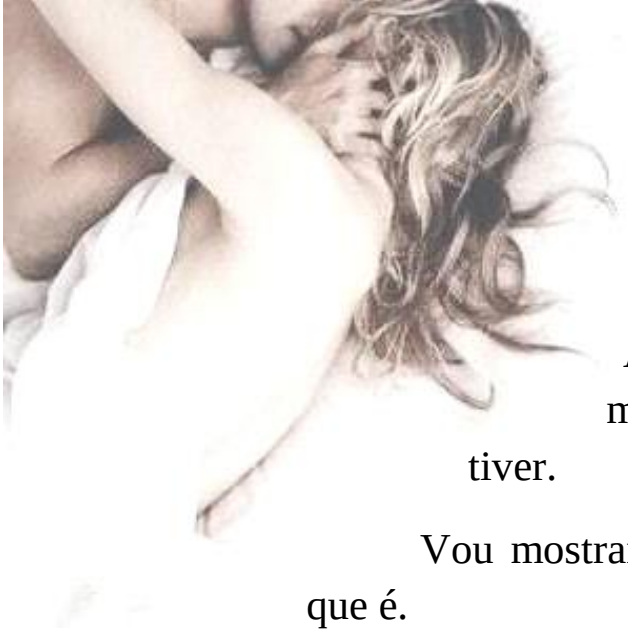


Meus dedos podem estar tremendo e posso estar apreensiva, mas os levo para a sua palma da mão, sussurrando: — Posso tomar um pouco de água, por favor?

Seus olhos ficam sérios com a minha pergunta. — Você não vai perguntar para que eles servem?

Eu deveria. Eu realmente deveria.

Mas não vou.



Por mais que odeie os remédios, eu amo o homem que os dá para mim. E eu confio nele. A noite passada foi apenas o começo. Vou mostrar minha fé nele todas as chances que tiver.

Vou mostrar a ele que ele é perfeito exatamente do jeito que é.

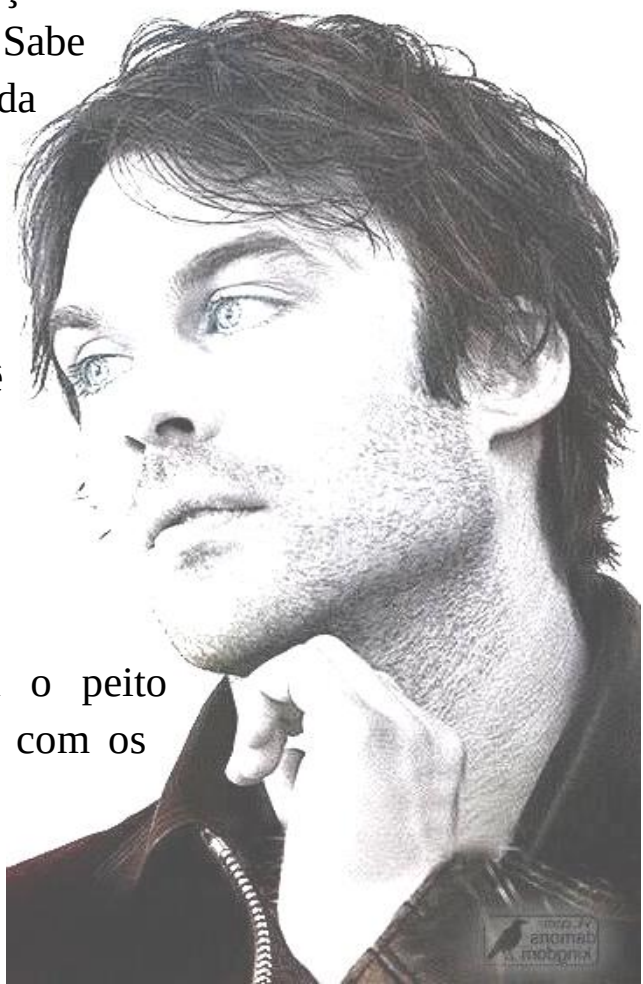
Eu continuo encarando seus olhos enquanto balanço minha cabeça. — Não.

Simon range os dentes. Uma veia aparece em sua têmpora e eu sinto que ele vai explodir. Mas ele solta um suspiro e aperta o nariz.

— Porra, Willow. – ele xinga, exasperado. — Você deveria perguntar.

— Por quê?

— Porque é a coisa mais inteligente a se fazer. E se alguém lhe der algo que possa prejudicá-la? Você usa todos os tipos de drogas. E se isso te machucar? E se isso causar uma reação adversa a medicamentos em seu sistema? O que então? Sabe como é estúpido pegar algo - remédios, ainda por cima - de um homem que não conhece?



— Eu sei que é estúpido. Mas é você. Eu conheço você.

Zombando, ele balança a cabeça. — Você não me conhece.

Por que você não me diz?

— Eu sei que você não vai me machucar.

Simon respira fundo novamente, com o peito inchando na camisa azul. Combina tão bem com os



olhos dele. Ele pega aqueles monstros brancos da minha mão e segura um. — Este. É para a sua dor. É o Tylenol. Ele não reage a nenhum dos medicamentos que você está tomando.

Ah.

Ah, Deus.

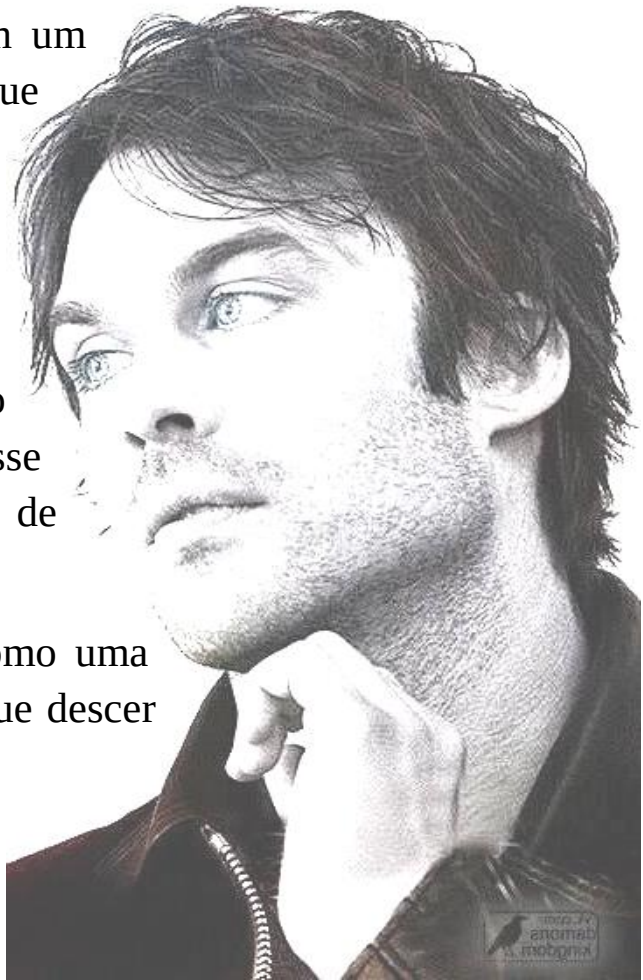
Por quê? Por que ele teve que fazer isso? Ele é estúpido, não é? Ele tem que ser. Ele selou completamente seu destino. Ele me comprou comprimidos porque achava que eu estava com dor.

Como diabos posso deixá-lo ir agora? E então, ele fica tenso quando digo que confio nele? Como posso não confiar nele?

Idiota. Ele é um grande idiota.

Um idiota pelo qual estou irrevogavelmente apaixonada.

Ele tenta devolver o comprimido para mim, mas eu não pego. Em vez disso, abro minha boca e mostro a minha língua. Eu quero que ele me dê.



Suas maçãs do rosto ficam escuras com um rubor que acho tão fascinante e tão atraente que eu quero tocá-las. Mas não vou. Ainda não. Quero que cure minha dor primeiro. Sei que isso vai acalmá-lo; ele é fã de implicações.

Quando ele coloca o comprimido na minha língua, fecho os meus lábios em torno de seus dedos e os chupo. Como se eu fosse chupar o seu pau. Assim que esse negócio de comprimidos terminar.

Seus olhos cinza ficam quase pretos, como uma tempestade que está chegando e eu vou ter que descer



as escotilhas. O pobre homem não sabe que eu amo as tempestades.

Eles não me assustam. E ele também não.

Soltei seus dedos e ele me oferece um copo de água. — Beba.

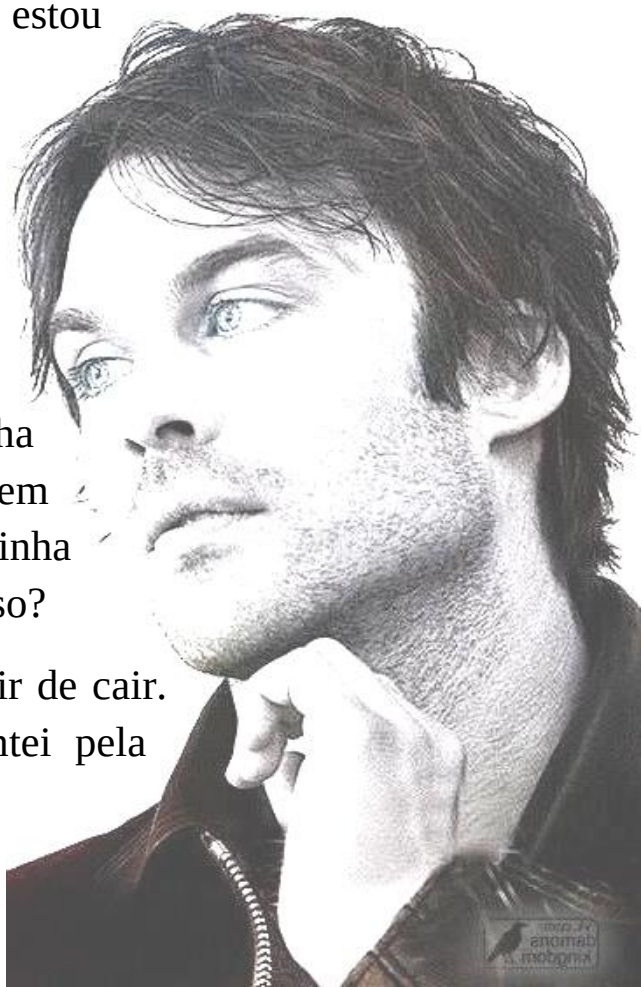
Sua voz é áspera, e quando tomo um gole de água e engulo o remédio, olho para as calças dele. Sim, ele está excitado. Duro e pronto para mim.

Quando termino, devolvo o copo e balanço minhas pernas para frente e para trás, mordendo meu lábio.

Seu suspiro está frustrado e excitado. Então, ele pega o outro comprimido. — E isso... Você sabe o que é?

Balanço a cabeça.

Minha ignorância não ajuda com a rigidez de seus traços e corpo. Eu gostaria de poder tirar sua frustração com o meu toque, mas ele claramente tem algo a dizer e um ponto a fazer. Então eu estou sendo boa e ouvindo ele.



— Esta é a pílula do dia seguinte. – ele quase surta.

E a minha respiração hesita. Eu paro de balançar as pernas.

Finalmente, ele está feliz com a minha reação. Posso ver isso. Seus olhos parecem satisfeitos com aquele soluço medroso na minha respiração. — Sabe por que tem que aceitar isso?

Pego na beirada da mesa para me impedir de cair. A plenitude que sinto desde que me levantei pela



manhã se manifesta agora. É muito pior, muito mais potente, viva, pois revivo aqueles momentos da noite passada.

Estou revivendo cada impulso, topo e ritmo de seu pau enquanto ele entrava e saía do minha abertura apertada. Ele estava nu dentro de mim.

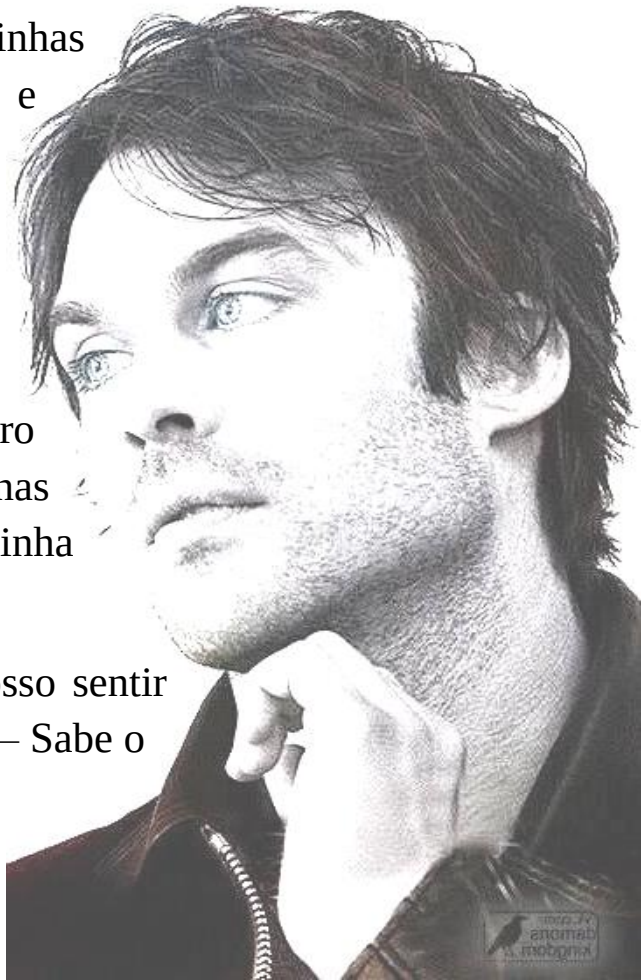
— Mas... Porque nós não... Eu...

Finalmente, ele me toca. Ele coloca as duas mãos na minha cintura e me puxa ainda mais perto. — Porque você me deixa tão louco, você me tenta tanto que eu esqueci a camisinha. Eu nem pensei nisso.

Eu o vejo entrando nos meus pelos e no meu interior, e juro que ainda posso sentir o esperma dele lá. — Mas você gozou no meu... Você gozou fora.

Gemendo, ele segura o tecido da minha camiseta. — Sim. E é porque sou doente. Eu queria ver meu jato de esperma na sua boceta. Eu queria marcar você.

Suas palavras me fazem arquear as minhas costas e mostrar os meus seios pesados e inchados para ele. — Ah. Eu não...



— Você sabe quando percebi que eu fiz besteira? – ele engole. — Quando acordei com seu sangue no meu pau.

Um pequeno gemido me escapa e eu seguro seus bíceps. Também acordei com sangue nas minhas coxas. E o seu esperma. Seco na minha barriga.

Sua testa está apoiada na minha e eu posso sentir suas palavras na minha boca quando ele diz: — Sabe o



que acontece quando um homem entra em você, Willow? Você sabe o que vai acontecer se eu encher sua boceta com a minha porra?

Eu aceno com a cabeça. — Sim.

— Sim? Conte-me.

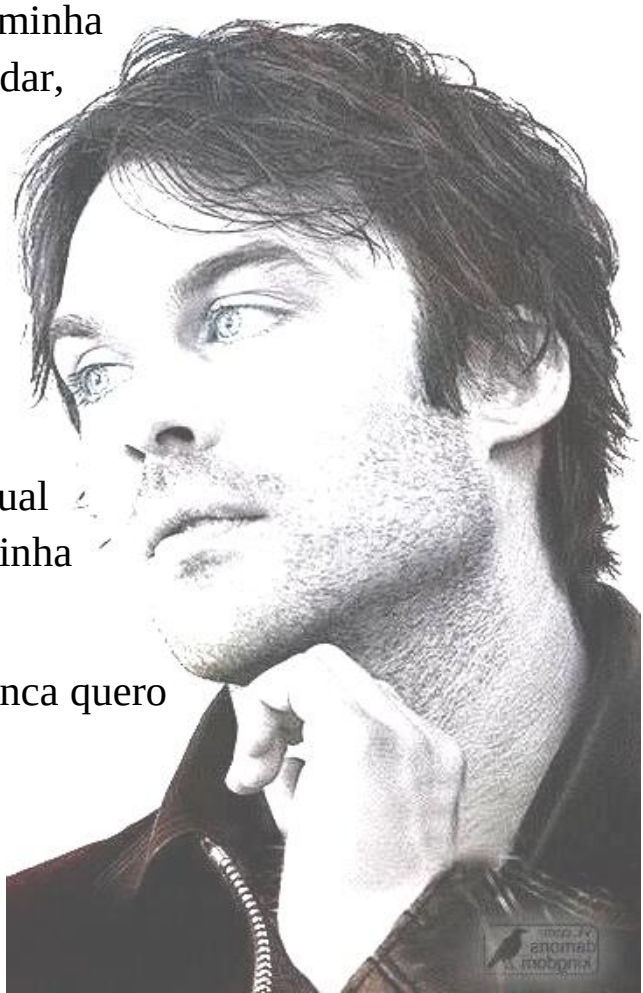
Meus dedos cravam em seus braços ao seu tom. Como se ele pensasse que eu sou realmente ingênua. Ele acha que não sei nada sobre o mundo e é o seu trabalho me ensinar. Ele está realmente me ensinando coisas mundanas.

Não sei por que isso me excita tanto. Mas, excita.

Ofegando, começo: — Se você entrar em mim e me encher com seu esperma, eu posso engravidar.

A palavra com P me deixa excitada e assustada. Estou tão confusa com a minha reação. A única coisa que eu deveria sentir é o medo. Eu deveria ter medo de engravidar. Eu não deveria estar me molhando.

Simon estica a mão para segurar a minha bochecha. — Quer isso? Você quer engravidar, Willow?



Finalmente, sinto a emoção certa. Medo.

Meus olhos se arregalam e balanço minha cabeça, quase violentamente. — Não. Nunca. Eu não…

Simon franze a testa com sua névoa sexual saindo de seus olhos enquanto ele observa minha reação. — Você não o quê?

Engolindo, agarro a sua camisa. — Eu nunca quero



engravidar. Nunca.

Ele se afasta, fazendo com que eu o solte. Ele está falando sério agora, enquanto me observa. — Explique-se.

Eu xingo, soprando na minha franja.

O que acabou de acontecer?

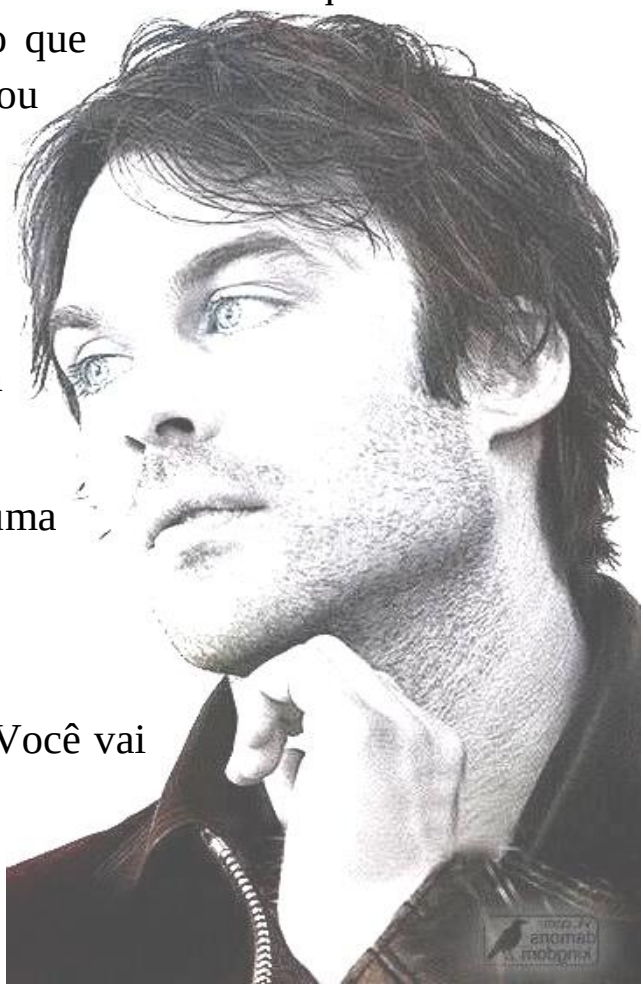
Estou com calor e tesão e com tanto medo ao mesmo tempo. Eu xingo novamente.

Eu realmente nunca pensei em engravidar. Quero dizer, vamos lá. Eu só tive um namorado e até ontem à noite, eu nunca fiz sexo.

Ao contrário de outras meninas, eu sonho com a morte, não dando à luz a uma nova vida.

Mas assim que Simon pronunciou a palavra grávida, eu soube. Eu sabia no meu coração que nunca vou ter filhos. Eu nunca posso tê-los.

— Olhe para mim, Simon. Olhe para onde estou. Tenho que tomar remédios, fazer terapia para ser normal. Não que eu tenha vergonha disso. Quero dizer, estou tentando não ter. Eu estou aprendendo. Mas não posso ter bebês. Nunca. E se o meu bebê acabar como eu? E se o amaldiçoar com minha doença. – eu afasto minha franja do meu rosto. — Eu não posso fazer isso com ele. Eu...



— Willow. – ele me interrompe com uma careta escura. — Cale a boca.

E eu calo.

Simon cruza os braços sobre o peito. — Você vai



ter bebês.

— O que?

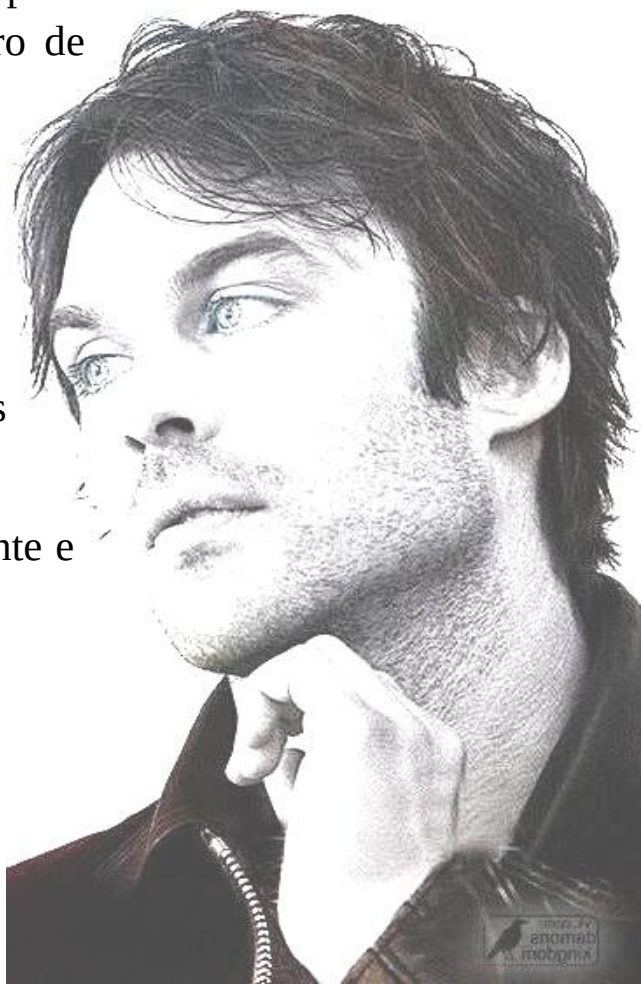
— Agora não, mas quando for a hora certa. E não pense que pode amaldiçoá-los porque isso é besteira. Não há nada errado com você. Já disse isso centenas de vezes antes e estou dizendo novamente, você é uma guerreira. Não há nada errado em ser uma. Você não é menos que ninguém. De qualquer forma, você os ensinará a serem como você. Você os ensinará a lutar. Está bem?

Meus olhos se arregalaram e minha garganta está cheia de uma e apenas uma emoção: amor. Por ele. Como se os comprimidos não fossem suficientes? Ele tem que ir e dizer isso.

Seriamente. Se eu não estivesse apaixonada por ele, eu pensaria que ele está sendo cruel sendo tão... Legal.

Eu aceno sem palavras.

— Excelente. – ele interrompe e produz a pílula na minha frente do nada. — Mesmo que eu não gozei dentro de você. Não estamos arriscando.



Obediente, abro a boca e ele a coloca na minha língua antes de me dar um gole de água. Então ele coloca o copo do lado e afasta a franja dos meus olhos, enxugando as lágrimas que escaparam nas minhas bochechas.

Deus, estou confusa. Uma confusão gigante e choramingando.

— Sinto muito. – eu sussurro.



— Por quê?

— Por arruinar seus planos.

Ele me olha, ainda colocando meu cabelo rebelde atrás das orelhas. — Meus planos.

Eu aceno, segurando sua camisa e o trazendo para um abraço. Coloquei minha cabeça em seu peito e balanço minhas pernas para lá e para cá. — Você queria fazer sexo comigo, mas estraguei tudo chorando.

Sua risada vibra seu peito. — O que faz você pensar que eu queria fazer sexo com você?

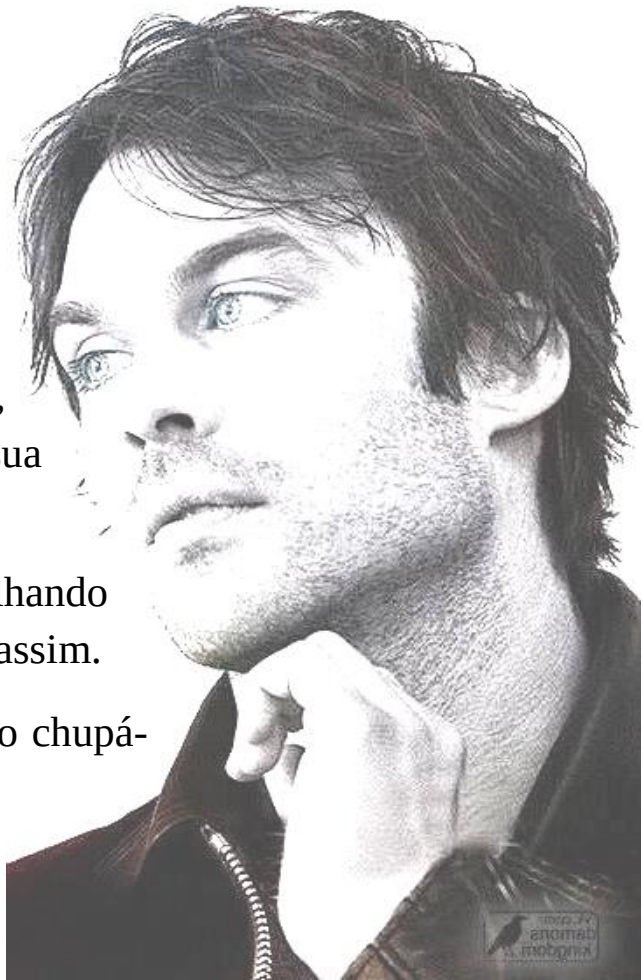
Afastando-me, olho para o rosto sorridente dele. — Por que você fechou as cortinas?

— Há muito sol.

— Não há. Você trancou a porta também.

— Muito barulho.

— Essa é uma resposta tão idiota.



Olho para o pau dele novamente. Está pressionando contra as calças dele. Eu não diria que está todo duro, mas está a meio mastro, fazendo dele um mentiroso.

— Seu pau está ficando duro. – digo a ele, me contorcendo em sua mesa, olhando a sua ereção atingindo sua altura máxima.

— Isso é biologia. Se você continuar olhando para ele com seus olhos mimados, tudo ficará assim.

Dou a ele esses olhos mimados. — Quero chupá-



lo. – ele se encolhe com a minha declaração e eu continuo. — Mas eu não vou pedir isso. E sabe o que mais? Também não vou implorar para você me foder.

— Você não vai?

Eu faço beicinho. — Não. Porque se alguém quiser me foder, então ele deve ter a cortesia de me dizer isso. Eu tenho orgulho, sabe.

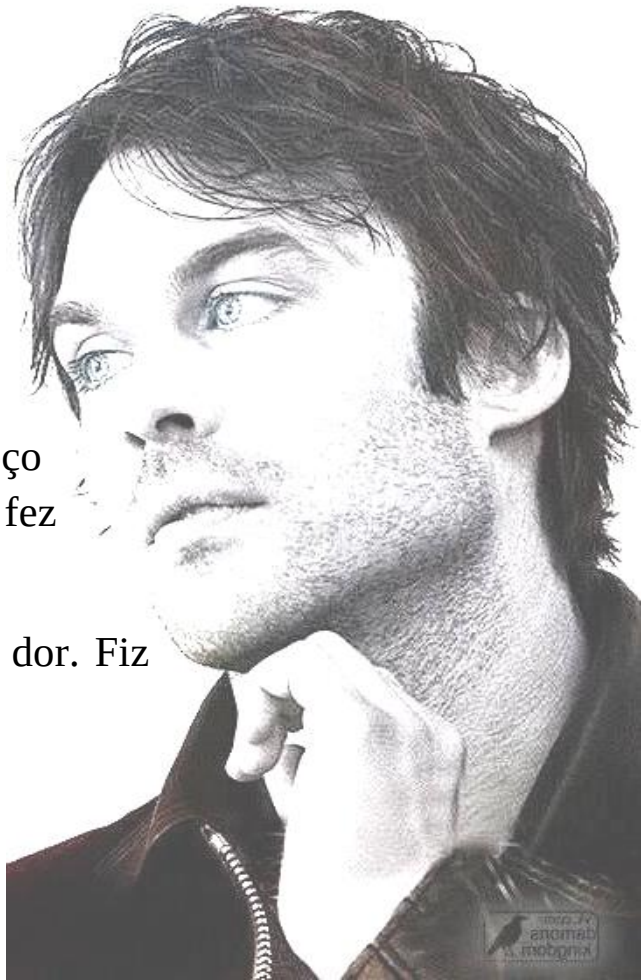
Finalmente, ele para de alisar meus cabelos e começa a brincar com o contorno dos meus lábios. — Isso é bom, Willow. Orgulho é bom. Um de nós deveria ter isso.

Eu tento pressionar minhas coxas, mas não consigo. Porque ele está entre elas. Eu acabo apertando seus quadris.

— Você não tem mais? – pergunto, soprando essas palavras na ponta do seu polegar.

— Não.

— Por que não?



— Não tenho orgulho, Willow, porque me sinto como um homem no corredor da morte. Implorando pela vida. Implorando para viver mais um dia. Implorando para te foder mais uma vez.

Envolvo meus braços em volta do pescoço dele e arqueio minha coluna. — O que você fez para entrar no corredor da morte?

— Tirei a sua virgindade. Fiz você ficar dor. Fiz você sangrar.



Parece que ele está imaginando isso, me fazendo sangrar. Também estou imaginando.

Talvez não fosse a situação ideal ou o lugar para fazer sexo pela primeira vez. Mas foi perfeito para nós.

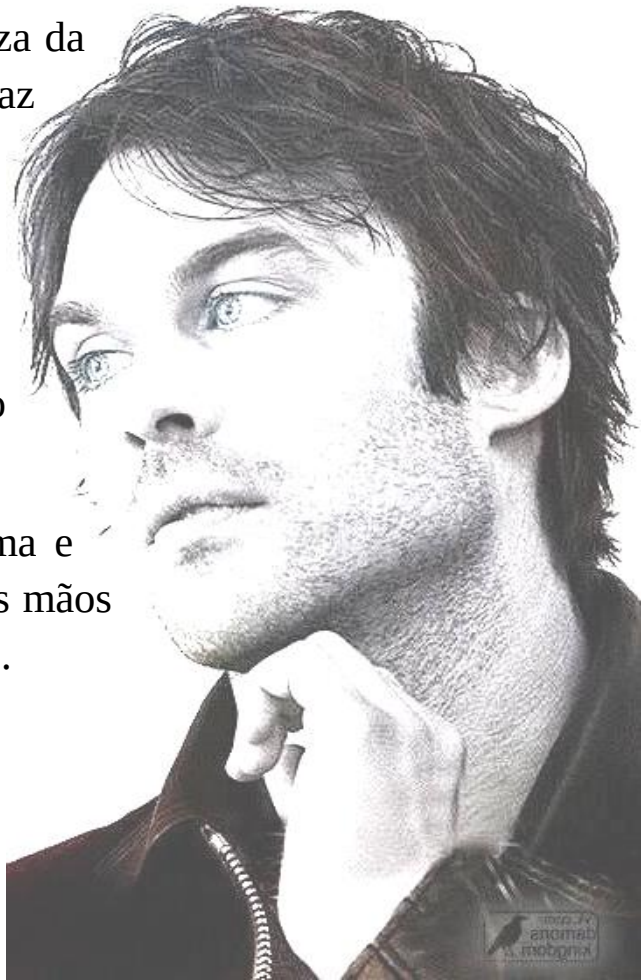
Foi aqui que nos conhecemos, em Heartstone. Foi aqui que me aceitei e me entreguei a ele. Eu não mudaria nada sobre a noite passada ou nada disso.

Dou um beijo suave nos lábios dele. — Sim. Você fez uma sujeira em mim.

Resmungando, ele dá um beijo forte nos meus lábios com seus dedos ficando enterrados no meu cabelo. — Então não há esperança para mim, não é? Eu deveria ser enforcado por sujar a Princesa da neve.

Encolho os ombros. — Talvez você possa viver mais um dia. Talvez você possa fazer as pazes comigo, por me deixar toda suja e dolorida, para que você possa me foder de novo.

Assim que digo as palavras, ele me desliza da mesa e me carrega nos braços. Isso me faz perceber mais uma vez como pequena sou comparada a ele. Como pequena e delicada, e como ele pode me pegar e me colocar onde quer que ele me queira.



Nesse caso, é a poltrona de couro marrom.

Ele me faz colocar os joelhos lá em cima e agarrar o braço da poltrona com as palmas das mãos suadas e com o couro cedendo sob o meu peso.



Eu viro e olho para trás. — Simon, eu...

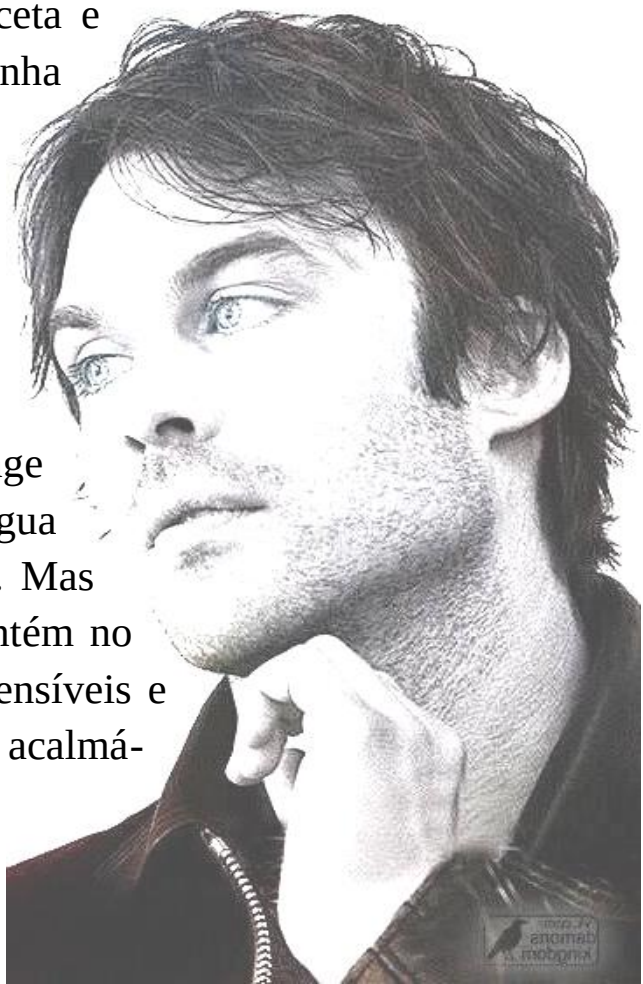
Ele está atrás de mim, grande e iminente. Seus ombros estão movendo para cima e para baixo com suas respirações irregulares enquanto ele olha para cima. — Eu sei o que você precisa.

Ele abaixa a minha calça de ioga. Ele a empurra para baixo e para baixo, até que ela fique no meio da coxa, deixando minha bunda nua e exposta. Apesar do constrangimento que ele pode ver tudo à luz do dia, tudo por trás, eu respiro o primeiro suspiro de alívio. Se ele está tirando minhas roupas, isso significa que estou um passo mais perto de ser fodida.

E é isso que me interessa agora.

Simon se abaixa e o sinto deslizando algo nos meus pés. Meus dedos do pé movem e percebo que são minhas pantufas de coelhinhos. Devo tê-las perdido em algum lugar ao longo do um metro e meio da poltrona.

— Mantenha-as no pé princesa. Porra, não as perca. – ele pede antes de colocar a boca diretamente na minha boceta e fazer todas as palavras morrerem na minha língua.



Nem tenho tempo para apreciar toda a sua perversidade colocando minhas pantufas e me chamando de princesa novamente. Com toda a injustiça e retidão disso.

Eu arqueio minhas costas quando ele atinge o meu núcleo, tentando se afastar de sua língua quente, porque estou tão sensível e dolorida. Mas ele agarra as minhas nádegas nuas e me mantém no lugar. Sua boca faz arder as minhas partes sensíveis e doloridas, mas ele também está conseguindo acalmá-



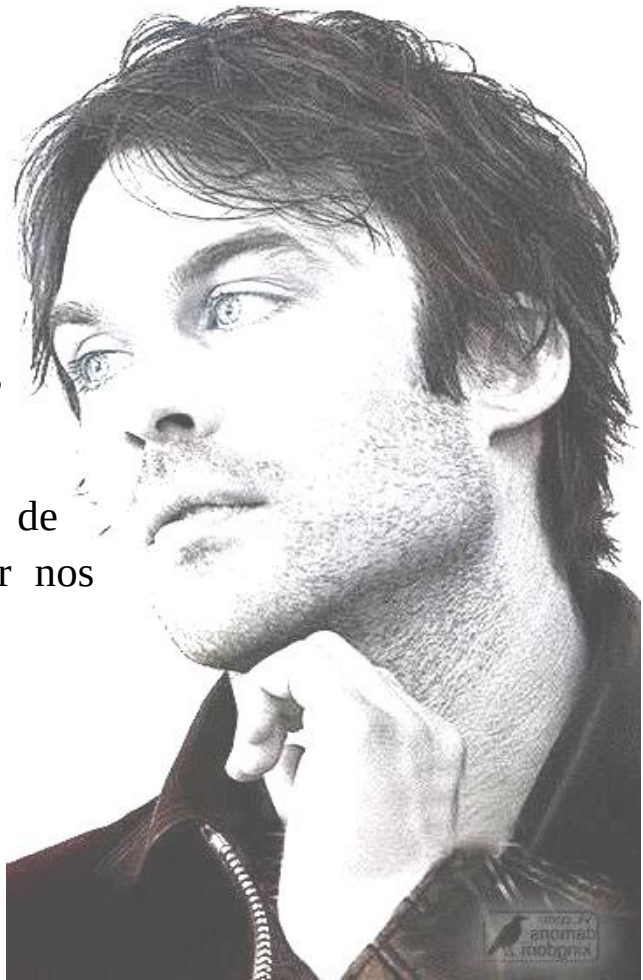
las.

Ele está lambendo e chupando, respirando na minha parte mais sensível, que fica apertada por causa da falta de espaço na cadeira e pelo fato de minhas coxas estarem quase apertadas devido ao cós ao redor delas.

Quando seus dedos cravam na minha bunda e ele agarra um pouco, separando-a, eu mordo o couro. Seu sabor amargo atinge minha língua quando Simon mergulha mais fundo no meu canal. Ele está lambendo meu orifício, dando voltas e mais voltas, e eu estou deixando marcas dos meus dentes no couro me movendo contra sua língua.

Logo, Simon me faz gozar com a boca e o couro absorve os meus soluços.

Deixando a minha boceta, Simon se levanta e, de alguma forma, consigo me virar e olhar para ele. Observando minha meia-nudez, ele desabotoa as calças e as abaixa, junto com a cueca e tira o pau dele. É a primeira vez que o vejo na luz do dia.



Jesus, ele é grande. E grosso.

Não é à toa que tive que masturbá-lo com as duas mãos. A cabeça parece roxa e mais escura que o resto do comprimento. E está pingando pré-sêmen. Uma gota branca e perolada que me faz pensar em portões brancos perolados.

O guardião dos portões escuros de Heartstone tem um pau que me faz pensar nos portões brancos do céu.

Deus, eu quero chupá-lo.



É como se ele soubesse o que eu estou pensando. — Não me olhe assim.

— Como?

— Como se você quisesse adorar meu pau.

Eu coro. — Eu quero.

— Não está acontecendo. – ele sussurra. — Eu te disse. Você não irá se ajoelhar.

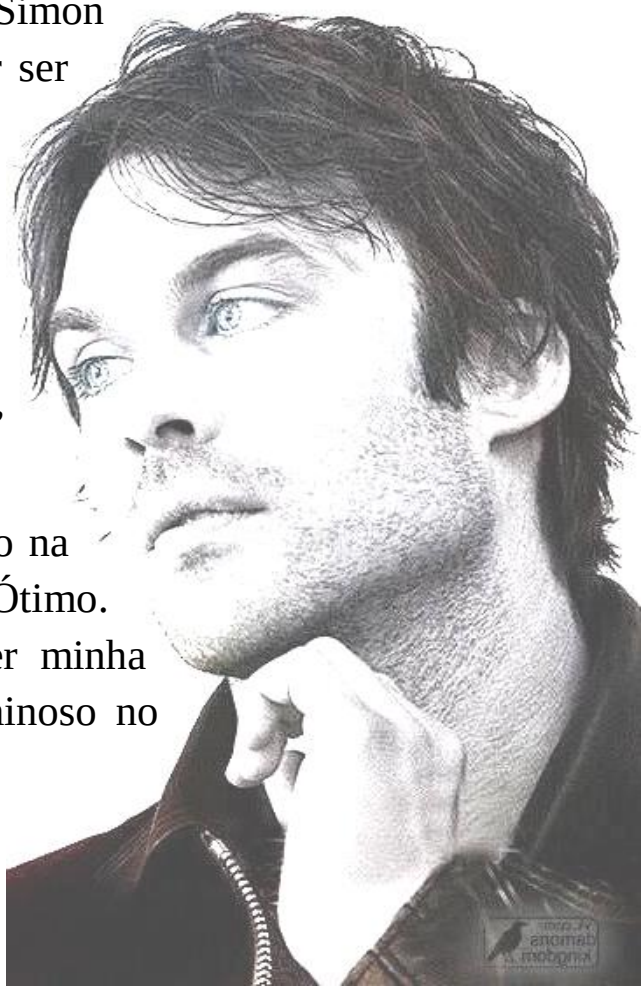
Na sua frente, eu me ajoelho.

Em vez de lhe dizer isso, eu mantenho minha boca fechada. Um dia eu vou chupar o pau dele, não importa como.

Eu o vejo tirar uma camisinha da calça abaixada e algo quente me supera. Esta é a peça final. Ele cuidando de mim. Ele pensando em me foder e planejando isso.

Esfrego as minhas coxas, antecipando a plenitude.

Colocando o látex em seu comprimento, Simon olha os meus olhos. — Minha Princesa quer ser fodida, não é?



Eu aceno, mordendo meu lábio. — Sim.

O sorriso que ele me dá me faz escorrer uma gota do meu gozo. Porra, eu o sinto descendo pela minha coxa. Eu nunca, nunca, fiquei excitada.

Depois que ele termina, ele coloca a mão na minha cintura, me arqueando ainda mais. — Ótimo. Porque é isso que eu vou fazer. Vou foder minha Princesa como se eu fosse um maldito criminoso no



corredor da morte.

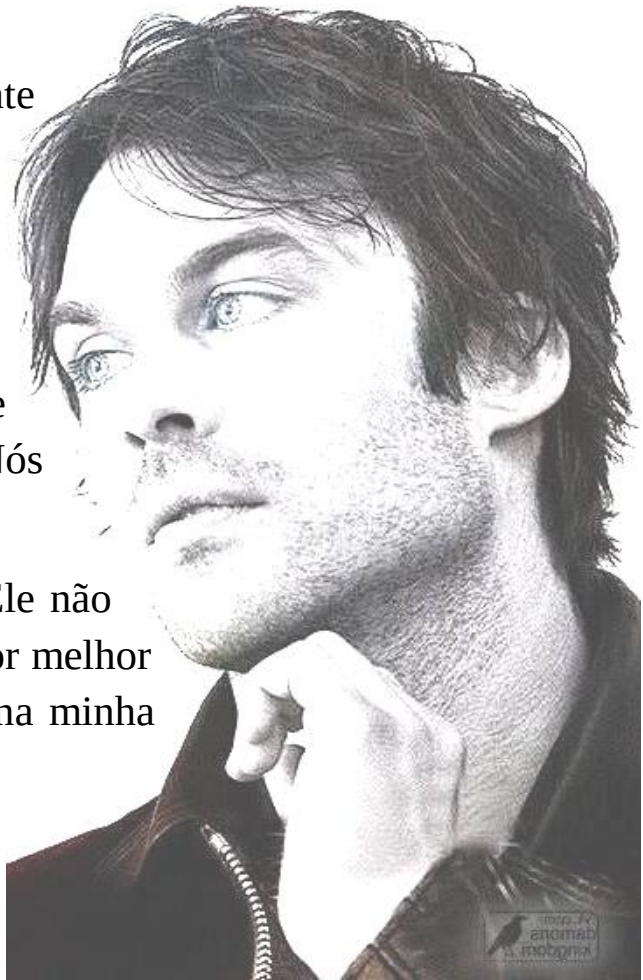
Com isso, ele desliza seu pau em mim e eu tenho que morder o couro novamente para não gritar.

Simon diz um palavrão enquanto se afasta e sinto que ele foi além do meu estômago. Talvez, ele esteja tocando minha alma nesta posição, cortando tudo para que ele possa criar um lugar permanente para si mesmo.

Deus, se isso não é crueldade, uma espécie de jogo perverso, eu não sei o que é. Tornar a casa dele dentro de mim quando não sei o que acontecerá em seis dias.

Mas não penso nisso quando ele começa um ritmo com suas mãos em volta dos meus quadris.

Na verdade, eu nem posso chamar isso de ritmo. É super instável e irregular. Ele gira entre movimentos preguiçosos e longos que encolhem os dedos dos pés em minhas pantufas macias, e movimentos curtos e rápidos que fazem os meus seios balançando.



Eventualmente, depois de provavelmente seu décimo movimento ou talvez centésimo, eu soltei a poltrona e agarrei os meus seios balançando. Eu engulo e aperto-os quando o som do nosso corpo batendo enche a sala.

Sinto que está muito alto, os barulhos que estamos fazendo. Isso é muito perigoso. Nós estamos desafiando o destino.

Simon deve desacelerar seus impulsos. Ele não deveria estar entrando em mim tão rápido - por melhor que isso seja. Ele não deveria estar batendo na minha



bunda dessa maneira.

Em vez de pedir para ele parar, eu me empino. Não sei o que estou pensando ou por que estou fazendo isso, mas simplesmente não consigo parar. Eu tenho que transar com ele.

Então ele muda o ângulo. Ele solta meus quadris e enterra a mão no meu cabelo, curvando-se sobre mim. Seu peito e estômago, todos tensos, tocam a minha coluna suada. Sua mandíbula raspada encosta do lado da minha bochecha enquanto ele fode dentro de mim.

Dessa forma, seus quadris movem e ele está penetrando pouco e profundo que eu sinto no centro do meu ser.

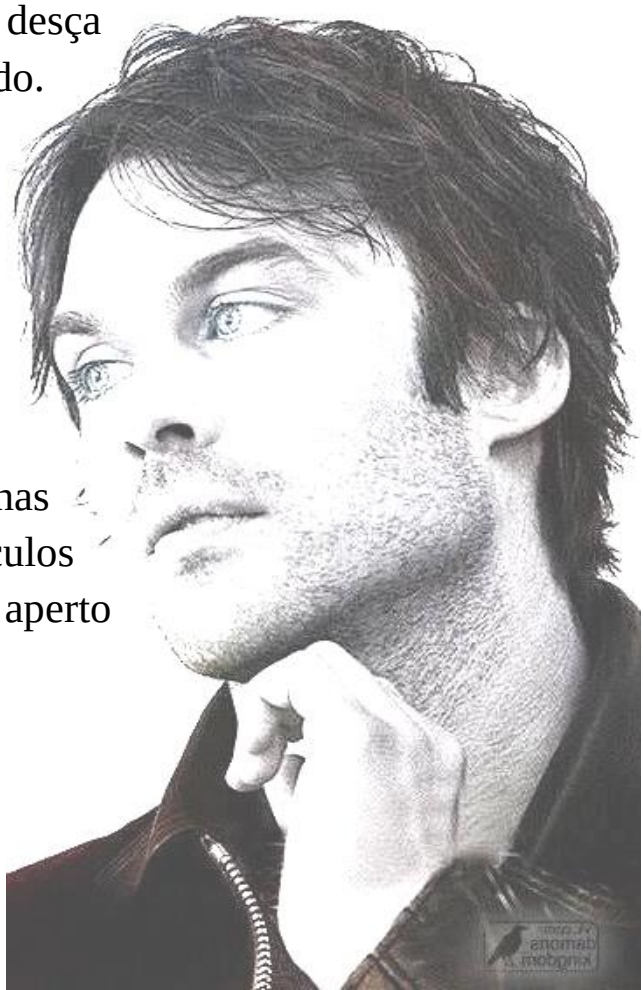
— Minha Princesa gosta? – ele fala no meu ouvido com a sua mão segurando a parte de trás do meu pescoço em um abraço possessivo, enquanto seus lábios davam beijos suaves no meu cabelo.

Eu me virei de novo com a palavra princesa. Se ele decidir criar o hábito de me chamar assim, talvez eu nunca desça dessa altura. Posso estar sempre caindo. Voando.

Olho para ele com os olhos embaçados.
— Sim.

— Sim. Posso sentir isso. Posso sentir sua boceta adorando isso. Ela está me apertando.

Eu me estico de novo e cravo as minhas unhas na pele lisa de sua bunda e seus músculos agrupando sob o meu toque. Ele geme e eu aperto meu canal ainda mais.





— Porra…

Seus impulsos tornaram-se completamente erráticos agora, assim como suas respirações.

Assim como *minhas* respirações.

Estou cercada por ele. O calor dele. O cheiro dele.

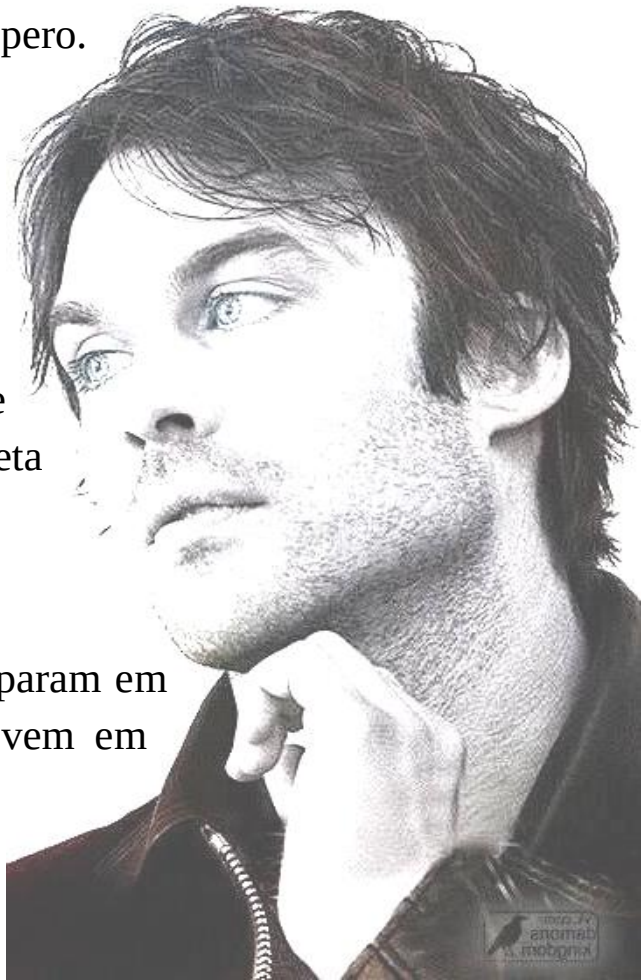
Sua demonstração de domínio.

Quando Simon captura minha boca em um beijo, eu perco o controle como na noite passada. Tudo se desenrola dentro de mim e eu gozo e gozo.

Eu jorro. Sinto o meu gozo deslizando do meu núcleo, deslizando pelas minhas coxas trêmulas e possivelmente sujando a poltrona de couro e suas calças. Eu não tenho certeza.

Simon não se importa. Ele continua me beijando. Ele continua penetrando em mim com suas coxas batendo contra as minhas e o seu peito respirando loucamente sobre mim.

Quando ele interrompe o beijo, eu abro meus olhos e olho em seu olhar intenso. Isso é metade desejo e desespero. Gotas de suor na testa e o queixo rangendo.



Deitada no encosto da poltrona, completamente submissa por ele, aguentando o seu ritmo, sussurro: — Mantive as minhas pantufas nos pés de princesa para você. Co... Como você me disse. Você não gozou atrás de mim, Simon? Por favor, entre na minha boceta de princesa.

— Jesus Cristo…

Seus olhos se fecham e as suas palavras param em um gemido. Seus quadris estremecem e movem em



um impulso final e ele satisfaz o meu desejo.

Ele goza para mim.

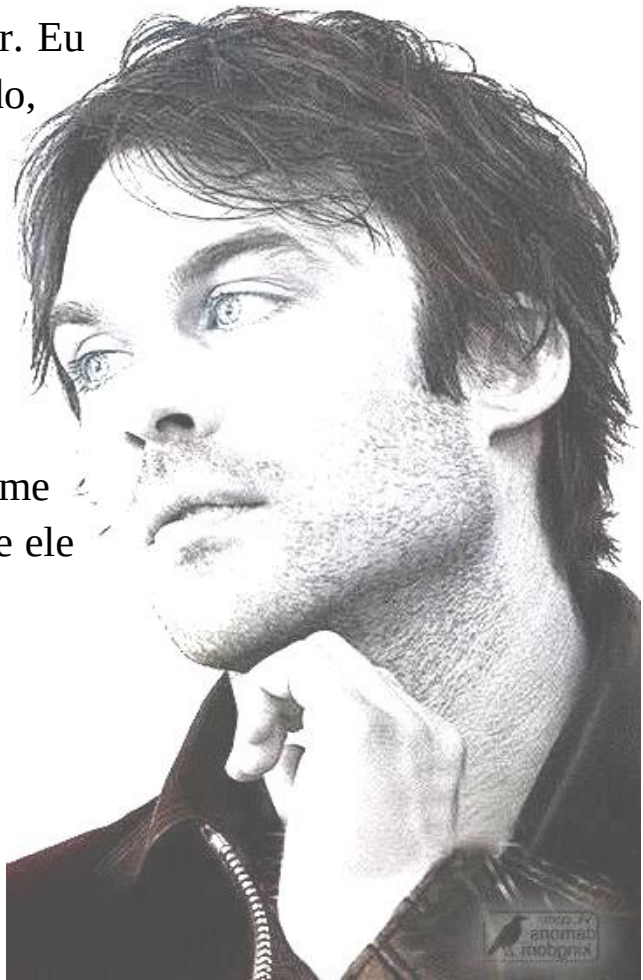
Mesmo que ele esteja usando camisinha e eu realmente não possa sentir a umidade de seu esperma, sinto o calor dele. Sinto o seu peito vibrando e seu estômago apertando em minhas costas. Sinto os seus empurrões aleatórios e estocadas curtas enquanto ele se endireita.

Ofegando, ele retira seu pau de dentro de mim e me pega em seus braços, estilo nupcial. Eu acaricio o meu nariz contra sua garganta quente, sentindo todo tipo de sono. Sinto que estou flutuando em uma nuvem, em uma nuvem de chuva e fofa e ele está comigo.

Simon me leva ao banheiro dentro de seu consultório e me senta no balcão de mármore. Eu o observo com as pálpebras pesadas enquanto ele cuida da camisinha e ajeita suas roupas.

Quando ele termina, ele segura minha bochecha e me faz focar nele. — Quantos dias, Willow?

Ele não precisa me dizer o que quer dizer. Eu já sei. Desço das alturas com o coração ferido, digo a ele: — Seis.



Soltando meu rosto, ele me dá um aceno solene e molha um lenço umedecido em água quente. Então, ele me limpa, minha boceta e minhas coxas.

A cada segundo que eu passo com ele me limpando e me colocando em ordem, sinto que ele está me dizendo algo.

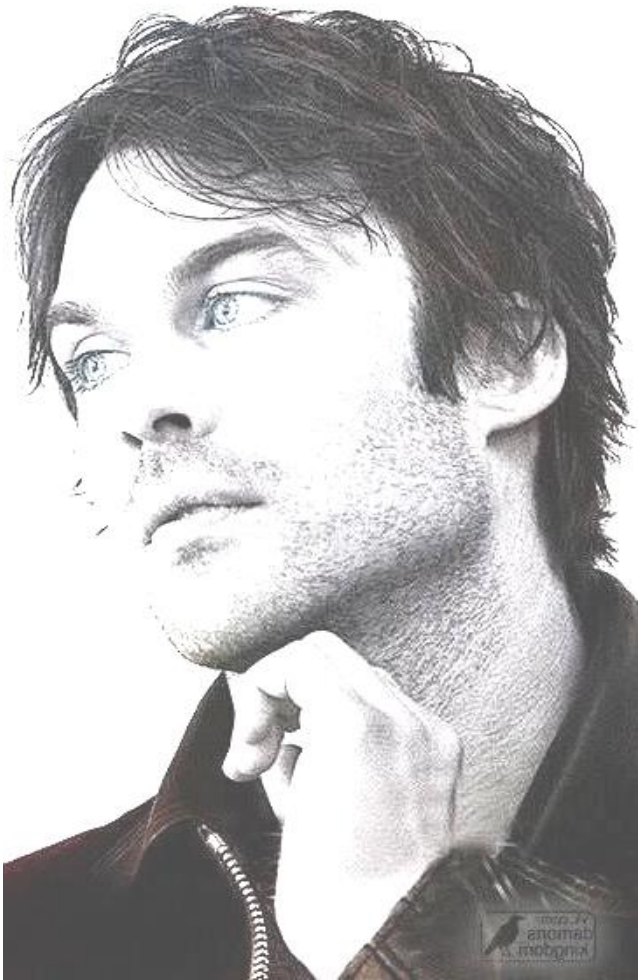
Só que eu não sei o quê.



Saffron A. Kent

Tudo o que posso fazer é esperar que descubra antes que esses seis dias terminem.

381



Medicine Man



Capítulo Vinte

Todos os dias, ele me pergunta quantos dias faltam para a despedida.

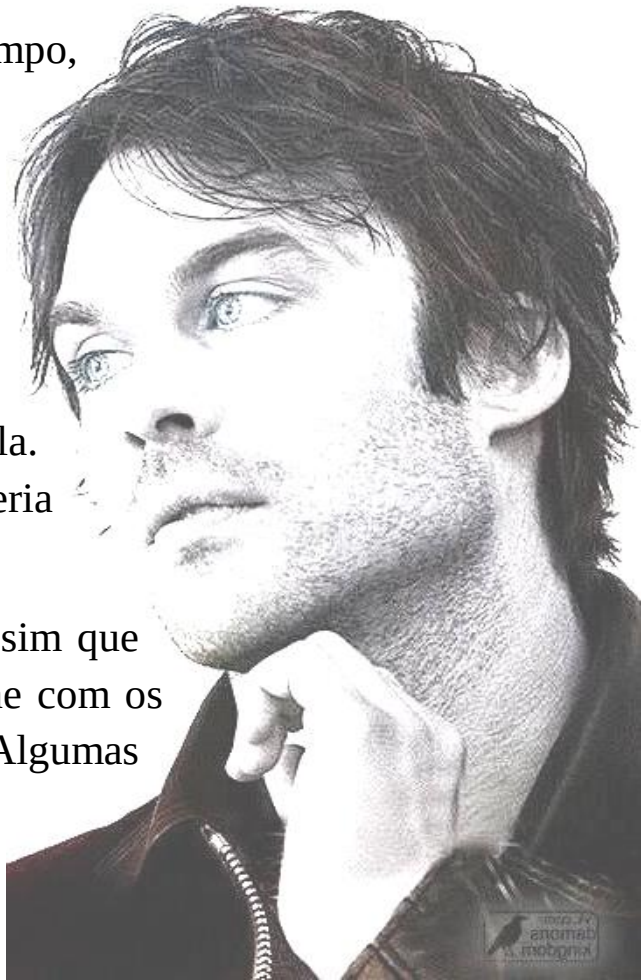
E todo dia acho que talvez hoje ele diga as palavras que ouço toda vez que olho para ele. Mas isso não acontece.

Não acontece à cinco dias da despedida.

Nesse dia, minha mãe me liga e me diz que sabe sobre Lee Jordan. Ela finalmente foi à minha escola para obter as informações do cara pelo qual eu pulei, e eles disseram a ela que não tinha um aluno com esse nome.

Ela me pergunta por que eu menti para ela. Por que não contei a ela sobre minhas lutas e sobre meus pensamentos? Ela diz que quer que eu fique em Heartstone.

Ela diz que, se estou mentindo há tanto tempo, preciso de mais tempo para melhorar.



— Você precisa consertar isso, Lolo. – diz ela, chorando. — Como confio em você agora? Como sei que você está dizendo a verdade?

Eu choro também. Eu explico para ela. Explico as minhas lutas e como não queria preocupá-la, mas ela não escuta.

No final, estou confusa chorando. E é assim que Simon me encontra, saindo da sala de telefone com os meus olhos inchados e vermelhos. Algumas



enfermeiras também me encontram nesse estado. Ele diz que vai lidar com isso e me leva para dentro do consultório dele, trancando a porta.

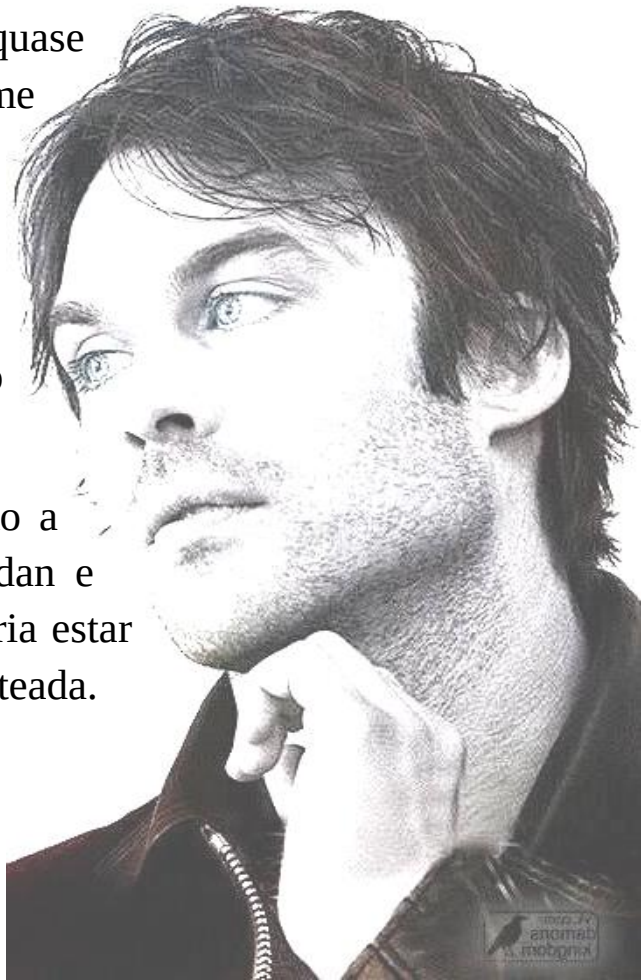
— O que aconteceu? – ele pergunta, franzindo a testa e em alerta.

Tento manter a minha compostura e não ser uma bebê chorona na frente dele. Mas o importante é que eu quero ser e sei que posso ser. Eu sei disso. Sei que posso chorar na frente dele. Não porque ele será meu herói e resolverá todos os meus problemas. Meus problemas não são solucionáveis, mas sei que ele vai entender. Eu sei que ele vai ouvir.

— Nada.

— Willow. – Seus olhos seguem o rastro das minhas lágrimas e sua voz se torna ainda mais tensa. — O que aconteceu? Porque você está chorando?

Eu enxugo as lágrimas. — Eu conversei com minha mãe.



Minhas palavras o fazem se mover e ele quase se aproxima de mim em agitação, me levantando em seus braços. Ele caminha até as janelas primeiro - está chovendo para que alguém fique do lado de fora, mas não podemos arriscar - e fecha as cortinas. Ele caminha comigo para o sofá, se senta comigo no colo e pergunta o que ela disse.

Eu conto tudo para ele. Digo a ele como a minha mãe finalmente soube sobre Lee Jordan e todas as mentiras. Eu ia contar a ela. Eu queria estar lá para dar a notícia. E agora, ela está toda chateada.



— Eu sou tão estúpida. – sussurro em seu pescoço, chorando. — Eu não deveria ter dito nada. Não deveria ter mentido. Mas fiquei tão em pânico. E ela estava tão triste, Simon. Ela pensou que era culpa dela que eu pulei. Então inventei uma história. Ela nunca vai me perdoar. Ela nunca vai superar isso.

— Ela vai.

— Como você sabe?

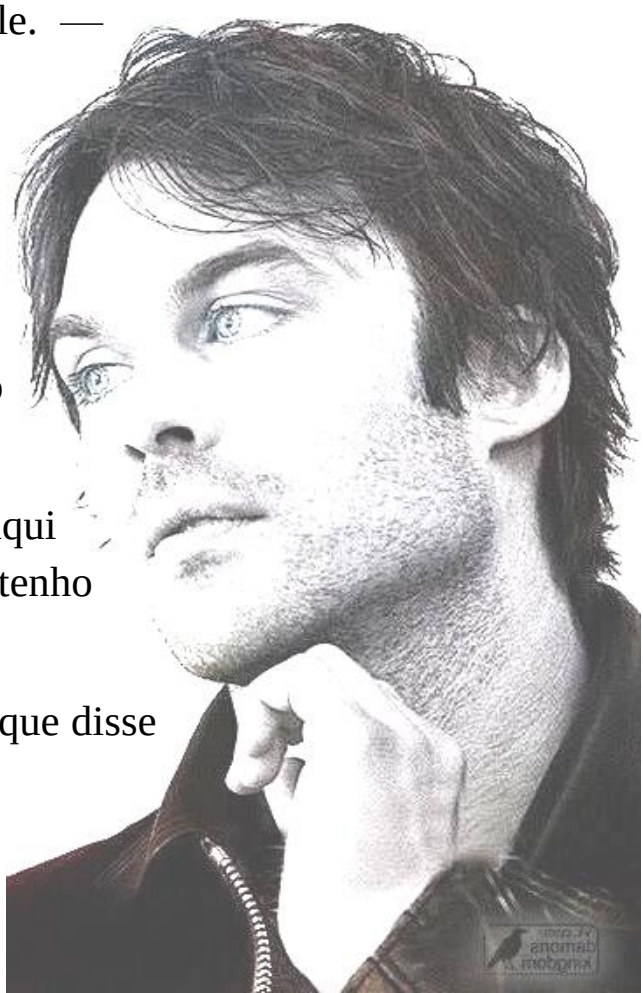
— Quando ela ver como você está indo, você a convencerá.

Encolhida em seu colo, olho para o rosto dele, finalmente chorando. — Mas terei dias ruins novamente.

— Então você vai falar sobre isso.

— Eu não quero decepcioná-la. – sussurro.

Seus braços se apertam em volta da minha cintura, como se ele estivesse tentando fundir meu corpo no dele. — Você não vai.



A convicção em seu tom me faz sorrir e suspiro contra seu peito. Ficamos sentados assim, entrelaçados um no outro por alguns momentos. Eu o sinto esfregando sua barba por fazer por cima da minha franja, todo calmo e relaxado.

— Minha mãe acha que eu deveria ficar aqui por mais tempo, porque claramente eu tenho problemas mais profundos.

Seu corpo inteiro fica rígido. Não sei por que disse



isso. Talvez para ver se ele diria algo sobre isso. Talvez ele me peça para ficar. Eu riria, se isso não fosse tão épico e trágico.

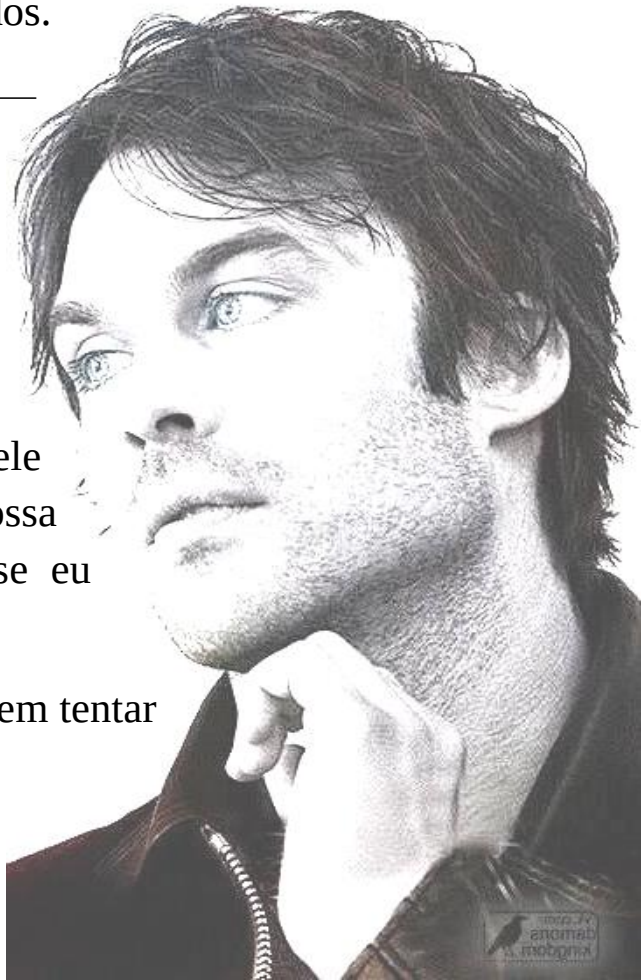
Como se Heartstone fosse um hotel e nós dois estamos aqui de férias. Como se ele não fosse o meu psiquiatra e eu não sou paciente dele. Ele pode me pedir para ficar. Ele pode me manter presa dentro dessas paredes brancas e me analisar e me dar remédios porque ele não pode me deixar ir.

Porque meu reparador me ama.

Eu tento me afastar dele, de coração partido, mas ele não me deixa fugir.

Ele agarra a minha nuca e me puxa para ele, para sua boca e me beija.

Então ele me ensina a montar seu pau. Lento, esfregando nossa pele suada deslizando uma sobre a outra. O tempo todo nossos lábios estão se beijando e nossas mãos estão vagando. Todo o tempo, eu estou segurando o cabelo dele e ele está dando um tapa na minha bunda. Ele está olhando nos meus olhos com os seus cinza e apaixonados.



Quando terminamos, ele sussurra: — Quantos dias?

— Cinco.

Eu espero que ele diga alguma coisa. Qualquer coisa. Mas ele não diz.

Ele não diz isso no dia em que peço para ele tirar a camisa em seu consultório durante a nossa sessão. Ele está olhando para mim como se eu tivesse enlouquecido.

Em minha defesa, eu fiz a sessão inteira sem tentar



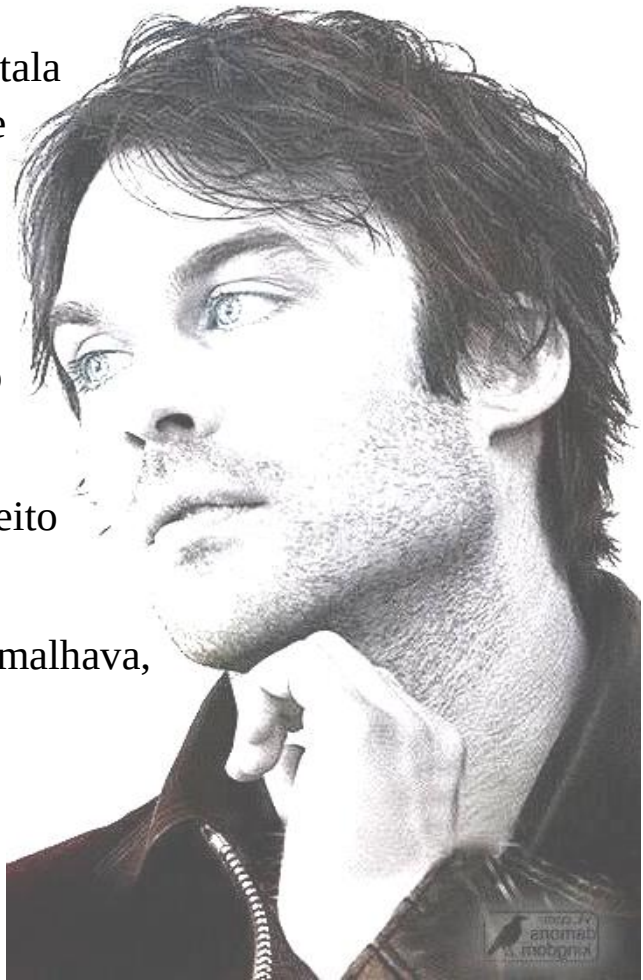
tocá-lo uma vez. Respondi a todas as perguntas dele sobre os meus remédios, meu sono, minha terapia de grupo e individuais com Josie. Eu nem tentei beijar ele quando ele disse que falaria com a minha mãe sobre minha mentira e explicaria tudo para ela. Não que eu não possa lidar com ela, mas apenas o fato de que ele quer fazer isso me faz querer pular em cima dele e cobri-lo com beijos.

— O que? Eu nunca vi seu peito nu. Apenas vislumbres. – eu bato os cílios quando pulo da cadeira e ando casualmente para o banheiro. Paro na porta e o chamo com o dedo. — Por favor? Eu só quero ver uma vez.

Com os olhos encapuzados, ele se levanta. Mas antes que ele possa dar um passo em minha direção, eu digo: — Use seus óculos.

Entro e me sento no balcão, pronta para o show. Um segundo depois, ele entra com seu olhar intenso e brilhante por trás de suas armações, e eu mordo meu lábio.

Deus, ele é tão sexy.



Amplio minhas coxas para ele e ele se instala entre elas. Arrogantemente, como se ele pertencesse lá. Ele pertence.

Esfrego as mãos sobre o peito coberto de camisa antes de ir para os botões e abri-los. Ele só me deixa abrir três antes de pegar o tecido inteiro pelas costas e tirá-lo.

— Ah, meu... – eu respiro, vendo seu peito nu pela primeira vez.

Puxa, ele malha. Bem, já sabia que ele malhava, mas ainda assim.



Tudo é duro, musculoso e com veias. Seus ombros parecem um terreno montanhoso, descendo até os bíceps protuberantes. Traço a veia verde em seu braço com o dedo.

— Eu tenho veias azuis. – sussurro. — Acho que as suas são tão sexy.

— Eu sei.

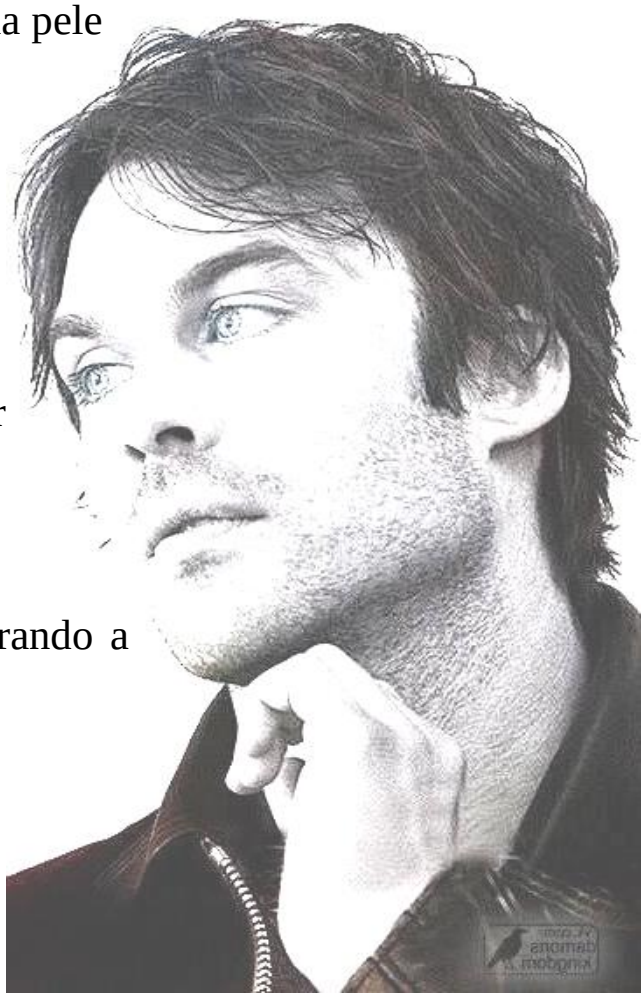
— Como?

— Você está quase babando. É simples.

— Eu não estou. – eu aperto minhas coxas em torno de seus quadris, fazendo-o rir.

Trago meus dedos para sua clavícula, traço o contorno de sua garganta antes de descer para os arcos fortes de seu peitoral. Eu gemo enquanto passo meus dedos em seus pelos no peito.

— Você é tão grande. Deus, eu amo o quanto grande você é. – Inclinando-me mais perto, sinto o cheiro de sua pele e passo minha língua em torno de seu mamilo.

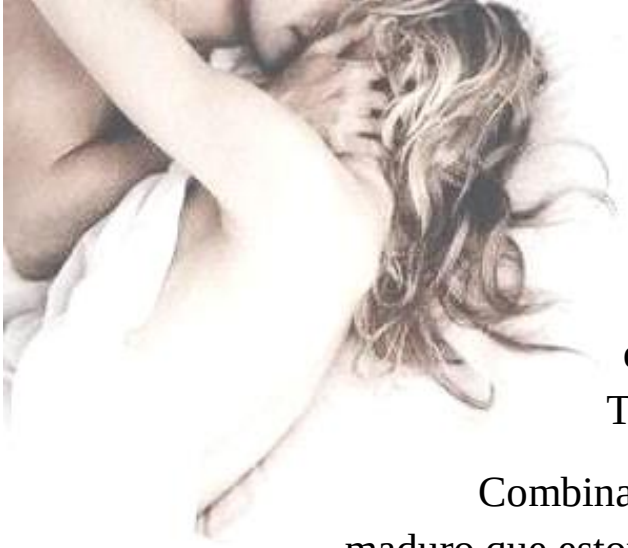


Ele se afasta e suas mãos me prendem em ambos os lados. — É? Isso te excita?

— Uhum. – Agora eu estou na barriga dele de tanquinho, descendo em um V. — É como se você pudesse me colocar em qualquer lugar. Faz eu me sentir tão pequena.

E estimada

— Você é pequena. – ele sussurra, cheirando a curva do meu pescoço.



Seu corpo é todo firme e esculpido, como se esculpido por mãos divinas. Sua pele é tão quente e mais escura que a minha. Masculina. Tão masculina.

Combinado com os óculos, ele parece tão velho e maduro que estou gozando na minha calcinha.

Seu abdômen fica rígido quando movo os meus dedos em torno de seu umbigo e brinco com o tufo de pelo mais grosso, desaparecendo pelas calças.

Respiro sobre o seu peito e beijo seu coração, ou onde seu coração deveria estar. Pode estar envelhecido pelo tempo, mas está banhado em ouro. Estendo a mão e lambo a lateral de seu pescoço, esfregando minhas unhas para cima e para baixo em seus lados.

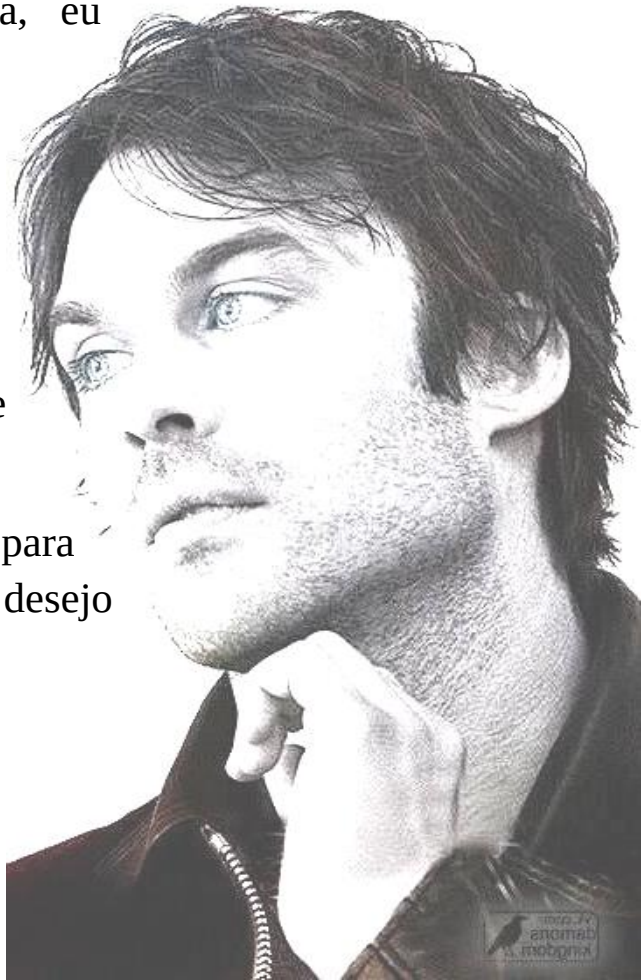
Suas mãos estão no meu cabelo agora, desfazendo meu topete para que ele possa enrolar os fios em volta dos dedos. — Você terminou de me deixar louco?

Sentindo-me super excitada e travessa, eu respondo: — Não.

O corpo de Simon se move e ele puxa minha cabeça para trás, pairando sobre mim. — Willow.

Eu pisco para ele. — O que? Você nunca me deixa me divertir. Por favor? Deixe-me me divertir um pouco.

Ele resmunga, sua mandíbula move para frente e para trás, com os seus olhos com desejo carnal. — Vou me arrepender disso, não é?





Eu beijo sua mandíbula suavemente. — Nunca.

Seu peito respira fundo e antes que ele possa protestar mais, eu deslizo pelo balcão e me ajoelho. Tiro a camiseta e o sutiã, mostrando a parte superior do corpo para ele. Suas narinas se abrem quando meus seios nus aparecem à vista.

— Willow...

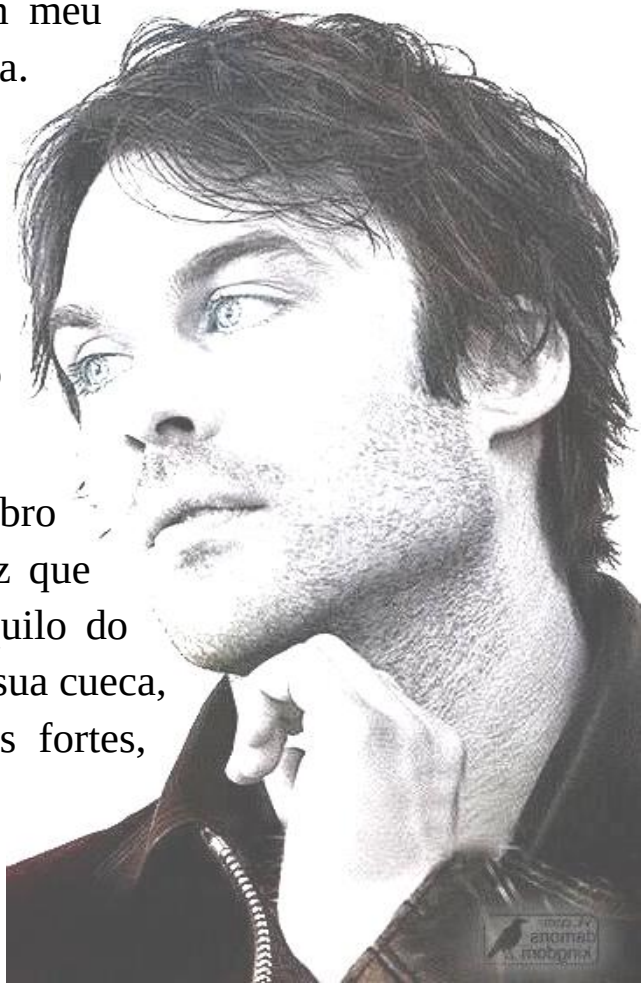
Eu não o deixo falar. Eu nem quero que ele pense agora. Eu quero me divertir.

— Eu sou sua princesa, não sou?

Seu aceno de cabeça é quase imperceptível, mas eu noto.

— Sua princesa quer chupar seu pau. Você não vai deixar?

Existe dentro de mim essa necessidade de mostrar a ele que o amo. Que eu quero beber, sugar sua dor e seus demônios. Recompensá-lo por todo o seu trabalho duro. Por ter vindo em meu socorro, mesmo quando não preciso. Ajoelhada.



— Willow, você não...

— Farei. Meu lugar é de joelhos porque quero adorar o seu pau, Simon.

— Ah, Jesus... – ele geme, olhando para o teto.

Acho que essa é minha sugestão. Abro rapidamente o cinto dele - sou uma aprendiz que aprende rápido, por isso é muito mais tranquilo do que na primeira vez. Abaixando suas calças e sua cueca, e pego seu pau duro. Cheiro as suas coxas fortes,



beijando a sua pele quente e peluda.

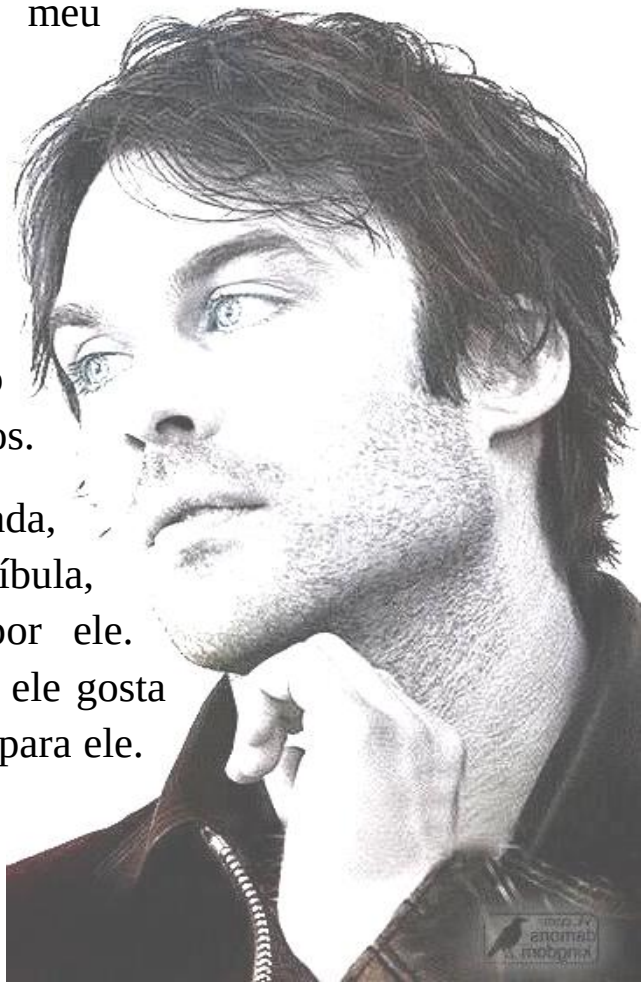
Aperto seu pau, fazendo-o gemer e apertando seus músculos abdominais. E então, eu me inclino para frente e coloco seu pau na minha boca. Seu sabor - tão almiscarado e erótico - explode na minha língua e é como beijar as grandes profundezas dele.

O seu eu verdadeiro. Ao invés de seus lábios.

Eu giro minha língua ao redor da cabeça de seu pau enquanto minhas duas mãos agarram a base de seu comprimento. Minha boca está ficando saturada com o gosto almiscarado dele, porque quanto mais eu amo sua cabeça, mais passo na veia na parte de baixo de seu pau, mais esperma ele dá para mim.

E bem, quanto mais sêmen ele dá para mim, mais orgasmo eu dou para ele. Minha boceta está apertando e se espremendo como uma fruta, e tenho que estender uma mão pelas minhas calças de ioga e esfregar minha própria umidade, abrindo minhas coxas.

— Porra... – Simon xinga, segurando meu cabelo.



Por mais inexperiente que eu seja, ainda sei tirar conclusões das coisas que ele fez comigo. Na primeira noite em que gozei em seu pau, ele me pediu para eu me bater com seu pau. Então eu tiro minha boca dele e bato seu pau molhado na minha língua e meus lábios.

Eu sei que ele gosta de me ver toda molhada, então bato seu pau no meu rosto, minha mandíbula, me deixando toda molhada e desejosa por ele. Gemendo por ele. Morrendo por ele. Sei que ele gosta de lubrificar seu pau com o gozo que eu faço para ele.



Então, junto minha umidade na mão com a qual estou brincando com minha boceta. Então, tiro minha mão da minha calça e a esfrego em sua excitação e minha umidade.

Sei que ele gosta de estar profundamente dentro de mim, então eu o coloco na minha boca novamente e abro minha boca e o empurro o máximo que posso.

Ele geme acima de mim com o seu corpo inteiro tremendo.

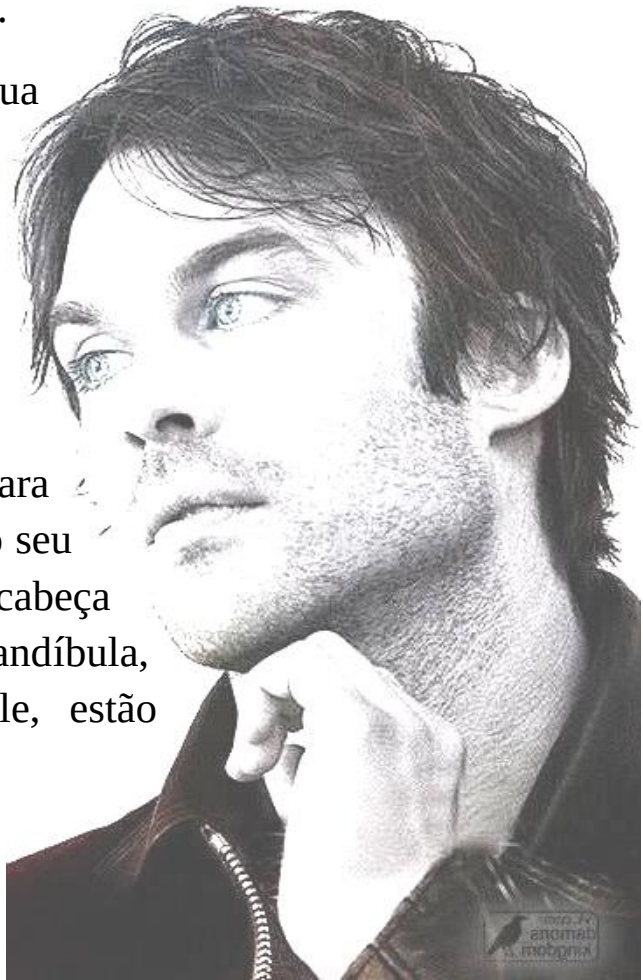
Deus, ele é tão sexy, tão meu assim.

Eu nunca quero parar. Eu nunca quero parar de prová-lo, provar sua pele escura, beber seu esperma.

É meu. Ele é meu.

Mas eu tenho que parar. Porque eu quero fazer outra coisa também.

Tiro minha boca do pau dele e me sento ereta. Fazendo um monte dos meus seios, eu envolvo o seu pau molhado e bombeio para cima e para baixo. Como eu penso sozinha na minha cama.



— Maldição, Willow. – ele geme com a sua cabeça inclinando-se para frente e seus olhos escuros em mim.

Ele está jorrando antes de gozar a cada movimento meu. E toda vez que o empurro, lambo aquele pré-gozo de sua fenda.

Eu faço isso repetidamente. Bombeio para cima e para baixo entre os meus seios. Lambo seu esperma com a minha língua, chupo sua cabeça como um doce. Minha garganta, minha mandíbula, meu peito, minha pele inteira cheira a ele, estão



saturados com o esperma dele.

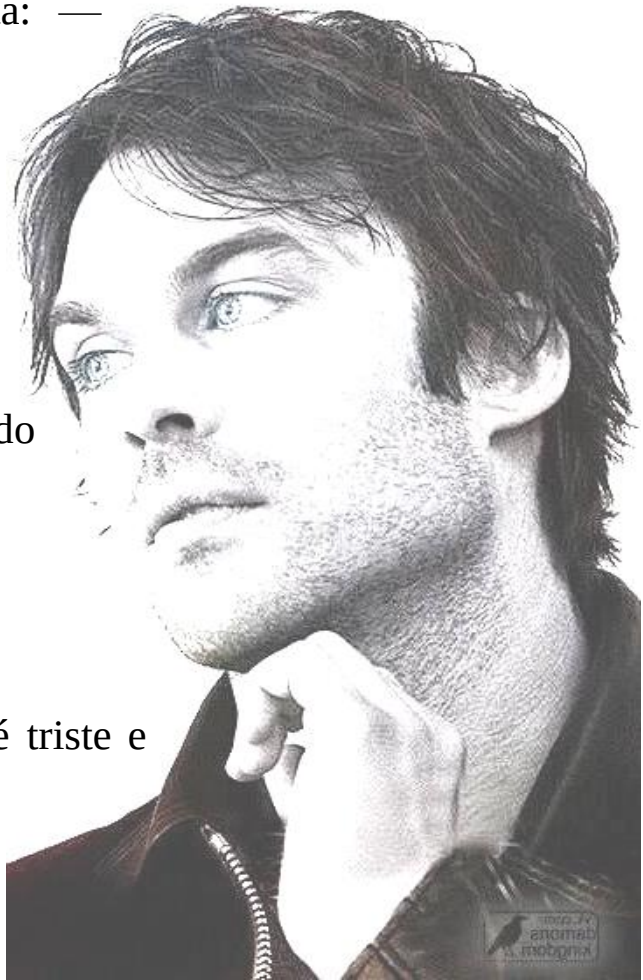
E a minha visão está preenchida com dele, excitado e estimulado, tremulo e gemendo.

Um segundo depois, ele assume. Ele empurra meus seios em suas mãos grandes e envolve seu próprio pau com eles, mais apertado, movendo-se para cima e para baixo. Seus joelhos estão flexionados quando ele se bombeia entre o canal que eu criei para ele. Eu arranho minhas unhas em suas coxas, em sua bunda firme, o tempo todo olhando para ele, seu rosto excitado, sua testa franzida e sua boca severa e cruel.

Eu o vejo tremer fortemente com seus dedos puxando meus mamilos quando ele goza. Rapidamente, fecho minha boca ao redor do final de seu pau para que possa engolir seu esperma. É almiscarado, picante e grosso.

Depois que terminamos, ele me puxa gentilmente, me limpa e coloca minhas roupas de volta em mim. Ele olha para mim como se eu fosse tão preciosa. Isso me faz querer dizer todos os meus sentimentos por ele.

Ele beija meu rosto inteiro e pergunta: — Quantos dias?



Eu encaro seu peito bonito e suado antes de olhar profundamente em seus olhos.

— Quatro.

Quero que ele diga alguma coisa. Qualquer coisa. Dê-me alguma indicação do futuro.

Diga, Simon. Diga algo.

Ele não diz.

Seus lábios estão fechados e seu aceno é triste e



tenso.

Ele também não diz nada quando nos encontramos no corredor do escritório de Beth no dia seguinte. Ele está olhando para as mesmas fotos.

Agora, entendo por que essas fotos retratam a felicidade em vez da realidade crua e áspera. É porque elas são um farol de esperança. Este lugar pode ser sombrio e solitário, e é por isso que essas fotos devem brilhar.

Agora eu entendi.

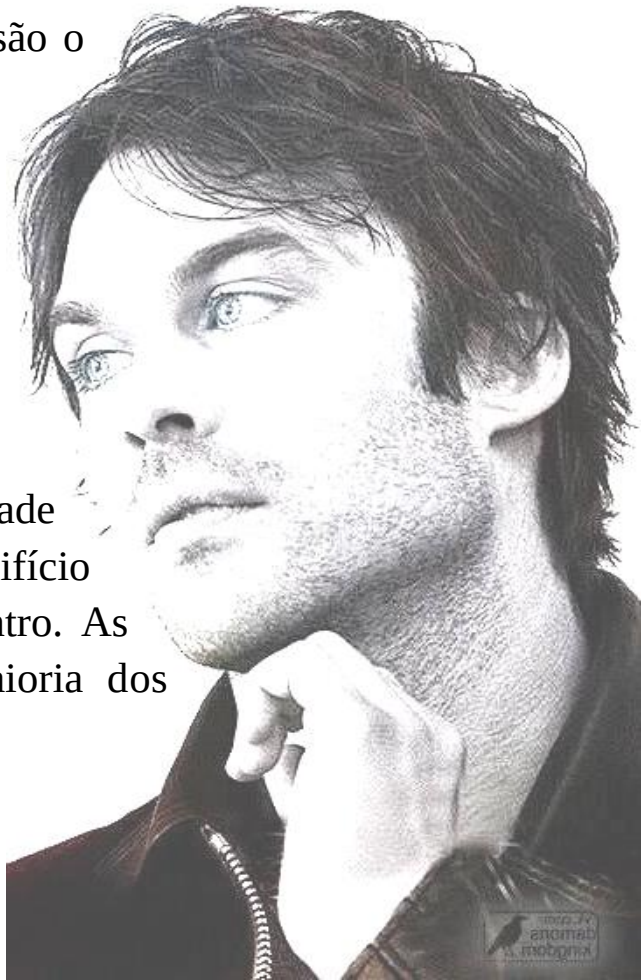
Eu fico ao lado dele e digo a mesma coisa que disse há muito tempo. — Fotos interessantes.

Ele me encara, e eu olho para ele com esperança. Talvez hoje ele me conte sobre o pai dele. Talvez depois de todo esse tempo, eu mostrei o suficiente. Que eu mostrei a ele que confio nele e que não importa o que seja, minha fé nele não desaparecerá.

Mas quando ele fala, suas palavras não são o que eu quero que sejam. — Quantos dias?

— Três.

Ele assente e se afasta.



.....

Dois dias antes do adeus, há uma tempestade lá fora. A chuva bate e atinge este edifício vitoriano, e todo mundo está preso aqui dentro. As meninas estão na sala de TV, como a maioria dos



pacientes. Eu, no entanto, estou na biblioteca.

Ainda não acredito que Beth encomendou todos esses livros de Harry Potter com base em minha sugestão. *Uau*. Uma prateleira inteira foi dedicada às minhas séries favoritas de todos os tempos. Preciso agradecer a ela antes de ir embora.

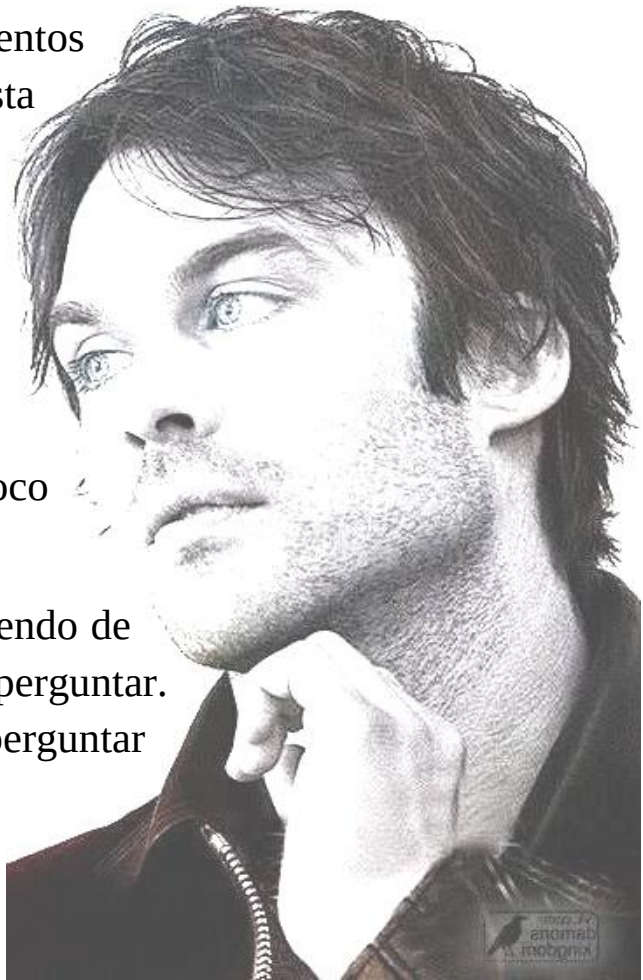
Estou de pé nas prateleiras, com Harry Potter e o Enigma do Príncipe em minhas mãos, quando Simon entra. Desde que nos encontramos no corredor ontem e pensei que ele falaria comigo sobre seu pai, meu coração estava pesado, e tenho que realmente me concentrar para não demonstrar.

Sorrir é a chave.

Então eu faço isso. — Oi, Dr. Blackwood.

Estou ciente de que a enfermeira está bem aqui, sentada à mesa na frente com um livro próprio.

Ele se aproxima, me olhando dessa maneira metódica dele. Espero que ele não descubra que meus sentimentos estão em tumulto. Que todas as noites desta semana eu dormi chorando.



— Beth encomendou todos esses livros para mim. Acho que Josie disse a ela que o tempo todo eu reclamei. – digo, abraçando minha cópia no meu peito.

Ele não olha para os livros, mantendo o foco em mim. — Talvez ela tenha.

Eu engulo com a minha garganta se enchendo de coisas que quero dizer. Coisas que quero perguntar. Talvez devesse largar o meu voto estúpido e perguntar



diretamente a ele. Talvez ele esteja esperando que eu pergunte a ele.

Mas não tenho chance porque ele estende a mão e pega o livro das minhas mãos, como costuma fazer quando os abraço para ter força. Talvez ele faça isso porque não quer que eu me esconda dele.

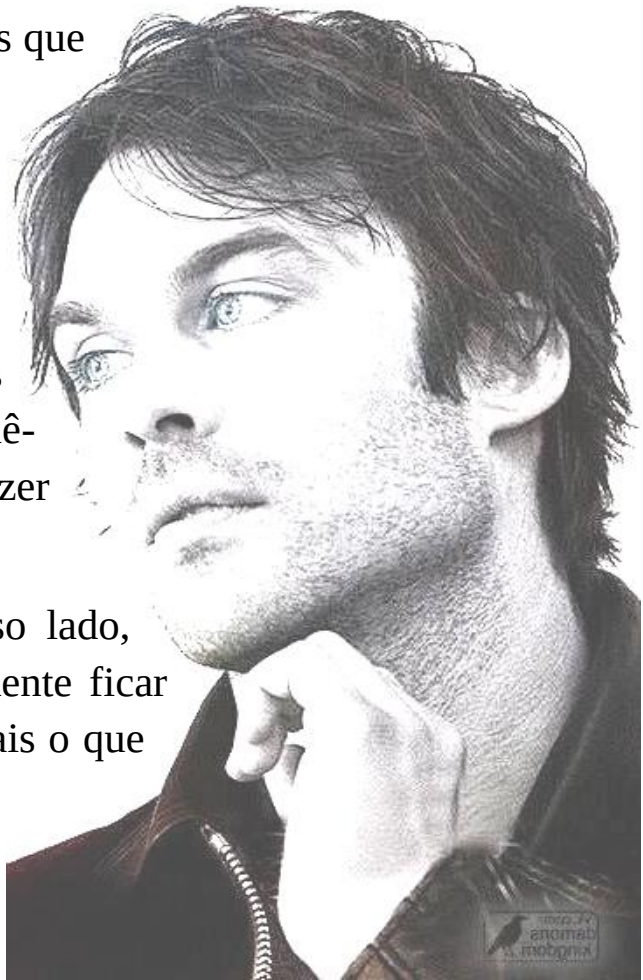
— Príncipe Mestiço. – ele lê o título. — Nunca gostei de Harry Potter. Na verdade, não. É mentira. Eu gostei dele. Eu tinha inveja dos personagens. Inveja porque todos eles tinham magia. Eles poderiam fazer as coisas acontecerem apenas bebendo uma poção ou balançando uma varinha.

Oh meu Deus.

Ele está conversando comigo?

Minha paciência vai valer a pena? Ele finalmente percebeu que pode confiar em mim?

Vou ficar quieta. Tipo, completamente imóvel. Eu tenho medo de respirar e piscar. Fazer movimentos bruscos que possam assustá-lo.



Embora, eu cruze meus dedos e encolha os meus dedões do pé dentro das minhas pantufas de coelhinho.

— Minha mãe me fez ler os três primeiros quando lançaram. Bem, ela queria lê-los ela mesma. Eu estava lá para fazer companhia. Apenas continuei depois disso.

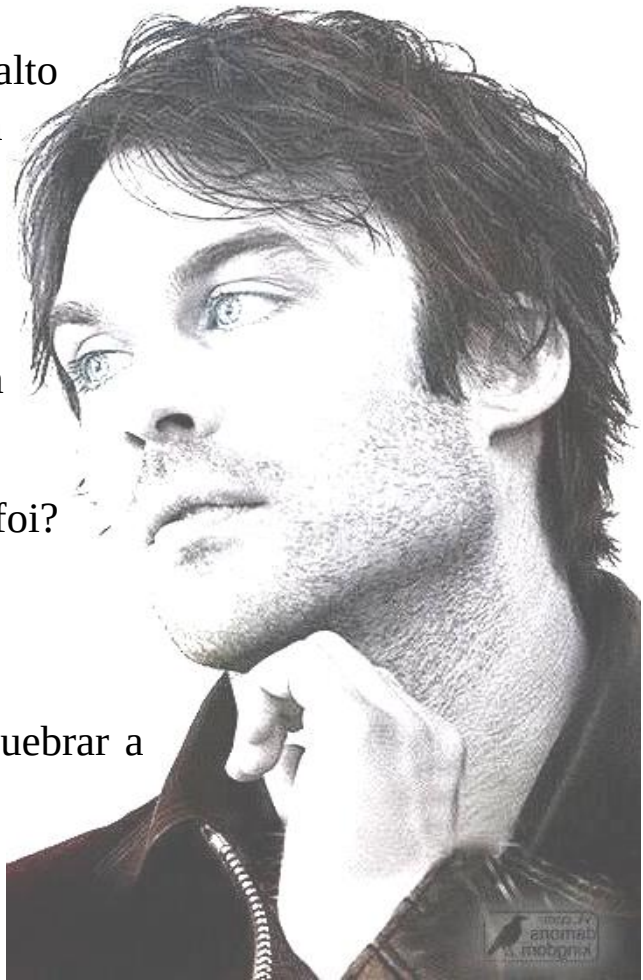
Simon está olhando pela janela ao nosso lado, parecendo perdido e é uma tortura simplesmente ficar aqui, imóvel e tão longe dele. Mas não sei mais o que



fazer.

— Ela não dormia até terminá-los. E eu não poderia dizer não a ela. Eu nunca poderia dizer não à minha mãe, na verdade. Ela adorava estar ao ar livre. Adorava o salgueiro em nosso quintal. Lembro-me de passar minhas férias de verão debaixo daquela árvore. Quando eu era criança, costumava pensar que minha mãe era tão brilhante e cheia de vida. Pensei que ela tinha tanta energia. Ela estava sempre fazendo alguma coisa, indo a algum lugar, e eu estava sempre com ela. Ela me levou a todos os lugares, férias, compras, e eu pensei que era porque ela me amava.

— Ela me amava, mas me levou com ela porque estava sozinha. Porque ela precisava de companhia e meu pai estava sempre ocupado. Ele estava sempre aqui. Em Heartstone. Com os pacientes dele. E minha mãe... – ele suspira. — Bem, minha mãe estava sozinha. Ela esperava por ele. Ela era boa nisso. Esperar. E meu pai era bom em dizer *não*. Então, fiquei encarregado dela. Não sei como me comparei, mas fiz tudo que pude. Para fazê-la se sentir menos sozinha.



Meu coração está batendo tão alto. Mais alto que a tempestade lá fora. É uma maravilha que eu possa ouvi-lo. É uma maravilha que eu possa entender o que ele está dizendo.

Acima de tudo, é uma maravilha que ainda não o tenha abraçado. Este homem solitário e triste.

Simon sempre foi um reparador, não foi? Sempre foi um herói.

Ele é uma rocha.

Mas agora, ele é frágil. Ele poderia se quebrar a



qualquer segundo; ele está tão rígido. Tão arrasado.

Sei que disse que não perguntaria, mas eu acho que ele precisa disso. Ele precisa de um empurrão.

— O que... O que aconteceu com ela?

Simon desvia o olhar da janela para minhas palavras e, por um segundo, acho que arruinei tudo. Ele não irá me dizer.

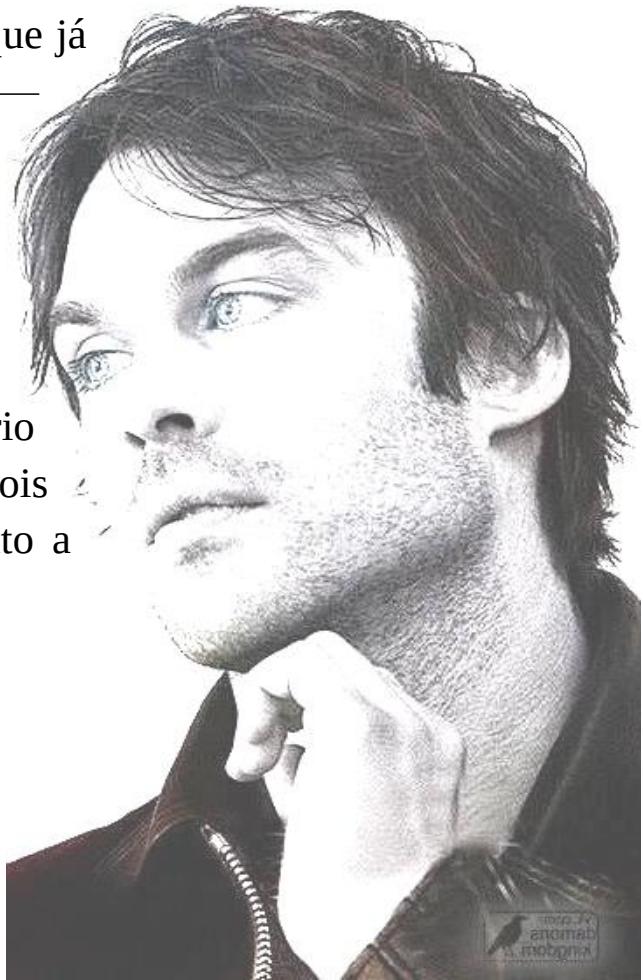
Mas então, ele coloca o livro na prateleira e enfia as mãos nos bolsos. Num instante, ele voltou a ser ele mesmo. Ele não está mais arrasado. Ele está zangado. Furioso, até.

— Ela se matou.

Minha boca se abre quando sinto a respiração sendo arrancada de mim.

— Simon...

O olhar que ele me dá é o mais irritado que já recebi dele e quase recuo no meu lugar. — Gostaria de vê-la no meu consultório esta tarde.



Com isso, ele sai, e tudo o que posso fazer é vê-lo fazer isso.

Horas depois, quando vou ao consultório dele e vejo as cortinas fechadas e ouvimos dois cliques da porta se fechar e trancar, não sinto a mesma satisfação que senti dias atrás.

— Simon, ouça...



— Não diga não. – ele diz.

Há tanta angústia nessas três palavras que minhas lágrimas começam a cair. Como se eu fosse a chuva e ele é a nuvem que me faz fluir.

Ele realmente acha que eu vou dizer não a ele? Se ele soubesse, ele realmente não sabe o que sinto por ele. As coisas que farei por ele. As profundezas em que irei e cairei, por ele.

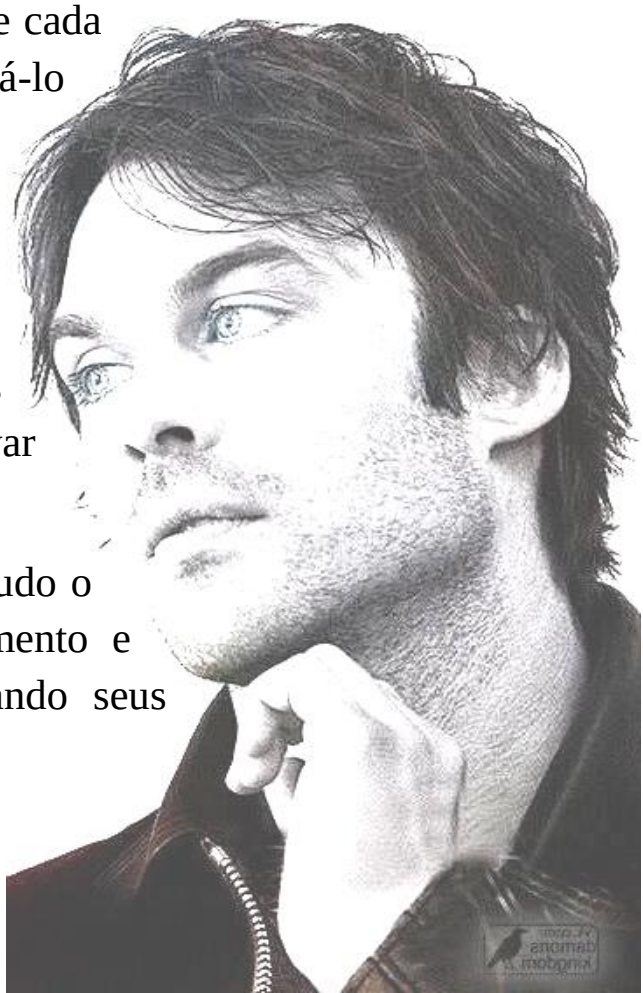
Simon Blackwood não sabe de nada, então.

Eu aceno e ele está em cima de mim.

Está bem. Podemos conversar mais tarde. Agora, se ele precisa do meu corpo para se sentir melhor, eu darei a ele.

Eu me torno completamente flexível quando ele me abaixa no chão de madeira. Ele tira rápido minhas roupas e entra em mim com um impulso suave, porque mesmo agitada estou molhada pra caralho por ele.

É como se meu corpo soubesse que ele precisa de mim agora. Ele precisa de mim mais do que jamais precisou e cada parte feminina minha está relaxada para deixá-lo entrar.



Minha boceta molha por ele, para que seja mais fácil deslizar. Meus músculos internos apertam e relaxam para que ele possa obter o máximo prazer. Minha pele fica mais sensível, mais macia para que ele possa cravar os dedos.

Sou o seu playground, e ele pode tocar tudo o que quiser. Sou o remédio dele neste momento e curando a doença dele. Sua princesa matando seus



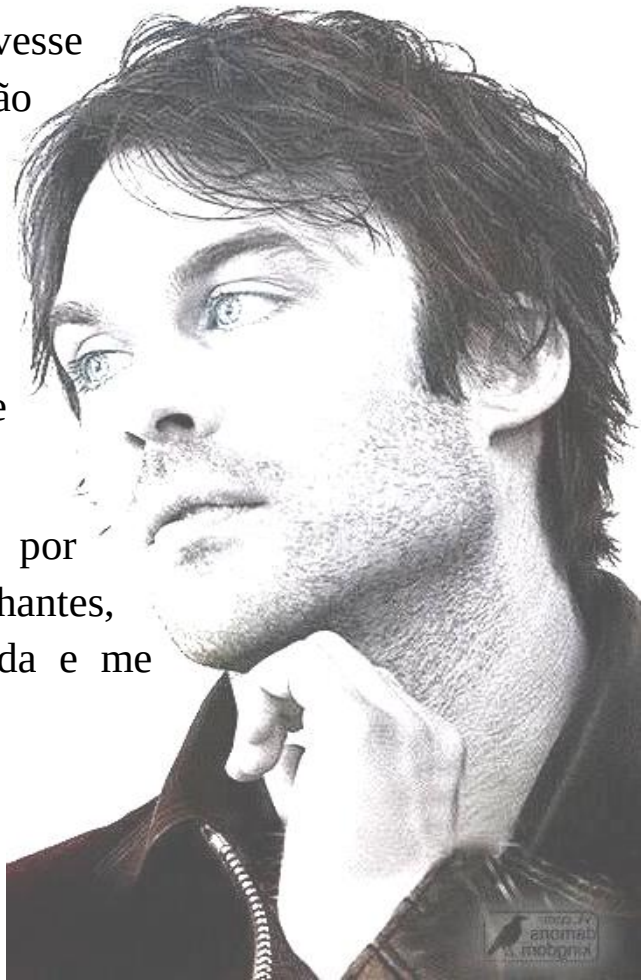
dragões.

Seu ritmo é instável, mas mesmo assim, nos movemos em sincronia. Acho que isso é o mais sincronizado, no ritmo que já estivemos. Ele está olhando nos meus olhos com tanta paixão, tanta turbulência que eu envolvo minhas pernas em volta da sua cintura e arqueio minhas costas para deixá-lo entrar mais fundo. A dureza do chão nem se parece com o quanto duro ele está acima de mim. Simon tem um braço apoiado na minha cabeça e o outro está apertado em um punho no meu cabelo. É como se ele estivesse me segurando porque acha que pode se afogar. O olhar em seu olhar está tão perdido e tão excitado, que parte meu coração.

Eu não vou deixar ele se afogar; Eu digo isso com meus olhos. Eu digo a ele quando sussurro o nome dele. Eu digo a ele quando ele arfa na minha boca com as sobrancelhas arqueadas em uma carranca pesada.

— Simon. – eu gemo seu nome e ele pressiona nossas bocas em um beijo.

É quando eu gozo, mesmo que não estivesse procurando por ele. Mas os beijos de Simon são orgásmicos. Eles sempre me empurram para o limite.



E enquanto estou apertando em torno dele, ele se retira, tira sua camisinha e goza na minha boceta e os meus pelos, marcando-me assim como naquela primeira vez.

Apesar das ondas de orgasmo passando por nós dois, ele me levanta. Com olhos os brilhantes, ele coloca as mãos debaixo da minha bunda e me levanta, me abraçando.



Como sempre, ele me leva até o banheiro e me senta no balcão. O mármore está tão frio contra minha bunda nua.

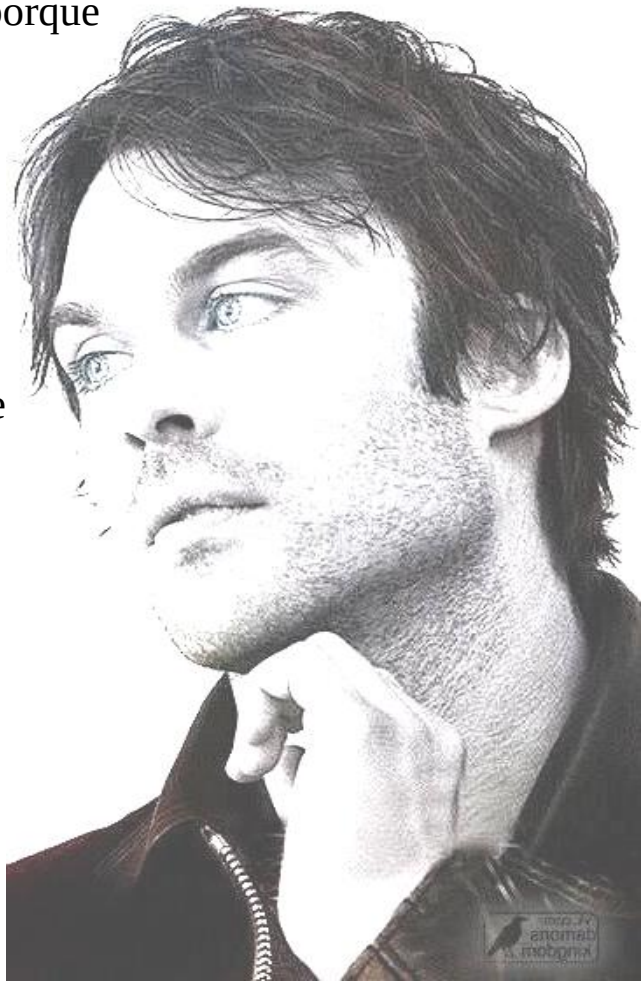
Então, ele volta e pega as minhas roupas. Molhando um lenço umedecido e me limpando, ele me coloca de volta na roupa como se eu fosse criança. Eu o deixo fazer isso porque sei que o faz feliz, alisando os meus cabelos, cuidando de mim.

Mas não aguento mais o silêncio. — Simon...

Ele olha para cima, com os olhos arregalados de um jeito que eu não consigo identificar. — Willow, eu...

Mesmo que ele pare, minha respiração aumenta. Meu coração dispara. Ele bate e arrepios ganham vida na minha pele.

Porque por alguma razão eu acho... Acho que ele vai dizer. Ele vai dizer o que eu estava esperando. Seu peito está subindo e descendo, assim como o meu. Estamos respirando como um. Eu e ele. Aposto que os olhares em nossos olhos também combinam porque também estou quebrada do jeito que ele está.



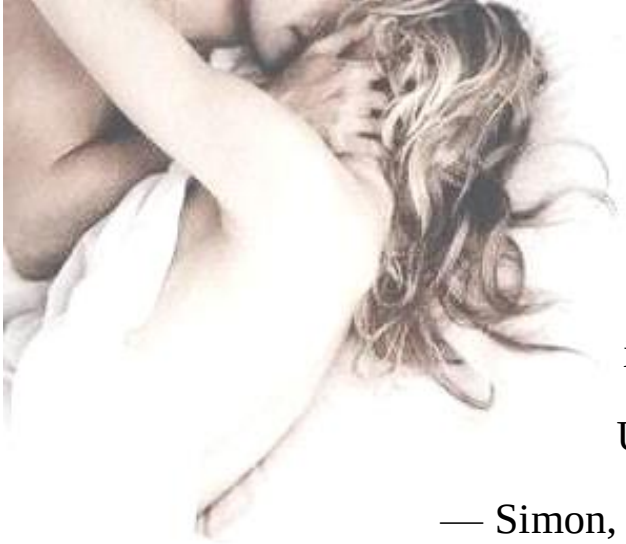
Isso me faz perceber o que eu estou vendo na expressão dele. É vulnerabilidade. Nós dois estamos vulneráveis. Esfolados. Despidos. Expostos.

E nós dois estamos quebrados, neste momento. Quebrados e fundidos.

Meu Rei Gelado vai dizer isso.

Ele vai dizer que me ama.

— Eu... Eu...



Suas palavras são devoradas pelo toque do telefone e eu poderia gritar como clichê isso é. Que porra de clichê e infeliz.

Uma piada cruel.

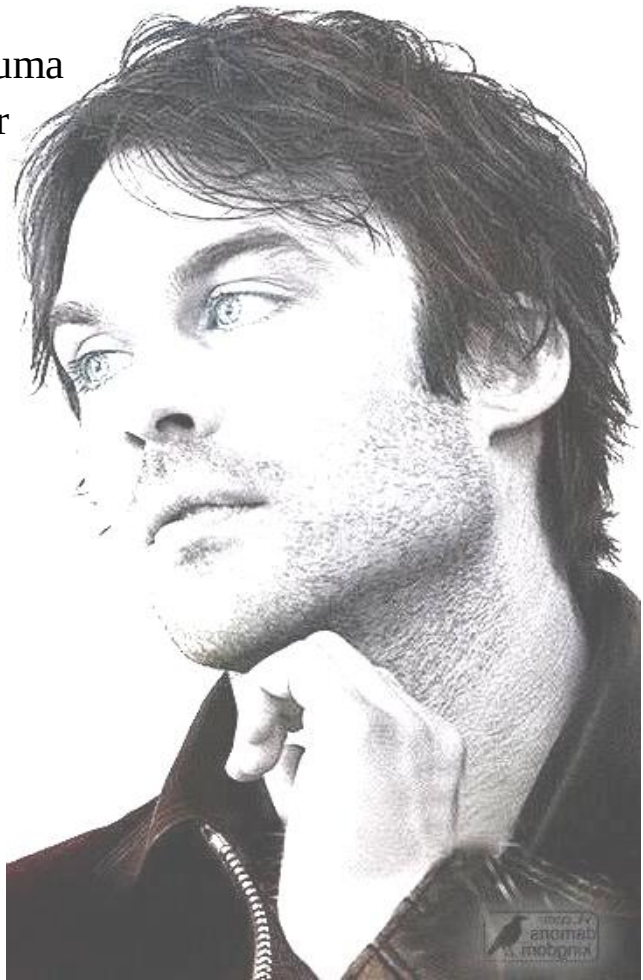
— Simon, não. Por favor. – eu agarro seu bíceps, mas ele balança a cabeça e me deixa lá.

Embora ele não consiga chegar ao telefone na hora certa, ouço a voz de um homem quando a máquina atende a chamada - *Sério, que época é essa?* Toda coisa nessa mansão vitoriana é antiquada:

"E aí cara. Atenda a porra do celular. Precisamos conversar sobre Claire. Duas semanas se passaram."

Saio do banheiro e não teria pensado em nada disso ou no nome de Claire, se não tivesse visto Simon se transformar bem na minha frente.

Ficando todo tenso e indiferente, de pé ao lado da mesa, olhando para o telefone. É tão surpreendente a mudança dele. Tão abrupta e tão chocante, depois de vê-lo se revelar mil vezes.



Meu coração está acelerado, mas por uma razão muito diferente agora e algo como pavor faz um lar no meu interior. — Simon...

Ele vira para me encarar. — Saia.

— O que?

— Vá. Embora.

— Mas...

— Vá embora, Willow.

Eu não vou.



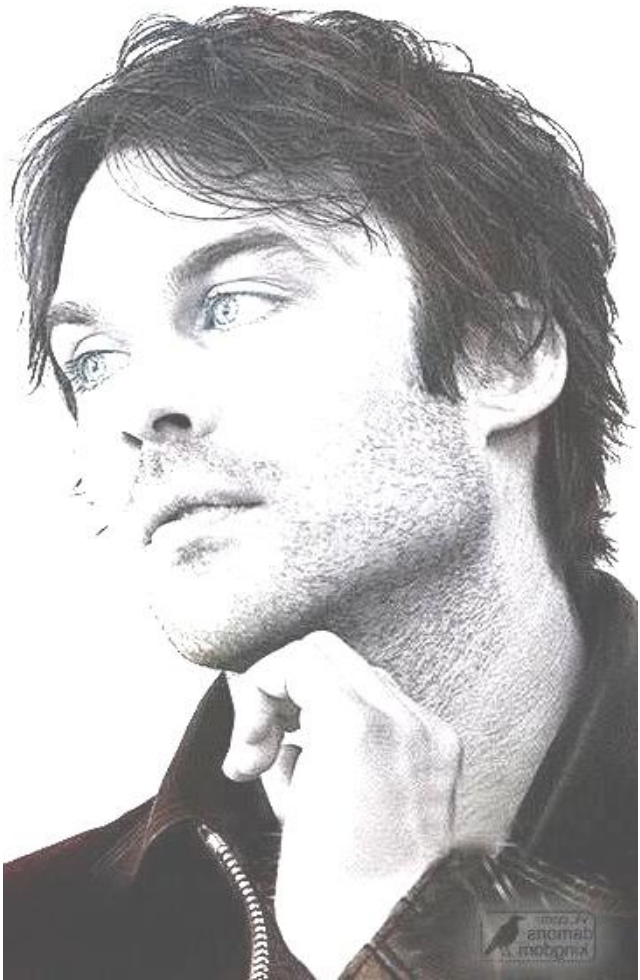
Como posso? Depois de tudo. Depois do que ele me disse e do que ele ia me dizer.

Sua fúria aumenta, aumenta e aumenta, até transbordar e ele diz: — Willow, pela primeira vez em sua maldita vida, você fará o que eu digo?

Eu estremeço com sua voz. Eu nunca o vi assim. Tão frio e tão nervoso ao mesmo tempo. Tudo em seu corpo e rosto está inalterável. Isso parte meu coração, bem no meio. Esmaga e o espanca.

Assim que sinto meus olhos lacrimejarem, *faço o que ele diz.*

Saio, percebendo que ele não me fez sua pergunta habitual: *quantos dias.*





Capítulo Vinte e Um

Um dia.

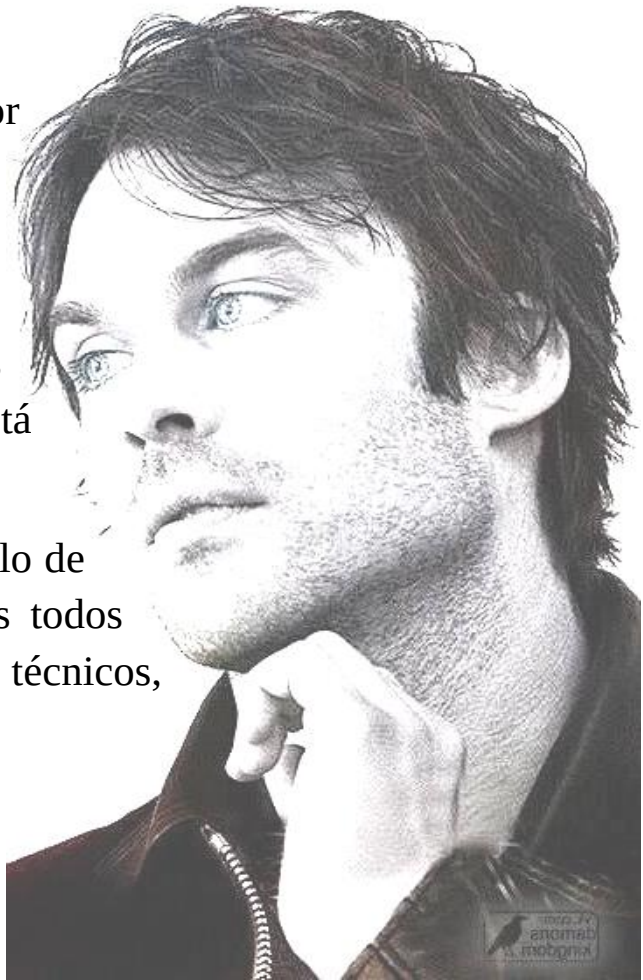
Antes do Dia da Despedida.

E o homem que eu amo nem me olha.

É como se a sensação quando ele me olhou ontem, quando pensei que ele finalmente iria dizer algo, reconhecer isso entre nós, acabou. Ele gastou toda a sua intensidade, toda a sua paixão, seu calor naquele olhar e ele não tem mais nada agora.

Ele está frio.

Ou talvez esteja tudo na minha cabeça. Talvez ele nem fosse dizer nada. Talvez ele nunca tenha pretendido dizer aquilo, e o que tenho sentido nos últimos dias não passa de uma ilusão.



Eu estou tendo alucinações. Em um amor esquizofrênico.

Com o homem do outro lado da sala. Ele é o homem mais alto da minha festa - minha festa de despedida. Ele também é o mais distante, escondido em um canto. Ele nem está comendo bolo.

Renn e as meninas encomendaram um bolo de limão para mim, especificamente. E estamos todos reunidos na sala de recreação - pacientes, técnicos, enfermeiras e terapeutas.



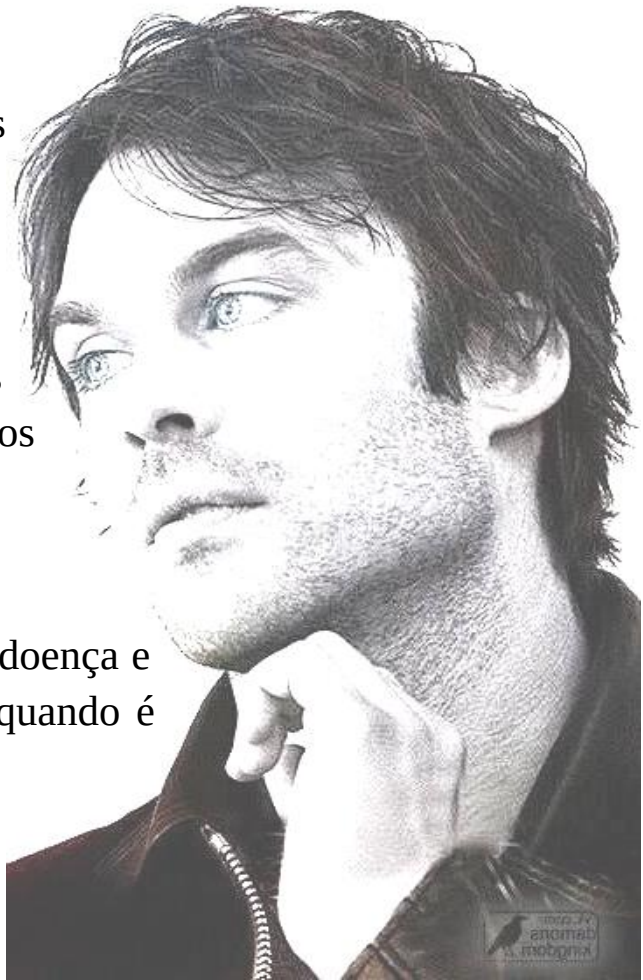
Como irônico é que tudo começou com uma festa? Meu aniversario de 18 anos. Nós tivemos um bolo de chocolate com framboesas frescas no recheio. O número de pessoas que compareceram foi maior, mas não conhecia mais da metade delas e elas não me conheciam. Eles vieram porque minha família os convidou, e talvez porque quisessem bebida e bolo grátis.

No Interior, porém, as pessoas me conhecem. Talvez alguns delas não tenham falado pessoalmente, mas ainda assim me conhecem. Elas sabem que eu sou uma delas.

Até agora, Annie, Lisa, Roger, alguns outros pacientes e algumas enfermeiras, junto com Hunter e Beth, todos vieram me desejar boa sorte na vida Lá fora.

Ellen, do grupo de reflexões, veio me abraçar e me dizer como tem orgulho de mim. O dela era o grupo em que eu confessei minhas mentiras e aceitei o fato de eu ter tendências suicidas e que sou uma guerreira.

Eu sou a escolhida, você vê.



Todos nós somos. Nós é que escolhemos lutar. Todo dia. Cada momento.

Não desistimos quando os pensamentos escurecem. Nós não desistimos quando os remédios não funcionam. Não desistimos quando nossos demônios internos dominam os demônios do Lado de fora.

Nós não desistimos. Ponto final.

Nós escolhemos ser mais do que a nossa doença e sim, é difícil. E é injusto para caralho. Mas quando é



que a vida é sempre justa? Você faz o melhor com o que recebeu e estamos aqui porque cada um de nós quer ser o melhor que podemos ser.

Até seis semanas atrás, eu nunca pensei em estar aqui. Mas agora, não quero ir embora. É como se eu fosse deixar minha família, uma família diferente e peculiar, e tudo que eu quero fazer é desmoronar e chorar.

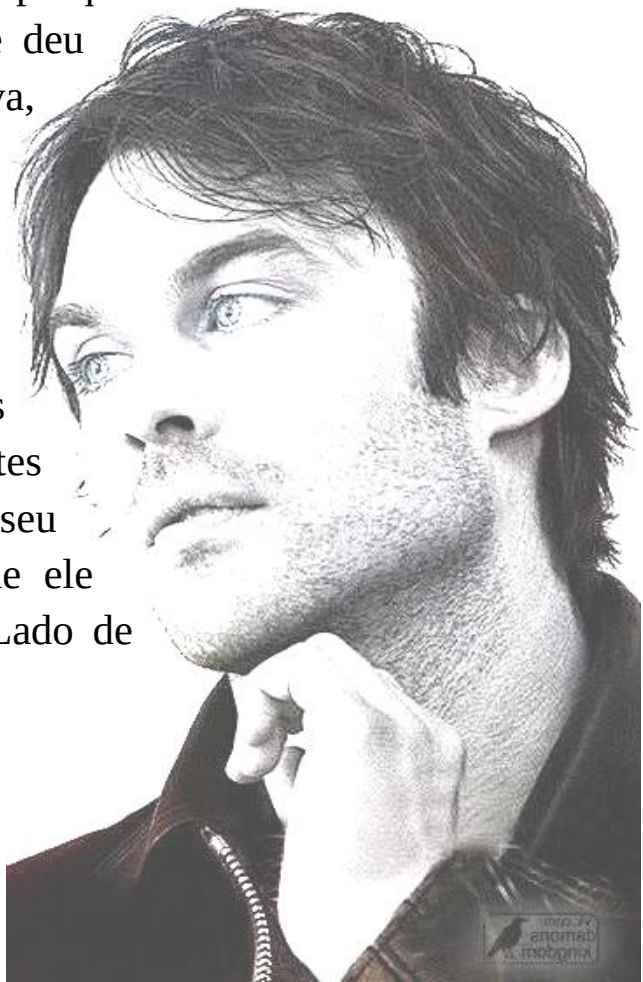
Ele virá atrás de mim, se eu fizer isso? Será que ele vai me olhar então, se eu soluçar e chorar? Apenas o fato de estar pensando em chorar para que ele me dê alguma atenção prova que eu sou quase psicótica.

Mas quero fazer isso, psicótica ou não. Eu quero fazer uma cena, começar uma comoção para que ele venha até mim. Talvez até me mantenha aqui, trancada.

Porque eu quero saber o que aconteceu.

Que porra aconteceu?

Tudo estava bem... Bem, tudo estava mal porque ele não confessou seus sentimentos por mim ou me deu qualquer indicação do que o futuro nos reserva, mas ainda assim, tudo estava bem.



Eu pensei que nós estávamos fazendo progresso. Toda vez que conversamos; toda vez que transamos; toda vez que ele cuidava de mim, me fazia sentir que nós chegávamos muito mais perto. Pensei que ele diria algo antes de eu ir embora. Ou pelo menos me dar seu número de telefone ou alguma pista de que ele ainda queria entrar em contato comigo do Lado de fora.



Qualquer coisa.

Mas então um telefonema sobre Claire e tudo acabou.

Como sempre, eu analisei até a morte e acho que isso deve ter algo a ver com o seu antigo emprego. Sempre soube que algo está o consumindo e deve ser isso. Bem, além do fato de que a sua mãe se matou. Não é à toa que ele é tão frio e aparentemente sem emoção.

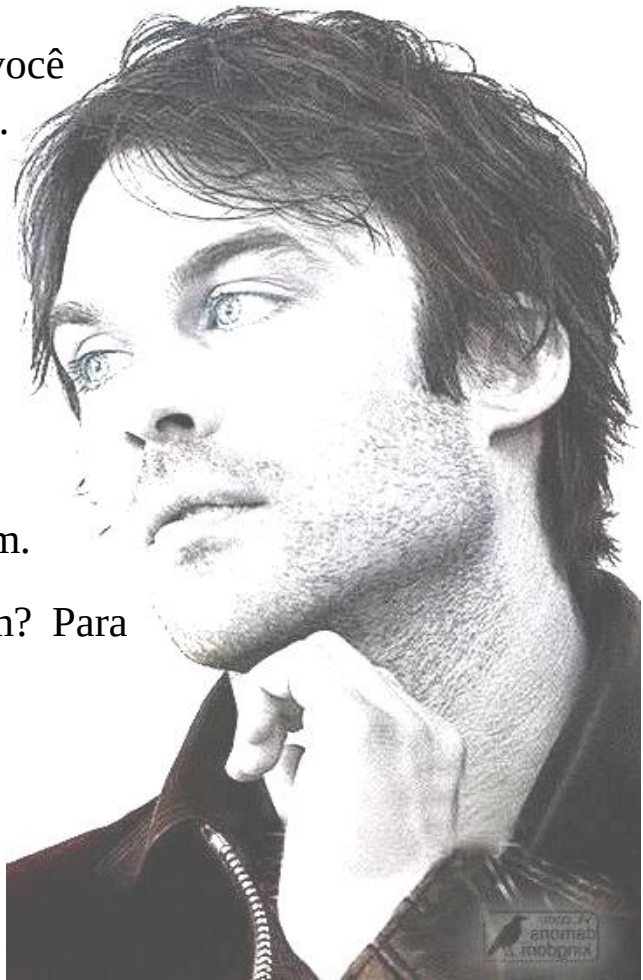
Mas isso não impede minha devastação. Isso não me impede de ficar triste e com raiva por eu ter significado tão pouco para ele.

Antes que eu possa me afogar, Josie me encontra e conversamos um pouco. Ela me diz novamente como ela está orgulhosa de mim e eu choro, agradecendo.

Então, eu me lembro de algo. — Ah, ei, eu me esqueci de agradecer pelos livros.

— Que livros? – ela dá uma mordida no bolo.

— Harry Potter. Não acredito que você realmente me ouviu. Obrigada por isso. Embora, não fosse preciso cem cópias e você dedicar uma prateleira inteira a eles. Mas sabe, eu não estou reclamando.



Ela franze a testa. — Eu não fiz nada.

— O que?

— Eu não lido com livros. Ou coisas assim.

— Você deve ter dito algo para alguém? Para Beth?



Ela balança a cabeça. — Não. Não disse nada. Talvez você devesse falar com ela. Ela e o Dr. Martin, são quem lidam com coisas assim. Bem, agora seria o Dr. Blackwood.

— Dr. Bla... Blackwood? – pergunto com uma voz estridente.

— Sim. Desde que o Dr. Martin não está aqui agora.

— Certo.

Ela sorri e se afasta de mim para conversar com outra pessoa. Ou talvez seja eu quem se afaste. Não sei dizer.

Não posso dizer nada agora. Eu nem acho que estou pensando agora.

Tudo está uma confusão enorme e gigante na minha cabeça.

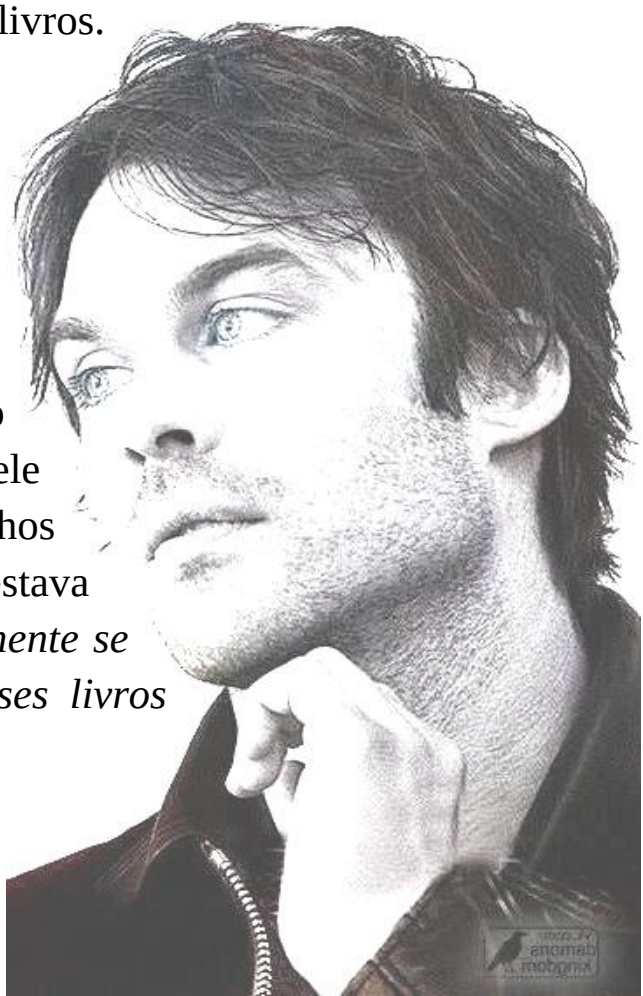
Simon comprou os livros, não foi?

Não.

Na verdade, Simon comprou muitos livros. Muitos.

Vocês realmente deveriam fazer algo sobre a sua biblioteca. Não há um livro de Harry Potter lá.

Eu disse isso a ele. A muito tempo atrás. O dia em que ele salvou Annie. Fiquei tão impressionada com ele. Eu só disse isso a ele porque queria me apegar aos meus velhos hábitos. Eu estava sendo teimosa enquanto estava completamente apaixonada por ele. *Ele realmente se lembrava disso? Ele realmente comprou esses livros*





para mim?

Quero dizer, poderia ser Beth também. Mas de alguma forma, eu não acredito nisso. Não acredito que ela solicite várias cópias da minha série favorita - a série pela qual sou basicamente um anúncio; palavras dele, não minhas - e praticamente dedico um canto a elas.

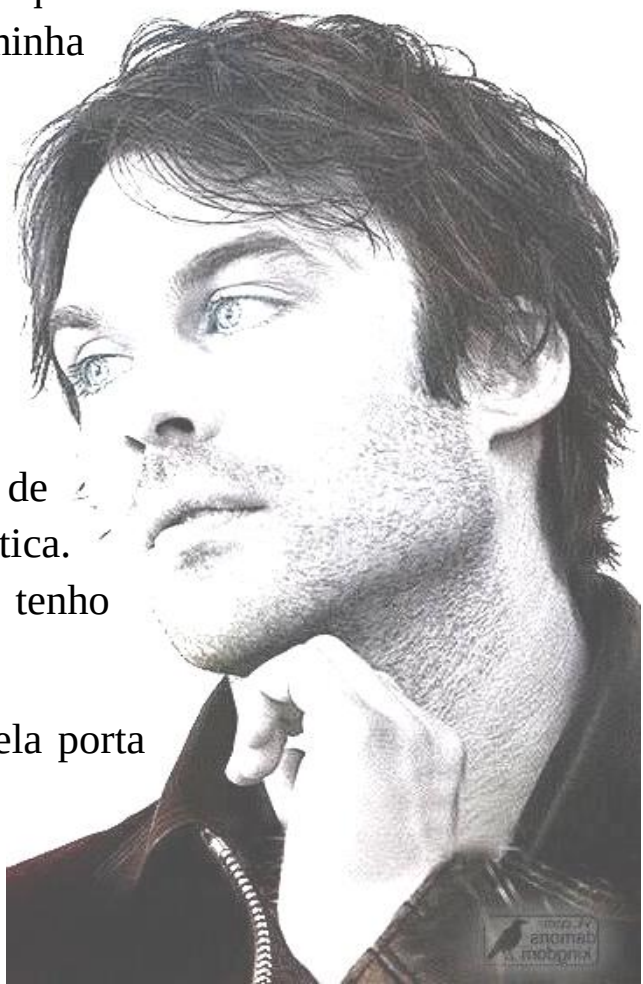
Simon comprou esses livros, e ele comprou para mim. Ele comprou, não foi?

Meu coração acelera dentro do meu peito quando olho para onde ele estava antes, em um canto, encostado na parede. Com um tipo de cara fechada, mas não realmente.

Mas ele não está mais lá. Ele se foi.

— Ah Deus, onde você foi? – murmuro para mim mesma.

Sinto uma perda tão visceral quando me viro, procurando por ele. Uma perda tão visceral e maciça para alguém que só saiu de uma sala. Estranhamente, parece que ele deixou minha vida. E eu ainda estou aqui. Ainda nem saí.



Eu ainda tenho um dia.

Eu preciso encontrá-lo. Eu preciso contar a ele. Ele precisa saber como eu me sinto.

Porque eu sei como ele se sente.

Porque eu sei que ele iria dizer isso antes de tudo dar errado de uma maneira tão dramática. Não posso perder a fé agora, quando tenho acreditado na semana passada.

Meus pés começam a se mover e saio pela porta



antes que eu possa realmente pensar no que estou fazendo. Também saí da minha festa de dezoito anos. Naquela noite, eu queria pular e cair morta no chão, para poder calar a voz.

Hoje também, as minhas vozes são altas e estão me dizendo para pular.

Elas estão me dizendo para dar um salto.

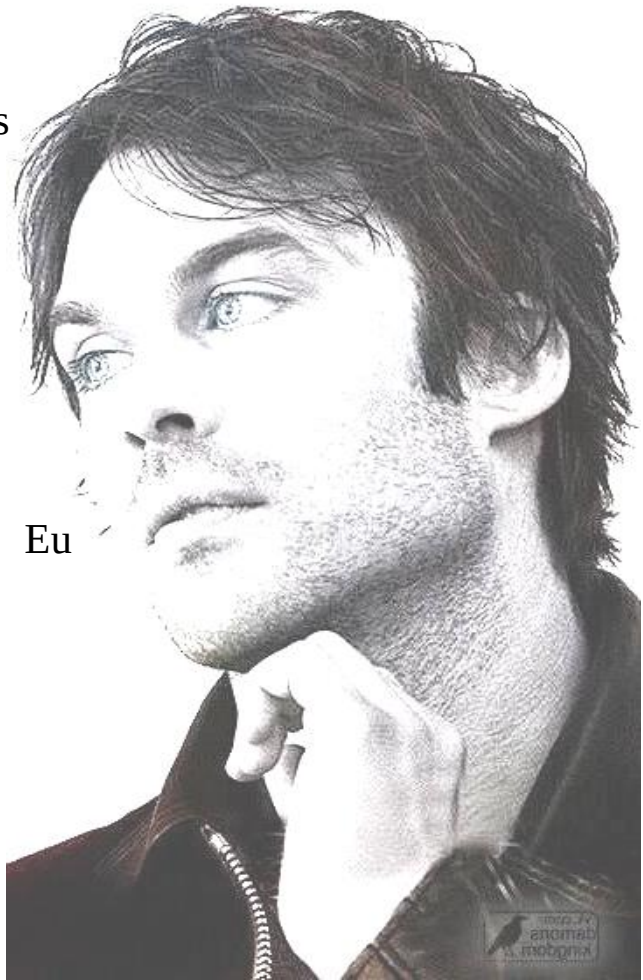
E eu estou fazendo isso. Estou dando um salto de fé, esperando que ele não me deixe cair e morrer. Espero que ele me pegue. Encontro sua figura em retirada no corredor e chamo seu nome, impedindo-o de seguir. Ele se vira e lá está ele.

Simon, o amor da minha vida. Uma vida que sempre me atormentou. Uma vida que eu sempre quis terminar. Uma vida que sempre vou querer terminar, mas vou lutar. Farei o que for preciso para me manter viva, porque é minha.

E ele é meu também.

Ele faz uma careta. — Willow.

Sua voz aperta meu coração e faz minhas pernas tremerem com todo o amor, quando me aproximo dele.



— Posso falar com você, por favor? No seu consultório?

— Na verdade eu...

— Por favor. – digo, interrompendo-o. Eu não vou deixar ele se esconder de mim.

Não agora.



Há um tique na sua mandíbula, um impulso que indica que vai me recusar. Mas, surpreendentemente e para o meu alívio, ele concorda.

Eu o sigo até seu consultório e quando ele mantém a porta aberta, passo pelo limiar.

Simon ainda fica na porta, no entanto. — Eu posso te ajudar com alguma coisa? Estou um pouco...

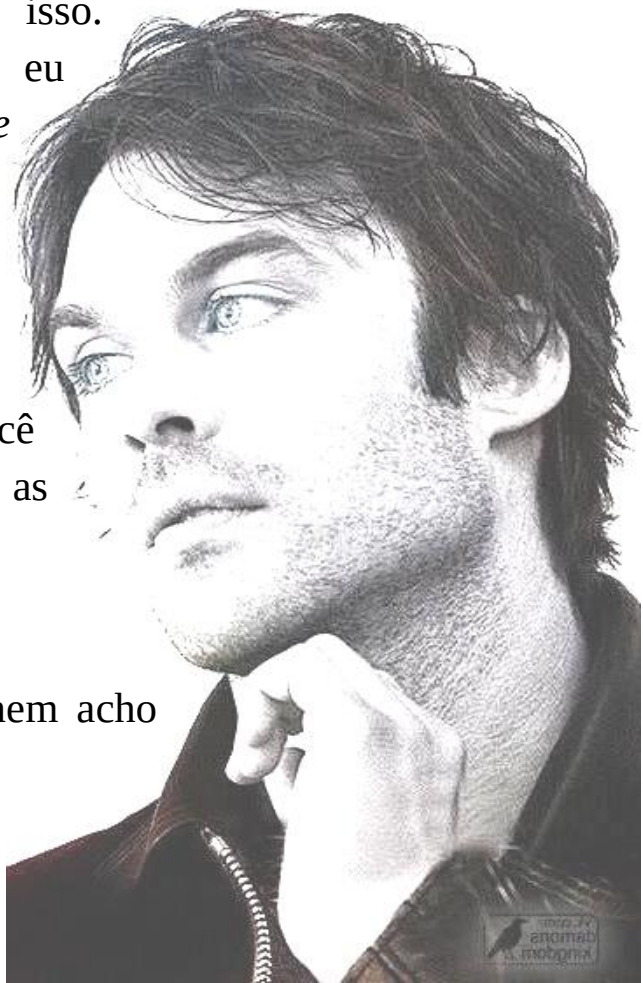
Eu me viro para encará-lo. — Quem é Claire?

Ok, então esse não era o meu plano.

Sinceramente, não sei qual era meu plano. Mas não foi esse. Não era para deixar escapar isso e deixá-lo ficar tenso comigo.

Ele ficou completamente frio e quase ameaçador, e sua voz não é melhor do que era ontem, quando ele me pediu para sair do consultório. — O que?

Posso recuar ou eu posso lidar com isso. Apertando minhas mãos em meus lados, eu decido ir em frente. *Qual é a pior coisa que pode acontecer?*



Bem não. Eu não vou pensar nisso.

Pensamentos felizes.

— Quem é ela? – eu engulo. — Vo... Você recebeu o telefonema ontem e desde então as coisas estão estranhas. Eu...

— Isso é tudo?

Não há movimento no corpo dele. Eu nem acho



que ele mexeu os lábios quando disse isso. É tão irritante ficar parada aqui na frente dele, nervosa e trêmula quando ele está tão imóvel.

— O que?

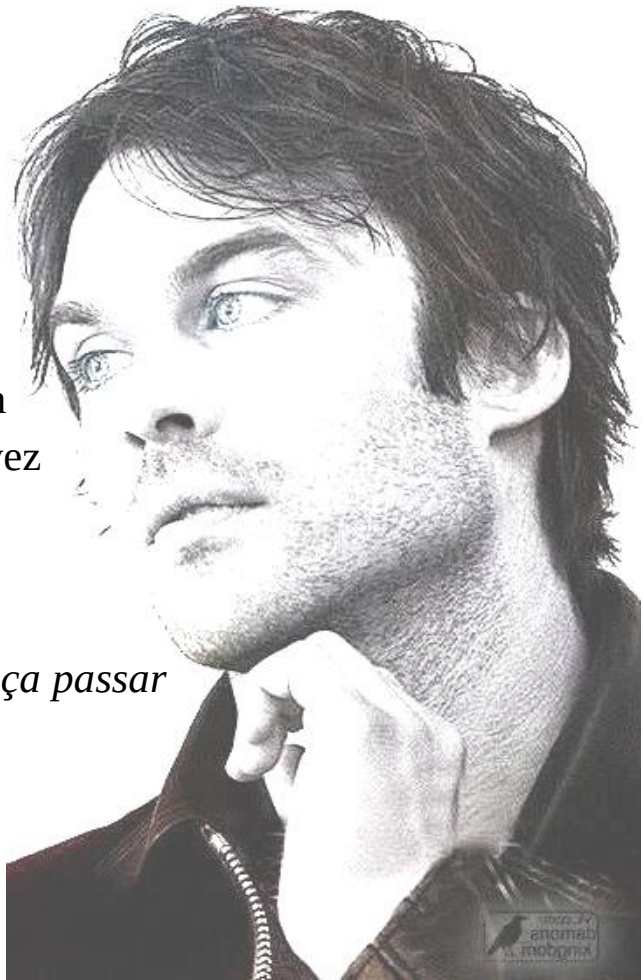
Um aperto na mandíbula, finalmente. Alguns sinais de que ele não congelou.

— Isso é tudo? – ele repete lentamente com algo aparecendo em suas feições. — Porque se for, tenho muito trabalho a fazer. Então, você precisa ir.

Eu respiro fundo. Há um zumbido no meu estômago. Um enxame de borboletas, abelhas, vespas e libélulas. É uma praga total e eu quero pressionar minha mão lá para acalmá-lo. Mas isso significa mostrar a ele minha fraqueza e não posso fazer isso. Agora não.

— Quem é ela? – pergunto novamente. — Por que você mudou, eu não sei, para frio e inacessível? Quem é ela, Simon? Eu honestamente...

— Estou pedindo para você ir. Agora mesmo.



— Diga-me quem ela é, Simon.

— Quem ela é, não é da sua conta. – ele não se moveu um centímetro da porta. Ainda assim, o sinto e sua voz quase chicoteia de algum lugar próximo. — Você me entendeu?

— Tenho o direito de saber. – digo com meus batimentos cardíacos ficando cada vez mais altos.

Sim, eu quero.

Eu quero. Eu quero. Por favor, não me faça passar



como uma mentirosa. Por favor, me diga quem é ela.

— O quê?

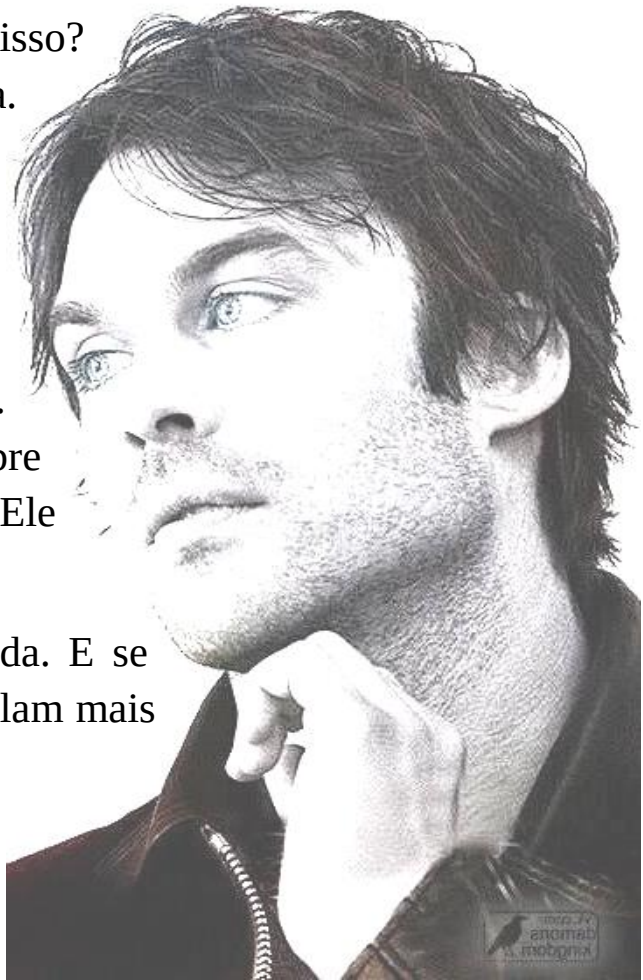
Deus, ele já pareceu mais feroz do que isso? Suas sobrancelhas estão arqueadas e a sua mandíbula está apertada com tanta força. E os olhos dele? Seus olhos são fragmentos de escuridão, irradiando e tão intensos.

Cada segundo que passa me deixa ainda mais agitada e assustada. Quero dizer, não esperava que ele fosse receptivo às minhas palavras, mas também não achei que ele ficasse tão calado e com os punhos fechados.

— Eu tenho o direito, Simon. – digo a ele resolutamente, como se estivesse de pé em uma tempestade e me recusando a recuar do trovão. — Saber. E perguntar.

Eu endireito minha coluna e aperto meu estômago. Talvez doa menos até chegarmos ao ponto em que ele realmente cede e me diz.

Simon inclina a cabeça para o lado, como se estivesse genuinamente curioso. — O que te faz pensar isso? Que você tem o direito de saber qualquer coisa.



— Por... Porque você comprou os livros.

Porque você me ama. E eu te amo.

Ainda não acredito que ele fez isso. Não acredito que ele nunca disse nada sobre isso. Na biblioteca, quando eu contei a ele sobre agradecer Josie e Beth, ele não disse nada. Ele nem mencionou.

Mas é isso, não é? Simon nunca diz nada. E se alguma vez houve um resumo de ações que falam mais



alto que palavras, então é isso.

— O que?

— Você comprou aqueles livros de Harry Potter.

— E daí?

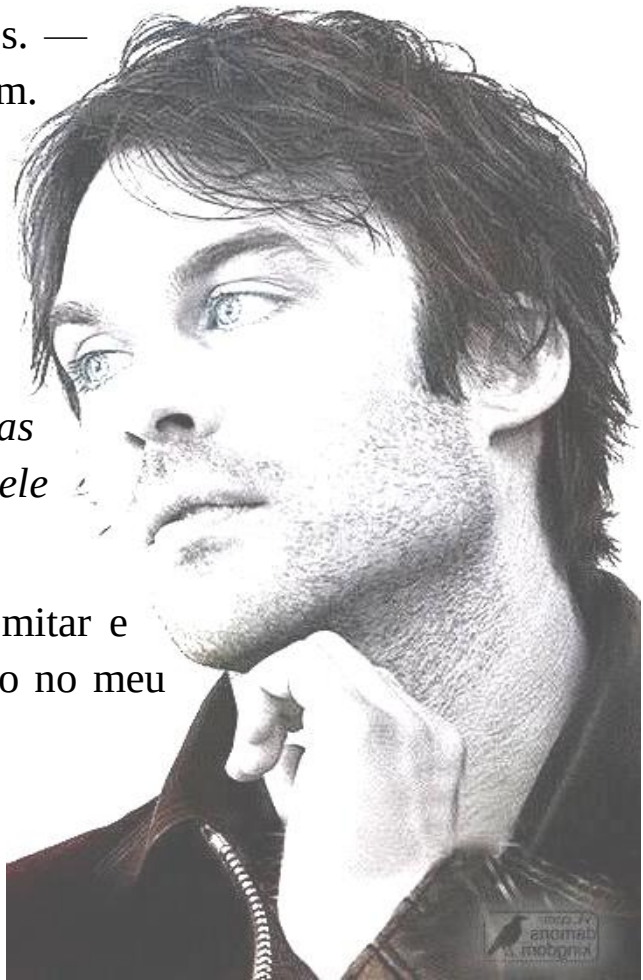
Fecho os olhos por um segundo antes de dizer: — Para mim. Você comprou para mim.

— E daí? – *Deus, por que ele tem que ser tão sem palavras? Por que ele simplesmente não admite e facilita?* Seu olhar é tão sem vida e inexpressivo. Como se eu estivesse falando em línguas. Como se ele não me entendesse.

Por que ele está me fazendo lutar assim?

Estou tão cansada de lutar. Por ele. Por tudo.

Limpo o nariz com as costas da mão e pisco os olhos molhados de lágrimas. — Então, isso significa que há algo entre nós. Você... – Outra limpada em meu nariz e outro piscar de olhos. — Você tem sentimentos por mim e eu também. Eu sempre os tive.



Assim que digo essas palavras, eu sei que cometi um erro terrível. É como ver a história se repetir.

Não estava aqui apenas algumas semanas atrás, dizendo a mesma coisa para ele? E ele não me rejeitou?

Esse déjà vu está me fazendo querer vomitar e não posso resistir dessa vez. Coloco uma mão no meu



estômago. Estou muito tonta.

Simon estreita os olhos. — Acho que já tivemos essa conversa antes, não é?

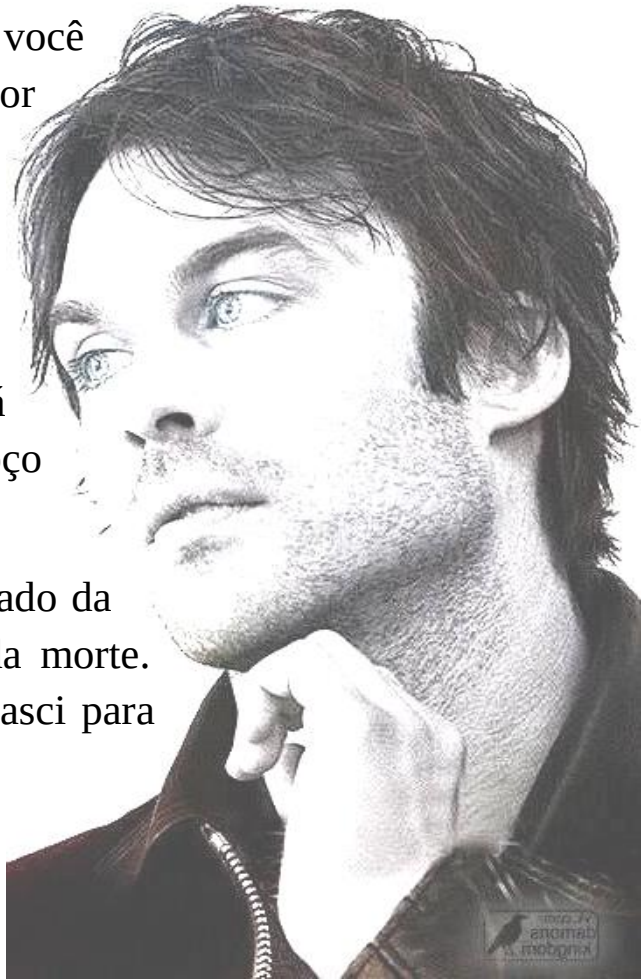
Sim. Nós tivemos.

Mas, então, eu não sabia a magnitude dos sentimentos que desenvolveria por ele em apenas duas semanas. Eu não sabia que ele estava guardando as mesmas fantasias que eu.

Eu não sabia as pequenas coisas sobre ele.

Seus sorrisos, suspiros e gemidos. Seu calor e sua pele. Como ele é tão paciente, maravilhoso e atencioso. Como ele não consegue entender o pensamento de que eu estou sofrendo e como ele se esforça pelas pequenas coisas.

— Você não pode mentir para mim, Simon. – eu dou um passo em sua direção. — Eu conheço você. Talvez eu não saiba tudo sobre você. Todos os fatos. Mas te conheço. Eu senti você. – Outro passo mais perto, enquanto continuo: — Você é um bom homem, Simon. Você tem um coração tão bom e eu não sei por que você pensa assim. Eu não entendo, mas juro por Deus, você entende. Eu nunca conheci alguém como você. Na verdade, acho que não há ninguém como você.



De alguma forma, minha voz ainda está firme, mesmo quando o meu corpo está tremendo. Eu o alcanço, esticando o pescoço para que eu possa vê-lo.

— Você não é um criminoso do lado errado da cidade. Você não é o homem no corredor da morte. Você é o Rei, Simon. Você é meu Rei. Eu nasci para



você. Minha doença, o Incidente no Telhado. Eles não foram por acaso. Eu deveria estar aqui e você também. O que quer que eu tenha passado na minha vida, foi porque eu deveria te conhecer. E você deveria me conhecer também.

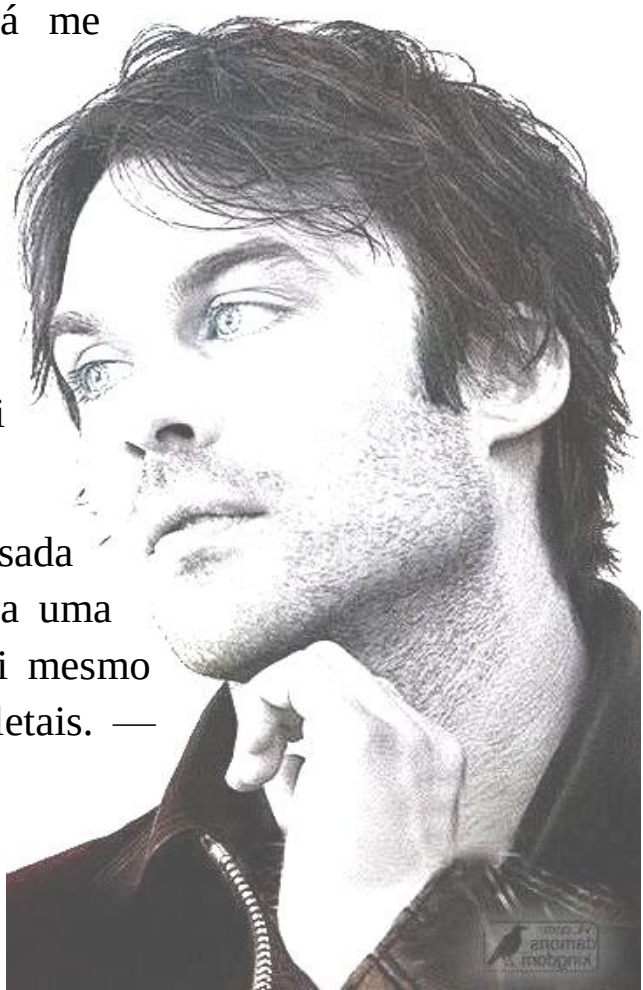
Vou para tocar seu rosto, talvez o amoleça um pouco, mas ele agarra minha mão antes que eu possa fazer contato. Seu aperto é feroz, dolorosamente feroz, e eu pressiono meus lábios contra a dor.

— Você terminou?

— Si...

Ele aperta meu pulso, mais forte do que nunca, e um pequeno gemido me escapa. Ele não me solta, no entanto. Ele me observa se contorcer. Ele aumenta a pressão e não relaxa.

Na noite em que ele tirou minha virgindade, ele me disse que eu não queria vê-lo perder a cabeça. Eu acho que é isso que ele quis dizer. Essa violência. — Simon, por favor, você está me machucando.



Foi quando ele me soltou. — Agora, saia daqui.

Eu esfrego o meu pulso e permaneço firme. — Você fez isso de propósito. Você deliberadamente tentou me machucar. Eu sei disso. Você não é assim. Eu já vi todo você.

Ele para as minhas palavras com uma risada curta e dura. — Deus, eu sabia que isso era uma péssima ideia. – ele murmura, quase para si mesmo antes de se concentrar em mim com olhos letais. —

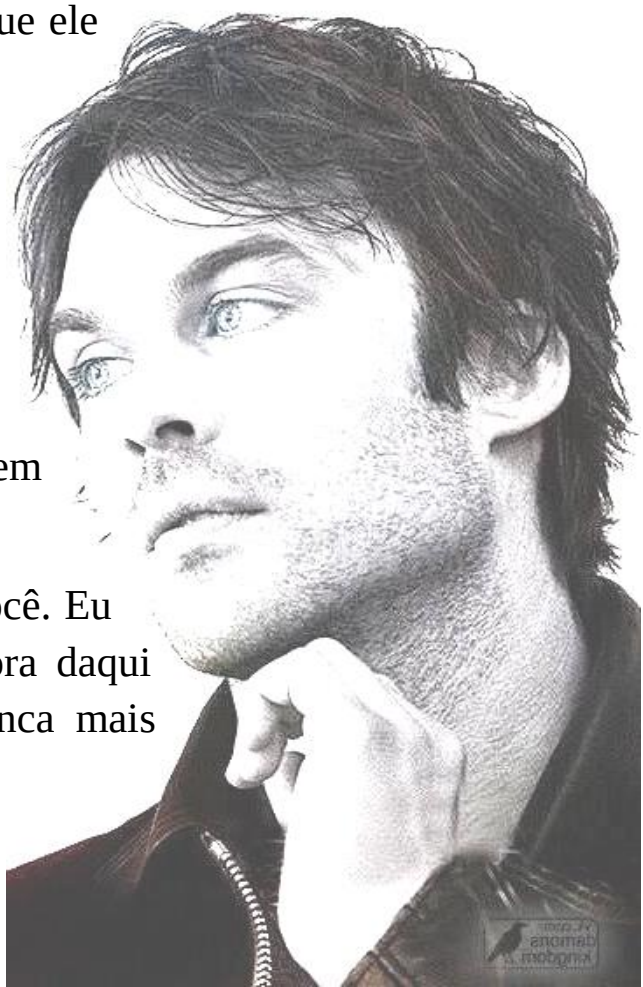


Sabia no momento em que pus os olhos em você. Eu sabia que você era jovem. Você era imprudente. Estava sensível e ainda assim, eu te fodi. Deixe-me contar como é, Willow.

Desta vez, ele se aproxima. Ele dá não um, mas dois passos, três. Até que ele esteja me olhando. Uma nuvem escura e trovejante com olhos cinza e uma mandíbula esculpida e com barba por fazer.

— Eu fodi você. – ele diz rudemente. — Apesar do meu melhor julgamento, eu fodi minha paciente. Você é jovem. Linda. Há uma selvageria em você que me atraiu. E sim, você é forte, Willow, e homens são assim. Eu sou homem, não sou? Um homem fraco e patético que não resistiu a uma boa foda. Isso é o que foi. Foi isso que você sentiu. Um homem no cio. Um homem que gosta de xoxotas apertadas. Não sei mais o que explicar para você. Quanto mais claro eu posso ser, mas é isso, entende? Foi fenomenal pra caralho, mas foi só isso. Foda.

Estou observando a boca dele se mover, estou vendo isso acontecer, mas não consigo acreditar. Não acredito no que ele está dizendo.



— Não. – eu sussurro.

Ou talvez eu apenas balance a minha cabeça.

Ou talvez eu faça as duas coisas.

Tudo está um pouco confuso agora. Tem sido assim desde que descobri sobre os livros.

— Sim. Eu não tenho sentimentos por você. Eu nunca tive, e nunca vou ter. Você irá embora daqui amanhã como deveria. E provavelmente nunca mais



nos veremos, como deveríamos fazer. – ele se endireita. — Mas eu não sou o tipo de homem que foge das responsabilidades. Se você se sentir inclinada a denunciar isso, não vou impedi-la.

Denunciá-lo?

É nisso que ele está pensando agora? Que eu vou denunciá-lo? É isso que está passando pela cabeça dele quando ele está partindo meu coração?

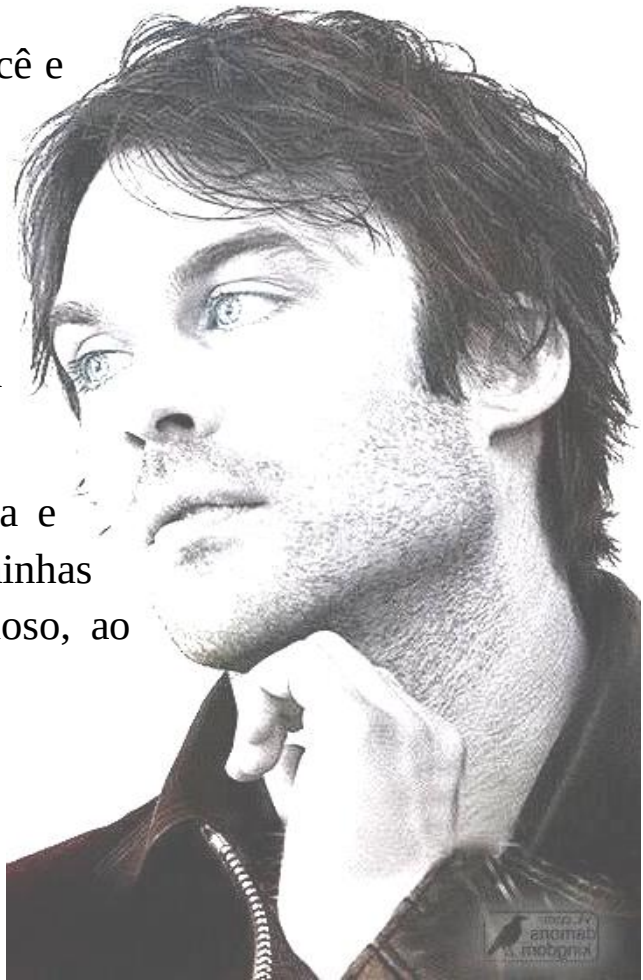
— Na verdade, eu encorajo você a fazer isso. – ele continua com uma cara séria. — Você não quer que alguém como eu aproveite de você no futuro.

— Eu... No futuro?

— Sim. No futuro.

— É nisso que você pensa, quando pensa no futuro? Eu com outra pessoa?

— Francamente, não pensei muito em você e no futuro.



Tenho muitos pensamentos dentro da minha cabeça. Eles estão gritando e berrando, golpeando meu crânio, mas por algum motivo apenas um sussurro escapa. — Você está mentindo.

Ele observa meu rosto. Seus olhos cinza e cruéis como o inverno seguem o rastro das minhas lágrimas. Sem parar e sem fim, mas silencioso, ao contrário do caos na minha cabeça.



Afastando-se, ele caminha para sua mesa, pega alguma coisa antes de se virar. Olho para baixo e o encontro me oferecendo um lenço de papel.

Ele o carrega tão casualmente como responde: — Eu não sou você.

Algo acontece comigo, então.

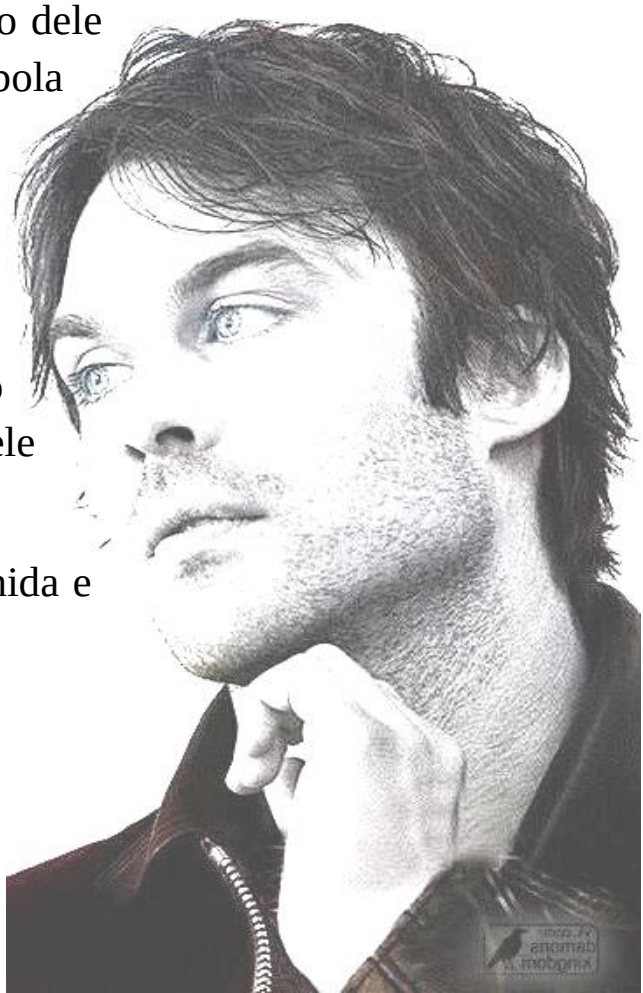
Algo que já experimentei antes, com certeza, mas não com essa intensidade. Não com essa ferocidade e selvageria.

Por razões desconhecidas, Simon Blackwood sempre conseguiu me fazer sorrir, me fazer feliz e me acalmar.

Então provavelmente é justo, poético mesmo, que ele seja o único a despertar o furacão dentro de mim.

Ele é o único a me fazer perder a cabeça.

Todos os gritos e berros dentro da minha cabeça se libertam quando eu me lanço nele. Eu bato meu corpo contra o dele como se eu fosse um acidente de trem. Uma bola de demolição.



Não sei o que estou fazendo, exceto que estou gritando e as minhas mãos estão se movendo como um moinho de vento. Meus punhos estão colidindo com algo duro, sólido e tudo o que sei é que quero vencê-lo, bater nele e rugir.

Quero esmagar essa força sólida e encolhida e reduzi-la ao que sou agora: quebrada e ferida.

E porque não?



O homem que dei o meu corpo não parece muito inclinado a me impedir. Talvez ele saiba que merece. Ele merece cada soco, cada chute, cada arranhão no pescoço, no rosto, cada empurrão e puxão da camisa e de cabelo.

Ele merece tudo isso. Toda a minha ira.

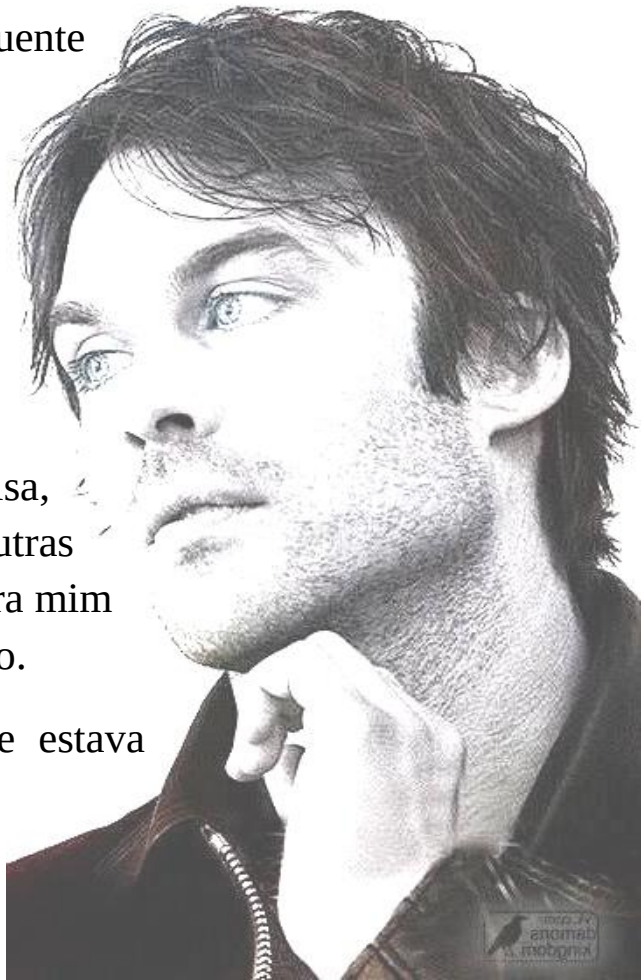
Eu estou batendo nele e batendo nele, chorando e gritando, o tempo todo o chamando de mentiroso.

Porque ele é. Ele tem que ser.

Se ele não é, então eu sou louca. Eu sou uma psicótica por pensar que ele me amou.

Eu não sei quanto tempo eu estive com ele, dando um tapa nele, dando um soco nele, mas em um segundo, eu estou atingindo seu corpo sólido, esfolando minhas próprias juntas, e no próximo, eu estou voando pelo ar, parece, com minhas pernas balançando, meus gritos mais altos do que nunca.

Há algo ao redor da minha cintura, algo quente e vivo. O braço de alguém.



Através da minha raiva e do borrão das minhas lágrimas, vejo a multidão reunida dentro da sala. Vejo Simon todo bagunçado, com a camisa desarrumada e arranhões ao longo da linha do queixo e do rosto.

Ele está tentando me dizer alguma coisa, provavelmente algo para me acalmar. Há outras pessoas também. Elas estão dizendo coisas para mim também. Mas não posso ouvi-las. Eu não quero.

Quero que Simon me diga por que ele estava



mentindo.

Por que ele está partindo meu coração? Por que ele está fazendo isso comigo? O que eu fiz para merecer isso?

Um flashback me atinge e depois me joga de volta ao passado. A sala hospitalar, minha mãe chorando e os médicos. Todo mundo olhando para mim como se houvesse algo errado comigo. Todo mundo olhando para mim como se eu fosse um animal que precisava ser abatido.

Mas, ao contrário daquele dia, não tenho medo do que está por vir.

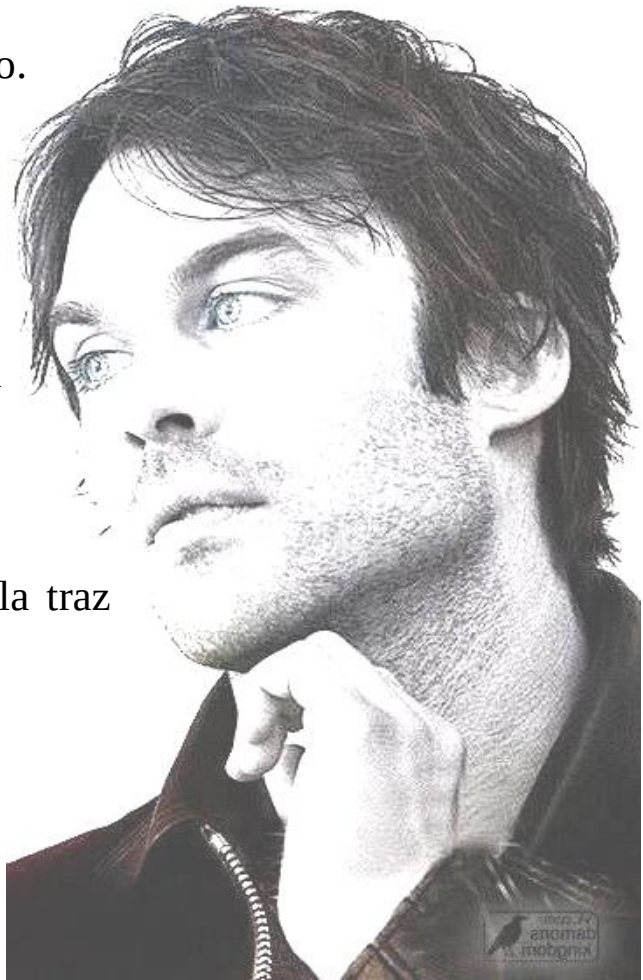
Na verdade, eu quero isso. Quero a dormência. Eu quero essa picada. A agulha. Deixe eles me colocarem no chão. Deixe-os fazerem isso.

Eu não sou uma paciente histérica, sem pensamentos racionais. Sou uma garota insana e de coração partido, em plena posse de minhas faculdades mentais.

Deixe-os fazerem isso.

Eu não vou me acalmar, não importa como.

Agito minhas pernas, meus braços, até que eles não me deixem mais. Eu grito cada vez mais, até sentir minha garganta sangrar. Por tudo isso, eu olho para o atormentador, o homem que amo. O homem que partiu meu coração.



E então, sinto uma leve picada.

Uma picada que eu estava esperando. Ela traz um doce alívio. E calma e paz.



Morte.

Sim. Graças a Deus.

Eu me sinto entrando nela, sendo absorvida pela escuridão. Ao mesmo tempo, sinto-me enjaulada em um par de braços. Estes são diferentes daqueles que me seguram na cintura.

Eu conheceria esses braços em qualquer lugar.

Simon.

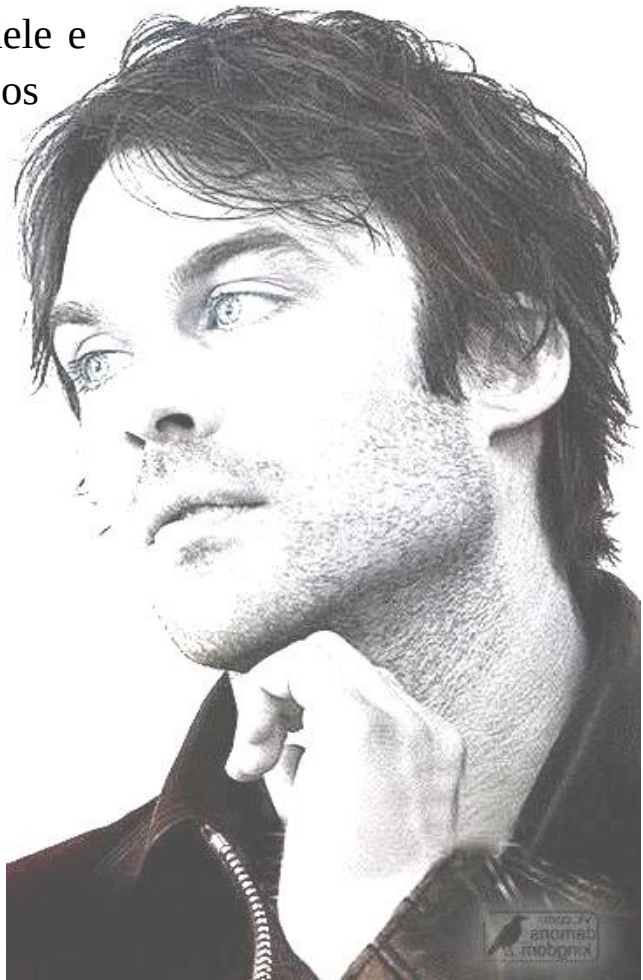
Ele me pegou em seus braços enquanto eu morria. Sorrio ou tento, porque estou escorregando.

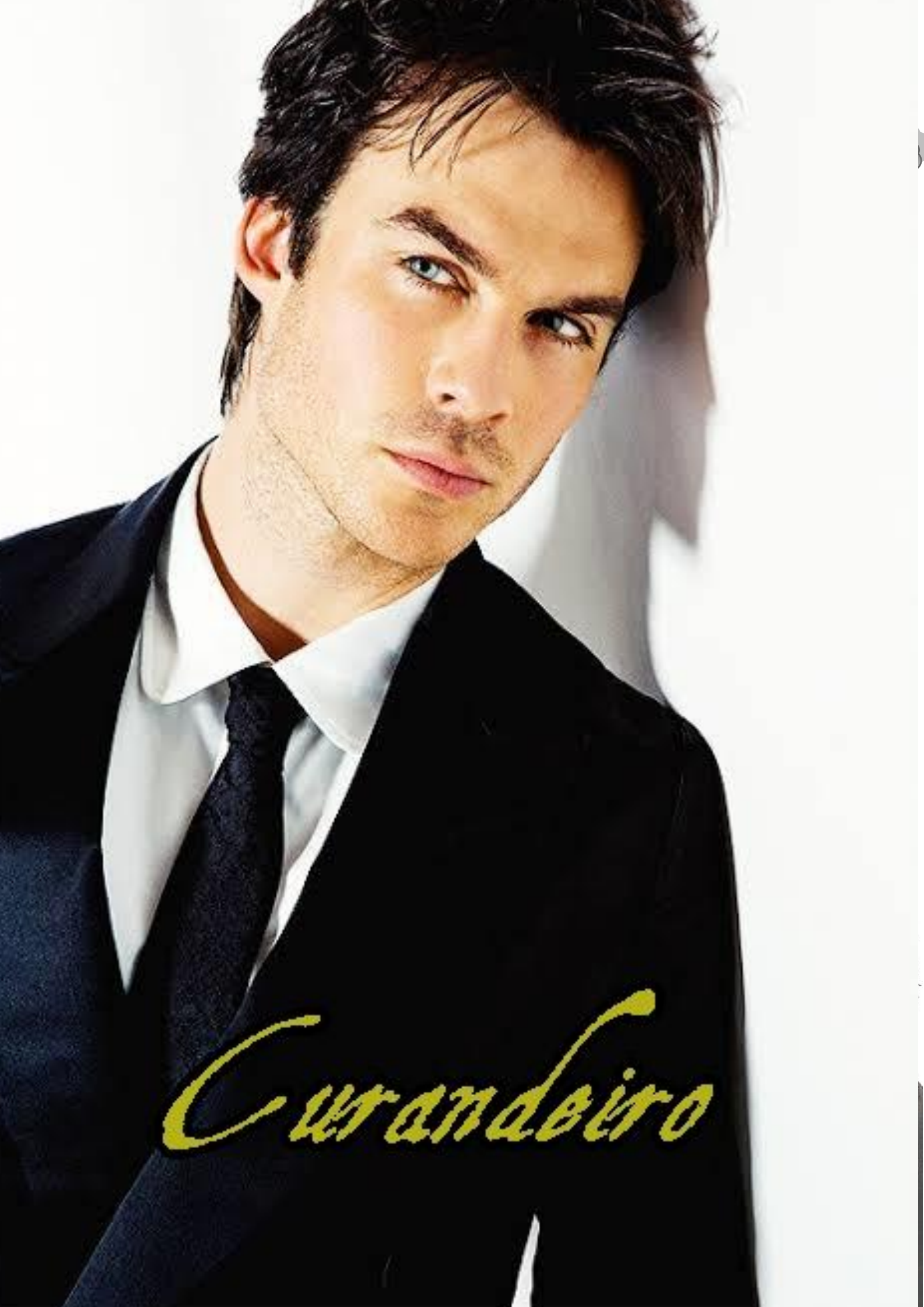
Eu pensei muito sobre a morte e como vou morrer. Eu fiz planos para isso.

Mas nem uma vez achei que morreria nos braços do homem que amo. Isso nunca me ocorreu. Parece realmente uma boa maneira de morrer. A melhor maneira de morrer.

Para dar seu último suspiro nos braços dele e olhar para o seu rosto antes que você feche os seus olhos para sempre e diga suas últimas palavras.

— Você esta partindo meu coração…




Curandeiro



— Ela está estável. – diz Beth, parada na porta do meu consultório. — Está dormindo.

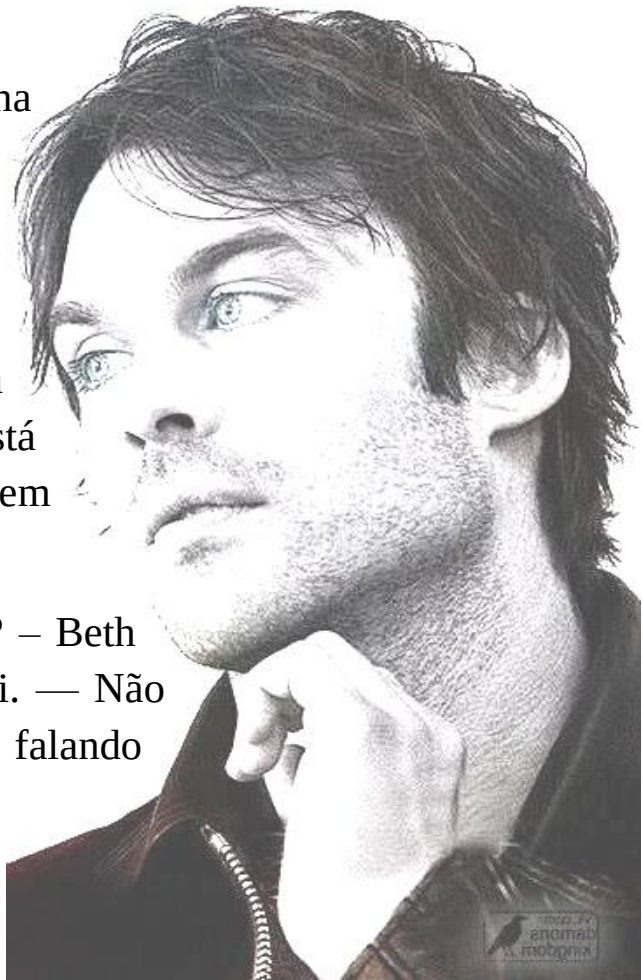
Olho de onde eu estou empurrando os prontuários na minha bolsa de carteiro na minha mesa. Provavelmente estou amassando os papéis, danificando-os irremediavelmente, mas realmente eu não me importo.

Esta não é a pior coisa que arruinei. E há coisas piores que eu posso arruinar.

— Quero que alguém a monitore a noite toda. Caso ela acorde. – digo, voltando à minha tarefa.

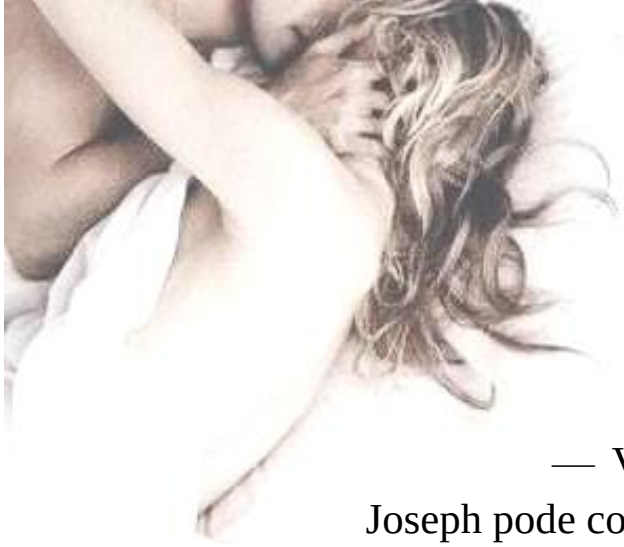
Ela não deveria, no entanto. Ela deveria dormir a noite toda com Trazadone. Espero que ela durma.

Olho ao redor da cena do crime. Meu consultório. Tudo está arrumado. Os funcionários aqui em Heartstone são bastante eficientes. Isso me deixa com raiva. Furioso por não haver nenhuma evidência daquilo. Qualquer evidência de quebrei o coração dela.



Arranhões no meu pescoço e na minha mandíbula, alguns no meu bíceps doem como se ela ainda estivesse cravando as unhas na minha pele, mas não são suficientes. Suas unhas contundentes não conseguiram rasgar minha pele e me fazer sangrar. Como a fiz sangrar exatamente sete dias atrás. Onde está a justiça nisso? Onde está a justiça em mim sem punição?

— Você sabe o que significa isso, certo? – Beth diz, me lembrando de que ela ainda está aqui. — Não posso ajudá-lo depois disso. As pessoas estão falando



sobre o que aconteceu aqui. Eu não consigo parar.

— Não estou pedindo ajuda.

— Você vai perder este emprego. Acho que nem Joseph pode convencer o conselho...

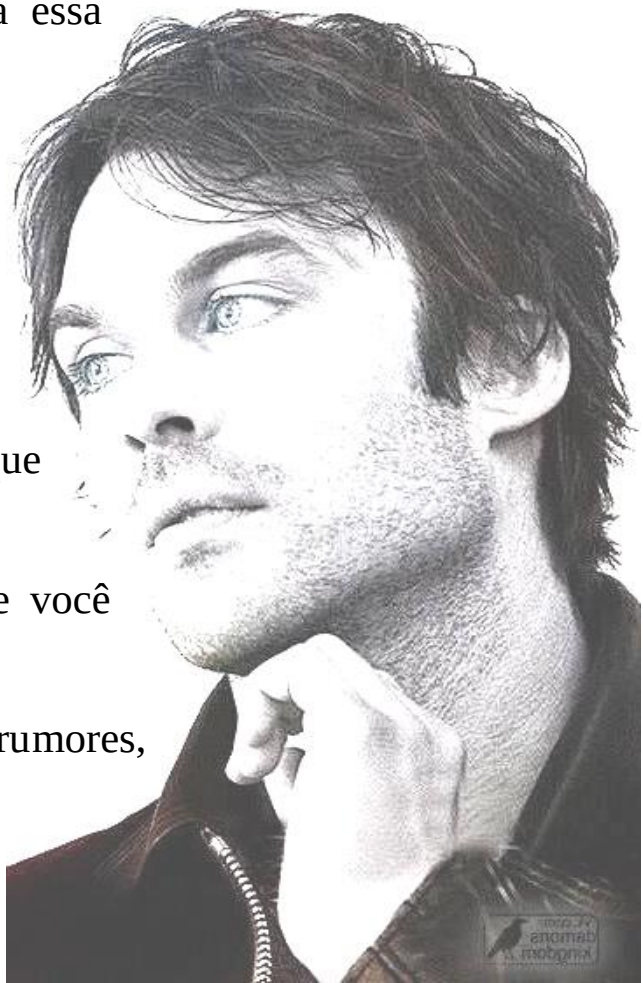
Paro o que estou fazendo e me concentro nela. — Parece que me preocupo com este trabalho?

— Você se importa com ela? – ela pergunta, do outro lado da mesa, como se estivéssemos em um impasse.

Minhas mãos apertam a aba da maleta. — O que você quer, Beth?

— Quero que você admita. Eu sei que você está passando um tempo com ela. Você acha que eu não sei, Simon? – ela levanta as sobrancelhas. — Eu sei sobre as sessões frequentes. Você não se interessou por nenhum outro paciente além dela.

— Então por que você não fez nada sobre isso? Por que você não me parou? Se fosse outra pessoa, você já teria essa conversa há muito tempo. Certo?



Ela assente. — Sim, eu teria. Eu os mandaria embora. E se eu pensasse que eles estavam se aproveitando de um dos meus pacientes, garantiria que todos soubessem disso também.

— Então por que você não fez isso? Por que você não me mandou embora?

Sorrindo tristemente, ela diz: — Porque você não estava se aproveitando dela.

— É? Como sabe disso? Você ouviu os rumores,



certo? – eu cruzo os braços sobre o peito. — Eles dizem que eu me aproveitei da Claire. Dizem que eu dormi com ela e quando ela ficou grudenta, disse-lhe para trocar de médico. Há um processo contra mim, lembra?

Ela balança a cabeça, me analisando. Eu odeio quando ela faz isso. Como se eu ainda fosse aquele garoto de quatorze anos que acabou de perder a mãe.

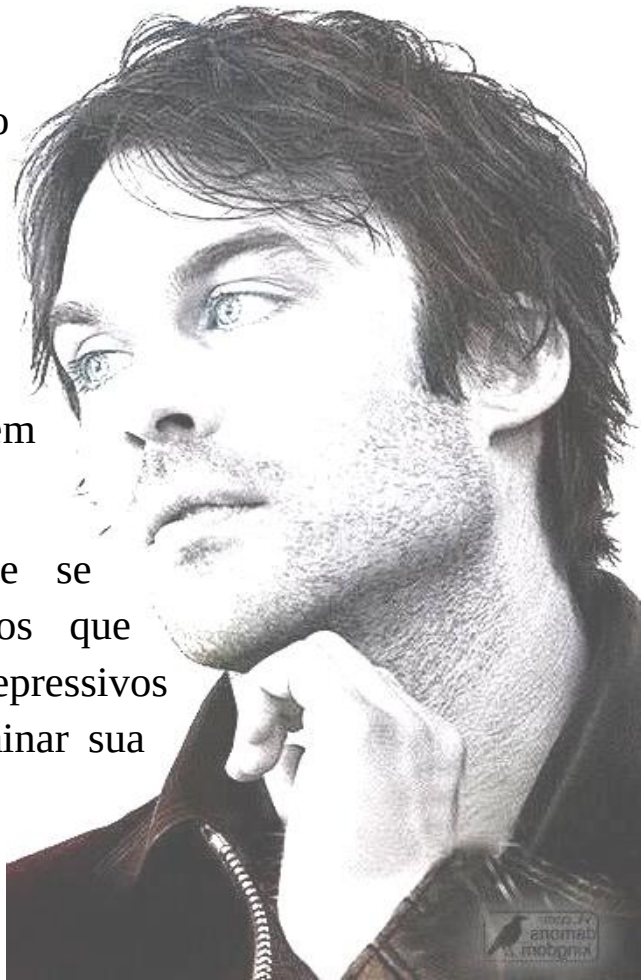
— Eu sei que você não fez isso.

Ela está certa. Eu não fiz. Mas todo mundo pensa assim.

— Como? Como você sabe disso, Beth? Talvez eu esteja mentindo para você. Talvez eu não tenha contado a história toda.

— Porque, Simon, você é seu pior crítico. Você é muito profissional. Você é tão duro consigo mesmo. – ela diz exasperada. — Você nunca se envolveria com uma paciente. Você nem sonharia com isso, e isso porque seu pai se casou com a paciente dele. Sua mãe.

Eu vacilo.



Tento não pensar muito nisso. Tento não pensar em como a minha mãe bipolar estava irremediavelmente apaixonada pelo meu pai. E como o meu pai sempre estava ocupado demais para ela.

Foi aqui onde eles se conheceram, em Heartstone.

Ela sofria de transtorno bipolar que se apresenta com surtos psicóticos completos que duravam pelo menos sete dias. Episódios depressivos também ocorrem. É mais fácil para eu eliminar sua



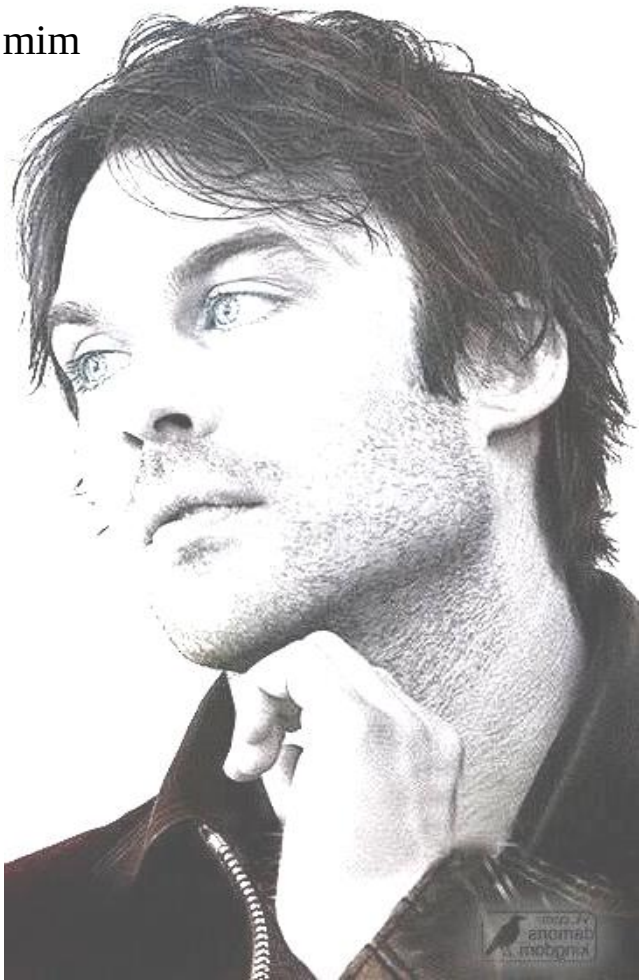
doença em termos técnicos do que pensar nela como uma criatura imprevisível, atravessando altos e baixos, sem sua vontade.

Segundo a minha mãe, ela se apaixonou pelo meu pai desde o começo. Ela se apaixonou por como calmo e firme ele era. Como era trabalhador e perspicaz. E como ele sempre parecia saber o que ela ia dizer antes mesmo de dizer.

Sempre me fez pensar se minha mãe estava inventando. Ela gostava de histórias. Porque como diabos o homem que a conhecia não descobriu que ela precisava dele em sua vida? Como ele poderia deixá-la sozinha e salvar o mundo, quando sua esposa estava morrendo por ele? Como diabos ele não sabia que sua ausência a estava machucando a ponto dela acabar se matando?

— Isso é o que te motiva, não é, Simon? – Beth me tira da minha cabeça. — Ser melhor que seu pai. Então sim, eu sei. Todo mundo que te conhece sabe que você nunca poderia ter feito algo assim.

Apesar de tudo, estou aliviado por Beth saber. Eu nunca tive que contar a ela; ela acreditou em mim desde o começo.



Como *ela*. A Princesa da neve. A garota mais corajosa que eu conheço.

Mas isso não importa. Não me importo com os rumores, mas eu me importo com o que aconteceu com Claire.

Porque a culpa é minha.

— Qual é o seu ponto, Beth? – pergunto.

— Você a ama? Você ama a Willow?



Ranjo os dentes quando a raiva e um medo não natural me envolvem. — Eu não sou meu pai.

— Não foi isso que eu perguntei. Você ama a Willow, Simon?

Não.

Eu quero dizer isso. Eu quero negar. Eu quero.

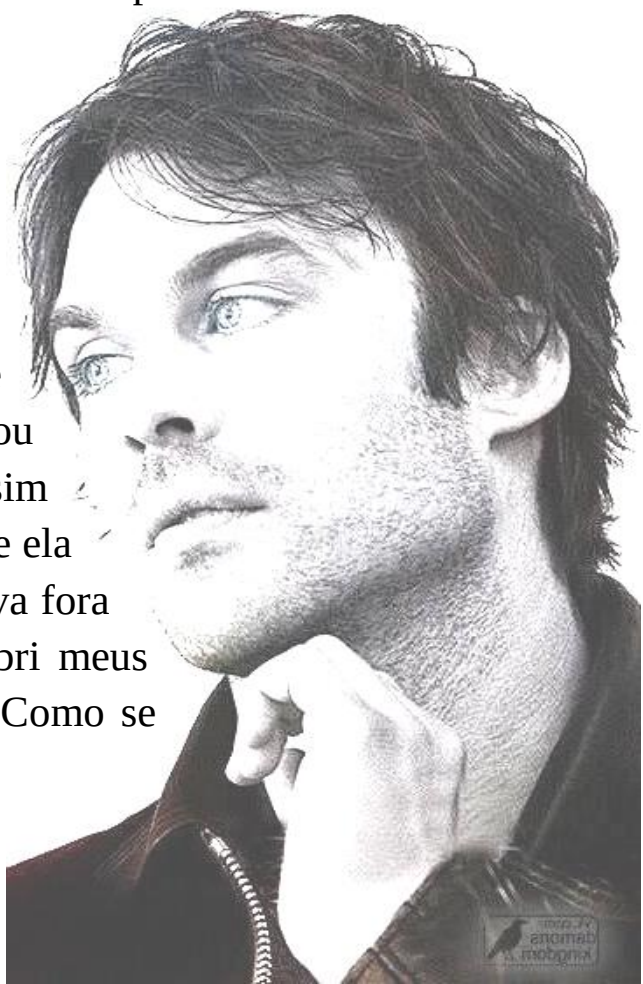
Mas a porra das palavras não saem.

Você tem sentimentos por mim, Simon. Eu também tenho sentimentos por você.

Eu não mereço o amor dela. Não depois das coisas que eu disse a ela. Não depois do que eu a fiz fazer.

Não é à toa que ela odeia médicos.

— Não tenho tempo para isso. – ignoro a Beth e continuo arrumando todos os prontuários que preciso para convencer os pais de Claire a não desligarem os aparelhos.



— Me responda. Você a ama ou não?

Fecho a bolsa de carteiro e quase a jogo de lado, frustrado. — O que isso importa? O que eu sei do amor, Beth? Porra de nada. Não sei nada sobre o amor. Tudo o que sei é que minha mãe se matou e fui eu quem encontrou seu corpo. Você sabia que eu já sabia? Assim que acordei naquele dia, eu sabia. Eu sabia que ela estava morta. Eu nem a vi. Eu ainda não estava fora da minha cama. Eu sabia disso assim que abri meus olhos. Havia aquela... Porra de frio na casa. Como se



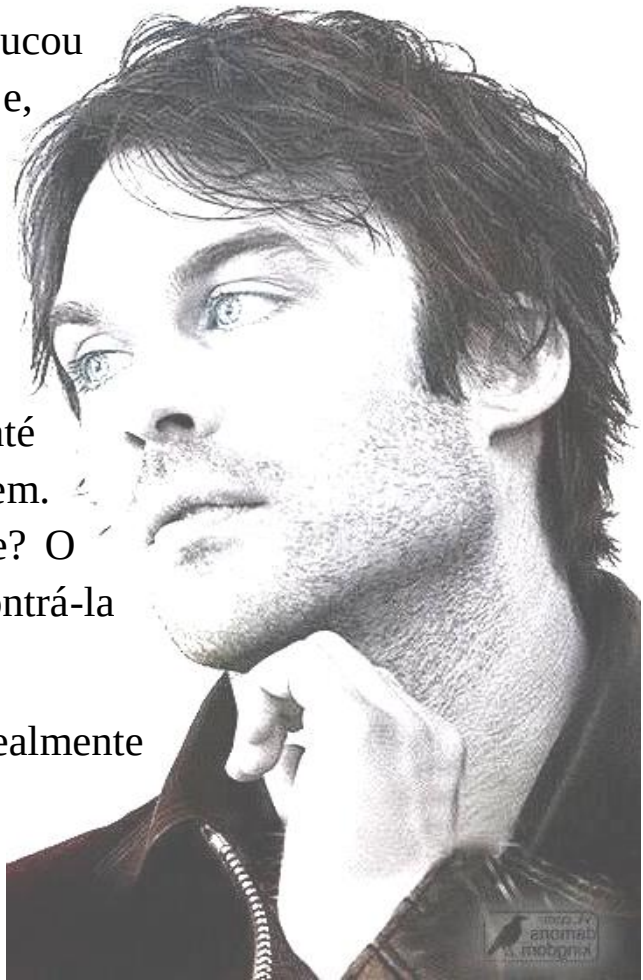
ela estivesse irradiando isso de seu corpo. Ela estava quase azul. A espuma secou em torno de sua boca. Não consigo tirar essa imagem da minha cabeça. Às vezes, não consigo dormir e, se durmo, tenho pavor de acordar.

— Eu nem sabia que ela era tão infeliz. Eu não sabia que ela estava planejando se matar. Ou por quanto tempo estava planejando isso. Eu sabia que ela sentia isso. Ela se sentia insuficiente quando o meu pai não voltava para casa. Quando ele desaparecia completamente durante os surtos dela. Eu sei disso. Mas não sabia que o fim dela estava tão próximo.

Finalmente, me concentro nela com olhos desfocados. — Eu não sei nada sobre o amor, Beth. Tudo o que sei é o que vi crescendo. E é muito feio pra caralho. Sou muito feio por dentro.

Nem sei mais por que estamos falando sobre isso. Não importa. Ela me odeia agora, e com razão.

Agulhas a assustam, mas ela praticamente nos forçou e me forçou a sedá-la. Ela se machucou propositalmente por causa do que eu disse e, como uma covarde, eu nem aceitaria. Eu nem sequer aceitaria as minhas palavras de volta.



Ela está melhor sem mim.

Estou pronto para sair para poder ir até Boston, mas as palavras de Beth me impedem. — Você contou a ele? Você já contou a ele? O que você acabou de me dizer, depois de encontrá-la naquele dia?

Respirando pelo nariz, digo: — Você realmente



acha que ele se importaria se eu contasse? Ele voltou ao trabalho no dia seguinte. Ele ficou aqui por uma semana inteira antes que eu visse seu rosto.

— Simon, você precisa falar com alguém. Você precisa de ajuda profissional.

Uma risada escapa de mim. — Você está realmente dizendo isso para mim?

— Sim. Acho que esses são os sintomas clássicos do estresse pós-traumático.

— Você é médica também agora?

— Não. Mas eu estive com muitos deles a vida toda para saber essas coisas. Na verdade, sou casada com um desde muito antes de você nascer.

— Eu estou bem.

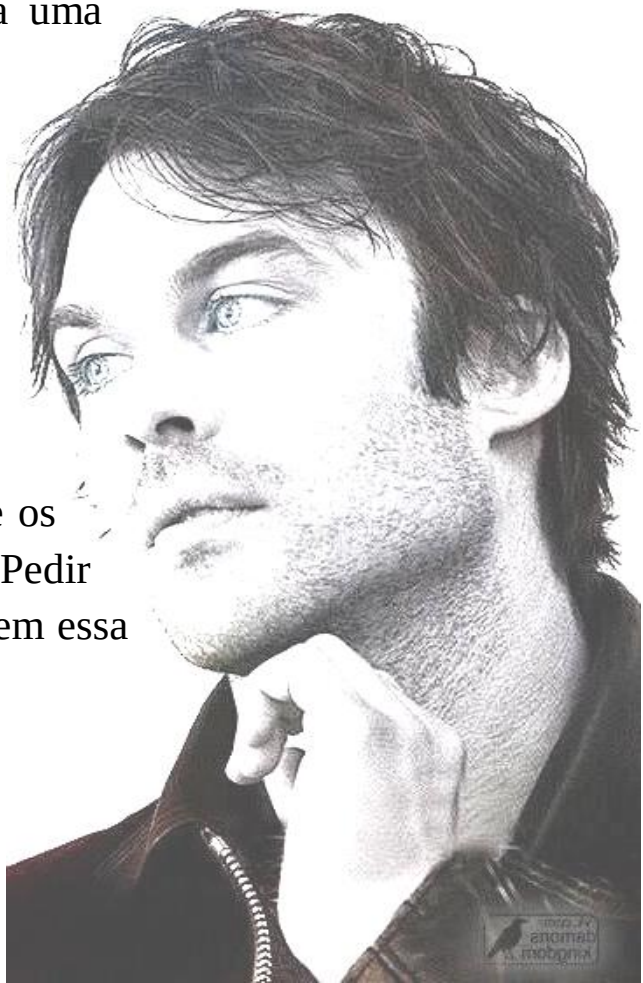
— Só porque você é médico não significa que não pode ficar doente. – ela diz como se estivesse explicando isso a uma criança. — Você sabe disso, certo?

Suspirando, balanço a cabeça e coloco a bolsa nos ombros. — Eu tenho que ir.

— Eles estão desligando os aparelhos? – Beth pergunta, conscientemente.

— Sim.

— E você vai fazer o que? – ela encolhe os ombros. — Pedir para eles não fazerem isso? Pedir a eles para deixá-la sobreviver, porque você tem essa obsessão de nunca aceitar o fracasso?





— Você terminou de falar? Vou me atrasar.

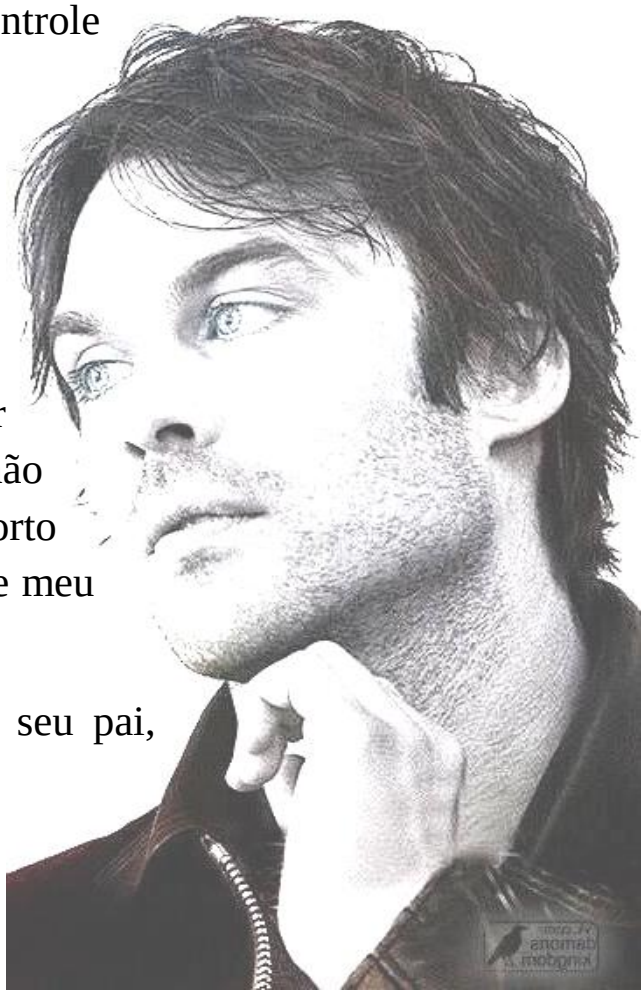
— Você realmente acha que qualquer estudo que você desenterrou desta vez vai ajudá-la, Simon? Ou você está fazendo isso para se sentir melhor?

Aperto a ponta do meu nariz. — Estou indo embora.

A caminho da porta, eu a abro, mas não posso dar um passo adiante sem ter certeza de que Willow está a salvo. Eu me viro para encarar Beth. — De nenhuma maneira isso pode recair sobre ela. Após este episódio, ela não pode ir embora amanhã. Ninguém, nem os pacientes, nem a equipe, ninguém diz uma palavra para ela. Nem mesmo você. Eles nem olham para ela da maneira errada. Faça o que tem que fazer. Apenas cuide dela. E... A mãe dela. Ela ficará chateada com isso, mas você precisa ter certeza de que ela entenda. O que aconteceu não foi culpa de Willow ou da sua doença. Ela estava...

Com o coração partido.

E a culpa foi minha. Ela ficou fora de controle por minha causa.



— Apenas certifique-se de que a sua mãe entenda para que Willow não se sinta culpada.

Beth tem lágrimas nos olhos e, por mais que eu odeie vê-la chorar, não suporto estar nesta construção. Depois desta noite, eu não voltarei. Eu não suporto ver isso. Não suporto pensar em andar pelos mesmos corredores que meu pai.

— Você sabe qual foi o maior erro do seu pai,

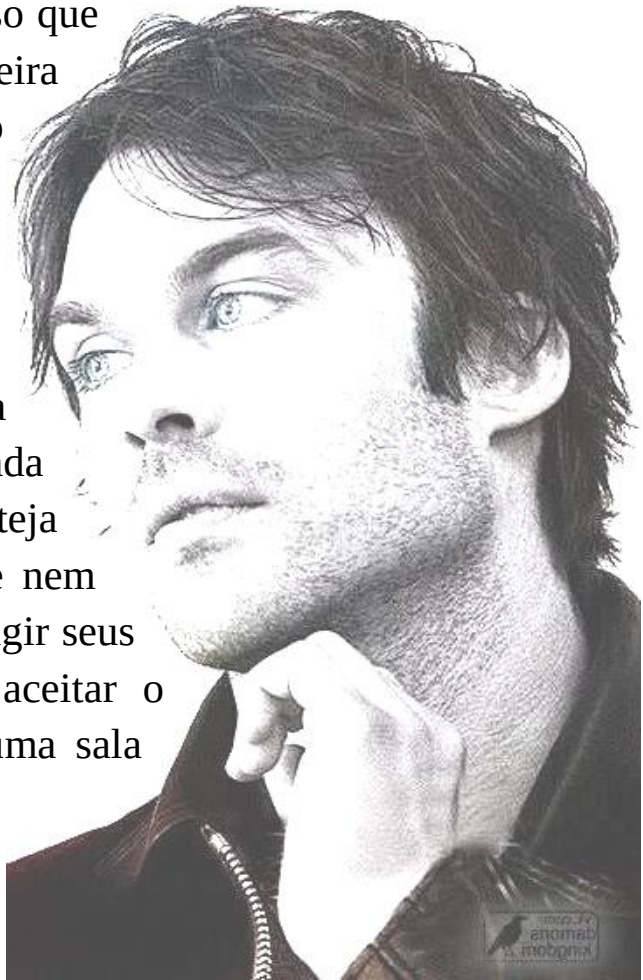


Simon?

Suas palavras me impedem de seguir novamente, mas desta vez eu quero ouvir a resposta. Realmente quero ouvir. Espero enquanto Beth reúne seus pensamentos e enxuga as lágrimas.

— Ele deixou o amor dele por ela se transformar em uma fraqueza. Ele era um ótimo médico, mas falhou em ser homem. Toda vez que ela passava por um surto, ele não aguentava. Ele não podia vê-la, então parou de vê-la. Ele se dedicou a salvar o resto do mundo porque sabia que não importava o que fizesse, não seria capaz de curar sua esposa. Ele esqueceu que tudo que sua esposa precisava dele era amor e apoio. Ela não precisava que ele fosse perfeito. Ela não precisava dele para curá-la ou ajudá-la ou torná-la melhor. Ela só queria que ele a amasse.

— Você quer ser melhor que o seu pai? Então pare de ser um herói. Pare de ter tanto medo de falhar. Você é apenas um homem. Você comete erros. Você os possui. Não fuja deles. Não fuja de si mesmo. Dê a si mesmo uma chance de falhar. Não lute contra o fracasso. Lute para se levantar deles. Lute pelo seu futuro. Não é isso que você diz aos seus pacientes? Lute. Pela primeira vez, lute por si mesmo. Salve-se. Ela não precisa de um herói. Ela só precisa de você.



É aí que Beth está errada.

Willow precisa de alguém perfeito. Porque *ela* é perfeita pra caralho. Ela é uma guerreira. Não precisa de alguém que ainda esteja perseguindo seu passado e sempre esteja perseguindo. Ela não precisa de alguém que nem consiga aceitar suas próprias fraquezas e corrigir seus próprios erros. Quem fica com medo de aceitar o fracasso de si mesmo, e muito menos em uma sala



cheia de pessoas como ela.

Ela não precisa de alguém que não consiga dormir à noite e, quando ele dorme, ele acorda suando frio. Quem se dedica ao trabalho, salvando pessoas, porque a outra opção é impensável. Que entra em pânico.

Ela precisa de um verdadeiro herói.

E eu estou quebrado.

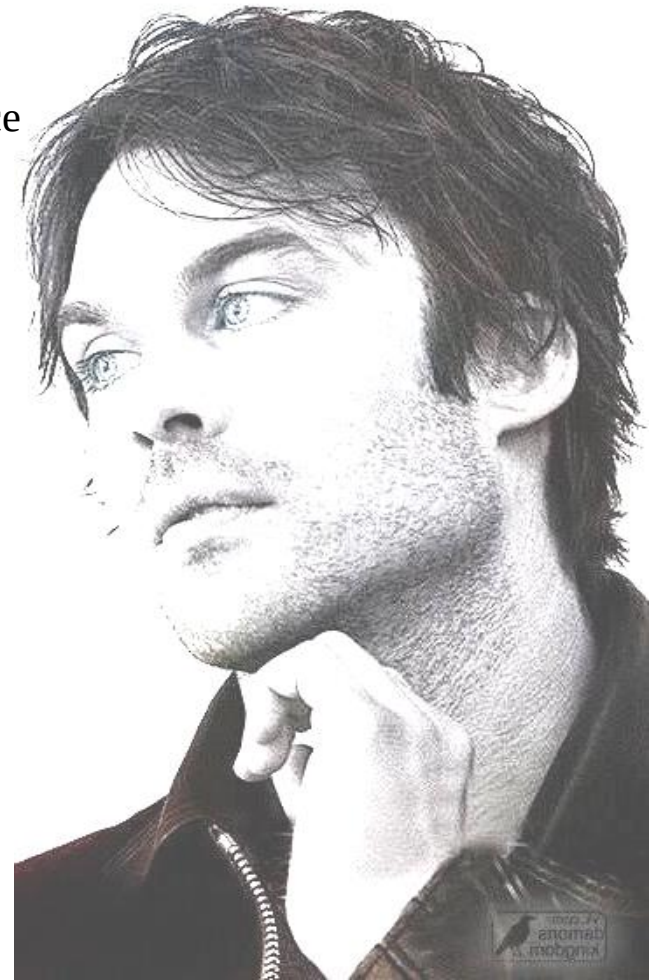
.....

Em algum lugar a cerca de três quilômetros de Heartstone, um cinto apareceu em volta do meu peito. Quanto mais eu me afasto do hospital, mais apertado ele fica. Até que seja quase impossível respirar. Até ter quase certeza de que terei que parar e obter ajuda.

Nesse momento, meu celular toca. É a enfermeira do meu pai.

Eu consigo atendê-lo. — Alô?

— Simon, é o seu pai. – diz ela. — Parece que ele está se lembrando. Você deveria vir vê-lo.




Lado de Fora

Dias desde o Incidente em Heartstone = 93



Capítulo Vinte e Dois

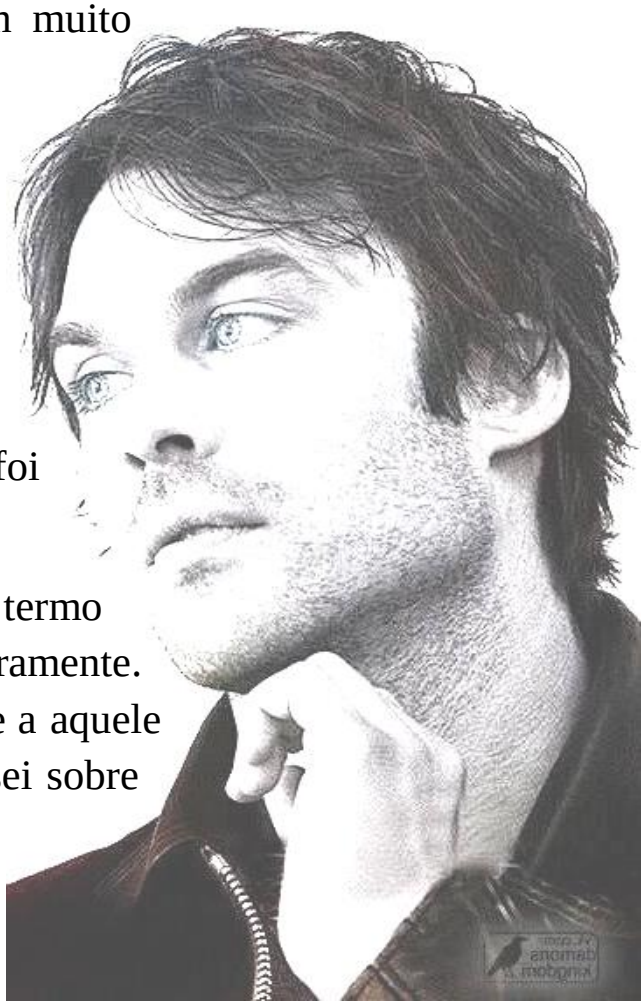
— Você já pensou sobre aquilo? Desde a última vez que nós conversamos.

— Sim.

Sento no meu sofá. — Quero dizer, não ativamente.

— Defina ativamente. – pergunta Ruth, minha terapeuta no Lado de fora.

Ela me lembra um pouco a Josie do Interior. Cabelo loiro e esbelta, mas sem óculos. Ela também gosta muito de seu bloco de anotações. Ela deveria gostar. Sua caligrafia é excelente. Eu espiei suas anotações, ou melhor, tentei, e os vislumbres que vi eram muito bonitos.



Cruzo as coxas, batendo o calcanhar da bota esquerda na perna direita. — Bem, você sabe, eu não queria pular na frente do ônibus como queria no mês passado. Então, viva para mim.

Nós dois rimos, e ela pergunta: — O que foi desta vez?

Estreitando os olhos, eu tento procurar o termo correto. — Um espanto em geral. – digo sinceramente. — Eu estava andando na rua e parei em frente a aquele prédio no meu bairro. Olhei para cima e pensei sobre



como seria pular dele. Isso foi por um segundo, acho. E então, eu fui embora.

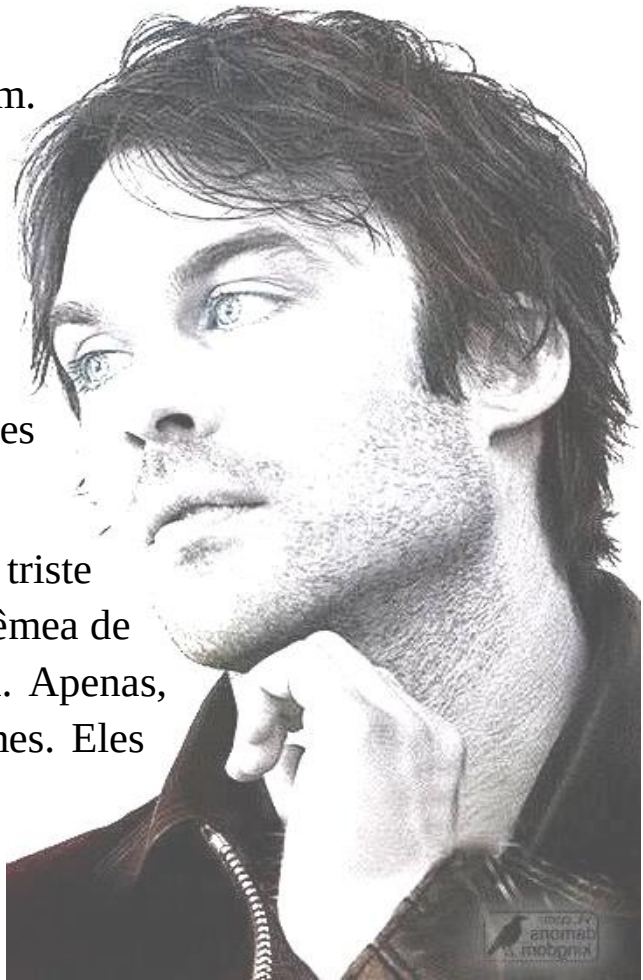
Ela assente e prepara a caneta para escrever algo. Ela é muito boa em não desviar o olhar de mim, mesmo quando está escrevendo. Ela deve ter tido muita prática, o que, por sua vez, significa que ela deve ter uma tonelada de pacientes como eu.

Todos perdidos. Todos lutando todos os dias. A rede de todos os escolhidos. Pessoas como eu.

Eu não estou sozinha. E também não estou lutando sozinha.

— O que fez você ir embora? – ela pergunta.

Suspiro, eu tamborilo os dedos no apoio de braço. — Minha mãe. Ela foi a primeira coisa ou pessoa em que pensei. Então minha avó, minha tia. Toda a minha família. Então pensei em todas as crianças da livraria. Eu as imaginei esperando que eu lesse a história, mas eu não estaria lá e eles estariam chorando. Isso era um pouco mais insuportável do que viver mais um dia.



Ruth assente novamente, sorrindo. — Bom. Isso é realmente muito bom.

— Sim. Estou lendo o *Cálice de Fogo*, e Harry está prestes a lutar contra um dragão. Não posso deixar isso pendente. Isso é tortura.

Ela ri. — Um dia desses, vou ler esses livros.

Eu me sinto animada e um pouco triste também. Ainda não encontrei a minha alma gêmea de Harry Potter. — Ah meu Deus, você deveria. Apenas, por favor, leia os livros. Não assista aos filmes. Eles



são péssimos. Quero dizer, veja-os depois de ler os livros. Mas, por favor, leia-os primeiro.

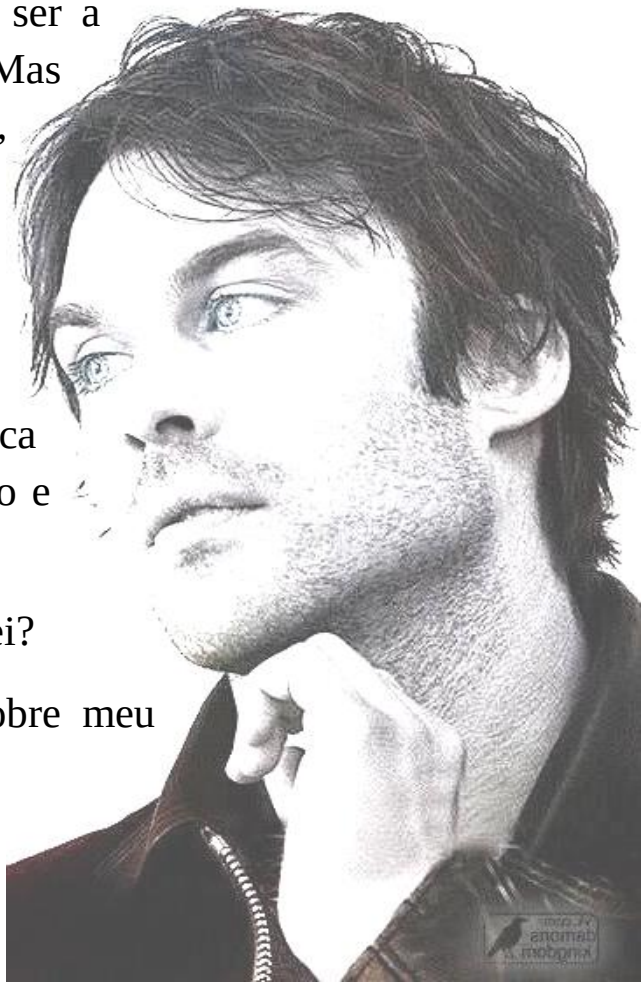
— Eu prometo que vou. – Então ela fica séria. — Conte-me sobre a Columbia. Você ainda está lutando nas aulas?

Eu me encolho, sentando-me. Ainda não gosto de admitir que eu estou lutando com minha depressão ou com meus cursos. Eu acho que nunca vai desaparecer, essa pequena dor quando se trata de admitir coisas. Sempre terei que me lembrar de que sou uma guerreira e não há vergonha em lutar. É a coisa mais honrosa que você pode fazer por si mesma. Refugiando-se contra a sensação de emoções que essas sequências de palavras invocam, respondo: — Um pouco. Mas não é tão ruim quanto era no começo, ou mesmo um mês atrás.

— Estou tão feliz em ouvir isso. Nada é fácil no começo, Willow. O começo é a parte mais difícil.

— Sim. – Concordo.

Ela está certa. Parece que o final pode ser a parte mais difícil, e dizer adeus dói mais. Mas está começando algo novo depois desse adeus, que é mais difícil de lidar. Porque quando você começa algo novo, depois de deixar algo para trás, os fantasmas desse passado sempre permanecem.



E ás vezes, esses fantasmas nunca desaparecem. Você os carrega em seu coração e em suas veias.

— Algum progresso na tarefa que eu te dei?

Suspirando, eu esfrego minhas mãos sobre meu



jeans. Na verdade, ele se molhou um pouco na chuva enquanto eu chegava. Ainda chove, água e neve fraca. As ruas serão uma desgraça, voltando para Village no Upper West Side.

Talvez eu possa pegar o metrô. Mas isso significaria mais do que meia hora de desvio do lado oeste para o leste, e não estou ansiosa por isso.

Talvez eu deva mudar de terapeuta. Encontrar alguém mais perto de onde eu moro.

É sobre a conveniência mais do que qualquer coisa. Verdadeiramente.

— Willow?

— O que?

— Você vai me responder?

Eu mordo meu lábio inferior. — Estou pensando.

— Você está enrolando.

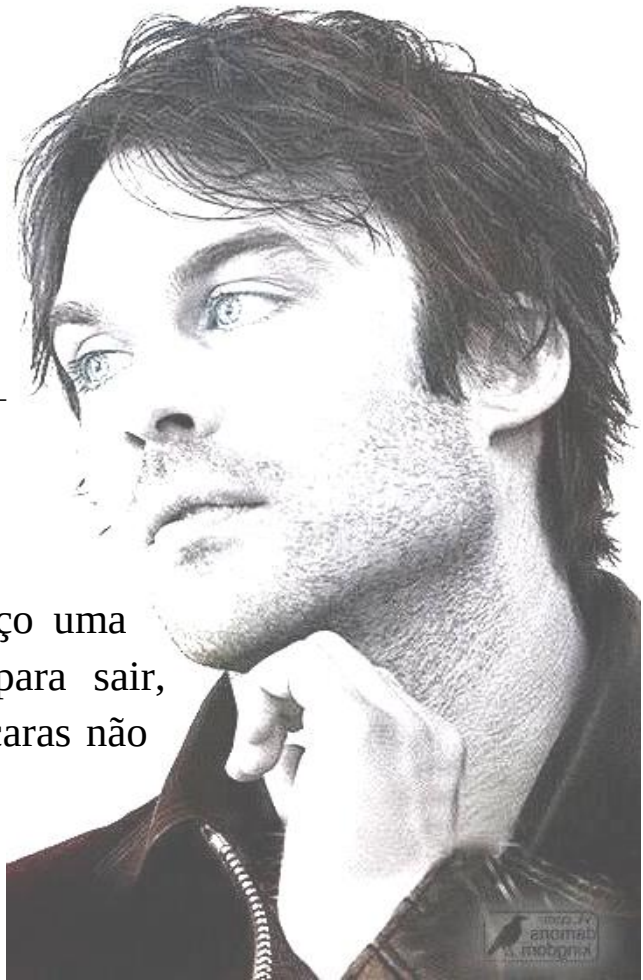
Eu suspiro novamente. — Não.

— O que o não significa? Que não está enrolando ou não houve nenhum progresso?

Enfiando as minhas mãos entre minhas coxas e o sofá de couro, eu murmuro: — Nenhum progresso. – Depois, mais alto: — Mas estou trabalhando nisso.

— Sério?

— Sim. Bem, mais ou menos. – eu faço uma careta. — Eu não sou muito convidada para sair, honestamente. Não sou do tipo popular. Os caras não





estão interessados em mim. Não que isso seja uma coisa ruim. Eu não estou me rebaixando, mas eles não estão realmente.

— Eu acho que é o contrário. Acho que você não está interessada em ninguém. Porque você ainda está interessada nele.

Uma dor aguda surge logo abaixo das minhas costelas, como uma cãibra que aperta, até que eu tenha que fechar os punhos e ranger os dentes um pouco.

Limpando a garganta, abro as mãos e as levo ao meu colo, esfregando a tatuagem no meu pulso esquerdo. — Eu não sou uma idiota.

— Eu não disse que você era. Você está apaixonada. Por alguém que não te ama.

Mas e se ele amar?

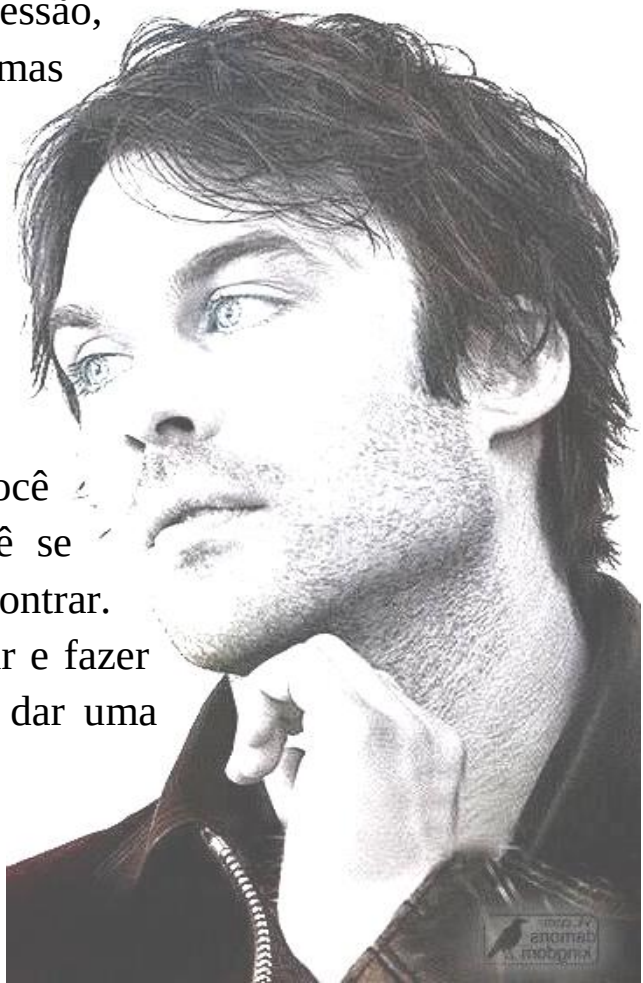
Esse é sempre o meu primeiro pensamento. Sempre.

Sabe, para uma garota que sofre de depressão, sou um pouco otimista demais com algumas coisas. Tolamente otimista.

Insensata. Imprudente. Ridícula. Uma louca de amor.

Isso é o que eu sou. Provavelmente, é assim que sempre serei.

— Está na hora, sabe. – diz Ruth. — Você precisa dar uma chance a alguém. Se você se abrir, Willow, ficará surpresa com o que encontrar. Não estou dizendo para se apaixonar, se casar e fazer um monte de bebês. Eu estou dizendo para dar uma





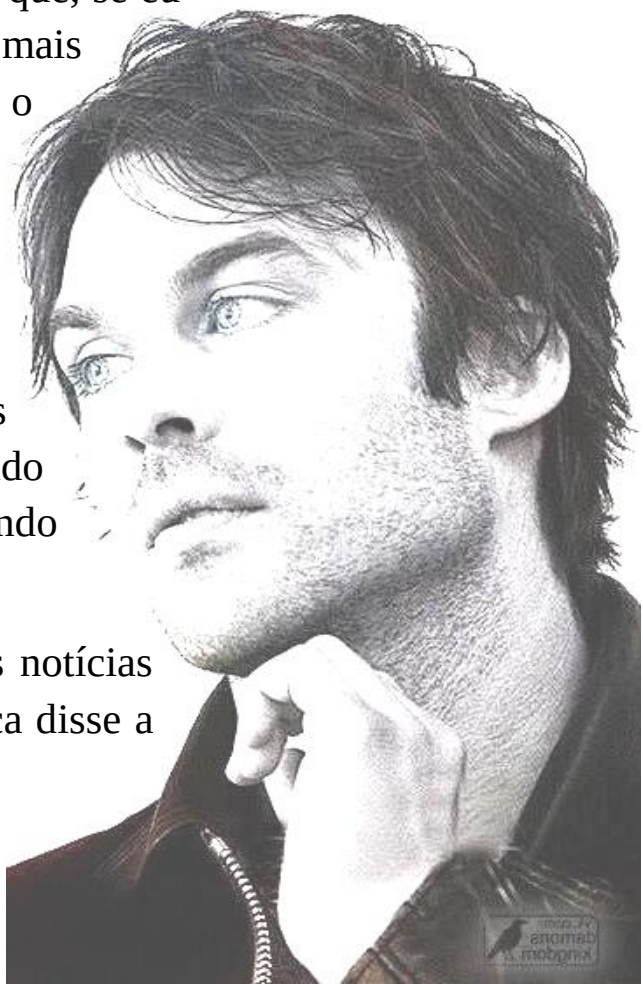
chance a alguém. Saia. Divirta-se. Você é jovem. Viva sua vida. – ela cruza as mãos no colo, abaixando o bloco de anotações. — Lembre-se o que você me disse quando veio até mim.

Quando vim até ela, eu ainda estava tão triste e com o coração partido que nem pensei em viver para ver outro dia. Mas eu fiz. Um após o outro. E já se passaram três meses desde O Incidente em Heartstone. Noventa e três dias.

Noventa e três dias de vida. De acordar todos os dias e construir uma nova vida para mim: Columbia, um emprego na Livraria Treze Esquinas, jantares de domingo com minha família, sair com Renn, Penny e Vi.

E a cada um desses noventa e três dias, meu primeiro pensamento é sempre nele. Onde ele está? Por que ele foi embora? Por que ele não podia me amar? Talvez todas as coisas horríveis que ele disse fossem mentiras. Talvez ele tenha dito uma coisa, mas quis dizer outra.

Nos meus momentos mais frágeis, pensei que, se eu fosse um pouco mais bonita, mais velha ou mais sofisticada, e não uma maldita louca que o atacou, talvez ele pudesse me amar. Ele poderia me ver como mais do que uma garota com quem dormia.



Eu me pergunto o que Ruth diria se eu contasse a ela que o homem de quem falamos nos últimos dois meses era meu psiquiatra. Tudo o que ela sabe é que eu conheci alguém quando estava no Interior e que ele nunca me amou.

Ah, e aquilo, que ataquei um médico; as notícias voam rápido. Ela não sabe o porquê. Eu nunca disse a



verdade.

É um segredo que pretendo manter.

— Eu disse para você que queria viver. – respondo.

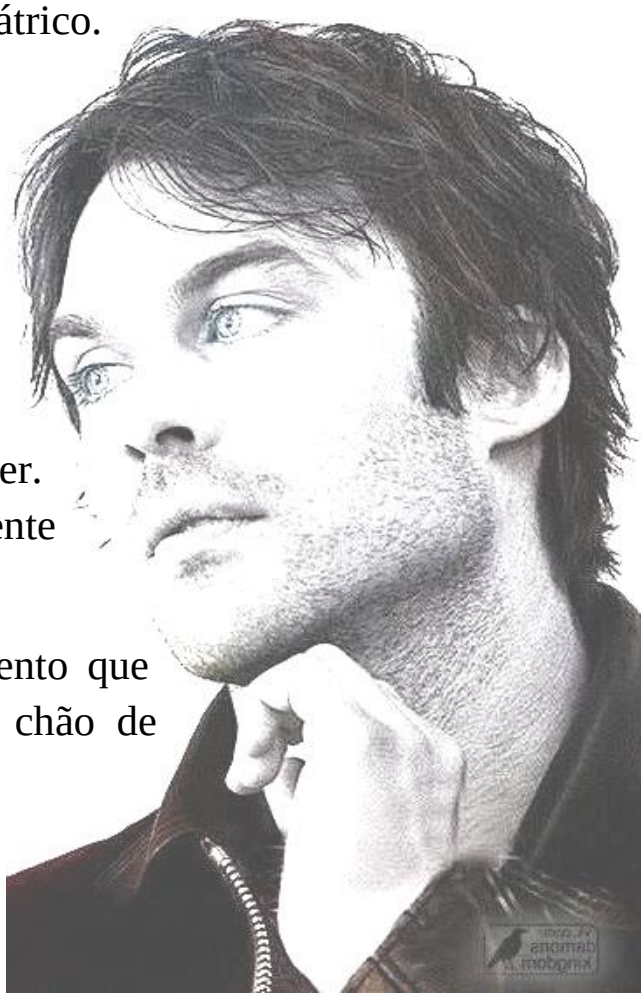
— E você está vivendo, Willow?

Engolindo, digo a ela: — Estou tentando.

— Bem, isso é tudo que você pode fazer. Isso é tudo o que qualquer um pode fazer. Podemos tentar, e às vezes falhamos. E às vezes chegamos aonde queremos ir. Mas nunca saberá se não tentar. Você tem que tentar, Willow. – ela está me dando um olhar tão significativo, e sabe o que, ela está certa. Faz três meses e preciso deixar isso para lá. Nunca vou saber se não tentar.

— Ok. – Concordo sorrindo um pouco.

Talvez, se tentar, chegarei aonde quero, um lugar onde essas semanas não existem. Esse sempre foi meu objetivo, não foi? Não pensando em passar um tempo em um hospital psiquiátrico. Queria deixar isso para trás quando eu saísse.



Mas a ironia disso é que não consigo suportar o pensamento de esquecer as semanas que mudaram completamente minha vida. Talvez possa manter as boas lembranças e esquecer as feias.

Sim, talvez seja isso que devo fazer. Lembrar-me dos bons tempos, e não do Incidente em Heartstone.

Três horas depois, eu estou no apartamento que divido com a Renn no Village, deitada no chão de



carpete, olhando para o teto branco de textura.

Renn, Vi e Penny estão deitadas em um círculo ao meu lado, nossas cabeças de um lado e nossas pernas levantadas e apoiadas no sofá de camurça amarela ou na mesa de café marrom.

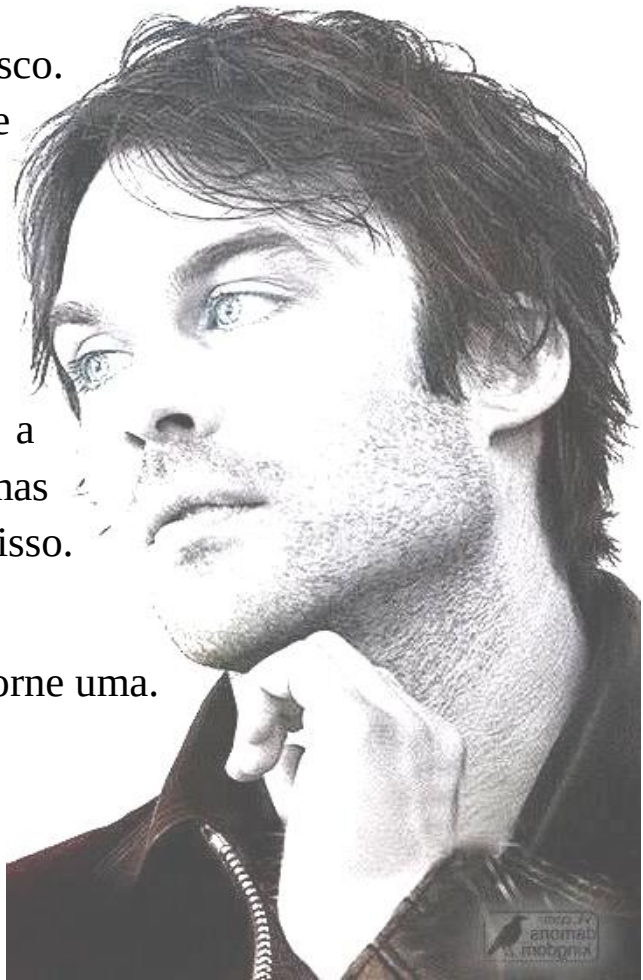
Esta foi mais uma de nossas noites de pôquer e, como sempre, Renn tirou meu dinheiro pelo qual trabalho muito na livraria.

Eu a odeio.

Na verdade eu não odeio. Eu a amo e ela veio em meu socorro, não só no Interior, mas também no Lado de fora.

Depois do Incidente em Heartstone, tive que ficar no Interior por mais quatro semanas. Eles me aconselharam muito que eu deveria ficar, e eu concordei.

O que aconteceu foi errado. Eu fiz uma coisa errada. Eu não deveria ter atacado ele.



Eu coloco a mim e a minha saúde em risco. Nenhuma quantidade de coração partido deve resultar nisso. Simplesmente não sabia que um coração partido poderia ser tão poderoso. Mas decidi uma coisa: não importa o quanto dói, nunca mais vou fazer isso de novo.

O amor não deve fazer você perder a cabeça assim. O amor pode ser prejudicial, mas não deve ser tóxico. É puro demais para isso. Mágico demais.

Não é uma doença e não deixarei que se torne uma.



Saffron A. Kent

Eu fui a última da nossa turma a sair e, quando o fiz, sentindo-me perdida e com medo, Renn me ligou e perguntou se eu queria dividir um apartamento com ela. Ela disse que estava tentando essa nova coisa saudável independente e prefere fazer comigo que sozinha. Claro, que eu disse sim.

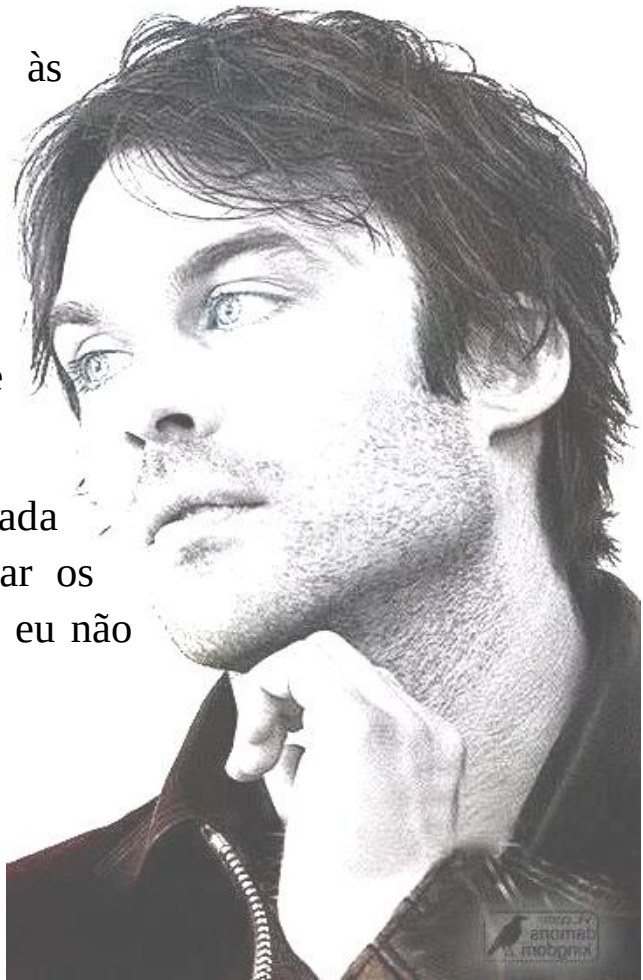
E, francamente, eu não estava pronta para fazer isso sozinha de qualquer maneira.

Algo sobre entrar no mundo do Lado de fora me assustou. Talvez tenha sido a falta de estrutura.

No Interior, tudo é organizado. Você segue uma rotina. Você segue as regras. No Interior, você é a pessoa mais importante e o aspecto mais importante da sua vida. Mas, no Lado de fora, as prioridades mudam. As coisas são caóticas, como as ruas da cidade de Nova York no inverno. Sujas, cheias de lodo e cheias de tráfegos.

É fácil se perder. É fácil pensar que você não é bom o suficiente para viver. Todo desafio é muito mais difícil do Lado de fora.

— Ruth quer que eu namore. – digo às meninas.



Sinceramente, não tenho certeza se vão me ouvir. Elas estão bêbadas e chapadas pra caralho. Até Penny, que geralmente não gosta de ficar sob a influência. Mas é sexta-feira e as coisas estão tranquilas.

Eu não tenho escrúpulos em ficar bêbada com a vodka de Renn e praticamente inalar os brownies engraçados de Vi, mas hoje à noite eu não quero. Eu não estou no clima.



— Namorar com quem? – Renn pergunta ao meu lado com sua voz toda rouca.

Maconha a deixa com tesão. Ela me deixa com tesão também. Também me faz sonhar com ele.

É por isso que escolhi permanecer sóbria. Então, eu não sonho com ele hoje à noite, me toco e depois choro. Eu preciso seguir o conselho de Ruth. Eu nem sei por que não estou.

— Namorar com quem. – Essa é Penny em sua voz risonha. — Você é uma vaca tão ignorante.

— Você é uma bruxa tão feia. – Renn ri.

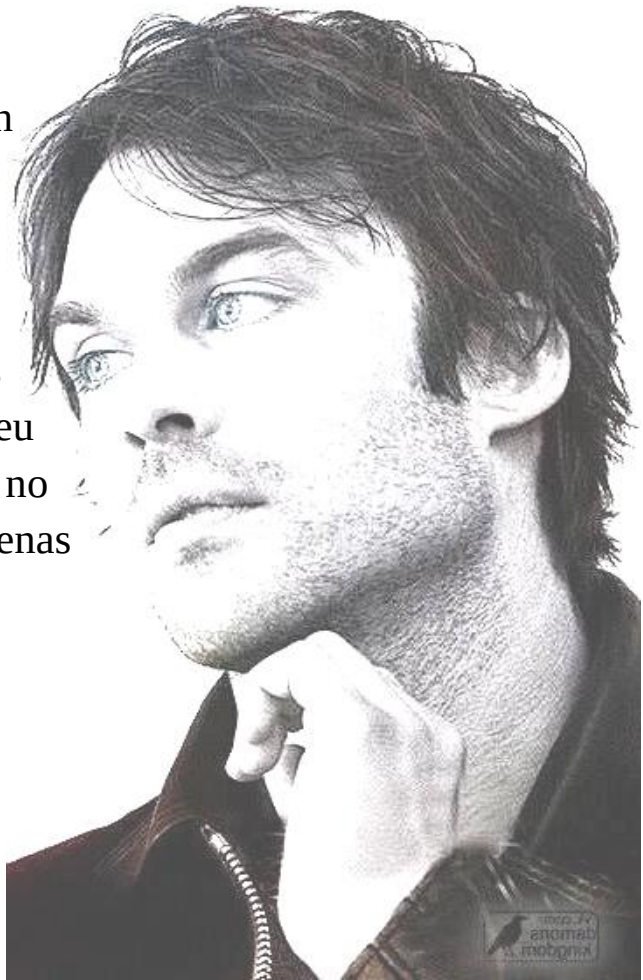
Vi simplesmente bufa.

Bufando, encolho os ombros. — Para responder à pergunta de Renn, eu não sei. Alguém. Um cara.

— Namore com uma garota. – Renn suspira.

— O que?

— Sim. Namore com uma garota. Ah cara, namore uma garota com seios grandes.



Viro de bruços para olhar Renn. Ela está passando um dedo pelo peito e esfregando as coxas. Sua camiseta é grande demais, mas transparente. Nada mudou muito em seu guarda-roupa desde quando estávamos no Interior. Exceto que ela não usa calças, apenas bermudas, pelo menos quando está em casa.

— Isso é o tesão falando?



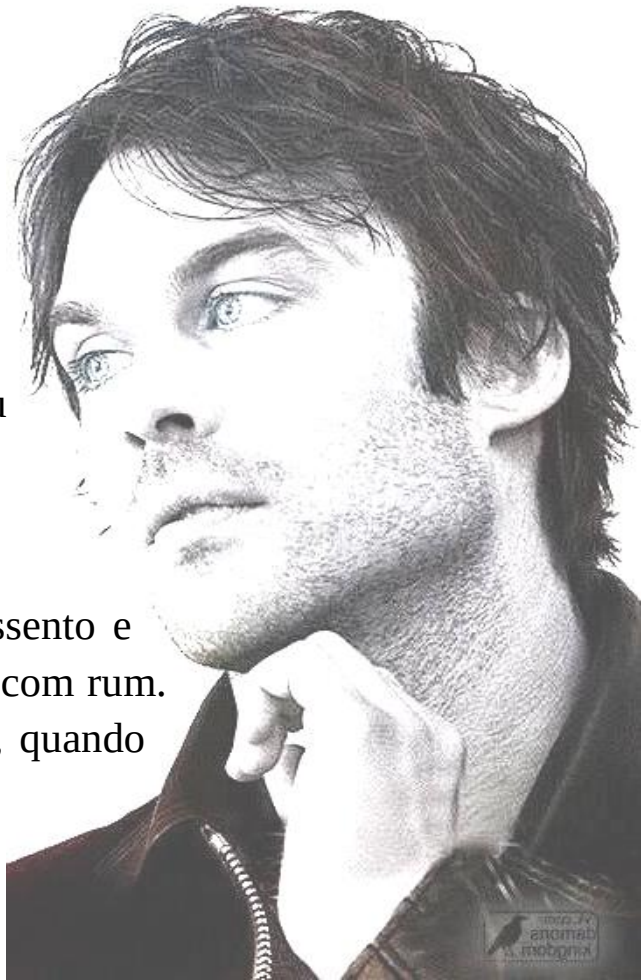
Ela me dá um olhar. — Isso é a solidão falando. – Desviando o olhar, ela continua: — Quero dizer, como é estranho eu não ter tocado os seios de outra mulher. Não deveria conhecer a minha própria espécie intimamente? Isso é uma tragédia.

Vi também vira de bruços. — Ou pode ser o fato de você estar pensando em Tristan.

Agora, Vi? Essa garota mudou completamente. Seu cabelo é rosa e, em vez de usar roupas sem graça e indefinível, como ela usava no Interior, ela agora usa shorts como eu e camisetas de punk rock. E ela gosta de assar. Especialmente brownies com maconha.

Ainda não sabemos qual é a história exata dela nem como o noivo dela morreu, mas tenho a sensação de que um dia saberemos. Quando ela estiver pronta para nos contar. Não estou tão frustrada quanto Renn às vezes fica.

Renn também vira de bruços. — O que?



— É uma conclusão válida.

— Como isso é uma conclusão válida?

— Quando a Willow chegou em casa do trabalho na semana passada e disse que havia chegado um novo funcionário chamado Christian, você ouviu *Tristan* e ficou completamente assustada.

— Eu não!

— Você pulou um quilômetro no seu assento e comeu toda a massa de biscoito de chocolate com rum. E então, nós ficamos acordadas a noite toda, quando



você estava vomitando.

Jogando uma almofada no rosto de Vi, ela diz: — Foda-se, Vi. Esse foi um momento frágil. Um golpe tão baixo.

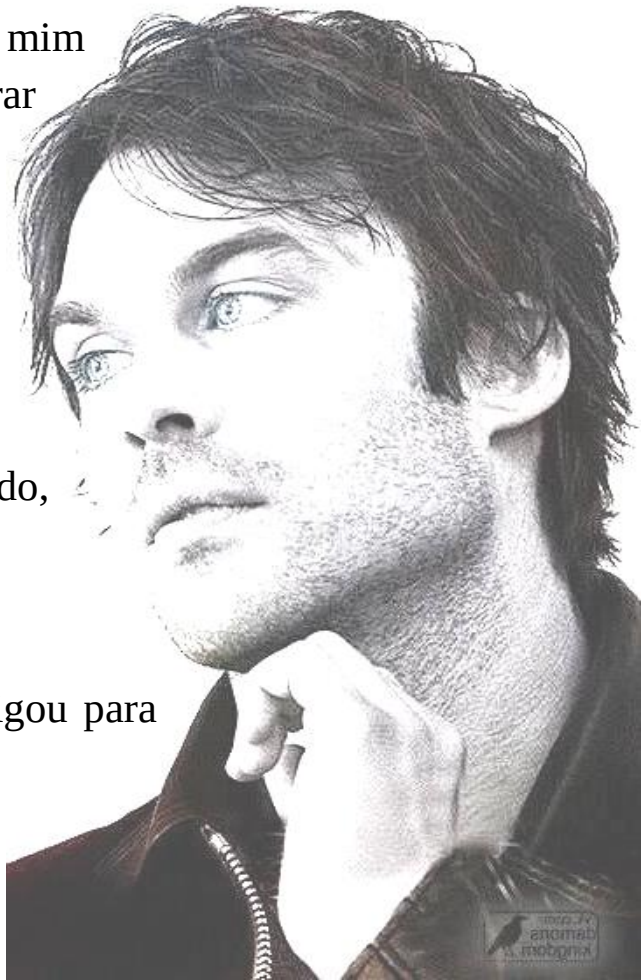
— Mas é verdade. – diz Penny, virando de bruços também e com as mãos sob o queixo. — Você se assustou um pouco.

Renn está deitada de costas, chutando os pés no ar. — Eu não. Eu só conhecia o cara há três semanas no máximo. Isso não é nada. E durante todo esse tempo, ele me irritou, ok? Eu nem me lembro como ele é. A única razão pela qual não esqueço o nome dele é porque vocês não param de dizer. Então, podemos seguir em frente com essa brincadeira?

— Mas...

— Gente! – eu levanto minha voz e minhas mãos, decidindo pular a conversa, ainda me fazendo de pacificadora. — Parem de brigar, ok? Eu não gosto de brigar.

Todas as três ficam quietas e olham para mim por alguns segundos antes de virar e me ignorar completamente. Suspiro, balançando a cabeça. Eu nunca deveria ter mencionado *namoro*.



Em meio ao caos, ouço meu celular tocar. É a Beth.

Dando-lhes um último olhar exasperado, vou para o quarto e fecho a porta. — Oi, Beth.

— Oi, Willow. Como você está?

Desde que saí há dois meses, Beth me ligou para



me verificar. Nos aproximamos, na verdade. No começo, pensei que ela fizesse isso com todos os pacientes, por mais inacreditável que isso possa parecer. Mas então percebi que ela só fez isso comigo, porque nenhuma das outras garotas recebia ligações dela.

Eu me sentiria um pouco estranha e desconfiada com as ligações regulares dela, mas na verdade não me sentia. Eu nunca perguntei por que ela me ligava.

Vou até a janela e pressiono o nariz no vidro, olhando a noite escura e chuvosa. — Eu estou bem. Como você está? Como está Heartstone?

— Está bem. Mas não é o mesmo sem você.

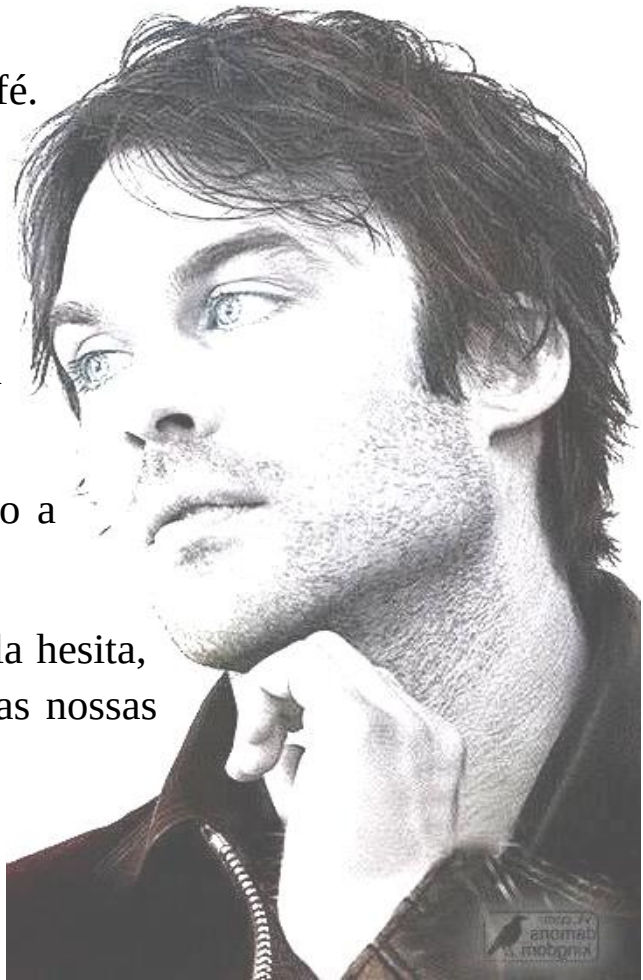
Eu sorrio. — Ah, você é doce. Você sente a minha falta?

— Claro.

— Talvez eu deva voltar.

— Ah Deus não. Fique aí fora.

Eu ri. — Talvez devêssemos tomar café. Você deveria vir à cidade.



Eu a ouço rir. — Sim talvez.

Então ela fica quieta por alguns segundos e eu acho que a perdi. Olho na tela para confirmar, mas não, a ligação ainda continua.

— Beth? – eu falo ao telefone, franzindo a testa. — Você está aí?

— Sim estou aqui. Sinto muito por... – ela hesita, e meu coração acelera. Até agora, em todas as nossas



ligações, Beth nunca hesitou. Ela é geralmente muito calorosa e amigável, até maternal. Ela me pergunta sobre meu trabalho, minha terapia com Ruth, até sobre jantares de domingo com minha família.

É uma conversa bem leve e agradável. E no final, estou sorrindo e sofrendo. Alguns dias a mágoa supera o sorriso, mas esse é o meu problema. Na minha cabeça, Beth está ligada a ele.

De repente, isso me atinge. Que eu não posso mais falar com ela. Não posso receber esses telefonemas se quiser seguir em frente.

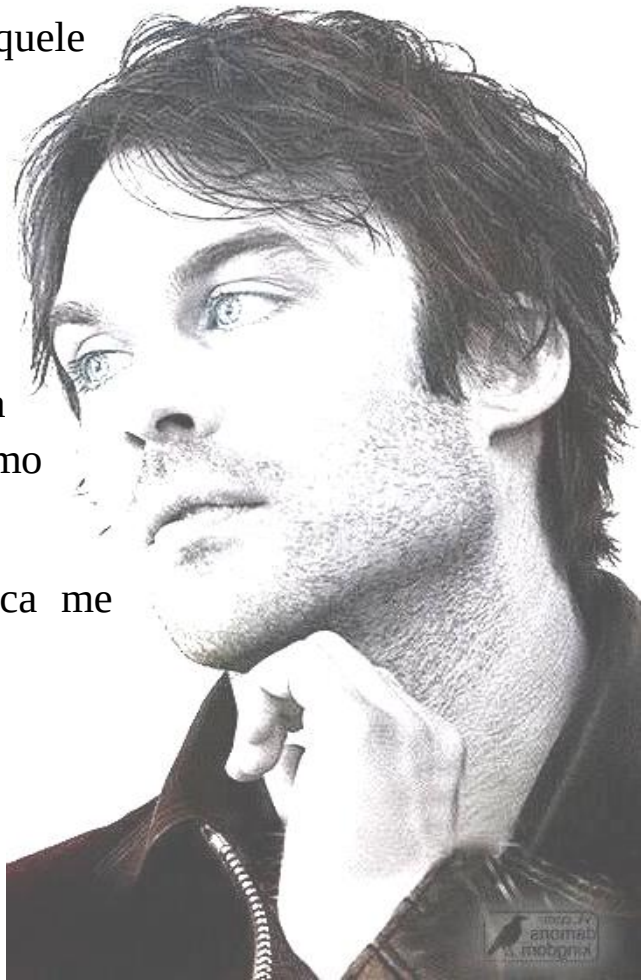
A verdade é que a única razão pela qual falo com ela é porque quero mantê-lo. Eu até espero ouvir algo sobre ele.

— Willow, quero lhe perguntar uma coisa.

Meu coração está na minha garganta, pulsando, batendo enquanto espero ela fazer sua pergunta. Tenho a sensação de que hoje vou descobrir por que ela está me ligando.

— Você vai me dizer o que aconteceu naquele dia?

Minha cabeça cai e encaro meus pés descalços. Não aguento mais usar minhas pantufas de coelhinho. Elas me lembram dele. De como ele os colocou nos meus pés quando estava me limpando e como me pediu para mantê-los quando ele estava me fodendo como se me amasse.



— Por quê? – sussurro. — Você nunca me perguntou antes.



É verdade.

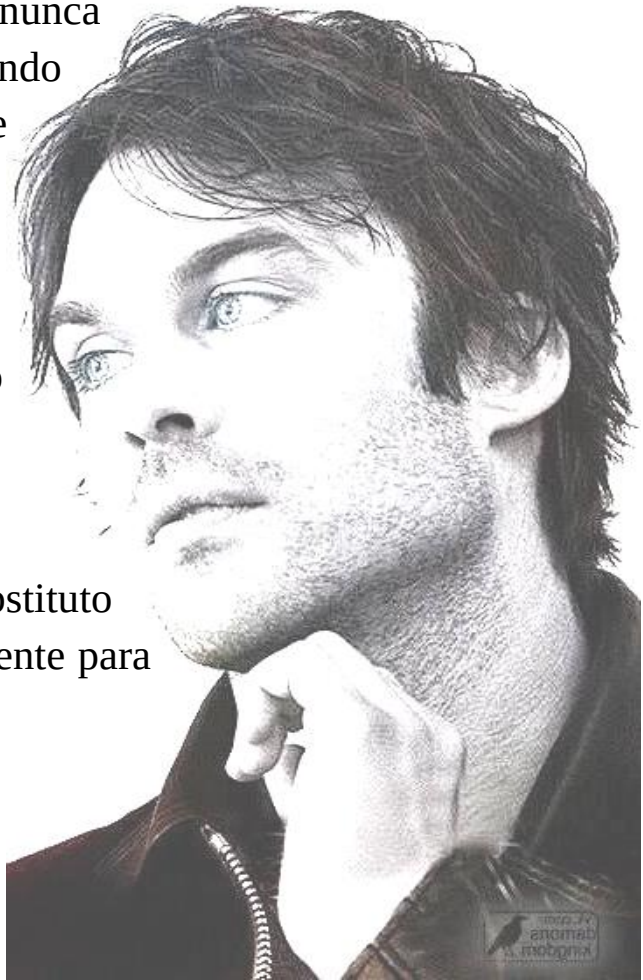
Após o incidente, Beth me chamou em seu escritório e me disse que eu precisava me concentrar em melhorar. Ela me deu a opção de ficar, dizendo que conversaria com minha psiquiatra do Lado de fora, recomendando-a altamente.

Nem uma vez ela me perguntou por que ataquei um médico. Eu tinha um pressentimento que ela sabia, no entanto. Não sei por que ela não disse nada.

Josie sabia também. Porém, nunca dissemos o nome dele em voz alta em nossas sessões. Eu disse a ela que nunca mais queria voltar àquele lugar em que pudesse me tornar um perigo, por mais que estivesse com o coração partido.

Minha saúde mental é minha e preciso fazer tudo para protegê-la. Só eu sou responsável por isso, mais ninguém. Nem *ele*.

Mas Heartstone é um lugar pequeno. As coisas correm. Especialmente desde o dia seguinte ao incidente, ele saiu e nunca mais voltou. Sem mencionar, que todo mundo sabia do nosso número de sessões mais do que o habitual. Eu era a única que via o médico encarregado todos os dias em seu consultório. O resto seguiu uma rotina.



E pensei que nós estávamos sendo tão inteligentes sob o pretexto da medicina.

Uma louca de amor.

Enfim, eles trouxeram outro médico substituto que ficou até Dr. Martin ficar melhor o suficiente para se juntar a nós.



Ela suspira, me trazendo de volta ao presente. — Estou perguntando, porque sinto que o que aconteceu foi, de alguma forma, minha culpa.

Minha cabeça levanta. — O que?

— Eu sabia, Willow. Sabia que você estava passando um tempo com ele. Eu vi o jeito que você olhava para ele e o jeito que agia um ao outro. Foi minha culpa. Eu deveria ter parado aquilo.

— Por que você não parou?

Sua risada é triste. — Ele me perguntou a mesma coisa. E eu vou lhe contar a mesma coisa que disse a ele. Eu sabia que você estava apaixonada. Quando descobri, sabia que era tarde demais. Talvez fosse sempre tarde demais. Talvez você estivesse sempre apaixonada por ele.

Meu coração está batendo tão rápido que não consigo respirar, muito menos falar. — Eu... Eu não estava...

Não sei o que estou tentando dizer. Talvez esteja tentando negar.

— Ele me disse que eu deveria ter parado quando tive a chance.

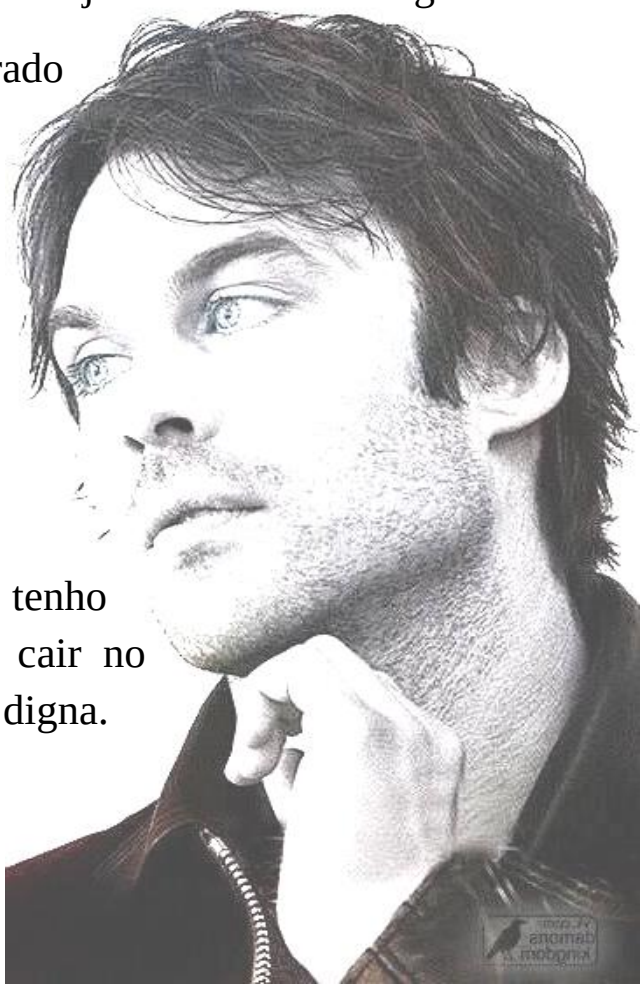
— Si... Simon?

— Sim, e eu deveria. E é assim que eu sei o que você é para ele. Ainda.

— O que eu sou?

— Algo que ele quer, mas não se permite.

Meus joelhos cederam completamente e tenho que agarrar o parapeito da janela para não cair no chão, em vez de me abaixar como uma pessoa digna.





Mas o problema é que minha dignidade está morta. Tudo se foi.

Deus, eu sou patética.

Sou patética nisso em todos esses meses, é quando meu coração decide acelerar. Este momento. Este é o momento que meu corpo decide acordar de um longo sono. Arrepios, tremores e o início de uma tempestade.

— Willow? Você está aí?

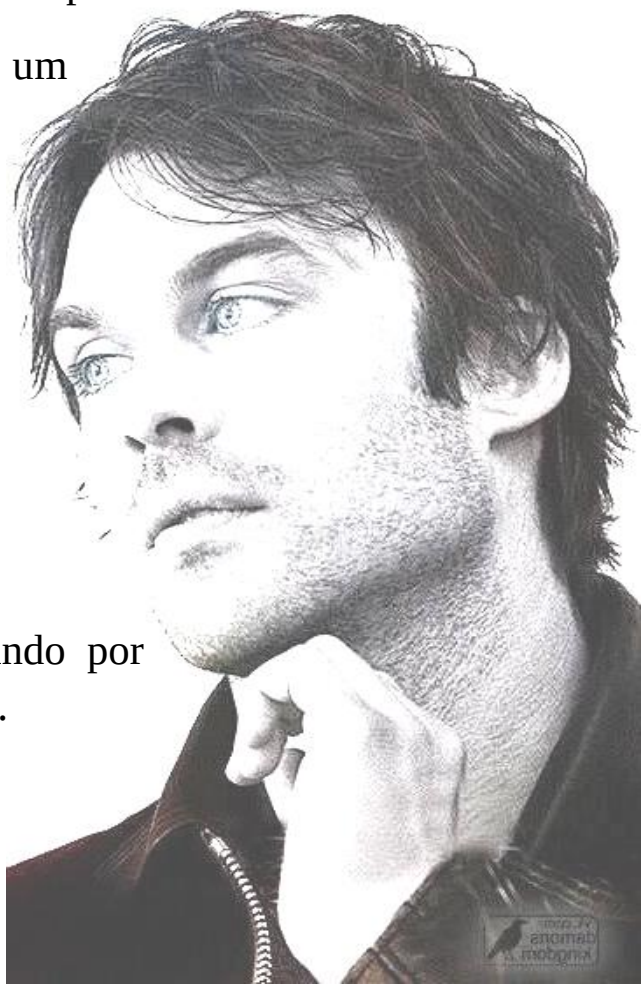
Eu rio com um som curto e forçado. — Estou aqui.

— Querida, eu sei...

— Por que ele foi embora? Depois daquele dia. Por que ele foi embora? Por que ele não voltou?

Estou cravando minhas unhas nos joelhos nus, sentada, encostada na parede do meu quarto. Estou a um passo de me encolher em uma bola.

— Você deveria perguntar isso a ele. – ela responde.



Algo está começando a se partir em um milhão de pedaços. Não é o meu coração.

Não pode ser. Ele já quebrou. Então, talvez seja a minha psique.

Talvez seja assim que eu vou perder a cabeça. Terceira vez é o charme, não é?

Talvez eu chame o Incidente de Simon.

— Não. Estou perguntando a você.

— Ele foi embora porque estava passando por algo e pensou que estava fazendo a coisa certa.



— Isso tem algo a ver com Claire?

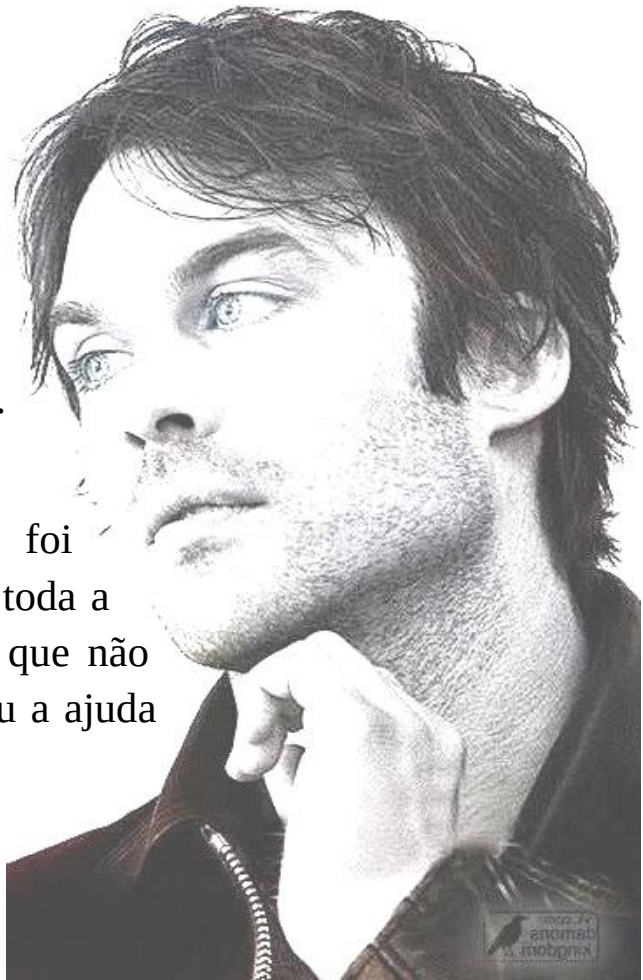
Sua respiração nítida não foi ignorada. — Você sabe sobre a Claire?

— Não. – digo. — E esse é o problema. Eu não sei de nada. Não tenho o direito de saber nada, Beth. Ele nunca me deu esse direito.

Talvez ela também esteja emocionada com uma tonelada de emoções, porque a ouço engolir. — Não estou justificando o que ele fez. Mas na época, ele pensou que deixar você seria o melhor.

— Para quem? Ele ou eu? Porque pelo que me lembro, eu estava drogada e sedada e ele não estava lá. – eu fungo. — E você sabe o que mais? Eu ainda o procurei naquela manhã. Eu acordei e pensei que depois de tudo ele estaria lá. Que ele pelo menos falaria comigo. Mas não, eu estava errada. Ele nunca veio.

Estou prestes a ferir minha pele; Posso sentir isso. Minhas unhas estão compridas e afiadas, ao contrário de quando eu estava trancada em Heartstone.



Agora, elas são letais.

— Sabia que a mãe dele era paciente de seu pai? – Beth diz depois de um tempo.

— Sim. – eu sussurro.

Eu sabia. Mas não porque ele me contou. Foi a Renn.

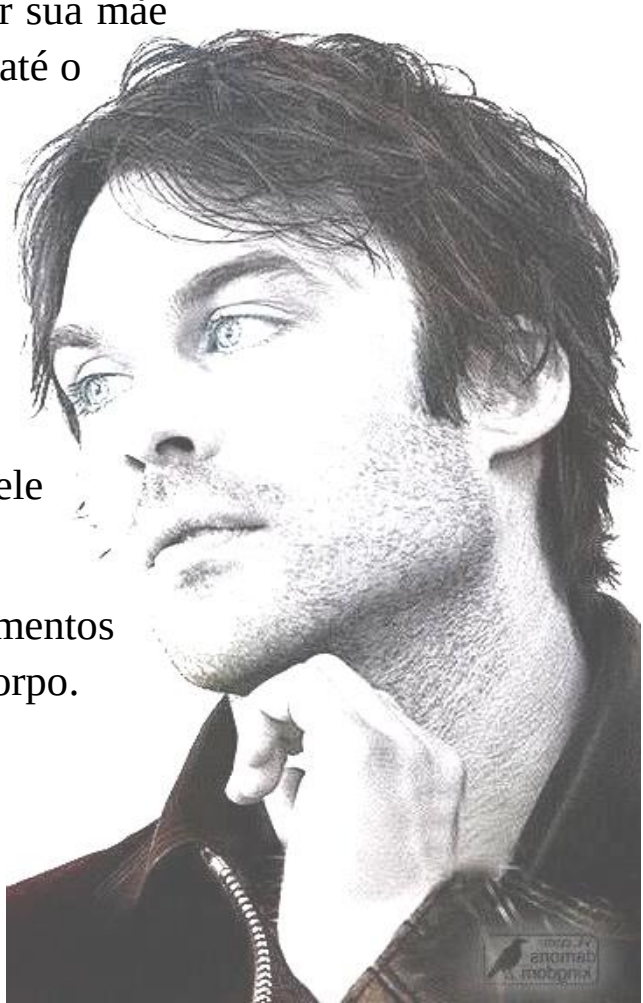
Depois que tudo aconteceu e Simon foi embora, ela encontrou uma maneira de obter toda a sua história. Eu não pedi para ela. Ela disse que não podia me ver mal, então finalmente conseguiu a ajuda



do assistente do pai, como me disse que faria. Ele contou a ela tudo o que havia para saber sobre Simon. Incluindo sobre a Claire.

Mas quando Renn tentou me contar sobre ela, eu me recusei a ouvir. Eu não queria saber. Seja o que for, isso não vai mudar o fato de eu amar um homem que pensou que eu era uma foda fenomenalmente apertada e nada mais. Eu abraço meus joelhos com mais força, me sentindo tão sozinha. Mais solitária do que nunca. Mais solitária do que quando eu estava realmente esperando ele voltar, deitada acordada naquela cama de solteiro irregular no Heartstone.

— Eles estavam apaixonados, a mãe e o pai dele. Muito amor. Joseph e eu, não ficamos muito felizes com isso no começo. Mas amor é amor. Aconteceu. Eles queriam se casar e era isso. Eles estavam felizes no começo, mas as coisas mudaram. Alex - Alexandra, ela era uma mulher deslumbrante, mas era muito para Alistair lidar. Eu seria a primeira a admitir que ele era fraco. Ele deixou o casamento continuar e o peso disso caiu sobre Simon. Aquele garoto estava lá por sua mãe desde o primeiro dia. E ele ficou ao lado dela até o fim. Foi ele quem encontrou, o cadáver dela.



— O que?

Minhas unhas se soltam da minha pele como se tivesse perdido toda a minha força. Toda a minha raiva. Minha luta.

— Ele tinha quatorze anos. O pai dele estava fora da cidade para uma conferência.

Estou cambaleando. Com os meus batimentos cardíacos e minhas respirações. Todo o meu corpo.



— Eu... Eu não...

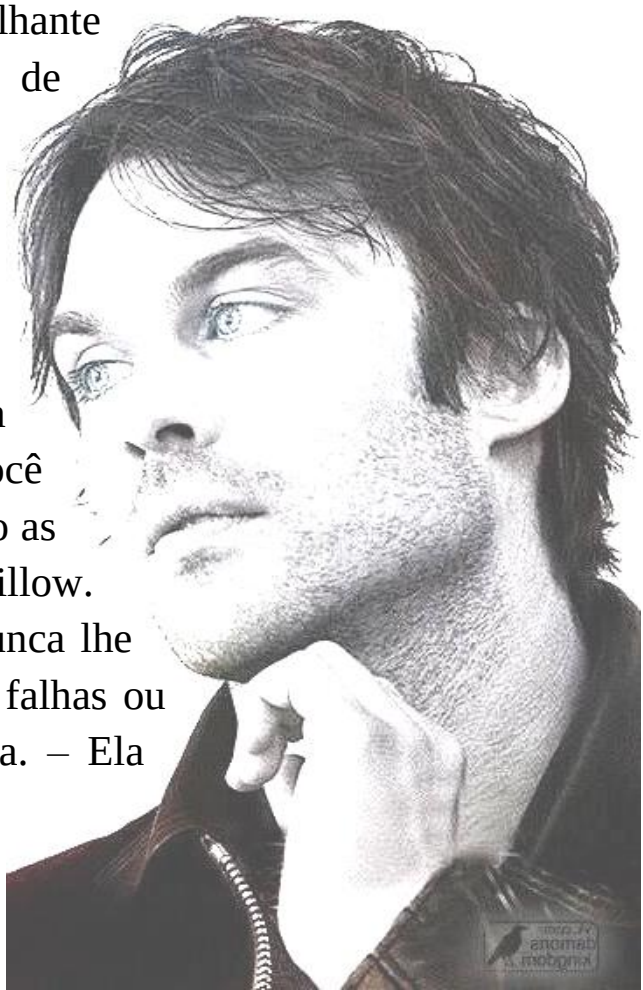
— Está tudo bem, poucas pessoas sabem. Só sei porque a polícia nos chamou, Joseph e eu. Deus sabe, se não tivessem, Simon nunca teria nos contado.

Ela se suicidou.

Lembro-me de seu rosto desde o dia em que ele disse isso. Ele parecia tão arrasado. Muito perdido. Ninguém nunca precisou de mim como ele naquele dia. Ninguém nunca me fez sentir tão útil e maravilhosa, como uma resposta para todas as suas orações.

Uma forte explosão de desejo me pega desprevenida e eu pressiono uma mão na minha boca, quase mordendo os nós dos dedos. Apesar disso, eu consigo dizer. — Sim, ele não teria.

Eu acho que Beth sorri. É um pouco triste, mas eu ouço na voz dela. — Ele sente demais, Willow. E tudo isso está dentro dele. Acho que ele nunca conseguiu expressar nada. Seu pai não estava lá, então ele cuidou de sua mãe e ela era tão vivaz e brilhante. Brilhante demais, quase. Ele nunca teve a chance de brilhar. Simon não é bom em expressar coisas.



— Eu sei.

— Ele sempre foi reservado, muito contido e a única vez que o vi ganhar vida foi quando ele estava com você. A única vez em que o vi sorrir ou mesmo feliz foi quando você estava lá. E eu sei que ele não deveria ter feito as coisas que fez. Mas ele precisa de você, Willow. Ele precisa tanto de você e é por isso que nunca lhe diz porque é assim que ele é. Ele não aceita falhas ou fraquezas de ânimo leve. Ele não pede ajuda. – Ela



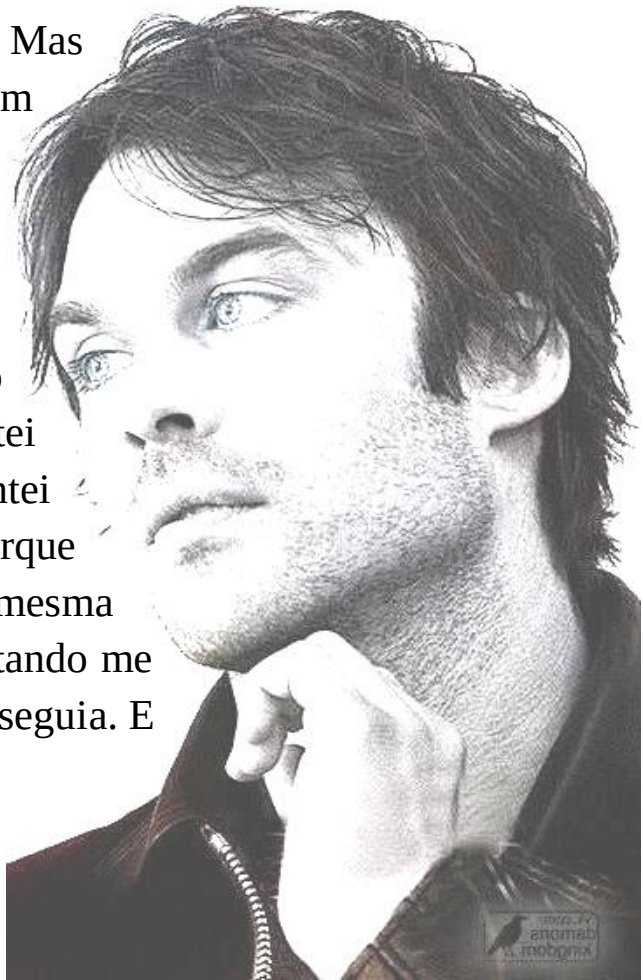
pausa e diz: — Prometi a mim mesma que não contaria. Eu já fiz bastante dano. Tenho sido menos do que uma profissional. Não importa o que ele está passando, porque sei que ele te machucou. Imensamente. Mas eu sei que ele vê...

— Não diga isso, por favor.

Enxugo minhas lágrimas e sento-me ereta com meu coração batendo dolorosamente na caixa torácica, quebrando ossos, esfolando os meus músculos.

Acho que não consigo aguentar, ouvindo isso de outra pessoa. É mais doloroso. Mais torturante do que ele não dizer.

— Você queria saber o que aconteceu naquele dia. Eu disse a ele que tinha sentimentos por ele. Eu estupidamente disse a ele que nasci para ele. – eu rio e isso se transforma em um soluço. — E ele me disse que eu era imatura. Ele me disse que não se sentia da mesma maneira. E eu fiquei com o coração partido. Às vezes não consigo parar de rir de como tudo é irônico. Eu vim para Heartstone alegando que tentei me matar porque estava com o coração partido. Mas nem sabia o significado de um até ele. Eu nem sabia que era capaz de realmente perder a cabeça até ele.



— Willow.

— Beth, o fato é que eu estou esperando por ele há muito tempo. Lutei por ele, tentei fazê-lo ver que pertencíamos um ao outro. Tentei mostrar que eu confiava nele. E fiz isso porque sempre pensei que, no fundo, ele se sentia da mesma maneira. Eu sempre pensei que ele estava tentando me dizer algo, mas por algum motivo, ele não conseguia. E

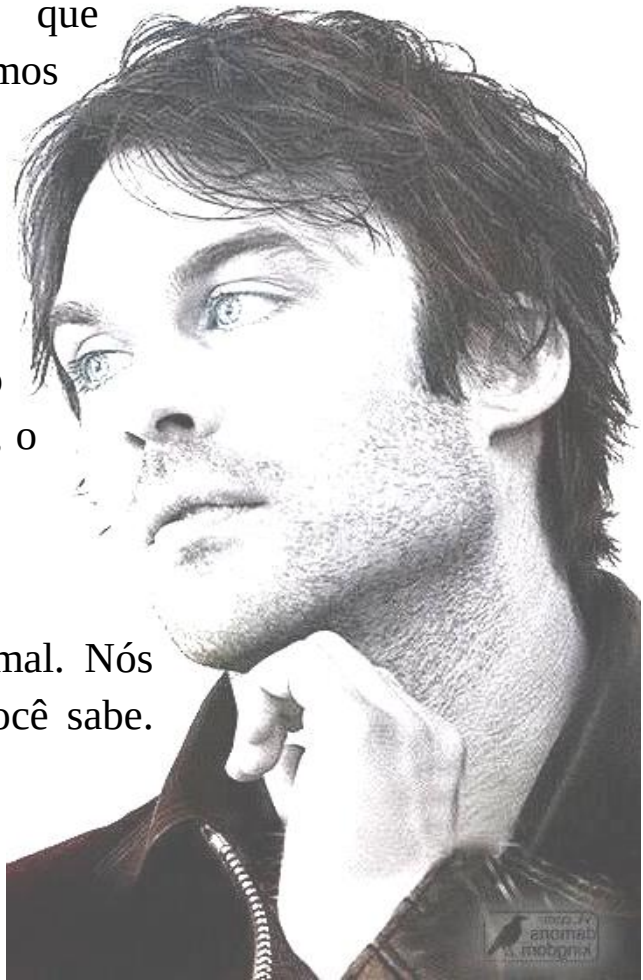


ele não conseguiu. Nem mesmo no final. E então ele foi embora. Ele nem voltou. A última coisa que me lembro daquele dia era que estava morrendo em seus braços, com ele olhando para mim. Ou talvez eu estivesse esperando morrer, não sei. Então, sim, eu não entendo o que você quer de mim. Não sei por que você me contou tudo isso. Ele não precisa de mim. Ele não precisa de ninguém. E confie em mim que ele definitivamente não me quer. A menos que eles mudem todo o processo de desejo e agora, e você magicamente consegue tudo o que deseja.

Enxugando minhas lágrimas novamente, olho para o teto. — E acho que não deveríamos conversar mais, porque eu deveria estar tentando seguir em frente, em vez de ficar presa no passado. Heartstone. *Ele*.

Ela está calada, mas diferente de outras vezes, eu a ouço. Eu ouço suas respirações cortadas e pequenos barulhos de choros. Eu devo parecer do mesmo jeito.

Ambas chorando por um homem que provavelmente nem sabe que nós estamos secretamente chorando por ele.



— Tudo bem. Eu não. Eu nunca deveria ter começado primeiramente. Eu só queria ter certeza de que você estava bem. Mas antes de desligar, queria lhe dizer uma coisa. A razão pela qual eu trouxe isso hoje é porque... Bem, o Alistair, faleceu há alguns dias.

— O que?

— Ele tinha Alzheimer e ficou muito mal. Nós estávamos esperando, mas não realmente, você sabe.



De qualquer forma, amanhã haverá um funeral no cemitério do hospital. Eu estava ligando para ver se você gostaria de vir, mas eu vou entender se não quiser.

— Eu...

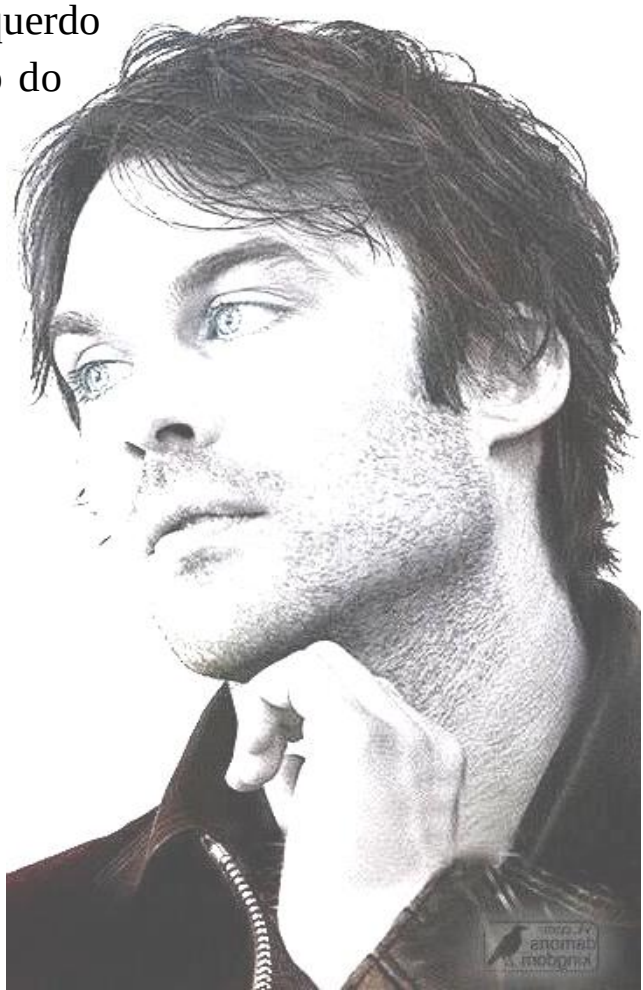
— Na verdade, você não deveria. Deve seguir em frente. – ela diz com uma voz embargada. — Nem posso te dizer o quanto estou orgulhosa de você. Quanto você cresceu. Você foi uma das melhores pacientes do Heartstone e eu realmente gostei de conversar com você. Por favor, saiba disso. E, por favor, entre em contato comigo, se precisar de algo. Você não é apenas uma paciente para mim, ok? – Antes de desligar, ela sussurra: — Simon teria tido sorte de ter você.

Com um clique, ela se foi e o telefone desliza em minhas mãos.

Sinto tontura, mas eu não posso fazer nada a respeito. Não consigo enterrar a cabeça entre os joelhos. Não posso ficar sentada até me sentir melhor. Eu tenho que saber.

Esfregando a tatuagem no meu pulso esquerdo que fica logo acima da minha veia azul, saio do quarto.

Vou até Renn e digo: — Conte-me sobre a Claire.





Capítulo Vinte e Três

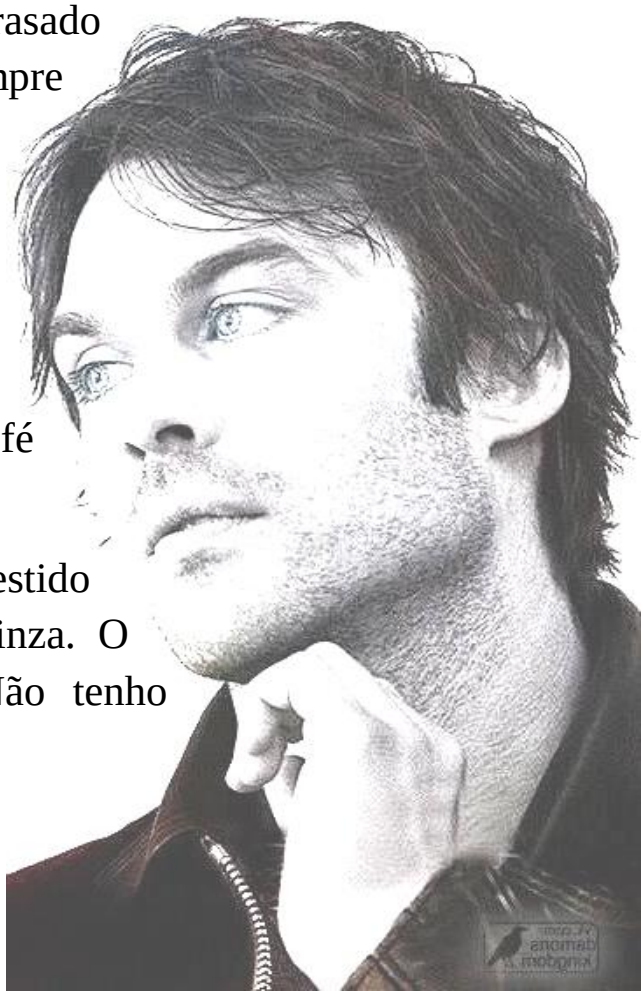
Quando Renn me disse que sua mãe era paciente de seu pai, meu primeiro pensamento foi que eu sou uma idiota.

Apaixonar-se por um homem assim.

Claro que ele me deixou. Claro que ele não me queria. Por que ele iria querer se amarrar a uma doença, a uma mulher como a sua mãe? Ele conhece a luta.

Ele conhece o fardo. Ele viu e viveu.

Mas então, lentamente, lembrei-me de tudo o que ele disse, tudo o que ele fez por mim. Como ele me fez perceber que eu era uma guerreira. Como ele queria que eu lutasse e me aceitasse. Com que carinho ele falou sobre sua mãe naquele dia. Como ele ficou arrasado com a morte dela. Como irritado ele sempre parecia com o pai.



Voltei e olhei para a foto, a que Simon sempre olhava.

Na verdade, olhei para ela muitas vezes.

Tudo bem todos os dias. A caminho do café da manhã.

Há uma mulher nessa foto, usando um vestido vermelho, que tem os mais lindos olhos cinza. O cabelo dela é todo selvagem e escuro. Não tenho



certeza, mas acho que é a mãe de Simon, *Alexandra*.

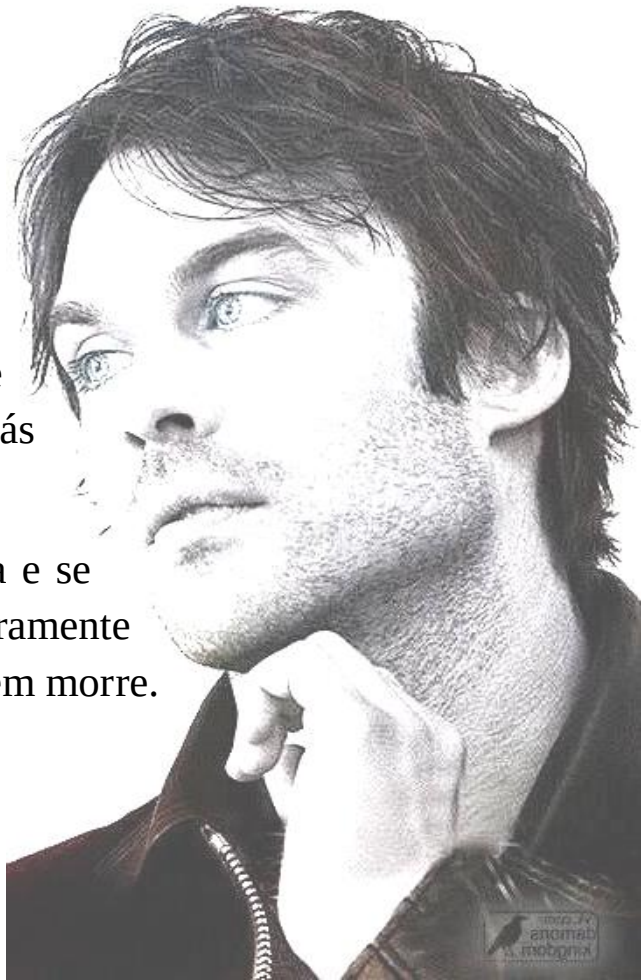
Não consigo tirar o rosto dela da minha cabeça agora. Seu sorriso e seus grandes olhos. Beth estava certa. Ela era deslumbrante e se suicidou. E isso ainda seria tolerável se Simon não fosse o único a encontrar seu corpo morto.

Não sou especialista, mas esse tipo de coisa nunca deixa você. Se eu já precisei de um empurrão para seguir em frente e esquecê-lo, é isso.

Simon Blackwood está muito danificado, muito frio e muito insensível. E por uma boa razão. Seja o que for, ele não é para mim. Não posso consertá-lo, não importa o quanto eu queira. Quanto estou morrendo de vontade. E quem disse que ele quer ser consertado por mim, afinal?

Ele foi embora, e eu nem posso culpar minha doença porque sei que não era isso.

Não era meu cérebro danificado, era meu coração. Ele não queria meu coração.



Já está feito. Estou indo.

Mas eu trouxe flores para ele.

Para ele, quero dizer o pai de Simon. Eu estou participando do funeral. Escondida, na verdade. Significando que ninguém sabe que estou aqui, no cemitério, me escondendo atrás de uma árvore.

Eu só assisti a um funeral na minha vida e se tornou O Incidente do Funeral. Portanto, claramente não sou a melhor pessoa para ter quando alguém morre.



Mas eu não podia ficar em casa, sabendo que Simon passaria por isso sozinho. Não que ele esteja sozinho. Há pessoas, toneladas de pessoas ao seu redor. Vejo Beth e o Dr. Martin ao lado, entre as muitas outras que não conheço. Claramente, seu pai era bem conhecido.

E isso é uma coisa boa. Porque Simon não apenas não está sozinho, mas eu só consegui ver o topo de sua cabeça através da multidão.

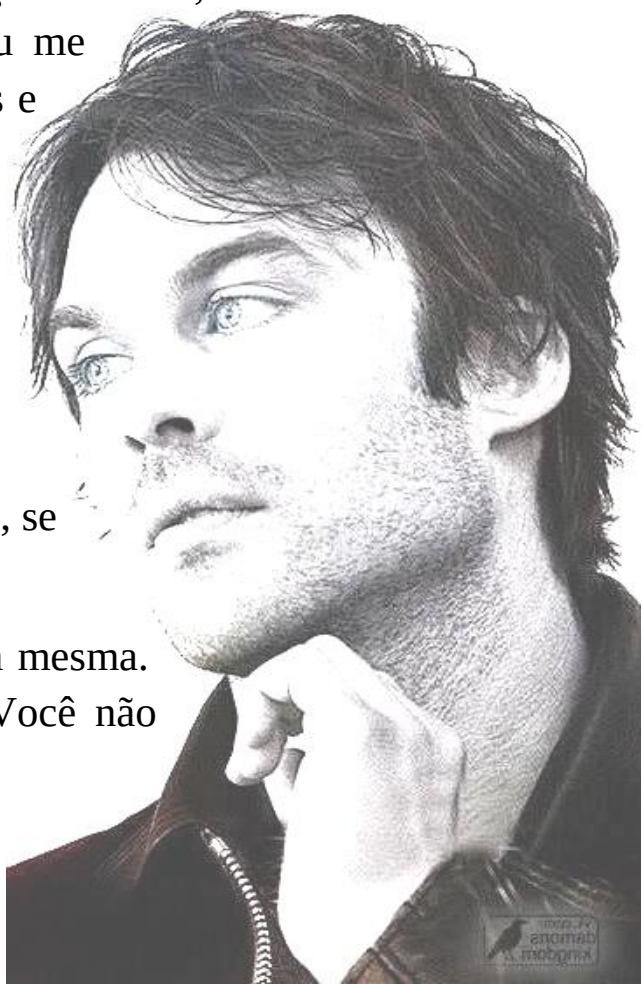
Eu tenho medo de vê-lo.

Receio que, se eu o vir, me jogarei contra ele e declararei meu amor, e então posso dar um tapa nele e bater nele como eu fiz naquele dia. A única diferença será que ele não poderá me sedar. Então ele não poderá fugir.

Às vezes não consigo acreditar que fiz isso. O ataquei e, basicamente, o incitei a me derrubar.

Sim, vamos manter a distância.

Depois de um tempo, vejo pessoas começando a sair, um mar de casacos pretos, chapéus e guarda-chuvas. Eu me encolho atrás da árvore, fora da vista de todos e o meu coração batendo no peito. Assim que todos saírem, eu vou colocar as flores na cova nova e sair também.



Ele está bem aqui, no entanto.

Deus.

Ele está tão perto. Então, tão próximo que, se eu quisesse, eu poderia cheirá-lo.

— Ok, Willow. Relaxe. – digo para mim mesma. — Está tudo bem. As coisas ficarão bem. Você não



quer olhar para ele. Você não quer ver o rosto dele. Porque se fizer isso, será mais difícil seguir em frente. Você precisa seguir em frente. Você precisa disso. Ruth está certa. Escute sua terapeuta. Não olhe. Não olhe. Não olhe. OK?

Suspiro, fechando os olhos e repito: — Não olhe.

Ah Deus. Isso é difícil pra caralho.

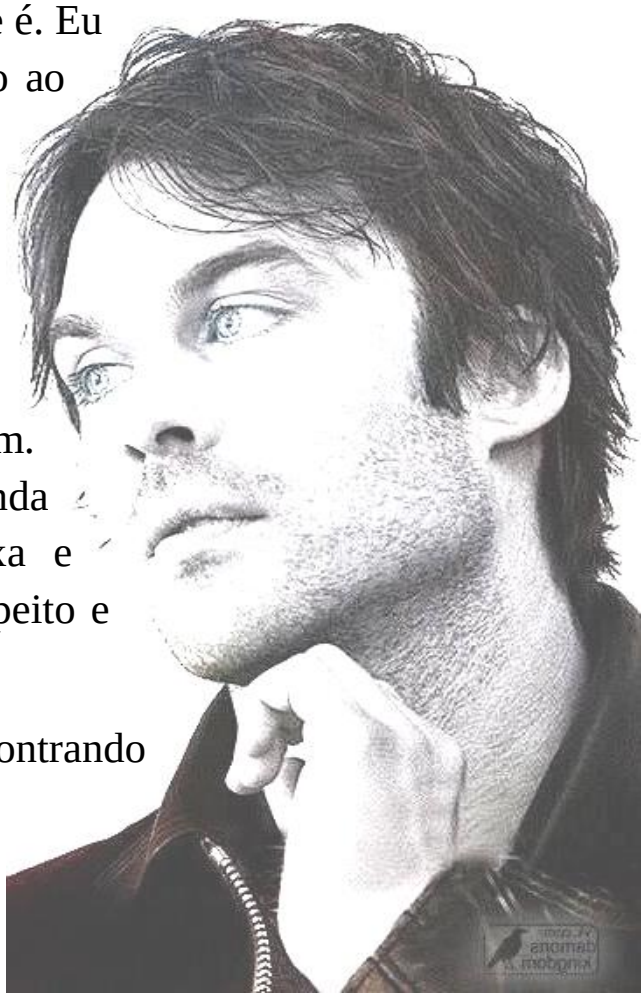
Eu estou tremendo. Minhas pernas não ficam paradas e as minhas respirações são ofegantes, e não é por causa da chuva de inverno.

Ouço passos se aproximando de mim e dos meus olhos, apesar de lhes dizer que fiquem fechados pela nonagésima vez e não abrir.

E lá está ele, parado bem na minha frente.

Vestindo terno preto, gravata e os sapatos de bico finos. Vestindo as gotas de chuva nos cabelos e ombros um pouco largos demais.

Eu gostaria que ele não fosse real, mas ele é. Eu sei. Posso senti-lo. Eu posso senti-lo batendo ao lado do meu coração no meu esterno.



— Você estava falando sozinha?

Eu desgrudo as minhas costas da casca molhada da árvore e fico ereta.

Não esqueci a voz dele. De modo algum. Ela vem até a mim nos meus sonhos, mas ainda sinto arrepios ao ouvi-la. Abundante, baixa e densa. Isso me atinge bem no meio do meu peito e suga toda a minha respiração.

— Não. – eu balanço minha cabeça, encontrando



aquele ponto no meu pulso esquerdo onde está a tatuagem e esfregando-a para me acalmar.

O olhar de Simon observa minha ação e eu paro.

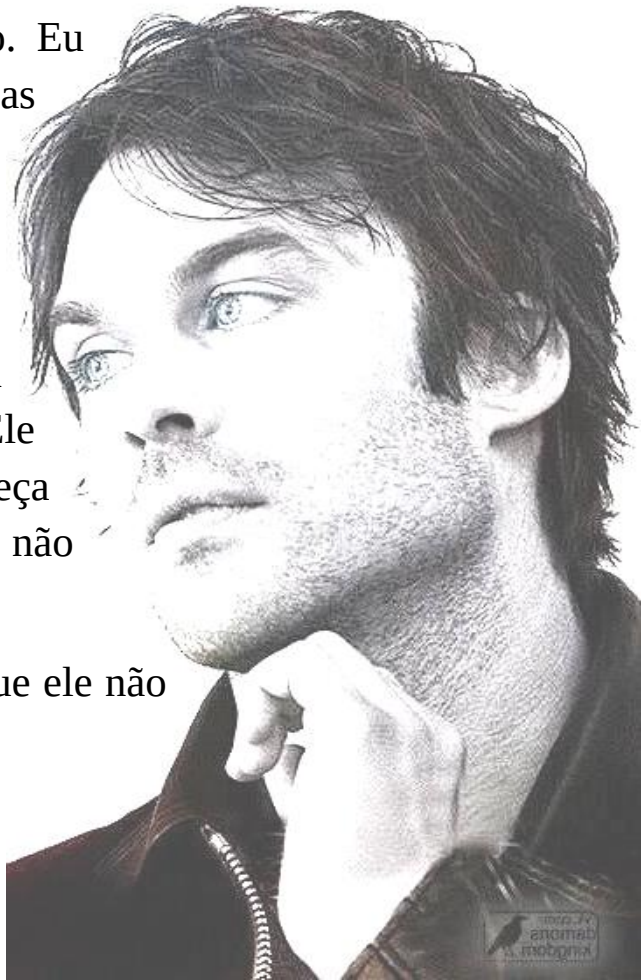
Ele olha de volta para o meu rosto e enfia as mãos dentro dos bolsos em seu movimento característico, e a respiração que ele tirou do meu corpo bate de volta no meu peito, e eu quase suspiro.

Limpando a garganta, digo com a minha voz mais normal: — Pensei que todos tivessem ido embora.

— Eles foram. Por que você estava se escondendo?

— Eu não estava. – digo rapidamente. — Quero dizer, eu estava. Hum, eu não sabia se... – eu lambo as gotas de chuva dos meus lábios. — Bem, eu não sabia se você sabia que eu estava vindo. Se Beth te contou ou o quê? Ou se você me quisesse aqui.

Seus olhos me absorvem, mas apenas meu rosto. Ele não procura em outro lugar e eu faço o mesmo. Eu observo sua mandíbula, suas sobrancelhas marcantes e seu queixo obstinado. Nada nele mudou.



Nem uma coisa.

Ele ainda é perfeito. Quem sabia que a perfeição poderia fazer você querer chorar? Ele sorri seu típico sorriso de lado - embora pareça triste - e abaixa a cabeça. — Ela me disse. Eu não esperava que viesse, no entanto.

Esfrego o meu pulso novamente, agora que ele não



está olhando para mim. — Sinto muito pelo seu pai.

Simon assente com a tristeza brilhando sobre suas feições. De repente, eu gostaria de ter o direito de caminhar até ele e abraçá-lo. Perguntar a ele coisas.

O que aconteceu, Simon?

Um músculo pulsa em sua bochecha e ele diz: — Ele desenvolveu um coágulo nos pulmões. Devido à inatividade. É bastante comum nos pacientes de Alzheimer. Especialmente, em um estágio avançado.

Estou tão chocada que, por um segundo, acho que talvez tenha dito em voz alta. Mas eu sei que não disse. Eu não disse nada.

Soprando minha franja, eu deixo escapar: — Eu sei. Quero dizer, Beth me disse que ele tinha Alzheimer. Mas é isso. Ela não me disse mais nada.

— Eu sei. Ela também não me contou.

— O que não contou para você?

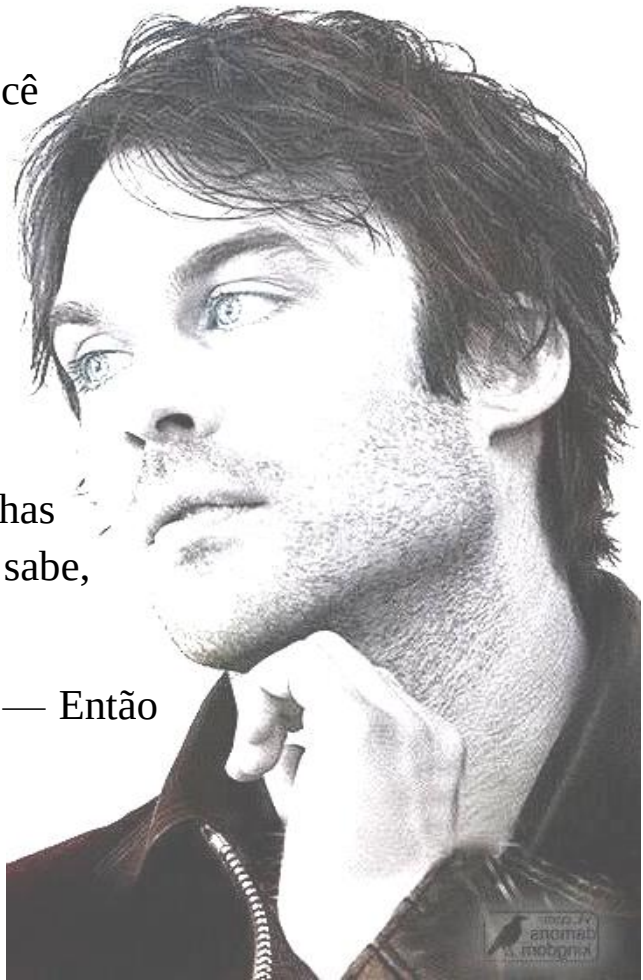
— Que ela esteve em contato com você esse tempo todo.

Eu não acho que ela diria a ele. Mas agora me pergunto se ele a teria impedido de entrar em contato comigo, se ela tivesse dito.

Não importa. Estou indo embora.

Então, lembro que tenho flores em minhas mãos. Eu as estendo. — Trouxe flores. Você sabe, para ele.

Ele me dá um pequeno aceno de cabeça. — Então



você deve dar a ele.

Eu me movo.

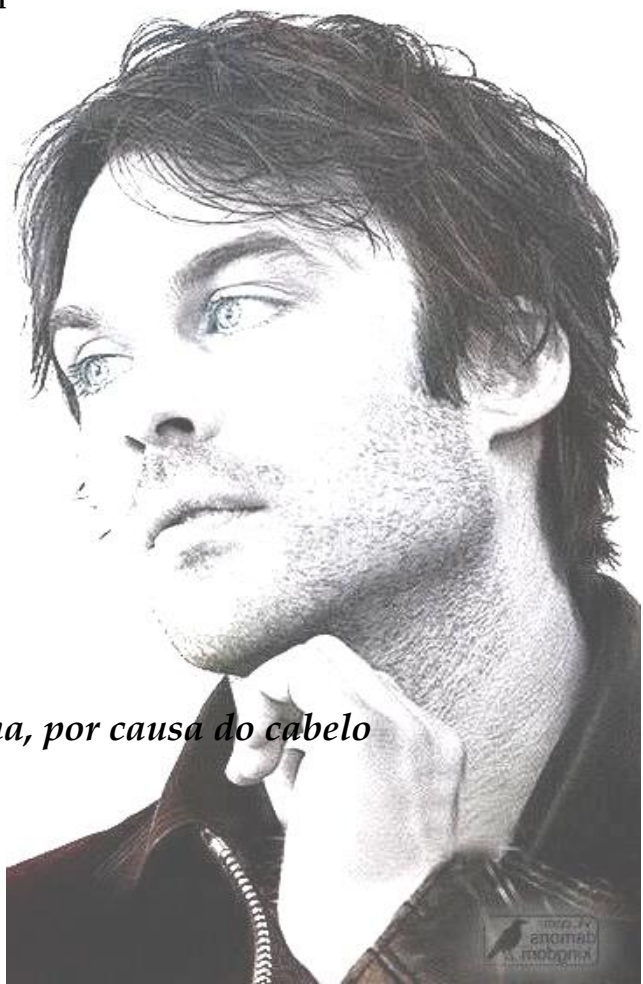
Mover é bom. Mover significa que eu não estou olhando para ele e o vendo me observando. Talvez ele esteja pensando que eu possa atacá-lo novamente. Talvez pense que eu ainda sou instável.

Eu não sou.

Eu não farei aquilo de novo. Não importa o quanto eu fique de coração partido.

Coração partido é mais perigoso do que uma doença da mente, no entanto. Eles dão a você uma pílula para deixar seu cérebro feliz, mas ainda não fizeram uma pílula para o coração partido.

Pronto. Isso deve ensinar a todos que querem se apaixonar. Com os cílios abaixados, olho para ele. Ele está olhando para frente, com o rosto limpo e suave, exceto por aquela barba por fazer. Nenhum sinal de que ele foi atacado por um furacão prateado[7]. Não que eu estivesse esperando encontrar um sinal ou algo assim.



Mas parece que nunca aconteceu.

Chegamos ao túmulo e eu me abaixo, colocando as flores ao lado.

No caminho de volta, eu vejo alguma coisa. O túmulo ao lado do seu pai.

Diz: *Alexandra Lily Blackwood.*

Ah cara. Essa é a mãe dele.

---

[7] ***Furacão prateado: é uma referencia a ela mesma, por causa do cabelo platinado dela.***



Mordo o interior da minha bochecha com um ataque repentino de dor. Fechando minhas mãos ao meu lado e fechando os olhos por um segundo, me pergunto novamente. *Por que não tenho o direito de tocar nesse homem? Esse homem alto, contido e cheio de tristeza.*

Quando abro minhas pálpebras, encontro-o olhando para mim e o meu coração dispara um pouco. O cinza em seus olhos é tão profundo, tão nítido e tão vivo.

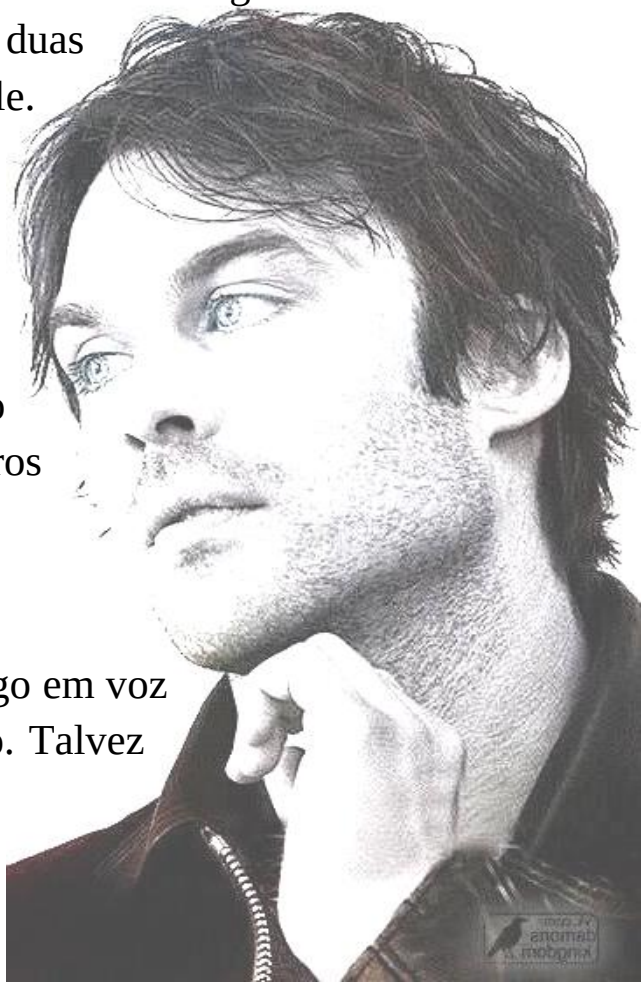
Foi isso que Beth quis dizer quando disse que ele ganha vida quando estou perto?

— Meu pai reservou o espaço ao lado dela quando ela faleceu. Eu não sabia. – diz ele.

— Talvez ele soubesse.

— Soubesse o que?

Sei que Simon está olhando para mim, mas não consigo olhar para trás, então eu olho para os túmulos de duas pessoas que eram tão importantes para ele. Muito possivelmente, as duas pessoas mais importantes de sua vida. Agora eles se foram para sempre.



Se eu estou sofrendo muito por ele, não sei como ele está lidando com tudo isso. Não sei como pode ficar ali, sozinho, com os ombros tão largos e eretos.

Como ele não está desmoronando?

— Que ela estava esperando por ele. – digo em voz baixa. — Ela era boa nisso, certo? Esperando. Talvez



ele soubesse disso, mas não sabia como voltar para ela. Depois de tudo, que ele a fez passar. Então, escolheu este lugar. Para finalmente voltar para ela na morte, porque ele nunca pôde em sua vida.

O lado do meu rosto está em chamas. Tenho certeza de que estou vermelha, escarlate. Porque ele não parou de me observar.

Talvez ele ache os meus pensamentos fantasiosos jovens e imaturos. Como se ele me encontrasse.

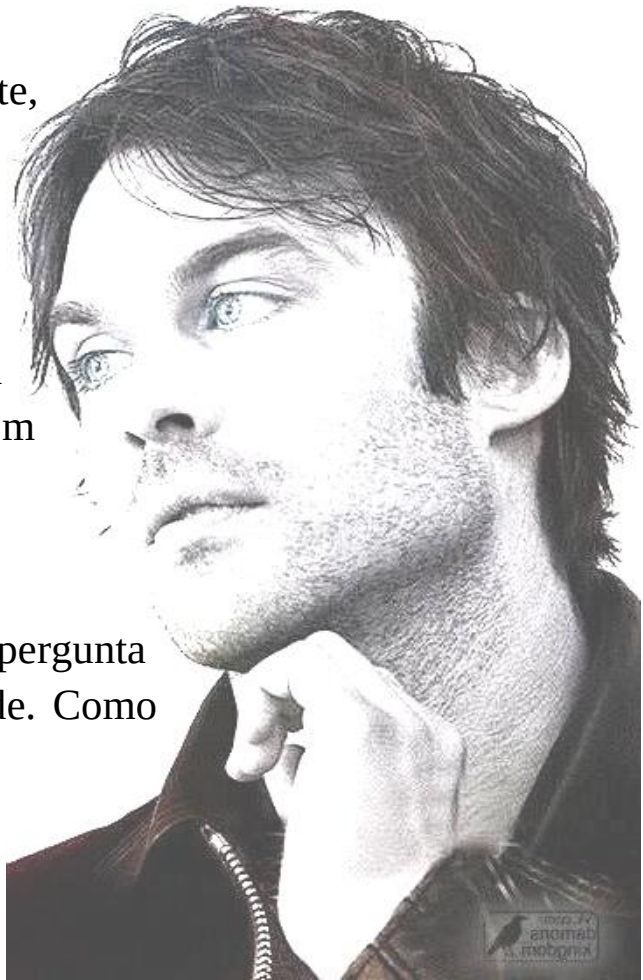
— Como você está? – ele pergunta, depois de alguns momentos.

Reunindo minha coragem e maldita maturidade, eu o encaro. O fato de eu poder olhá-lo sem esticar o pescoço significa que ele está muito longe.

O que é bom, na verdade. Saudável.

Não estou reclamando.

Eu sorrio. — Eu estou bem.



Seu olhar é irritante. E estranhamente, parece perpétuo. Nunca termina.

Continuando para sempre e sempre.

E eu não consigo parar de contar todas as coisas para ele. — Está tudo bem na universidade. Quero dizer, às vezes luto com isso, mas está ótimo.

— E amigos?

Isso me faz corar, do jeito que ele me pergunta sobre amigos, com tanta ternura e curiosidade. Como



eu fosse uma garotinha e ele quer ter certeza de que não estou sozinha.

— Na verdade, eu tenho amigos. A universidade é muito melhor nisso do que o ensino médio. Eu tenho amigos de estudo e de laboratório e... – eu paro, não querendo parar de falar e odiar. — E a praia. Fomos à praia alguns meses atrás. Não gosto muito da praia e do sol, mas foi bom.

Algo estranho acontece em seu rosto. Ele brilha com intensidade. Ouso dizer até... Paixão?

— Você teve um bom dia?

Eu engulo. — Na praia?

— Sim.

Abro a boca para responder, mas nenhuma palavra sai. Colocando as mãos nas minhas costas, esfrego minha tatuagem.

Simon está olhando. Esperando. Não entendo como ele parece estar tão desligado da resposta. Seja qual for.

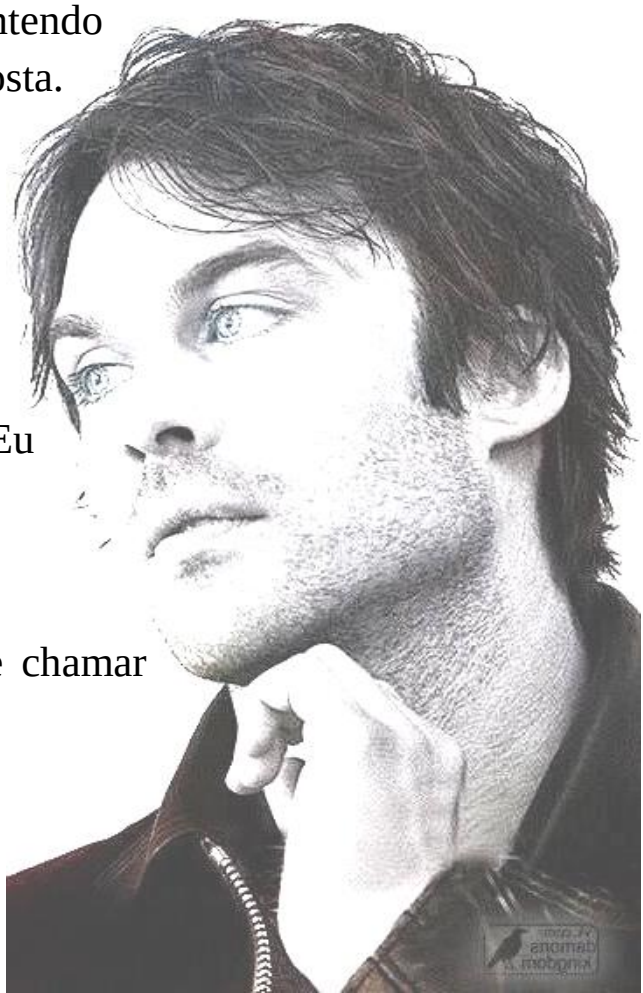
Por fim, minto: — Sim. Foi ótimo.

Eu espero que ele me pegue na minha mentira, mas ele não pega. Ele fica calado.

— Ok, tudo bem. – digo em voz alta. — Eu tenho que ir. Eu...

— Eu vou te levar.

— Ah, não precisa. Posso simplesmente chamar um táxi.





— Não. – ele balança a cabeça, pronto para caminhar até o carro. — Vamos.

— Não, sério, está tudo bem. É como voltar mais de uma hora para a cidade. E...

— Então vai demorar mais de uma hora.

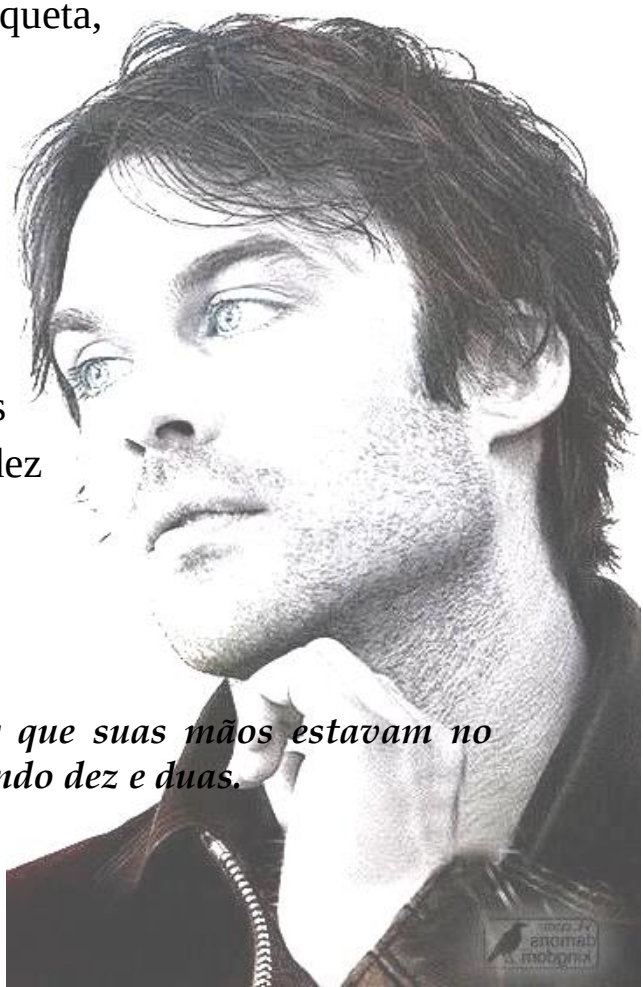
Simon está esperando por mim como se realmente não se movesse de seu lugar até eu me mover.

Droga.

Não quero passar mais de uma hora nos confins do carro dele. O carro que só vi do outro lado dos portões pretos de Heartstone. Um dia, quando eu não tinha muito em que pensar, pensei no carro idiota dele, os bancos de couro e janelas embaçadas por atividades questionáveis.

Na verdade, é um dos meus sonhos dar uns amassos com ele no banco de trás de um carro como uma adolescente normal e excitada. Ou foi.

Balançando a cabeça, começo a andar. E para esconder a minha frustração, enfiei as mãos nos bolsos da jaqueta, como ele costuma fazer.



Voltamos para a cidade em completo silêncio. Sim. Nem uma palavra.

Simon está olhando para a estrada como se ele movesse os olhos, mesmo que por um microssegundo, cairíamos e morreríamos. As suas mãos estão em uma perfeita posição de dez e duas[8] no volante.

Deus.

[8] ***Posição de dez e duas: uma forma de dizer que suas mãos estavam no volante como os ponteiros de um relógio marcando dez e duas.***



Ele me deixa tão brava com seu estúpido cumprimento de regras e precisão. E o fato de ele nem sequer ter olhado na minha direção uma vez desde que abriu a porta para mim como um completo cavalheiro e partimos.

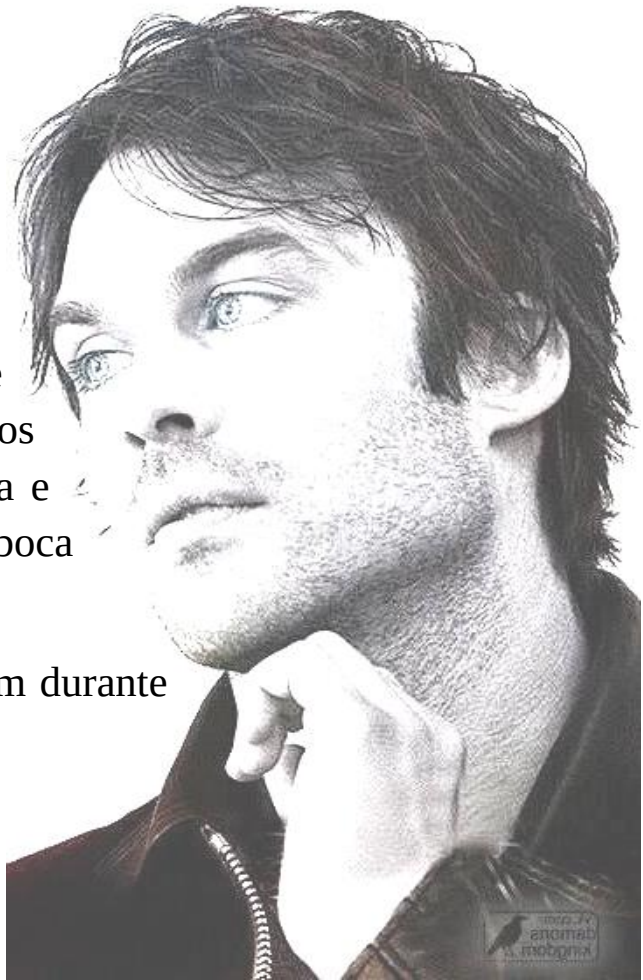
Enquanto eu? Tenho dado a ele todos os olhares que posso, sem ser óbvio. Mas sabe o que? Eu paro por aí. Não conversarei, até que ele fale primeiro.

Maldita seja, Beth. Maldita seja por me dar esperança.

A chuva começou a cair forte agora, e quando o carro para, eu literalmente pulo para fora dele, me sentindo todo o tipo de enjaulada e frustrada. Até a chuva fria não faz nada para diminuir minha agitação.

Fecho a porta, pronta para ir embora quando percebo que nunca lhe disse meu endereço, muito menos o endereço da livraria em que trabalho. Mas eu estou magicamente parada na frente do toldo amarelo e em frente da porta de vidro.

Como ele sabia...



— Você está feliz, Willow?

Sua voz me faz pular e parar todos os meus pensamentos. Olho para ele e tenho que inclinar meu pescoço para olhar seu rosto.

Ele está bem mais perto, com as gotas de chuva escorrendo por seus grossos e lindos cabelos e cílios. Os fios estão presos na testa e no pescoço e, quando a água escorre pela boca macia, quero estender a mão e beber.

Como se estivesse com sede e fosse assim durante



toda a minha vida.

Afasto minha franja encharcada para longe da minha testa. — Sim.

Eu espero que ele faça alguma coisa. Diga algo. Mais uma vez, que me pegue na minha mentira.

Seu queixo fica tenso e seus olhos ficam escuros, mas então tudo se afasta e ele dá um passo para trás.

Como sempre. Olhando para as minhas botas, balanço minha cabeça.

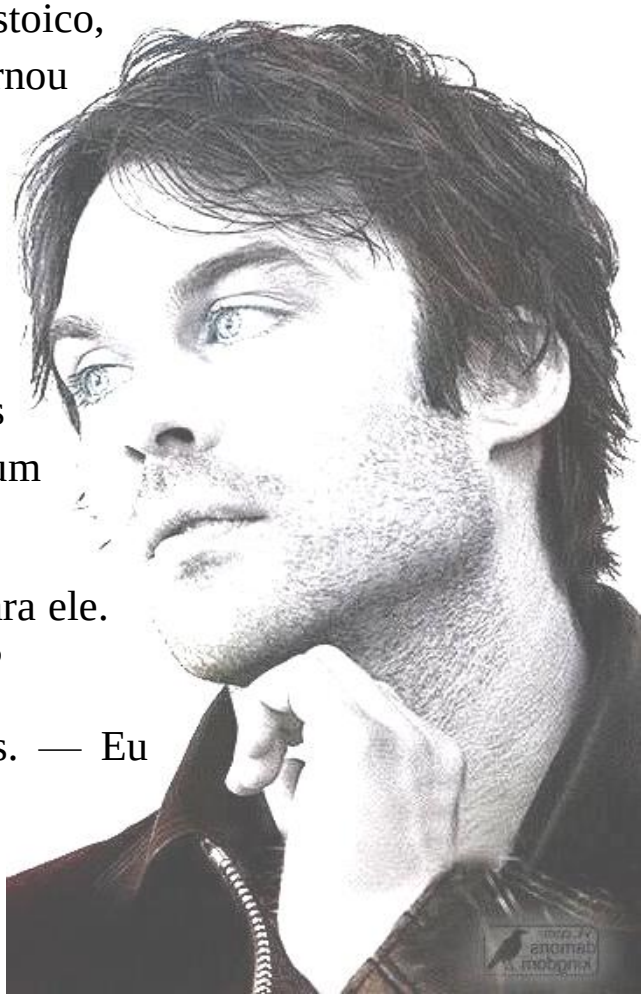
Deus, eu sou tão estúpida.

O que pensei? Que me ver hoje o mudaria e ele me diria que estava mentindo naquele dia? Que ele me ama?

Suspirando, olho para cima com um sorriso no rosto; sorrir é a chave.

— Tenha uma boa vida.

Dou um passo para trás também, tentando não memorizar a aparência dele agora. Atingido pela chuva. Alto e estoico, quase sombrio. E bonito. Um sonho que se tornou realidade.



Então eu viro e caminho.

Caminho pela porta de vidro da livraria onde devo começar meu turno. Christian, o novo cara, está de pé atrás do balcão com seus suspensórios e óculos hipster. Ele parece um pouco assustado com a minha entrada abrupta.

— Você e eu. – eu aponto o meu dedo para ele. — Vamos a um encontro. Amanhã. Entendeu?

Seus olhos estão arregalados e confusos. — Eu

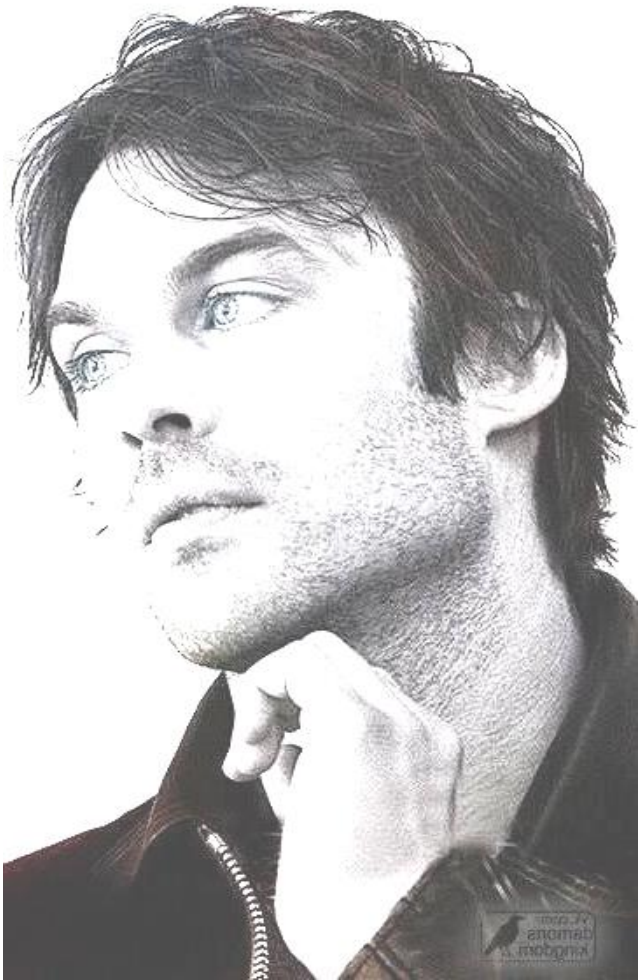


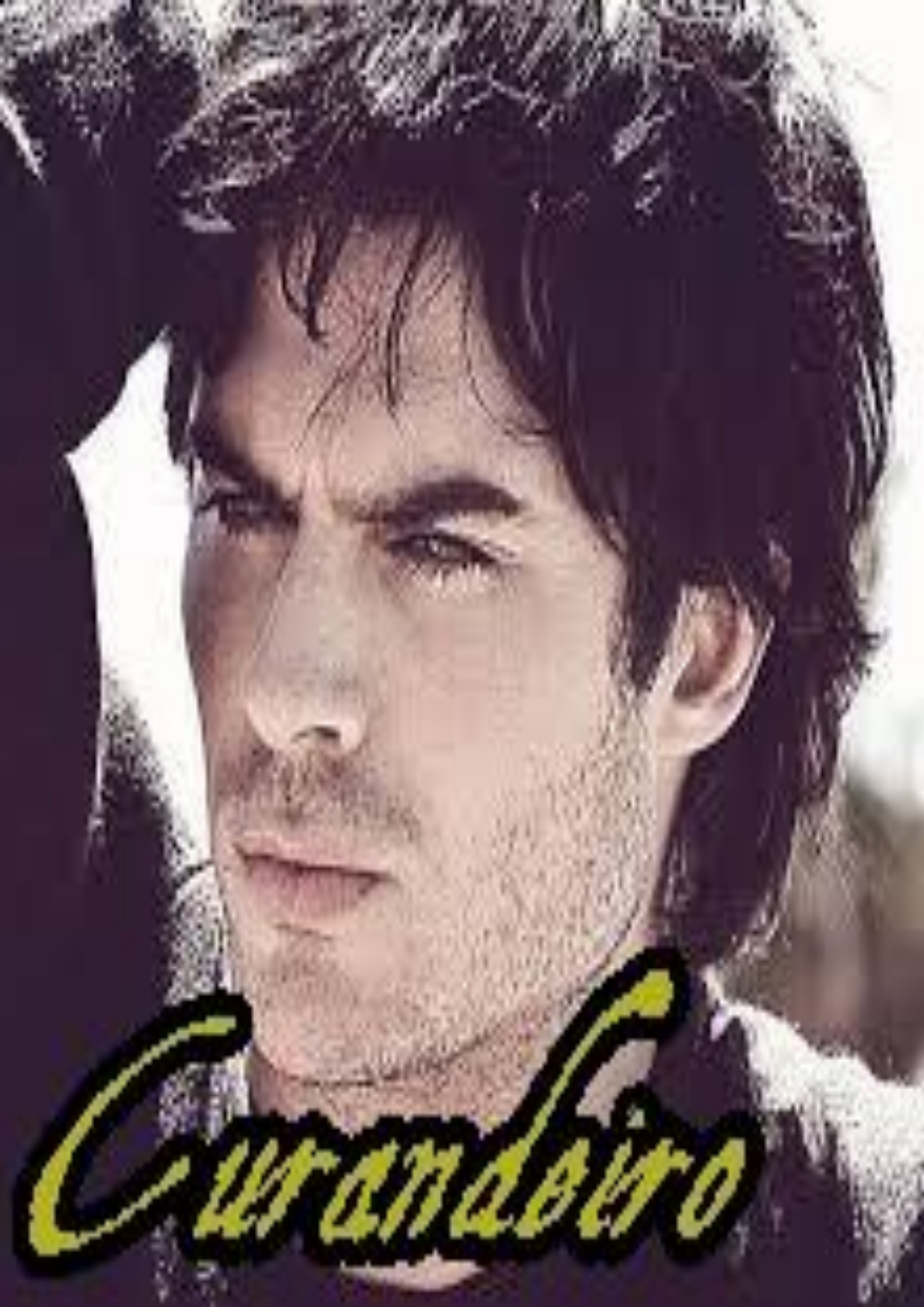
tenho um na... Namorado.

— Eu não me importo. – respondo. — Estou seguindo em frente. E você não pode me parar.

— Eu não...

Sem ouvi-lo, ando até o banheiro nos fundos e caio em lágrimas.




Curandeiro



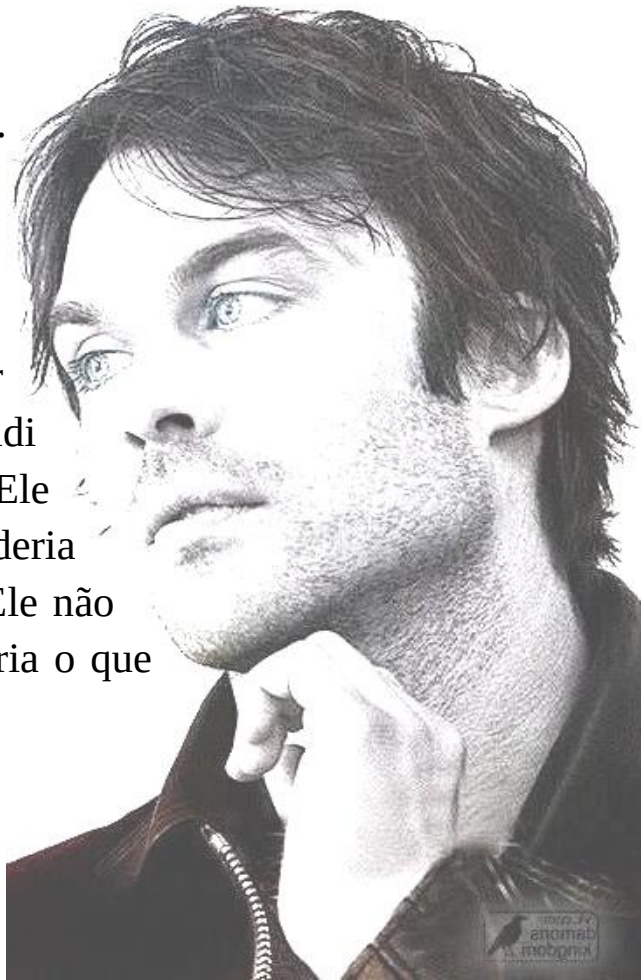
Eu nunca pensei que ficaria triste por meu pai morrer.

Eu certamente nunca pensei ter derramado lágrimas. Não depois de se recusar a falar com ele mais do que de passagem por anos. Especialmente depois de se recusar a vê-lo, enquanto estava na mesma cidade e consertando sua casa. Ele estava lá o tempo todo, no andar de cima, sendo tratado por sua enfermeira, mas eu quase nunca passava pelo quarto dele.

Meu pai não queria viver em uma clínica. Ele era orgulhoso demais para isso. Ele não queria que as pessoas soubessem que um psiquiatra brilhante como ele esquecia lentamente como amarrar os seus próprios sapatos e se sua esposa estava morta ou viva.

Contratei a enfermeira porque não queria arrumar minha vida em Boston e voltar para casa para cuidar dele. Pensei que ele merecia morrer sozinho como minha mãe.

Mas ele não morreu. Eu estava lá com ele em seus momentos finais.



Estive lá com ele nos últimos três meses. Não acho que tenha esquecido as coisas que fez ou o papel que desempenhou no suicídio de minha mãe.

É porque, finalmente, eu o perdoei por minha própria paz de espírito. Finalmente decidi ser melhor que ele nas maneiras que contam. Ele não estava lá para minha mãe, mas eu poderia estar lá para ele. Embora ele não soubesse. Ele não estava lúcido. Estava tudo bem. Eu não saberia o que dizer para ele, mesmo que ele estivesse.



Então eu disse todas as coisas que queria dizer.

Disse a ele todas as coisas sobre a garota cujo coração eu quebrei. Willow Taylor.

De pé na chuva, eu a vejo ir embora. Eu a observo quase amassar a porta e sair da minha vista como uma estrela cadente.

"Tenha uma boa vida."

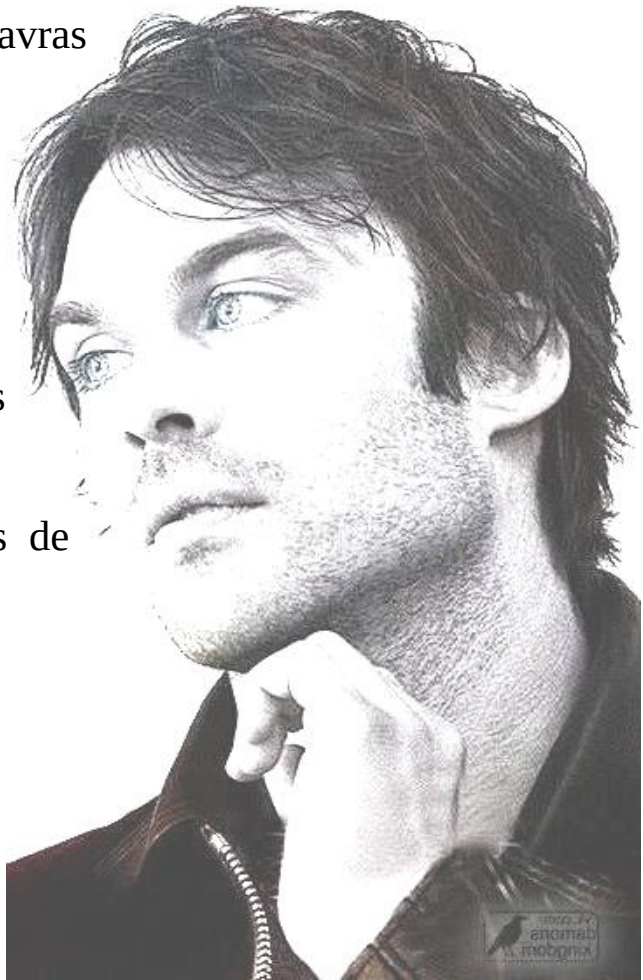
Não é uma pergunta, mas sou obrigado a responder. Eu disse a ela que ela não tinha o direito de me perguntar nada; Eu estava mentindo. Porque quando se trata de salvá-la, sou um mentiroso.

Mas, como se viu, ela não precisava ser salva. Tudo que ela precisava era que eu seguisse em frente com o passado e aceitasse o que ela já sabia.

Que eu tinha sentimentos por ela. Eu tenho sentimentos por ela.

Não sei quanto tempo se passou desde que ela entrou, mas estou indo dizer a ela. Ela precisa saber.

Eu também entro pela porta com as palavras quase borbulhando na minha língua.



Tem um cara atrás do balcão e ele pula nervosamente.

— Po... Posso te ajudar?

— Onde está Willow? – pergunto com as minhas palavras brutas e baixas. Tremendo.

Ele olha para o lado rapidamente antes de dizer: — Eu não sei. Ela ainda não está aqui.

Idiota.



Eu me pergunto se são amigos, esse idiota e a Willow. Eu me pergunto se ele também a acha deslumbrante para caralho.

— Fique longe dela. – eu o aviso, mesmo que não saiba se é necessário. Mesmo que sou eu quem não tem o direito de dizer essas coisas.

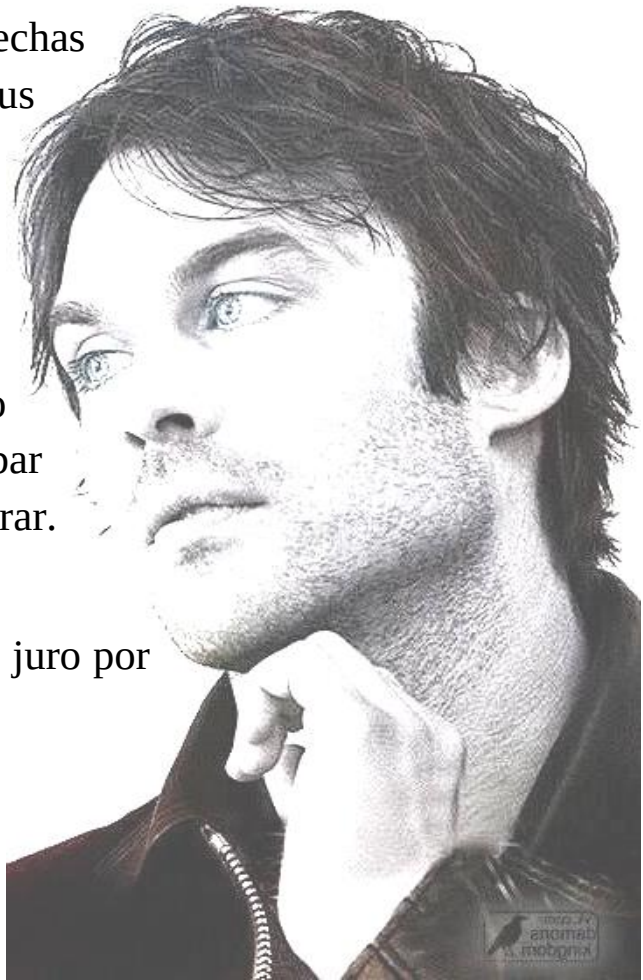
Ele levanta as mãos no ar, exasperado. — Que porra é essa, cara? O que há com as pessoas hoje? Eu sou gay, certo?

Eu o ignoro enquanto expiro, um pouco aliviado. Não que isso signifique muito, ele ser gay. Willow pode tentar qualquer um, se ela quiser. Mas de alguma forma, ela não tem ideia.

Eu ando pelo lugar sem responder aos protestos do cara e viro para onde ele olhou acidentalmente. É um corredor e há portas de ambos os lados. Estou pensando em abrir cada uma delas até encontrá-la.

Mas um segundo depois, ela sai de uma, parando ao me ver. — Simon?

Eu encaro o seu rosto, as suas bochechas arredondadas coradas com o frio e a chuva, seus olhos arregalados de lágrimas.



Quando ela chora, o azul em seu olhar fica brilhante e líquido, e o meu corpo é esvaziado de tudo. Não consigo respirar. Não consigo pensar. Todo pequeno espaço dentro de mim se enche dessa necessidade de acabar com isso. O que quer que a esteja fazendo chorar. Ou melhor, quem quer que seja.

Hoje ela está chorando por minha causa e juro por Deus que quero me destruir.



E vou fazer isso. Vou mostrar a ela tudo o que sou para que ela possa me quebrar, se quiser.

— Eu não posso. – eu grito.

Um franzido adorável aparece em sua testa e ela tira a franja da testa, roubando minha respiração com seu gesto inocente. — Você não pode o quê?

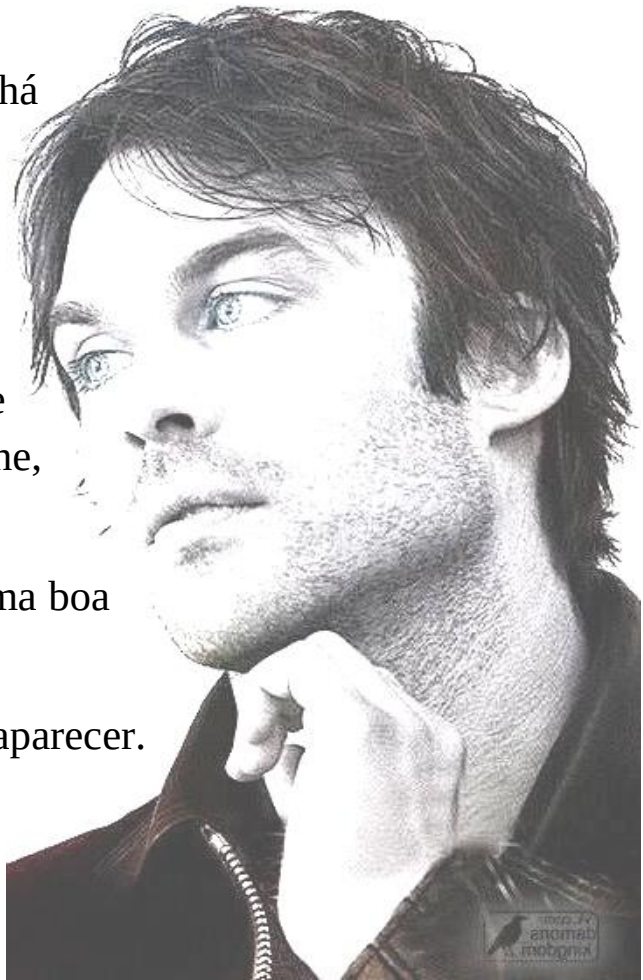
Eu ando em direção a ela. A cada passo, percebo que seus olhos estão ficando cada vez maiores. Sua pequena estrutura está ficando mais tensa.

Eu a vi fazer isso um milhão de vezes antes. Ela fez isso no dia em que parti o seu coração. O dia em que menti porque achei que ela merecia mais. Ela merecia alguém que não estivesse preso dentro de sua própria cabeça, revivendo o pior dia de sua vida.

Alguém que não é responsável por uma morte.

Paro a alguns metros dela. — Ter uma boa vida.

— O que?

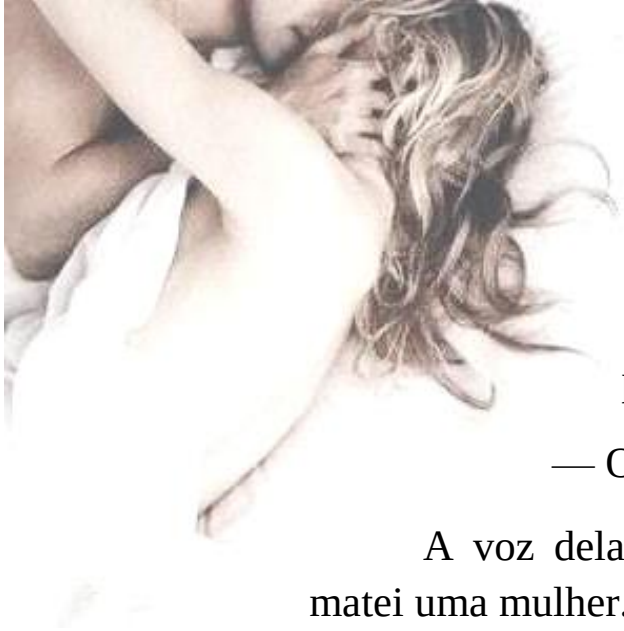


Seu rosto está limpo. Rosa e macio. Não há gotas persistentes de chuva ou lágrimas, mas posso ver o rastro delas. Posso imaginá-lo.

Aperto a minha mandíbula contra a avalanche de dor no meu peito. Está vindo cada vez mais, essa dor fria e gelada que começou assim que eu me afastei de Heartstone, deixando-a para trás.

— Você disse... – eu engulo. — Tenha uma boa vida.

Raiva irradia em seus olhos antes de desaparecer.



— E daí?

— E daí, que estou respondendo que não posso.

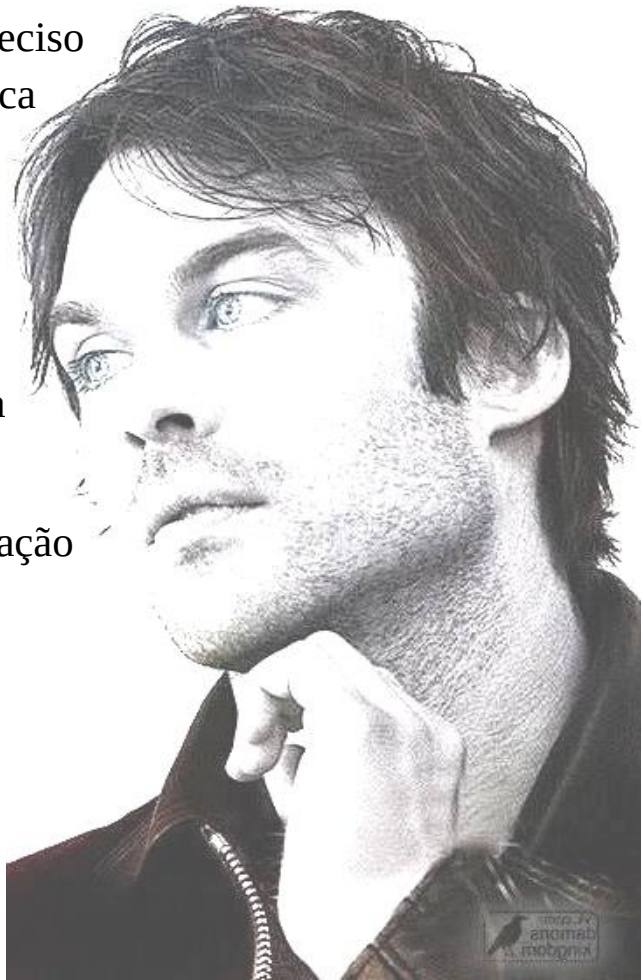
— Olha, Simon. Não foi...

A voz dela está tão triste que não a deixo falar. — Eu matei uma mulher.

Eu mantive esse momento longe da minha imaginação, confessando minha parte na morte de Claire para alguém. Para mim, a confissão sempre significou aceitação, e eu nunca quis aceitar que falhei.

A única vez que cheguei perto de dizer essas palavras foi no dia em que contei a Willow sobre o suicídio de minha mãe. Por alguma razão, eu queria contar a ela naquele dia, confessar todos os meus crimes, me deitar exposto depois que a peguei como um animal no chão do meu consultório. Isso foi o mínimo que eu pude fazer depois de ser tão selvagem com ela, mal mostrando misericórdia, penetrando em sua linda boceta com meu pau.

Eu não pude então. Mas é hora agora. Preciso aceitar que falhei, de fato, mas isso não significa que sou um fracasso.



Mesmo assim, o meu corpo fica rígido de vergonha quando vejo os lábios de Willow se separarem. Ela respira fundo, e eu espero por um julgamento, horror, qualquer coisa cruzar seu rosto. Mas isso não acontece.

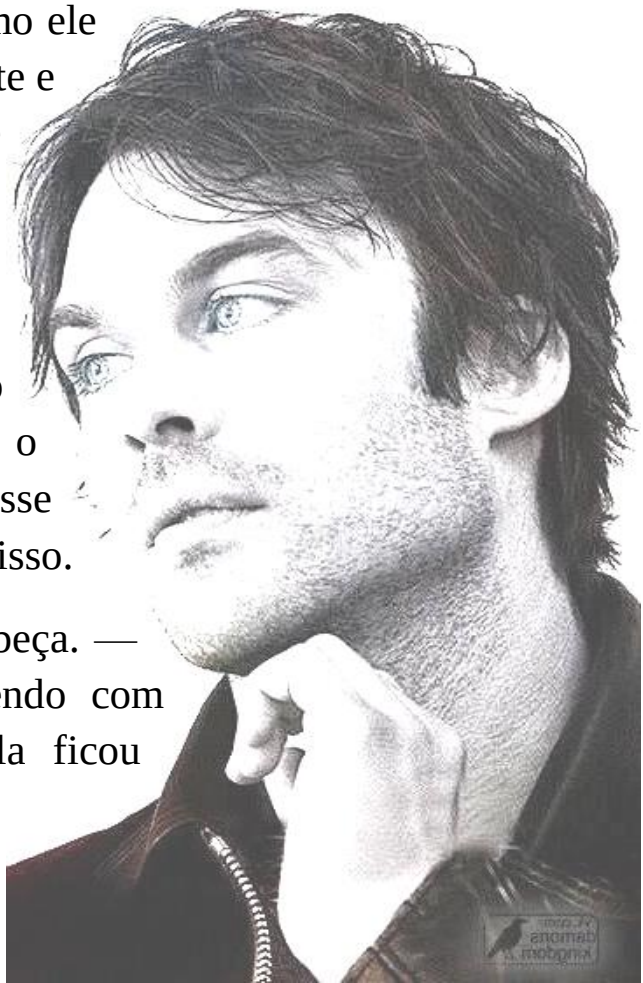
Isso não parece nada além de um coração partido.

O meu.



O pensamento empurra minhas palavras para frente e digo: — O nome dela era Claire. Ela era minha paciente. Era bipolar, como a minha mãe. Tive muitos pacientes assim, mas algo nela me lembrou a maior parte de minha mãe. Talvez porque ela estivesse sozinha. Seus pais haviam desistido dela. Seu noivo a havia deixado. Quando ela veio até mim, estava muito doente, e eu queria consertar isso. Eu fiz tudo que pude. Passamos por uma dúzia de terapeutas, mudanças de médicos e mudanças posológicas. Fiquei obcecado em salvá-la. Tanto é assim que não achei errado deixá-la ficar no meu apartamento algumas vezes ou dar-lhe dinheiro se ela estivesse com pouco para o aluguel. Uma vez eu até a salvei daquela festa em que ela foi.

Passei meus dedos pelos meus cabelos molhados. — Cristo, parece o caso de transferência de livros didáticos, exatamente o que eles nos dizem para tomar cuidado. Eu não via dessa maneira. Eu fiquei tão cego. Tudo que eu sabia era que não podia deixar o que aconteceu com minha mãe acontecer com ela. Eu não poderia ser como meu pai. Toda a minha vida, eu fui tão consumido por isso. Eu odiava como ele a fazia se sentir menos porque ela estava doente e ele não suportava isso. Odiava que ele fosse fraco. Eu... Quando minha mãe morreu, eu... Até dei um soco nele no funeral dela.



Eu ri tensamente. — Ele nunca me deu um soco de volta. Pensei que ele faria. Tudo o que ele fez foi se afastar. Eu nunca entendi o porquê. Até recentemente. Talvez ele soubesse que era culpado. Embora ele nunca tenha dito isso.

Suspirando, tirei a memória da minha cabeça. — Quando percebi que o que eu estava fazendo com Claire estava errado, era tarde demais. Ela ficou

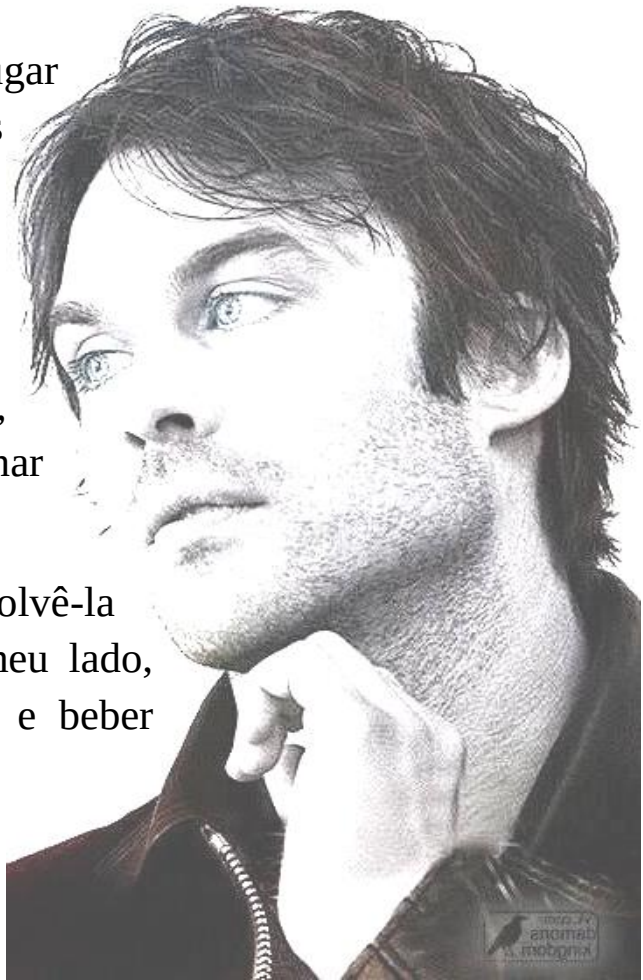


completamente dependente de mim. Havia rumores por toda parte. Eu disse a ela que ela deveria procurar outro médico. Eu disse a ela que a ajudaria na transição. Lembro-me da noite em que lhe disse que deveria ver outra pessoa. Estava chovendo. Eu tinha uma lista dos candidatos que ela podia ver em vez de mim e discuti todas as opções dela com ela. Ela parecia bem quando saiu. Ela estava sorrindo, até. E então, uma hora depois, recebi a ligação de que ela havia sofrido um acidente de carro. Eles culparam o mau tempo. Eles disseram que ela provavelmente não conseguia ver para onde estava indo. Ou o pneu deve ter derrapado para o carro bater contra a árvore. Mas eu sabia. Eu sabia que isso aconteceu por minha causa. Se eu não estivesse tão obcecado em salvá-la e ser melhor que meu pai, ela estaria viva hoje.

— Simon.

Engolindo, eu me concentro nela. Essa garota corajosa e inocente. Suas lágrimas estão caindo novamente. Eu estou a fazendo chorar. Isso é tudo o que pareço fazer.

Houve um tempo em que consegui enxugar suas lágrimas, sentá-la no meu colo, alisar os cabelos e beijar sua testa, e ela olhava para mim como se eu fosse seu herói.



Porra, aquele olhar.

Aquele olhar me fez querer sacudi-la, então ela parou de olhar. Ela parou de me olhar como se eu pendurei a lua.

Isso também me fez querer beijá-la, envolvê-la em meus braços e mantê-la encolhida ao meu lado, matar todos os seus pensamentos sombrios e beber



todas as suas lágrimas.

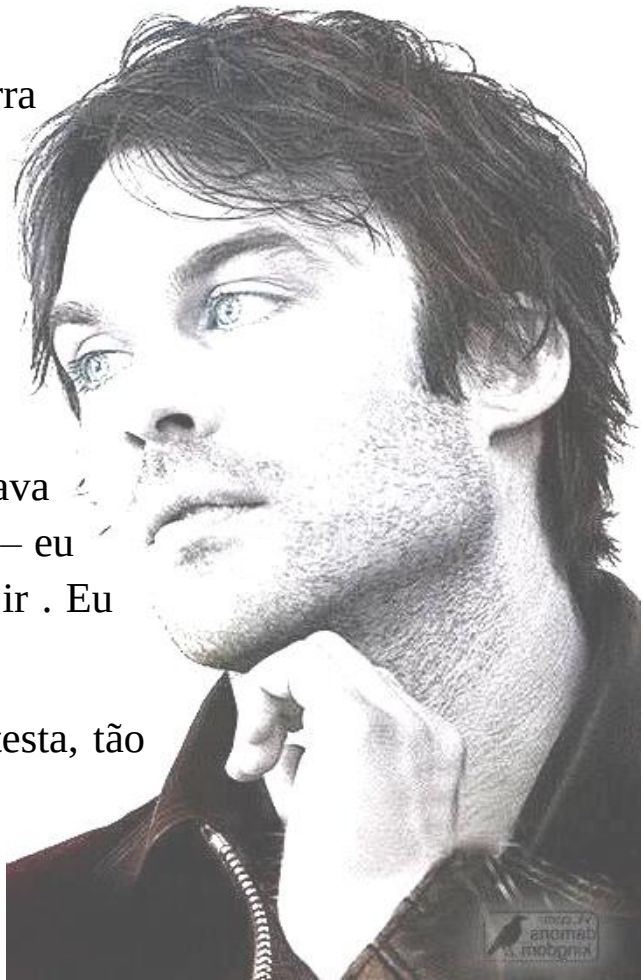
— Ela sofreu um acidente. – digo a Willow. — Ela não morreu, mas entrou em coma. Lesão cerebral anóxica devido a traumatismo craniano grave. E seus pais entraram com uma ação contra mim quando eu disse a eles que era minha culpa. O conselho me pediu para deixar o meu cargo até que o assunto fosse resolvido, e eu o deixei. Eu não ia ficar mesmo. Não depois do que aconteceu.

— É ela…

Ela para, com os seus olhos arregalados e tão azuis que eu quero me afogar neles.

Eu estou me afogando neles.

Estou me afogando nessa porra de espera para ver o que ela tem a dizer a minha confissão. Sei que é uma possibilidade distinta que ela me mande embora depois disso, e sinceramente não sei o que farei se ela o fizer.



— O que aconteceu? – ela sussurra finalmente, e minha próxima respiração fica fácil.

Eu ainda tenho tempo. Ainda posso estar na presença dela. Ainda posso olhar para ela e ouvir sua voz.

— Eles desligaram os aparelhos. Eu estava indo para detê-los. Eu estava dirigindo até lá. – eu balanço minha cabeça. — Mas eu decidi não ir . Eu decidi deixá-la ir.

— Por quê? – ela pergunta, franzindo a testa, tão



perfeita em sua confusão.

— Porque a enfermeira do meu pai me ligou dizendo que ele estava lúcido. Ele parecia se lembrar de mim. Ela me disse que eu deveria vê-lo.

— Vo... Você conseguiu falar com ele?

Eu sorrio tristemente. — Não. Quando cheguei a ele, ele não estava mais lúcido.

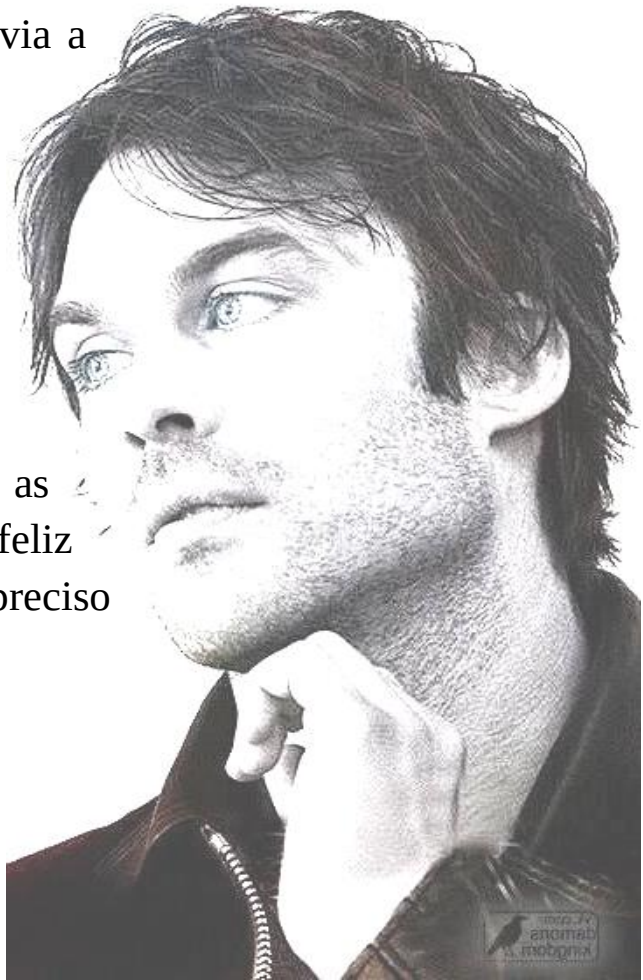
— Sinto muito.

Mesmo que ela não tivesse telefonado, eu não teria conseguido fazer o percurso inteiro. Eu não seria capaz de deixar Heartstone.

— Está tudo bem. Era a coisa certa a se fazer. Deixá-la ir.

Naquela noite, quando me virei, senti a pressão diminuir do meu peito. Eu não sabia então, mas o ato de dirigir de volta por meu pai era a minha maneira de seguir em frente e deixar Claire ir.

Talvez seja isso que a aceitação faz. Alivia a pressão, o conflito.



É por isso que Willow começou a rir mais quando confessou as suas mentiras no grupo há muito tempo. Beth estava certa. Eu digo aos meus pacientes para lutarem, mas eu me esqueci.

— Bem. – ela suspira, enxugando as lágrimas e endireitando a coluna. — Estou feliz por você. Que você seguiu em frente. Mas preciso voltar ao trabalho para...



— Eu menti. – digo a ela, então.

Desta vez, quando os seus olhos se arregalam, há mais do que tristeza neles.

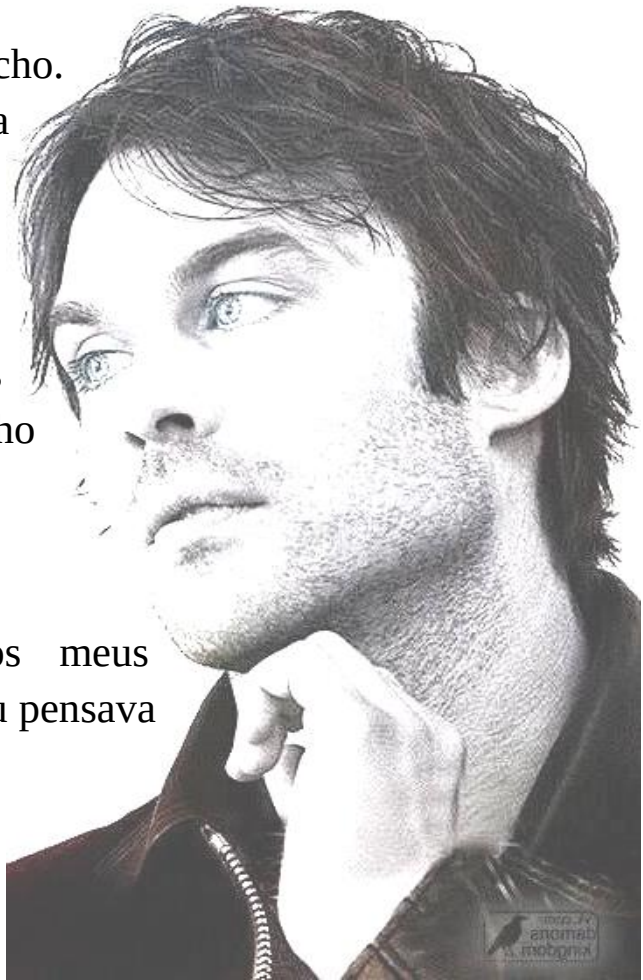
Há consciência. Uma eletricidade que parece queimar sempre que estamos perto. Percebi na primeira vez que ela entrou no meu consultório. Essa foi a razão pela qual eu pedi que ela me conhecesse contra as práticas tradicionais e contra todas as razões.

— Mentiu sobre o quê?

Eu ando mais perto dela e ela dá um passo para trás. — Sobre tudo o que eu disse naquela noite.

— Não importa.

Na verdade, eu notei essa centelha antes mesmo disso. Quando ela estava de joelhos, juntando as páginas de seu livro. Talvez fosse por essa eletricidade que eu sabia que tinha que me ajoelhar. Eu sabia que tinha que ajudar a garota de cabelos platinados.



Isso é o que chamam de destino, eu acho. Essa eletricidade, esse magnetismo. Essa chamada estranha do instinto.

Não devo pressioná-la e prendê-la contra a porta pela qual ela saiu, mas eu não consigo parar. Coloquei as palmas das mãos em ambos os lados da sua cabeça e sussurrei: — Tenho sentimentos por você. Eu sempre os tive.

Ela franze a boca bonita. — Eu não ligo.

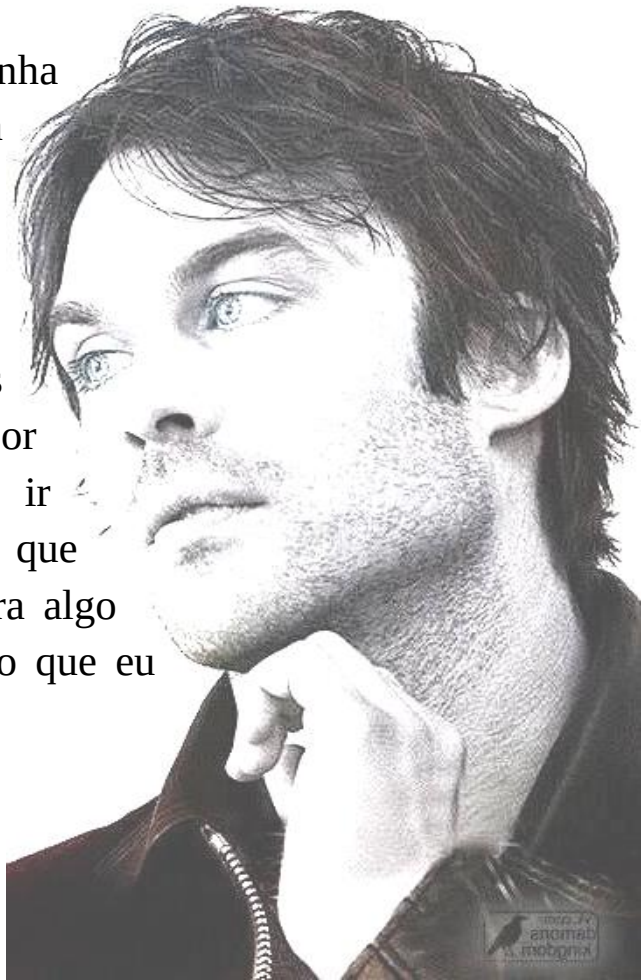
Continuo. — Sempre pensei que os meus sentimentos por você eram minha fraqueza. Eu pensava



que toda vez que via você caminhar pelos corredores, toda vez que eu pressionava meus ouvidos para ouvi-la rir ou falar, toda vez que eu chamava você de volta ao meu consultório, eu estava falhando. Você era minha paciente, eu não deveria sentir isso. Eu não deveria procurá-la na sala de jantar ou no local. Eu não deveria ouvir sua voz na minha cabeça ou pensar em sua pele quando via a lua. Não deveria imaginar tocar seu cabelo toda vez que você afastava a franja da testa. Eu pensei que estava falhando.

— Simon, eu te disse...

— Eu não estava falhando, Willow. Eu estava vivendo. Acordar de manhã também é difícil para mim. Às vezes, eu não quero. Mais frequentemente, meu primeiro pensamento costumava ser no dia em que encontrei minha mãe. Isso me aterrorizaria, toda vez que eu abrisse meus olhos pela manhã, passando pelo mesmo ciclo de emoções que eu vivi naquele dia. Eu sempre achei melhor simplesmente não dormir. Mas então eu te conheci.



Seu queixo se inclina e ela arqueia em minha direção. Sua voz não tem a cadência severa que ela provavelmente quer retratar quando sussurra: — Eu não... Não me importo.

Inclino-me, nos aproximando ainda mais. — Eu conheci você e todos os pensamentos que tinha foi tornado seu. Comecei a ansiar por acordar de manhã. Comecei a ansiar por ir trabalhar. Andando pelos mesmos corredores que meu pai. Não era uma tarefa. Viver. Não era algo que eu tinha que fazer. Viver se tornou algo que eu queria fazer.

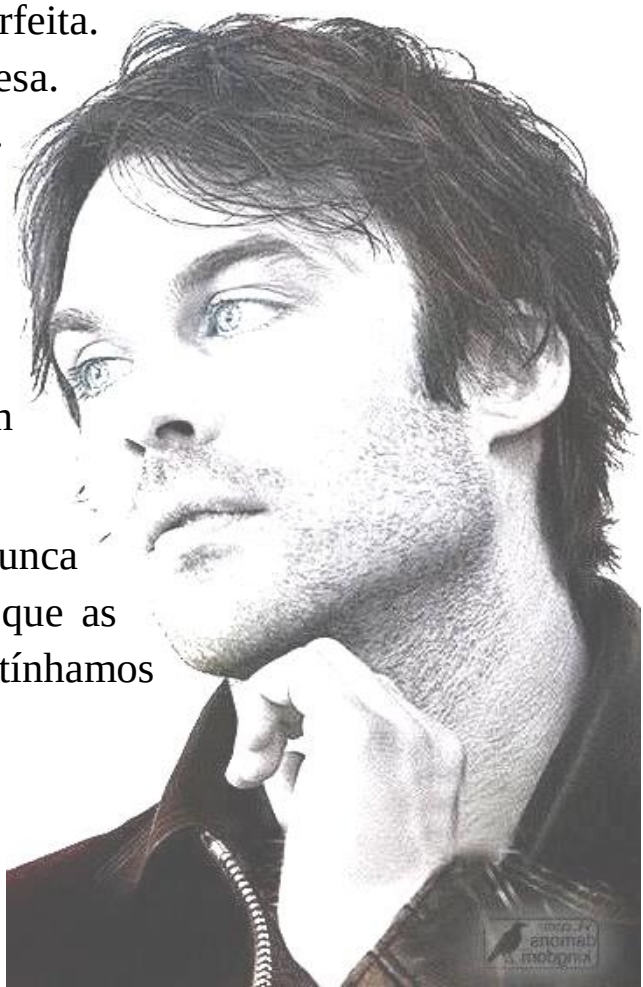


Ouço o barulho de sua jaqueta encharcada que estava em volta de seus braços caindo no chão. Ela coloca as mãos no meu peito, me empurrando e, apesar da situação e dos problemas não resolvidos entre nós, meu corpo frio esquenta em nosso primeiro contato depois de meses.

— Eu disse que não me importo.

Tirando minhas mãos da porta, eu seguro suas bochechas macias. — Eu nunca acreditei que poderia amar. Eu nunca pensei que sabia o que a palavra significava. Eu estava muito quebrado. Muito frio e enterrado dentro de mim. Eu odiava muito o meu passado e por todas as coisas que aconteceram. E então, você me aconteceu, Willow. Nunca pensei que poderíamos ter algo além de Heartstone. Todos os dias eu contava os dias que havia estado com você. Eu estava contando os dias da minha vida. Porque eu sabia que no momento em que você saísse daqueles portões, eu morreria. Eu pararia de viver.

Enxugo suas lágrimas, mas mais continuam vindo, apertando a faixa em volta do meu peito. — Você é... Muito perfeita. Tão perfeita, bonita e inocente. Uma Princesa. Você merece um Rei. Um verdadeiro herói. Alguém para lutar ao seu lado. Eu nunca pensei que poderia ser esse herói. Não com meus erros e problemas e minha batalha com o passado. Mas então, percebi que um herói não é alguém que não cai. Um herói é alguém que sabe como se levantar.



E então eu digo. As três palavras que eu nunca pensei que diria a alguém. Eu nunca pensei que as sentiria. Mas ela sabia. Ela sempre soube que tínhamos algo entre nós.



— Eu te amo, Willow. – sussurro, rouco. — Eu te amo muito, porra.

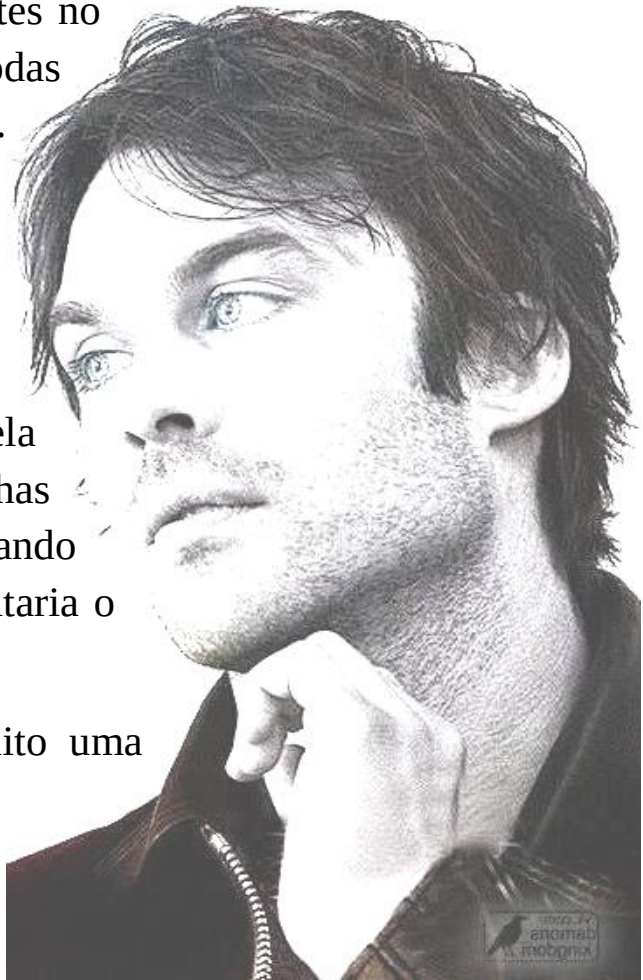
Ela soluça, e suas mãos se tornam punhos na minha camisa enquanto ela tenta me empurrar novamente. — Então por que foi embora? Por que diabos você foi embora? Por que você me disse todas aquelas coisas? Por que você partiu meu coração a ponto de eu perder a cabeça?

Suas palavras me fazem sangrar. Suas palavras me fazem pensar em todas as vezes que eu queria bater na porta dela e me desculpar. O tempo que eu queria confessar, contar tudo a ela.

— Willow...

— Não, pare de falar. – ela balança a cabeça, tentando se controlar. — Apenas pare de falar. Você não pode vir aqui e dizer todas essas coisas para mim e esperar que tudo volte ao normal.

Ela dá um tapa no meu peito. — Você partiu meu coração, Simon. Você destruiu tudo. Você sabe que eu te procurei? Na manhã seguinte. Eu te procurei. Eu esperei por você todas as noites no meu quarto. Mesmo depois de você ter dito todas aquelas coisas para mim. Eu esperei por você. Mas você nunca voltou. Você não voltou nem uma vez. Então, eu não me importo se você me ama, porque eu te odeio. Eu odeio tanto você.



Ela se empurra contra mim novamente, pela terceira vez, com as suas bochechas vermelhas com suas emoções. Não gosto de vê-la lutando assim e eu me afastaria. Eu a deixaria ir, aceitaria o meu castigo sem dizer uma palavra.

Se fosse verdade. Se ela não tivesse dito uma



coisa.

Essa coisa me faz recuar. Isso me faz chegar atrás dela e encontrar a maçaneta da porta, abrindo-a. Eu levo seu corpo com o meu e ela tropeça em seus pés, ofegando. Agarro o seu braço para mantê-la em pé e fecho a porta, ao mesmo tempo.

— Que porra você está fazendo? – ela olha para mim antes de desviar o olhar para a porta.

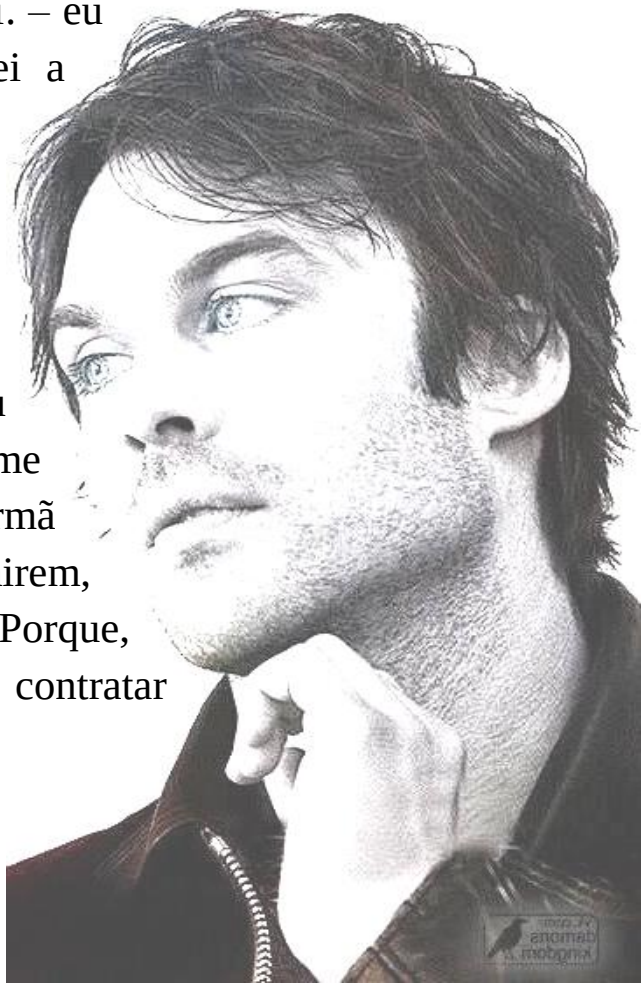
Aproximando-me, eu bloqueio sua visão de qualquer coisa além de mim. Eu a apoio contra a pia - aparentemente, é o banheiro - e coloco minhas mãos na bancada de cada lado dela para que ela não possa escapar.

— Simon! – ela empurra meu corpo, mas quase não há pressão. — Saia de perto de mim.

— Eu voltei.

— O que?

— Na noite em que voltei para o meu pai. – eu respondo. — Voltei para o hospital. Fiquei a noite. Ao lado da sua cama.



— O que?

— Quando cheguei em casa, meu pai já estava morto. Antes que eu pudesse descobrir meu próximo passo, Dean me encontrou. Seu pai estava fora da cidade novamente e ele me mandou uma mensagem. Levei ele e sua irmã para jantar e depois os observei até dormirem, deixando-os com a enfermeira do meu pai. Porque, aparentemente, o pai deles esqueceu de contratar



alguém para cuidar deles.

E então fui para Heartstone. De volta para ela. Durante toda a viagem, fiquei pensando em como fui estúpido em correr para o meu passado quando meu presente está cheio de pessoas que não apenas precisam de mim, mas também me querem.

— Sim. Eu saí antes de você acordar. Não achei que você gostaria de me ver depois do que eu fiz. Mas...

Por uma minúscula fração de segundo, penso em quanto revelo.

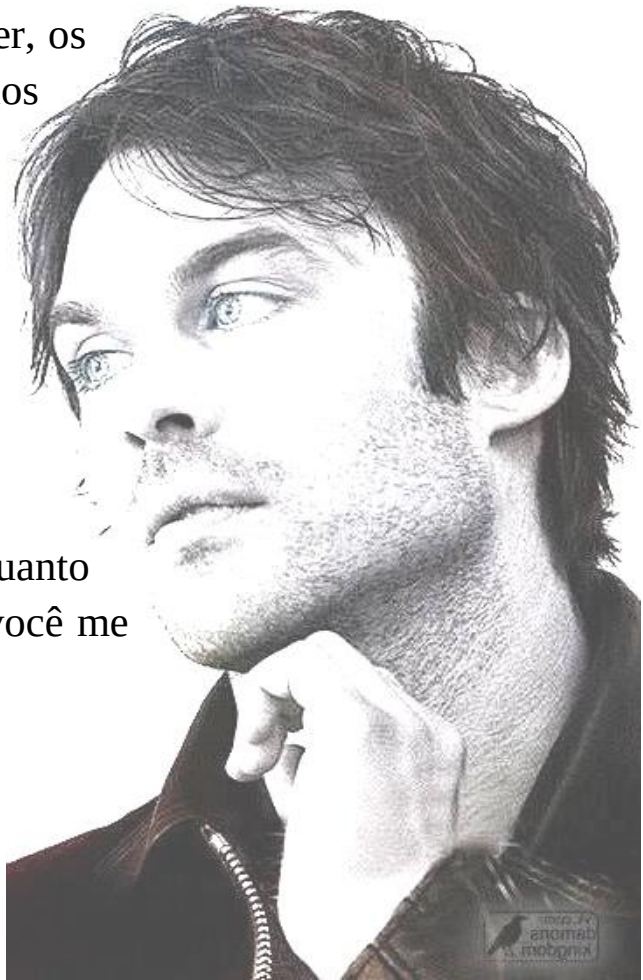
Quanto lhe contar? Mas é ridículo - além do ridículo - até imaginar isso.

Vou contar tudo a ela.

Toda porra de coisa.

Eu absorvo suas feições, seu corpo e suas emoções.

A agitação em seus olhos, seu cabelo platinado molhado e solto, seu peito ofegante em sua camiseta de Harry Potter, os montes de seus seios enrijecidos. Seus lábios carnudos e vermelhos cereja se abrem de raiva.



Ela é uma princesa do caralho. Ela é a minha princesa. Deixe-a ver como eu estou doente e distorcido por ela.

— Mas o quê? – ela retruca.

— Mas subestimei o quanto te amava. Quanto machucaria ficar longe de você, mesmo que você me odiasse.



— O que faz…

Ela para quando me afasto dela. Um passo, dois. Três. Arranco a minha gravata. Em seguida vem o meu paletó encharcado. Jogo os dois no chão.

— O que... O que você está...

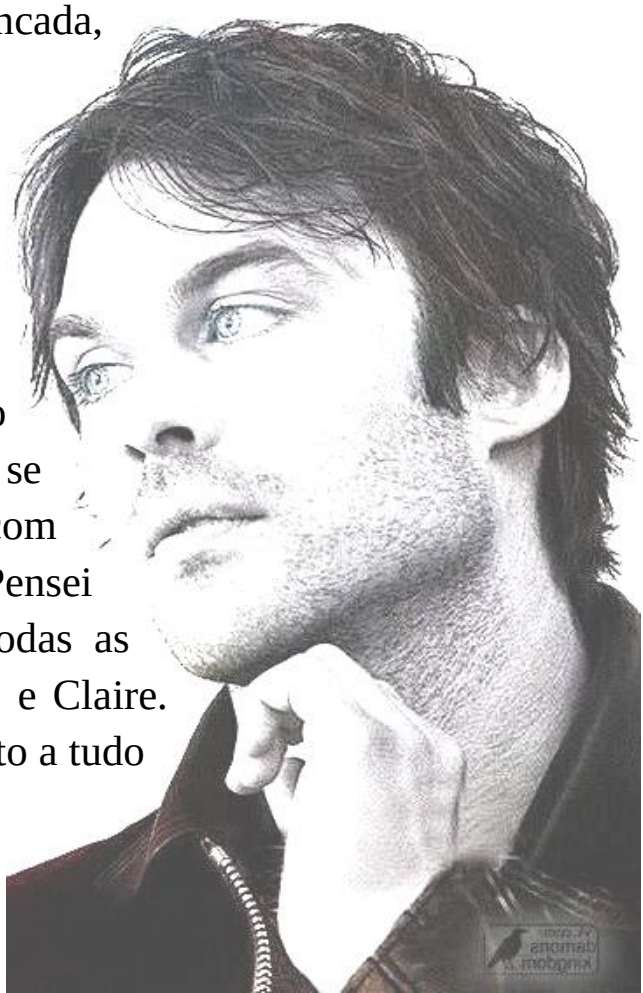
— Estou lhe dizendo tudo. Tudo o que eu sou. Tudo o que está dentro de mim.

Desabotoo os três primeiros botões da minha camisa antes de arrancá-la do meu corpo. Olhando nos olhos dela, eu coloco a minha mão no meu peito, onde está minha tatuagem.

Exatamente como aquela em seu pulso. A única diferença é que a minha está no meu coração.

— Então eu voltei novamente. O dia em que você foi à praia.

Os olhos dela se arregalam. Grande e azul como o oceano que ela foi ver todos aqueles meses atrás. Ela agarra a bancada, inclinando-se contra ele.



— Co... Como... – ela vacila em suas palavras, com seu olhar colado na tatuagem correspondente no meu peito.

— Eu vi você. – confesso. — Vi a sua ficha e sei que não deveria. É uma invasão confidencial de privacidade, mas queria saber se você estava bem. Dirigi para a cidade, louco com o pensamento de apenas te abraçar uma vez. Pensei em contar tudo o que você queria saber, todas as minhas partes feias, minha raiva, minha mãe e Claire. Tudo. Eu queria lhe dizer que você tinha direito a tudo



o que sou. Mas então eu vi você. Você estava com Renn e o resto das garotas. Você estava saindo do prédio onde mora.

Pressionando a palma da mão sobre o peito, eu grito: — Você estava tão linda, caralho. Tão branca e brilhando sob o sol e... E meu coração começou a bater. Depois de dias. Semanas. Eu te segui como um maldito pervertido. Você foi à praia. Eu vi você na areia. Você estava com óculos. Um chapéu. Eu sei que você odiou estar lá, mas você ainda foi. Você ficou o tempo que seus amigos queriam. Você olhou para o céu, como se não tivesse mais medo do sol. E mesmo se você estivesse, não iria a lugar nenhum.

Ela usava um biquíni branco, tão virginal, tão puro.

Como a pele dela.

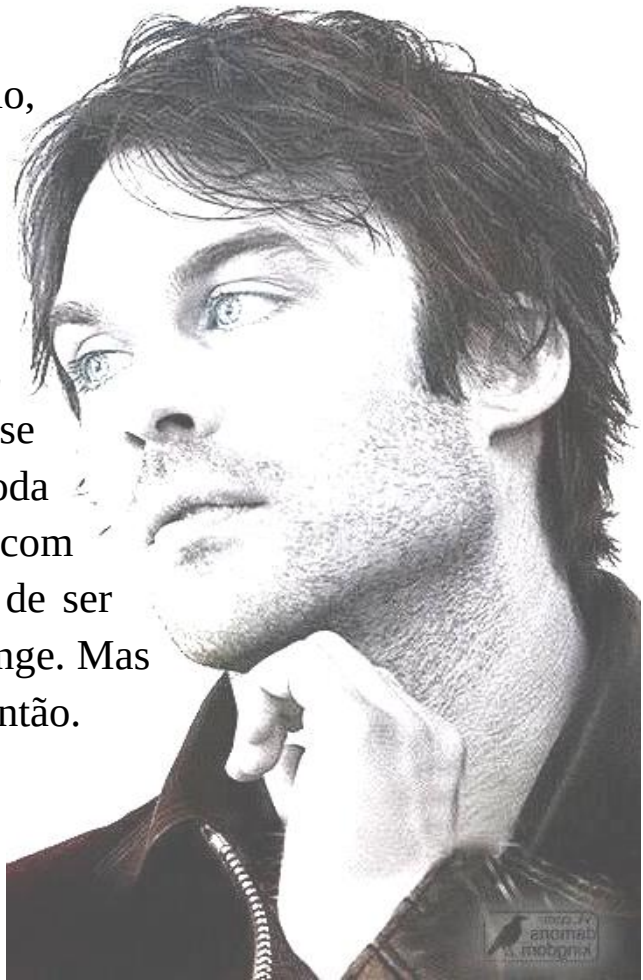
Como ela.

— E então, você foi ao estúdio de tatuagens. Eu entrei depois que você saiu. Paguei o cara no balcão um extra para me fazer a mesma tatuagem que você tinha feito. Dois W.

Está escrito em um script fino e minúsculo, um W sobreposto ao outro.

— Por... Por que você não...

— Porque você estava vivendo. Apesar de tudo, estava lutando. Você não desistiu. E se eu voltasse à sua vida e a quebrasse novamente? E se me ver trouxesse de volta toda a dor daquele dia? Eu não poderia fazer isso com você. Eu não poderia tirar sua única chance de ser feliz, viver uma vida. Então eu me mantive longe. Mas eu continuava voltando. Todos os dias desde então.





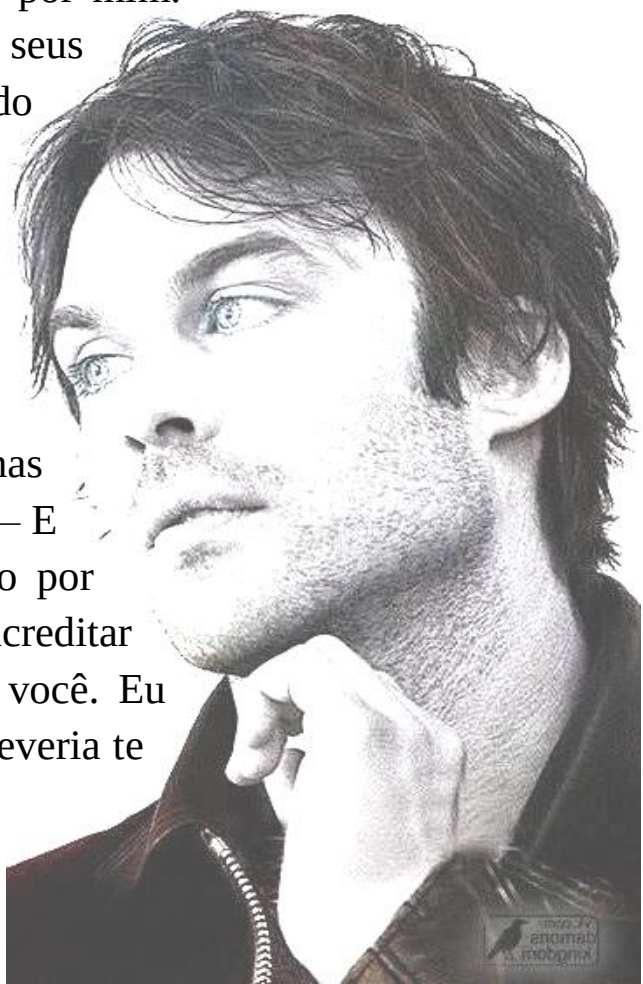
Na sua expressão atordoada, eu dou um passo em sua direção. — Todas as manhãs, você sai do seu apartamento às 8h30. Você vai a cafeteria na esquina e pede um cappuccino grande. Você sorri para o balconista e ele sorri também. Porque ele tem uma queda por você. Ele observa você quando você sai. Ele não tira os olhos de você até que você desapareça completamente. Eu odeio a visão dele. Um dia desses, vou quebrar a mandíbula dele.

Outro passo mais perto dela. — Toda quarta, sexta e sábado você vem aqui. Quando as crianças chegam, você ri. Embora eu não possa ouvi-las porque estou sempre longe, sempre do outro lado da rua, sempre olhando.

Há descrença em seus olhos, em seu rosto, junto com algo que duplica minha esperança. Anseio.

Minha confissão é um bálsamo para ela. Ela gosta disso. Ela gosta do fato de eu tê-la observado.

Ela sempre amou isso. Sendo observada por mim. Eu tinha tanta vergonha disso, rastreando os seus movimentos, procurando por ela, conhecendo seus hábitos, suas peculiaridades.



Mas ela adora. E eu a amo.

Eu a amo com cada pedaço do meu coração e minha alma.

Eu a alcanço e seguro as suas bochechas novamente, inclinando o pescoço para cima. — E hoje eu estava rezando, esperando, morrendo por uma chance de você aparecer. Não queria acreditar quando Beth me disse que tinha convidado você. Eu fiquei bravo com ela. Eu disse a ela que ela deveria te



deixar em paz. Ela deveria deixar você viver sua vida, mas por dentro, eu queria que você viesse. Eu queria uma chance, Willow. Alguma indicação de que você ainda pode me olhar. Que você ainda pode ficar perto de mim depois que quebrei seu coração.

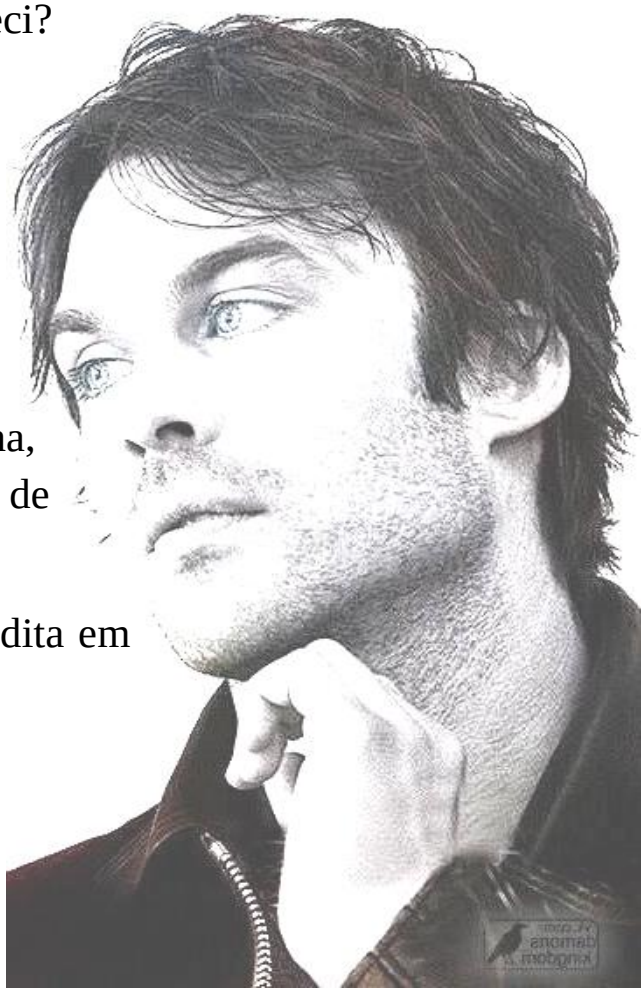
A respiração dela está ofegante, a boca entreaberta e eu gostaria de poder beijá-la. Eu gostaria de poder me abaixar agora e colocar minha boca na dela, provar seu sabor de limão, lamber sua suavidade. Morder. Torná-la minha.

Mas não posso. Ainda não. Talvez nunca.

Cristo. Não sei o que faria se realmente não fosse nunca.

— Willow...

Ela fala sobre mim: — Sabia sobre Claire. Antes de ir hoje, perguntei a Renn. Ela me contou sobre os rumores, sobre o processo, tudo. Ela me disse para não ir. Ela me disse que você me quebrou o suficiente. Que não preciso mais de você. Você sabe por que apareci?



— Por quê?

— Porque eu pensei que você estaria sozinho. E porque eu não acreditei em uma palavra que eles disseram sobre você e Claire. Eu sou estúpida, não sou?

Minha mão flexiona em sua bochecha, treme, como meu coração e a minha porra de corpo.

Ela não acredita nos boatos. Ela não acredita em nada disso.



— Você é de tirar o fôlego.

Ela me olha através de seus cílios e o calor agita meu interior.

— O que teria feito, se eu não tivesse aparecido?

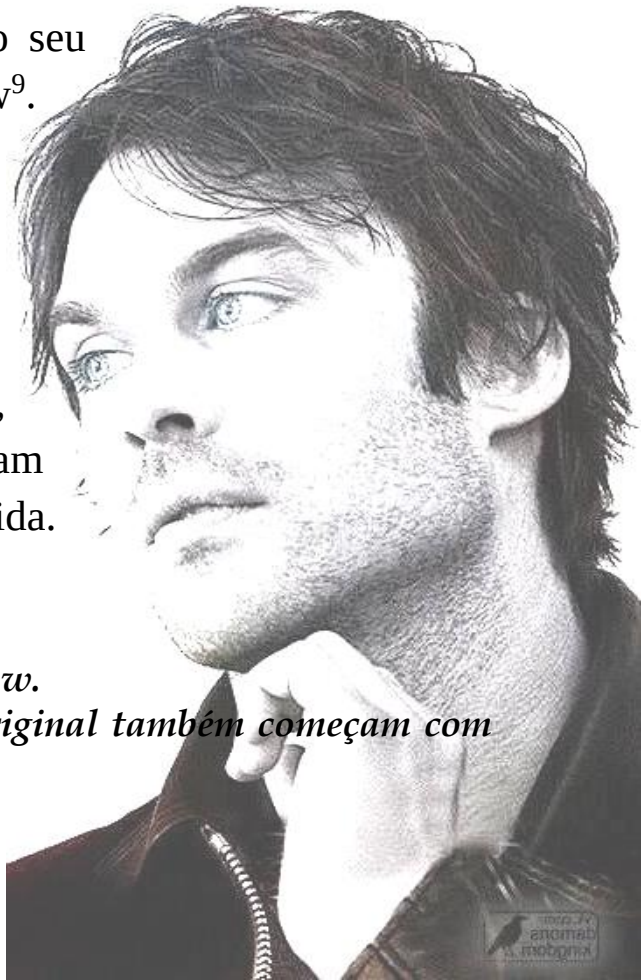
— Eu continuaria voltando. Eu continuaria te observando. Continuaria observando você lutar e viver, e você continuaria me inspirando a fazer o mesmo. E talvez um dia eu teria reunido coragem suficiente para vir falar com você.

Ela balança a cabeça, suspirando. — Foi o dia mais difícil depois que saí. A praia. Eu não queria me levantar. Eu nem queria abrir meus olhos. Eu estava sentindo tanto a sua falta e tudo o mais se acumulou a partir daí. Renn me disse que eu precisava. De fato, todas as três entraram no meu quarto, me arrastaram para fora e me colocaram no chuveiro. Elas me lembraram de que eu tenho que viver. Porque todos os dias que vivo, eu ganho.

Elas estão certas. Todos os dias ela vive, luta e vence.

Ela olha para a tatuagem, acariciando o seu pulso. — Dois W significam Guerreira Willow[9]. Eu pensei em fazer uma brincadeira com Willow Anormal[10] e realmente fazer uma tatuagem. Então, eu fiz.

Ela me dá um sorriso vacilante e eu esfrego meus polegares em torno de sua boca, esperando absorver esse sorriso. — Eles eram idiotas. Eles não sabem o que diabos é essa vida.



---

[9] Guerreira Willow: no original é Warrior Willow.

[10] Willow Anormal ou Estranha Willow: no original também começam com as duas iniciais W. No caso, é Weird Willow.



Eu vou encontrá-los e vou quebrar todos os ossos do corpo deles. Eu vou...

Eu paro quando ela toca meu peito. Minha tatuagem, para ser exato. Ela afugenta o frio do inverno e a chuva com apenas um movimento dos dedos em mim.

— Você não vai fazer nada. – diz ela, e tento não pensar em como meu coração dispara, tentando sair do meu peito e tocá-la.

— E se eu tivesse feito uma princesa ou algo assim?

— Então eu teria uma princesa no meu peito.

Pela primeira vez hoje, eu a vejo sorrir alcançando os seus olhos. — Você é louco.

— Sim.

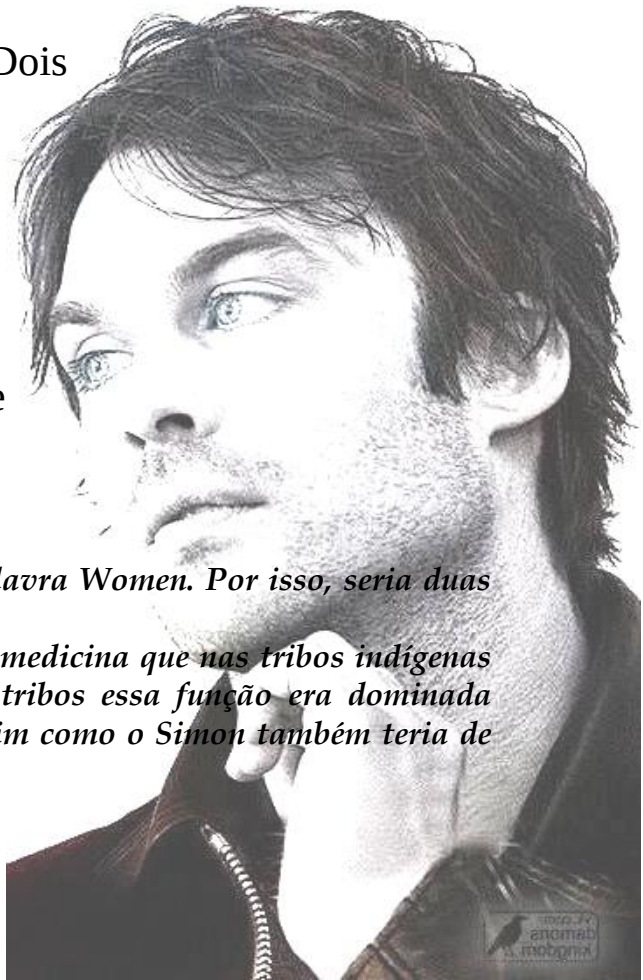
— E um perseguidor pervertido.

— Sim. Isso também.

— Você sabe o que mais isso significa? Dois W?

Movo meu pomo de Adão. — Não.

— Duas mulheres[11]. Quando eu leio de cabeça para baixo no meu pulso, o que vamos encarar, eu faço várias vezes ao dia. – ela me olha. — Significa curandeiro[12].



---

[11] Duas mulheres: porque nesse caso, ela se refere a palavra Women. Por isso, seria duas mulheres.

[12] Curandeiro: no original medicine man. O homem da medicina que nas tribos indígenas se denominava curandeiro, mas normalmente nessas tribos essa função era dominada pelas mulheres. Essas pessoas tem o dom da cura. Assim como o Simon também teria de curá-la.



Cubro a mão dela com a minha e a pressiono contra meu peito, tentando imprimir seu toque na minha pele. — Me dê uma chance, Willow. Apenas uma.

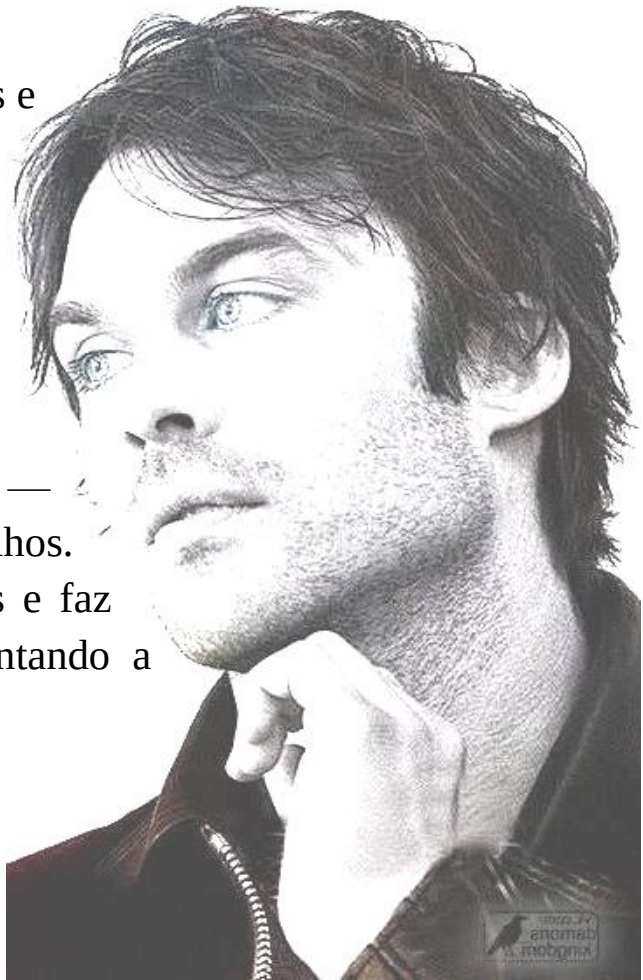
— Por quê?

— Então eu posso fazer isso direito. Para que possa fazer o que deveria ter feito naquele dia. Eu deveria ter voltado atrás nas minhas palavras e ter dito a você que te amava. Que você sempre esteve certa. Deixe-me acertar, por favor.

Ela balança a cabeça, cravando as unhas no meu peito. — Não. Eu não quero que você faça isso direito. Quero que você vá embora.

— Não faça isso. Não me faça ir, Willow.

— Eu não preciso de você. Mesmo que eu chore todas as noites. Mesmo sonhando com você todas as noites e não escute minha terapeuta que me diz para namorar. Eu ainda estou lutando. Eu ainda estou vivendo. Eu sou uma guerreira. Você me ensinou isso. Então, por que eu deveria me importar?



Lágrimas gêmeas escorrem por seus olhos e penetram nos meus dedos. — Você não precisa de mim. Não precisa de ninguém. Você pode ser o que quiser, Willow. Mas eu sei uma coisa.

— O que?

Enxugo as lágrimas dela, quando digo: — Quando você sorri, isso não atinge seus olhos. Quando você ri, não joga a cabeça para trás e faz isso com abandono. Então, eu estou perguntando a você. Te implorando.



— Me implorando para quê?

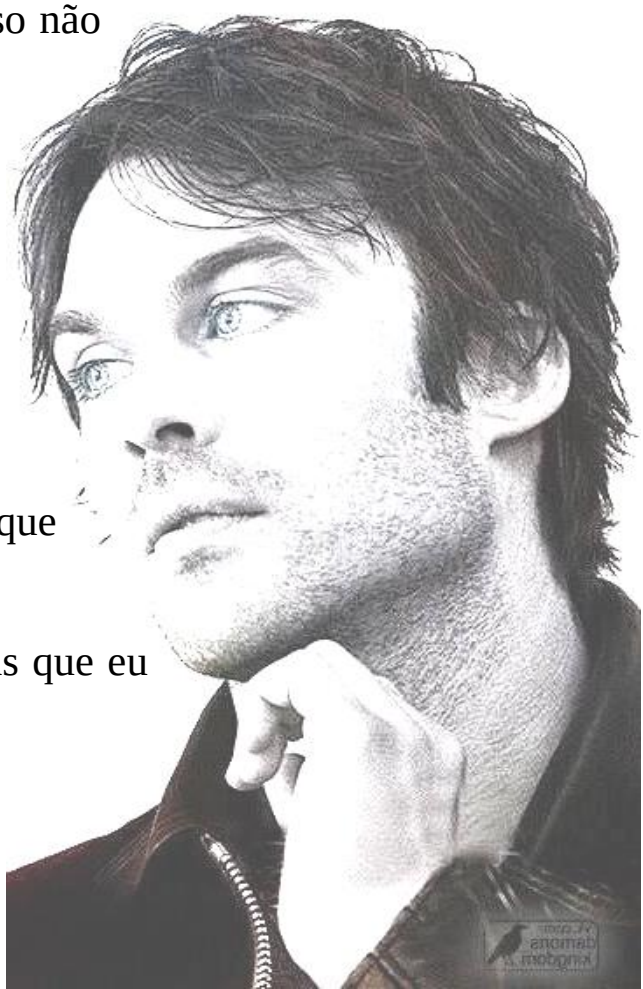
— Deixar-me ser o homem que pode fazer você sorrir não com os lábios, mas com os olhos. Estou pedindo que você me deixe ser o homem que faz você querer rir com abandono.

Ela treme. — Sabe que ninguém me fez feliz, certo? O que faz você pensar que pode?

Eu apoio a minha testa contra a dela. — Posso porque não sou *ninguém*. Eu sou eu. Eu acredito. Você me faz acreditar. Em magia. Nos contos de fadas. No destino. Oscilações. No fato de que posso fazer isso. Eu posso ser o que e quem você precisa que eu seja. Você me faz acreditar que nasci para você.

Ela hesita como se não entendesse que eu lembro de suas palavras. Eu gostaria de poder rir do absurdo disso. É absurdo que eu possa esquecer qualquer coisa que ela já tenha me dito. Eu arquivei, suas palavras, suas expressões, seus toques nos cantos mais distantes do meu coração.

— Eu nunca deveria ter atacado você. Isso não foi certo.



— Eu nunca deveria ter dito aquelas coisas.

— Eu não sabia como lidar com o que você me disse. – ela sussurra, entrecortada.

— Deixe-me consertar.

Ela lambe os lábios salgados. — É isso que você faz, não é? Você conserta tudo.

— Nem tudo. Não mais. Apenas as coisas que eu quebrei.



— Como meu coração.

— Como seu coração.

Suspirando, ela apoia as duas mãos no meu peito e sussurra: — Apenas uma. Uma chance.

— Porra... – eu gemo, fechando os olhos, como se ela desse uma nova vida a mim.

Ela crava as unhas afiadas na minha pele e abro meus olhos para encontrá-la olhando para mim. — Mas se você estragar tudo. Se você estragar tudo, Simon Blackwood, odiarei você para sempre.

Eu sorrio finalmente. — Não vou deixar você me odiar. Eu morreria antes disso.

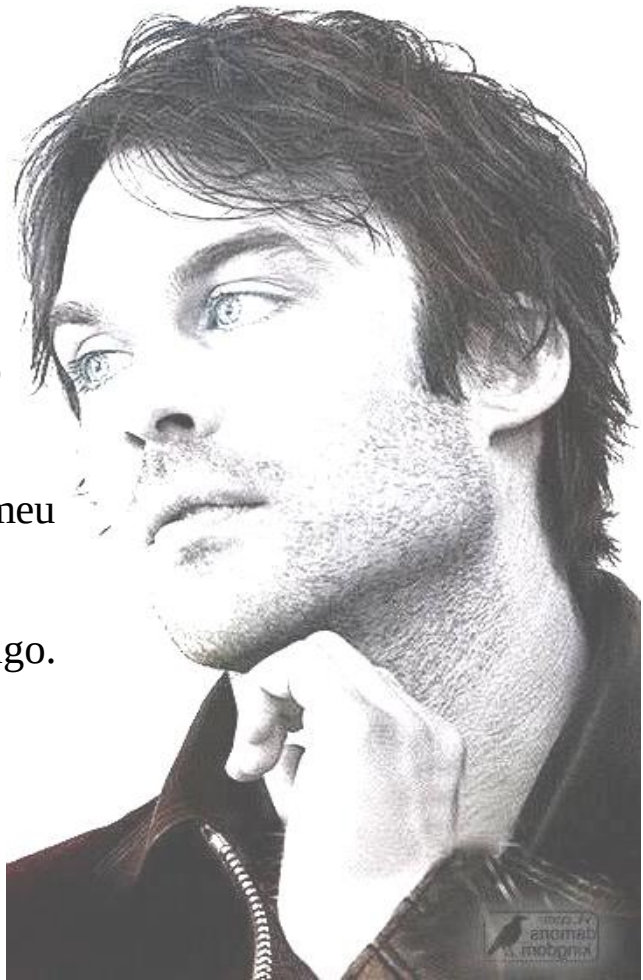
Ela dá um tapa no meu peito. — Não fale sobre morrer.

O olhar dela amplia meu sorriso e pergunto o que devo perguntar desde o começo. Talvez eu tivesse perguntado, se ela não fosse minha paciente e eu não estivesse preso demais no meu passado.

Mas como eu disse, vou consertar.

— Quer sair comigo?

Seus olhos procuram os meus, como se de novo ela não pudesse acreditar no que eu disse. Eu não posso culpá-la. Eu não fui justo com ela. Eu a deixo lutar sozinha por muito tempo, mas vou mudar isso.



Ela envolve os braços em volta do meu pescoço. — Sair como?

— Sair como sair. Em um encontro. Comigo.

— Não tivemos essa conversa antes?



— Não. – eu balanço a minha cabeça. — Porque como um babaca eu nunca te pedi. Mas estou fazendo isso agora.

Toda a minha vida eu queria ser melhor, ser mais, mas só agora eu percebi que ser melhor não é ser materialista.

Não se trata de realizações externas. É uma coisa interna. Ser melhor ou ser mais é pessoal e individualista. É sobre crescimento. É sobre mim.

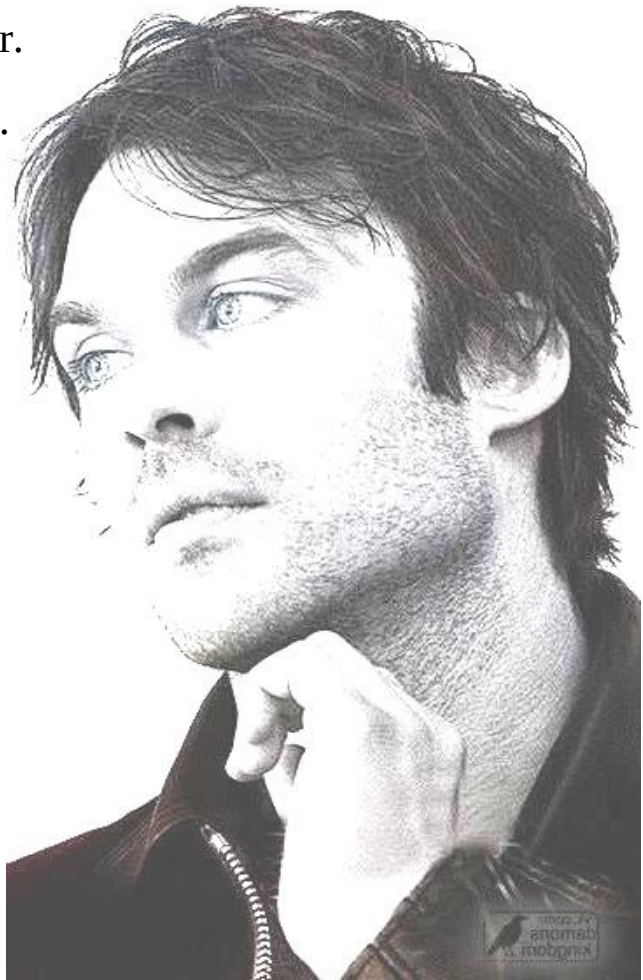
— Você não é um babaca. Você nunca foi. Você é apenas um idiota.

Eu rio. — Sim, sou isso.

Ao olhar nos seus lindos olhos, sei que todos os dias eu me esforçarei para amá-la melhor do que ontem. Todos os dias me esforçarei para ser um homem melhor do que era ontem e esse é o único melhor com o qual me preocupo. Amá-la é o meu propósito. É a coisa que corre nas minhas veias, ao lado do meu sangue.

Amar Willow era o que eu nasci para fazer.

Lentamente, ela sorri e diz: — Tudo bem. Pegue-me às sete amanhã à noite.





Capítulo Vinte e Quatro

Eu amo a chuva.

Eu sempre amei isso. Isso me faz pensar em segundas chances. Como se a água fluísse e lavasse tudo. Deixando as coisas limpas e nítidas.

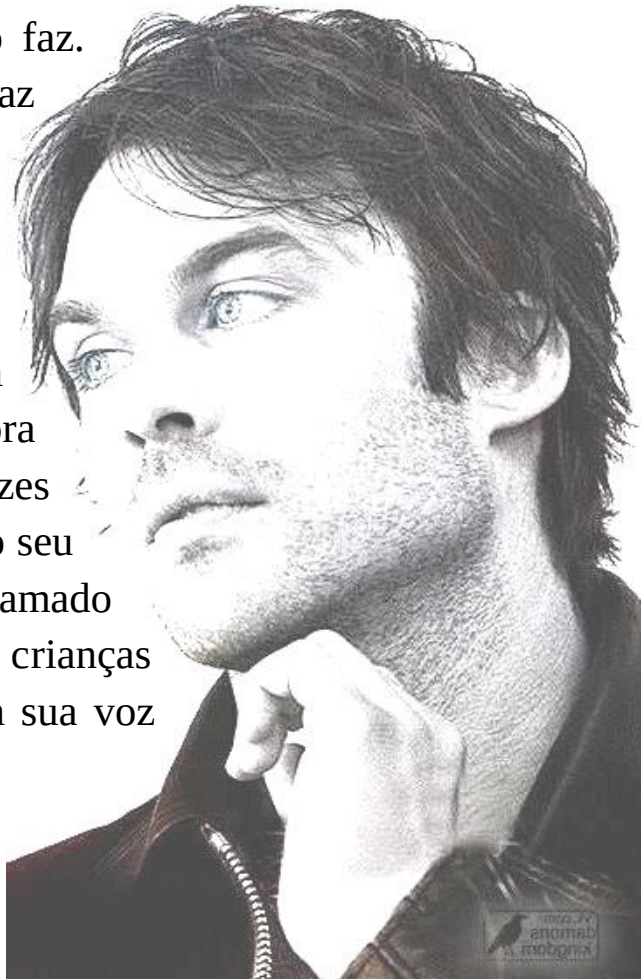
Uma lousa limpa.

É muito difícil conseguir isso, especialmente na vida real. Nada está sempre limpo. Nada é apagado. Mas há uma coisa chamada seguir em frente.

Eu estou fazendo isso.

Eu segui o conselho de Ruth. Eu estou namorando.

Não importa que eu esteja namorando o mesmo homem de quem falamos durante as sessões, mas tanto faz. Estou seguindo em frente com ele, quem me faz feliz.



Ele também faz minhas crianças muito felizes.

Por crianças, quero dizer aquelas que vêm à livraria para hora de contar histórias. Agora estamos lendo *O Príncipe Mestiço*, e às vezes peço a Simon que leia comigo. Ele diz que é o seu favorito da série, se tolerar algo pode ser chamado de favorito. Sempre que Simon lê comigo, as crianças ficam muito felizes. Elas riem e comemoram sua voz



rouca e a vida que ele traz para as cenas.

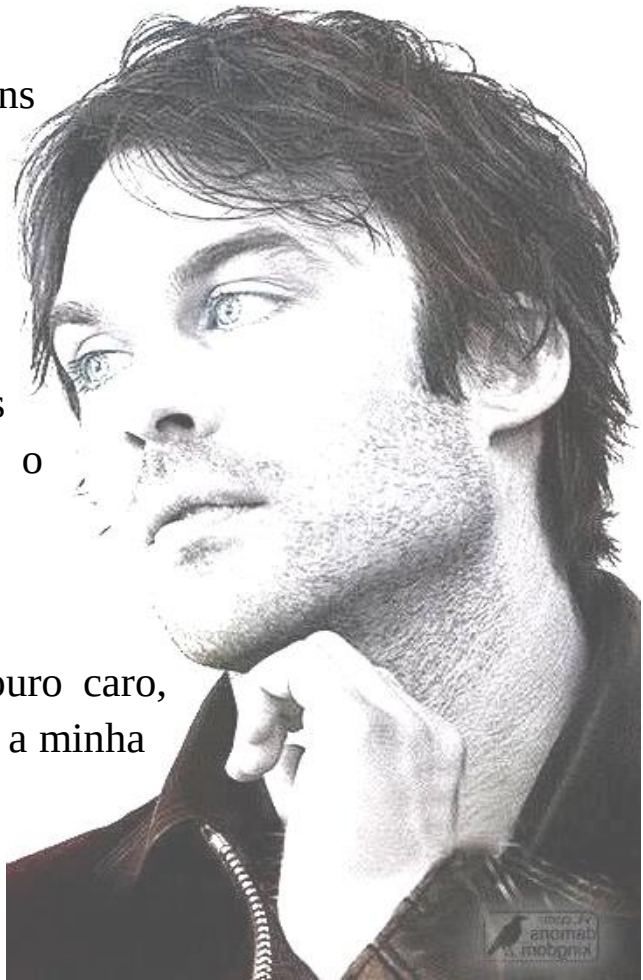
É o que ele faz. Ele traz vida.

É tão estranho e um pouco triste que ele ainda fica surpreso quando algumas delas correm para abraçá-lo no final. Às vezes elas até pedem um bis.

Ele ainda fica chocado quando meus olhos se enchem de lágrimas ao vê-lo com elas. E quando o paro na rua aleatoriamente durante nossos encontros e o beijo, sua primeira reação é sempre uma leve descrença.

Faz alguns meses desde que ele voltou à minha vida e disse todas aquelas coisas maravilhosas. Desde então, estamos namorando.

E deixe-me dizer, que estamos namorando de uma maneira muito tradicional e antiquada, aonde ele vem me buscar no meu apartamento. Simon está sempre vestido, com camisas nítidas e calças bonitas. Ele me traz flores, chocolates e gelatina de limão. Nós vamos a um restaurante legal e eu deixo que ele peça comida para mim, porque isso me faz sentir querida. Foda-se o que as pessoas pensam.



Ele não me deixa beber. Apenas alguns goles de seu copo.

Ele gosta de uísque, e sua comida favorita é bife. Nenhuma surpresa aí. Sempre o imaginei com um copo nas mãos e cortando um pedaço suculento de carne com as mãos grandes e graciosas. Ah, e couro. Sempre o imaginei em torno de carvalho e couro.

Como agora mesmo.

Estamos no carro dele, cercados por couro caro, acabamos de voltar do jantar de domingo com a minha



mãe.

Minha mãe e eu, nosso relacionamento melhorou. No sentido em que contei a ela sobre meus medos e inseguranças.

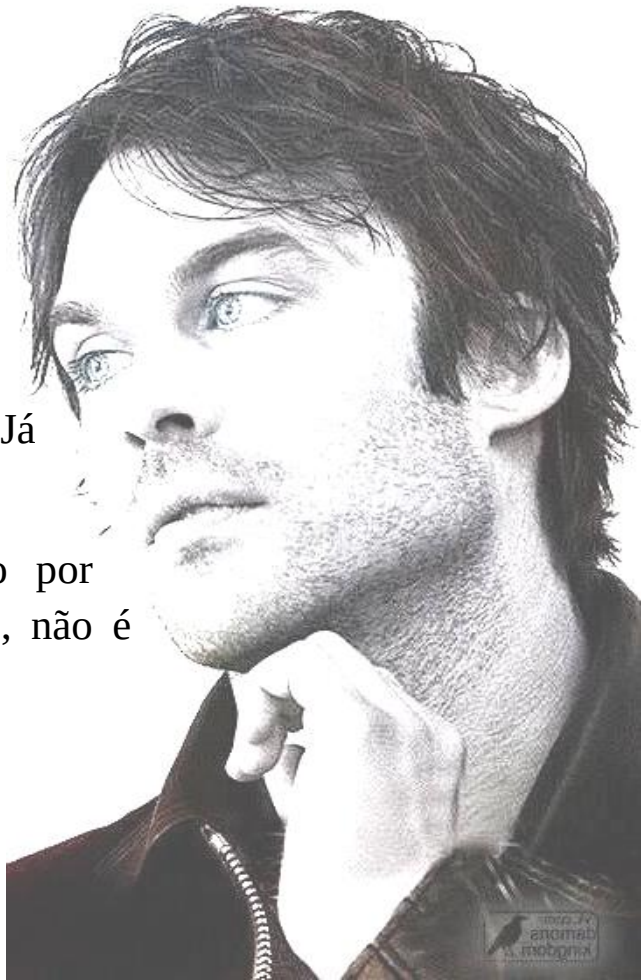
Quando aconteceu o Incidente em Heartstone, eu contei tudo a ela, exceto a razão pela qual fiquei furiosa. Ela sabia que ataquei um psiquiatra, e eu estava tão incontrolável que tiveram que me sedar. Beth se ofereceu para ficar comigo enquanto eu expliquei, mas eu disse a ela que precisava assumir minhas ações e o fiz.

Talvez um dia eu possa dizer a ela por que ataquei um médico e esse médico também é quem eu estou namorando agora. Um dia eu direi a ela que desta vez eu realmente fiz tudo isso por um homem, sobre algo tão trivial - segundo ela - como amor. Ela não ficará feliz com isso.

Ela está muito infeliz com o fato de eu estar namorando. Um homem mais velho e meu ex-psiquiatra, não menos. Foi por isso que ela o convidou para jantar e depois de adiar por semanas, eu cedi e levei Simon comigo.

— Willow?

Olho para ele quando chama meu nome. Ele está vestindo uma jaqueta que usou no jantar que o faz parecer tão elegante e bonito.



Eu sorrio. — Humm?

Ele inclina o queixo para janela. — Já chegamos.

Meu prédio está embaçado pelo vidro por causa da chuva. Vago e distorcido. E então, não é onde eu quero estar agora.



Com o coração disparado, eu percebo que não quero entrar lá. Eu não quero sair deste carro.

— Eu não quero ir. – repito meu pensamento para ele.

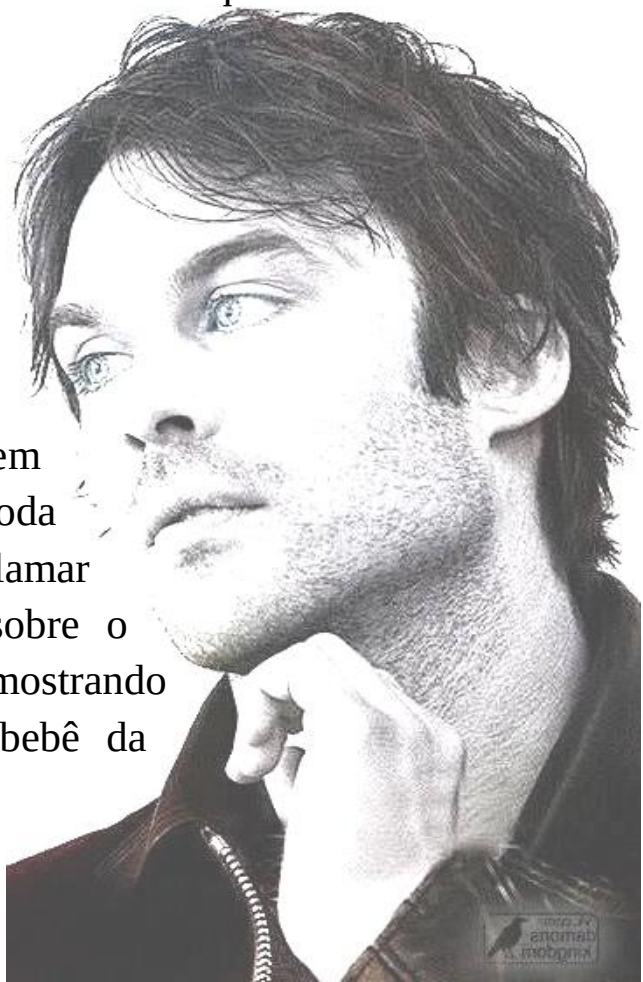
— O que? Onde? – Sua voz está preocupada, e isso me faz morder o lábio e perder o fôlego. Ele ainda faz isso comigo. *Ainda.*

Toda vez que ouço sua voz rouca de preocupação ou vejo seus olhos cinza escurecerem de preocupação, eu me apaixono por ele novamente. Eu me sinto tão feminina, tão frágil e tão querida que quero rastejar em seu colo e pedir que ele conserte tudo para mim.

E ele vai, ou ele vai morrer tentando.

— Não quero voltar para o meu apartamento. – sussurro, observando sua feição.

Ele estende a mão e acende a luz do teto, tornando sua preocupação e sua testa ainda mais evidente. — Por que não? O que aconteceu?



— Você quis dizer o que disse?

— O que eu disse?

— Para minha mãe.

Seu rosto se contrai com raiva.

Então, sim, o jantar foi um desastre, em mais de um sentido. Primeiro, minha mãe - toda minha família - na verdade não parava de reclamar sobre a minha estadia em Heartstone e sobre o Incidente em Heartstone. Basicamente, mostrando como são superprotetoras e como sou o bebê da



família.

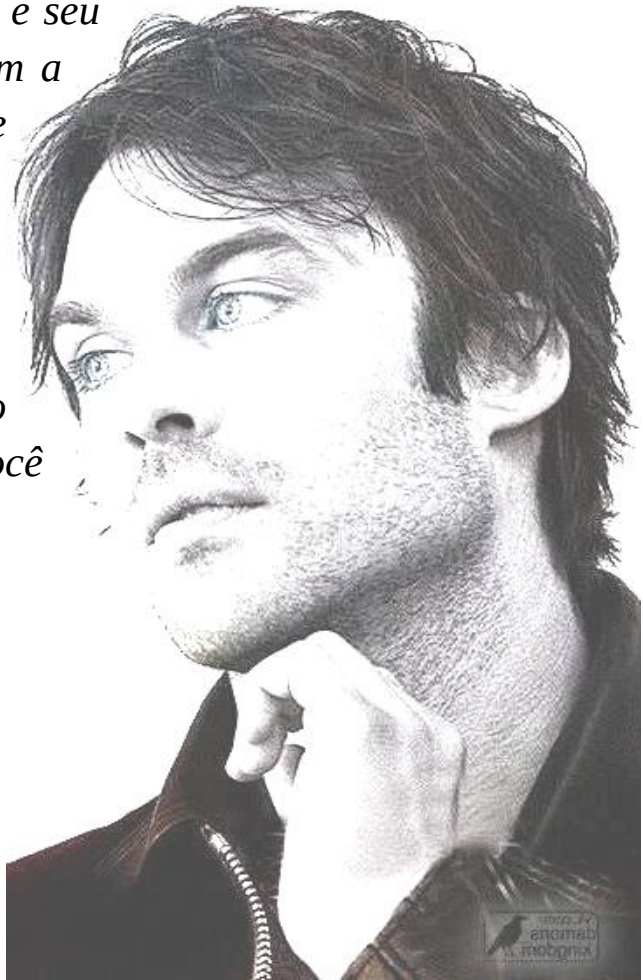
Simon respondeu o melhor que pôde sem revelar sua parte. Ele odiou isso; Eu sei. E foi por isso que eu disse especificamente para ele não revelar nada.

Já sei que o Simon é grande em efeitos e, se dependesse dele, ele levaria toda a culpa em um piscar de olhos. Mas temos o suficiente para lidar agora, sem acrescentar censura familiar ao prato. Pelo menos mais do que o que já está lá.

E segundo, minha mãe não fez segredo de que ela não gosta de Simon por sua única filha. Ela o questionou sobre suas intenções. A certa altura, ela chegou a me deixar virgem para o meu futuro namorado de verdade, apropriado para a idade.

Esse navio já zarpou, mãe. Zarpou a muito tempo.

Foi tão doloroso de ver. Bem, até Simon colocar o pé no chão e dizer: *— Com todo o respeito, Srta. Taylor, sua filha é mais do que capaz de tomar suas próprias decisões. Sobre sua vida e seu corpo. Na verdade, você ficaria surpresa com a capacidade dela. É uma das muitas coisas que eu amo nela. A capacidade dela. É também a única coisa que mais me assusta. Porque sei que ela não precisa de mim. Pelo menos, não tanto quanto preciso dela. Sempre respeitarei a decisão dela. Dito isto, também não desistirei sem lutar. Portanto, a menos que você tenha mais a dizer, vamos para a sobremesa.*



Ah Deus.

Esse homem é tão arrogante, não é?



Agora, pergunto novamente: — Você quis dizer o que disse à minha mãe? Que você lutaria por mim?

Seus olhos tempestuosos percorreram meu rosto. — Sempre.

Minha respiração aumenta, e tiro o cinto de segurança antes de sair do carro para a chuva. A calçada está quase vazia porque é o meio da noite e a tempestade é algo feroz.

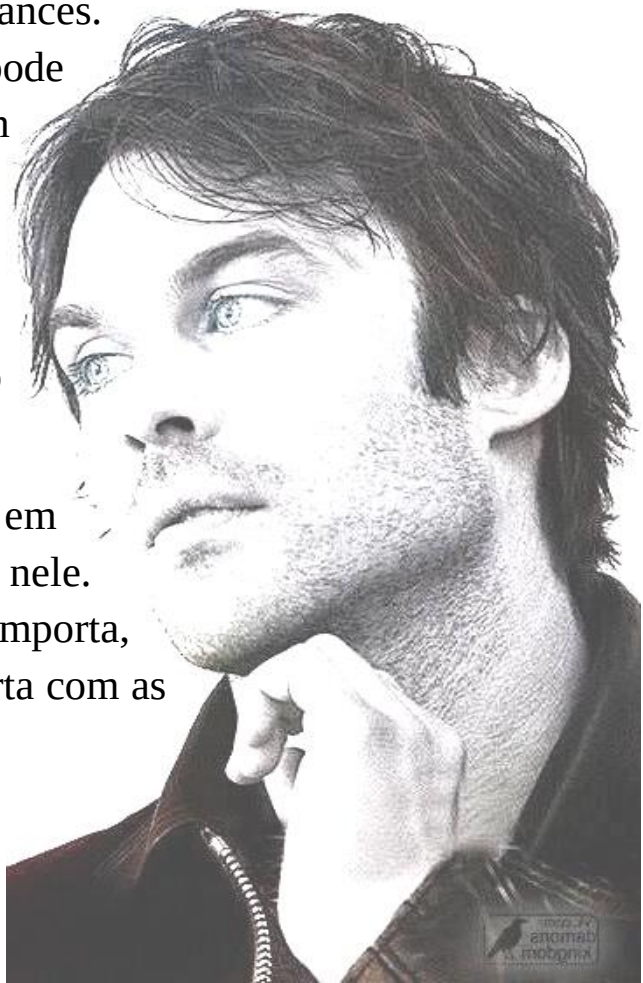
Simon sai atrás de mim, todo carrancudo e chateado. — Que porra é isso, Willow? Está frio. Volte para o carro ou entre no seu prédio.

Ele está certo. Está frio. Só estou vestindo um suéter rosa fino e minha jaqueta está no carro. Mas eu não ligo. Eu tenho que perguntar uma coisa.

Estendo o pescoço e olho para o rosto ensopado. — Você sabe por que eu amo a chuva?

— Willow...

— Porque isso me lembra de segundas chances. Isso me faz pensar que, se esse mundo feio pode ser puro depois de um banho forte, eu também posso ser pura. Eu posso ter todas as chances que eu quiser.



Quando ele me pediu uma chance, nem fiquei relutante. Cada batida do meu coração queria dar a ele todas as chances que queria.

Talvez seja estúpido confiar tanto em alguém, mas eu confio. Eu sempre confiei nele. Sempre acreditei nele. É assim que ele se comporta, com tanta confiança. É assim que ele se importa com as



pessoas, com tanta paixão.

É como ele me olha, com tanta intensidade e ternura. Ele sempre olhou para mim dessa maneira, mesmo quando mantinha partes de si mesmo. Foi isso que me fez acreditar naquela época que ele também me amava.

Ele coloca as mãos grandes nos meus braços, esfregando-os, me aquecendo instantaneamente no meu suéter. — Willow, o que...

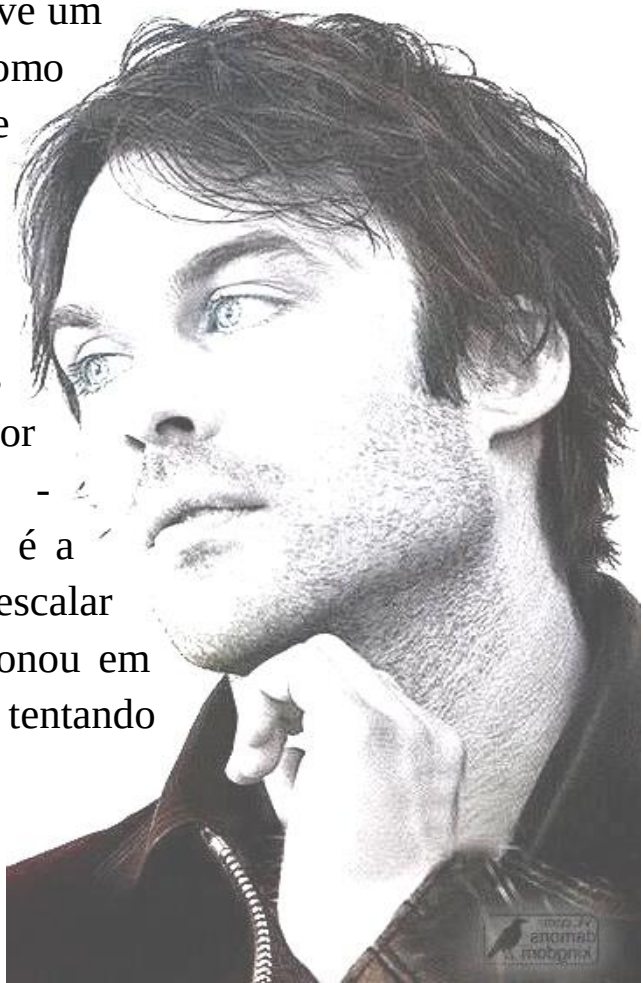
— Você quer se casar comigo?

Pronto. Eu perguntei a ele.

Eu pretendo perguntar isso a ele... Bem, desde que saímos da casa de minha mãe.

Eu sei. Sei que começamos a namorar há dois meses. Ainda nem voltamos ao sexo. E foi minha decisão ir devagar. Imagine isso.

Mas toda vez que ele vem à minha porta para me levar, bem no horário, e toda vez que ele me ouve quando tive um dia ruim ou me lembra das minhas pílulas como eu jamais poderia esquecer, ou toda vez que ele fala para mim sobre o seu dia ruim, isso me faz pensar que devemos fazer isso para sempre.



Toda vez que se abre um pouco mais sobre seu passado, me dizendo que a cor favorita de sua mãe era vermelho - definitivamente eu sei que a mulher na foto é a mãe dele ou que ela foi quem o ensinou a escalar árvores - agora, Se a menina que ele mencionou em nossa primeira sessão, a que ele estava tentando



impressionar com suas habilidades de subir em árvores era a sua mãe, ele me envolve ainda mais em sua vida.

Até vi a sua casa, a casa que estava consertando enquanto trabalhava em Heartstone. Ele contratou pessoas para consertá-la e ele está nesse mercado agora. Ele encontrou um bom apartamento aqui, na cidade.

Coloquei minha mão em seu peito e me levantei na ponta dos pés para beijar seus lábios abertos. — Você quer? Casar comigo, quero dizer.

Era para ser um beijinho em seus lábios, mas ele passa os braços em volta da minha cintura e me esmaga contra ele. Meus seios achatam contra seu peito forte e ele coloca sua língua para dentro.

Suspirando, eu o deixei me fundir ao seu corpo e invadir minha boca.

Eu sou dele mesmo. Ele pode fazer o que quiser comigo. No momento em que começo a beijá-lo também, ele se afasta.

— Não. – ele murmura.

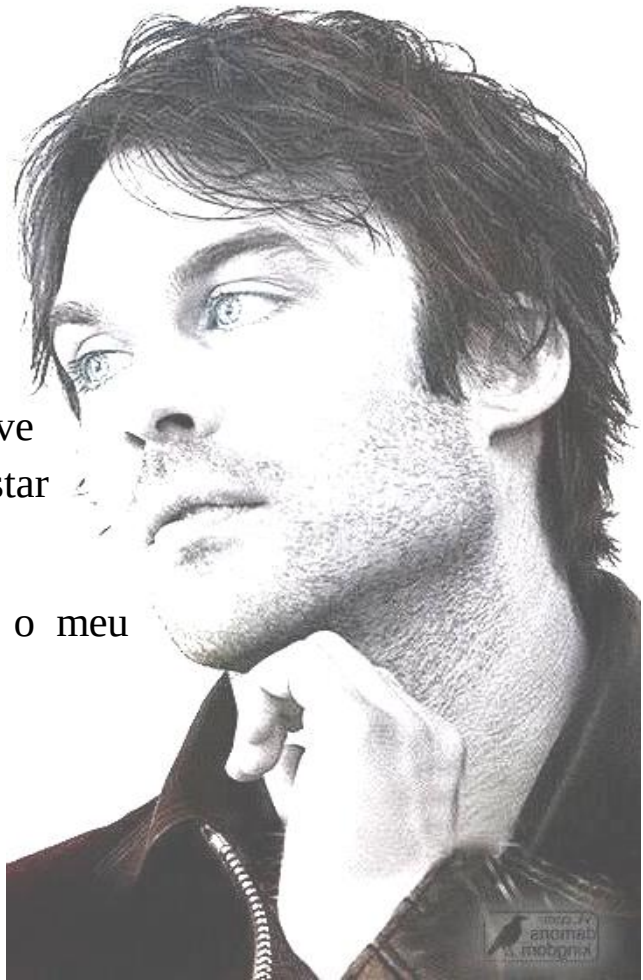
— O que?

— Minha resposta. – ele diz, olhando nos meus olhos. — É não.

Ofegando, eu gaguejo: — O que... Por que... Por que não?

— Porque não deve ser sua pergunta. Deve a ser minha pergunta. Eu que deveria estar perguntando.

Eu posso sentir seu peito pressionando o meu com suas respirações fora de controle.





Seu ritmo de respiração irregular está mexendo com o meu ritmo, e eu o empurro.

— Então por que você não pergunta?

Ele olha para o céu como se estivesse exasperado. — Porque Willow, você é jovem. Você é tão jovem. E você é impulsiva.

Eu o encaro, embora seja difícil fazer isso na chuva. — Você está dizendo que eu não sou o seu tipo?

Simon segura a minha bochecha, inclinando meu pescoço. — Estou dizendo que você está me pedindo para casar com você e ainda nem disse aquilo.

Seu cheiro de chuva e almíscar está me deixando louca. Deus, eu quero esse homem com todas as células, todos os átomos do meu corpo, e ele está dizendo não para mim.

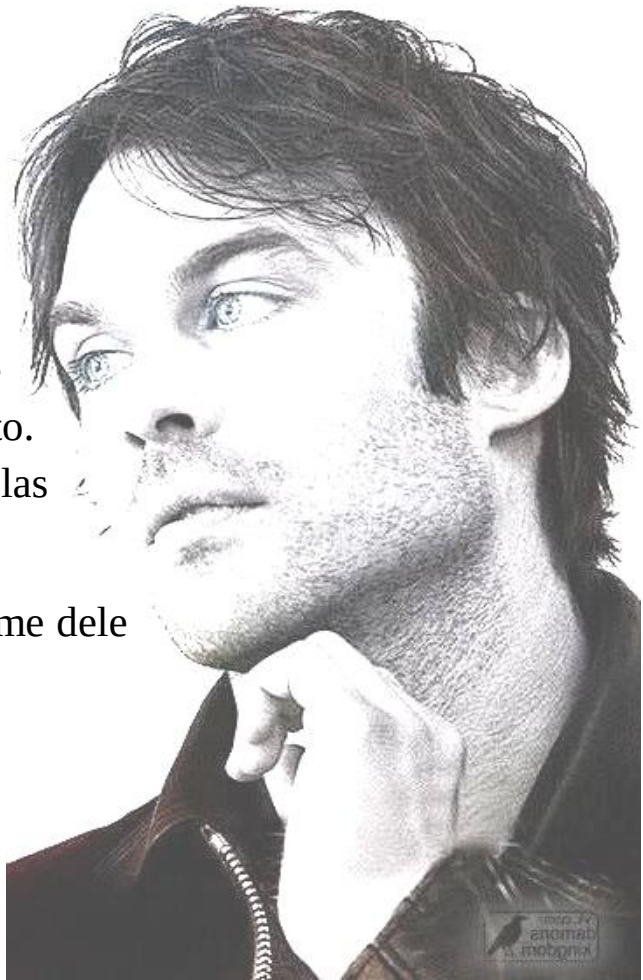
— Disse o que?

— Que você me ama.

Estou surpresa. — Eu... Eu não disse?

Sua risada é sem humor. — Não.

Sei que ele me diz todos os dias. Eu sei disso. Essa é a melhor parte do meu dia. Ele diz exatamente quando está prestes a me deixar a noite e voltar para o seu apartamento. Pego essas três palavras e durmo com elas embaixo do travesseiro.



Bem, depois de me fazer gozar com o nome dele nos meus lábios.



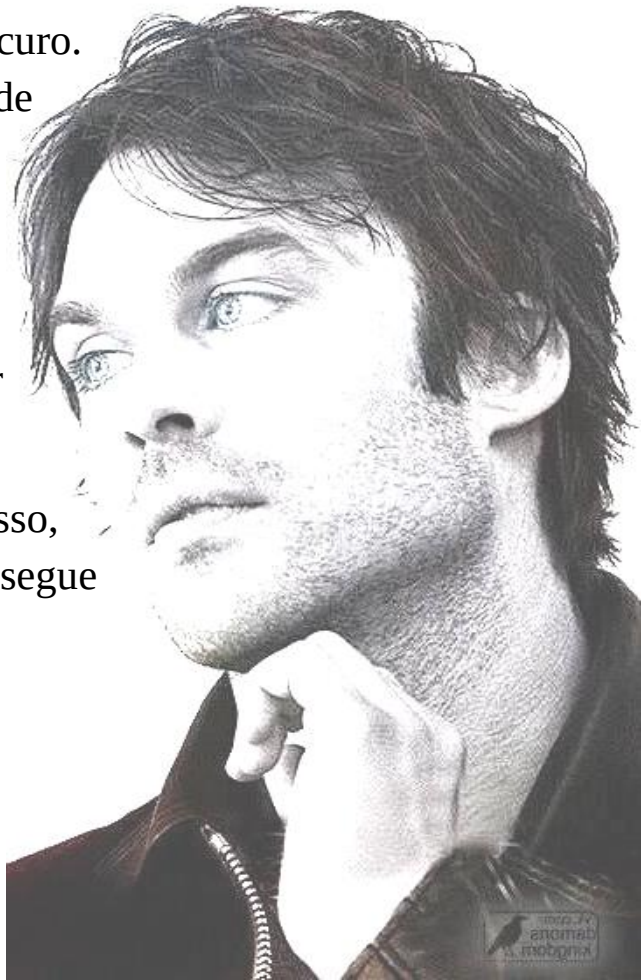
Mas não sabia que ainda não tinha dito. Eu digo isso para mim o tempo todo.

Ah meu Deus, ele não sabe?

Sua expressão está um pouco irritada, e eu percebo que talvez ele esteja esperando que eu diga a ele todo esse tempo.

Idiota. Como ele pode não saber?

— Talvez eu ainda não tenha dito isso porque... – eu procuro palavras. — Porque o que eu sinto por você é mais do que amor. É... É felicidade. Você me faz feliz, Simon. Quero dizer, tanto quanto eu posso ser. Eu sei que você disse que eu poderia fazer o que quisesse. Eu poderia ser feliz, se quisesse. Você disse que não preciso de você para isso. E talvez seja verdade. Talvez eu fosse feliz algum dia. Talvez meu sorriso chegasse aos meus olhos. Mas eu sempre, sempre procurei por você. Eu parei de rir apenas para procurá-lo, porque gostaria de compartilhá-lo com você. Mas mais do que isso... Eu gostaria de compartilhar minhas lágrimas com você. E sabe o que, mesmo que eu estivesse chorando e você estivesse lá, meu mundo não pareceria tão escuro. Tão sombrio. Eu encontraria um pouco de felicidade, mesmo quando eu estivesse triste. Minha mente não seria capaz de desanimar porque você estava comigo. Você já não sabe disso, seu idiota? Essa é a maior e mais gigantesca coisa que alguém poderia fazer por mim. Você faz minha tristeza não tão... Triste.



Eu estou chorando agora. Ele sabe disso, mesmo que esteja chovendo, e você não consegue perceber. Ele sempre pode dizer, no entanto.

Meu herói.



— Porra, Willow. Pare de falar. – Simon sussurra contra os meus lábios.

Claro, que não escuto. — Eu te amo parece tão pouco pelo que você é para mim, Simon. Mas eu te amo. Eu te amo e quero ser sua esposa. Mesmo que eu tenha estragado tudo para você.

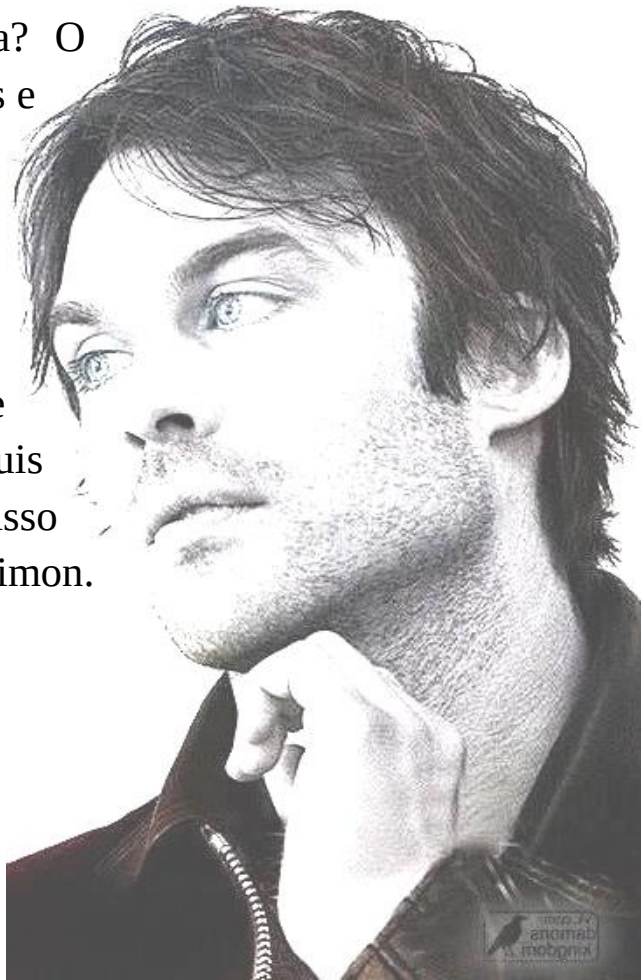
— Pare de falar, Willow.

O Incidente em Heartstone não foi apenas ruim para mim. Foi ruim para ele também. Simon não voltou ao trabalho porque desta vez os rumores são piores.

Há um pouco de verdade neles. Ele diz que não quer voltar ao trabalho - pelo menos ainda não - e está se concentrando em escrever um livro sobre pacientes bipolares e seus cuidados.

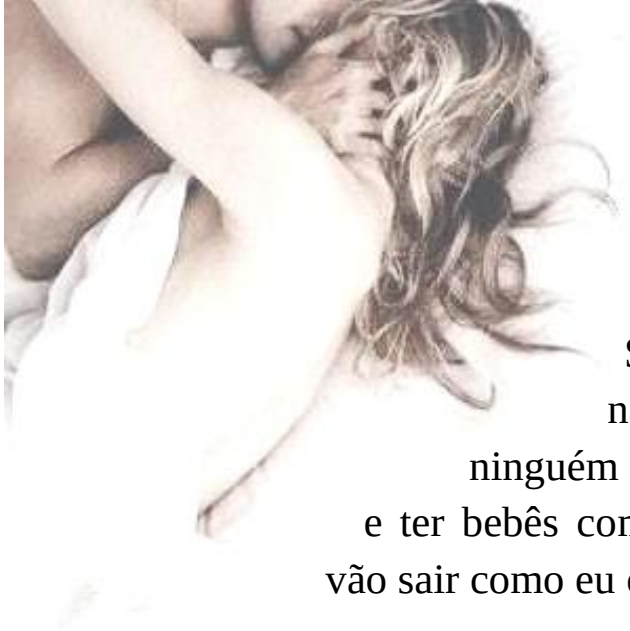
Sem mencionar, que ele está passando algum tempo em terapia sobre os problemas relacionados ao suicídio de sua mãe e como ele passou a infância cuidando dela.

Mas e se nunca o admitirem de volta? O processo foi resolvido pelo Mass General, mas e se desta vez, mesmo sem as repercussões legais, a sua carreira acabar basicamente?



Eu aperto as lapelas da jaqueta dele. — Sinto muito, Simon. Não posso te dizer o quanto sinto muito por me colocar em perigo e basicamente revelar nosso segredo. Nunca quis que alguém descobrisse. Eu nunca quis fazer isso com você ou comigo mesma. Sinto muito, Simon. Eu sou uma idiota.

— Pare. De falar.



Obviamente, eu continuo falando. — Eu sei como é difícil eu posso ser. Eu sei disso. Sei que viver comigo, com alguém como eu, não será um piquenique. E não posso pedir a ninguém para fazer isso, você sabe. Tipo, casar comigo e ter bebês comigo, porque você nunca sabe se meus bebês vão sair como eu ou...

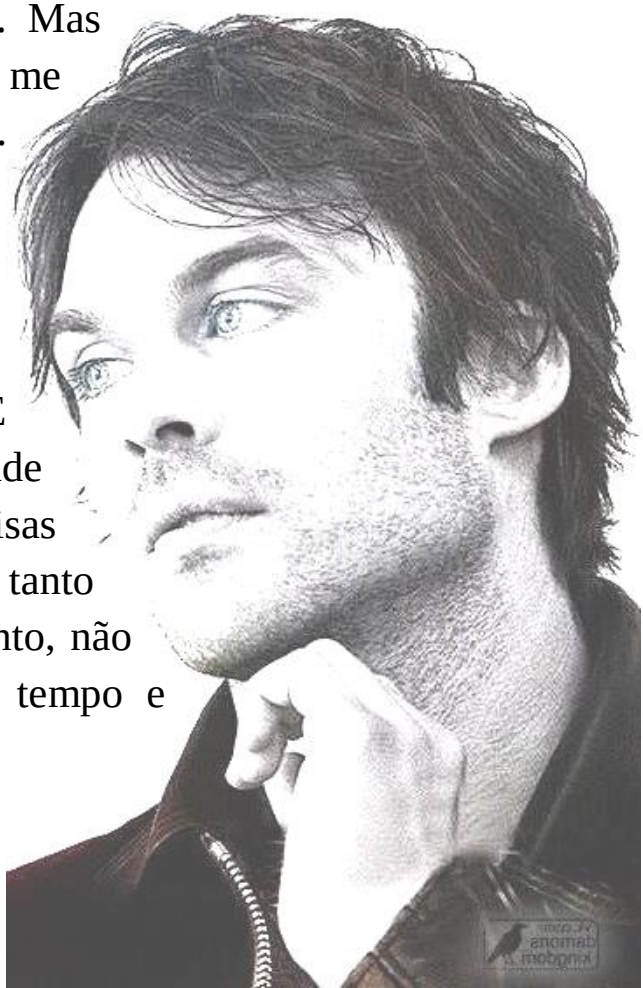
Ele pressiona minhas bochechas, quase fazendo bico de pato. — Cale a boca, Willow.

Eu ainda tento abrir minha boca, mas seu olhar me interrompe.

Quando ele está satisfeito por eu não dizer outra palavra, ele diminui a pressão nas minhas bochechas. Sua mandíbula está repuxando e um segundo depois, ele pergunta: — Você está tentando me machucar?

Balanço a cabeça rapidamente.

— Então pare de se culpar pelo que aconteceu naquele dia. Fui eu. Eu disse todas aquelas coisas para você porque era um covarde. Seu amor me assustou tanto que eu ataquei. Eu a afastei. Mas acabou agora. Acabou, e a última coisa que me interessa é um emprego. Eu posso ter outro. Você sabe como famoso eu sou no campo da psiquiatria?



Eu balanço minha cabeça novamente.

— Sou muito famoso. – ele me diz. — E isso é porque eu trabalhei duro para chegar onde queria. Sim, cometi erros e sim, algumas coisas demoram um pouco mais para explodir, mas tanto faz. Eu posso voltar, se eu quiser. No momento, não me importo muito. Estou feliz com algum tempo e



focando em você e você. Você entende?

Com os olhos arregalados, eu aceno.

Os lábios dele se contraem.

— Posso falar agora? – sussurro.

— Você está falando.

Eu o encaro, mas decido deixar para lá. — Então, você vai se casar comigo?

Seus dedos se enterram no meu cabelo molhado e ele se inclina sobre mim. — Você vai ter meus bebês?

Uma agitação começa na minha barriga. — Vo... Você quer ter filhos comigo?

— Porra, sim, eu quero. Na verdade, penso nisso constantemente. O processo de fazer o bebê, quero dizer.

Ele se move para baixo, tão rápido, muito, muito abaixo no meu estômago.

— Você terá que gozar dentro de mim, então. Sem camisinha.

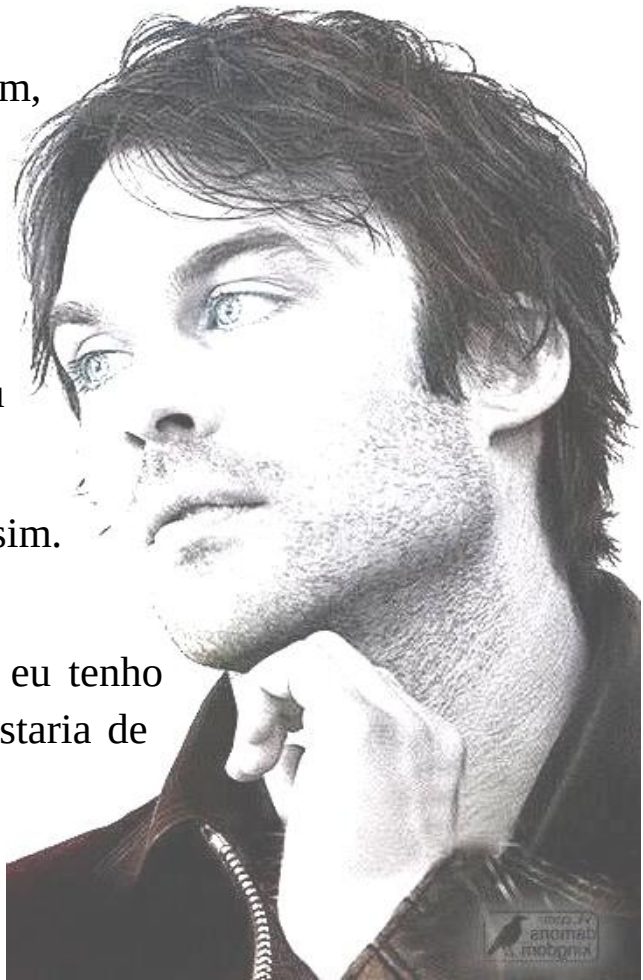
— Estou ansioso por isso. Muito.

Na verdade eu também.

Não posso evitar o rubor que supera meu rosto e o meu corpo. — Ok.

Ele me beija, possessivamente. — Então sim. Eu vou me casar com você.

Sorrindo, eu o beijo também. — Então, eu tenho algum tempo nas minhas férias de Natal. Gostaria de





fazer isso então?

Gemendo, ele apoia sua testa na minha. — Cristo, Willow. Não vamos nos casar enquanto você estiver na universidade. Você precisa terminar primeiro.

— Por que não?

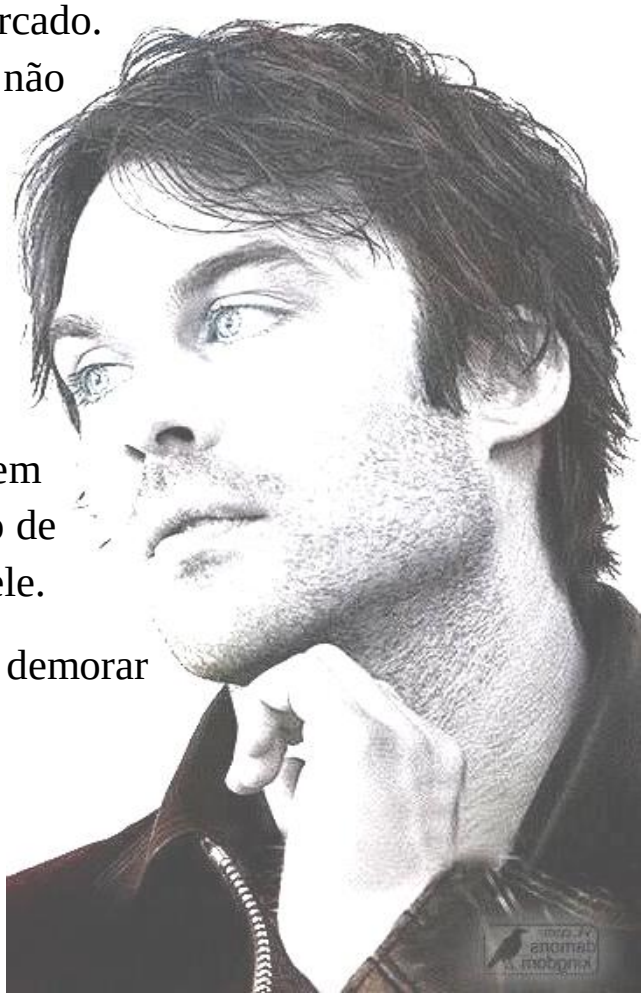
Ele balança a cabeça, olhando para o céu novamente. — Eu não vou me sentir tão velho, por exemplo. E segundo, eu não acredito que estou dizendo isso, mas sua mãe vai me matar.

Eu seguro o cabelo dele em um punho. — Eu não ligo para minha mãe. Mal posso esperar quatro anos.

Outro beijo possessivo. — Não depende de você.

Eu esfrego contra ele, fazendo-o gemer mais uma vez. — Você gosta de mandar em mim. Mas você sabe que não é meu pai, não é?

Um brilho lascivo aparece em seus olhos, suas mãos vão para minha bunda e a aperta através do meu jeans encharcado. — Você gosta de ser malcriada, mas sabe que não é uma garotinha, não é?



Antes que possa reagir à sua declaração e seu domínio dominante na minha bunda, ouvimos dois caras e os seus risos altos vindo atrás de mim.

Imediatamente, Simon me empurra em direção ao carro dele. Ele nos coloca no banco de trás e fecha a porta, comigo sentada no colo dele.

Tudo aconteceu tão rápido que tenho que demorar um segundo para recuperar o fôlego.



Ofegando e em cima dele, pergunto: — O... O que foi isso?

Os olhos de Simon estão focados nos caras que acabaram de passar por nós. Ele está olhando para eles. Eu tento olhar, mas ele não deixa, agarrando a parte de trás do meu pescoço, mantendo meu olhar grudado em seu rosto.

— Eles estavam olhando para você. Aqueles idiotas.

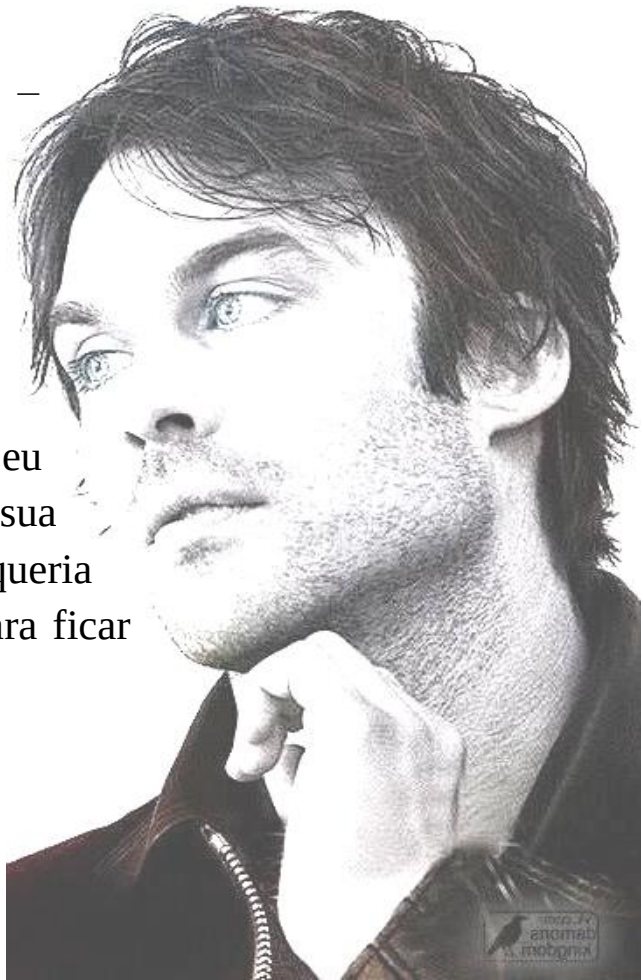
Eu rio. — O que?

Seu queixo move com raiva, mas ele permanece em silêncio, me fazendo balançar a cabeça.

Meu Rei Gelado acha que todo mundo me olha como ele.

Antes, ele era o Rei do castelo, percorrendo seus corredores para ficar de olho em mim, e então, ele se tornou meu herói quebrado, procurando por mim nesta cidade grande e má.

Ah. Eu o amo tanto.



— Nem todo mundo me olha, Simon. – sussurro, traçando meus dedos da sua barba por fazer. Ele agarra o meu dedo e murmura: — Se você pensa assim, preciso trancá-la em algum lugar e amarrá-la na cama para que você nem possa ir até a janela.

Eu movo o meu corpo contra o dele e eu fico inacreditavelmente excitada com a sua possessividade. Houve um tempo em que queria ficar em Heartstone, trancada e doente, só para ficar perto dele.



E a verdade é que ficar presa com ele não parece tão ruim porque estar com ele me liberta.

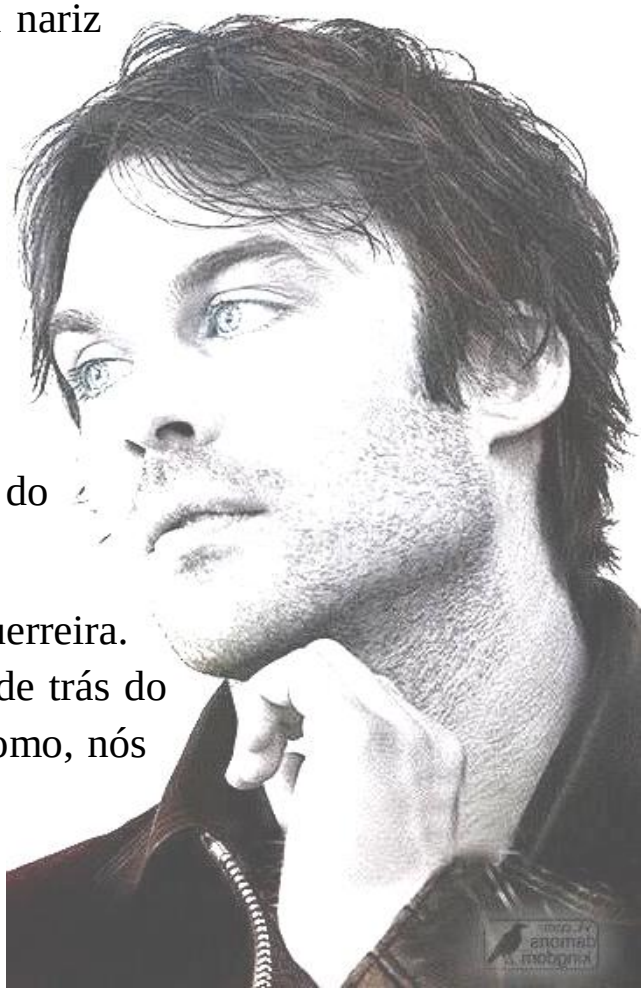
As mãos de Simon voltam para minha bunda enquanto continuo movendo contra ele. — Você ainda será tão possessivo quando nos casarmos no Natal?

Ele começa a apertar a minha bunda, enquanto pressiona seu pau duro na junção das minhas coxas. Ele se inclina e morde meu lábio inferior em uma demonstração de pura dominância. — Não. Ficarei ainda pior quando você se tornar oficialmente minha. Daqui a quatro anos.

Eu rio novamente, e Simon agarra meu rosto, olhando para mim com tanta intensidade que eu coro. — O que?

— Eu... Eu não consigo parar de olhar para você. Eu não posso... Você é tão linda, Willow. Tão deslumbrante e... – ele engole. — Tão branca e pálida, e como um floco de neve.

Eu o observo com meus olhos lacrimejantes. Aquela inclinação de sua mandíbula e aquele queixo obstinado e o seu nariz perfeito e aqueles olhos tempestuosos.



— Eu sou seu floco de neve.

— Porra, sim, você é.

— Eu te amo. Eu te amo muito, Simon.

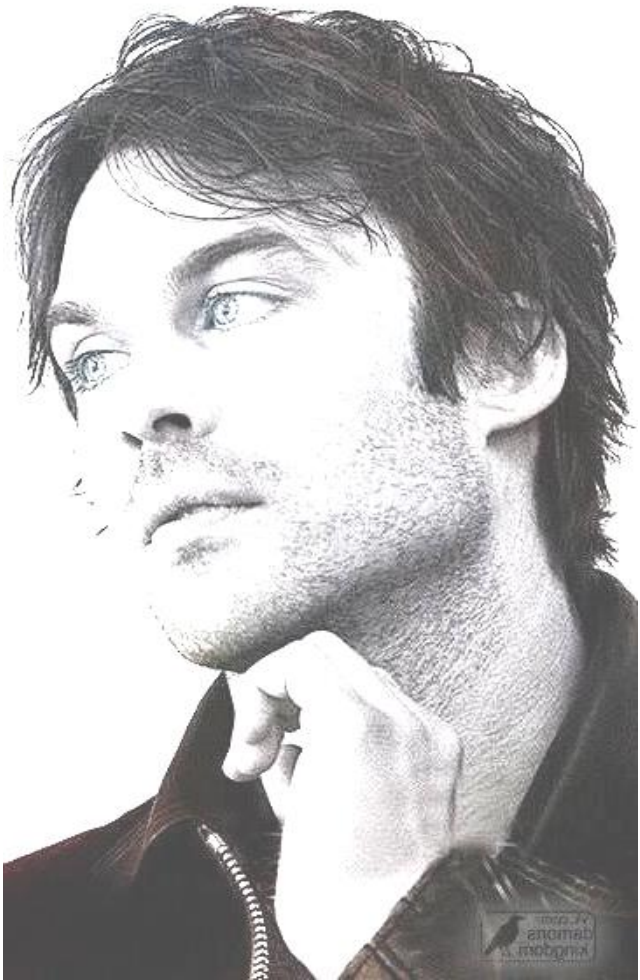
E então, ele me beija.

Eu amo esse homem com cada pedaço do meu cérebro, coração e alma.

Esse homem que me acha linda e uma guerreira. Que não sabe que ele está sentado no banco de trás do carro como um adolescente. E não importa como, nós



definitivamente vamos nos casar durante as minhas férias de Natal.





Saffron A. Kent

Epílogo

515

5 anos depois...

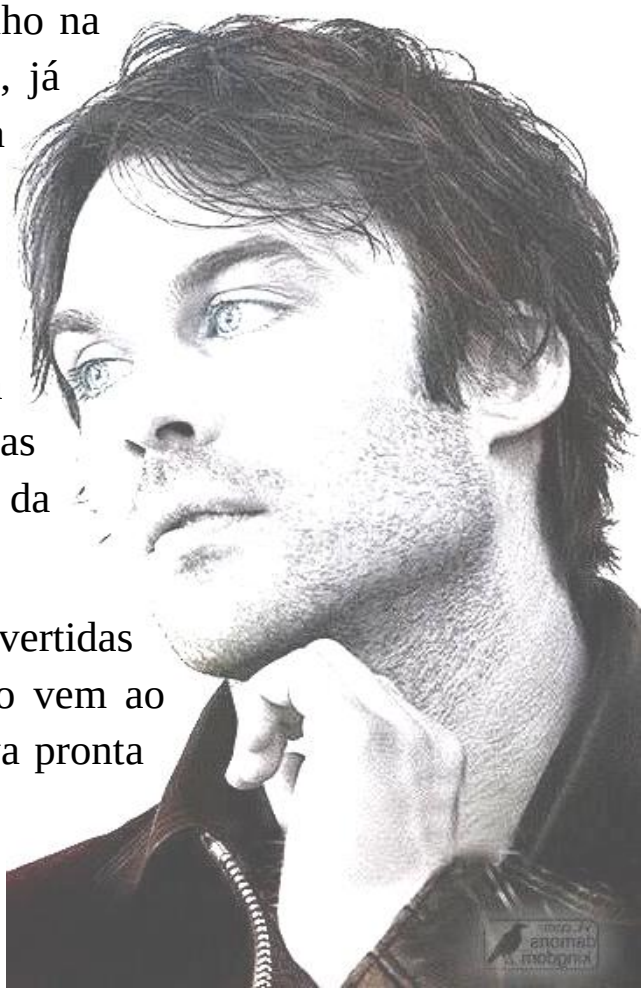
Estou enlouquecendo.

Bem, não realmente, mas parece que sim. E, claro, está acontecendo em uma festa de aniversário.

Sua festa de aniversário, não menos.

Não é meu dia ruim de sempre. Pelo menos, não começou como um. Eu estava perfeitamente calma quando acordei esta manhã.

Abri os olhos com um objetivo, um claro estabelecido na minha cabeça. Eu tirei o dia de folga do meu trabalho na escola local onde trabalho como conselheira, já que eu tinha algumas coisas a fazer antes da festa.



Nos últimos anos, eu aprendi que sempre que fico sobrecarregada, fazer listas ajuda. Começou como um exercício para a Columbia quando meus exames me sobrecarregaram. Mas agora as uso para quase todos os aspectos da minha vida.

Meu marido parece achar minhas listas divertidas e sexy, tudo ao mesmo tempo. Mas isso não vem ao caso. Então, sim, eu tinha minha lista e estava pronta



para enfrentar o dia e a festa, mas ela começou a chorar.

Deus, os sons que ela fez.

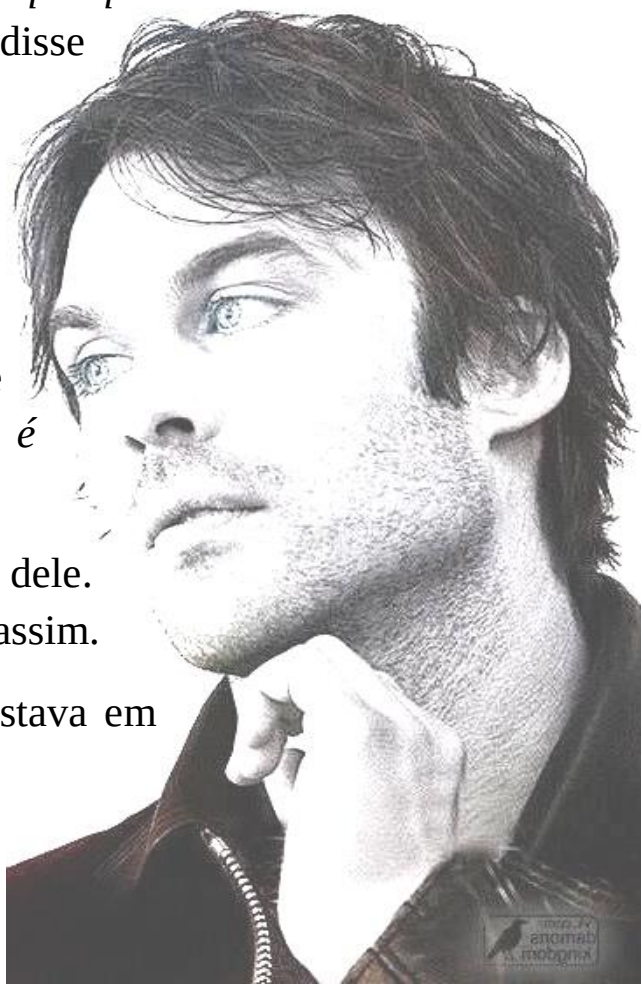
Eles foram tão torturantes, tão dolorosos de ouvir. Seu queixo macio tremia e seu lindo rosto se contraía quando lágrimas grandes e grossas escorriam por suas bochechas rosadas.

E o pior de tudo era que ela não parava.

Não importa o que eu dissesse, ela não parava de chorar. Continuou sem parar. Eu tentei de tudo. Conversando com ela, acalmando-a, cantando sua música, lendo para ela. Mas nada.

Até pensei em ligar para minha mãe, o que por si só mostra como eu estava exausta. Eu nunca ligo para minha mãe por ajuda. Principalmente porque ela acha que minha vida é uma série de más escolhas. Além disso, Simon odeia se eu a procurar por essas coisas.

"Você está vindo até mim para tudo e por qualquer coisa a partir de agora. Você entendeu?" – ele me disse uma vez.



Lembro-me de ficar brava e obviamente, excitada por sua declaração autoritária. *"Ah sim? Por quê?"*

Ele olhou para mim como se eu fosse louca, e não do tipo inútil. *"Porque você é minha, Willow, e eu sou seu."*

Nem preciso dizer que eu pulei em cima dele. Quase sempre faço isso quando ele diz coisas assim.

Mas não queria incomodá-lo hoje. Ele estava em



uma reunião com seus editores da qual ele não conseguia se livrar e, de qualquer forma, logo estaria em casa para a festa.

De alguma forma, consegui que ela se acalmasse o suficiente para que pudesse me dizer por que estava chorando. Acontece que foi porque ela perdeu seu brinquedo favorito e não conseguia encontrá-lo.

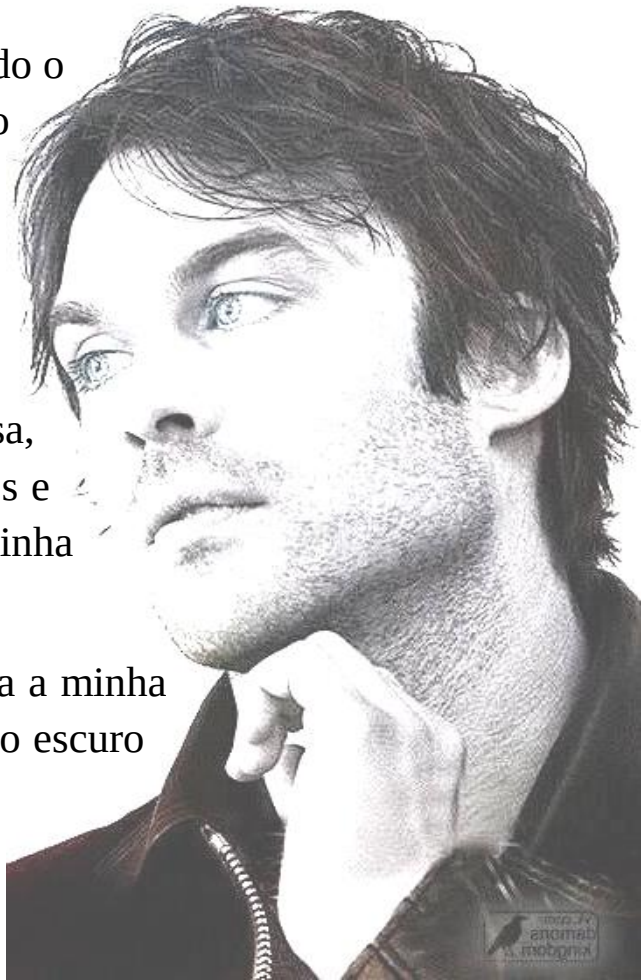
E eu aqui pensando que o mundo dela estava acabando. Seria uma hipérbole para alguns, mas é uma coisa muito real para mim.

Nós encontramos o brinquedo dela - uma pequena coruja branca inspirada em Harry Potter, mas seus gritos de cortar o coração me tiraram do meu ânimo positivo. Precisava de espaço e precisava de pensamentos felizes.

Todos os malditos pensamentos felizes.

Eu ouço passos, seguros e confiantes. *Dele*.

Ele voltou.



Meus ouvidos se animam. Na verdade, todo o meu corpo se animou quando o ouvi subindo as escadas e caminhando em direção ao nosso quarto. Ele sabe que, se eu não estiver lá embaixo, ajudando nos arranjos, é aqui que ele me encontrará.

Quando nos mudamos para esta casa, lembro-me de ter um dos meus dias mais feios e ruins. Não conseguia sair da cama. Eu nem tinha energia para respirar.

O sol estava me queimando, sugando toda a minha energia. Então me escondi aqui, onde está tudo escuro



e o ar está saturado com seu cheiro de chuva.

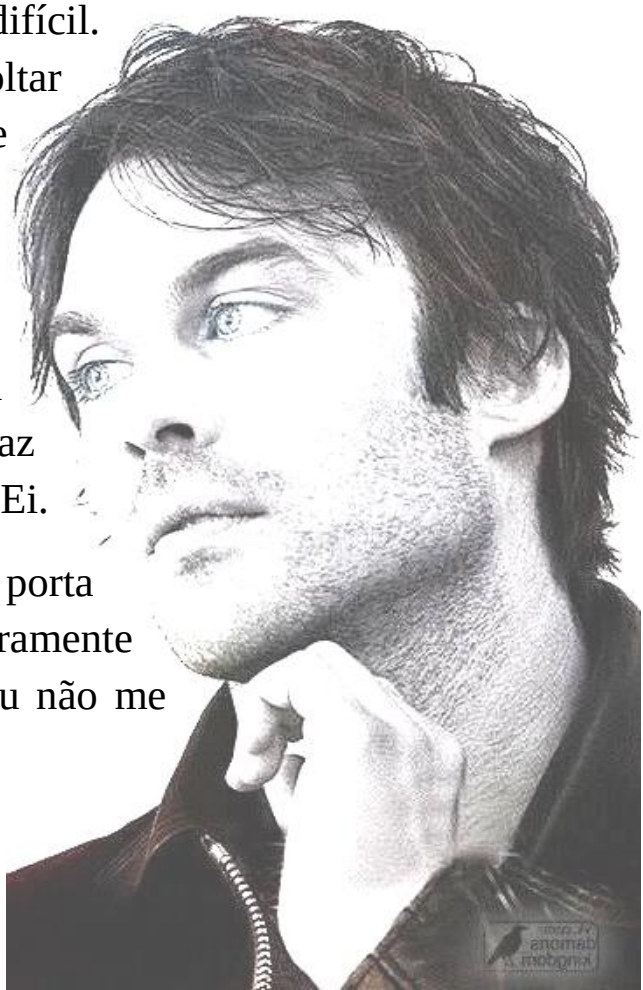
Ele sabe que este é o meu lugar feliz, ou pelo menos é onde eu vou encontrá-lo.

A porta do nosso quarto se abre e, em três pequenos passos, ele está aqui. Ele abre a porta do closet, trazendo a luz do sol.

Pisco algumas vezes, tentando me ajustar à luz, mesmo tendo apenas ficado dentro por cerca de quinze minutos. Eu sou muito mais adequada para a escuridão e espaços fechados. Mas, estranhamente, não me importo com o sol agora que ilumina o corpo maciço e tonificado de meu marido, seus cabelos escuros, as linhas de expressão e nítidas de seu rosto.

Ele está vestindo uma camisa azul clara que chama a atenção. Eu escolhi para ele esta manhã antes de sua reunião. Ele também usa uma gravata cinza para combinar com seu terno cinza, mas não está usando a gravata nem o terno agora. Provavelmente os tirou no caminho de volta para casa.

Ele faz isso depois de um dia longo e difícil. Como se ele mal pudesse esperar para voltar correndo e relaxar. Como se mal pudesse esperar para ser o Simon que conheço - quente e seguro - depois de ser todo frio e profissional, Dr. Blackwood.



Mordendo o lábio, olho para sua forma imponente que de alguma forma ainda me faz perder o fôlego depois de todo esse tempo. — Ei.

Sem desviar o olhar de mim, ele fecha a porta do closet, mas não toda. Ele a deixa ligeiramente aberta, para que a luz do sol possa entrar. Eu não me



importo. *Ele está aqui; o sol não pode me tocar.*

Tirando os óculos - ele os usa o tempo todo agora - ele se senta no chão ao meu lado, onde estou encolhida, quase me escondendo entre suas roupas. Eu rastejo até ele, colocando minha cabeça em seu peito. Ele me pega em seus braços e beija minha testa. — Oi, Baby.

Fecho os meus olhos e apenas inspiro essas palavras. É um carinho aparentemente comum, mas da sua boca, são palavras mágicas. Como se ele dissesse apenas para mim.

Abro alguns botões na camisa dele e acaricio meu nariz em seu peito nu. Isso o faz rir baixinho.

— Aqui.

Ele pega algo do bolso e oferece para mim. Uma gelatina de limão.

Eu sorrio. — Você trouxe para mim?

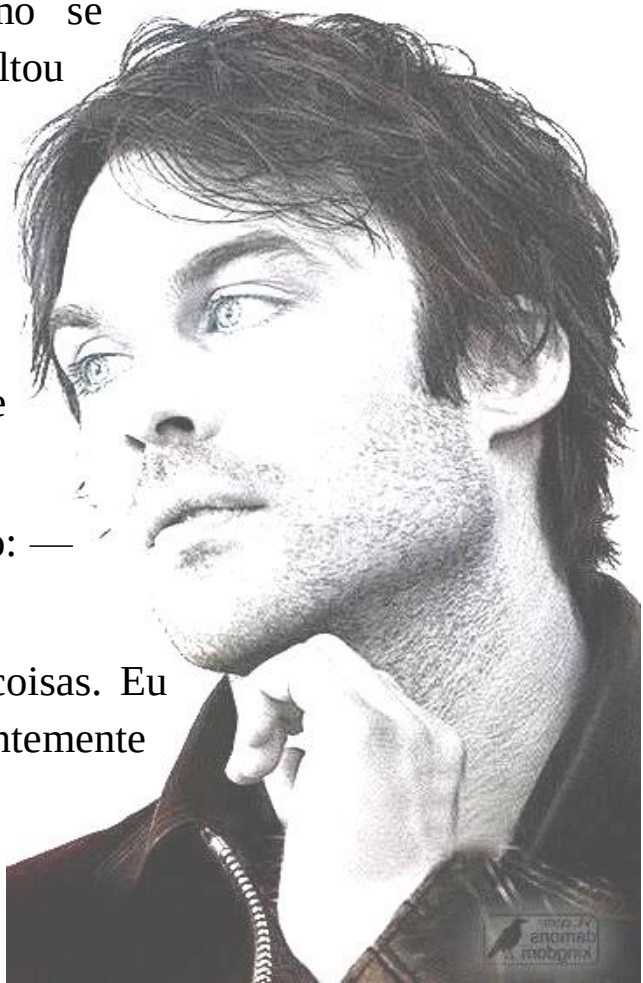
— Uhum. – ele quase ronrona, como se finalmente estivesse em paz agora que voltou para casa. — Eu sabia que você precisaria.

Eu a pego dele e digo. — Obrigada.

Suspirando, ele beija o meu cabelo de novo, com seus dedos subindo e descendo na pele exposta do meu braço, me acalmando e me fazendo sentir forte.

Colocando meu queixo no peito, pergunto: — Como foi a sua reunião?

— Eles querem que eu mude algumas coisas. Eu pensei que o livro já estava pronto. Mas aparentemente





não está.

Eu posso ouvir a ligeira frustração em sua voz e colocando minha gelatina de limão de lado, abro mais alguns botões de sua camisa para que eu possa realmente tocar seu peito nu e a tatuagem que fez para mim. Esfrego minhas mãos em círculos, localizando aquele local com tinta, tentando acalmá-lo, como se isso me acalmasse. Ele geme e sua cabeça cai para apoiar na parede.

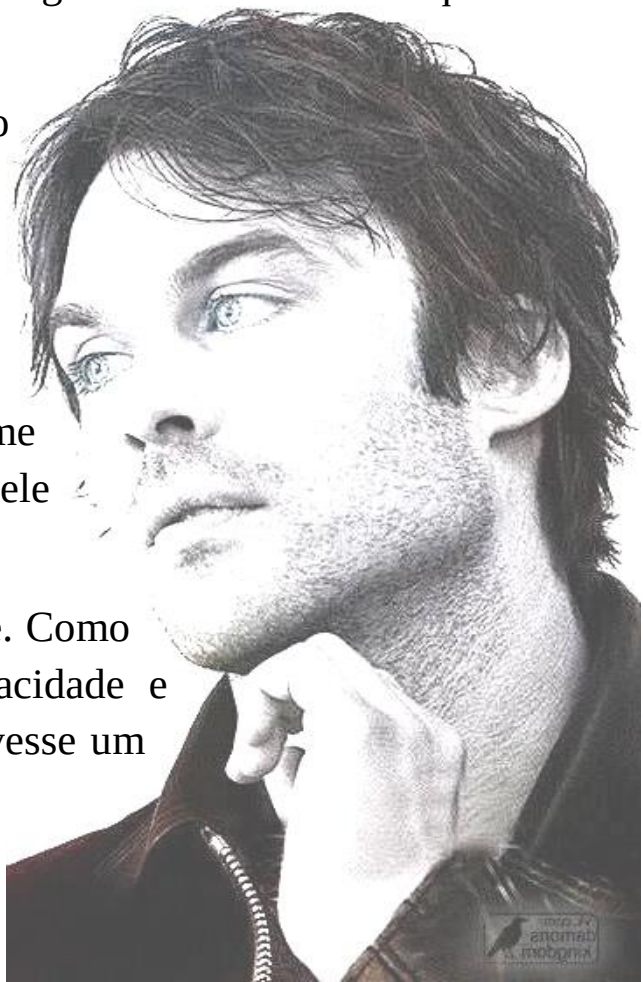
— Sinto muito. – eu quase murmuro. — Sei que você quer que ele fique pronto.

Seus braços envolvem minhas costas enquanto ele junta nossos corpos. — Está demorando mais do que eu pensava.

Eu sei. Pobrezinho.

Beijando seu peito, eu sussurro: — Você quer me contar sobre essas mudanças?

Os lábios dele se contraem, dizendo que ele gosta de mim e que ele se diverte.



Sei que isso ajuda quando ele fala. Não que eu entenda alguma coisa. Na maioria das vezes, não entendo o que Simon está falando. Sobre tudo. Mas sempre me ofereço para ser sua caixa de ressonância.

Eu me torno uma agora, quando ele me conta sobre todas as pequenas mudanças que ele tem que fazer em seu segundo livro.

Seu primeiro livro foi ótimo. Obviamente. Como se houvesse alguma dúvida sobre sua capacidade e grandiosidade. A editora pediu que ele escrevesse um



segundo. Ele é baseado no mesmo tema, pacientes bipolares, mas desta vez é realmente da perspectiva de um paciente e não de um médico. Eu acho que é o jeito de Simon prestar homenagem à mãe dele.

No entanto, ele não para no livro dele. Nos últimos anos, participou e consultou vários estudos que lidam com pacientes bipolares e seus cuidados em todo o país.

Sim, meu marido é bem famoso.

Houve rumores sobre ele e sua conduta por um longo tempo, mas as coisas se acalmaram. No entanto, ele não quer voltar a exercer. Ele diz que gosta do aspecto de pesquisa da medicina. Mas talvez um dia ele volte.

Quando ele termina, ele me dá um olhar. — Você conseguiu tudo isso?

Eu olho para ele através dos meus cílios. — Uhum.

— É?

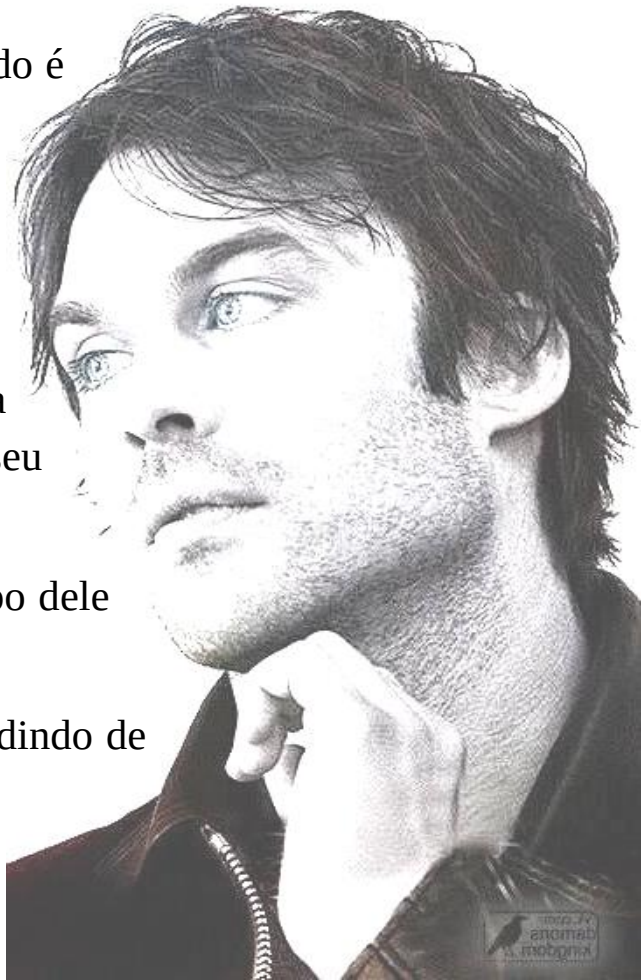
— É. Percebi que o cérebro do meu marido é tão sexy e estou apaixonado por ele.

Ele me dá um sorriso. — Apenas o cérebro dele, hein?

Acaricio o meu nariz em seu peito forte novamente e passo a língua sobre a sua tatuagem. Minhas mãos vagam e descem por seu tanquinho esculpido.

— Bem, não posso negar que amo o corpo dele também.

Ele coloca a sua mão na minha, me impedindo de





brincar com o umbigo e a trilha de pelos escuros que leva à melhor coisa do mundo: *seu pau.*

— Willow. – ele murmura.

— O que? É verdade.

Ele esfrega a mandíbula na minha testa. — Não comece o que você não pode terminar.

— Eu posso terminar. – eu lambo os meus lábios e suas pupilas se dilatam. — Posso acabar com você, pelo menos. Eu sei que você precisa.

Talvez esta seja a resposta agora. Uma rapidinha no closet. Uma solução simples. Endorfinas de um orgasmo. Deus sabe que meu marido me dá o tipo de orgasmo que me coloca em outra dimensão, onde todo mundo é sempre feliz e tranquilo.

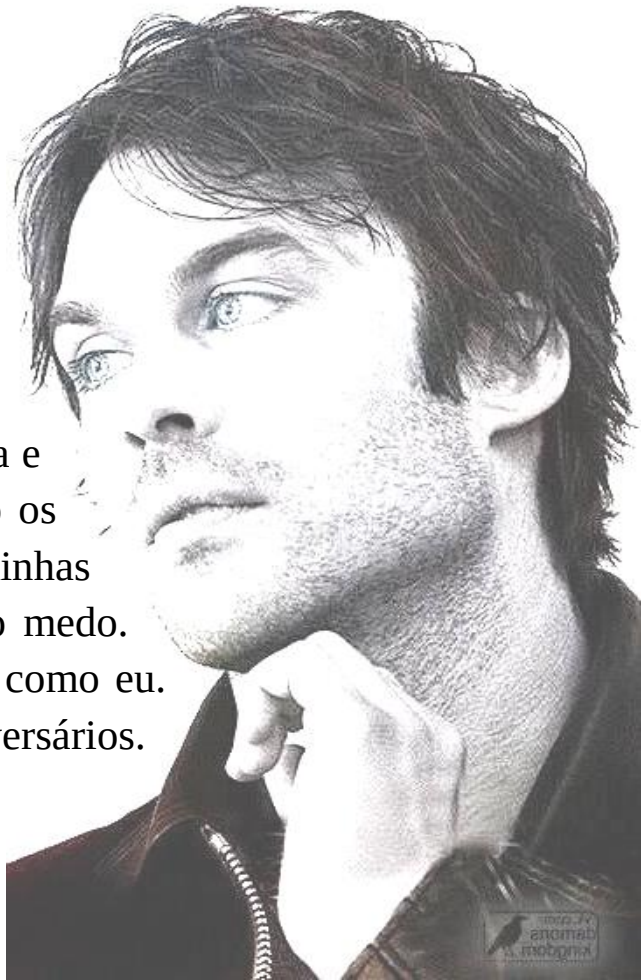
Seu aperto aperta minha mão. — Diga-me por que você está sentada aqui em cima.

Ou não.

Eu franzo a testa. — É estúpido.

— Diga-me assim mesmo.

Suspirando, sento-me ou eu tento. No começo, ele aperta mais a mão, mas depois relutantemente ele me solta.



Engolindo, eu afasto minha franja da testa e sussurro: — Ela estava chorando. – eu pisco os olhos, tentando afastar os flashes que as minhas palavras causaram. — E eu fiquei com tanto medo. Ela não parava, Simon. E pensei que ela era como eu. Eu costumava chorar assim. Nos meus aniversários.



Ninguém poderia me fazer me acalmar. Minha mãe costumava ficar tão frustrada, com raiva e triste. E eu era…

— Você era o que?

Olho para a sua forma grande e larga. Ele parece tão Rei, sentado assim. Sua camisa estava meio aberta, uma perna esticada e a outra flexionada no joelho,com a sua expressão toda alerta e concentrada. Parece que ele poderia fazer qualquer coisa.

Tudo mesmo. Ele poderia proteger eu e ela, tudo com as mãos nuas e curativas.

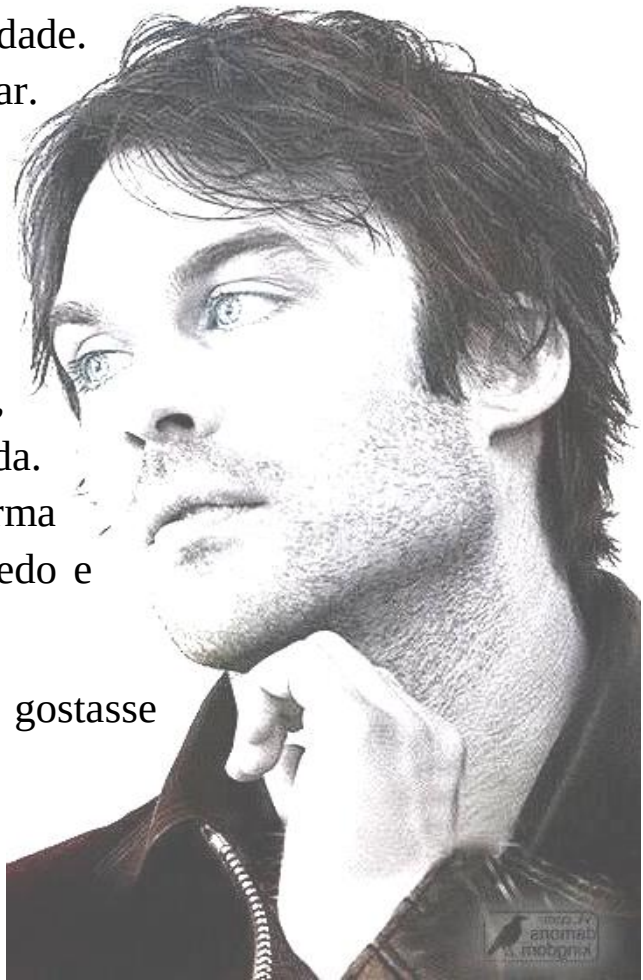
— E se ela for como eu?

A raiva passa pela expressão alerta dele. — E daí?

— Vai ser difícil. Tão difícil para ela.

Sua mandíbula fica tensa. — E?

Torço as mãos no colo, com uma urgência tomando conta de mim. Desde ela, eu fico ansiosa com muita facilidade. Simon sabe disso. Ele me ajuda a me acalmar. Ele me ajuda a ver a razão, mas quando ela chora, algo se solta dentro do meu peito. Minha ansiedade não pode ser controlada, mesmo sabendo que não estou sendo racional.



Como uma pessoa que sofre de depressão, eu sei de ansiedade. Vivi com isso a vida toda. A falta de esperança às vezes assume uma forma mais perigosa. Torna-se nítida, atada com medo e paranoia.

Paranoia que eu poderia ter feito que ela gostasse



de mim.

— Vou ensinar tudo a ela. – digo, com os olhos no homem que amo.

— Vamos ensinar tudo a ela. Nunca a deixaremos sentir menos, Simon. Ela tem que saber que a amamos, não importa como. Ela tem que saber que ela é forte. Ela pode fazer isso. Ela pode lutar. Ela tem que... – eu paro, sem saber como transmitir isso a ele, os meus medos.

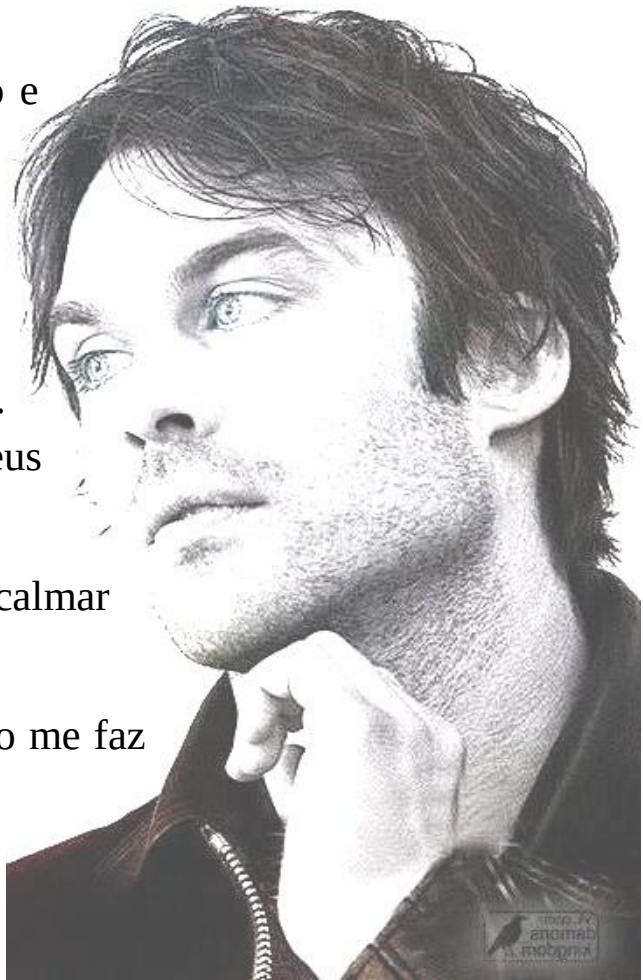
— Baby.

Eu me concentro nele. — Sim?

— Venha aqui.

Seus braços estão abertos e não espero nem um segundo antes de me arrastar de volta para ele. Desta vez, ele afasta minhas coxas para montar em seu colo.

Ele pega meu rosto em suas mãos e sussurra: — Respire comigo, está bem?

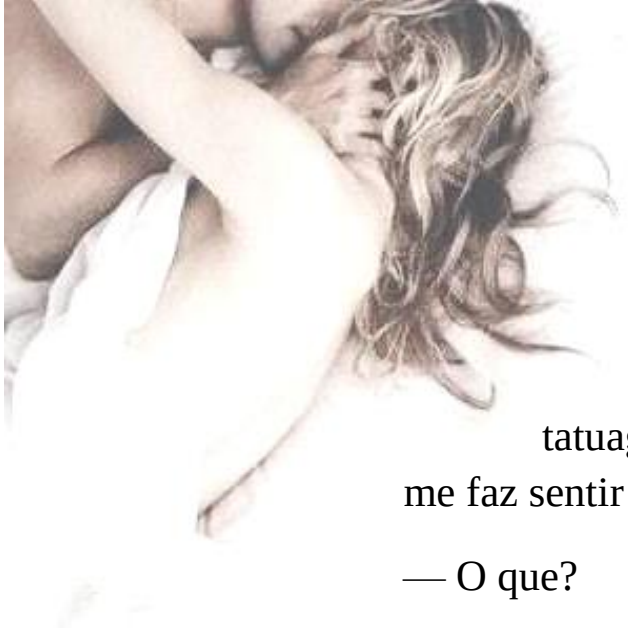


Eu aceno, com meus lábios se separando e encostando nos dele. Ele também separa os lábios e, em breve, estamos respirando como se fossemos um. Ele está me dando o ar dele e eu o meu.

Ele está me purificando como sempre faz. Curando-me com suas respirações, com os seus intensos olhos cinza e seu toque.

Não demorou muito tempo para me acalmar depois disso.

— Eu não posso vê-la chorar, Simon. Isso me faz



sentir tão impotente. – sussurro em sua boca, relaxada em seus braços.

— Eu também. – ele confessa, beijando a tatuagem no meu pulso. — Você sabe o que mais me faz sentir impotente?

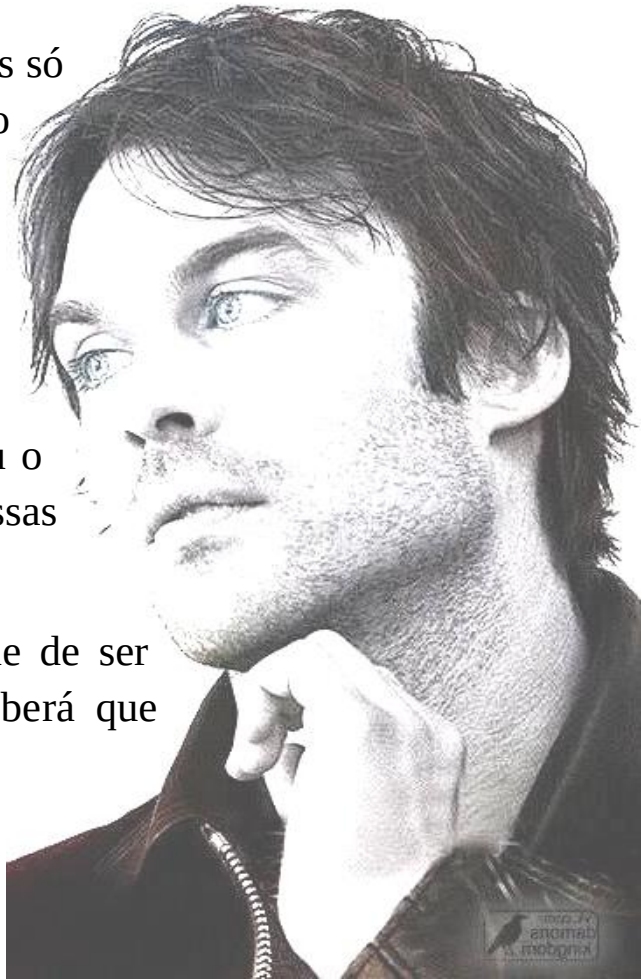
— O que?

— Vendo você assim. Escondida. – ele segura meus cabelos e sinto uma agitação no meu estômago, um tipo diferente, um tipo delicioso. — Por que você não me ligou?

— Você estava ocupado.

— Willow...

Pressionando um dedo em seus lábios macios, eu o paro. Eu sei que é difícil para ele quando não digo coisas a ele. Ele não gosta quando guardo segredos. Especialmente segredos sobre meus humores e pensamentos. Eu quase nunca escondo nada dele, mas ainda assim. Ele fica agitado e eu não o culpo. *Como eu posso, depois do que ele passou com sua mãe?*



Deus, eu amo tanto esse homem. Às vezes só quero esmagá-lo no meu peito e mantê-lo escondido.

Eu o beijo suavemente. — Ia te contar quando você voltasse para casa, juro. Você sabe que nunca esconderei nada de você.

Sua mandíbula ainda está tensa, então eu o beijo novamente, até que ele pressiona nossas bocas e assume.

Como sempre, eu o deixei. É a vez dele de ser medicado. Ele precisa desse beijo, então saberá que



estou bem. Ele precisa saber que é meu dono, que me possui. Que ele corre nas minhas veias. Ele precisa da garantia de que nunca vou esconder nenhuma parte de mim.

Quebrando a nossa ligação, ele diz rouco na minha boca: — Ela é uma guerreira como você. Apenas como eu. Então, sim, se ela precisar, ensinaremos a ela tudo o que sabemos.

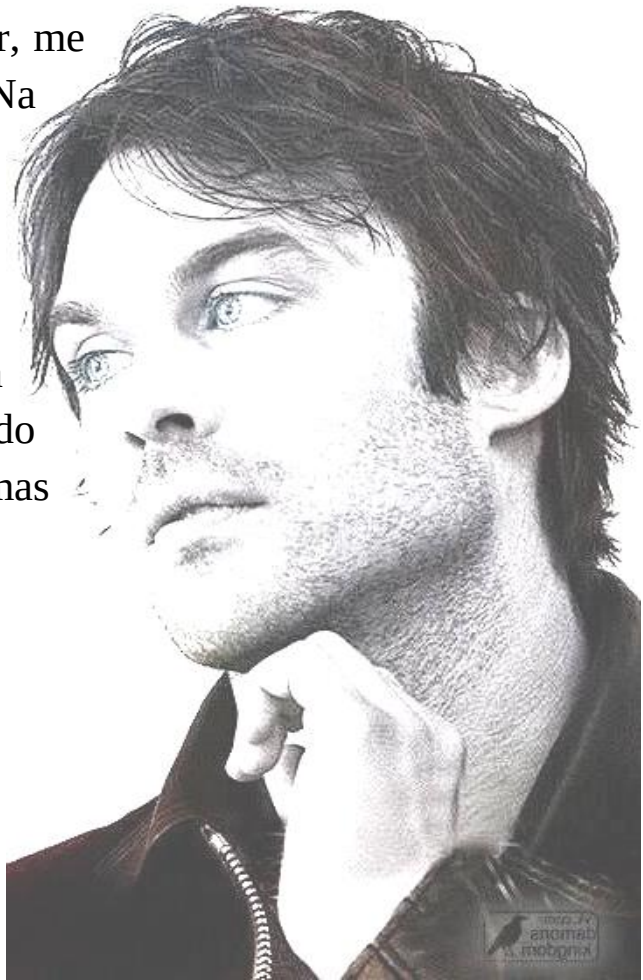
Eu suspiro.

A confiança em suas palavras me faz sentir ainda melhor. Ele tem razão. Se ela é, de fato, como eu, ensinaremos tudo a ela. Vai ser difícil, mas vamos lutar.

Minhas mãos traçam seus ombros largos, os tendões de seu pescoço, seus cabelos e suas costas. — Hmm. Eu sempre soube que você seria o melhor pai.

— Sim, você soube, não foi? – ele murmura, me dando o seu sorriso de lado.

— Uhum. – eu mordo o seu lábio inferior, me sentindo imprudente e apaixonada. — Na verdade, eu acho que quero ter mais de seus bebês.



Ele para.

Eu não sei de onde isso veio. Não estava pensando em dizer isso. Nem estava pensando nisso, mas vê-lo assim, todo-poderoso, mas também irresistível, me atingiu.

— Você está brincando? – ele pergunta.

— Não.



Ele me olha e sou obrigada a acrescentar:
— Estou falando sério. Eu juro.

Como sua marca registrada, ele agarra a parte de trás do meu pescoço para trazer nossos rostos ainda mais perto. — E quando você decidiu isso?

— Agora mesmo.

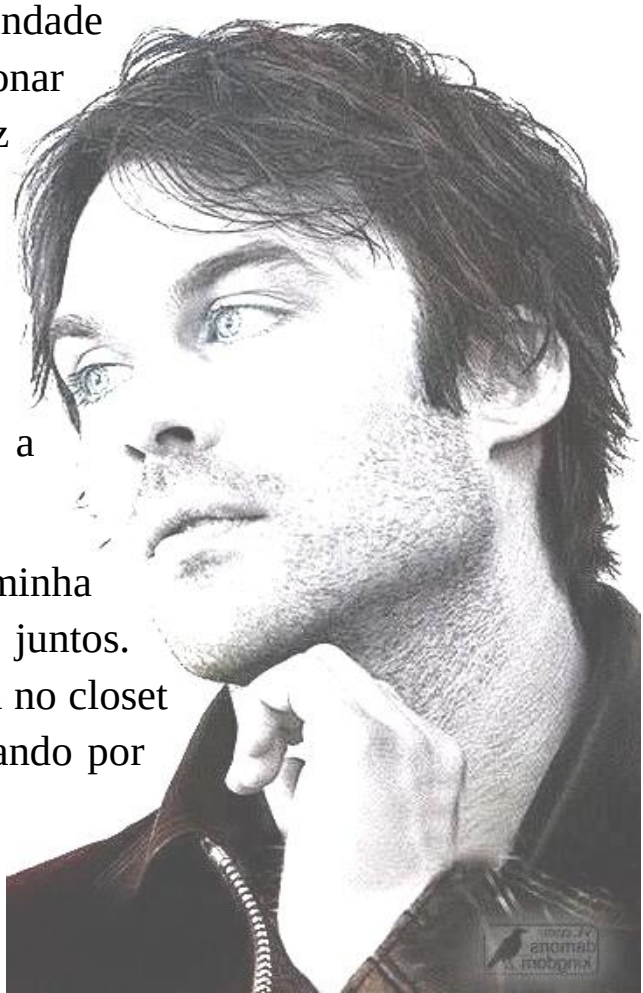
Simon está calado, mas posso sentir o calor irradiando de seu corpo. Posso sentir sua ereção pulsando no espaço vazio entre as minhas pernas. Ele está excitado.

— Um dia desses, Willow, vou foder toda a impulsividade de você. – ele murmura e dá um beijo forte na minha boca.

Eu gemo.

Sei que ele ama a minha impulsividade. É a razão pela qual nos casamos nas minhas férias de Natal há cinco anos. Ele continuou dizendo não, mas eu o convenci.

É a razão pela qual ele tirou minha virgindade naquele quarto, há muito tempo. Sem mencionar que, a minha impulsividade é o que me fez convidá-lo para um encontro há muito tempo.



— Você pode tentar. Talvez você deva começar agora. Eu balanço contra sua ereção, minha calcinha ficando cada vez mais úmida a cada segundo que passa.

— Sim? – Movendo as mãos para a minha bunda, ele pressiona nossos corpos inferiores juntos. — É isso que minha princesa quer? Ser fodida no closet enquanto todo mundo está lá embaixo, esperando por



ela?

Fechando os olhos, eu tremo. Nunca vou superar isso? Que ele me chama de princesa naquela sua voz rouca e possessiva.

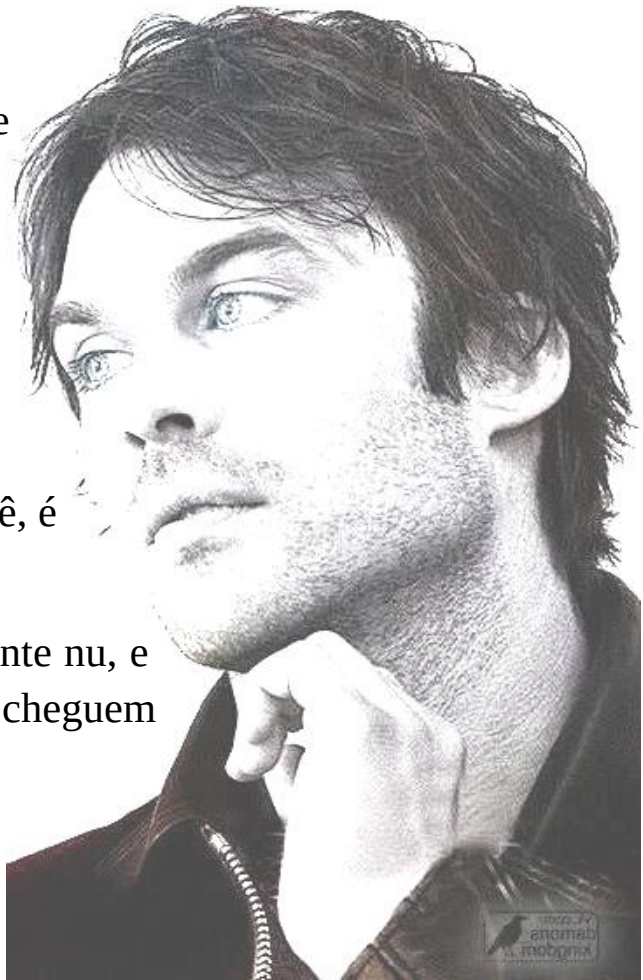
Eu acho que não. Mas tudo bem. Eu flutuo com suas carícias o máximo que posso.

— Sim, por favor. Foda-me. Vou fingir que este é o beco escuro e o chão é a parede de tijolos que você me fodeu como naquela vez.

Alguns meses depois do nosso casamento, ele me agarrou a alguns quarteirões de distância do nosso prédio, me empurrou contra a parede e quase me tirou a vida com sua deliciosa violência. Foi exatamente como eu disse a ele em nossa sessão há muito tempo. Melhor ainda, na verdade.

Sua risada é rouca e maldosa, como o ar ao nosso redor. — Eu farei melhor desta vez. Vou encher você de tanta porra que, quando você sair daqui, sairá do seu buraco apertado e encharcará o shortinho de que você gosta tanto.

— Ah Deus, Simon...



Ele me abaixa no chão, pairando sobre mim enquanto tira rápido nossas roupas. — E você terá que apertar sua boceta e manter as pernas fechadas para impedir que todo o meu esperma escorra. Sabe por que, princesa?

— Por... Por quê?

— Porque se minha princesa quer um bebê, é meu trabalho dar a ela.

Com isso, ele entra em mim, completamente nu, e sela nossas bocas para que meus gemidos não cheguem



lá embaixo.

Veja, a impulsividade compensa.

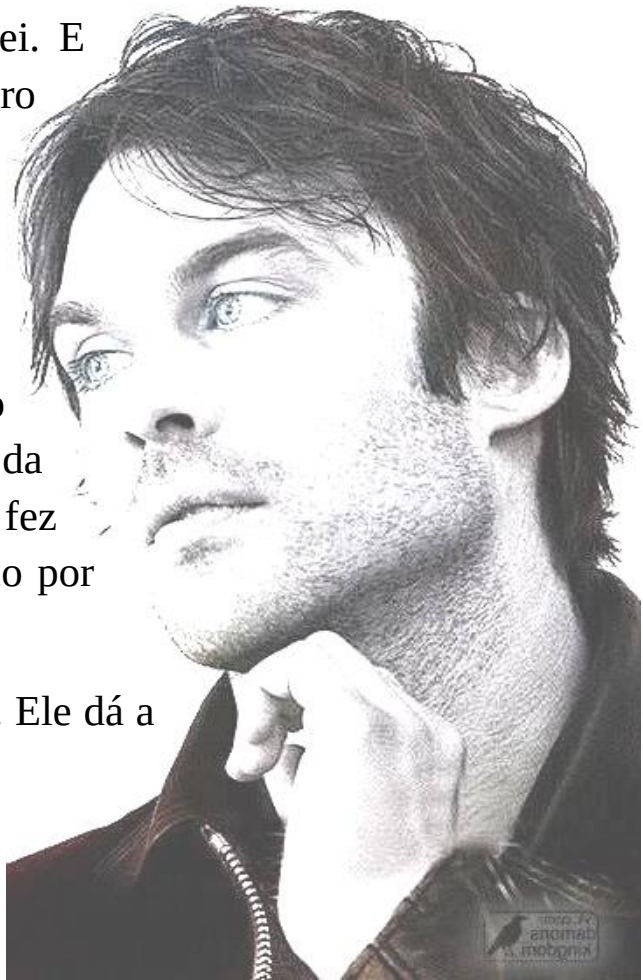
As pessoas rotularam o nosso relacionamento. Minha mãe, minha terapeuta e sua terapeuta. Elas tentaram diagnosticá-lo, analisá-lo por causa do que éramos um para o outro quando nos conhecemos e do que passamos em nossas vidas. Mas chegamos tão longe. Somos tão contentes e felizes. Bem, tão feliz quanto você pode ser enquanto vive com depressão. Infelizmente, o amor não é uma cura para ele, mas o amor da minha vida existe comigo a cada passo do caminho.

Então, sim, a impulsividade definitivamente valeu a pena para mim.

Vinte minutos depois, visto um shorts novo e uma camiseta de Harry Potter, e desço as escadas. Eu ignorei meus deveres de mamãe por muito tempo.

Simon já está lá; Eu o enviei na minha frente. E nos braços dele está o meu mundo inteiro: *Fallon*, nossa filha.

O nome Fallon significa filha de um Rei. E bem, não poderia ter a nomeado com outro nome, sempre que achei que o pai dela era rei.



De pé ao pé da escada, eu os vejo. Fallon tem os braços gordinhos em volta do pescoço do pai, enquanto ela lhe dá um relato muito detalhado de tudo o que fez hoje. O café da manhã e o banho. Sua luta quando mamãe a fez ficar quieta para arrumar o cabelo. Seu pânico por perder seu brinquedo favorito.

E o pai dela ouve tudo com tanta atenção. Ele dá a



ela todas as reações que ela quer, descrença, consternação e risadas. Ele até faz perguntas.

Então ele diz a ela - sério, com toda a autoridade paterna dele - que ela assustou a mamãe com seus choros e que não deveria fazer isso.

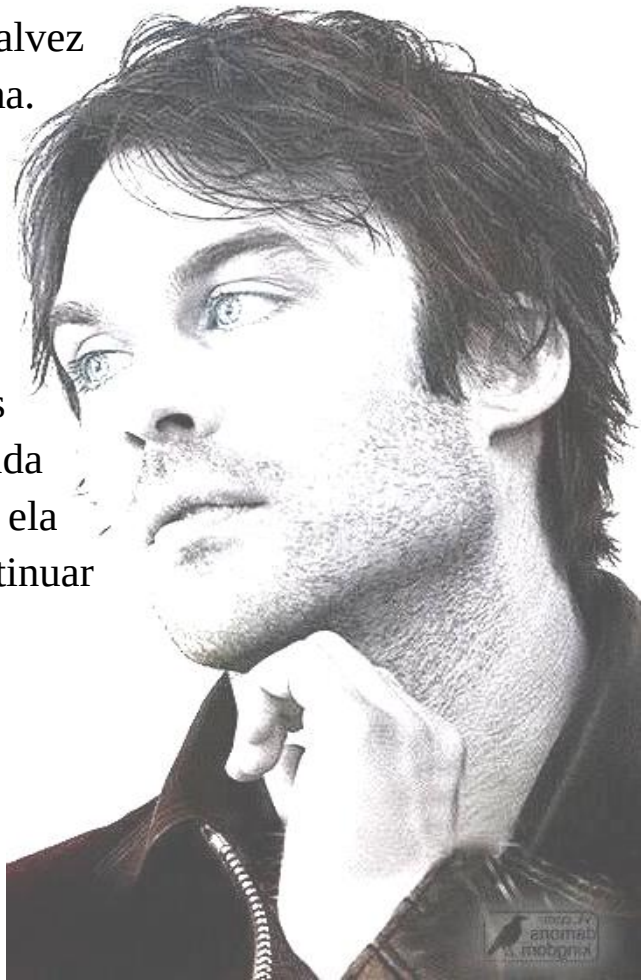
Fallon faz beicinho e suspira, — Desculpe, papai.

E bem, lá se vai sua expressão severa.

Mordo meu lábio enquanto os vejo juntos. Simon é tão bom com ela, tão calmo. Não que eu duvidasse, mas ainda assim. Toda vez que eu o vejo com Fallon, algo dentro de mim derrete. Eu o amo ainda mais. Seus braços parecem ainda mais fortes para mim quando estão segurando a nossa menina. Seus olhos parecem ainda mais brilhantes quando ele olha para ela com todo seu amor. Seus ombros parecem mais largos, ele parece mais alto.

Francamente, Simon Blackwood, como pai de nossa filha, é letal e irresistível. Mais um ladrão de respiração. Mais de um homem.

Coloco a mão na minha barriga. Talvez realmente fizemos um bebê lá em cima. Acredito que sim. Desta vez, eu quero um garoto como ele, cabelo escuro, educado, meio nerd e um pouco arrogante.



Finalmente, ele me percebe e minha mão na minha barriga. Seus olhos ardem por trás dos óculos, e a minha excitação adormecida acorda um pouco. Mal posso esperar para ela deixá-lo sozinho, para que possamos continuar fazendo um bebê.

Ele sussurra algo para Fallon.



Ela vira os olhos para mim e grita: — Mamãe.

Ela está se mexendo nos braços dele agora, então ele se abaixa e a deixa ir. Ela corre para mim com as pernas gordinhas e as tranças caindo. O vestido rosa flutua sobre os joelhos e as sapatilhas de coelho batem no chão.

Eu a encontro no meio do caminho e, ajoelhando-me, digo: — Ei, amor. Você foi boa para a vovó Beth?

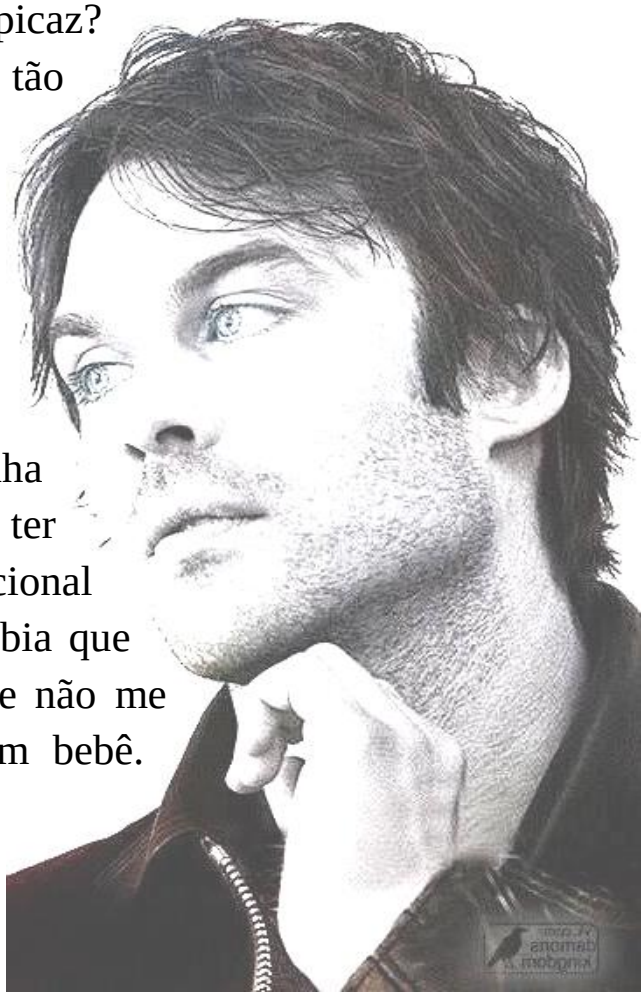
Quando precisei de um pouco de folga depois do choro de Fallon, liguei para Beth para vir um pouco mais cedo para que ela pudesse olhá-la.

Minha garotinha acena com a cabeça. — A vovó Beth me deu um biscoito. Ela é a melhor.

Eu rio. — Ela é, não é?

Ela coloca a mãozinha na minha bochecha. — Você está chorando, mamãe?

Deus, por que ela tem que ser tão perspicaz? Seus olhos cinza observam tudo e ela é tão precoce. Ela é como o pai dela dessa maneira.



Ela é uma mistura de Simon e eu. Seus cabelos platinados e bochechas gordinhas vêm de mim. Mas sua propensão a subir em árvores e seus olhos são do pai.

Fallon também é o resultado da minha impulsividade. Bem, ela é o resultado de eu ter sinusite há quatro anos e o meu anticoncepcional não funcionar com os antibióticos. Simon sabia que fazer sexo era arriscado, mas disse a ele que não me importava. Talvez eu realmente quisesse um bebê.



Talvez nós devêssemos correr um risco. Obviamente, ele gostou muito e, voilà, temos uma menininha. Nunca tomei anticoncepcional depois disso.

Aperto sua mão macia na minha bochecha e sussurro: — Um pouco.

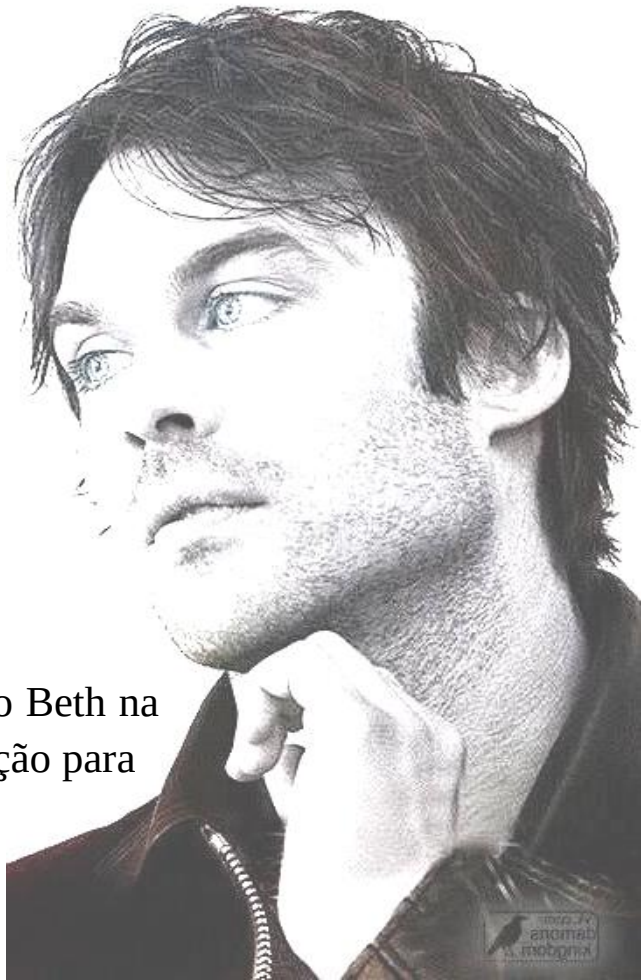
Franzindo a testa, ela diz: — Por quê? – Piscando os olhos para me livrar da umidade, beijo o meio da palma da sua mão. — Porque você está ficando tão grande.

É verdade. Meu bebê está fazendo três anos hoje e não aguento mais. Em breve, ela estará na escola, depois na faculdade. Não sei o que farei sem ela.

— Mas eu quero ficar grande. – ela insiste, assentindo, com sua franja caindo ao redor da testa.

Eu a afasto para que não fiquem nos olhos dela. — É? Por quê?

— Então eu me casarei, boba.



Eu ri. — Sério? Você quer se casar?

Outro aceno entusiasmado.

— Com quem você vai se casar?

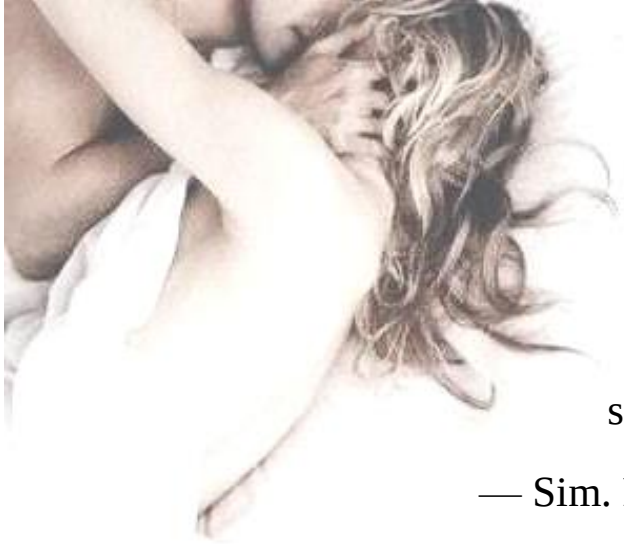
Ela coça o nariz, ainda vermelha de tanto chorar, como se estivesse pensando nisso.

— Papai.

— Você vai se casar com seu pai?

Ela sorri. — Sim.

Eu olho para o pai dela. Ele está ajudando Beth na cozinha, mas, ao meu olhar, ele volta sua atenção para



mim. Há tantas coisas escritas em seu olhar. A maioria delas tem a ver com desejo, no entanto. Ele não pode esperar para ficar sozinho comigo também.

— Sim. Papai é incrível, não é?

Eu pisco para ele antes de me virar para a nossa filha. — Boa escolha, querida.

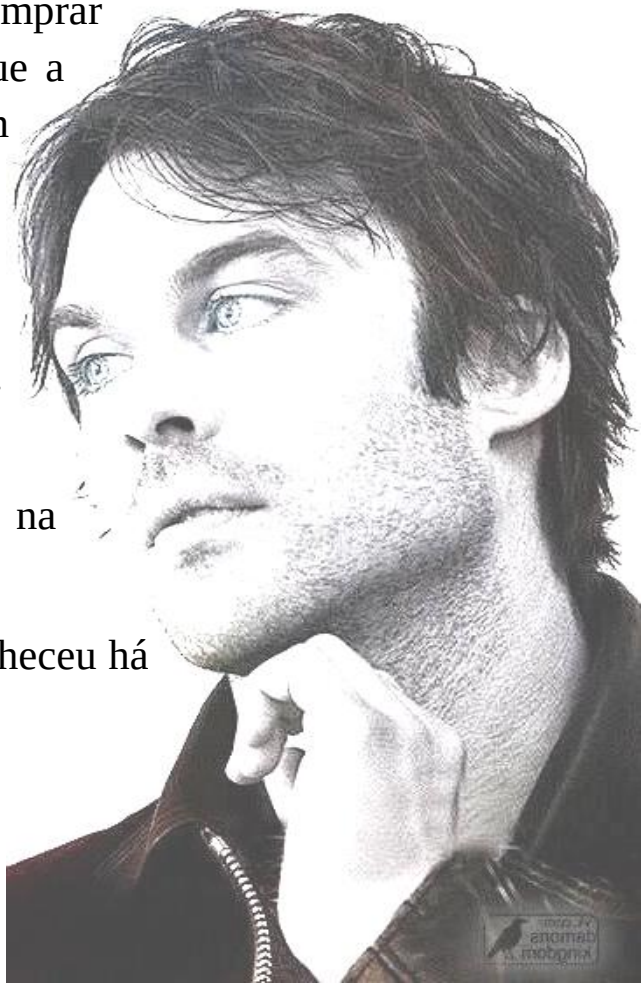
Ela franze a testa novamente, mordendo o lábio. — Não. Espere mamãe.

Eu retiro seu lábio dos dentes antes que ela o brutalize. — O que foi, querida?

Levantando na ponta dos pés, ela olha em volta como se procurasse algo.

Como estamos na sala, temos uma linha de visão direta para o resto da casa, incluindo o quintal onde a festa será.

Quando engravidei, Simon decidiu comprar uma casa nova fora da cidade. Ele achou que a cidade não era boa para criar um bebê. Além disso, ele não podia deixar seu apartamento à prova de bebês porque era alugado.



Há duas pessoas no quintal agora e Fallon aponta para uma em particular. — Não. Papai não. Eu vou me casar com Dean.

Fecho os meus lábios para não cair na gargalhada.

Sim, Dean. Ele é o garoto que Simon conheceu há cinco anos no cemitério.



Ele cresceu agora e faz parte da nossa família.

Eu o conheci quando estava namorando Simon e o amei imediatamente.

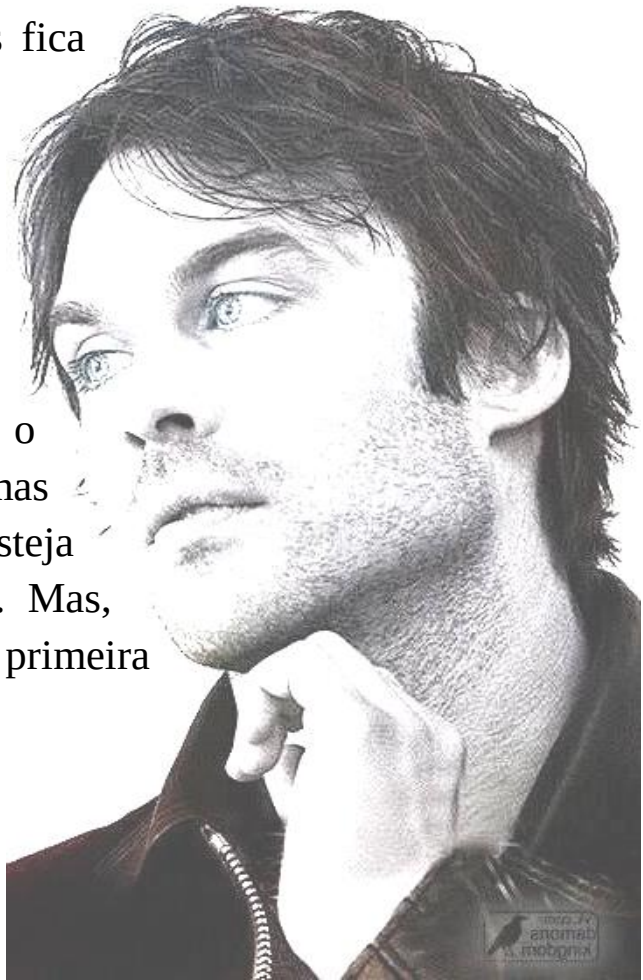
Olá, o cara ama Harry Potter. Como não poderia amá-lo? Seu pai não está a maior parte do tempo, então Simon gosta de checar ele e sua irmã.

Dean ama Fallon. Na verdade, ele é superprotetor dela. Ele não pode vê-la chateada ou chorando. Ainda bem que ele não estava aqui quando ela estava fazendo birra. O garoto não teria gostado.

Na maioria dos dias, Fallon não dorme a menos que ela ouça a voz dele no telefone. Além disso, precisa vê-lo todos os dias ou fica realmente incontrolável.

Então ele passa um pouco antes de ir para o trabalho em um restaurante local.

Foi ele quem a ensinou a jogar bola, andar de triciclo e todas as outras coisas ao ar livre. Simon às vezes fica com ciúmes; Isso é fofo.



Fallon me olha com olhos arregalados e brilhantes, mexendo no lugar. — Por favor, mamãe? Por favor? Posso me casar com Dean?

Não sei qual garoto de dezessete anos é o melhor amigo de uma garota de três anos, mas acho que Dean é diferente. Talvez porque esteja cuidando de sua irmãzinha há tanto tempo. Mas, mesmo assim, acho que ele não esperava ser a primeira paixão da minha filha.



Limpando a garganta e controlando o riso, digo: — Querida, acho que terá que perguntar a ele.

Seus olhos ficam ainda mais arregalados, se possível, e ela pula para cima e para baixo. — OK! Vou perguntar agora.

Ela está pronta para correr até ele, onde ele está conversando com o Dr. Martin, mas eu a paro. — Fallon, acho que deveria esperar. Porque...

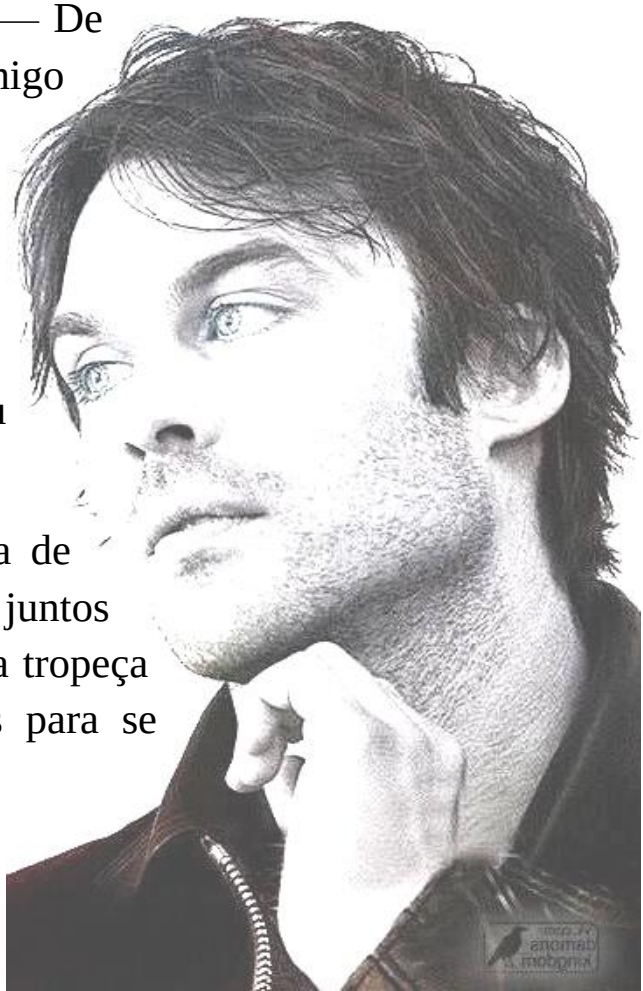
— Mas mamãe, eu tenho um plano.

Eu desconfio. — Qual plano?

— Vou pedir um presente para ele. E ele tem que me dar, porque é meu aniversário.

— Que presente, querida?

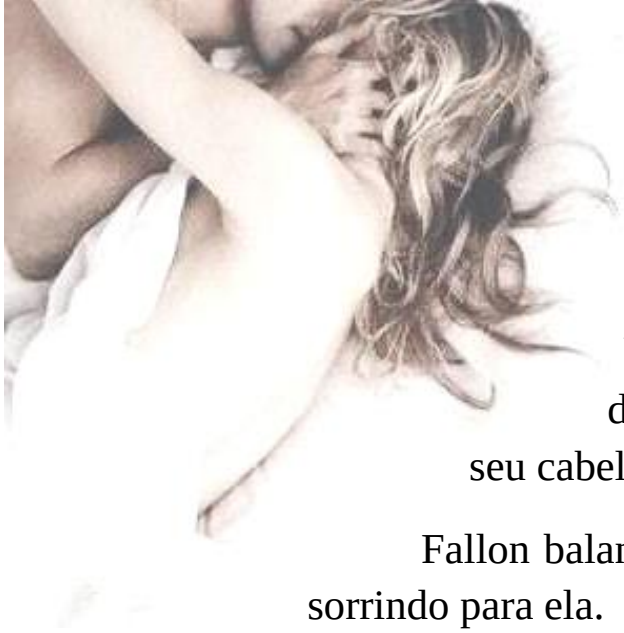
— Vou pedir que ele se case comigo. – Quando ainda não entendo, ela diz, exasperada, como se eu fosse a criança: — De presente, boba! Vou pedir que ele se case comigo como um presente.



E então, ela está correndo antes que eu possa dizer outra palavra para ela, e eu não posso evitar. Minha risada sai.

Ah meu Deus, ela vai enganá-lo. Não vou mentir. Estou meio orgulhosa da minha filha.

Quando me levanto, Simon se aproxima de mim. Seu braço passa pela minha cintura e juntos observamos Fallon se aproximar de Dean. Ela tropeça em seu caminho e meus pés estão prontos para se



mover e resgatá-la. Mas Dean está lá. Ele chega a ela rapidamente e a pega em seus braços. O rosto dele está franzido quando ele diz algo para ela, alisando os fios rebeldes de seu cabelo.

Fallon balança a cabeça em resposta e ele a beija na testa, sorrindo para ela.

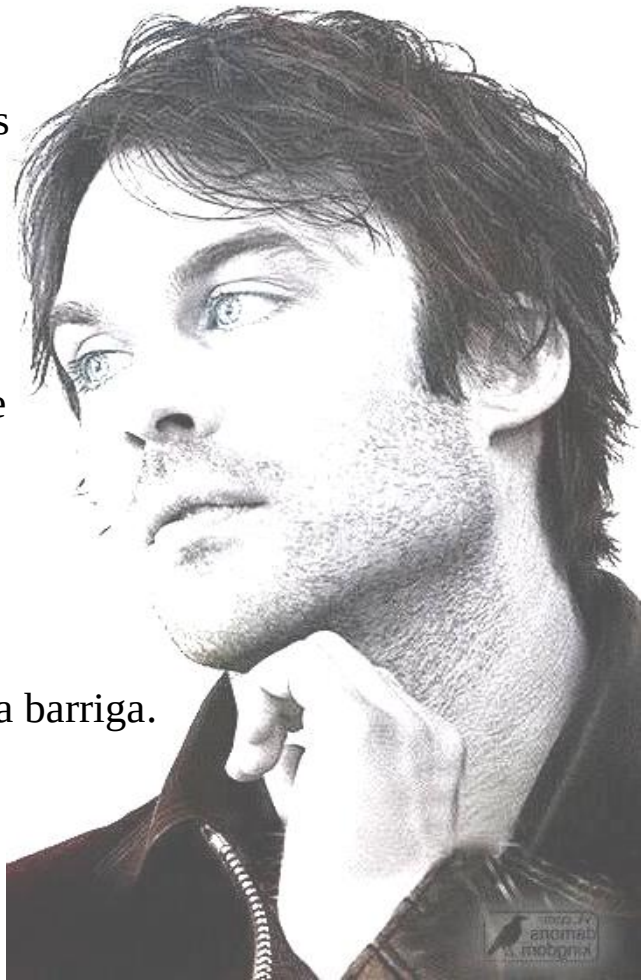
Enquanto os observo juntos, percebo que sei uma coisa ou duas sobre paixões em homens solitários e de cabelos escuros. Não que a paixão da minha doce menina chegue a qualquer coisa. Obviamente.

Certo?

Antes que eu possa realmente pensar sobre isso, Simon pergunta: — O que foi aquilo?

Eu mudo meu foco deles para o meu marido. Se eu contar, ele não vai gostar. Ele é possessivo com a filha. Ele ficará chateado ao saber que Fallon escolheu Dean em vez dele para os seus planos de casamento.

— Nada.



Simon olha para mim e eu traço com os dedos sua barba por fazer, fazendo-o apertar o braço em volta de mim antes de colocar a palma da mão sobre minha barriga. Eu quase gemo ao seu toque, apertando minhas coxas, impedindo que seu esperma escorra como ele me disse.

— Não me olhe assim. – ele sussurra.

— Assim como?

Ele pressiona a palma da mão sobre minha barriga.



— Como se eu fosse um herói ou algo assim.

— Mas você é um herói. – digo, colocando minha mão sobre a dele e entrelaçando os nossos dedos. — Você é meu herói. E de Fallon. E você também será o herói dele quando ele chegar.

— É ele, então.

— Você sabe disso.

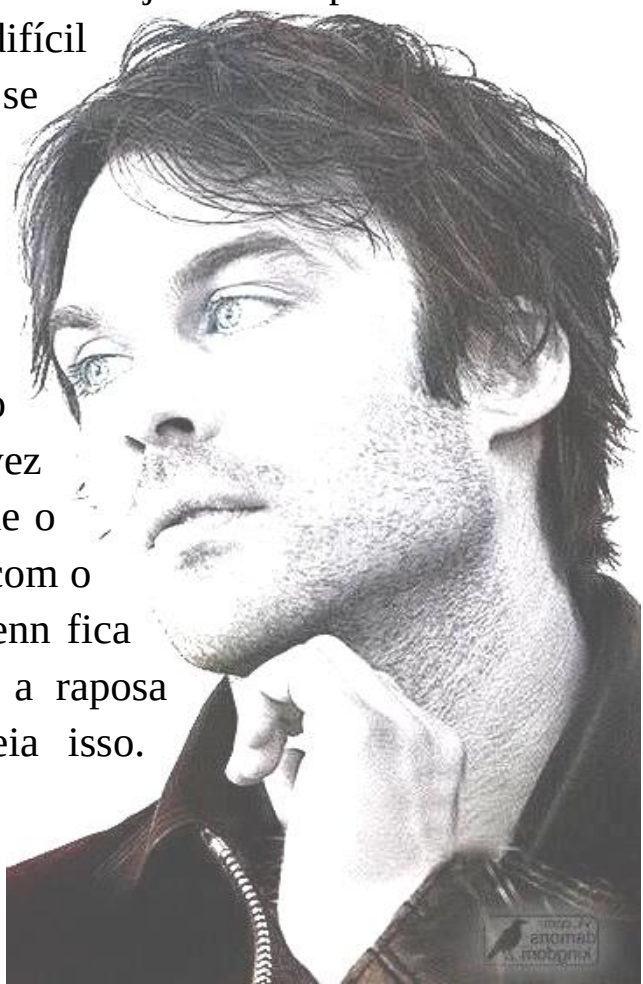
Ele ri e eu levanto na ponta dos pés para beijá-lo.

Quando seus lábios estão se movendo sobre mim assim, com amor, paixão e promessa, não tenho medo do futuro, do que está por vir.

Eu estou feliz. Animada.

Na verdade, também estou empolgada com esta festa.

Daqui a pouco, nossa casa estará cheia de pessoas que eu amo. Vou ver Renn e Tristan depois de um longo tempo. Eles viajam muito por causa das pinturas de Tristan, então às vezes é difícil encontrá-los. Espero que finalmente decidam se casar este ano. Mal posso esperar para ser sua madrinha. Madrinha de casamento. Tanto faz.



Vejo a Violet com o marido, Graham. Eu estou especialmente empolgada com isso porque eu adoro como se conheceram. Toda vez que nos vemos, faço Vi dizer para mim, desde o começo. Eles são um par tão improvável. Vi com o pai super sexy do ex-noivo. Amo como a Renn fica corada e incomodada sempre que Graham, a raposa prateada, entra em um lugar. Tristan odeia isso.



Mesmo Penny não é imune a Graham. Não que ela esteja interessada em namorar alguém, porque está ocupada com sua residência. Talvez hoje à noite, junto com Renn e Vi, eu mude de ideia.

Sem mencionar que, talvez o Dr. Martin finalmente convença Simon a voltar a trabalhar em Heartstone novamente. Sei que um dia desses, Simon vai ceder e voltar ao trabalho que realmente ama.

Então, sim, a vida é cheia de possibilidades, até para mim.

Uma garota de cabelos platinados e olhos azuis que toma uma pílula todos os dias por causa de uma doença que não pode ser curada.

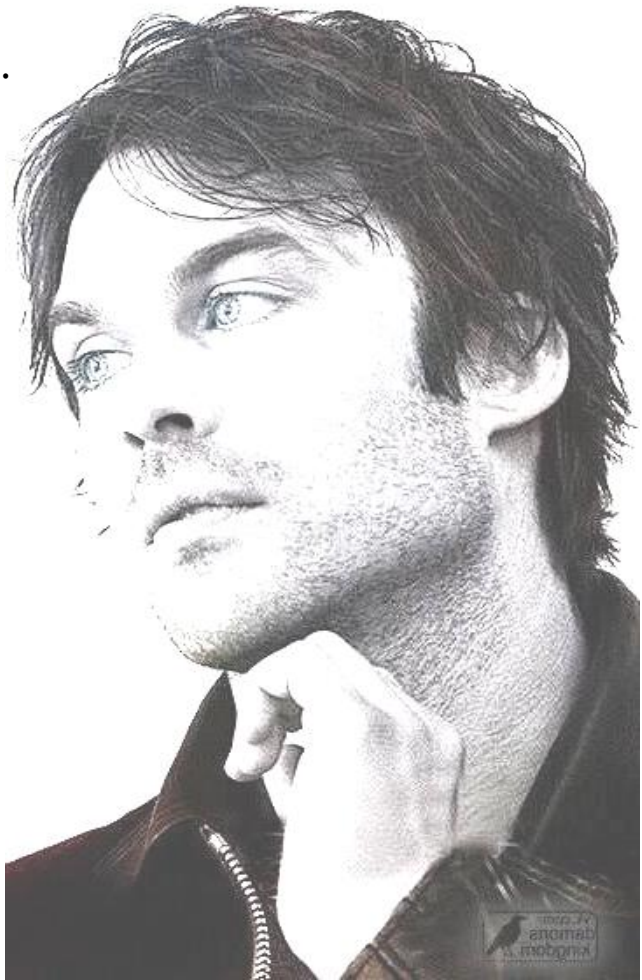
Porque nasci com mais do que sangue nas veias. Eu nasci com força. Eu nasci com coragem para lutar.

Sou uma guerreira.

E foi isso que eu passei para minha filha também.

É isso que vou transmitir a cada filho meu.

Força, coragem e capacidade de levantar mesmo quando caem.



Fim